

MASTERS OF SEX

Thomas Maier



*Masters e Virginia:
eles revolucionaram
o estudo do sexo*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Copyright © 2009 Thomas Maier
Todos os direitos reservados.
Versão brasileira © 2014, Texto Editores Ltda.
Título original: Masters of Sex

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora executiva: Maria João Costa
Preparação de texto: Thiago Brigada
Revisão de texto: Beatriz Sarlo
Diagramação: Abreu's System
Designer de capa: Ideias com peso
Produção gráfica
Direção: Eduardo dos Santos
Gerência: Fábio Menezes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

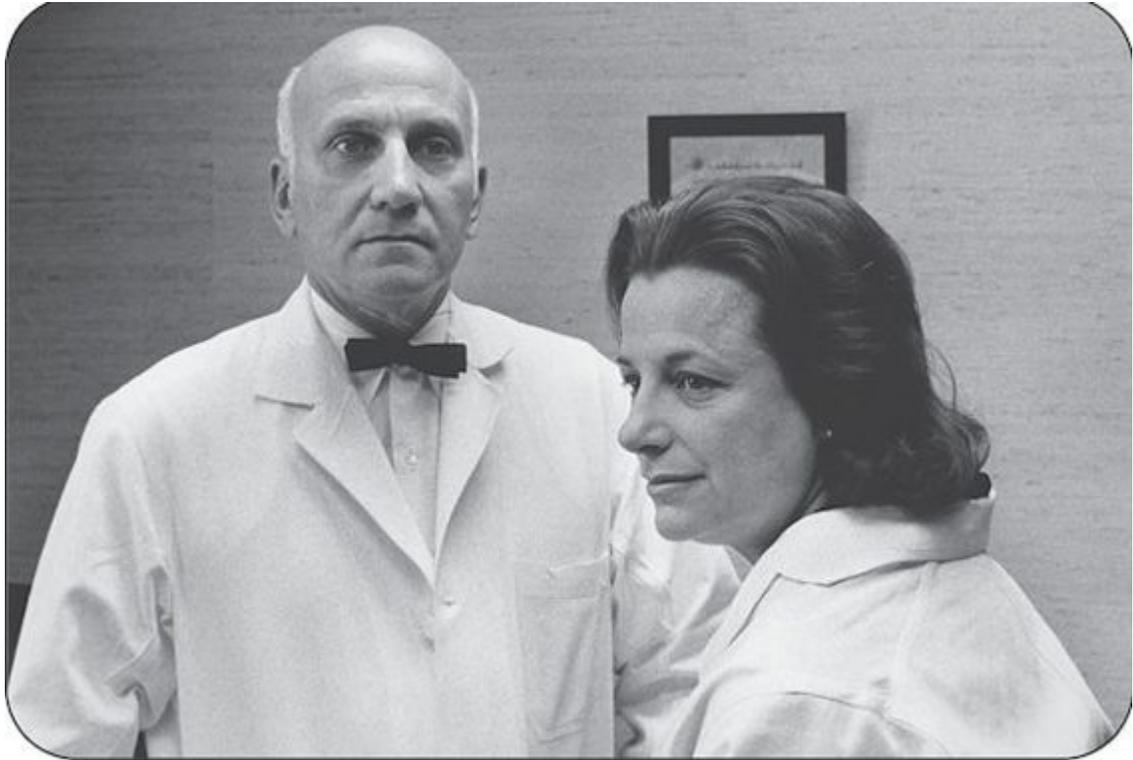
Maier, Thomas
Masters of sex / Thomas Maier; tradução de Gil Reyes. – Rio de Janeiro: LeYa, 2014.
Título original: *Masters of sex*
ISBN 9788544100172
1. Sexo 2. Sexologia – pesquisa história I. Título II. Reyes, Gil
14-0086 CDD: 306.7072

2014
Todos os direitos desta edição reservados a
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil
www.leya.com.br

*Aos meus padrinhos,
June e William Underwood.*

"A mais profunda de todas as sensualidades é o senso de verdade."

D. H. Lawrence



William Masters e Virginia Johnson

Prefácio

"What is this thing called love?"¹

COLE PORTER

O sexo, em todas as suas gloriosas expressões, é parte essencial da experiência americana nas minhas quatro biografias – as de Si Newhouse, de Benjamin Spock, dos Kennedy e agora a biografia de Masters e Johnson. Como expressou uma vez, com encantadora honestidade, o doutor Benjamin Spock, especialista em educação infantil e autor de best-sellers que ajudaram a criar a geração americana dos *baby-boomers*, "Tudo tem a ver com o sexo!". De fato, em seu aspecto mais poderoso e fundamental, o sexo diz respeito à perpetuação da espécie, à origem da autoidentidade, e constitui a forma de expressão mais íntima entre adultos.

A história de William Masters e Virginia Johnson, talvez como nenhuma outra, lida diretamente com os eternos mistérios do sexo e do amor. Sua vida pública oferece uma visão sem paralelo da revolução sexual americana e de suas históricas mudanças culturais que ainda nos acompanham hoje, enquanto o relacionamento privado dos dois reflete muitos dos mais básicos desejos, tensões e contradições entre homens e mulheres.

Fiz minha primeira entrevista com o doutor Masters quando ele se aposentou em dezembro de 1994, já mostrando sintomas da doença de Parkinson, que o levaria à morte em 2001. Após várias

tentativas iniciais sem sucesso, consegui a cooperação total de Virginia Johnson em 2005, conduzindo várias horas de entrevistas, incluindo uma longa visita à sua casa em St. Louis. Apesar da fama mundial, “éramos com certeza as duas pessoas mais reservadas da face da Terra”, Johnson confidenciou. “Simplesmente não havia ninguém que nos conhecesse bem. As pessoas faziam um monte de especulações, mas não sabiam de nada.”

Durante anos, o trabalho de Masters e Johnson permaneceu estritamente confidencial, como resultado de seu próprio desejo de evitar a exposição pública. Só agora – com a concordância de muitos em serem entrevistados e com o acesso às suas cartas, a documentos internos e às próprias memórias não publicadas de Masters – é que podemos avaliar inteiramente sua vida notável e os tempos em que viveram. Considerando todo o conhecimento clínico que eles obtiveram a partir do maior experimento sobre o sexo realizado nos Estados Unidos – envolvendo centenas de mulheres e homens e mais de dez mil orgasmos –, sua história é muito sobre o caráter esquivo e os aspectos indefiníveis da intimidade humana. Como muitos, ainda nos perguntamos hoje, “O que é isso que chamam de amor?”

T.M.
Long Island, Nova York
ABRIL DE 2009

[1](#) Título de uma música do compositor americano Cole Porter (“O que é isso que chamam de amor?”), de 1929, uma das canções mais executadas do autor, do musical *Wake Up and Dream*. Como *standard* de jazz, teve também muitas regravações instrumentais. (N. do T.)

FASE UM



Gini, quando menina

Menina de ouro

Costuma começar no banco de trás de um carro estacionado. Com pressa, querendo terminar logo. O banco de trás de um carro dificilmente oferece uma oportunidade para a expressão da personalidade.

WILLIAM H. MASTERS

Na escuridão, dois fochos de luz mostravam o caminho. Os faróis penetrantes de um automóvel Plymouth abriam caminho pelo negrume implacável da zona rural do Missouri. Lentamente, o carro que levava Mary Virginia Eshelman e seu namorado do colegial, Gordon Garrett, roncava pela Route 160, um longo trecho asfaltado sem iluminação, onde só as estrelas e a lua brilhavam no céu noturno.

Para o seu encontro com Mary Virginia, Gordon pegara emprestado o carro novinho da família Garrett – um sedã verde 1941, com para-choques cromados, um enfeite projetando-se do capô, para-lamas avantajados e um banco traseiro espaçoso. Eles passaram por granjas e campos cultivados, recortados no meio daquelas campinas de capim alto. Tinham saído com amigos para ir ao Palace, o único cinema da cidade, onde as melodias e as coreografias dos musicais de Hollywood aliviavam um pouco o tédio de Golden City. Os noticiários também faziam com que tomassem consciência de outro mundo maior, além da sua pequena cidade natal de oitocentos habitantes. À beira das montanhas Ozark, Golden City parecia mais próxima da Oklahoma

rural do que da cidade grande de St. Louis – tanto em quilômetros de estradas de terra como na insistência com que a Bíblia era pregada.

Antes de voltar para casa, Gordon desviou o Plymouth para fora da estrada e apagou as luzes. O barulho dos pneus, pressionando o cascalho, de repente parou, e seguiu-se um silêncio palpável. Aconchegados um no outro, Mary Virginia e seu namorado estacionaram numa área isolada, onde não podiam ser vistos.

No assento dianteiro do carro, Gordon abriu a blusa dela, tirou-lhe a saia e pressionou seu corpo contra a pele dela. Ela não se mexeu ou resistiu, só ficou olhando para ele, com espanto. Mary Virginia nunca havia visto um pênis antes, exceto, como ela mais tarde relembriaria, quando a mãe dela trocava a fralda de seu irmão bebê. Naquela noite, pouco depois de seu aniversário de quinze anos, Mary Virginia Eshelman – que o mundo mais tarde conheceria como Virginia E. Johnson – foi apresentada aos mistérios da intimidade humana. “Eu não sabia nada de nada”, confessou a mulher cuja parceria memorável com o doutor William H. Masters iria um dia se tornar sinônimo de sexo e amor nos Estados Unidos.

Em sua puritana casa do Meio-Oeste, Mary Virginia aprendeu que sexo era pecado, algo muito distante daquelas emocionantes histórias românticas de contos de fada, que ela via nos filmes de cinema antes da Segunda Guerra Mundial. Como muitas mulheres da sua geração, aprendeu que o sexo era, quando muito, uma tarefa ingrata, que era melhor deixar circunscrita aos limites do casamento e da criação de uma família. Anos mais tarde, ela iria se referir a Gordon Garrett, sem citar seu nome, como o “garoto com cabelo ruivo feroso”. Ela ocultou sua identidade, assim como escondeu todas as verdades desagradáveis a respeito da própria vida, toda memória de amor que lhe houvesse causado frustração. Como admitiu décadas mais tarde, “Nunca me casei com um homem que eu realmente amasse”. Mas ela nunca se esqueceu de Gordon Garrett, ou daquela noite na periferia de Golden City, quando os dois adolescentes perderam sua inocência.

A beira da estrada, o jovem casal abrigou-se nas sombras, e, depois de um amasso no banco da frente, passaram para o banco de trás. A respiração forte embaçava as janelas do carro. Automóveis, que ainda eram novidade num lugar como Golden City, proporcionavam um lugar com relativa privacidade para ficar a sós. Ao estacionar, Gordon puxou o freio de mão para ter certeza de que o carro da família não fosse sair rodando enquanto a atenção dos dois vagava por outros lugares.

Durante o colegial, Mary Virginia compartilhou vários momentos de seu crescimento com Gordon. Com quase um metro e oitenta de altura e físico de garoto de fazenda, ele era durão o suficiente para jogar no time de futebol americano da escola, mas também sensível aos interesses mais refinados de Mary Virginia, como a música. Foram namorados firmes durante o último ano, e eram vistos sempre juntos.

Depois de saltar dois anos, Mary Virginia viu-se consideravelmente mais jovem do que os seus colegas de classe no colegial de Golden City, incluindo o ruivo Garrett, que já tinha dezessete. Era uma garota ansiosa para agradar, com cabelo castanho-claro reunido em cachos tipo saca-rolha, olhos azuis acinzentados atraentes, e lábios finos, levemente apertados. Costumava exibir um sorriso enigmático tipo Mona Lisa, que com facilidade virava um sorriso envolvente. Como os demais Eshelman, tinha a estrutura óssea característica, com malares proeminentes, postura bem ereta, e ombros muito bem assentados. A figura esbelta de Mary Virginia sugeria peitos suficientemente desenvolvidos para que parecesse madura, embora em suas avaliações alguns garotos pudessem ficar desapontados. “Ela era uma garota alta, magra, meio sem peito”, lembrou Phil Lollar, na época um colega um pouco mais novo que ela, que morava perto da sua fazenda. “Era uma garota de aparência normal, na média.” Mas a maioria das adolescentes de Golden City admirava o estilo de Mary Virginia, num lugar que carecia bastante disso. Nesse mundinho de cidade pequena, ela falava, vestia-se e portava-se como uma jovem dama, tanto assim que mesmo amigos da classe dela de 1941 em Golden City não acertavam sua verdadeira idade.

Seu atributo mais memorável era a voz – um instrumento cativante, de finas nuances, que ela soube aproveitar quando cantava. A irmã mais velha de Gordon, Isabel, disse que as roupas de Mary Virginia nunca pareciam puídas ou desalinhadas, o que era tristemente comum entre os jovens de fazenda naquele difícil período das *Dust Bowls* da década de 1930.^{2*} A namorada do seu irmão “estava sempre limpinha e arrumada e com aspecto feminino”, lembrou Isabel. “Ela era linda.”

Andar no Plymouth zerinho do Papai Garrett parecia certo e adequado, o mais próximo possível de uma carruagem real que Gordon podia conseguir para a sua princesa das pradarias. Ao contrário de outros jovens da era da Depressão, Mary Virginia sempre se mostrava confiante em seu futuro, talvez porque sua mãe, Edna Eshelman, não iria admitir algo diferente disso. “Acho que o Gordon gostava muito dela”, relembra a outra irmã dele, Carolyn. “A mãe dela era do tipo ‘o melhor ainda não está bom’, e Mary Virginia era assim também.” As irmãs Garrett viam Mary Virginia como uma boa moça, do tipo que um garoto como Gordon podia se sentir orgulhoso em acompanhar num baile de formatura e que poderia algum dia pensar em casar com ela. Com certeza, elas supunham, Mary Virginia nunca seria encontrada fazendo travessuras no banco traseiro do carro da família Garrett.

Nessa tenra idade, Mary Virginia já compreendia bem as duplicidades da vida moderna exigidas de jovens americanas como ela. Sabia quais as palavras certas que deviam ser ditas, os costumes a serem observados, sabia que havia desonestidade entre os moralistas ferrenhos e os fundamentalistas que insistiam na sina da mulher nesta vida. Mesmo assim, ela decidiu nunca perder essa parte independente dela. Iria abraçar a vida à sua maneira, não importava o que a mãe ou qualquer outra pessoa dissesse. Levava a sério o papel da “boa moça” – tanto na escola quanto em casa –, mas no seu coração sabia que não era assim. “Eu costumava adotar uma fachada de princesinha da mamãe, mas sempre fiz exatamente o que quis”, explicou ela. “Simplesmente nunca deixei que os outros soubessem.”

Na noite em que perdeu a virgindade, a experiência de Mary Virginia não ocorreu sob coação, nem foi forçada ou vulgar. O ato simples terminou em minutos. O sexo era algo suficientemente prazeroso para ela, embora longe de ser familiar. Quaisquer pensamentos sobre orgasmo, desempenho sexual ou satisfação mútua – o assunto dos intensos estudos científicos aos quais dedicou a vida com Masters – eram então a coisa mais distante de sua mente. Em vez disso, ela confiava que seu namorado sabia o que estava fazendo. Só mais tarde ela percebeu que talvez tivesse sido a primeira vez de Gordon também.

“A coisa simplesmente foi evoluindo e era muito natural”, disse ela, ao mesmo tempo lembrando com saudade e achando divertido, ao falar de seu encontro no banco traseiro. “Teria causado um choque mortal na minha mãe.”

Muita coisa na vida de Mary Virginia aconteceu por acaso, até mesmo o jeito como a família dela tinha ido parar em Golden City. O pai, Hershel Eshelman, que todos chamavam pelo seu nome do meio, Harry, e sua esposa, Edna, moravam em Springfield quando sua filha veio ao mundo em 11 de fevereiro de 1925. Os pais de Harry eram mórmons do vizinho Christian County, embora nem ele nem sua mulher fossem particularmente religiosos. Os Eshelman eram de descendência hessiana, e seus ancestrais haviam sido trazidos para a Guerra Revolucionária. Durante a Primeira Guerra Mundial, o sargento Harry Eshelman, da Bateria A, 5º Regimento de Artilharia de Campo, testemunhou uma dose suficiente para a vida inteira de sangue e morte na França, o mesmo campo de batalha onde seu irmão mais novo, Tom, foi ferido mas conseguiu sobreviver. Depois da guerra, assim como Harry Truman retornou de Independence, Eshelman, com vinte e nove anos de idade, voltou para o sudoeste do Missouri, procurando uma vida simples para ele e sua noiva, Edna Evans. A irmã mais nova de Harry, aluna de uma escola vizinha onde Edna, com vinte anos, era a professora, apresentou os dois. Em pouco tempo, porém, a nova senhora Eshelman deixou claro que não iria

aceitar os planos humildes de Harry. “Mãe queria um casamento que melhorasse sua vida, e estava determinada a casar com ele”, contou a Virginia adulta.

Embora tivesse talento natural para trabalhar como fazendeiro, Harry Eshelman não era muito ambicioso. Alto e magro, parecia satisfeito com seu pequeno lote de terra e desfazia-se em atenções pela sua filha única. Fotos de Harry, com seu rosto comprido e malares saltados, mostram semelhança com Ray Bolger, o afável espantalho do filme *O Mágico de Oz*. Mary Virginia achava ótimo ser a menina dos olhos de Harry. “Sempre acharam que eu era mais parecida com meu pai e com a família dele”, disse ela orgulhosa, anos depois. “Eu era bem a menininha do papai.” Harry entendia de quase tudo – desde construir uma casa a resolver os problemas de álgebra da lição de casa de sua filha. Um ex-soldado de cavalaria, ele com certeza conhecia muito de cavalos, o suficiente para fazer truques que divertiam os peões da fazenda ou para deixar sua filha cavalgar o amplo lombo dos garanhões Percheron no quintal dos fundos da casa. “A mãe vinha gritando com ele, ‘Cuidado com a menina!’, e ele só sorria, acenava e me montava no cavalo”, lembra ela. Dentro de casa, Harry ensinava à filha como passar a ferro sua saia pregueada e a fazer sapatos de “madeira” com papelão, como parte de sua roupa para um concerto na escola. “Não havia nada que o homem não soubesse fazer!”, disse ela.

Quando Mary tinha cinco anos, os pais decidiram sair do sudoeste do Missouri, já sentindo os efeitos da Depressão. Foram de trem para a Califórnia, à procura de um novo início. Em Palo Alto, Harry encontrou trabalho supervisionando as suntuosas estufas e jardins de um hospital gerido pelo governo, para atendimento de soldados feridos. “Era um bom emprego”, Virginia relembra. “A gente vivia na área do hospital, um terreno lindo, com casas lindas.” Matriculada numa escola progressista com um jardim da infância, ela se destacou nos estudos. Sua desenvoltura verbal e mente rápida permitiram-lhe terminar o oitavo grau com apenas doze anos.

Para quem fugia das áridas planícies do Missouri, esse campus do hospital deve ter parecido um Éden, um jardim para abrigá-los das agruras da Depressão. Em vez de verem nuvens de poeira cinza varrendo os céus, eles se maravilhavam com a majestosidade natural do Pacífico e o contorno do litoral, com seu esplendor enevoadado. Num dia de festa, lembra Virginia, seu pai foi à praia de terno e chapéu de palha. Uma foto dele daquele dia manteve fresca sua memória de infância. “Eu estava com meu maiô de banho, brincando na espuma das ondas”, ela descreve. “Mas entrei um pouco mais no mar e fui pega pelas ondas. Eu era bem pequena.” As ondas encobriram Mary Virginia, levando-a mais para o fundo. Harry Eshelman, apesar de estar totalmente vestido, não perdeu tempo em bancar o herói aos olhos da filha. “Papai simplesmente entrou na água e me tirou de lá”, ela lembra.

Como seria inevitável, Edna se encheu da Califórnia. Ela havia sido a primeira a ter a ideia de migrar para o Golden State, junto com outros insatisfeitos do Meio-Oeste. Mas logo ficou com saudade de casa e desencantada com o emprego do marido, um elogiado caseiro do hospital de veteranos. Edna já tomara a decisão, para desgosto tanto do marido quanto da filha, e Harry sabia que não valia a pena discutir. Ele cedia aos desejos da esposa sem criar muita confusão. “Minha mãe insistia que queria voltar para casa, para os amigos e a família dela”, Virginia explicou, embora a maioria dos parentes da mãe já tivesse mudado para a Califórnia. “Ela simplesmente tinha vontade de voltar.” Harry contactou seu pai, ainda no Christian County, para que o ajudasse a encontrar uma nova fazenda perto de Springfield, o que ele conseguiu – a cerca de 80 quilômetros mais para oeste. Os Eshelman e sua filha jovem juntaram seus pertences e voltaram no carro da família para um lugar no Missouri ainda mais sem esperança que aquele onde haviam iniciado. “Nós voltamos e o único pedaço de terra que vovô tinha disponível era em Golden City”, lembra Virginia. Esse acidente do destino foi agravado pela insignificância de Golden City. “Era um lugar minúsculo”, ela relembra, “não havia literalmente ninguém lá”. Golden City apelidara a si mesma de “a capital das pradarias de feno” do país.

Para jovens com sonhos maiores, “Golden City era um lugar de onde você precisava sair”, lembra Lowell Pugh, um dos contemporâneos de Virginia, que acabou se tornando o diretor da funerária local. Garotas como Mary Virginia tinham duas opções na vida, disse ele, “casar ou sair da cidade – que teria sido a meta de qualquer garota que não fosse já casada e estivesse grávida”.

O êxodo dos Eshelman da Califórnia para o Missouri enfatizou outro ponto evidente: embora Mary Virginia venerasse o pai, quem comandava a família era a mãe. O confronto entre os desejos de ambos mostrou ser o drama central da juventude de Mary Virginia. As ideias de Edna sobre o que era ser mulher propiciaram o padrão ouro. Sua filha aceitava obedientemente essas regras – pelo menos quando estava sob os olhares da mãe – e se rebelava contra elas quando fora do seu alcance. As aparências sempre foram muito importantes na vida doméstica dos Eshelman. “Ela tinha um conceito muito claro do que uma esposa e mulher deveria ser – ela fingia!”, explicou Virginia. “Ela realmente acreditava que era superior ao mundo ou pelo menos queria ser.”

Edna Evans havia sido criada como um dos filhos do meio numa família mais humilde que a dos Eshelman. Uma mulher atraente, franzina e ágil, com cabelo castanho cortado curto. Enquanto seu marido olhava o mundo com um olhar amistoso, ingênuo, os olhos de Edna revelavam uma expressão mais cética e socialmente ambiciosa. Ela parecia estar sempre em alguma competição velada. A vida de casada de Edna não foi como ela esperava. Enfiada em Golden City, parecia determinada a dominar o quanto fosse possível do seu mundo e transmitir as lições aprendidas à sua filha. “Todos me mimavam e eu cresci com uma sensação de que as realizações e o talento eram coisas maravilhosas, mas que o casamento era a meta principal”, Virginia relembra. A senhora Eshelman insistia em que as pessoas da cidade se referissem à sua filha com o primeiro e segundo nomes – Mary Virginia. “Ela queria que me chamassem por meu nome composto, naquela época em que todo mundo era ‘Judy Ann’ e ‘Donna Marie’”, Virginia lembra. Naturalmente, num impulso de rebeldia adolescente, ela instruí

seus amigos no colégio em Golden City a chamá-la apenas de Virginia.

A mãe aspirava a coisas mais refinadas, arrumando aulas de piano e canto para a filha, e ensinando-a a ser uma ótima costureira e a cozinhar. Quando o marido dela não estava disponível, Edna mostrava que podia também assumir o papel do homem. “Num verão, durante a época da colheita, mamãe – tão pequenina – foi para os campos de colheita, dirigindo um trator e fazendo outras tarefas do tipo”, Virginia relembra. “Se precisasse, ela podia fazer quase tudo.”

Morar numa fazenda a oito quilômetros do centro daquela cidade poeirenta e de nome pouco adequado deixava Edna desesperada por atenção e vida social. Uma vez por mês, a senhora Eshelman juntava-se à senhora Garrett e a outras matriarcas de Golden City, cada vez na casa de uma delas, e então conversavam, trocavam fofocas e curtiam a companhia feminina que muitas vezes era escassa na planície. “Edna era uma pessoa mais animada [do que Harry], uma pessoa que nutria ambição, tanto pessoal como para a sua família”, declarou Isabel Garrett Smith. “Ela tinha muito orgulho de Mary Virginia. Ensinou-a bem.” Embora o marido dela fosse um democrata favorável ao *New Deal*, diante das favelas construídas por sem-teto por toda a nação, Edna via uma oportunidade para ela no Partido Republicano do Estado. “A vida inteira ela procurou se diferenciar”, explicou Virginia. A política oferecia um raro momento de excitação naquela vida apagada da fazenda Eshelman. Ninguém sentia esse isolamento mais do que Mary Virginia. Uma pereira no fundo da sua fazenda virou sua sala de leitura, onde nas tardes agradáveis ela folheava a Bíblia ou romances escondidos da mãe dela, sonhando com o mundo que estava além de sua visão. “Eu não tinha com quem brincar”, ela relembra. “Simplesmente costumava ler as pessoas. Sempre quis saber como era a vida delas. Meus avós e parentes e adultos iam nos visitar, e eu passava o tempo todo perguntando, ‘Me contem como era quando vocês eram pequenos’. Eu adorava ouvir histórias

sobre a vida das outras pessoas, talvez pelo fato de me sentir sozinha como filha única.”

Num verão, Mary Virginia fez uma visita de uma semana à irmã mais velha de Edna, que deixou a sobrinha vagar à vontade pelo seu espaçoso apartamento. Enfiadas dentro de uma gaveta, ela encontrou pertences privados da sua tia, entre eles um maço de cartas escritas por um homem que era o diretor de uma pequena escola particular para meninos ao pé das montanhas do Missouri. Segundo corria na família, essa tia, então na casa dos quarenta anos, quase havia se casado com ele. Mary Virginia descobriu por que não o fizera. “Encontrei aquelas maravilhosas cartas de amor, escritas com paixão, que eu jamais vou esquecer pelo resto da minha vida, e estavam todas elas amarradas com uma fita”, explica. “O que se revelou foi que ele havia engravidado uma garota local, e que a partir disso ela nunca mais falou com ele. Desistiu dele e nunca mais quis casar. Era esse o seu maravilhoso drama.”

Histórias secretas como essas, sobre os perigos do amor carnal, sem dúvida tiveram influência na percepção de Edna da sexualidade florescente da filha e em sua determinação de mantê-la longe de qualquer tentação. “Nunca me disseram nada sobre menstruação e coisas assim”, disse Virginia.

“Havia uma rejeição rígida de tudo que fosse sexual. Não se falava disso.” É claro, numa fazenda cheia de cavalos, porcos e outros animais de sangue quente, era difícil, se não impossível, evitar animadas demonstrações dos fatos da vida. Historiadores dos Ozarks, aquelas campinas e bosques em meio à pradaria, confirmam a natureza libidinosa da vida nas fazendas. Quando não estavam mergulhados nas escrituras do Senhor, por exemplo, algumas pessoas da zona rural tinham seu momento de paganismo durante a década de 1890, praticando relações sexuais nos campos para assegurar uma colheita fértil. “Conforme fui crescendo, fiquei sabendo a respeito do medo de engravidar das mulheres e sobre a prostituta da cidade”, Virginia lembrou. A Golden City da geração de Mary Virginia, segundo o agente funerário Lowell Pugh, que também se faz às vezes de historiador da cidade, produziu três

jovens mulheres que se tornaram prósperas damas da noite em Kansas City.

Evitar o assunto da intimidade sexual ficou mais complicado quando a mãe apareceu grávida, dando à luz um menino, Larry, doze anos mais novo do que Mary Virginia. Não obstante, Edna resolveu que quaisquer lições sobre sexo – como todas as lições importantes que ela ministrava à sua filha – seriam dadas nos seus termos. Uma noite, antes de ir dormir, Virginia estava lendo um livro quando a mãe a chamou para o quarto dela. Quando entrou, o rosto estreito de Edna parecia muito preocupado. A mãe começou a murmurar coisas sobre sexo, usando termos obscuros e frases elípticas. “Eu era muito nova quando ela tentou me contar a respeito de gravidez e de como alguém engravidava”, Virginia relembra. “Nada daquilo fez qualquer sentido para mim.” A jovem Mary Virginia ouviu em silêncio, mas não deu muita importância.

Na época em que Mary Virginia alcançou a puberdade e seu corpo amadureceu, seu sentimento de solidão em casa ficou insuportável. Conforme passava a se interessar mais pelos garotos, percebeu que conseguia ganhar a sua atenção dando um sorriso atencioso, assumindo determinadas posturas, ou balançando seu cabelo de um certo jeito. Vaughn Nichols, um colega de escola que morava perto dela, lembrou-se de dias quentes de verão, quando ele chegava em seu caminhão na casa dos Eshelman. Em suas idas semanais, ele pegava dois ou três engradados de ovos – trinta dúzias em cada um – e outros produtos, para levar ao mercado. Na fazenda dos Eshelman não havia muita coisa para ver. Harry e Edna moravam numa casa branca de dois andares que tinha um século de idade, rodeada por 65 hectares de trigo, milho, aveia, alfafa e feno. Em volta do celeiro, umas trezentas galinhas punham seus ovos, umas poucas vacas aguardavam a vez de serem ordenhadas, e alguns porcos rolavam na lama. Mas Vaughn não conseguia tirar os olhos de Mary Virginia. Gravada para sempre na memória dele ficou a imagem de Mary Virginia usando “shorts curtos – curtos mesmo – só porque ela sabia que eu ia passar lá, acho”. Se Virginia gostava dele, no entanto, “ela nunca me disse isso, na verdade”, admitiu ele. Depois de assistir a um filme no Palace, na cidade,

Vaughn e os outros garotos iam dançar com as meninas do colegial de Golden City, incluindo Mary Virginia. Atrás da tela de projeção, o cinema Palace abrigava um pequeno café chamado The Green Lantern, onde eles dançavam *foxtrote* e conversavam. “Todas as garotas dançavam melhor que a gente”, disse Vaughn, rindo. “A Mary Virginia era uma garota realmente extrovertida.” Mas no colegial ela se interessava mais por Gordon Garrett, cuja família morava uns três quilômetros da fazenda Eshelman. “Ele nunca tinha se relacionado daquele jeito com ninguém antes dela”, contou a irmã dele, Isabel. “Acho que ela era uma daquelas que tinham peito de falar com ele de igual pra igual.”

Embora um jovem saudável, Gordon, conhecido pelo apelido de “Red” ou “Flash”, também era capaz de roubar uma ou duas cervejas com amigos, naquele estado de Missouri submetido à Lei Seca, sem ser pego. Do mesmo jeito, dava um modo de driblar a polícia em seus passeios de carro à luz do luar com Mary Virginia. Gordon nunca fazia alarde de suas conquistas, como os garotos fanfarrões. Em vez disso, admitia ter um lugar especial na vida dela. “Ele sabia que era meu primeiro homem”, Virginia lembrou. “Ele fez alguma referência a esse fato. Como homem, como você poderia não saber que era o primeiro? Era bem óbvio.” Talvez com receio de que pudesse tê-la machucado, Gordon perguntou com carinho se ela estava bem depois que terminaram. “Ele não era um poeta por natureza”, ela relembrou, “mas me perguntou como eu me sentia a respeito, se aquilo tinha sido bom para mim. Não sei como ele avaliou isso, mas mostrava consideração e preocupação por mim. Eu não sabia o que lhe responder”. Mary Virginia não se preocupou em confirmar que ele havia sido seu primeiro homem. Nem precisava, disse ela, porque “ele simplesmente já sabia”.

O anuário do último ano do colegial colocou a foto dos dois propositalmente juntos. Sua seção de “profecias”, que previa o futuro dos colegas de classe num tom francamente irônico e debochado, publicou o que todos na classe achavam que iria acontecer:

CHICAGO: O senhor e senhora Gordan [*sic*] Garrett anunciam a entrada de sua filha na seleta escola para garotas Miss Virginia Townley, na Encosta Ensolarada do Riacho das Galinhas. A senhora Garrett era antes a senhorita Mary Virginia Eshelman.

Na época em que se formou, na primavera de 1941, o mundo tedioso e pacato de Golden City em que Mary Virginia vivia começava a se expandir com rapidez conforme a ameaça de guerra se aproximava, e isso envolvia sua geração toda. O irmão mais velho de Gordon alistou-se na Guarda Costeira e ficaria prestando serviço em Nantucket a guerra inteira. Gordon conseguiu um ano de adiamento, para poder ficar trabalhando na propriedade dos Garrett. “A única razão pela qual eu não me casei com ele – ou não pensei em fazê-lo – era que não queria morar numa fazenda”, sustentou Virginia. “Eu queria fazer faculdade e queria estar lá fora, no mundo.” Alguns também suspeitam de que, na avaliação da família Eshelman, Gordon não era bom o suficiente. “Ela largou do Gordon”, a irmã dele, Carolyn, lembrou. “Ela não tinha intenção de ficar com ele, porque era fazendeiro. Queria ir embora. Chega de fazenda. Ela era exigente em suas escolhas.” Os Eshelman decidiram mandar Mary Virginia para o Drury College em Springfield, para estudar música. “Tudo o que eu sempre quis foi cantar no Metropolitan Opera ou ser uma cantora lírica internacional”, ela diria. Então Harry e Edna se mudaram de Golden City também, voltando à sua Springfield nativa.

Um ano após se formar, Gordon decidiu se alistar, arrastado pelo fervor patriótico que se seguiu a Pearl Harbor. No dia em que partiu – conforme Edna mais tarde ouviu da boca da senhora Garrett –, Gordon estava desconsolado com sua família na estação de trem, aguardando para ser levado até a sede do condado em LaMar com os demais voluntários de guerra. Esperava que Mary Virginia fosse aparecer para se despedir dele. Olhando em volta desapontado, Gordon virou-se para sua sobrinha, pouco mais que um bebê.

“Você vai ter que ser minha namorada agora”, ele se queixou, “porque eu não tenho mais namorada”.

Quando a mãe relatou essa história triste para a filha, Mary Virginia já havia saído há tempos de Golden City. “Não me importava. Nem um pouco”, ela afirmou ao lembrar-se da partida de Gordon. “Naquela altura a gente nem estava mais namorando. Eu já tinha saído com vários outros. Eu rememoro isso e digo, ‘Deus do céu, será que eu era tão insensível assim?’ Eu não pensei em nenhum momento no que estava fazendo para ele. O pessoal da cidade dizia que se ele não se casasse comigo nunca iria querer casar com mais ninguém.”

[2](#) As *dust bowls* (“tigelas de poeira”) foram um fenômeno climático que se estendeu pela década de 1930 nos Estados Unidos, com tempestades de areia e condições de seca, provocadas por um manejo equivocado do solo. (N. do T.)

Interior

*Não deixe que as estrelas entrem nos seus olhos.
Guarde seu coração para mim, pois um dia vou voltar, E você irá
saber que é a única que eu sempre vou amar.*

"Don't Let the Stars Get in Your Eyes", COMO CANTADA POR RED ROLEY.

Respirando fundo, Virginia ficou em pé, bem ereta, como se estivesse em posição de sentido, e fez uma interpretação emocionante do hino nacional. Seu rosto manteve um sorriso constante enquanto harmonizava com um quarteto do Drury College em 1942. *"O'er the land of the free"*, eles cantaram, terminando com um floreio. *"And the home ... of the ... brave."*

Todos naquele salão de baile – vereadores do Missouri, políticos, presidentes de associações, advogados e diretores de empresas – aplaudiram com entusiasmo aquelas jovens ao microfone. Jefferson City estava na guerra. O ataque japonês a Pearl Harbor, o desembarque na Europa para combater os nazistas, tudo isso polarizou a capital do Missouri, com um toque de fatalismo que sugeria que o mundo havia mudado e nunca mais seria o mesmo. Desde a Guerra Civil, quando Jefferson City se dividiu entre os Unionistas e os Confederados, não se via um fervor igual em tempos de guerra.

Esse quarteto de Virginia apresentava-se em comícios políticos, às vezes também em igrejas. "Eu cantei o 'Star-Spangled Banner' em quase todos os eventos políticos de Jefferson City", Virginia lembrou. "Eu adorava todo tipo de conjunto vocal. Eu tinha uma

voz que podia fazer praticamente tudo.” Uma vez, elas se apresentaram num evento formal que contou com a presença do governador do Missouri, Forrest C. Donnell, um republicano eleito em meio a um mar de democratas que deviam favores à máquina política de Pendergast, o mesmo que ajudara Harry Truman a se tornar senador. O Missouri era uma mistura de rivalidades tribais e convicções políticas – um microcosmo dos Estados Unidos. Virginia descobriu que homens dos dois partidos compareciam a churrascos e outros eventos políticos só para se divertir. “Conheci um monte de pessoas”, disse ela. “Todo mundo se misturava. Era uma cidade pequena e muito ligada a clãs.”

Virginia entrou para o quarteto depois de ter aulas de canto no Drury College, uma instituição local que antes era chamada de “Yale do Sudoeste”, e que ficava a alguns quilômetros de Jefferson City. Vários esboços biográficos dizem que Virginia frequentou o Drury durante dois anos, mas na realidade ela não era uma aluna em tempo integral. “Eu era estudante de música em Drury, mas nunca me matriculei”, ela esclareceu. “Como estudante de música, eu ia lá uma vez por semana.” Depois que saiu de casa, sua vida girou em torno do edifício do Capitólio em Jefferson City, onde ela fazia questão que todos a chamassem apenas de Virginia, abandonando o nome composto. Como filha de Edna Eshelman, um membro ativo do comitê republicano de Barton County, Virginia conseguiu emprego de secretária, o que lhe permitiu entrar num mundo bem mais amplo do que o da fazenda familiar. “Eu saí de casa aos dezesseis anos e nunca mais voltei – eu me virava sozinha”, ela lembrou. “Minha mãe, por um curto período de tempo, chegou a ser bastante poderosa como representante do seu condado. Ela decidiu que, antes que eu fosse para a faculdade, eu deveria ter um ano de experiência no mundo mais amplo. Então consegui um emprego apadrinhado em Jefferson City, no departamento de previdência.” Virginia depois passou para a assembleia, como auxiliar de um deputado estadual cuja jurisdição incluía Springfield.

A mãe sabia que Jefferson City seria o lugar certo para Virginia encontrar um bom marido, e não um caipira numa fazenda do fim do mundo. Mesmo sentindo que seus próprios sonhos haviam sido frustrados, Edna Eshelman não iria deixar que as perspectivas da filha escapassem de seu controle. Nesse sentido, mais do que ela poderia admitir, Virginia era mais parecida com a mãe do que com o pai. Ela se ressentia das manipulações da mãe, mas se adaptou com rapidez ao seu novo ambiente sofisticado. Perto dos seus vinte anos, Virginia já possuía uma aparência madura e uma força interior que faziam com que fosse percebida como uma mulher vários anos mais velha. Fez amizade com os poderosos e com suas secretárias e com outros funcionários públicos de escalão mais baixo. “Toda vez que eu precisava de uma carona para casa até Springfield, simplesmente dava um repasse na comunidade – podia ser qualquer um”, disse ela. “Várias vezes fui para casa de carona com o deputado, aquele de Springfield.”

Certa vez, ao ir cantar o hino nacional em outro evento político em Jefferson City, Virginia conheceu um político de alto escalão do governo do Missouri. Eleito para o mais alto cargo do judiciário do Estado, esse homem era um viúvo com filhos praticamente da idade de Virginia. Ele se encantou por seu charme, sua aparência jovem, e talvez por sua disponibilidade, mas fazia questão de que seus encontros permanecessem discretamente à sombra do Capitólio. Em poucas semanas, já estavam falando em casamento. Mas se essas promessas de casamento chegaram ou não a se concretizar depende do relato factual que se decida escolher. “No primeiro casamento eu tinha apenas dezenove anos e ele durou dois dias”, Virginia contou ao *Washington Post* em 1973, que afirmou que ela teve quatro maridos. “Ele era uma figura política, e uma noiva de dezenove anos claramente não era algo adequado para ele. Ele já morreu.” Esse primeiro marido fantasma era uma informação repetida em algumas biografias oficiais, mas não consta da maioria. Nunca foram encontrados papéis legais dessa união. Anos mais tarde, Virginia insistiu que havia se casado apenas três vezes e deu sua própria versão desse *affair*. “Eu me envolvi com um político de alto escalão que tinha pretensões de pleitear cargos

ainda mais elevados”, ela explicou de maneira bastante oblíqua. Seu relacionamento parecia fadado a não dar certo desde o início. “Só chamamos a atenção uma vez, quando fomos a uma reunião em março [realizada fora de Jefferson City] e viajamos ambos no carro da Polícia Rodoviária.” Uma jovem atraente sentada junto com esse magnético político – em vez de ir junto com a comitiva dele – só podia significar uma coisa aos olhos dos fofoqueiros. Embora o amor dele nunca tivesse arrefecido, seu instinto de sobrevivência política falou mais alto. “Ele decidiu concorrer para governador”, Virginia lembrou. “Ainda não havia se declarado candidato. Terminamos antes disso, para que ele pudesse concorrer. Os poderes estabelecidos decidiram que ele não poderia concorrer a governador e sair com alguém que tinha a idade dos seus filhos. Então isso fez com que terminássemos.”

Em Jefferson City, Virginia aos poucos aprendeu as realidades sociais das mulheres jovens, de mente independente, como ela. Embora a Segunda Guerra Mundial tivesse trazido oportunidades de emprego sem precedentes – como na imagem muito divulgada de Rosie the Riveter [“Rose, a rebitadeira”] e de outras mulheres que assumiram empregos tradicionalmente masculinos e exerciam ocupações diversas para substituir os soldados que serviam no exterior –, muitas restrições inabaláveis ainda resistiam, tanto em público quanto na esfera privada. “A propaganda da época de guerra enfatizava a feminilidade da mulher, apesar de incentivá-las a assumir papéis não tradicionais na indústria”, observou Katharine T. Corbett em sua história das mulheres de St. Louis. E em nenhum lugar essa duplicidade ficou tão evidente quanto nas questões sexuais. A ignorância das mulheres em relação ao próprio corpo era assustadora para Virginia.

Numa reunião ao ar livre, lembrou-se, uma de suas amigas veio até ela com uma expressão de preocupação. “Tem uma pergunta que eu queria lhe fazer”, disse a amiga. “Vamos sentar no carro e aí eu faço a pergunta.” Virginia foi com ela até um automóvel estacionado perto, onde as duas se acomodaram no banco dianteiro, bateram as portas e fecharam as janelas. Pela descrição da amiga, ela estava obviamente envolvida num relacionamento

sexual com um homem com o qual não pretendia se casar, e estava preocupada com o efeito que isso poderia ter no futuro dela. “Será que eu...?”, ela perguntou, com hesitação. “Uma pessoa tem como saber se eu perdi ou não minha virgindade?” Embora ela gostasse de ter a confiança dos outros, que vinham lhe pedir conselhos, Virginia não conseguiu ajudar essa amiga. “Eu disse: ‘Não tenho a mais vaga ideia’”, lembrou ela. “Eu não sabia o que era um hímen, veja você!”

Virginia detestava a hipocrisia das mulheres que se faziam de recatadas e inocentes até o sábado à noite, e que só voltavam para a mesma farsa de virtude na manhã seguinte. “Havia um bom número de mulheres que eram sexualmente ativas, mas entre as garotas chamadas ‘certinhas’ – aquelas que recebiam esse rótulo, que às vezes eu também recebia –; um monte delas não era nada disso”, explicou Virginia, que nunca se mostrou provocativa com a intenção de fisgar um homem. “Eu nunca saí para ‘arrumar’ alguém, que eu saiba.” O sexo seria adotado, nos termos dela, pelas razões que ela alimentasse, sob as condições que definisse. Ela nunca fingiu desinteresse. “Eu literalmente nunca saía com ninguém por quem eu não tivesse, em alguma medida, um interesse sexual. Eu gostava de sexo.”

Durante a guerra, Virginia teve contato com muitos homens que cumpriam serviço no Fort Leonard Wood, aquela grande instalação militar em Waynesville, Missouri, cerca de sessenta e cinco quilômetros ao sul da capital. O seu quarteto de moças se apresentava cantando nos espetáculos do posto militar, encenados no palco daquele campo de treinamento. Apresentavam-se bandas de baile e talentos locais, e às vezes o comediante Bob Hope e sua trupe do USO.^{3*} Ao lado de canções populares e patrióticas, Virginia desenvolveu um gosto por música country, ouvindo as baladas de Hank Williams e chegando a conhecer Red Foley, que cantava temas de amor romântico com seu violão e gaita de boca. Ela chegou a cantar baladas country como Virginia Gibson na estação de rádio KWTO (a sigla significava “Keep Watching the Ozarks”). A inspiração para o seu novo sobrenome veio do patrocinador do programa, a Gibson Coffee Company.

Em Fort Leonard Wood, os dias de verão e os fins de semana iriam trazer alguns dos momentos mais apaixonados do início da fase adulta de Virginia. Com os homens que apareceram na sua vida, ela aprendeu que o amor romântico – celebrado nas canções populares – costumava mostrar-se esquivo na vida real. Dentro daquele complexo militar, homens e mulheres jovens como ela chegavam à idade adulta tendo como pano de fundo a guerra. Desfechos fatídicos de vida e morte configuravam-se num futuro próximo, em lugares distantes. Nesses espetáculos da USO, Virginia sentia-se intensamente viva, parte de algo maior do que ela mesma. “Fiquei muito animada, porque comecei a cantar em vários postos do Exército”, ela lembrou. “E sempre acabava me relacionando com alguém.” Na maioria das vezes, Virginia satisfazia seus desejos sem que sobrassem depois quaisquer ligações emocionais. A guerra permitia às mulheres no *front* doméstico não apenas o acesso aos empregos dos homens, mas também à liberdade de uma intimidade casual, quando levadas a isso. Um desses casos, Virginia lembrou, foi com um oficial divorciado, “que fazia um pouco o estilo Texas Ranger”. Ele tinha um desempenho maravilhoso na cama. A conversa entre os dois incluía as discussões que ele tinha com a ex-mulher, uma dançarina em shows de Las Vegas, a respeito do filho pequeno deles. Virginia nunca se viu como mais um fator complicador na vida desse homem; eram como dois navios amigos cruzando-se na noite. “Ele era um ótimo dançarino e um homem encantador”, Virginia lembrou. “Era impossível não reagir a ele sexualmente.” Não existia nenhum pretense amor entre Virginia e esse homem, nenhum daqueles aspectos que a mãe lhe ensinara a colocar como prioridade para qualificá-lo para uma intimidade física. Virginia descobriu que a ausência de devoção não significava que ela não pudesse ter prazer na cama. Não era necessário sentir amor para se alcançar um clímax físico, aquela intensidade de emoção seguida por um estremeamento de alívio. “Nunca tive qualquer dificuldade”, disse ela sobre o orgasmo. “Simplesmente era mais natural com alguns do que com outros. Na verdade, eu só percebia o quanto alguns homens eram maravilhosos depois que eles saíam

de cena.” Logo depois, esse oficial divorciado da dançarina e todo o seu encantador talento sexual foram para a guerra.

Alguns homens seduziam mais a mente de Virginia do que sua sensibilidade a uma boa aparência. Dessas experiências, ela aprendeu que às vezes a atração sexual pura e simples pode significar muito pouco num relacionamento. Um de seus namorados, um violinista talentoso da Sinfônica de Pittsburgh recrutado para o Exército, ofereceu a Virginia valiosos vislumbres sobre a música e o potencial dela como cantora. Homens como esse exerciam um apelo à sua alma e aos seus interesses mais sutis, intelectuais, embora Virginia continuasse surpreendentemente vulnerável às opiniões e julgamentos que eles pudessem fazer. “Ele era realmente um prodígio”, afirmou sobre seu violinista, que repassava com ela as partituras musicais que ela iria cantar com as grandes orquestras nos palcos daqueles postos militares. “Ele sempre achava minhas interpretações pessoais muito encantadoras.” No entanto, apesar de toda a sua penetrante visão estética, esse prodígio musical era um fracasso nos ritmos da cama. “Ele era muito ingênuo e tinha pouquíssima experiência”, afirmou sobre seu amante musical. “Acho que na realidade era [virgem]. Lembro dele meio pedindo desculpas. Eu acabei achando que ele não sabia muito bem o que estava fazendo.” Apesar dessa deficiência sexual, Virginia por um breve tempo considerou a possibilidade de se casar com esse homem talentoso, que prometera mostrar-lhe o universo da música. “O parceiro sexual menos competente era esse músico maravilhoso, mas isso não fazia diferença para mim”, explicou ela. O que esfriou mais seu relacionamento foi a condescendência de Edna Eshelman em relação à religião dele. “Ele era católico, e minha mãe criticou isso”, Virginia lembrou. “Ela nunca dissera ser contra um casamento com alguém que fosse católico, mas ao mesmo tempo acho que via nisso uma área potencial de atrito. Ela queria que eu levasse essa questão em conta, mas isso não teve nada a ver com o fato de eu ter largado dele.” Na verdade, o árbitro final foi Tio Sam, que logo depois deslocou o violinista de Pittsburgh para o conflito na Europa. Virginia nunca mais o viu; outro amor mandado para a guerra.

Em suas aventuras e amores passageiros, Virginia sempre arrumou um jeito de sair ilesa. Nunca sofrera uma desilusão amorosa, não como as que Red Foley ou Hank Williams cantavam em suas canções de amor não correspondido. Nunca se sentiu assim, até conhecer um capitão do Exército depois de um show no Fort Leonard Wood. Um auxiliar de palco veio avisar que alguém queria falar com ela no camarim. Ali ela encontrou o belo capitão, que ela já conhecera antes na piscina. A fragilidade da vida em tempos de guerra, a paixão da juventude, e dançar de rosto colado ao som de melodias lentas na base do Exército acrescentaram intensidade ao seu romance. “O amor da sua vida sempre tem a ver com um tempo e um lugar, mais do que com qualquer outra coisa”, ela explicaria mais tarde. “O capitão do Exército poderia ter sido meu, eu acho.” Nele, Virginia descobriu um homem que era tão inteligente e assertivo quanto ela era fisicamente atraente, alguém mais ou menos da sua idade, mas que possuía uma sabedoria do mundo que ela admirava, até cobiçava. “Ele tinha vinte e seis anos, e eu não muito mais de dezoito”, disse. “Era simplesmente um mágico em lidar com pessoas.”

Ao longo daquele verão, os dois se tornaram inseparáveis. Embora tivessem se aproximado por uma atração física, o capitão do Exército manteve suficiente presença de espírito para deixar Virginia saber que havia outra garota na sua vida. “Quando nos conhecemos, eu soube que ele estava comprometido porque ele comentou, ‘Você se parece com a minha noiva’”, lembra-se ela. “Mas ele continuou saindo comigo.” Virginia ignorou esse comentário, convencida de que seu amor e paixão por ele seriam suficientes. Ela passou a fazer parte do círculo social do capitão na base, acolhida por seus melhores amigos soldados e suas esposas e namoradas. O amigo mais próximo do capitão do Exército em Fort Leonard Wood era um homem um pouco mais velho, da mesma patente, casado e com um filho pequeno, que arrumou um jeito de manter seu automóvel na base. Ele emprestava o carro sempre que o capitão e Virginia pediam. Em longos passeios pela área rural do Missouri, os dois estacionavam sob as árvores e se amavam com total entrega. Segura dos seus sentimentos, Virginia

convenceu-o um dia a dirigir cerca de cem quilômetros até Springfield para que ela o apresentasse aos seus pais e parentes. “Estávamos sempre juntos – íamos juntos a todos os lugares e fazíamos tudo juntos”, ela lembrou. “Eu levei-o até em casa para que minha avó e minha família o conhecessem.”

Depois de quase um ano, Virginia sabia que queria casar com o capitão. Ela já esquecera daquela fugaz menção à sua noiva, uma moça de família rica de sua cidade natal. Mas, uma noite, o capitão, antes tão aberto e amoroso, assumiu um tom emburrado e arrependido. Ele teve dificuldade para colocar em palavras o que queria dizer. “Ele não conseguia contar que ia se casar”, Virginia lembrou. “Quando acabou casando com sua noiva, ele me partiu em mil pedaços.”

Conforme a notícia se espalhou na base do Exército, o seu círculo de amigos pareceu quase tão desapontado quanto Virginia. “Eles ficaram do meu lado, e muito zangados com ele”, ela lembrou. “Estavam muito chocados por ele ter feito aquilo – ter ficado comigo todo aquele tempo e de repente, do nada, decidir se casar.” As esposas e namoradas, talvez alertadas quanto à própria vulnerabilidade dos seus relacionamentos em tempos de guerra, foram solidárias com Virginia. O melhor amigo do capitão – aquele casado, que emprestava o carro aos dois – ficava dizendo a Virginia, “Eu caso com você, eu caso com você!”, como se quisesse aplicar algum bálsamo emocional para remover o ferrão. Logo depois, outro casal daquele seu círculo se casou, e Virginia foi ao casamento sozinha, com uma câmera Brownie. Após a cerimônia, ficou do lado de fora da velha capela anglicana enquanto a multidão atirava arroz no casal feliz. “Eu estava tirando fotos por ali e alguém pegou a câmera da minha mão e bateu uma foto minha. Pelo meu aspecto, parecia que toda a minha família tinha morrido. Na foto, eu parecia incrivelmente triste. Simplesmente ainda não tinha me recuperado. Estava arrasada.” Virginia deparou com a foto amarelada dela mesma mais tarde, num álbum meio esquecido. “Talvez seja por isso que nunca casei com alguém de quem eu realmente gostasse muito”, refletiu ela a respeito do capitão do Exército, “porque havia um eco de ter sido abandonada, de ter sido

largada e rejeitada. Na realidade, não fui rejeitada. Não exatamente. Porque na verdade eu nunca estivera nos planos dele”.

Com medo de ser magoada de novo do mesmo jeito, Virginia entrou numa série de relacionamentos pelos anos seguintes, que podiam ser íntimos e sexuais, mas nunca carregaram a mesma expectativa de um amor duradouro. Ela aprendeu a separar seus sentimentos de amor e desejo, tanto com os homens com os quais ela saía como com aqueles com os quais acabou casando. “Eu tinha um interesse ativo em sexo”, ela explicou, “mas não particularmente pelo homem com o qual estava envolvida”.

[3](#) A USO (United Service Organizations) cuida da realização de espetáculos para entreter as tropas militares no país e no exterior, desde a Segunda Guerra Mundial. (N. do T.)

CAPÍTULO TRÊS

A senhora Johnson

E ficava pensando se não poderia ter havido outro jeito, um conjunto diferente de circunstâncias que lhe tivesse permitido encontrar outro homem; e tentou imaginar como teriam sido esses eventos que não haviam acontecido, essa vida diferente, esse outro marido que ela não conheceria.

GUSTAVE FLAUBERT, *MADAME BOVARY*

Na capela, tudo era branco, fresco e puro. Virginia usou um vestido de crepe branco e um chapéu da mesma cor enorme com aba, todo enfeitado, enquanto seguia pela nave da Central Christian Church, a poucas quadras da casa de seus pais em Springfield. Nos braços, carregava uma Bíblia Sagrada em branco encimada por orquídeas claras e florzinhas roxas. Um organista ao fundo tocava melodias sentimentais sobre amor eterno e devoção.

A inocência desse casamento num sábado à tarde de junho de 1947 – quando “a que antes se chamava Mary Virginia Eshelman”, como o anúncio de jornal colocou, se tornou a noiva de Ivan L. Rinehart – escondia a sua diferença de idade. Ela tinha vinte e dois. Seu noivo, um advogado da vizinha West Plains, tinha quarenta e três. A maioria dentro da igreja não parecia se incomodar com essa disparidade. O irmão mais velho do noivo, Homer, foi seu padrinho. Sua mãe, Norah, estava sentada satisfeita num banco próximo. A prima de Virginia, Patti, treze anos, num vestido rosa-claro e com um buquê de gardênia, mostrava-se feliz por ter sido escolhida dama de honra. Mas Edna e Harry Eshelman

tinham um ar reservado durante a pequena cerimônia, apenas para os familiares. Não estavam felizes em ver sua única filha casada com Rinehart, um homem com quase o dobro da idade dela. Como Virginia lembrou, "Minha mãe e meu pai estavam consternados".

Com o término da Segunda Guerra Mundial, Virginia teve receio de acabar em alguma fazenda afastada do Missouri. Lá não haveria mais shows da USO, nenhum indício de suspensão da vida cotidiana. No alívio nacional após o Dia da Vitória, os americanos queriam voltar a alguma espécie de normalidade, ao conforto da vida doméstica que o casamento e um lar cheio de crianças ofereciam. Aos vinte e dois anos, Virginia estava longe de ser uma solteirona, embora muitas garotas que ela conhecia da escola já estivessem comprometidas ou casadas. Seu breve tempo no Drury College foi seguido pela sua matrícula na Universidade de Missouri, onde ela participou de duas associações de moças e das University Singers, mas não chegou a se formar. Casar significava ser poupada dos julgamentos contundentes da sua mãe e da indulgência do pai. Ivan e Virginia haviam se conhecido alguns anos antes no departamento de previdência estatal de Jefferson City, onde ela trabalhava como secretária e ele como advogado. Embora Ivan possuísse, sem dúvida, outras ótimas qualidades, não era um homem particularmente bonito, com sua testa alta, nariz de falcão e olhinhos apertados. Em pé ao lado dela, com seu terno risca de giz e lapelas cruzadas, Ivan parecia mais o pai dela do que seu noivo. Virginia manteve-se inflexível em sua decisão de casar com esse homem mais velho, talvez para provar alguma coisa a seus pais céticos. Ao andar pela nave da igreja, Virginia sentiu que finalmente estava tendo o merecido reconhecimento. Mesmo no casamento, porém, ela mostrava ambivalência.

Antes de a cerimônia começar, lembrou Virginia, o padre notou que faltava alguma coisa. Ao contrário do que ocorria na maioria dos casamentos, não havia um fotógrafo por perto. "O padre disse, 'Vocês não querem que eu mande chamar um?'" , lembrou ela.

Virginia negou com a cabeça. Por alguma razão, ela não quis um fotógrafo. "Eu disse, 'Não, eu não quero registrar isso.'" Intuitivamente, Virginia não queria os rostos sorridentes e felizes

de Ivan e dela enquadrados permanentemente para a posteridade. “Eu não estava casando com alguém que tivesse escolhido”, ela lembrou. “Acho que estava era cansada de ficar sozinha.”

Sua modesta festa de casamento teve lugar num salão da igreja, seguida por uma semana de lua de mel. Ivan planejava voltar para West Plains como sócio minoritário do escritório de advocacia Roberts e Rinehart. Advogado ativo, Ivan oferecia um alicerce sólido, embora não muito excitante, para os planos de Virginia de construir uma família, embora ele nunca tivesse deixado claro que fosse essa sua intenção. Em West Plains, perto da fronteira do Arkansas na parte sul das Ozarks, a recém-renomeada Virginia Rinehart ficou logo desencantada. “Imaginei que havíamos casado para ter uma família”, relatou ela. “Quando percebi que ele não tinha qualquer intenção de assumir essa responsabilidade, eu pedi o divórcio.” Para aplacar sua jovem mulher, Ivan concordou em mudar para uma cidade grande e desenraizar sua carreira. Essa mudança de local, porém, não mudou o veredito de Virginia sobre seu casamento. “Viemos para St. Louis e ele foi trabalhar numa empresa daqui, e foi essa mesma empresa que me providenciou o divórcio”, disse ela. “Vendo em retrospecto, não faço ideia do que me levou a casar com ele.”

Virginia encontrou um emprego de secretária no *St. Louis Daily Record*, um jornal sobre advogados, juízes e homens de negócios influentes – um lugar ideal para encontrar um novo marido. Por meio de um amigo comum no *Daily Record*, Virginia conheceu George Johnson, um homem bem mais próximo dela em idade. Ele havia feito engenharia na Universidade de Washington e, talvez mais importante, era o líder da banda de uma casa noturna local. “Se você precisar de uma cantora”, disse o amigo comum para George, “Virginia canta muito bem”.

George Johnson era uma espécie de Benny Goodman, como seria de esperar nas casas noturnas animadas de St. Louis. Vestia-se muito bem, tinha um tufo de cabelo liso, um bigode cuidadosamente aparado, óculos com hastes curvadas, e lábios finos, apertados, resultado de uma boa embocadura. Johnson aprendera sozinho a tocar instrumentos de sopro – clarinete, sax

alto e sax tenor – e tivera instrução musical suficiente para escrever arranjos para a sua própria orquestra, que tocava os sons de big-band da época. “Ele era um ótimo músico e era isso que me atraía”, lembrou Virginia, que hesitou antes de concordar em namorar ele. “Eu simplesmente achava que havia muitas coisas pendentes na minha vida. Eu tinha uma amiga que gostava de bancar a casamenteira e ficava o tempo todo atrás de mim, ‘Saia com ele, saia com ele.’ Ela insistiu e eu acho que me sentia muito sozinha. Com certeza eu não estava lá muito afim.”

Para Virginia, George Johnson oferecia um atrativo irresistível – um microfone e um *spot* de luz. Depois de passar anos cantando em coros de igreja, quartetos vocais de universidade e espetáculos da USO, Virginia finalmente tinha a perspectiva de fazer isso como profissional, como cantora da banda de George. Aquele mundo noturno dele, de vozes roucas, ritmos sincopados e dança no escuro, parecia bem distante da aridez cotidiana de sua juventude numa cidade rural. A engenharia podia ter sido sua primeira ocupação, mas George parecia completamente dedicado à música. Seu casamento em junho de 1950 foi realizado no jardim externo de uma igreja presbiteriana, onde Virginia uma vez cantara com o coro. Seu noivo vestiu um paletó de cor clara com uma gravata estampada colorida e um lenço combinando no bolso. Virginia, que nunca pareceu mais adorável do que nesse dia, caminhou pela nave da igreja vestindo de novo um chapéu enorme de aba enfeitado. Uma vez mais, não havia fotógrafo de casamento, apenas um amigo que bateu sua foto depois da cerimônia. “Eu tinha fotos coloridas ao ar livre do casamento, mas nenhuma foto formal”, ela lembrou. “Eu nunca quis que batessem fotos do meu casamento.”

Em casa, tanto quanto no clube noturno, Virginia parecia feliz com seu marido *bandleader*. “Quando eles se mudaram para o apartamento, eu ajudei os dois a pintá-lo”, disse Ken Barry, um amigo e colega músico. “Éramos só os três, tomando cerveja e pintando. O que eu vi foi uma relação muito boa.” Com uma voz quente, de tom grave, Virginia cantava com a banda do marido em locais de St. Louis, incluindo o Winter Garden, o Forest Park

Highland e o mais famoso deles, a Casa Loma Ballroom, onde Frank Sinatra se apresentara uma vez. Viajar com uma banda era algo emocionante para Virginia. Parecia a vida que ela sempre desejara, o seu jeito de alcançar algum reconhecimento.

Depois de vários meses, o constante esgotamento provocado por sua rotina de trabalhar até tarde da noite foi fazendo aquela vida perder um pouco do atrativo para Virginia, e isso se refletiu no seu casamento. Antes do seu primeiro aniversário de casamento com George, Virginia arrumou um emprego de secretária no departamento de publicidade da rádio KMOX. Aqueles horários bagunçados eram “uma espécie de zoológico – muito estressante”, George lembraria mais tarde, e fizeram o marido levar Virginia a um médico, que recomendou que ela “arrumasse outro trabalho, menos estressante”. Ela decidiu virar instrutora de dança num estúdio do bairro.

Como marido, George Johnson não era contra ter filhos, não do jeito que Ivan Rinehart mostrara ser. Virginia, na época com vinte e seis anos de idade, parecia cada vez mais inclinada a isso. “Se eu não tivesse tido filhos, teria me sentido absolutamente despojada, um fracasso como ser humano”, ela lembrou. “Eu sabia que filhos eram uma coisa importante para mim.” Pouco depois do casamento, Virginia teve um filho, chamado Scott, seguido alguns anos depois por uma filha, Lisa. No entanto, acrescentar filhos à trupe de Johnson revelou-se algo muito pesado, uma espécie de fardo emocional que sua relação não conseguia comportar. “Até os filhos nascerem, foi ótimo”, Virginia observou. “Mas músicos são gente da noite e crianças são gente do dia. As duas coisas simplesmente não combinam.” Ela achava difícil ver-se como uma pessoa aborrecida para George, especialmente porque ele incentivava seu lado musical. Mas ele não conseguiu superar as limitações que tinha fora do palco. “A gente não compartilhava as mesmas ideias e metas”, disse ela. “Nosso único ponto em comum era a música.”

Com George muitas vezes fora de casa – trabalhando a noite inteira em casas noturnas e nos fins de semana em casamentos –, Virginia passou a achar sua vida insuportável. Ela não cantava mais

com a banda. Ficar em casa nos subúrbios de St. Louis com as crianças – aquele ideal televisivo de maternidade estilo June Cleaver,^{4*} propagado no pós-guerra – nunca atraiu Virginia. Ela saíra de Golden City para fazer faculdade e buscar oportunidades, não para se ver presa naquele tipo de rotina. O marido sempre ausente prestava pouca ajuda. Ela vivia numa agitação constante, como mãe que trabalhava fora, num dilema entre o que queria da vida e o que os outros esperavam dela. “Eu vinha de uma época em que ser mãe era algo realmente muito importante”, disse ela. “Sou um pouco menos preocupada em limpar cortinas, e um pouco mais preocupada com a vida e em compartilhar.” Ser mãe e trabalhar fora exigiu que dependesse de babás, que tivesse que confiar o cuidado dos filhos a estranhos. Uma noite, depois do trabalho, Virginia encontrou Scott, então com seis anos, sozinho em casa. “Minha menininha não estava lá, nem a mulher contratada para cuidar deles”, lembrou Virginia. Desesperada, ela ligou para a polícia para relatar o sumiço da filha. “O que eu não sabia – e a gente descobriu – é que ela [a babá] era alcoólatra, e que tinha saído para arrumar algo para beber”, disse Johnson. “Ela saiu com a minha menininha, que tinha talvez uns dois anos, e pegou um ônibus até a casa dela, ou qualquer outro lugar onde pudesse arrumar uma garrafa, e então voltou.”

Com os dois filhos a reboque, Virginia decidiu sair do casamento. Sempre receptivo, George não se opôs nem resistiu. Apenas perguntou por quê. “Eu não tenho nada mais para lhe dar”, ela lembra de ter dito antes de sair porta afora. No entanto, manteve seu nome de casada – Virginia Johnson.

Embora inflexível quanto à decisão de ir embora, Virginia sentiu-se inquieta com seus dois casamentos fracassados e com as dificuldades pessoais que eles talvez impusessem, numa época em que o divórcio nos Estados Unidos ainda era relativamente raro. Ela havia desfrutado de sexo e compartilhado afeto com ambos, mas nunca conseguiu formar o vínculo profundo que sempre procurara, o tipo de amor verdadeiro, duradouro que ela cantava, mas nunca encontrou. Por razões que Virginia não conseguia explicar, havia se casado com dois homens – talvez três se formos dar crédito a

alguns relatos – que ela nunca amou realmente, nunca se preocupou genuinamente com eles. “Eu olho isso em retrospecto e fico imaginando por quê”, ela ponderou. “Eu não tenho uma resposta que me satisfaça.”

Aqueles que conheceram Virginia bem durante esse período dizem que ela era ambiciosa e inquieta demais para se assentar numa existência monótona com um homem como George Johnson. “Ela me disse que ficava meio envergonhada com sua condição de esposa de um *bandleader*”, lembrou o doutor Alfred Sherman, que a conheceu na Universidade de Washington. “Virginia queria estar numa posição melhor do que essa. Ela mencionou que era inteligente demais para ficar só nisso. Queria se tornar uma mulher de nível mais alto.” George sabia que não tinha como segurar a esposa, que ela desejava outras coisas. “Ela estava de olho em algo melhor o tempo todo”, ele diria anos mais tarde. Mas, quando os papéis de divórcio foram assinados em setembro de 1956, o que esse “algo melhor” poderia ser ainda não era claro para a senhora Johnson.

A maioria dos estudantes havia saído para as férias de Natal quando Virginia atravessou o campus vazio, coberto de neve, da faculdade de medicina da Universidade de Washington em St. Louis, a caminho de uma entrevista de emprego. Aos trinta e um anos, desempregada, com dois divórcios nas costas e dois filhos pequenos, esperava reiniciar alguma coisa. Em dezembro de 1956, a Universidade de Washington atendia principalmente estudantes locais, estava longe de ser a instituição de renome internacional que iria virar mais tarde, e refletia as raízes conservadoras do Missouri, não muito longe da linha Mason-Dixon.^{5*} Fazia apenas quatro anos que a instituição havia dessegregado suas divisões de alunos, permitindo que um pequeno grupo de negros frequentasse as aulas junto com os brancos. Mulheres eram uma raridade no campus da universidade naquele tempo, especialmente na sua escola de medicina.

Virginia caminhou pelo forte vento de inverno. Para a entrevista, usou um vestido simples, embora mostrasse suficiente sofisticação para mascarar o quanto estava desesperada para conseguir aquele emprego. Puxou o cabelo escuro para trás num coque. Um pouco de *rouge* cobria seus lábios. Não tinha mais aquela aparência esbelta de uma moça jovem de fazenda, mas uma figura mais bem formada de mulher na flor da idade, uma mulher que já havia experimentado bastante da vida. Precavendo-se, ensaiou respostas a possíveis perguntas e praticou modular sua voz de uma maneira agradável, educada. Uma vez dentro do edifício da faculdade de medicina, Virginia entrou num escritório pequeno e discreto e esperou pela entrevista com um homem que ela não conhecia – o doutor William Masters.

Na Universidade de Washington, Virginia tinha intenção de cursar antropologia social, para estudar as diferenças culturais entre natureza e criação no desenvolvimento humano. Como não havia uma formação específica nessa área, um orientador da escola havia encaminhado Virginia para sociologia. Para pagar pela instrução, ela foi informada que teria que arrumar um emprego no campus. Teria que conjugar as exigências do trabalho com a frequência às aulas. Na esteira de seu divórcio de George Johnson, Virginia voltou a ser dependente dos pais dela, Edna e Harry, que se mostraram contentes em poder ajudar. Mas ela sabia que o auxílio deles viria à custa da sua liberdade. Só poderia resolver esse dilema se concluísse uma faculdade, conseguisse um emprego estável e ganhasse o suficiente para criar sozinha os dois filhos. Não podia depender de George, que ainda sonhava em fazer sucesso com sua banda, no exato ano em que Elvis Presley e o *rock and roll* mudaram a música americana para sempre. Virginia desejava um novo início, sustentar-se sozinha com um diploma universitário. “Eu vi que acabaria tendo que deixar os dois filhos com outras pessoas – com a minha mãe, na verdade – e não queria que isso acontecesse”, lembrou Virginia. “Então decidi voltar à escola.”

Como não havia nada disponível no departamento de sociologia, ela foi encaminhada para a escola de medicina, onde talvez

conseguisse um trabalho de assistente. “Eu era muito despreparada e não tinha nenhum interesse no campo da medicina”, ela lembrou. Seu compromisso inicial, agendado com dois psiquiatras de renome, foi de repente cancelado, e então ela seguiu adiante com uma indicação para trabalhar em obstetrícia e ginecologia. Virginia sabia pouca coisa a respeito do doutor Masters, apenas alguns comentários de amigos que tinham familiaridade com a escola de medicina. O estudo recém-iniciado por Masters sobre a fisiologia do sexo era um segredo muito bem guardado dentro da universidade. Virginia supôs que a pesquisa de ponta de Masters era para auxiliar casais empenhados em conseguir um bebê. “Eu já tinha ouvido a respeito de Masters e seu trabalho sobre infertilidade”, ela lembrou. “E era para isso que eu achei que estava sendo contratada quando assumi o emprego.”

Durante a entrevista, Masters olhava fixo para Virginia, com aquele distanciamento frio e seco de um cientista examinando uma placa de Petri. A aparência física de Masters – seus olhos escuros, juntos, seu crânio calvo ladeado por cabelo grisalho curto, seu sorriso de lábios finos, que era quase uma careta – faziam-no parecer mais velho do que os seus quarenta e um anos. Sentado com seu avental branco de laboratório, de braços cruzados, Masters fez várias perguntas superficiais sobre os antecedentes e a experiência da candidata. Virginia respondeu com segurança, embora sem demonstrar muita competência. Mas isso não pareceu importar. A cada resposta, Masters tornava-se mais relaxado e amigoso, até que ela percebeu que o cargo era dela.

Examinado em retrospecto, esse início paradoxal foi característico do relacionamento entre os dois nas décadas seguintes. O jeito profundamente intuitivo de Masters – aquele sexto sentido que um médico experiente desenvolve em relação às pessoas – levou-o a concluir que a senhora Johnson seria a companheira perfeita para o seu trabalho. Mas ele revelou muito pouco sobre ele mesmo e seus planos. Masters iria permanecer um enigma pelo resto da vida, deixando os mais próximos dele lutando para tentar entendê-lo, sem conhecer suas verdadeiras intenções ou as forças que sustentavam seus esforços incansáveis. A contratação de Virginia

seria a primeira de muitas ações de Masters que lhe causaram impacto e a deixaram intrigada. Pois parecia que Bill Masters já havia tomado essa decisão assim que Virginia Johnson abriu a boca.

“Por que eu? Eu ainda não sei bem”, refletiu ela muitos anos após esse encontro inicial com o doutor Masters. “Eu simplesmente me tornei a princesa.”

[4](#) Personagem de uma série de televisão popular na década de 1950, *Leave It to Beaver*, sobre um casal americano típico com seus dois filhos, com forte ênfase em mensagens moralistas e valores conservadores. (N. do T.)

[5](#) Fronteira entre Maryland e a Pennsylvania, constitui uma linha simbólica que dividia os Estados do Norte e do Sul na época da Guerra Civil americana. (N. do T.)

Nunca voltar para casa

Equilibrando-se nos esquis aquáticos, Bill Masters deslizava pelo lago Rainbow, segurando no alto uma linda garota loira cujo cabelo esvoaçava ao vento. Ele sorria feliz da vida, enquanto os dois acenavam para quem assistia admirado junto à margem. O doutor Francis Baker ainda tem uma foto da sua irmã e seu colega de quarto da escola de medicina divertindo-se naquele oásis cintilante de água doce nas montanhas Adirondack, no norte do Estado de Nova York. “Bill e Dody costumavam andar de esqui aquático no barco Chris-Craft da minha mãe – ele subia e descia o lago com ela de cavalinho no seu ombro”, lembrou Fran, que observava desde o barco o ar triunfal de Bill carregando sua irmã como um troféu.

O lago Rainbow trazia uma rara felicidade para William Howell Masters, um jovem que até esse momento na vida não conhecera muitos prazeres. Os verões que ele passava como monitor de acampamento nesses bosques junto ao lago eram um respiro muito bem-vindo para a sua vida de estudo constante, primeiro no Hamilton College e depois mais tarde como estudante de medicina na Universidade de Rochester. Por três anos seguidos, Bill Masters seguia direto para o acampamento de Adirondack assim que suas

aulas terminavam e voltava logo após o reinício das aulas. Ele sempre dava um jeito de nunca voltar para casa.

Numa tarde de agosto em 1938, Fran convidou Bill para almoçar no chalé da sua família junto ao lago. Embora os dois estudassem no Hamilton College, Bill e Fran não se conheciam muito bem. Nesse almoço, porém, a irmã mais nova de Fran, Geraldine – que todos chamavam de “Dody” – causou uma forte impressão em Bill. Ele se tornou figura frequente no chalé de verão do Baker, passando o máximo de tempo possível com Dody. “Tenho certeza de que ele não vinha para me ver”, lembrou Fran com uma risadinha. “Sim, talvez no começo. Mas, depois que ele ficou conhecendo Dody, eu era apenas um assunto secundário!” Hamilton era uma faculdade só para homens, e Bill não tinha muita experiência com garotas. Ele se esforçava para não parecer embaraçado e tímido quando conversava com Dody. “Eu não era muito versado na arte de cortejar”, Bill escreveria mais tarde em suas memórias não publicadas. “Eu tinha uma sensação de comprometimento total quando estava com ela, mas ficava com ela raramente para ser capaz de expressar meu interesse de forma eficiente.”

O lago Rainbow oferecia uma paisagem idílica para um romance. Naqueles fins de semana longos e quentes, os amigos cruzavam o lago no barco a motor de mogno de dezesseis pés comprado pela senhora Baker, uma viúva, especificamente para o prazer dos filhos. Fran costumava guiar o barco enquanto Bill e Dody iam de esqui aquático atrás. “Depois eles nadavam, e às vezes todos ficávamos tomando uns drinques na praia”, Fran lembrou. Mas mesmo num ambiente como esse, relaxado, Bill Masters mantinha um muro à sua volta que deixava muito poucas brechas. Conforme Fran foi conhecendo Bill melhor, percebeu a complexidade daquele jovem e sua vida doméstica problemática. No Hamilton College, Bill passava as férias com colegas de quarto cujas famílias moravam perto dali. “Bill não voltava para casa no Natal”, disse Fran. Parecia haver uma grande mágoa que Bill Masters passaria a vida toda tentando superar. “O relacionamento que ele tivera com o pai tornou-o muito defensivo”, lembra Fran. “Ele realmente foi muito

magoado pelo pai. Era esse o relacionamento com o homem mais próximo da vida dele.”

O pai de Bill, Francis Wynne Masters, era um homem muito agressivo e destemperado, que mostrava pouca paciência quando voltava para casa do trabalho. Como representante do que viria a ser a empresa Pitney Bowes de máquinas de postagem, Frank Masters arrastava a mulher e seus dois filhos, Bill e seu irmão mais novo, Francis, por todo o Meio Oeste, abrindo novos escritórios regionais. Sem nunca ficar num lugar por muito tempo, a família Masters estava residindo em Cleveland quando Bill nasceu, em 27 de dezembro de 1915, e logo se mudou para Pittsburgh; depois, para Evanston, Illinois; para um pequeno rancho nos arredores de Houston; e duas vezes para Kansas City, Missouri. A raiva e a frustração de Frank Masters em relação ao mundo concentrou-se particularmente em seu filho mais velho e nas dificuldades que ele percebia no menino. Como um adolescente franzino, Bill sofreu dois surtos graves de septicemia, uma infecção sanguínea, que o deixaram acamado por vários meses. A febre alta dessa doença fez com que o olho esquerdo de Bill ficasse levemente deslocado para o lado. Uma densa opacidade branca rodeava a córnea de seu olho, que olhava para fora. Essa condição “estrábica” iria perdurar pela maior parte da vida de Bill. Ela o atormentou, deixando-o com um olhar severo que muitos achavam enervante. “Se não gostasse de alguém, ele conseguia olhar através da pessoa como se ela não estivesse ali”, lembrou um colega de escola, Addison Wardwell. “Os olhos dele tinham um macete, de parecerem muito frios às vezes.”

Aos doze anos, Bill demonstrava uma inteligência que o fez passar para o colegial antes da hora, embora esse avanço tenha se mostrado um equívoco. “Eu simplesmente não era maduro o suficiente para fazer frente aos desafios sociais que um menino do colegial encontra em sua prática para se tornar homem adulto”, escreveu Masters mais tarde. Muito pequeno e imaturo, ele descobriu que namorar garotas estava fora de questão. Em casa, porém, Bill sofreu humilhações duradouras. A raiva de Frank Masters por seu filho mais velho acabou virando violência, e as surras se tornaram comuns. “Meu pai me mandava entrar no

quarto, trancava a porta e me chicoteava com seu cinto (sempre com o lado da fivela)”, Bill relatou. “Ele me batia forte assim todo mês ou a cada seis semanas, a ponto de às vezes tirar sangue das nádegas.” Essas surras com cinto de couro também eram imprevisíveis, e Bill se sentiu desamparado diante desses ataques implacáveis. “Ele repetia que tinha a intenção de continuar com aquelas surras até que eu me ajoelhasse e pedisse misericórdia”, ele escreveria mais tarde. Desafiadoramente, Bill recusava-se a implorar, e as surras ficavam piores. Quando Bill gritava de dor, a mãe tentava intervir. “Tenho memórias vívidas da minha mãe batendo na porta do quarto trancada para tentar me salvar da cólera dele”, escreveu Bill. Mas Estabrooks Taylor Masters parecia ter muito medo e ficar intimidada demais pelos surtos de violência do marido para poder ser de alguma ajuda. Frank dominava a casa com punho de ferro, insistindo para que suas ordens fossem cumpridas. Já adulto, Bill lembrava como sua mãe era tratada: “Ele fazia o pedido do que queria comer e dizia a ela em quem ela tinha que votar. Roupas novas tinham que passar pelo seu crivo... Todas as decisões e todos os eventos tinham que passar pelo exame do meu pai.”

Bill descobriu mais tarde que o pai sofria de um meningioma, um tumor cerebral capaz de causar dores de cabeça persistentes, alterações de personalidade e explosões repentinas de raiva. Ele imaginou que talvez as violentas mudanças de humor do pai fossem causadas por essa doença crônica. “Por quanto tempo ele teve esse tumor e de que modo isso pode ter afetado seu comportamento, eu só posso conjeturar”, ele escreveu. “Foi muito difícil conviver com essa rejeição da parte de meu pai, especialmente nos primeiros anos da minha adolescência... Nessa época, ele passara progressivamente a me rejeitar não só como membro da família, mas também como filho.”

O último diálogo real entre Frank Masters e seu filho mais velho ocorreu numa viagem até a Lawrenceville School em Nova Jersey, um internato particular entre Princeton e Trenton, capital do estado. Quando jovem, o próprio Frank Masters havia frequentado essa escola preparatória, mas a decisão de mandar Bill para lá foi

de Estabrooks Masters, como uma maneira de tirar o menino das garras do marido. A sua tia-avó, Sally Masters, pagou os estudos de Bill, como sinal de gratidão pela generosidade do avô de Bill anos antes em emprestar-lhe dinheiro para montar uma escola particular para moças ricas em Dobbs Ferry, Nova York. Aos catorze anos, Bill saiu da sua casa em Kansas City e fez a longa viagem de trem com seu pai até Lawrenceville. Eles pararam em Nova York, onde o pai o levou até restaurantes famosos e também para assistir ao seu primeiro espetáculo na Broadway. Bill adorou esse fim de semana na cidade grande, surpreso com a magnanimidade do pai. “Mas o tempo inteiro eu tinha um sentimento desconfortável de que algum tipo de bomba estava prestes a explodir”, ele lembraria mais tarde.

Durante a viagem de trem, a meio caminho de Trenton, Frank Masters envolveu-se em outra obrigação de pai: informar seu filho a respeito de sexo. “Você sabe que existem certas coisas íntimas que os maridos e as esposas fazem juntos e que a maioria das pessoas não entende e sabe pouco a respeito”, Frank começou. Enquanto seu filho ouvia atentamente, o rosto de Frank ficou vermelho e ele começou a transpirar. Uma mulher sentada no mesmo camarote do trem com sua filha virou as costas e sinalizou seu desconforto com aquela aula de Frank. Ele continuou. “Ele não poderia estar mais equivocado quanto a muitos detalhes da sua explicação, estava firmemente convencido de seus conhecimentos, e expressava suas convicções bem alto, com intensidade e sentimento”, lembrou seu filho adulto. “Até hoje, eu ainda não entendi bem o que ele estava tentando me dizer.”

Quando chegaram a Lawrenceville, Frank Masters mostrou ao filho o lugar onde havia estado anos atrás. Foram até a sala do diretor, que conversou com eles durante alguns minutos e desejou tudo de bom a Bill na nova escola. E, antes de voltar para Kansas City, Frank Masters ofereceu ao filho seu primeiro “*jigger*”, uma guloseima à base de sorvete e outros doces, uma delícia que ele apreciava em sua própria juventude. “Eu pensei que aquele *jigger* era uma espécie de gesto de boa vontade da parte dele”, Bill escreveu mais tarde. “Mas estava muito enganado.” Ao contrário,

quando chegaram perto da estação de trem, Frank Masters parou e anunciou o banimento do seu filho. Com a tia Sally pagando suas despesas pelos quatro anos seguintes, declarou ele, “sinto que minha responsabilidade em relação a você se encerra aqui”. O pai mandava algum dinheiro para que Bill pudesse voltar para casa no Natal, mas nada mais que isso. Ele o advertiu para que não procurasse ajuda da mãe nem recorresse a nenhum parente. “Já está na hora de você tomar conta de você mesmo”, Frank informou seu jovem filho. Ele saiu andando sem dizer adeus, e Bill aquela noite chorou até cair no sono.

Em Lawrenceville, o jovem Bill desenvolveu uma estoica autoconfiança, mergulhando fundo em esportes vigorosos como o futebol americano e passando infindáveis horas na biblioteca – um hábito que manteve no colégio e na faculdade de medicina. “Eu nunca seria considerado um estudante brilhante, então precisava de horas a mais de estudo a fim de poder passar apertado”, ele diria. Bill cresceu fazendo amigos em Lawrenceville, entre eles Carleton Pate, cujos pais o convidaram a passar o Dia de Ação de Graças daquele ano em sua casa em Nova York. Durante a visita, a senhora Pate, uma alma sensível, percebeu a dor do jovem. Quando ela lhe perguntou a respeito do pai, Bill lembraria mais tarde, “Eu fui completamente aberto e honesto com ela, e, quando eu terminei de lhe contar a minha história triste, os dois estávamos com lágrimas nos olhos.”

Pouco antes do Natal, chegou uma carta do pai de Bill, com dinheiro suficiente para uma viagem de ida e volta de trem entre Trenton e Kansas City. Na sua ausência, porém, nada havia mudado. “Meu pai praticamente me ignorou durante minha visita de Natal”, escreveu ele. Lutando com seus desejos contraditórios, Bill anunciou para horror de sua mãe que iria embora no dia seguinte ao Natal – e que não ficaria para o seu aniversário de quinze anos no dia 27 de dezembro. “Eu simplesmente achei que tinha pouca coisa em termos de vingança para lançar contra o meu pai”, explicaria ele anos mais tarde, revelando sua amargura. “Eu

estava aceitando o desafio que ele colocara ao dizer que eu não teria mais apoio da minha família.”

Estabrooks Masters pediu que o filho mudasse de ideia. Quando o pai de Bill saiu para trabalhar, mãe e filho foram fazer uma caminhada juntos. “Ela ficou tentando me explicar os sentimentos do meu pai em relação a mim”, escreveu Bill, “mas não conseguiu dar nenhuma justificativa razoável para as grandes surras e para a sua atitude”. Bill sentiu pena da mãe, uma virtual prisioneira dentro daquele mundo rude e autoritário do pai. “Eu tinha duas mulheres diferentes como mãe”, Bill descreveria mais tarde. Em relação ao filho, um lado de Estabrooks Masters mostrava-se como uma mãe compreensiva que se esforçava muito para dar-lhe os maiores cuidados. A segunda mulher, no entanto, era a “esposa do meu pai”, como descreveu Bill, mais uma funcionária contratada do que um indivíduo que pensasse por si, uma mulher a quem lhe diziam o que fazer e quando. Apesar dos seus pedidos, a reaproximação proposta pela mãe falhou.

No dia seguinte ao Natal, Frank Masters levou o filho de carro até a estação de trem, como o filho pedira. Não haveria bolinho com vela acesa para os quinze anos de Bill, nenhum “parabéns a você” em volta da mesa de jantar. A mãe enfiou no seu bolso um envelope contendo dinheiro – três notas de vinte, três de dez, três de cinco e três de um dólar. Bill ficou imaginando se haveria algum simbolismo no presente dela, alguma mensagem cifrada de apoio, mas não teve a oportunidade de lhe perguntar. Pelos quatro anos seguintes, Estabrooks Masters manteve contato sub-repticiamente com o filho. Ela ligava da casa da vizinha no meio do dia, para que Frank não descobrisse. Mandava dinheiro em cartas para Bill dirigidas ao internato, mas ele nunca lhe agradeceu “por medo de que meu pai descobrisse e tornasse a precária vida doméstica dela ainda mais difícil”.

Essa visita de Natal abortada de Bill foi a última vez que ele viu seu pai. Frank Masters morreu devido à sua debilitadora doença cerebral três anos mais tarde, depois que Bill concluiu seus estudos em Lawrenceville e se matriculou no Hamilton College. A esta altura, Bill já se afastara da mãe e de seu irmão mais novo, Frank –

relações que nunca seriam devidamente reabilitadas. Infelizmente, ele teve que aprender a superar o sentimento de vazio quando outros colegas saíam da escola e iam para casa animados para passar o Natal e outros feriados. Ele se concentrou em se tornar um homem, em seus próprios termos. Decidiu que seria sua própria criação, que encontraria seu próprio destino.

No Hamilton College, a casa de tijolo de três andares do Alpha Delta Phi, localizada em local destacado no bucólico campus dessa escola particular de ciências humanas, abrigava duas dúzias de membros da fraternidade dedicados aos prazeres da vida, incluindo Bill Masters. Todos na Alpha Delta Phi o conheciam. Ele amadurecera e virara um adulto robusto, autoconfiante, alguém muito diferente daquele garoto de alguns anos atrás. “Quando adolescente era comum eu ser atacado socialmente”, Bill lembrou. Mas, no Hamilton, os colegas da fraternidade ficavam impressionados com Masters e sua abordagem viril diante de praticamente tudo. Ele jogava futebol pelo Hamilton e causava ótima impressão no público, apesar de viver contundindo o joelho. Sabia boxear, o suficiente para assustar praticamente qualquer desafiante. Na equipe de debates da escola, destacava-se como bom argumentador e dirigia seu próprio carro no campus, coisa rara naqueles dias. Colegas de classe invejosos falavam que a família dele tinha um fundo de investimentos, e imaginavam que eles pagavam as despesas de Bill. Embora tivesse se formado em língua inglesa, Bill escolheu a medicina como carreira. “Ele sabia o tempo todo o que iria fazer, não tinha dúvidas sobre sua futura profissão”, declarou Addison Wardwell, que nunca teve atritos com ele. “Ele não tinha um pingão de paciência com aqueles que não estavam bem certos sobre o que iriam fazer.”

Nos tempos da faculdade, porém, os momentos mais emocionantes de Bill eram num avião. A primeira vez que voou foi em seus anos em Lawrenceville, ensinado por um amigo da família que tinha uma escola de treinamento de voo na área. Bill fazia trabalhos eventuais em pequenos aeroportos particulares em

Trenton e perto de Princeton – e obteve seu brevê de piloto. Voar ainda era uma coisa relativamente nova e muito perigosa nesses anos que antecederiam a Segunda Guerra Mundial, e Masters era muito bem pago por seus serviços. Um homem de negócios que viajava com frequência pelo país contratou-o como copiloto de seu avião multimotor. Para obter rendimentos adicionais, Bill voou como piloto de testes, uma tarefa arriscada, que acrescentava considerável valor a um avião novo depois que ficava comprovada sua segurança e confiabilidade. Ele também passou a comprar e vender aviões, sempre obtendo bom lucro em cima do preço original. Era intrépido o suficiente para saltar de paraquedas. Numa tarde de domingo, aceitou uma aposta entre amigos dizendo que sairia andando pela asa do seu avião e saltaria sobre o lago Placid, em Nova York, perto do lago Rainbow. Ao saltar, porém, Bill ficou enrolado do lado errado do seu paraquedas, despencando do céu, fora de controle. Conseguiu no meio do seu frenesi endireitar-se de novo e flutuou em segurança até o chão. Foi seu primeiro salto. E também o último.

Fran Baker às vezes acompanhava o amigo no céu e foi convencido por ele a ter aulas de pilotagem. Como Bill, Fran entrou para a Universidade de Rochester para cursar medicina depois de se formar em Hamilton. Voar também teve um papel crucial na relação de Bill com a irmã de Fran. No Hamilton, Bill namorou outras garotas, particularmente uma namorada fixa chamada Elisabeth Ellis. Mas, depois de idílicos verões no lago Rainbow, ele sonhava em se casar com Dody Baker. Bill sempre parecia ser outra pessoa na presença dela, como se ainda deslizesse pelo lago. Seu jeito usual, curto e grosso, objetivo, derretia-se. “Bill era capaz de mostrar seu carinho por mim”, Dody lembraria mais tarde. “Ele tinha um jeito muito doce de fazer isso por meio de suas atitudes – preocupando-se, sendo amável, prestativo e interessado.”

Suas intenções ganharam intensidade quando Dody de repente adoeceu. Fran conseguiu que sua irmã, que ainda morava em Buffalo com a mãe deles, fosse hospitalizada em Rochester para uma cirurgia de pequeno porte. Agindo por impulso, Bill decidiu que quando ela se recuperasse iria cumprimentá-la com duas

dúzias de rosas de haste longa. Bill queria que Dody se casasse com ele e “sentiu que era hora de mostrar suas intenções”, lembrou Fran. Quando não conseguiu encontrar as rosas que queria em Rochester, Bill armou um plano extravagante para se mostrar como um “figurão” aos olhos de Dody. Ligou para Nova York e combinou de pegar duas dúzias de rosas num pequeno aeroporto perto da ponte George Washington. Na hora em que chegou de volta ao hospital, os horários de visita já estavam encerrados. Uma enfermeira voluntária garantiu que Dody iria receber as rosas e seu bilhete de amor quando ela acordasse.

Na manhã seguinte, logo cedo, Fran ligou para Bill dizendo que sua avó havia morrido em Buffalo, e perguntando se Bill poderia voar com Dody até lá para o enterro. “É claro”, Bill concordou, achando que com certeza Dody iria adorar vê-lo. No entanto, quando ele chegou ao hospital mais tarde naquele dia, Dody parecia angustiada e ainda grogue por efeito da anestesia. Para a surpresa de Bill, ela não comentou nada a respeito das duas dúzias de rosas e do poema de amor num bilhete manuscrito. Dody não ficou sabendo dos presentes, porque eles nunca chegaram a ela. Talvez a enfermeira do turno da noite tenha esquecido de entregar as rosas ou alguma outra coisa deu errado na frenética rotina de um hospital movimentado. Bill supôs o pior e nunca perguntou nada a respeito. “Ele sabia que ela estava angustiada por causa da morte da avó, então nem tocou no assunto”, explicou Fran. “Ela nunca mencionou o bilhete [e as rosas] porque nunca recebeu, mas ele interpretou isso como uma rejeição.”

Como combinado, Bill levou Dody em seu avião de dois lugares até a casa dela em Buffalo. Não foi possível conversar muita coisa debaixo daquele ronco do motor. “Eu percebi que ela se limitava a responder as perguntas, em vez de conversar à vontade comigo, o que me fez sentir muito ansioso”, Bill lembraria mais tarde. Quando eles aterrissaram em Buffalo, Dody agradeceu educadamente, mostrando apenas cortesia em relação a Bill. Fran veio pegar Dody, e Bill subiu de novo no avião e voltou para Rochester sozinho, perplexo ao ver que sua proposta de amor havia fracassado. Por muito tempo, ele não teve notícias de Dody –

que ele considerava o único verdadeiro amor da sua juventude – até uma manhã em que ficou sabendo que Dody havia se casado com outro jovem médico de Buffalo. “Só poderia lhe desejar o melhor, e foi o que fiz”, Bill escreveu. “Fiquei sentido por muito tempo.”

Alguns amigos e familiares duvidam um pouco desse relato triste, apócrifo, de Bill sobre seu amor perdido, sobre esse romance de verão que não se concretizou. Será que Dody Baker foi mais um sonho do que algo real, o tipo de imagem idealizada que os homens constroem a respeito das mulheres que dizem amar, sem qualquer compreensão real da pessoa que está por trás dessa projeção? Como é possível que um homem tão assentado nos exigentes padrões da ciência e da medicina, que olhava o mundo com um olhar aparentemente tão implacável, enxergasse essa mulher com tamanha falta de clareza? Por muitos anos depois disso, Bill Masters ficou imaginando como poderia ter sido sua vida se tivesse casado com sua linda loira numa praia do lago Rainbow. “Não sei se a gente teria tido um casamento feliz”, escreveria ele em suas memórias não publicadas, “mas eu com certeza gostaria de ter tentado”.

Uma maravilha a ser contemplada

Será que podemos esperar ter uma boa educação sem contar com a inspiração de homens que estejam procurando conhecer, por meio de sua própria pesquisa, o universo que a humanidade habita e a natureza do corpo e da mente do homem?

DR. GEORGE WASHINGTON CORNER

Na aula de anatomia de George Washington Corner, o corpo humano era uma maravilha a ser contemplada. Com maestria e precisão, Corner examinava o coração bombeando sangue, a refinada arquitetura da coluna vertebral, as funções vitais do fígado, rins, intestinos e outras maravilhas feitas de músculos, ossos e tecidos, descritas no manual *Grey's Anatomy*. Para esses estudantes, ele conseguia fazer um cadáver ganhar vida.

Na Universidade de Rochester, Corner era um médico renomado, no esplendor de sua forma. “Eu tive Anatomia no primeiro ano, na minha primeira aula”, disse Fran Baker, lembrando de Corner. “Ele era calmo, mas muito vigoroso, muito inspirador.” Corner causou uma impressão ainda mais forte em Bill Masters. Depois de brincar um pouco com a ideia de se tornar professor de inglês, Masters saiu de Hamilton querendo se tornar médico, clínico, mas Corner inspirou-o a se tornar cientista também, para testar as áreas inexploradas da medicina. Em mais de uma ocasião, Masters lembraria de Corner aconselhando-o, “Bill, você nunca aprende o suficiente”.

Homem de cultura universal, Corner podia falar com autoridade sobre a história da anatomia, assim como sobre sua prática. Ele tecia elogios a Aristóteles como pai da biologia e falava com conhecimento de causa sobre a dissecação entre os assírios, os hebreus e os gregos. Era particularmente fascinado com as maravilhas do sistema reprodutor, a fonte da vida. “Quando o óvulo dos mamíferos foi visto pela primeira vez, em 1827, a descoberta resolveu um grande problema, mas ao mesmo tempo revelou uma série infindável de novas questões com as quais ainda nos debatemos”, escreveu Corner mais tarde em sua autobiografia.

Antes de fundar o departamento de anatomia em Rochester, Corner estudou e lecionou na Johns Hopkins University, pesquisando a histologia e fisiologia do sistema reprodutor. Com uma inclinação para historiador, ele identificou o quanto a religião, as tradições culturais e a pura ignorância haviam mantido os humanos no escuro a respeito da reprodução sexual, e ficava particularmente chocado com a própria medicina. “Os esforços dos ‘ginecologistas’ para tratar os distúrbios funcionais da menstruação e da esterilidade foram um vagar a esmo, com escassos avanços em relação aos procedimentos da era de Hipócrates”, escreveu Corner em 1914. “Como poderíamos esperar alguma coisa melhor quando nós simplesmente não compreendíamos o ciclo menstrual humano?” Ao avaliar sua contribuição, um manual mais tarde iria se referir a períodos “pré-Corner” e “pós-Corner” no campo emergente da obstetrícia e ginecologia. Seu trabalho levou a descobertas fundamentais na contracepção e no desenvolvimento da pílula anticoncepcional. Corner e seu prestigioso colega em Rochester, Willard Allen, descobriram o papel da progesterona, um hormônio chave no ciclo menstrual. Muitos esperavam que um dia ambos fossem agraciados com o Prêmio Nobel.

No laboratório, Corner realizou testes de reprodução em macacos e coelhos, nos quais os estudantes tinham seu primeiro vislumbre de como as coisas funcionavam entre os mamíferos.

“Masters, fico feliz por tê-lo a bordo”, disse Corner quando Bill entrou no escritório do professor. “Você sabe se os coelhos menstruam ciclicamente?” Masters ficou com cara de tonto.

“Doutor Corner, eu não tenho a mais vaga ideia”, admitiu ele. Mesmo sendo um dos mais competentes cientistas em sua área, Corner continuou humilde e afável, com o ar de um vovô jovial cuidando de seus afazeres. Ele queria deixar Masters à vontade. “Nem eu”, disse Corner, bem-humorado. “Quando você descobrir, me conte.”

As tentativas iniciais que Masters empreendeu para conseguir que os coelhos menstruassem não foram muito longe. “Eu fui malsucedido espetacularmente”, ele lembrou. “Eles simplesmente não iriam fazer isso para mim.” Mas a observação direta dos coelhos fazendo amor no laboratório rendeu frutos. Masters acabou descobrindo que a fêmea do coelho ovula involuntariamente enquanto está sendo montada pelo macho.

Pouco depois, Corner saiu de Rochester para um cargo de prestígio ainda maior no Instituto Carnegie de Embriologia, em Baltimore, onde influenciou muitos pesquisadores jovens, incluindo Alfred Kinsey, da Universidade de Indiana. As ligações de Corner com o Comitê para Pesquisa dos Problemas Sexuais, patrocinado pelo governo, no início da década de 1940, ajudaram Kinsey, então um entomologista especializado em vespas, a obter um financiamento crucial da Fundação Rockefeller para as suas fundamentais pesquisas sobre o comportamento sexual humano. Ele incentivou o comitê a apoiar Kinsey generosamente, embora mais tarde o tivesse descrito como “a pessoa mais intensa que eu já conheci fora de uma instituição psiquiátrica”.

Mais ou menos à mesma época, durante as férias de primavera de seu terceiro ano de medicina em 1942, Masters recebeu um convite de seu antigo professor em Baltimore para participar de encontros com destacados biólogos do país inteiro dedicados ao estudo da reprodução, que estariam de visita ao laboratório de Corner. Sem dizer uma palavra, Masters absorveu as suas animadas discussões e planejou como ele, também, poderia deixar uma marca na medicina. Durante uma conversa na hora do almoço, Carl Hartman, um colega de longa data de Corner, que fora responsável pelo desenvolvimento do laboratório de testes em primatas de Carnegie, discutiu suas dificuldades em conseguir que uma macaca

fêmea tivesse sexo com um macho, mesmo estando ela no cio. Após um tempo, o macaco, frustrado, ficou furioso com os incentivos de Hartman e mordeu seu polegar. Agitando seu dedo ferido, Hartman procurava algumas respostas para o seu dilema e então voltou-se para o jovem estudante de medicina na sala. “Masters, enquanto eu falava sobre tentar fazer essa fêmea no cio copular, você mantinha uma expressão curiosa no seu rosto – no que estava pensando?”, Hartman perguntou.

Masters exibia aquela expressão enfeitiçada de um pesquisador científico envolvido num eterno questionamento. “Estava pensando na fêmea humana”, Masters respondeu, “e se houver um padrão cíclico de cio nas mulheres que não tenha sido identificado?”.

Ninguém riu, e não houve de início nenhuma reação. Na mesa do almoço, como Masters lembraria mais tarde, havia um silêncio sepulcral. A ideia de testar uma mulher, explorando sua fisiologia e sua reação sexual, soou como uma passagem segura para a ruína profissional e quem sabe uma detenção por crime. Ninguém havia ousado até então ir além dos testes com coelhos e macacos.

Pelo resto de sua estadia em Baltimore, Masters trocou ideias com Corner e os demais especialistas a respeito do que seria exatamente necessário para um estudo da sexualidade da fêmea humana. Qualquer profissional que fosse suficientemente imprudente para tentar isso iria enfrentar inúmeros problemas. Sempre inquisidor, Masters pressionou esses sábios homens da medicina para lhe indicarem um caminho que, na opinião deles, tornasse isso possível. Acabaram chegando a quatro critérios: esse pesquisador do sexo teria que ser um homem, casado, disseram eles, com idade por volta dos quarenta anos e com muita experiência. (“Eu era calvo desde os vinte e três anos, portanto isso ajudou!”, comentaria Masters mais tarde.) Mais importante ainda, esse cientista do sexo teria que ser comprovadamente um pesquisador competente num campo médico relacionado e ter o apoio institucional de uma universidade, de preferência de sua escola de medicina.

Ao contrário desses cientistas mais velhos, que haviam se formado sob as restrições da era vitoriana, Masters via a si mesmo

como um médico moderno, que não temia um assunto polêmico como esse, nem se preocupava tanto com o que os outros pudessem pensar. Mas ele iria seguir o conselho deles, convencido de sua utilidade. “Minha experiência no Instituto Carnegie foi um fator importante na minha vida”, escreveu Masters. “Os critérios que os homens em Baltimore haviam estabelecido influenciaram minha forma de pensar.” Tendo em mente esse plano a longo prazo, Bill voltou para Rochester para concluir seu último ano na escola de medicina, decidindo se iria fazer sua residência em psiquiatria ou no campo da ginecologia e obstetrícia.

Elisabeth Ellis aguardou pacientemente o dia em que se casaria com Bill Masters. Desde quando dançaram na festa do Alpha Delta Phi no primeiro ano dele no Hamilton College, ela dera sinais de que ele era o seu preferido. Quando Masters foi embora para a escola de medicina de Rochester, o jovem casal continuou namorando – às vezes esporadicamente, mas sem interromper de vez o contato –, enquanto ela trabalhava como secretária numa fábrica em Utica, Nova York, a mais de 160 quilômetros de distância. Se ela sabia alguma coisa sobre o interesse dele por Dody Baker, não deixou transparecer. E tampouco parecia ter ideia se seu noivo iria querer se casar com ela numa reaproximação para superar a eventual dor de ser rejeitado por alguém. Inteligente, atlético e trabalhador, Bill Masters era alguém com quem ela sentia que podia contar, o tipo de homem que Elisabeth Ellis havia procurado a vida inteira.

Betty Ellis – conhecida como Libby ou simplesmente Lib, como Bill costumava chamá-la – tratava-o de maneira mais amorosa e com mais atenção genuína do que qualquer mulher em sua vida. Ela tinha um temperamento estável e era decididamente fiel àqueles que amava, não importava o quanto pudessem desapontá-la. Embora não fosse muito bonita, era uma jovem magra, agradável, com olhos luminosos e lábios generosos, com um cabelo escuro e ondulado muito bem cuidado. Vestia-se o quanto lhe permitiam suas modestas condições financeiras, mas o suficiente

para parecer saída de um anúncio da Marshall Field's ou da Talbots, lojas de artigos femininos. Como ambos sabiam, Libby era o tipo de mulher jovem adequada para ser esposa de um médico. Addison Wardwell, colega de Bill na fraternidade de Hamilton, disse que os sentimentos de afeto eram mútuos. "Eles tiveram um belo romance enquanto Bill estava na faculdade", lembrou Wardwell. "Pelo que a Betty dizia, eles vinham se vendo bastante durante a faculdade. Mas Bill nunca falava muito sobre o que estava pretendendo fazer ou sobre quais eram seus planos." Anos mais tarde, Bill descreveu o início da sua relação com Libby não tanto como um romance, mas mais como dois destinos se juntando. "Começamos a nos encontrar sem muita regularidade", Bill escreveu, "mas quanto mais nos víamos, mais sentíamos ter um futuro importante juntos".

Hamilton restringia severamente seus contatos com o que os homens instruídos da época chamavam de sexo frágil. Os bailes no Alpha Delta Phi eram realizados duas vezes por ano. Impunha-se uma separação prudente entre homens e mulheres. Os homens do segundo andar da casa cediam seus quartos para aquelas moças que vinham passar a noite, sob a supervisão e a guarda de uma milícia de acobertadores. Sem dúvida, a ideia de se encontrar com uma garota local como Libby nos jardins, aos beijos e amassos à luz do luar em meio às árvores floridas, longe dos olhares de um supervisor de alojamento ou importuno conselheiro de residentes, exercia apelo em Bill. Wardwell lembrou uma vez em que Bill inadvertidamente desafiou o código social de integridade e pureza entre os sexos em Hamilton, que também existia em outras escolas antes da Segunda Guerra Mundial. Durante um feriado, quando a maioria dos colegas da fraternidade estava fora, Bill acordou bem cedo para cuidar de um projeto científico antes de pegar Libby na casa dela, que ficava perto. Quando o casal parou junto à Alpha Delta Phi, era o final da manhã. Bill decidiu checar seu projeto, que envolvia colocar ovos dentro de uma incubadora para observar o desenvolvimento de um embrião de pinto. Ele pegou um dos ovos e começou a quebrá-lo numa mesa. Um dos velhos e rabugentos professores designados para ficar de olho na fraternidade espiou o jovem casal olhando um dos ovos e logo pensou o pior. "Como era

alguém rabugento, supôs que devia ter havido alguma conduta inapropriada”, Wardwell lembrou. “Ele achou que Bill e Betty haviam passado a noite na casa e estavam levantando e tomando o café da manhã.” O professor não foi confrontar Bill e Betty, mas mais tarde se dirigiu à casa da fraternidade como um todo, com uma preleção sobre como os homens de Hamilton deviam ou não se comportar com as convidadas.

Bill segurou a língua durante as admoestações do professor. A vida lhe dera um rosto pétreo, uma expressão insondável, suficientemente controlada para não revelar vergonha, embaraço ou qualquer outra emoção. Mas quando o professor saiu, Bill soltou “um rugido de alegria”, com uma careta divertida, expressiva.

“O velho professor sabe tudo – conhece todas as regras!”, disse Bill, com uma risada zombeteria.

Muito antes de conhecer Bill Masters, Elisabeth Ellis experimentara várias decepções amorosas e contrariedades. Sua mãe morrera quando Libby tinha uns dez anos – idade suficiente para que ela pudesse sentir nostalgia com as lembranças da mãe, mas ainda jovem demais para que ela pudesse ter se beneficiado dos seus conselhos em relação às coisas deste mundo. A morte da mãe foi um golpe do qual Libby e os demais membros da família Ellis nunca se recuperaram. Após o falecimento da mãe na década de 1920, o pai dela, Guy Ellis, desapareceu. Sem qualquer aviso ou explicação, ele simplesmente levantou da cama um dia e foi embora. Abandonou Libby e suas duas irmãs, Marjorie e Virginia, e pôs fim à sua antes confortável vida em Grosse Point, Michigan, o mais chique dos enclaves defronte ao lago dos arredores de Detroit. Guy Ellis foi para a Flórida, um clima mais quente e acolhedor para um homem que fugia de suas responsabilidades. Para Libby, o pai virou um fantasma perdido para sempre.

Libby e suas irmãs acabaram morando com a família de tio Steve, um vizinho muito rico e bondoso, e a esposa dele, que não eram parentes mas sentiram compaixão e abriram lugar em sua casa

para elas. Antes que Libby pudesse terminar o colegial, a Grande Depressão trouxe mais dificuldades para a vida dela e da sua nova família. Com o colapso dos mercados em 1929, a fortuna de tio Steve desabou junto, levando-o a um declínio emocional grave que resultou no seu suicídio. Depois de testemunhar o chocante fim tanto da sua família natural quanto da adotiva, Libby estava pronta para acolher um homem que havia aprendido a superar as crueldades da vida e seguir adiante.

Após quase cinco anos de espera, Masters finalmente pediu Libby em casamento. Depois das férias de verão, antes de seu quarto ano na escola de medicina de Rochester, ele se casou com ela numa modesta cerimônia em Detroit, o único lugar que ela conheceria. "Ele lhe dissera que não tinha como levar a sério a sua relação porque havia um monte de trabalho e de estudo a ser feito para firmar seu nome", lembrou o primo mais novo dela, Townsend Foster Jr. "Ele realmente a desencorajou, mas ela aguentou firme o suficiente e eles acabaram se casando." Os recém-casados alugaram um apartamento pequeno bem perto da escola de medicina e do hospital de Rochester. "O dinheiro era curto, mas estávamos satisfeitos e felizes", Masters lembrou. Quando chegou a hora de se formar, ele precisava escolher onde iria fazer sua residência médica. Apesar de a Segunda Guerra Mundial estar em pleno andamento, Masters recebera uma dispensa médica do serviço militar. Queria ter seu treinamento hospitalar na área de obstetrícia e ginecologia, para entender a anatomia e a fisiologia do sistema reprodutor humano, embora soubesse que isso iria servir apenas para afastá-lo do caminho pretendido. "Eu não tinha ilusões de aprender qualquer coisa a respeito de sexo na especialidade ultraconservadora de Ob/Gin", escreveu ele. De novo, procurou o conselho do seu antigo mentor, o doutor Corner. Numa conversa telefônica, em fevereiro de 1943, Masters confirmou seu compromisso de realizar pesquisas sobre o sexo.

"Bem, por que não fala com o Willard Allen?", Corner sugeriu.

Masters explicou que suas "notas estavam longe de ser excelentes" para que ele fosse aceito no programa de Allen na

Universidade de Washington. Na época, Allen reinava como um dos principais endocrinologistas de sistema reprodutor do país. Masters disse que adoraria ir para St. Louis, fazer uma residência com Allen, mas que duvidava se conseguiria superar a concorrência para aquela vaga.

Allen havia sido o primeiro companheiro de pesquisa de Corner em Rochester quando eles estudaram o impacto dos hormônios sobre o sistema reprodutor feminino. Eles descobriram o hormônio progesterona (predominante tanto na ovulação quanto na gravidez) estimulando sua produção no corpo lúteo (estrutura endócrina liberada pelos folículos ovarianos durante o ciclo menstrual), em coelhos. A comprovação de que havia no corpo mais de um hormônio sexual, além do estrogênio, catapultou a reputação de Allen no rarefeito ambiente acadêmico ocupado por seu professor, o doutor Corner. Allen acabou saindo do corpo docente de Rochester e tornou-se diretor do departamento de obstetrícia e ginecologia da escola de medicina da Universidade de Washington. Cerca de dez anos mais velho do que Masters, Allen era considerado um cirurgião brilhante e talentoso, com uma personalidade agradável, apesar de um pouco insossa. Ele se tornou um dos mais jovens diretores de departamento de escola de medicina no país ao chegar a St. Louis. Embora suas carreiras viessem a levá-los a trilhar direções diferentes, Allen nunca perdeu contato com seu leal e brilhante colega, o doutor Corner.

“Bill, você está com muita pressa?”, Corner perguntou a Masters ao telefone. “Se você esperar uns cinco minutos, eu ligo já de volta.”

Poucos minutos depois, Corner ligou com boas notícias. “A residência é sua”, ele anunciou, satisfeito com seu útil trabalho de bastidores. Masters ficou perplexo e profundamente comovido com o fato de Corner ter lhe dado toda essa atenção e demonstrado fé suficiente em sua competência e seu futuro, a ponto de lhe prestar essa grande ajuda. “Eu ficava emocionado nos dias seguintes toda vez que pensava na boa sorte incrível e na bondade do doutor George Corner”, lembrou ele.

No verão de 1943, Bill e Libby Masters mudaram-se para St. Louis, onde o jovem casal planejava uma nova vida e o início de uma família. Ao arrumar essa residência, Corner deu à carreira de Masters não só um impulso, mas também um endosso de peso para o mapeamento dos meandros desconhecidos da sexualidade humana. Se um homem sábio e culto como Corner reconhecia o valor científico de seu plano, Masters sabia que seria capaz de convencer o mundo.

O especialista em fertilidade

Imóvel em cima de uma mesa de operação, a jovem mulher já havia perdido seu feto e estava morrendo numa poça de sangue. Ela continuava tendo uma hemorragia devido à placenta percreta – uma condição rara e catastrófica, na qual a placenta penetra na parede do útero, invade outros órgãos e deixa o bebê sem nutrientes essenciais à vida. Apesar de todas as manobras tentadas pelos três jovens médicos naquele quarto andar do Hospital Maternidade, nada parecia funcionar. Eles realizaram uma incisão cesariana para remover os restos da placenta da mulher. Enfiaram inúmeros tufo de gaze na cavidade uterina para deter o profuso sangramento, sem sucesso. Se os médicos não pensassem logo em alguma coisa, sabiam que a mulher iria morrer ali nas mãos deles.

“Era o pior caso que eu já vira”, lembrou Ernst R. Friedrich, um médico-residente presente naquela noite. “Aplicamos várias transfusões de sangue. Havia o risco de que, se o sangue não coagulasse mais, ela sangrasse até morrer.”

Um chamado desesperado correu entre os membros docentes em serviço pela escola de medicina da Universidade de Washington, a prestigiosa instituição de ensino ligada ao hospital. Embora a convocação viesse tarde da noite em plena época de Natal, um dos

médicos mais competentes da escola logo apareceu, para alívio dos residentes. Bill Masters entrou apressado pela porta. “Ele já foi tirando as roupas pelo corredor, vestiu um avental que algumas enfermeiras foram lhe passando, e foi direto para a sala de operação”, Friedrich lembrou. “O doutor Masters entrou, viu qual era o problema, e já sabia o que fazer. Não discutiu, não protelou. Fez o que era preciso e nos tirou daquela encrenca.”

Após alguns momentos tensos, Masters salvou a vida da mulher usando o puro talento de seu bisturi, sua compreensão das complexidades do sistema reprodutor de uma mulher e seu jeito decidido, que nunca dava margem a dúvidas. Friedrich sentiu-se tão aliviado que pegou uma pequena câmera, que ele trouxera para tirar algumas fotos da festa de Natal, e capturou uma imagem dos médicos envolvidos naquela miraculosa intervenção. “Estava todo mundo encharcado de sangue”, ele lembrou. “As fotos mostravam alguns de nós totalmente ensanguentados.” As reputações médicas eram feitas de atos heroicos como esse, de desempenhos virtuosísticos de um cirurgião no auge de sua forma, e Masters ganhou o respeito de seus pares na escola de medicina e a gratidão dos médicos iniciantes.

Por volta de 1950, William Masters havia alcançado o necessário preparo prescrito por George Corner antes de começar a estudar a sexualidade humana. Nomeado professor-assistente de Ginecologia Obstetrícia da Universidade de Washington, Masters desfrutou de uma prodigiosa ascensão profissional numa das mais reconhecidas escolas de medicina no Meio-Oeste. Parecendo ter bem mais do que os seus trinta e cinco anos de idade, ele emergia como o segundo homem no comando do departamento, logo atrás do diretor, Willard Allen. Masters e sua esposa Libby mudaram-se para uma casa confortável em Clayton, e depois para uma casa maior em Ladue, um bairro rico de St. Louis, prevendo a ampliação da família. Ele construiu uma invejável clientela de pacientes ricos que o reverenciavam a cada gravidez, parto e nascimento bem-sucedidos. Entre seus pares, Masters criou credenciais impecáveis

como cirurgião, professor e especialista na emergente ciência da fertilidade.

Embora medisse um metro e noventa de altura, Bill preservava um vigor e uma boa compleição física, resultado de seus dias de jogador de futebol americano na faculdade, e costumava correr todos os dias antes do trabalho. Usava camisas bem engomadas, andava sempre de gravata borboleta e tinha um porte de gladiador. Aqueles seus olhos grandes e meio estrábicos pareciam meramente um indício de seu estudado distanciamento dos demais à sua volta. Nas aulas, não sorria com facilidade. Dava uma espécie de estalo com os lábios e curvava-os apertados para dentro, em direção aos dentes. “Quando você conseguia dele um sorriso ou uma risadinha, sentia como se estivesse sendo aceito, como se o seu pai lhe desse um tapinha na cabeça e dissesse, ‘Você é um bom garoto!’”, descreveu o doutor Mike Freiman, um colega da escola de medicina que trabalhou com Masters. Aquele adolescente do colegial, que antes parecia tão inseguro e se recusava a voltar para casa, havia saído do casulo. “Era um homem extremamente imponente, e todas as suas roupas eram sob medida”, lembrou o doutor Francis Riley, outro colega que trabalhou com ele na década de 1950. “Essa era a natureza de Masters. Ele costumava trocar seu avental branco duas vezes por dia e usava apenas esferográficas brancas. Nunca usou uma caneta de outra cor. Era um homem independente, não exatamente reservado, mas também não costumava falar muito.” Alguns achavam Masters pouco mais que um arrogante, embora ninguém tivesse a coragem de lhe dizer isso na cara. “Ele não só se achava melhor que os demais como médico, mas também como pessoa”, disse o doutor Eugene Renzi, outro ginecologista-obstetra residente durante a década de 1950. “Ele tinha um ego grande.” Renzi e Riley lembram de seu carro esporte preto de grande estilo, um MG conversível, no qual Masters se deslocava pelo campus. Quando chovia, Bill não se dava ao trabalho de erguer a capota e apenas colocava o encerado do carro em volta do peito, passando zunindo por eles, sem se importar com a chuva.

No final das tardes de sexta-feira, os professores e residentes do departamento de ginecologia e obstetrícia da Universidade de Washington se reuniam para discutir as técnicas cirúrgicas e a condução dos casos. Não se permitia a presença de enfermeiras ou estudantes de medicina nessas discussões abertas. Masters gostava de bagunçar essas reuniões fazendo o papel de advogado do diabo. “Ele ficava em pé e dizia, ‘Não, eu faria isso desse outro jeito’ só para provocar, para mostrar que nem sempre há apenas uma maneira certa de fazer determinada coisa em medicina”, disse Marvin Rennard, outro antigo residente. Masters desafiava a ortodoxia médica, de um modo que só um excelente médico seria capaz de fazer. “Se houvesse algum problema no Hospital Maternidade, o cara que a gente queria ver andando pelo corredor era o Bill Masters”, disse o antigo residente Robert Goell. “Ele tinha uma capacidade de avaliação superior, fazendo a ponte entre a velha guarda e o pessoal mais novo.”

Numa sexta-feira, os cortes de cesariana foram tema de um debate acirrado, particularmente quanto à razão de sua taxa ter se elevado de 3 para 6 por cento do total de casos durante um período de seis meses. Hoje, o procedimento de cesariana – remoção do bebê por uma incisão cirúrgica no abdome da mãe em vez de se correr os riscos de complicações pelo parto vaginal – é bem mais comum, e muitos hospitais têm uma taxa de 25 por cento ou ainda maior. Mas, no início da década de 1950, a maioria dos obstetras experientes confiava exclusivamente nos partos vaginais, não importando o tempo pelo qual se estendesse o sofrimento da mãe no trabalho de parto. Os membros veteranos do corpo docente, treinados durante a década de 1930 – quando a penicilina e os bancos de sangue ainda não haviam se desenvolvido, e quando a anestesia podia revelar-se desastrosa – aconselhavam seus jovens médicos a não se animarem muito com os procedimentos de bisturi da cesariana, em parte porque eles tampouco estavam acostumados com o procedimento. Durante uma discussão memorável, sobre a melhor maneira de lidar com partos distópicos, quando a agonia do parto podia se estender por mais de trinta e seis horas e parecer infindável, os médicos

expuseram como iriam “lidar” com uma mulher que estivesse suportando mais de um dia de trabalho de parto. Alguém por fim perguntou, “Doutor Masters, o que o senhor faria?”

Masters deu um sorriso irônico e uma resposta curta. “Não teria esse tipo de problema”, declarou ele sem rodeios, em voz alta. “Já teria aberto a mulher com o bisturi há muito tempo.”

Embora seu talento fosse admirado (ele parecia quase ambidestro com um bisturi), Masters não era “um da turma” após o expediente. Num meio docente predominantemente masculino, não era inclinado a sair para tomar uma cerveja ou entrar nos grupos de quatro pessoas que iam jogar golfe aos domingos de manhã. Ele parecia presente o tempo todo na maternidade do hospital, um pesquisador e um profissional incansável. Masters não tolerava bobagens, como muito bem podiam atestar outros médicos, enfermeiras e às vezes alguns pacientes. Se um paciente chegava mais de dez minutos atrasado a uma consulta, Masters recusava-se a atendê-lo. O paciente tinha que remarcar a consulta, e se chegasse atrasado uma segunda vez era barrado de vez. Como especialista na nova área de tratamento de fertilização, Masters insistia que as mulheres viessem à consulta junto com os maridos. “Ele era rígido em relação a isso”, lembrou o doutor Ira Gall, colega de Masters em meados da década de 1950.

Por trás de seu verniz rude, Masters podia ser muito acolhedor, especialmente com mulheres vulneráveis às indignidades da vida. Como médico novo em treinamento, Mike Freiman acompanhou Masters em suas rondas e entrou numa sala de exame onde eles faziam uma avaliação ginecológica de rotina numa senhora negra idosa. St. Louis ainda era uma cidade muito segregada na década de 1950, e o Hospital Maternidade tinha seu andar reservado a negros, onde as mulheres de cor e seus bebês eram tratados. Freiman lembra muito bem das aulas sobre exames. A mulher, pequena e magra, uma viúva com mais de oitenta anos, apesar da idade ainda mantinha indícios de juventude. Ela agarrava seu lenço

de renda enquanto os médicos faziam perguntas metodicamente a respeito da saúde dela. Quase ao final da consulta, Masters limpou a garganta, como fazia frequentemente nesse ponto, para fazer uma pergunta.

Masters começou, “Quando foi a última vez que a senhora teve uma relação?”

A idosa senhora, que permanecera olhando para o chão, de repente ergueu seus olhos e olhou fixo nos de Masters. Então soltou um sorriso leve, quase agradecido.

“Doutor Masters”, respondeu ela, “na minha idade, é difícil encontrar um bom amigo”.

Freiman ficou impressionado com a pungência desse diálogo. Para aqueles homens de avental branco lidando com os segredos mais íntimos da saúde de uma mulher, Masters mostrava que era imperativo agir de uma maneira profissional e ao mesmo tempo ser sensível às necessidades humanas e emocionais de cada paciente. “Isso foi muito valioso para mim”, lembrou Freiman. “Aprendi com ele, quando dizia, ‘Se você souber a maneira correta de fazer uma pergunta, pode perguntar sobre praticamente qualquer coisa’. Ao fazer aquela pergunta, ele reconheceu na mulher um ser sexual, que ainda tinha atrativos.”

Em meados da década de 1950, as constantes inovações de Masters na cirurgia de gineco-obstetrícia permitiram-lhe alcançar uma posição de destaque nessa área. Ele foi um dos primeiros no país a usar a anestesia caudal – aplicação de anestesia local ao canal caudal, situado na parte mais baixa da coluna vertebral, para aliviar a dor do parto. Isso evitava o risco de uma mulher grávida perder a consciência ao ser anestesiada com éter ou anestesia geral, que era a abordagem preferida para os casos complicados. Ele foi coautor, em 1953, de um artigo acadêmico sobre essa técnica, analisando mais de cinco mil partos durante um extenso período de tempo. Em 1955, Masters e Willard Allen escreveram no *American Journal of Obstetrics and Gynecology* sobre uma nova técnica de operação para ajudar milhares de mulheres que sofriam de dor pélvica relacionada a cicatrizes uterinas, geralmente decorrentes de gravidezes anteriores. Essa condição ficou

conhecida como síndrome de "Allen-Masters", ou apenas de Masters, conforme ele se tornou mais proeminente. Com sua mente tão inventiva e sua mão tão segura, Masters introduziu novas soluções cirúrgicas para as pacientes mais desesperançadas, como criar uma vagina artificial para sete mulheres que haviam nascido sem ela. Particularmente nesses casos, Masters percebeu o quanto a função sexual podia afetar a saúde mental de um paciente. O doutor Marvin Grody, um membro do corpo docente, lembrou-se de uma paciente com menos de vinte anos de idade que recebera uma vagina artificial de Masters quando o procedimento ainda era relativamente novo. Ela expressou sua profunda gratidão, como se tivesse recebido de presente uma nova vida. "A paciente não podia conceber filhos", lembrou Grody, "mas podia ao menos desfrutar de relações sexuais".

Willard Allen mostrou-se o patrono perfeito para a pesquisa de Masters sobre hormônios, fertilidade e vida sexual subjacente dos pacientes, com o campo adjunto da obstetrícia e da ginecologia sendo com frequência ignorado. "Nada disso teria acontecido sem Willard Allen – ele era o chefe", explicou o doutor John Barlow Martin, que também esteve como médico sob as ordens de Masters. "Ele e Bill Masters tinham um relacionamento muito próximo e isso foi o que fez Bill ser capaz de seguir adiante." Em nome da ciência, ele podia assumir uma posição de princípios. No Hospital Maternidade, Allen respeitava os desejos de qualquer mulher que, após o parto, decidisse ser esterilizada por uma ligadura de trompas (desde que ela achasse que fosse "suficiente" ter tido cinco ou mais filhos, que o seu marido concordasse e que sua contagem sanguínea indicasse um nível aceitável). Décadas mais tarde, a "ligadura de trompas" tornou-se lugar comum entre mulheres que quisessem evitar a gravidez. Mas na St. Louis dos anos 1950, essa política de Allen impressionou tanto a direção quanto os pacientes. "Isso causou uma revolução aqui, porque era uma comunidade católica e a universidade o apoiava", disse Martin. "Portanto, Allen estava acostumado a ser controvérsico." Inicialmente, Masters acompanhou Allen em sua pesquisa de terapia de reposição hormonal, testando em que medida a

devolução de estrógeno e progesterona ao sistema hormonal empobrecido de uma mulher idosa podia revitalizá-la e evitar dificuldades após a menopausa. Em suma, Masters teve seu nome em mais de quarenta artigos acadêmicos durante sua primeira década como membro docente em tempo integral da Universidade de Washington. Para Ira Gall, cujos dois filhos tiveram o parto feito por Allen, era impressionante que esses dois homens, com personalidades e temperamentos tão diferentes, pudessem ser amigos próximos e unidos numa meta comum. "Willard Allen era um cara afável e apenas algo muito grave conseguia tirá-lo do sério", disse Gall. "Bill Masters era uma pessoa muito capaz e as pacientes que conseguiam engravidar graças ao seu atendimento médico achavam-no um santo. Mas no contato pessoal, não era uma pessoa muito jovial nem muito tratável."

Em seu décimo ano na Universidade de Washington, por volta de 1953, Masters passou a se concentrar cada vez mais na fertilidade, ajudando casais a procriar. Ele introduziu o Programa de Pesquisa da Infertilidade no Hospital Maternidade e montou um dos primeiros bancos de esperma do país. Harvard, Columbia e um punhado de outros hospitais-escola espalhados pelo país tinham centros similares, mas nenhum deles era mais avançado que o da Universidade de Washington. Os talentos sofisticados de Masters eram vistos como coisa enviada pelos deuses por aqueles que tentavam desesperadamente conceber filhos. "Nós temos um filho graças a Bill Masters", disse Dodie Josephine Brodhead, que junto com seu marido John, tornaram-se amigos de Masters, principalmente por meio de sua esposa. "Nas famílias, era ou um banquete ou fome, e no nosso caso era fome. Ficamos tentando ter um filho durante oito anos. E então fomos até o Bill Masters, e graças à sua astúcia e compreensão do campo inteiro da esterilidade, eu engravidei e tivemos um filho. Na verdade, ele nasceu no dia do aniversário de Masters."

Dodie Brodhead tinha dificuldades para engravidar, e seu marido apresentava uma contagem baixa de esperma, talvez como

consequência, teorizava ela, das forças gravitacionais suportadas em seus dias como piloto de bombardeiro de mergulho, na Marinha. No Serviço de Infertilidade, a primeira sessão para casais como os Brodhead começava com uma lição rudimentar de sexo. “Foi surpreendente para mim ver como as pessoas conheciam pouco a respeito de engravidar”, lembrou Freiman, na época um colega que acompanhava Masters nessas sessões com casais. “Ele ajudava as mulheres a saberem quando estavam mais férteis e de que maneira os homens deviam se comportar.”

Naqueles tempos, os tratamentos de fertilidade carregavam certo estigma social. “Havia piadas machistas típicas a respeito disso”, lembrou Dodie Brodhead. “Uma delas era que todo mundo que ia até o Bill Masters para ser testado chegava com um saco de papel enfiado na cabeça.” Às vezes com pequenas chances, a maioria dos casais se submetia a fornecer detalhes sobre sua vida íntima, a fim de aumentar suas apostas e sua probabilidade de vencer a corrida e ganhar um bebê. Masters falava de maneira direta mas respeitosa, com conselhos práticos, mesmo depois que a pessoa conseguia ter o primeiro filho no Hospital Maternidade. “Agora, Dodie, não pense que você teve o primeiro filho porque tirou a sorte grande e por isso decida desistir de ter outro – tente de novo, imediatamente”, Masters sugeria isso por ter consciência da infertilidade secundária, que pode às vezes impedir as mulheres de ter outro filho após o primeiro. “Quando você está no modo gravidez, esta pode acontecer de novo, mais rápida, melhor.”

Rita Levis e seu marido Ed, dono de um banco de investimentos, procuraram Masters, preocupados com a possibilidade de ela ser estéril. “Que eu queria ter filhos, disso não havia dúvida”, Rita Levis lembrou. “Quando vimos que eu não conseguia engravidar, o doutor com o qual me tratava deu a sugestão [de procurar Masters] para mim. Ninguém falava sobre sexo naqueles dias.” Masters conseguiu uma consulta imediatamente e ofereceu um ambiente bem privado, de modo que Rita nunca viu outros pacientes saindo da consulta. “Acho que ele fazia isso para preservar a privacidade dos seus pacientes”, disse Rita. “As pessoas não queriam que ninguém soubesse que elas estavam enfrentando

problemas.” Rita sentiu-se muito grata a Masters. “Eu engravidei – isso é o que chamo de sucesso para alguém que lida com fertilidade”, declarou ela. “Ele fez o parto do bebê.” Se os casais não obtinham sucesso logo, então eles adotavam um certo número de métodos destinados a melhorar suas possibilidades, lembrou o doutor Elfred Lampe, outro assistente de Masters. Essa lista de “o-que-fazer” incluía instruções sobre como “pivotar” na posição papai e mamãe para aumentar a receptividade de uma provável mãe ao trajeto descendente dos espermatozoides. Engravidar envolvia muitas vezes manobras e contorções “que o casal normal jamais pensaria em fazer”, Lampe explicou, “como manipular os resíduos vaginais para otimizar o tempo em que a ovulação iria ocorrer e fazer o marido obter a amostra por meio de masturbação ou da coleta do sêmen numa camisinha”. Os maridos chegavam com seu esperma num pequeno envelope de papel, como se carregassem seu lanche para a escola. Como último recurso para mulheres casadas com homens inférteis, estudantes de medicina eram os doadores preferenciais do banco de sêmen, que tinha grande taxa de sucesso. “A gente dizia às pessoas que nosso banco de esperma era alimentado pelo corpo de estudantes da escola de medicina da Universidade de Washington e que a gente tentaria fazer combinar a cor do cabelo e dos olhos e o histórico básico, mas que iríamos permitir que o reitor da escola de medicina fizesse uma seleção em função de inteligência – o que incluía um pouco de vaidade”, lembrou o doutor Thomas Gilpatrick, outro residente que trabalhou com Masters. “Com a inseminação de nossos doadores, a nossa taxa de sucesso ficava na faixa dos noventa por cento.”

Conforme os sucessos de Masters foram sendo divulgados no boca a boca, começaram a chegar pacientes do país inteiro à procura do especialista em reprodução e, às vezes, também gente do exterior. Numa consulta em meados da década de 1950, Dodie Brodhead lembrou que estava aguardando na sala de exames quando finalmente Masters apareceu agitada, desculpando-se.

Dodie, amiga de Libby Masters, perguntou o porquê daquilo. “Acabei de examinar uma mulher lindíssima aqui e tive que lhe dizer que ela é estéril e que nunca poderá ter filhos”, Masters confidenciou. Não havia o que fazer, ele explicou, expressando grande frustração. Ele contou que o marido daquela mulher faria qualquer loucura para ter um filho. Então, após uma pausa, acrescentou: “É especialmente triste quando a mulher é esposa do xá do Irã e tem obrigação de produzir um herdeiro.”

Embora pareça um pouco irreal, Brodhead nunca esqueceu esse relato de Masters. Alguns meses mais tarde, ela leu nos jornais sobre o triste destino da princesa Soraya Esfandiari Bakhtiari, a esposa do xá do Irã, exatamente do jeito que Masters lhe explicara. Na década de 1950, Soraya foi a obsessão dos paparazzi na Europa, uma mulher de beleza legendária que ocupava as páginas dos tabloides, do mesmo modo que gerações posteriores iriam ficar obcecadas com a princesa Diana da Grã-Bretanha. Em 1951, ela se casou com Mohammed Reza Pahlevi, o último xá do Irã, e passou a fazer parte do mundo do Trono do Pavão em Teerã. Implícito nesse acordo estava o compromisso de Soraya de gerar um filho. A partir do momento em que o xá conheceu Soraya, porém, os dois pareceram apaixonados de fato. A primeira esposa do xá havia sido uma princesa egípcia, um casamento sem amor, arranjado por suas famílias, que produziu uma filha, mas nenhum herdeiro homem. Em pouco tempo, a dificuldade de Soraya em engravidar ficou clara. Políticos e líderes religiosos do Irã pressionaram o xá para que tivesse um filho homem, capaz de algum dia liderar a nação e manter a estabilidade política. Essa urgência ficou ainda maior após uma tentativa fracassada de assassinato sofrida pelo xá, um monarca pró-Estados Unidos instalado no poder após um golpe de estado patrocinado pela CIA.

Numa viagem aos Estados Unidos, a esposa do xá visitou altos especialistas em fertilidade, esperando obter uma solução. Um dos médicos sugeriu uma cirurgia ainda não experimentada, talvez com risco de morte e com remota possibilidade de sucesso, que acabou sendo rejeitada. Masters não ofereceu nenhuma cura milagrosa. Quando examinou os raios X das trompas de Falópio de Soraya,

logo percebeu que não havia esperança. Em 1958, o xá se divorciou desse seu amor verdadeiro, acreditando que isso iria salvar o trono. Soraya, estéril mas rica, passou o resto de seus dias com o título de princesa, como eterna viajante, vivendo nos melhores hotéis da Europa. Anos mais tarde, antes que o xá fosse deposto pelo aiatolá Khomeini e sua revolução islâmica, seus médicos iriam encontrar-se de novo com Masters para um treinamento adicional.

Embora poucos amigos soubessem dessa sua consulta, fruto da obsessão do xá do Irã por um herdeiro, ninguém ficou mais impressionada do que Dodie Brodhead, que se surpreendeu quando Masters mais tarde mencionou que estava mudando o foco de sua pesquisa. Numa festa cheia de gente na casa de um vizinho, eles conversavam sobre sua bem-sucedida clínica de fertilização, as preocupações dos candidatos a pais e os aspectos fascinantes de trazer uma criança ao mundo por meios artificiais. Então, à certa altura, Masters confidenciou que a meta pretendida por ele, como continuação lógica, era o estudo do próprio sexo.

“Mas vêm pessoas do mundo todo à sua procura... por que você vai passar para algo tão controvertido?”, perguntou Dodie, um pouco perplexa.

“Bem, quase tudo o que precisava ser conhecido, ou que podia ser conhecido, já o foi, e eu quero fazer uma descoberta”, disse Masters com franqueza. “Quero colocar meu nome na história.”

Dodie olhou para ele impressionada.

“Uau, você tem um ego e tanto, Bill!”, disse ela.

Os dois riram da audácia dele. Mas foi algo que ela iria lembrar sempre.

A boa esposa

A maior das maldições é a da esterilidade, e a mais severa das condenações deveria ser aquela imposta à esterilidade intencional. A coisa mais essencial em qualquer civilização é que o homem e a mulher sejam pai e mãe de crianças saudáveis, para que a raça possa aumentar em vez de decrescer.

THEODORE ROOSEVELT

Marge Foster ficou feliz quando os Masters se mudaram e passaram a ser seus vizinhos. Ela conhecia Betty desde os primeiros dias dos dois em Michigan e havia um vínculo de parentesco. Marge era a cunhada da irmã mais velha de Betty, Marjorie. Seus maridos eram irmãos, Torrey e Townsend Foster. Ela via Betty como uma amiga de longa data e a maravilhosa esposa de Bill, um respeitado médico da universidade. Betty e Bill tinham tudo na vida, exceto filhos. A casa de dois andares, em tijolo aparente, estilo colonial holandês, no número 34 da Oakleigh Lane, em Ladue, Missouri, seria o local ideal para criar uma família, achavam todos.

Quando os Masters vieram para St. Louis, Marge havia ajudado os dois a encontrar um apartamento perto da universidade e do

Hospital Maternidade. E quando a casa vizinha vagou no bairro de Ladue, onde Marge morava – um dos bairros mais ricos e prestigiosos de St. Louis –, ela deu a dica a Betty e Bill, que imediatamente depositaram uma quantia para comprá-la. “Nós fomos vizinhos dos Masters durante anos, por isso éramos bem próximos”, lembrou Marge. “Ela tentou fazer tudo o que estava a seu alcance para fazê-lo feliz.” Segundo Torrey Foster, o impressionável filho adolescente de Marge, na casa dos Masters não havia um fio de cabelo, uma folha de grama ou uma palavra que parecesse fora de lugar. “Como acontecia com muitas mulheres da geração dela, acho que ela via seu papel apenas como o de uma pessoa caseira, que dava apoio à família e deixava Bill fazer seu trabalho profissional”, lembrou Torrey, que tinha o mesmo nome do pai. “Ser uma boa esposa significava muito para Betty.”

Os Masters davam a impressão de serem nobres, provenientes de uma classe mais elevada das camadas sociais. Essa ideia foi perpetuada pelos amigos ricos de Betty da Igreja Episcopal de St. Peter, em Ladue, e por aqueles que conheciam Bill como membro republicano de carteirinha do clube de *squash*, e costumavam vê-lo em algumas manhãs com uma raquete na mão. “Eu a despreveria como mulher refinada, de boa aparência, que não era lá muito amistosa, mas comportava-se com educação”, disse o doutor Francis Riley, que conhecera um bom número de membros da elite cultural e social em seus dias de Harvard. “Libby era muito bem relacionada socialmente”, insistiu o doutor John Barlow Martin, que se formara numa escola particular de St. Louis. Os pacientes de Bill pareciam todos da elite – mulheres ricas de St. Louis, que escolhiam Bill, por seu jeito divertido, sua gravata borboleta, como seu ginecologista-obstetra. Phyllis Schlafly, a empertigada arquiconservadora, confiou em seus serviços, aparentemente sem ficar muito satisfeita. “Não tenho nada de bom para dizer a respeito dele”, ela lembrou. A maioria das mulheres, porém, gostava do jeito sensato de Bill, de sua maneira direta, que lhes dava a sensação, tanto na mesa de ginecologia quanto na conversa posterior, de que haviam se consultado com o melhor médico da cidade. Entre os amigos e conhecidos de sua esposa, nos clubes de

campo, nas escolas secundárias, a partir do boca a boca no circuito social da classe alta, Bill construiu uma clientela suficiente para poder mais tarde delegar pacientes ao seu colega mais novo, doutor Martin. Depois de alguns meses, Martin consultou Bill sobre uma questão a respeito da qual aquelas pacientes sempre procuravam aconselhamento – sexo.

“Bill, você me indicou a todas essas senhoras importantes da sociedade – e todas elas são infelizes em seus casamentos”, disse Martin, ao mesmo tempo frustrado e perplexo.

Masters sorriu como se os dois ainda estivessem numa sala de aula, como professor e aluno. “Você tem que lhes dizer simplesmente: ‘Eu sinto muito que você não esteja sendo feliz em seu casamento. Você tem três opções – pode continuar do jeito que está, divorciar-se ou ter um caso. Obrigado por vir. Por favor, pague a consulta para a moça da recepção ao sair’”, explicou ele.

Martin adotou esse mantra de Masters, seu mentor, como um evangelho.

Quando eles chegaram a St. Louis, Elisabeth Masters passou a trabalhar como secretária do doutor Otto Schwartz, um velho médico que havia sido diretor do departamento de ginecologia e obstetrícia da Universidade de Washington antes de Willard Allen. O emprego de Libby deu-lhe um vislumbre da vida de seu marido no hospital, um conhecimento a partir de dentro sobre quais eram os membros docentes mais influentes. Em poucos anos, “Libby sentiu que era hora de ter uma família”, Bill lembrou. Durante as férias, Libby Masters desempenhou o papel de anfitriã charmosa em alegres e requintadas festas em sua casa. Eles convidaram os vizinhos, amigos e colegas da escola de medicina, incluindo os que trabalhavam sob as ordens de Bill. “Naquela época, tinha-se a impressão de um casamento feliz”, lembrou o doutor Marvin Grody, um colega no Programa de Pesquisa da Infertilidade. “Eles queriam muito ter filhos, dois filhos. Eram muito simpáticos à ideia de montar uma família.”

Havia apenas um problema: o casal Masters não conseguia engravidar. Como a maioria das pessoas que têm problemas de fertilidade, eles preferiram não comentar nada, pelo menos não

com os demais. Quando Addison Wardell, seu velho amigo do Hamilton College, fez-lhes uma visita curta depois que eles chegaram a St. Louis, a ideia de iniciar uma família já estava no ar. “Eles não tinham filhos, e a mente de Bill começou a trabalhar para tentar descobrir o porquê, qual seria o problema”, lembrou Wardell, para quem o interesse de Bill pela fertilidade derivava em parte de sua preocupação doméstica. “Eu meio que concluí, a partir do que Betty disse, que eles consideravam isso um problema e estavam tentando resolvê-lo.” Wardell não buscou mais a fundo para descobrir a fonte de seu problema de fertilidade.

Posteriormente, o doutor Masters não mencionou mais seu histórico pessoal com problemas de fertilidade. Mesmo quando o assunto vinha à tona e ele expressava suas opiniões profissionalmente, nunca deu qualquer pista sobre sua luta com problemas para engravidar dentro do próprio casamento. Para Virginia Johnson, no entanto, Bill foi além, com uma versão fundamentalmente enganosa. Ele sugeriu que o sistema reprodutor de Libby era falho. Bill contou a Virginia que um “fator letal” acidífero no interior da vagina de Libby matava seu esperma, e que foi graças ao seu conhecimento científico que os Masters acabaram conseguindo seus dois filhos. A filha, Sarah Masters, que eles costumavam chamar de Sali, nasceu em 1950, e o filho, William Howell Masters Jr., “Howie”, nasceu no ano seguinte. “Eles tiveram dois filhos – com uma diferença de treze meses – e isso foi cortesia do trabalho de Bill com infertilidade”, relatou Virginia. “Foi provavelmente por isso que ele se dedicou ao estudo da fertilidade, porque ela não conseguia engravidar.” Bill desenvolveu uma técnica de “encapsulamento” – foi um dos primeiros médicos a usar essa abordagem. Seu esperma era recolhido numa “cápsula” de plástico e depois inserida na vagina de Libby até o colo do útero, permitindo que a semente de Bill fosse plantada em segurança nas trompas de Falópio dela. “Ele foi um dos pioneiros dessa técnica”, disse Johnson, referindo-se ao encapsulamento. “Não que ela não fosse fértil ou que o esperma dele não fosse perfeitamente ativo e bom. O problema era o ambiente vaginal.” Essa versão heroica sobre a gênese dos dois filhos dos Masters, uma história que Bill

confidenciou a Virginia, encaixava muito bem com sua reputação de inovador e especialista em fertilidade. De algum modo, Bill foi bem-sucedido com Libby, que, segundo ele sugeria, não poderia ter filhos sem o artifício que ele concebera.

Na verdade, porém, o problema não era com Libby, mas com o próprio Bill. “Elisabeth tinha dificuldades para engravidar e Bill Masters era o responsável pela infertilidade dela, porque tinha oligospermia, uma baixa contagem de esperma”, lembrou o doutor Grody, coautor com Bill de um estudo médico sobre a “cápsula cervical” para o tratamento da infertilidade masculina. Bill identificou o potencial para curar seus próprios problemas de infertilidade ao ouvir falar de um estudo anterior que usava a cápsula cervical e lançou um experimento. O estudo dos dois incluiu Betty e Bill entre as cobaias humanas. “Bill me contou que tinha uma contagem baixa de esperma e que era por isso que usava a cápsula”, explicou Grody, que preparou a maior parte dos detalhes citados em seu artigo de maio de 1952, publicado no *Journal of the American Medical Association*. Nessa publicação, as duas gravidezes de Elisabeth Masters foram citadas, apenas com as iniciais “E.M.”, junto com as outras ocorrências numa tabela onde apareciam também apenas as iniciais dos pacientes. O estudo destacava as remotas possibilidades que Bill teria de se tornar pai naturalmente naquela época. Apontava a contagem de esperma de sessenta milhões por centímetro cúbico como “o limite arbitrário mais baixo da faixa normal”. Os outros treze maridos mencionados no estudo tinham uma contagem média de esperma de trinta e seis milhões/cm³. Mas Bill Masters – o marido de “E.M.” – tinha uma contagem de esperma de apenas cinco milhões/cm³, a mais baixa do estudo.

Admitir uma contagem baixa de esperma talvez fosse impossível, pois representaria uma admissão de fragilidade enquanto macho, uma fissura numa armadura de masculinidade cuidadosamente estruturada. Homens como Bill Masters, o antigo jogador de futebol americano da faculdade que acordava bem cedo

toda manhã para correr algumas voltas ao redor do lago Oakleigh antes de ir para o trabalho, não podiam ser considerados reservatórios imperfeitos de potência. Talvez Bill achasse que, se sua própria infertilidade masculina chegasse ao conhecimento das pessoas, isso afetaria seu status na clínica de infertilidade da universidade. Na atmosfera política e sexualmente repressiva da década de 1950, a meta eufemística da clínica, de “fazer bebês” num laboratório, ainda envolvia manter em segredo os detalhes sexuais específicos, socialmente proibidos. Com exceção dessa menção obrigatória a Grody, Bill decidiu não revelar nada ou então fabricar uma variação da verdade. “Não tinha nada a ver com baixa contagem de esperma, muito pelo contrário”, Virginia insistiu quando lhe foi relatado o estudo, onde o marido de “E.M.” era citado como tendo uma contagem deficiente de esperma. “Acredite em mim, era muito difícil não ficar grávida dele!”

Seguro dos fatos, Grody só conseguiu dar risadas anos mais tarde ao saber dos diferentes relatos deixados por seu velho amigo. “Isso deve ter sido o que ele disse a Virginia, mas está errado”, disse Grody em relação à afirmação de que Libby era a razão pela qual os Masters haviam demorado anos para ter filhos. “Tudo o que eu sei é o que Bill me contou, que ele recorria a isso [a cápsula cervical] e que ele obteve sucesso.” Na realidade, Grody ajudou no parto de um dos filhos dos Masters.

Libby Masters, esperançosa de se tornar mãe, confiava cegamente na avaliação do marido. “A única coisa que eu sei ao certo é que eles tiveram problemas para engravidar”, explicou seu filho, Howie. Masters nunca discutiu sexo com o filho, exceto uma vez em que Howie, perto dos treze anos, procurou o conselho prático do pai a respeito de uma questão. “A única coisa de que eu me lembro de ele ter conversado comigo sobre sexualidade foi quando eu já era casado e tive problemas para engravidar minha mulher”, explicou Howie. “Ele finalmente disse: ‘Santo Cristo, faça o A, B, C, D, e coloque tudo para fora, se você quer ter uma chance melhor de conceber.’” Para conceber, Libby e Bill, assim como

outros casais ansiosos para ter um filho, submetiam-se às pequenas humilhações e aos métodos tipo receita de bolo da inseminação artificial, como eram então praticados na medicina americana. No programa de infertilidade da escola de medicina, cada casal era “simplesmente exposto a uma discussão a respeito de *quando, com que frequência, e como* praticar o intercurso a fim de ter as melhores chances de conceber”, Masters relatou em suas memórias, com ênfase especial. Por exemplo, Masters aconselhava os casais, de modo bastante contrário ao que seria intuitivo, que eles não deveriam ter intercurso a toda hora durante o período fértil da mulher. Em vez disso, sugeria “um cronograma coordenado de coito”, com intervalos de 36 horas aproximadamente – em geral na décima-segunda noite, décima-quarta manhã e décima-quinta noite do período normal de vinte e oito dias do ciclo menstrual da mulher. “Com frequência, o macho leva de trinta a quarenta horas para fazer sua contagem de esperma voltar ao seu nível normal, seja ele qual for”, ele aconselhava. Como especialista em fertilidade, Masters orientava a mulher a começar relaxando de costas, com um travesseiro bem debaixo do quadril. Durante o intercurso, conforme o macho fosse se aproximando do “estágio da inevitabilidade da ejaculação”, Masters sugeria uma conclusão abrupta e definitiva. “O homem deve fazer a penetração vaginal da maneira mais profunda possível, interromper o movimento do coito, manter o pênis bem enterrado na vagina, ejacular e depois retirá-lo imediatamente”, Masters instruía. Nada de ociosidades nessa hora, nada de esperar por um momento mágico. Nesse cenário, o sexo mais parecia a rápida incisão final de uma luta de espadas ou o ato de encher um pneu com uma bomba de ar, e não uma expressão amorosa. O fluido seminal não devia ser desperdiçado, advertia Masters. Após essa confluência de dois corpos, a fêmea devia dobrar seus joelhos e deixá-los descansando em cima do seu peito por cerca de uma hora, a fim de que nada da preciosa emissão pudesse escapar de volta pelo canal vaginal. Essas indicações podiam fazer uma grande diferença, sugeria ele, ajudando a criar o milagre da vida, não importa o quanto os conselhos pudessem

parecer incomodamente prosaicos ou aviltantes para os participantes.

Na clínica de infertilidade, sua pequena conversa sobre sexo operava maravilhas. Com a mera exposição do básico, um em cada oito casos resultava numa gravidez no prazo de três meses. Masters gostava de narrar aos colegas a história de um casal, ambos professores de colegial, que achavam que podiam engravidar dormindo juntos no mais literal dos sentidos. O marido queixava-se de “acrobacias associadas ao sexo”, mas tanto ele quanto a esposa seguiram fielmente as instruções de Masters, o que resultou na gravidez já no segundo mês das tentativas. “Eu entendo que é quase impossível acreditar numa história como essa”, Masters escreveu mais tarde. “E certamente foi o que senti no início, até que passei a conhecer melhor esse casal.”

O caso de Masters era mais complicado, e mais desesperado, do que o da maioria. Uma nota de rodapé no artigo do *JAMA* descrevia “E.M.” e seu marido como “um casal que havia sido intensamente tratado, com um problema de esterilidade que já durava sete anos, de acentuada oligospermia, e que conseguira a concepção duas vezes por encapsulamento”. Seu extraordinário sucesso, no entanto, obscurecia os obstáculos que os dois haviam enfrentado por longo tempo. Como na maioria das pesquisas sobre esterilidade, esse estudo concluía que as possibilidades de engravidar eram “inversamente proporcionais” à extensão de tempo despendido esperando que isso acontecesse. De catorze casais que suportaram mais de três anos de esterilidade, apenas cinco acabaram concebendo. Antes de serem admitidos no programa, eles haviam passado por pelo menos um ano de terapia com outro médico para tratar do problema e seguiram a orientação da clínica de infertilidade por seis a doze meses antes de tentar a cápsula cervical. De maneira bem técnica, o artigo descrevia a corrida de obstáculos que casais como os Masters enfrentavam na cama a cada tentativa de engravidar. Para começar, a cada ovulação de Betty era preciso checar a temperatura retal e o muco vaginal para definir o melhor momento. Com antecedência, Bill, como outros homens no estudo, estava em um “período prévio de

abstinência de três a cinco dias”, como descrevia o artigo, masturbando-se “diretamente num tubinho de vidro, limpo, de boca larga”. Em vinte minutos, seu sêmen estava colocado numa cápsula, pronto para ser introduzido. Enquanto isso, Betty seguia a rotina de outras mulheres do estudo “realizando a ducha com uma solução neutralizadora especialmente preparada, que mostrara ser muito favorável à sobrevivência do esperma”.

Com uma luva de borracha limpa, as carnosas dobras dos lábios vulvares de Betty eram afastadas para os lados, o suficiente para que a cápsula preenchida com a ejaculação fosse introduzida. Então começava a parte mais complicada. Ainda usando a luva, o médico – ou, nesse caso, presumivelmente Masters – introduzia dois dedos na parede traseira da vagina, equilibrando a cápsula aberta na horizontal para evitar que se derramasse antes da hora. Quando os dois dedos alcançavam a cérvix, a cápsula era devidamente acomodada no lugar. A partir daí, o sinuoso esperma corria em direção ao óvulo maduro à sua espera, do jeito que a natureza pretendia. Nem todos os úteros e vaginas eram similares, como o estudo reconhecia, o que abria caminho para um Plano B ainda mais elaborado, quando necessário. Nesse cenário alternativo, uma cápsula limpa e vazia era introduzida primeiro e mantida contra a abertura cervical. Então a cápsula era preenchida com sêmen extraído de uma seringa de 20ml, com uma agulha curva para evitar perfurar a cérvix. Depois que a cápsula era preenchida, o jogo de espera começava. Todas as candidatas a mãe tinham que manter essas cápsulas no lugar por no mínimo oito horas e removê-las geralmente depois de dezesseis horas. Alguns casais repetiam esse procedimento até sete vezes antes de obter sucesso. A maioria das “falhas individuais” – como o estudo identificava esse lote desafortunado – passava por essa provação mais de dez vezes, e houve um casal que repetiu isso dezenove vezes ao longo de dois anos, sem conseguir conceber.

Os Masters tiveram sorte, estatisticamente falando. Eles precisaram repetir o procedimento de inseminação apenas duas vezes para gerar seu primeiro filho, e uma vez só com o segundo. Eles eram um dos quatro casais que tinham um marido médico,

instruído a usar a cápsula em casa em vez de ter que ir até a clínica do hospital. “Todas as quatro esposas, não mais sujeitas ao procedimento de ficarem confinadas num ambiente profissional, sob a supervisão de pessoas que não fossem seus maridos, ficaram grávidas prontamente”, o estudo assinalou. Outro casal, que saiu de férias, também relaxou o suficiente para conseguir a gravidez. Com um olhar voltado para o futuro, o estudo de Masters sugeriu uma ligação entre a fertilidade e a reação sexual feminina. Algumas mulheres que enfrentaram esse procedimento da cápsula repetidas vezes, geralmente sem sorte, desenvolveram vaginismo – um reflexo condicionado do músculo pubococcígeo, que impede a penetração vaginal, mesmo com algo aparentemente inócuo como um tampão absorvente. “Recentemente tem sido dada muita atenção aos aspectos psíquicos da esterilidade, e com certeza as circunstâncias não usuais dos procedimentos de inseminação, quando comparadas às do coito corriqueiro, podem dar origem ou intensificar reações emocionais incomuns, que, por sua vez, podem tornar-se manifestas organicamente por espasmos musculares e congestões vasculares localizadas”, explicou Masters no artigo. Pode-se muito bem imaginar como uma atmosfera clínica tensa como essa para uma mulher ansiosa para engravidar, com um marido buscando resultados e um médico do sexo masculino com uma luva de borracha na mão podia comprometer sua receptividade.

Masters demonstrou mais compaixão em relação aos seus pacientes do que nunca, compreendendo por experiência própria seu desespero em conseguir um bebê. Ele não oferecia nenhuma solução que já não tivessem tentado em casa com Libby. As conexões intrínsecas entre mente e corpo, entre fertilidade e hábitos sexuais, eram todas parte desses esforços, ele admitia. Num trabalho acadêmico anterior, de 1952, sobre infertilidade, escrito em parceria com Grody, Masters explicou de que maneira fazer um cuidadoso questionário a um casal “que ficasse muito embaraçado ou inibido em revelar voluntariamente” seus hábitos sexuais podia afetar imensamente os resultados. Particularmente no caso de casais inférteis que tivessem insistido com tratamentos

caros mas ineficazes no passado, ele advertia, “a entrevista inicial deveria instilar no casal um sentimento de entusiasmo”. Como médico dedicado à fertilidade, Masters concebeu um plano para entrevistar cada casal com os dois juntos e também em separado, para maximizar a sua compreensão, um formato que ele mais tarde refinou como pesquisador do sexo. “Quando se trabalha com infertilidade, isso tem muito a ver com a questão do sexo, era o que nos ensinava Masters”, lembrou o doutor Riley, outro de seus jovens colegas médicos na clínica que lidaram com cerca de 100 pacientes de infertilidade. “Você precisava considerar muitas coisas ligadas ao comportamento sexual desses casais.”

Como sempre, Libby Masters dava conta de seus deveres de esposa, consentindo em adotar praticamente quaisquer meios que seu marido inventasse para engravidá-la com seu esperma imperfeito. Ela concordou com cápsulas de plástico, soluções especiais, luvas de borracha e deitar de costas durante horas com seus joelhos erguidos, para que o casal pudesse começar uma família. Como sujeito de uma pesquisa, ela concordou até em ter suas experiências e o parto de seus filhos citados por iniciais nos artigos médicos dele, para dar impulso à sua carreira. No entanto, depois que os dois filhos dos Masters nasceram – fruto de sua longa odisséia pelo deserto da infertilidade –, Libby decidiu que para ela já bastava de medicina. Saiu do emprego de secretária do doutor Otto Schwartz na universidade e também comunicou a Bill que não teria condições de ajudá-lo em sua pesquisa conforme esta mudava cada vez mais dos hormônios e da fertilidade para o terreno largamente inexplorado da sexualidade humana. “Ele ofereceu a ela essa oportunidade e ela rejeitou, pois achava que sua obrigação era com a casa e as crianças”, lembrou Townsend Foster Jr., sobrinho dela. A decisão refletia bem a personalidade de Libby Masters como pessoa caseira, seu desejo profundo de criar uma vida familiar depois de tanto sofrimento e tumulto em sua adolescência. “No fundo do seu coração, ela queria se tornar um apoio em todas as formas possíveis, mas não iria mais dar uma

contribuição significativa para o trabalho dele”, explicou seu filho, Howie. “Ela estava mais interessada em ser uma esposa realmente incrível, que desse total apoio a um homem que perseguia uma profissão médica bastante controversa. E sabendo perfeitamente bem, à medida que ambos conversavam a respeito disso, que a coisa toda poderia facilmente ir pelos ares.”

Liberdade acadêmica

*Somente por meio da verdade o homem pode construir algo sólido.
Como diz o lema da universidade, "Per veritatem vis".*

ETHAN A. H. SHEPLEY

Durante a era de McCarthy, a defesa da liberdade acadêmica empreendida por Ethan A. H. Shepley nunca foi questionada. Republicano que mais tarde concorreu a governador do Missouri, Shepley nunca se deu bem com o choro anticomunista do senador Joe McCarthy, do Wisconsin, nem insistia em ter juras de lealdade dos professores da sua universidade. Amava demais a Universidade de Washington, sua *alma mater*, para fazer qualquer coisa que não fosse incentivar o melhor em termos de aspirações intelectuais. Em 1954, Shepley assumiu o cargo de chanceler da universidade, depois de ter entrado para a comissão da instituição destinada a escolher um novo líder e ver essa comissão elegendo-o para o cargo. Shepley era uma figura alta, de ombros largos, queixo quadrado, testa alta e inclinada, que se erguia sobre seus óculos com armação curva e preta como um *iceberg*. "Uma das coisas de que ele gostava do seu cargo era que lhe permitia incentivar a liberdade acadêmica e a pesquisa", lembrou sua nora, Peggy Shepley. "Portanto, ele era o pano de fundo perfeito para Bill Masters."

Masters tinha quase quarenta anos de idade, e era professor da escola de medicina da Universidade de Washington havia dez anos. Seu trabalho com hormônios e infertilidade demonstrara ser de alto

nível, o talento como cirurgião era incontestável, e a reputação acadêmica na área da ginecologia e obstetrícia comparável apenas à de Willard Allen, o chefe do departamento. Com Shepley como chanceler, Masters compreendeu que era o momento certo de propor um estudo extensivo sobre a fisiologia da reação sexual humana. Na Universidade de Indiana, Alfred Kinsey havia publicado um livro em 1948 sobre o comportamento masculino e um segundo sobre a fêmea humana em 1953. A proposta de Masters parecia seguir essa mesma linha, aproveitando a ampla divulgação da pesquisa de Kinsey. “Se ele não tivesse originalmente colocado o pé na porta evitando seu fechamento, nunca haveríamos tido permissão de trabalhar, quanto a isso não há a menor dúvida”, disse Masters mais tarde, referindo-se a Kinsey. “Obviamente, havia um precedente.”

Ao contrário de Kinsey, que coletou dezoito mil histórias pessoais a partir de um questionário tipo Gallup a respeito de comportamentos e atitudes sexuais, Masters propôs observar diretamente o funcionamento do corpo durante o sexo – rastreando com minúcia cada pulsação, respiração, estocada e estremecimento. Estudar homens e mulheres na carne iria oferecer uma compreensão muito mais definitiva da sexualidade humana do que o processo notoriamente inexato e com frequência enganoso de uma pesquisa de opinião. De suas inumeráveis entrevistas com casais inférteis, Masters sabia que as pessoas nem sempre contam a verdade sobre o sexo – longe disso. Mentiras, meias-verdades, ilusões, pensamentos deturpados pelo desejo de que as coisas sejam de determinado modo, lembranças falhas e omissões significativas, tudo isso era parte dos relatos dos pacientes sobre sua vida sexual. Como todo cientista sabe, a informação mais valiosa – a única em que se pode realmente confiar – é a observação clínica, a prova documental de cada asserção. Desde seus primeiros dias juntos, Allen sabia da intenção de Masters de se concentrar na reação sexual feminina. Masters fez referências a isso em centenas de casos de gravidez e fertilidade, e em pequenas notas de rodapé em estudos médicos. Como ginecologistas-obstetras, Allen e Masters viam a sexualidade

feminina como o suporte anatômico de sua especialidade, uma realidade com a qual todos os médicos tinham que lidar, mas que se recusavam a investigar. Tradição, tabus e a própria legislação penal impediam esse estudo. Allen o advertiu das possíveis consequências.

“Já que você está determinado a fazer esse tipo de pesquisa, eu não vou me colocar como obstáculo, mas preciso lhe dizer que isso me deixa extremamente preocupado”, alertou Allen, um homem bondoso que não era dado a ameaças vãs. “Nós dois sabemos que você pode estar cometendo um suicídio profissional ao realizar esse trabalho.” O diretor da escola de medicina, Ed Dempsey, também expressou preocupações a Masters sobre a ética profissional e a política interna, que poderiam comprometer seus esforços. Mas tanto Allen quanto Dempsey concordaram em encaminhar sua proposta para o nível seguinte. Depois de ouvir o resumo de Masters, o chanceler Shepley concordou em levar o projeto aos curadores. “Eu lhe darei algum retorno quando tiver algo a lhe dizer”, prometeu Shepley.

Passaram-se vários meses antes que Masters tivesse alguma resposta.

O chanceler Shepley, um inteligente advogado bem familiarizado com os modos conservadores de sua nativa St. Louis, não forneceu muitos detalhes ao seu comitê de curadores. Ele sabia que o estudo da sexualidade humana de Masters iria dar ensejo a uma abordagem bem diferente daquela de Kinsey – merecedora da liberdade intelectual que a escola de medicina podia oferecer. Mas essa abordagem também envolvia um risco maior, de haver uma reação pública de escárnio e possíveis ações legais. Shepley contou-lhes apenas o que era necessário e que Bill Masters merecia o seu apoio. Os diretores da Universidade de Washington “ficaram apavorados... mas se soubessem o que estávamos planejando fazer teriam ficado ainda mais”, Masters lembrou. “Eles acharam que seria mais do mesmo, mas não estávamos com intenção de jogar o mesmo jogo de Kinsey.”

Em 26 de junho de 1954, Masters recebeu uma carta de Shepley dizendo-lhe para vir encontrar-se com ele quando possível. Após

uma espera tão longa, ele supôs o pior.

“Bill, nós conseguimos dobrá-los”, Shepley anunciou assim que Masters entrou pela porta da sala do chanceler. “Eu estou achando ótimo. Mas devo dizer-lhe que fiquei um pouco surpreso em vê-lo conseguir a permissão.”

Masters sentiu-se nas nuvens. Agora teria a oportunidade da sua vida de finalmente fazer uma coisa para a qual trabalhara e se preparara a sua carreira inteira. No entanto, sua felicidade durou pouco. Shepley contou que o voto do conselho não havia sido unânime. Ele explicou que os curadores estavam inseguros, com receio de perder contribuições vitais de ex-alunos se as notícias sobre o estudo de Masters sobre sexo vazassem. Masters teria, então, que encontrar sua própria fonte de financiamento e manter o programa secreto. Mais importante, embora tivesse dado aos curadores apenas um esboço geral da intenção de Masters, Shepley o fez prometer que iria mantê-lo informado regularmente de suas futuras ações. “Desnecessário dizer, essa era uma cláusula adicional que eu tinha o maior prazer em aceitar e disse isso”, Masters recordaria mais tarde. “Acima de tudo, eu queria poder usar as boas relações do chanceler e seu julgamento maduro sempre que tivesse algum problema.”

Seis semanas mais tarde, Masters reportou-se ao chanceler. Durante esse período, em agosto de 1954, Alfred Kinsey morreu de infarto. O caminho parecia desimpedido para que Masters se tornasse o novo pioneiro na pesquisa sobre sexo. Quando Masters entrou mais uma vez no seu escritório, Shepley estava com um sorriso perplexo, amistoso, bem diferente da carranca de um burocrata preocupado.

“O que você tem a me dizer a respeito de sexo?”, o chanceler perguntou meio brincando.

Masters continuou sério. “Bem, senhor, preciso lhe contar”, começou ele, “que estou absolutamente ciente de que não sei nada a respeito de sexo. E não acredito que o senhor saiba alguma coisa também”.

Shepley explodiu numa risada.

Os dois discutiram as dificuldades de conduzir um estudo médico sobre a sexualidade humana e por que ele havia sido protelado por tanto tempo nos Estados Unidos.

Depois de conseguir a aprovação, Masters visitou a biblioteca de medicina da escola, procurando livros, artigos médicos ou dissertações que pudesse aproveitar para o seu plano. “Constatee que não havia de fato nada escrito ou pesquisado que pudesse ser de alguma valia para desenvolver uma fisiologia da reação sexual humana”, ele observou mais tarde.

Na Universidade de Washington, Masters encontrou apenas um título sobre a função sexual que pudesse lançar alguma luz sobre o assunto. Era um manual escrito por um ex-chefe de departamento de ginecologia e obstetrícia da Universidade de Illinois, que, como Masters descobriu, esperou até se aposentar para publicá-lo. A Universidade de Washington guardava o livro numa prateleira reservada. Quando Masters pediu para vê-lo, a bibliotecária recusou.

“Sinto muito, doutor Masters, não posso fazer isso”, disse ela.

Desconcertado, Masters achou que ela não o havia entendido bem. “Eu não quero retirá-lo”, ele explicou. “Só quero dar uma olhada.”

A bibliotecária não cedeu. O manual continha esboços – desenhos lineares – da genitália masculina e feminina, que os responsáveis pela biblioteca achavam que podiam ser pornográficos. Como professor adjunto, Masters não tinha direito de vê-lo. Ele ficou sabendo depois que apenas professores titulares, chefes de departamento e bibliotecários tinham permissão de retirar aquele livro da prateleira reservada. Imediatamente, Bill foi até a sala de Willard Allen e pediu que ele pegasse o livro emprestado da biblioteca em nome dele. Esse pequeno incidente, Masters refletiu mais tarde, “mostrava muito claramente a abordagem medrosa da medicina no que se refere ao sexo”.

Durante séculos, o discurso sobre sexo concentrou-se apenas na reprodução, e seu único propósito sancionado era produzir

uma família, uma tribo ou uma nação. Embora muitos abordassem a atração e as diferenças entre os sexos em poemas, peças de teatro e tratados – com a religião, a filosofia e os panfletos políticos definindo o amor entre um homem e uma mulher como a pedra de toque da cultura civilizada e frequentemente como o sentido da própria vida –, poucos na área da medicina haviam estudado seus fundamentos. Desde os dias de Hipócrates, o “pai da Medicina”, na Grécia Antiga, a sexualidade humana permanecera sempre mal compreendida, ignorada, envilecida ou condenada a ser punida. Mesmo assim, todos tinham sua teoria a respeito. Platão fazia distinção entre o desejo sexual “vulgar” e a forma nobre e “celestial” do erotismo, como atração polar motivadora entre homens e mulheres. “A única diferença entre o homem e a mulher é a função física – um gera, o outro produz filhos”, diz Platão na *República*. Como médico, Hipócrates lançou como hipótese que tanto o homem quanto a mulher produziam sêmen, que emanaria da espinha, e que a identidade sexual do filho seria determinada pela maior ou menor dominância das sementes paternas. Alguns gregos autocastradores amarravam o testículo esquerdo ou direito, acreditando que isso iria determinar o gênero do filho. Embora visse o amor de forma igualitária, Aristóteles especulou sobre as diferenças sexuais e, com base em seus estudos de animais, vislumbrou um processo em que o sêmen masculino despertaria minúsculos bebês já formados e dormentes na fêmea. De acordo com a ciência predominante na sua época, Aristóteles aconselhava os casais, antes de se unirem, a checarem o tempo. “Nascem mais homens se a cópula tem lugar quando há mais ventos norte do que sul soprando”, escreveu ele. “Pois nesse último caso, os animais produzem mais secreção, e secreção demais é difícil de manejar; portanto o sêmen dos machos fica mais líquido, e ocorre o mesmo com a descarga da catamenia.”

Durante o Renascimento, Leonardo da Vinci ilustrou de maneira magnífica as variações anatômicas do sexo e da gravidez, com suficiente realismo técnico para ser reproduzido nas páginas brilhantes de manuais de medicina muitos anos mais tarde. Sem dúvida, até mesmo para o mais casto observador, as imagens

sensuais e de fartas carnes encontradas nas obras de Michelangelo, Botticelli, Rubens e outros grandes artistas da Europa ocidental já indicavam a mistura de prazer e procriação do amor sexual. Mas mesmo nessa era exuberante, a medicina continuou cativa de ditames políticos e religiosos, os quais mantinham rédea curta sobre o sexo fora dos limites do casamento. Depois de uma juventude perdida em fornicções, como descreve em suas autobiográficas *Confissões*, um Santo Agostinho arrependido (“os borbulhantes impulsos da puberdade nublaram e obscureceram meu coração de modo que ele não conseguia enxergar as diferenças entre a serenidade do amor e as trevas da luxúria”) influenciou séculos de ensinamentos da Igreja a respeito do sexo, advertindo sobre seu potencial para o mal mesmo entre os casados.

Invariavelmente, o sexo ficou envolvido por um debate mais amplo sobre o papel da mulher na sociedade. As condenações jansenistas na França – com sua sugestão de que a política revolucionária havia sido alimentada por urgências sexuais irrefreáveis – encontraram eco entre os calvinistas na Inglaterra e os puritanos que foram para o Novo Mundo, promovendo caça às bruxas às mulheres sem filhos, cuja infertilidade, alegavam eles, era causada pelo demônio. Até mesmo Martinho Lutero, o grande reformador protestante que condenou o celibato dentro das Igrejas, via as mulheres como inferiores, como passivos receptáculos para os desejos pecaminosos dos homens e seu incessante desejo de descendência. “Uma mulher não tem domínio completo de si mesma”, resumiu Lutero numa carta a três freiras em 1524. “Deus criou o corpo da mulher para que ela encontre um homem e gere e crie filhos.”

Conforme a era industrial dava os primeiros passos, a imigração para as cidades permitia mais tempo de lazer em comparação com o trabalho estafante e contínuo da vida rural. A motivação econômica do sexo, de fornecer mais braços para trabalhar a terra, declinou. No ambiente urbano, a própria natureza da vida familiar mudou. Emergiu o clamor das mulheres por igualdade nas escolas e pelo direito de votar, e entraram na consciência pública outros

conceitos progressistas, como liberar as crianças do trabalho braçal. Cada vez mais, a medicina se concentrava no corpo e não na alma celestial. Um dos pioneiros, John Hunter, médico a quem se atribui com frequência o estabelecimento da cirurgia moderna, rejeitou a visão predominante de que “uma prática tão generalizada” como a masturbação pudesse levar à impotência. Disposto a dissecar corpos exumados de túmulos, Hunter (um cliente dos “ladrões de corpos” antes que esses roubos fossem proibidos por lei), passou a conhecer melhor os órgãos internos do sistema reprodutor. Segundo sua biografia, Hunter reivindica ter sido autor do primeiro caso bem-sucedido de inseminação artificial e chegou a se apresentar como cobaia numa experiência de teste para sífilis e gonorreia. Ao que parece, foi malsucedido ao tentar inocular seu próprio pênis com “matéria venérea” de uma prostituta e contraiu a doença. Junto com médicos legítimos, inúmeros charlatães ofereciam “curas” e poções para qualquer inadequação sexual que pudesse afetar o público. O escocês James Graham ficou famoso ao afirmar ter resolvido o problema de infertilidade da duquesa de Devonshire. A gratidão dela ajudou a financiar o retiro Templo da Saúde, de Graham, onde os londrinos podiam ouvir palestras sobre potência, ler trechos de seu livro (*Palestra sobre o Amor; ou Conselhos Privados para Senhoras e Senhores Casados*) ou serem estimulados por choques elétricos leves. Por uma quantia que hoje equivaleria a 50 mil dólares, os casais mais ricos da Coroa podiam passar uma noite de êxtase numa “cama celestial” vibratória, um aparelho no qual “os estéreis certamente se tornarão férteis ao serem tão poderosamente agitados nas delícias do amor”, garantia Graham.

A antiga sociedade americana, grandemente influenciada pela Europa ocidental, adotou tanto uma visão fundamentalista do sexo em público, como uma visão bem mais iconoclasta e utilitária na esfera privada. Do púlpito, Cotton Mather e outros trovejavam seus sermões irados, alertando que uma eternidade no inferno estava reservada àqueles que cedessem às suas urgências mais básicas. “Se uma pessoa... cair em iniquidades escandalosas”, advertia Mather, filho de um presidente de Harvard, “que as repreensões da

sociedade sejam dispensadas sobre ela.” Para o caso de alguém esquecer dessas lições, o romance de 1850 de Nathaniel Hawthorne, *A Letra Escarlata*, retratava as paixões, a repressão sexual e a condenação puritana simbolizada pela grande letra “A” carregada pela heroína, que cometera adultério. Apesar dessas advertências não ambíguas, no entanto, o sexo nas antigas treze colônias era uma questão bem mais complicada. Nas fazendas do sul, pelo menos um dos Pais Fundadores brancos se impôs a seus escravos negros, enquanto no norte, Benjamin Franklin, tão mundano quanto brilhante, sugeria que a experiência na cama poderia ser mais valiosa do que a perda da beleza da juventude. Ele advertia: “No escuro todos os gatos são pardos, o Prazer do Desfrute corporal com uma Velha Senhora é pelo menos igual, e frequentemente superior, cada Artifício sendo pela Prática capaz de aprimoramento.”

A inclinação americana para misturar sexo com crenças teocráticas incentivou os mórmons a procurar refúgio em Salt Lake City, um lugar onde podiam desejar uns aos outros e se unir. Esse impulso também levou John Humphrey Noyes a fundar sua colônia Oneida de “amor livre” no norte de Nova York, na década de 1840, baseado nas ideias de eugenia do “comunismo cristão”, e compartilhando esposas para intercursos sexuais “amorosos” mais do que “procriativos”. A era vitoriana do final do século XIX amorteceu a licenciosidade sexual da fronteira oeste, com suas cidades em expansão, bordéis e pensões com iluminação a gás dirigidas por beldades do sul arruinadas. Mas a condenação do sexo ilícito não evitou a vitória de Grover Cleveland na eleição para a presidência dos Estados Unidos, apesar das acusações de que teria um filho ilegítimo (“Mãe, Mãe, onde está meu pai?” zombavam seus oponentes. “Foi para a Casa Branca! Ha, ha, ha!”). Em Nova York, Anthony Comstock lançou sua Cruzada contra o pecado e o vício, determinado a erradicar qualquer vestígio de obscenidade nas bibliotecas, nos correios ou nos palcos. Várias pioneiras feministas, especialmente Victoria Woodhull, defenderam a igualdade sexual tanto quanto o voto feminino. A escritora e editora de jornal, Woodhull foi presa com base na Lei Comstock por ter exposto as

ligações sexuais do famoso pregador Henry Ward Beecher com a esposa do melhor amigo – um escândalo que motivou as tristes manchetes do tipo que mais tarde seria reservado a um presidente em exercício e sua estagiária. Na virada para o século XX, a medicina ainda não se adaptara à vida sexual dos pacientes, em especial das mulheres. Em 1900, um médico apresentou um artigo sobre a reação sexual das mulheres, mas o editor do *Journal of the American Medical Association* o rejeitou. Em 1916, Margaret Sanger, que trabalhara como enfermeira e parteira, protestou contra a falta de poder das mulheres sobre suas próprias vidas reprodutivas. Sanger desafiou as proibições legais vigentes sobre anticoncepcionais, endossadas por médicos e figuras importantes da Igreja. “Quando a história da nossa civilização for escrita, será uma história biológica, e Margaret Sanger será sua heroína”, previu o historiador H. G. Wells, referindo-se à mulher que mais tarde liderou a Paternidade Planejada.

A medida que Bill Masters procurava mais na biblioteca, percebeu que o campo da ginecologia e obstetrícia tinha uma peculiar aversão às questões do sexo, como se os médicos preferissem mostrar apenas o resultado feliz de bebês nascendo, em vez das questões mais indelicadas que conduzem à sua chegada. Na Grã-Bretanha, o médico Havelock Ellis preparou uma longa história da psicologia do sexo, sublinhando o alto preço que a ignorância cobrou de homens e mulheres. Como escreveu em 1927: “A ignorância das mulheres sobre tudo o que diz respeito à arte do amor e sua total falta de preparo para os fatos naturais da vida sexual talvez trouxessem menos maus augúrios para o casamento se fossem sempre contrabalançadas por conhecimento, habilidade e consideração do marido. Mas isso nem sempre ocorre, de forma alguma.” Nos Estados Unidos, Masters sabia por experiência própria que médicos talentosos como George Washington Corner e Willard Allen não iriam nem chegar perto do tópico sexo, apesar de grande parte de seu estudo abranger a questão. Masters destacou uma citação que encontrou na biblioteca do doutor Robert L.

Dickinson, ex-presidente da Sociedade Americana de Ginecologia, que escreveu no *JAMA* em meados da década de 1920: “Em vista da pertinaz urgência gonadal nos seres humanos, não deixa de ser curioso que a ciência se mostre tão tímida em relação ao assunto crucial da fisiologia do sexo... Levando em conta o incorrigível hábito de acasalamento da raça, não seria irrazoável pedir que a medicina preventiva reservasse um lugar para uma pequena seção sobre higiene conjugal, que contribuísse para dar dignidade a certos processos do amor e da procriação.” A linguagem enviesada de Dickinson em outro texto no *JAMA* da década de 1940 serviu para que ele defendesse as qualidades higiênicas dos recém-desenvolvidos tampões absorventes. Para vencer as objeções morais dos pais quanto à introdução de um objeto nas vaginas de suas filhas, ele argumentava que a antiga almofada, usada como “proteção menstrual”, esfregava-se na vulva de maneira provocante demais. Como Dickinson escreveu, o velho sistema de almofada com cinto, “além de aplicar certo grau de calor dentro de um espaço confinado, é responsável por movimentos rítmicos de pressão contra superfícies singularmente sensíveis à sensação erótica”.

Por uma questão de orgulho profissional, Masters não queria se envolver com esses eufemismos ou argumentos tortuosos do passado. Queria aprender a verdade sobre a fisiologia sexual humana, da melhor maneira que a ciência médica fosse capaz de retratá-la. Da primeira vez que falou sobre isso com o chanceler Shepley, não se deteve em detalhes a respeito do estudo sobre sexo proposto. Ele posicionou seu plano como uma questão de liberdade acadêmica. Agora que contava com a aprovação conceitual de Shepley, no entanto, sentiu-se na obrigação de lhe dizer exatamente o que tinha em mente.

Em seu encontro, depois de um bate-papo amigável, Shepley finalmente perguntou: “O que você pretende fazer a respeito desse assunto?” O primeiro pedido de Masters foi sabático. Ele explicou que precisaria sair com frequência da área de St. Louis durante esse período e que Willard Allen havia concordado em liberá-lo das responsabilidades de ensino. Masters então revelou seu plano. No

decorrer dos meses seguintes, iria entrevistar e observar prostitutas em St. Louis e em outras partes do país. O chanceler “ficou com uma palidez mortuária”, como Masters escreveu mais tarde, e gaguejou uma resposta.

“A população de prostitutas... – mas por quê?”, perguntou o chanceler, com uma expressão de horror.

Masters manteve-se firme. “Elas são as únicas especialistas no assunto sexo que eu consigo identificar”, disse ele. “Isso certamente indica quão pouco qualquer um de nós sabe a respeito do tema.”

Shepley, defensor da liberdade acadêmica, não teve como rebater o argumento.

Espiando pelo orifício

Como chefe de polícia, H. Sam Priest entendia como os cidadãos moralmente íntegros de St. Louis se sentiam em relação à prostituição. E também sabia como sua mulher se sentia em relação a Bill Masters.

Em St. Louis, a prostituição teve uma história sórdida, às vezes violenta. Em 1850, uma multidão ficou tão inflamada com as damas maquiadas e seu sexo ilícito que destruiu todos os bordéis da cidade num frenesi para impor padrões de decência pública. Durante décadas depois disso, a lei do Missouri considerou a prostituição um delito grave. Quem violava a lei com o comércio da carne era mandado para a cadeia, e os prostíbulos eram fechados permanentemente. Em 1955, no entanto, Priest decidiu que as prostitutas que auxiliassem o doutor Masters em sua pesquisa pela Universidade de Washington iriam obter passe livre – não haveria detenções, invasões policiais, nem iriam ficar batendo de modo ameaçador na porta de suas casas. Essa garantia de imunidade era particularmente estranha, pois aquele delegado de polícia magro e determinado conseguira baixar os índices de criminalidade na cidade, enquanto no resto do país eles cresciam. Mas Priest confiava em seu doutor.

Dentro da casa de Priest, Bill Masters era muito querido por ter feito o parto de seu segundo filho. Margaret Priest admirava Masters por sua competência e seu estilo direto, além da estima implícita que se dedica a uma pessoa que traz um filho nosso ao mundo. Sam Priest, muito admirado por seus colegas, também compartilhava da estima da esposa por Masters, independentemente das possíveis repreensões pela falta de rigor

de seu departamento em relação à prostituição. “Sam achava que se tratava de um trabalho importante e não iria permitir que as prostitutas fossem presas ou maltratadas de nenhuma maneira”, lembrou Margaret. “Se ele [Masters] queria entrevistá-las ou conseguir qualquer informação a respeito delas, desde que não violasse seus direitos, meu marido não via qualquer problema.” Masters recrutou o delegado de polícia como um aliado secreto de seu estudo sobre sexo, exercendo interferência política. Os investigadores de Priest recomendaram as prostitutas que se dispunham a ser estudadas e mantiverem os detalhes sórdidos longe da imprensa – tudo porque Masters pedira isso a Priest. “Meu marido não era um cientista ou médico – era um político em St. Louis”, explicou Margaret, cujo marido não pedia conselhos à academia para melhorar a eficácia do trabalho de seu departamento nas ruas.

Recrutar o delegado de polícia de St. Louis como consultor especial dentro de um conselho consultivo, junto com várias outras figuras importantes da cidade, provou ser vital para Masters e seu trabalho, segundo advogados que mais tarde o representaram. “Priest apoiava o trabalho dele e como consequência, quando as prostitutas foram convocadas, os policiais receberam instruções: ‘Deixem-nos em paz – vocês não têm que dar batidas no laboratório [de Masters]’”, lembrou Torrey Foster, o jovem vizinho que se tornou o primeiro advogado de Masters. Para Walter Metcalfe, o advogado que mais tarde representou Masters e sua clínica, o fato de ter recrutado Priest destacava a capacidade de persuasão de Masters. “Ele era extremamente dedicado, tinha um plano a longo prazo, e as autoridades e outras pessoas compraram essa ideia”, disse Metcalfe. “Ele causava impacto por sua sinceridade e sua convicção. Ele dizia: ‘É aí que eu quero chegar, e preciso ir a esses lugares para isso.’”

Além do delegado de polícia, o conselho consultivo incluía Richard Amberg, *publisher* do *St. Louis Globe-Democrat* (na época um dos dois únicos jornais da cidade), além do bispo do Missouri e do rabino mais idoso do Meio-Oeste. O chanceler da Universidade de Washington, Ethan Shepley, concordava com Masters que esses

conselheiros poderosos seriam de valor inestimável para evitar problemas.

“Diga-me, Bill, qual é o maldito idiota que você vai pedir para chefiar esse conselho?”, perguntou Shepley.

“Bem, achei que talvez o senhor pudesse fazer isso”, respondeu Masters.

Shepley ficou imóvel por um instante – talvez refletindo sobre aquela situação, de um novo chanceler universitário estar na posição de supervisionar um estudo que usava prostitutas – e então começou a rir do absurdo de tudo aquilo. “Se você tem peito suficiente para fazer isso comigo”, disse Shepley rindo, “eu tenho peito suficiente para me juntar a você nessa sua aventura”. Ele orientou Masters a assegurar a cooperação da comunidade católica, pelo fato de ela ser numerosa em St. Louis. No dia seguinte, Masters ligou para a diocese de St. Louis, pedindo um encontro com o arcebispo, cuja secretária respondeu toda atrapalhada quando soube que o assunto era uma “pesquisa sobre sexo”. Masters achou que sua tentativa de conversar havia fracassado, mas três dias mais tarde a mesma secretária ligou de volta para dizer que o arcebispo teria prazer em recebê-lo.

Na Igreja católica dos Estados Unidos, Joseph E. Ritter, um homem de compleição frágil com uma voz suave e óculos sem armação, era daquela estirpe rara – um liberal que havia ascendido ao topo. Depois de se tornar arcebispo em 1946, ele ordenou a integração racial das escolas paroquiais, enquanto muitas escolas públicas no Missouri ainda permaneciam segregadas. Quando os opositores ameaçaram ações nos tribunais, Ritter prometeu excomungá-los se desafiassem sua decisão. “A cruz no alto de nossas escolas deve significar alguma coisa”, insistiu Ritter, que acabou chegando a cardeal. Masters visitou Ritter em meados dos anos 1950, quando havia apenas rumores a respeito de controle da natalidade – com certeza, algo bem distante da divisão política encontrada na Igreja após ela proibir os anticoncepcionais em 1968, a batalha da década de 1970 sobre o aborto e a mais recente expulsão pública de pedófilos de suas fileiras – tudo isso parecendo militarizar a hierarquia católica na questão do sexo. A

maioria dos fiéis mencionava seus pecados carnavais no confessionário.

Nesse encontro com Masters, o arcebispo recebeu bem uma pesquisa séria sobre as tensões conjugais que afligiam os casais. “Eu percebo com clareza que a segurança de milhões de casamentos nesse país e no exterior está ameaçada por problemas sexuais”, disse Ritter em seu encontro de duas horas e meia com Masters. O líder católico afirmou que não podia aceitar um compromisso oficial de participar do conselho consultivo de Masters, mas designaria um padre como contato para manter seu escritório informado. Quando Masters saiu, o arcebispo lhe agradeceu. “Eu não preciso lhe dizer que algumas das técnicas de pesquisa que o senhor descreveu não seriam aprovadas pela Igreja católica”, disse ele. “Mas sem dúvida a Igreja católica terá muito interesse em conhecer seus resultados.” Ritter prometeu não dizer nada publicamente sobre o trabalho de Masters sem antes falar com ele.

Tendo a bordo o delegado de polícia, o arcebispo e o chanceler da Universidade de Washington – cada um à sua maneira dando crédito à medicina –, Masters finalmente se sentiu à vontade para confiar nas prostitutas como tema de seus experimentos.

Do mesmo modo que em outras cidades americanas, as prostitutas de St. Louis eram retratadas como mulheres caídas que perpetuavam um mal social. Seus clientes eram vistos como vítimas dos ardis femininos (não como se fizessem aquilo por vontade própria), que inadvertidamente eram infectados por sífilis, tuberculose e outras doenças venéreas, que acabavam levando para as suas famílias. Em 1895, o relatório anual do secretário de saúde de St. Louis refletia a visão predominante a respeito do negócio da prostituição: “Para a moça que num momento de amor apaixonado cede a joia de sua castidade, pode haver alguma comiseração; mas que desculpa ou atenuante podemos oferecer à mulher que abandona seu corpo, por dinheiro a cada um que vem? O vício é tão antigo quanto a história, e um mal universal e

incurável, que deve ser tolerado e, à medida do possível, atenuado.”

Por volta de 1950, a maioria dos médicos de St. Louis nem sonharia em lidar com prostitutas. Mas o mundo de prostitutas de rua, prostíbulos e homens anônimos que buscavam sexo logo se tornou o laboratório de Masters. Nos primeiros vinte meses de sua pesquisa, ele entrevistou prostitutas de St. Louis e outras cidades; 118 mulheres e 27 homens. Ele fazia anotações cuidadosas de seus encontros e históricos médicos. Masters disse que nunca pagou por sua cooperação, mas médicos que o auxiliavam dizem que as prostitutas recebiam compensação pelo tempo que dedicavam à pesquisa. Desse grupo, ele selecionou oito mulheres e três homens para um “estudo anatômico e fisiológico” – observando vários atos sexuais. Embora fosse um importante professor universitário de uma destacada escola de medicina, Masters percebeu que sabia muito pouco das complexidades da cópula. A franqueza e a sabedoria de rua dessas mulheres era muito diferente da ansiedade rígida das suas pacientes de classe média alta que vinham fazer exame ginecológico na sua clínica. Essas prostitutas, recrutadas com ajuda do esquadrão policial que cuidava da prostituição, sabiam exatamente o que fazia levantar um pênis flácido e estimular uma vagina seca, e como os dois podiam se juntar com a máxima eficiência. “Elas descreveram vários métodos para intensificar e controlar a tensão sexual e demonstraram inúmeras variações na técnica de estimulação”, escreveu Masters. Esses “sujeitos de estudo em laboratório” o ajudaram nesse período de tentativa e erro de sua investigação, enquanto ele estudava a melhor maneira de registrar os aspectos anatômicos mais básicos do sexo.

Em bordéis, com a bênção do departamento de polícia, Masters conheceu “três homens que, num grau significativo, controlavam a população dedicada à prostituição profissional em St. Louis”. Esses cafetões estavam convencidos de que Masters não fazia parte de nenhuma armadilha legal, e sim que era um professor universitário buscando aprender. Masters ficou impressionado com a honestidade das prostitutas falando sobre seus clientes e suas

experiências. Em seus anos de adolescência, muitas delas “começaram praticando sexo com parceiros variados” como “pagamento em espécie por serem levadas ao cinema ou a outros eventos sociais”, observou ele. Como os homens raramente usavam camisinha, o diafragma era a forma mais comum de evitar a gravidez, e havia um surpreendente número de mulheres esterilizadas. Quando entrevistava prostitutas, no entanto, Masters muitas vezes sentia que eles mentiam, especialmente quanto à “frequência do coito e à capacidade funcional e eficiência”. Ao contrário das mulheres prostitutas, esses homens alegavam uma perícia sexual além do que seria razoável. Quando Masters sentia que a história de um homem prostituto era “mais fantasia do que fato”, ele se recusava a incluí-la em seu estudo. Não obstante, essas entrevistas proporcionaram a Masters mais detalhes privilegiados do que ele poderia ter imaginado. “Eu geralmente conseguia determinar que perguntas fazer, deixando que elas brotassem da minha óbvia ignorância de muitos padrões de comportamento sexual, a respeito dos quais eu tinha pouco ou nenhum conhecimento”, explicou.

A observação direta nos bordéis deu a Masters um assento privilegiado no mundo do sexo pago, uma visão que nenhuma sessão de entrevista poderia oferecer. Inicialmente, o esquadrão policial doou alguns filmes pornográficos “para homens”, confiscados durante batidas policiais, que mostravam o sexo de uma maneira muito descritiva e sem graça. Mas Masters explicou que precisava “observar a função sexual a fim de desenvolver um grau significativo de objetividade”. A habilidade de Masters em convencer cafetões e prostitutas a concordarem com suas solicitações – em vez de rejeitá-lo como se fosse um mero pervertido – atestava sua evidente sinceridade e o respaldo de seus poderosos apoiadores.

Masters acompanhou os convites sedutores das prostitutas e como os homens reagiam. Em casas de prostituição, espiou por buracos ou espelhos falsos, que haviam sido colocados estratégica e discretamente para que se pudesse ver um casal em ação, ou cafetinas e cafetões pudessem ficar de olho em clientes rudes. “Eu

sempre me interessava em saber por que uma prostituta abordava um homem da maneira que o fazia”, explicou ele, como um antropólogo estudando uma civilização desconhecida. Algumas prostitutas mostravam “uma atitude de indiferença”, percebeu ele, enquanto outras faziam “um esforço óbvio para estimular, encorajar e satisfazer o parceiro”. Após alguns momentos a sós, as prostitutas invariavelmente perguntavam a seus clientes: “De onde você é?” Masters descobriu que essa pergunta era mais do que uma aproximação amistosa – se o cliente era de alguma localidade vizinha, essas mulheres faziam um esforço adicional para agradar, pois haveria assim maior possibilidade de se repetir o negócio.

A observação feita através de um orifício era um esforço tenso, incômodo, para Bill Masters. Para poder ver adequadamente, ele tinha que colocar seu globo ocular bem perto do orifício, sentando atrás de paredes ou em cantos apertados, sem muita circulação de ar. “Era a coisa mais detestável, menos sexy que você poderia imaginar”, ele contaria mais tarde a colegas curiosos. Enquanto ficava agachado em silêncio, Masters checava o tempo que durava o encontro sexual, os pontos de entrada e de saída, e até o grau em que o casal ficava se sacudindo na cama. Ele procurava descobrir a melhor maneira de usar um eletrocardiograma, monitorar a respiração e usar outros equipamentos médicos disponíveis para medir as mudanças corporais que ocorriam. Depois, no carro ou no quarto do hotel, Masters anotava suas observações. Entre 1955 e fim de 1956, Masters expandiu seu estudo, de bairros de St. Louis, como Central West End, para entrevistas com garotas de programa de outras cidades americanas, como Chicago, Minneapolis e Nova Orleans. O arranjo usual era obter uma moratória da polícia contra prisões uma semana antes, durante a própria semana e uma semana depois da visita de Masters. Como retribuição pelas informações obtidas, Masters sempre oferecia realizar um exame físico de cada voluntária, incluindo culturas de sua garganta, vagina, cérvix e reto.

Mas Masters acabou percebendo que prostitutas não eram adequadas. O grupo de amostra era pequeno demais e pouco representativo da mulher americana média. Era frequente as prostitutas sofrerem de doenças inflamatórias e de congestão pélvica crônica – a chamada síndrome de Taylor (nome do professor de medicina da Universidade de Columbia que escreveu no final da década de 1940 sobre pacientes que sofriam um temporário aumento de influxo sanguíneo na área da pelve). Masters sentiu que não poderia fazer nenhuma asserção definitiva a respeito da resposta sexual das mulheres com base nessa amostra atípica. Para complicar, se admitisse num trabalho acadêmico que havia se baseado em prostitutas, iria enfrentar “uma reação extremamente negativa da comunidade local de St. Louis”, uma tempestade de fogo que com certeza levaria à sua ruína profissional. Mesmo assim, Masters acreditava que as chamadas damas da noite haviam lhe proporcionado vários *insights* e que valera a pena cada segundo da curva de aprendizagem. “O interrogatório das mulheres envolvidas foi muito produtivo, ainda mais para alguém essencialmente desinformado a respeito da sexualidade feminina”, ele admitiu mais tarde. Essas limitações como médico do sexo masculino, tentando compreender a reação das mulheres, nunca ficaram tão evidentes como quando ele entrevistou uma universitária “muito atraente”, uma mulher inteligente, questionadora, que cursava biologia. Como Masters lembrou, ela vinha “aumentando seus rendimentos para fazer frente a um casamento já marcado”, realizando incursões no comércio do sexo, e se tornou uma voluntária no estudo de Masters. Um dia, ela ofereceu um vislumbre que mudou tudo.

Dentro de uma sala de exames no Hospital Maternidade, essa jovem ficou se manipulando intensamente (“automanipulação” foi o termo clínico que Masters usou de início), até que pareceu alcançar o clímax – tudo isso sendo registrado e analisado pelos equipamentos de Masters. Durante a entrevista que se seguiu, eles discutiram os dedos dos pés recurvados dela e suas sensações de formigamento, assim como suas emoções mais profundas durante o sexo. O propósito de Bill era “identificar os aspectos subjetivos de

um padrão de reação objetivo". A jovem descreveu como sentia o orgasmo e disse que o desfecho bem-sucedido variava, dependendo de quem e do que estava operando a estimulação.

"E se eu tiver fingido?", ela perguntou de repente.

Masters pareceu completamente confuso. "Não entendo o que você quer dizer", ele retrucou, depois de uma longa pausa.

"É isso o que eu faço para ganhar dinheiro – *eu finjo ter orgasmos*", ela declarou com total franqueza, como se explicasse a uma criança que não existe essa história de Papai Noel. Com frequência, seu único objetivo no sexo, disse ela, era "ir depressa e fazer o homem gozar, receber o dinheiro e se livrar dele".

Apesar de ser um homem casado, com centenas de pacientes do consultório de ginecologia, Masters continuava perplexo. A descrição do orgasmo feita pela jovem – e a possibilidade de que ela pudesse ter fingido sua reação para terminar logo com aquilo – parecia além de sua capacidade de compreensão. "Eu simplesmente não conseguia entendê-la", relembra ele. "Não tenho certeza se jamais cheguei a entender."

Depois de muita frustração com esse médico brilhante que monitorara o orgasmo da jovem mas não conseguia compreender sua explicação de como era a sensação de um clímax, a voluntária finalmente declarou que já havia tido paciência demais com ele.

"Você realmente precisa de uma intérprete, se quiser levar sua pesquisa a sério", ela repreendeu o doutor explicitamente. "Você com certeza se beneficiaria muito se tivesse uma parceira mulher."

Masters ouviu sem responder. Ele parecia ter sido atingido por um raio, como se entrasse na sua cabeça uma verdade absolutamente óbvia que ele não fora capaz de perceber até então. E quanto mais ele refletia sobre a sugestão dela, mais sentia que fazia sentido. Para que ele pudesse entender "os aspectos psicosssexuais da sexualidade feminina" – a região inexplorada dessa investigação médica pela qual ele se dispunha a arriscar sua carreira –, então precisava definitivamente de uma parceira de pesquisa do sexo feminino. Masters sabia que não podia pedir isso à sua mulher, Libby. Ela havia largado o emprego no Hospital Maternidade para se concentrar em seus dois filhos pequenos.

Decidiu, então, procurar uma assistente, uma total estranha, colocando uma nota inócua no escritório de recrutamento de pessoal da Universidade de Washington. Após várias semanas de tentativas malsucedidas, pouco antes do Natal de 1956, Masters finalmente encontrou a ajudante que procurava.

FASE DOIS



Bill e Gini no sofá

A matriz

"Mas a coisa tem que ser feita cientificamente, ou o último estágio do aspirante pode ser pior do que o primeiro."

GEORGE BERNARD SHAW, PREFÁCIO DE *PIGMALEÃO*

Como de costume, nas manhãs do início de 1957, Virginia Johnson escrevia os nomes de pacientes, as idades os e endereços numa sólida mesa de metal no terceiro andar do Hospital Maternidade, como uma ilha solitária num mar de linóleo. A senhora Johnson parecia apenas mais uma secretária anônima, contratada temporariamente para organizar uma infundável papelada. "Sua tarefa era preencher formulários de seguro", lembrou o doutor Mike Freiman, então um jovem médico. "Ela era a única pessoa do departamento de Ob-Gin cuja mesa não ficava numa sala de escritório, e sim no corredor."

Virginia queria melhorar, formar-se em sociologia. Mas com aquele emprego não tinha outra ambição a não ser ganhar algum dinheiro. "O mundo da medicina não exercia nenhuma atração em mim, de nenhuma maneira ou forma", explicou ela. "Sempre gostei dos médicos que conheci quando criança, conforme crescia. Mas a medicina não significava nada pra mim."

Quando os estudantes de medicina ou jovens médicos residentes passavam pelo corredor, Virginia às vezes erguia o olhar para cumprimentá-los. Ela ficou amiga das enfermeiras na casa dos vinte ou trinta e poucos anos, e às vezes ficava conversando com aquelas mulheres sobre seus filhos pequenos, como os dela. Mas

quando os médicos veteranos passavam, Virginia aprendeu a se apurar, dar um sorriso e cumprimentá-los pelo nome. Em pouco tempo, já conhecia os principais atores do departamento de ginecologia e obstetrícia da Universidade de Washington – o doutor Willard Allen, chefe do departamento; o doutor Alfred Sherman, o especialista em oncologia ginecológica; e especialmente o doutor William Masters, que a contratara. “Para mim, ela não era diferente das demais”, lembrou o doutor H. Marvin Camel a respeito da nova secretária, que logo acabou ficando bem conhecida. “Bill Masters viu algo nela que ninguém mais via.”

De início, Virginia prestava pouca atenção ao que acontecia dentro das salas dos médicos. Antes de ela assumir o emprego, amigos haviam lhe contado que Masters era um ginecologista-obstetra sem nada de muito especial, especializado em casos de infertilidade e reposição hormonal. Ela não tinha ideia de que aquele médico careca, de gravata-borboleta muito bem ajeitada e expressão carrancuda, indo sempre atarefado de um compromisso para o outro, estava fazendo algo mais. Ninguém a informou sobre o experimento clandestino envolvendo sexo feito pelo seu chefe, um professor universitário que vagava secretamente por prostíbulos. Masters não revelou essa informação ao contratar Virginia. Nem pretendia lhe contar quatro meses mais tarde quando ela levantou da sua mesa no corredor e foi almoçar.

Para ela, a cantina do hospital significava um alívio daquela tarefa chata de preencher formulários e era a oportunidade de circular entre médicos e enfermeiras. Sentada ao lado daquelas pessoas de branco, ela podia ser tratada quase como uma igual, tão próxima de uma paridade social quanto qualquer secretária ou “assistente de pesquisa” como ela poderia chegar a ser. Nesse convívio cotidiano, Virginia causou boa impressão no pessoal do hospital. Ela se vestia de uma maneira bem profissional, talvez um ponto acima das outras na hierarquia do hospital, com apenas um leve vestígio de sensualidade. Seu cabelo castanho brilhante, liso, olhos expressivos, jeito envolvente e voz sonora faziam dela um

sucesso entre aquela maioria de médicos residentes do sexo masculino. Na cantina, Camel lembrou, Virginia parecia sempre envolvida em conversas com médicos e enfermeiras. Ela não era “excepcionalmente bonita, mas acho que parecia bastante sexy – e era bem amistosa”, lembrou Camel. Sandra Sherman, esposa do doutor Sherman, lembra de Virginia como uma mulher bonita, de cabelo escuro, que lembrava um pouco a atriz Ava Gardner, com uma presença refinada, que se fazia sentir na sala inteira. “Era simplesmente a sua atitude – o jeito dela falar, com homens particularmente –, é desse tipo de sensualidade que estamos falando.” Na década de 1950, quando a maioria das esposas dos médicos estava em casa com a família, uma divorciada atenciosa convivendo no almoço com membros casados da equipe podia ser percebida como um perigo. As secretárias não eram vistas imparcialmente por suas capacidades e inteligência, mas como potenciais caçadoras de maridos, disse ela, e usavam seus dotes de sedução para perturbar lares felizes. Alguns homens formavam sua própria opinião a respeito de Virginia, incluindo o doutor Sherman. “Eu a via dia sim, dia não – era uma boa secretária e bastante próxima”, ele comentou a respeito da fase inicial de Virginia, quando ela fazia trabalhos burocráticos para ele e Masters. “Depois de algumas vezes, acho que ela tentou um pouco me envolver sexualmente com ela. Mas depois penso que ela desistiu e foi atrás do Bill, porque ele parecia estar mais interessado nisso.” Camel ouviu boatos “de que ela tinha relacionamentos com outros homens no departamento, mas não estou realmente certo se isso era verdade”.

Uma de suas amigas mais próximas foi com o doutor Ira Gall, um jovem médico, baixinho, dinâmico, brilhante em muitos aspectos, cujo sucesso futuro parecia assegurado. Os turnos do dia dos dois no hospital muitas vezes coincidiam e eles começaram a ir e voltar juntos do trabalho. Sentada no Plymouth 1948 de Ira, Virginia compartilhava um pouco da sua história de vida, contando detalhes sobre seus casamentos anteriores, sua experiência como cantora na banda de George Johnson e sobre ser uma mãe sozinha criando dois filhos com ajuda de babás. Esse retrato tão humano

contrastava com a aparência quase anônima de secretária dando bom-dia desde a sua mesa no corredor. Virginia impressionou Gall, e ele compartilhava suas visões sobre a medicina, sobre os meandros do hospital e a hierarquia do departamento de ginecologia e obstetrícia da Universidade de Washington. Virginia mostrou-se uma aluna rápida e capaz, identificando oportunidades de melhorar sua situação. “Ela tinha tudo para conseguir um bom emprego”, disse Gall. “O emprego original era de secretária, preenchendo formulários de seguro. Mas quando eles começaram a procurar uma assistente de pesquisa para o projeto, não havia dúvida de que ela era a pessoa certa.”

Numa tarde, a conversa da hora do almoço passou para o estudo acobertado de Masters sobre sexo, provocando as piadas normais entre os funcionários. Virginia sorria, mas não achava muita graça. “Algumas vezes eles ficavam fazendo brincadeiras com aquilo na minha presença”, lembrou ela. “Eu não fazia nenhuma pergunta. Não tinha intenção de pegar aquele emprego.” Na mente dela, a clínica de infertilidade de Masters com certeza tinha pontos de contato com o assunto sexo, mas apenas como o meio necessário para produzir bebês. “Eu tinha ouvido sobre Masters e seu trabalho com infertilidade, e era para isso que achei que estava sendo contratada ao aceitar o emprego”, lembrou ela. Desde o início, Virginia compilava as histórias pessoais dos pacientes, do jeito que Masters instruía, e mostrou afinidade e curiosidade genuína pela vida das pessoas. Perguntas íntimas pareciam coerentes com o que ela acreditava que um estudo de infertilidade devia ser. Nada a levava a pensar de outro modo. Mas a conversa que ela teve no saguão naquele dia abriu-lhe os olhos.

“Por que você está fazendo isso, Virginia?”, um dos jovens assistentes perguntou a ela.

Os médicos residentes achavam que ela sabia de tudo o que acontecia nas salas à prova de som com as pessoas-objeto da pesquisa, pagas por seus serviços.

A resposta cordial de Virginia não revelava sua ignorância. Mas à medida que conversavam, ela percebeu a total extensão do estudo

secreto de Masters sobre sexo, com suficientes indícios básicos ligados a um detalhe inegável.

Nesse ponto, Masters, em seu avental branco de laboratório, entrou na sala. Ele logo se deu conta do que estava sendo discutido. Algumas pessoas da equipe acharam que haviam cometido uma gafe ao falar tão abertamente. Todo mundo ficou olhando para Virginia, aguardando a reação dela. Seus olhos e outros detalhes faciais não revelavam seus pensamentos.

Diante da sua equipe, Masters sentiu-se na obrigação de explicar que as histórias dos pacientes que ela havia reunido durante os últimos meses eram parte de um estudo sobre a sexualidade humana e que algumas pessoas se envolviam na prática do sexo com o propósito de permitir avaliações clínicas. “Da primeira vez que ele me contou o que realmente planejava fazer, que a infertilidade não seria o trabalho principal, que se tratava de uma pesquisa sobre sexo, a questão que me foi essencialmente colocada era – ‘Você teria algum problema com isso?’”, lembrou ela.

Virginia não pareceu perturbada. “Não imagino por que deveria ter”, ela respondeu com naturalidade. “Aliás, por que é que alguém deveria?”

Sua resposta impressionou Masters. Outros homens na sala, todos médicos residentes na faixa dos vinte anos, deram um sorriso amarelo. Alguns soltaram uma risadinha meio atrasada, como se aos poucos captassem o sentido de alguma piada. Masters não pareceu achar graça, ao contrário, mostrou ter gostado da resposta dela. “Foi isso o que causou impressão – o fato de eu não entender por que alguém precisava saber alguma coisa [sobre sexo]”, lembrou Virginia, soando como a garota de fazenda do Missouri que passara a vida vendo o suficiente da volúpia animal nos celeiros para não se surpreender com os humanos. No seu mundo daquela época, o sexo há muito tempo era algo separado do amor, como talvez apenas uma mulher divorciada com dois filhos pequenos tivesse condições de entender. Ela não encarava a intimidade como algo selvagem ou assustador, ou como uma ilusão da felicidade. “Eu achava perfeitamente natural”, ela lembrou ao se

referir à sua visão descomplicada do sexo antes de trabalhar com Masters. “Era algo importante, mas eu nunca cheguei a categorizar o sexo dessa maneira. Para mim, sempre havia sido uma exigência natural, uma necessidade. Não era algo que me chocasse.”

Vendo em retrospecto, a reação calma e agradável de Virginia, em 1957, foi um fator decisivo para a parceria que acabou tendo com Masters. “Acho que foi isso, provavelmente, que me colocou como a pessoa ideal, o fato de eu não ter problemas com o assunto”, lembrou ela. Como era característico de Masters, ele ofereceu uma descrição mais distanciada da escolha dela. “A fêmea solteira inevitavelmente é uma virgem profissional, e eu não podia trabalhar com alguém que não se sentisse totalmente à vontade com o assunto sexo”, explicou ele com mais do que mera condescendência, como se ele fosse o professor Henry Higgins, e Virginia, a Eliza Doolittle da peça *Pigmalião*, de George Bernard Shaw. Ali estava uma assistente inexperiente que não sabia praticamente nada sobre aquele tema explosivo, alguém que Masters parecia ter escavado da pedra da ignorância pública a respeito do sexo, e que poderia polir e refinar a seu gosto.

Idealmente, Masters teria preferido uma médica como parceira, mas uma candidata assim – bem mais qualificada do que Virginia – era muito difícil de encontrar. Presume-se que Masters sabia que uma médica iria exigir mais equanimidade como parceira, maior controle sobre as linhas gerais da pesquisa e talvez tivesse uma atitude mais cautelosa, e não o entusiasmo enérgico mas não instruído que Virginia exibia todo dia. Anos mais tarde, Virginia lembrou o quanto ela havia sido trabalhada para virar uma companheira ideal. “Eu perguntei: ‘Por que você não pegou uma mulher médica?’, [e] ele disse: ‘Quando as mulheres iam para a escola de medicina naquela época, o diploma de médica era algo tão difícil de conseguir que elas nunca iriam arriscar comprometê-lo associando-se a uma pesquisa sobre sexo.’ O que, em maior ou menor grau, talvez fosse verdade. Então ele me criou.”

Desde o início, o notável sucesso de Masters e Johnson derivou de sua abordagem dual, uma matriz de terapeutas macho e fêmea explorando juntos as fronteiras da sexualidade humana. Apesar de toda a sua autoconfiança como cirurgião ginecologista, ele manteve certa humildade em relação à pesquisa sobre sexo. “Numa idade bastante precoce, eu aprendi uma coisa que a maioria dos homens nunca aprende – que eu não sabia nada sobre a sexualidade feminina”, explicou ele. Embora fosse uma neófito em medicina, Virginia logo percebeu sua importância na clínica. “A presença dos dois sexos na equipe do laboratório faz a diferença”, ela disse mais tarde. “Os voluntários ficam mais à vontade; quer se trate dele ou dela, passam a não ter mais suspeitas em relação aos motivos. Existe, se é que posso me expressar assim, uma certa dignidade no fato de estarem os dois sexos presentes.”

Sempre que Masters explicava algo aos pacientes ou outros médicos, Virginia Johnson ficava respeitosamente ao seu lado. “Ele era esperto o suficiente para me trazer a bordo – uma *mulher* a bordo –, porque era isso que fazia a diferença”, disse Virginia. E com o tempo ela se sentiu à vontade o suficiente para questionar Masters a respeito das razões dele para tê-la escolhido. Considerando a volatilidade do estudo, ela ficou imaginando por que ele não escolhera sua esposa, Libby, para ser a contraparte feminina.

Masters, não muito chegado a inquirições pessoais, manteve sua postura e tom impositivo. “Na realidade, eu propus isso [a ela] à certa altura”, ele respondeu. “Mas ela não tinha experiência e tampouco tinha o menor interesse.”

A esposa, Libby, não podia dar o que Masters mais procurava. Ele estava convencido de que Virginia compartilhava seu extraordinário comprometimento, com a mesma paixão que ele colocava naquela atividade. Como chefe dela, Masters dispunha-se a treiná-la – ensinar-lhe todas as complexidades da anatomia, biologia e fisiologia – para que ela se familiarizasse com a área deles. Ele a induzia a trabalhar infatigáveis horas, dia após dia, sem fins de semana livres e desfrutando de poucos feriados. Ela coletou inúmeras histórias pessoais e observou cópulas e mais cópulas

entre estranhos. E fez isso incansavelmente, como se tivesse encontrado a vocação da vida dela.

Antes do final de seu primeiro ano, a importância que Virginia Johnson tinha para Masters crescera rapidamente e o suficiente para que ela fosse convidada a uma festa na casa do doutor. Assim que ela entrou pela porta, Masters apresentou Virginia a Libby, que conversou amigavelmente mas de modo rápido com ela. Virginia passou a socializar com médicos importantes e professores da Universidade de Washington, além de várias pessoas muito conhecidas da cidade. Ela ficou em pé num canto da grande sala, discretamente, bebericando um drinque com a sua companhia daquela noite, quando de repente detectou uma senhora idosa, toda espalhafatosa, aproximando-se dela.

“Eu quero conhecer esse modelo de perfeição – *a mulher perfeita* – que o Bill Masters descobriu”, anunciou a mulher, para que todos ouvissem. Virginia sentiu-se embaraçada. “Ela estava dizendo aquilo praticamente aos berros no meio daquele ambiente elegante”, ela lembrou. “Eu simplesmente me afastei dela. Isso foi nos primeiros meses do meu trabalho com Masters.”

Para a sua esposa e sua família, Masters dizia que estava apenas estendendo uma ajuda àquela mulher muito trabalhadora e sincera, e que parecia não estar tendo a sorte que merecia. “Lembro-me dela quando eu era bem pequeno”, disse Howie Masters, que devia ter não mais do que seis ou sete anos quando a senhora Johnson aceitou o convite de seu pai para uma visita de fim de semana. “Ela às vezes vinha passar o domingo em casa e trazia os dois filhos.” Num Dia de Ação de Graças, Masters convidou até os pais dela, Edna e Harry, junto com Virginia e os filhos dela. Os Eshelman tinham se mudado de Springfield para ficar mais perto da filha, e muitas vezes ajudavam tomando conta das crianças, Scott e Lisa, quando não havia babá disponível. Apesar de já ter casado duas vezes, Virginia ainda não escapara totalmente da órbita emocional da mãe. À mesa de jantar, Masters dirigiu seu charme persuasivo a Edna.

“A senhora criou Virginia do jeito que uma mulher *deve ser criada*”, ele comentou com segurança doutoral.

Edna nunca havia encontrado Masters antes, mas se sentiu validada pelo seu elogio, como se a filha dela ainda fosse uma adolescente morando em casa. “Ela ficou tão lisonjeada – sentiu-se como se tivesse recebido uma honraria”, Virginia lembrou. “E ele foi sincero, de certo modo, porque eu era o ser humano mais obediente já criado.” No entanto, contemporâneos dos dois lembram-se de Virginia como alguém fascinado por Masters e sua pesquisa, como se ela tivesse encontrado algo que viesse procurando a vida inteira. Ela não parecia estar sendo manipulada ou coagida. Ao contrário, dizem eles, Virginia transformou-se numa estudante ávida. Masters chegava a levá-la para a sala de cirurgia para que ela pudesse ver a anatomia básica em sua forma mais crua, e foi assim que ela teve uma noção do talento superlativo de Masters. “Ele me colocava na sala de cirurgia para que eu visse como eram as trompas de Falópio e onde as coisas se localizavam – para o desgosto do chefe da cirurgia, que saía gritando toda vez que eu entrava lá”, lembrou ela. “Masters era um cirurgião soberbo. O pessoal da equipe de cirurgia o adorava. Ele era capaz de remontar o Humpty Dumpty^{6*} de novo.”

O entusiasmo de Virginia ficou evidente para os médicos, as enfermeiras e os membros da equipe que ouviam seus comentários na cantina do hospital. Com zelo evangélico, ela parecia ter lido e assimilado, em detalhes, todos os trabalhos publicados sobre sexualidade. “Nós todos nos reuníamos na hora do almoço muitas vezes, e o assunto sexo sempre surgia”, disse o doutor Sherman. “Ela discutia muito bem a respeito, particularmente o Relatório Kinsey.” Ela convenceu Sherman a deixá-los usar também suas salas médicas do terceiro andar, em frente ao escritório de Masters, depois que ele saísse todo dia às seis da tarde. Na gaveta da sua mesa, Sherman deixava a chave da sua sala de exames para que os dois examinassem pessoas

fazendo sexo como parte de seu estudo. “Eu nem pensei duas vezes”, lembrou Sherman.

Como um observador não muito distante, Sherman ficou maravilhado com a rápida transformação de Virginia em seu primeiro ano, de uma impassível secretária na mesa do corredor organizando papéis a uma assistente hábil e criativa, que ajudara a obter financiamento inicial de uma fundação de Nova York dedicada ao patrocínio de pesquisa sobre reprodução. Como Masters ainda mantinha a clínica de infertilidade no hospital e sua própria prática de ginecologista e obstetra, ele passou a confiar cada vez mais em Virginia para manter seu estudo sobre sexo em andamento. “Bill era o nome no alto do projeto de pesquisa, mas na realidade era Virginia que fazia todo o trabalho”, lembrou Sherman. Enquanto Masters entrava com a teoria e o arcabouço intelectual, Virginia fornecia o senso comum e a comunicação prática necessária. Antes descartável, ela era agora indispensável. Enquanto explorava os limites da sexualidade humana e pagava as suas contas, ela ostensivamente tornava-se a parceira de fato de Masters.

[6](#) Humpty Dumpty é um personagem da cultura anglófona, um ovo antropomórfico, com rosto, braços e pernas. Na rima infantil mais conhecida, é narrado caindo de um muro e ficando em pedaços. Aparece com frequência na literatura, como em *Alice através do Espelho*, de Lewis Carroll. (N. do T.)

O experimento

Uma mulher jovem andava pela sala de exames trajando um roupão de toalha branco e uma fronha cobrindo a cabeça. Dois buracos abertos no tecido de linho permitiam-lhe enxergar. Ela não usava mais nada. A esmo, a misteriosa fêmea caminhava pelo piso. Deixou cair o roupão e deitou numa espreguiçadeira estofada, um pouco inclinada para trás. Em repouso, parecia apenas levemente ansiosa, como se já tivesse feito aquilo muitas vezes antes – mas nunca com um capuz na cabeça.

Masters e Johnson, os dois de avental branco de médico, apresentaram a mulher, sem revelar seu nome verdadeiro. A visão dessa voluntária nua desnorteou um pouco seu convidado, Paul Gebhard, o diretor do Instituto Kinsey de Pesquisa do Sexo, que já passara por Harvard. “Talvez a mulher não contasse com a minha presença ali, então eles tiveram que improvisar uma máscara às pressas”, Gebhard lembrou bem-humorado.

Por alguns momentos, Gebhard viu-se trocando amabilidades com a jovem nua deitada na espreguiçadeira, enquanto Masters e Johnson remexiam nos seus equipamentos médicos, cabose medidores, a postos para gravar sua reação sexual.

“Eu diria que ela era uma mulher perfeitamente na média”, Gebhard lembrou. “Não era obesa nem magricela. Simplesmente tinha a aparência que você esperaria de uma universitária ou

enfermeira. Não havia cortado os pelos pubianos como fazem as modelos. Tinha os pelos pubianos normais.”

O objeto mais extravagante presente na sala era um mecanismo longo e cilíndrico de plástico, criado por Masters, e ligado a uma pequena câmera. Parecia um pau de macarrão só que feito de acrílico branco Plexiglas, com um visor ótico de vidro plano. Sem revelar a natureza de seu experimento, Masters recorreu à ajuda de outro professor, versado em equipamento fotográfico em miniatura. Para todos na sala, o propósito desse elaborado dispositivo era bastante claro. “Era um *dildo*”, Johnson explicou. “Bill nunca hesitava quando achava que alguma coisa podia funcionar.”

Nunca ninguém havia fotografado o interior de uma mulher durante o coito, documentando a reação da fêmea à entrada e penetração de um falo. Aquele dispositivo bastante engenhoso permitia iluminação com luz fria, suficiente para que Masters, Virginia Johnson e sua equipe pudessem observar a cavidade vaginal, filmando-a em cores sem distorção. O equipamento elétrico podia ser ajustado às variações físicas de cada mulher, de tamanho, peso e desenvolvimento vaginal. “Parecia um aparelho importante de equipamento médico, e muito bem produzido também”, disse Gebhard, que ficou maravilhado com a meticulosidade de Masters e Johnson, que checavam cada detalhe. “Você tinha que observar bem o cabeamento, para não eletrocutar ninguém. Era bastante simples, com um motor elétrico e um reostato manual para controlá-lo. Tinha uns ajustes excelentes; caso contrário poderia ter se revelado doloroso.”

Momentos antes de a mulher inserir o dispositivo nela, Virginia foi até uma sala contígua. Ela voltou com uma coisa, toda atenciosa, como só uma cientista mulher poderia se portar nessas circunstâncias. Ela “entrou com uma toalha quente e úmida e enrolou-a em volta do falo durante alguns minutos”, Gebhard lembrou. “Fez-me lembrar um pouco uma toalha quente de barbearia.”

Então o experimento teve início.

Por volta do final da década de 1950, a maioria dos professores e alunos tinha apenas uma vaga ideia do que estava sendo feito por Masters e Johnson. Em tom de cochicho, eles falavam dos experimentos de maneira maliciosa ou sinistra.

“Todo mundo estava interessado, mas eles achavam que Masters devia ser doido”, lembrou o doutor Robert Burstein, um gineco-obstetra do corpo docente da escola, que nunca desfrutou da confiança de Masters.

Uma das poucas pessoas de fora que tinham acesso era Gebhard, um cientista prático e realista, de voz rouca e bigode à la Clark Gable, cuja aprovação profissional era algo que Masters desejava. Em 1956, Gebhard havia assumido o manto de seu chefe na Universidade de Indiana, Alfred Kinsey, que morrera de ataque cardíaco dois anos antes, deixando o futuro da pesquisa sexual incerto. Como a revista *Time* declarou quando do falecimento de Kinsey: “Sua equipe poderá ou não concluir a série projetada que, segundo ele esperava, iria libertar outra geração dos velhos mal-entendidos e medos a respeito do sexo.” Apesar dos pecadilhos pessoais de Kinsey – que incluíam exibicionismo, bissexualidade e uma inclinação masoquista a filmar a si mesmo masturbando-se enquanto puxava uma corda amarrada em volta do escroto –, jornalistas e biógrafos mais tarde o retrataram como uma figura de imensa importância cultural. Nos Estados Unidos, Kinsey virou um mártir, em seu esforço para uma maior compreensão da sexualidade humana.

Em privado, Masters considerava os estudos sobre sexo de Kinsey muito corajosos, mas falhos, por se apoiarem mais em lembranças dos pacientes do que em observações clínicas. Masters acreditava que a falta de pesquisa médica no trabalho de Kinsey impedira que sua busca produzisse respostas definitivas. Os críticos apontavam que muitos dos voluntários de Kinsey viviam na cadeia, ou seja, não no ambiente social de um americano médio. Durante o tempo de vida de Kinsey, mesmo potenciais aliados seus, como a antropóloga Margaret Mead, criticaram seu trabalho, dizendo que sua linguagem clínica rude (usando a palavra “descarga” para a atividade sexual) “confundia sexo com excreção”. Atento a ataques

desse tipo, Masters manteve uma aura de segredo em torno de seu trabalho, ciente de que qualquer notícia poderia comprometer seus esforços ou afugentar apoiadores como o chanceler da Universidade de Washington, Ethan Shepley. “Com frequência, ficava imaginando como Kinsey fora capaz de tolerar as avaliações críticas altamente preconceituosas do seu trabalho”, Masters observou. “Na minha opinião, talvez ele tenha cometido um erro tático ao tentar responder, de boa-fé, a cada crítica publicada.” Masters procurou não repetir os mesmos erros.

Masters e Johnson estabeleceram distinções claras entre eles e Kinsey, com uma abordagem médica baseada em fatos, e não em inexatidões nebulosas. Em seu primeiro livro, quase dez anos depois, eles descreveram a essência de sua investigação:

Embora o trabalho de Kinsey tenha se tornado um marco na investigação sociológica, ele não se destinava a interpretar a reação fisiológica ou psicológica ao estímulo sexual. Esses fundamentos do comportamento sexual humano não podem ser estabelecidos antes que tenhamos respondido a duas perguntas: Que reações físicas se desenvolvem conforme o macho e a fêmea humanos reagem a uma estimulação sexual efetiva? Por que os homens e as mulheres se comportam da maneira que o fazem ao reagirem à estimulação sexual efetiva? Se queremos que a inadequação sexual humana possa era tratada com sucesso, as profissões médica e das ciências do comportamento devem oferecer respostas a essas questões básicas.

Dentro do seu pequeno escritório com painéis de madeira, Masters fornecia uma visão geral, mapeando cada movimento do corpo durante a reação sexual com a precisão de um cartógrafo. Essa abordagem clínica fascinou Gebhard. Antes de Kinsey morrer, Gebhard havia discutido com ele a realização de um estudo similar das questões anatômicas e fisiológicas básicas, mas nenhum dos dois possuía treinamento como médico, portanto não tinham como fazer uma pesquisa pioneira como essa. E também achavam que os

reitores da Universidade de Indiana jamais consentiriam isso. Assim, Gebhard ficava imaginando como Masters havia conseguido iniciar um experimento terrivelmente ambicioso como aquele.

Sentada ao lado de Masters, Virginia Johnson ouvia com atenção, sem dizer palavra. “Gini”, como ela agora preferia ser chamada, via-o discutir alguns achados iniciais, anotados em cadernos mantidos numa estante de livros. Ela assentia com a cabeça, com suprema confiança, como se fosse capaz de dar testemunho com seus próprios olhos das descrições dele. “Era uma revelação completa – ninguém fizera nada tão intensivo quanto isso”, disse Gebhard. “Eles validaram o pouco que nós mesmos havíamos estudado sobre pressão sanguínea, respiração e, é claro, a reação dos próprios órgãos. Eles simplesmente nos educaram.” Em estrita confiança, Masters mencionou como eles haviam utilizado prostitutas e outros voluntários pagos para estudar o orgasmo feminino, talvez seu maior mistério.

“Como vocês conseguiram ver o interior da vagina e a cérvix durante a atividade sexual?”, Gebhard perguntou.

Nesse ponto, Masters revelou que eles haviam concebido um dispositivo para documentar em filme o orgasmo feminino. “Você gostaria de vê-lo?”, ele sondou.

Gebhard, um pouco atônito, assentiu com um gesto de cabeça. Bill e Gini fizeram um sinal para que ele os seguisse até uma sala de exame pintada de verde. No meio daquela sala ampla, praticamente vazia, havia a espreguiçadeira, um painel cheio de tomadas elétricas, e outra máquina, mais bem descrita por Gebhard como “um falo de Plexiglas, movido a motor”. Masters, como um pai orgulhoso, sorria satisfeito enquanto explicava seu aparelho.

“Bem, você gostaria de vê-lo em ação?”, perguntou Masters.

Embora a pergunta o tivesse pego de surpresa, Gebhard concordou na hora. Virginia foi até outra sala e voltou alguns minutos mais tarde com uma mulher anônima, uma estudante formada, com a cabeça coberta por uma fronha.

Quando todos estavam prontos, a jovem deitou na espreguiçadeira forrada de couro, com os pés apoiados em estribos

e o corpo quase deitado. Sua pele nua, rosada, estava cheia de fios escuros grudados e conectados na outra extremidade a uma volumosa máquina de eletroencefalograma, que ficava zunindo, girando e emitindo bipes. Uma pequena tela de televisão mostrava os padrões de impulsos elétricos que vinham do cérebro dela. Pequenos sensores ligados aos seios da mulher monitoravam as batidas do seu coração, registradas em linhas rabiscadas num papel branco que ficava rolando lentamente e saindo de uma máquina de eletrocardiograma. Essas ferramentas serviam como uma espécie de polígrafo sexual, como um detector da verdade numa área tão comumente afetada por exageros e mentiras.

Nesse meio-tempo, Masters pegou uma cadeira de escritório de metal e colocou-a diante da espreguiçadeira. Indicou então que Gebhard sentasse para observar a ação interna da vagina e da cérvix durante o experimento. Gebhard viu-se então entre os dois pés daquela jovem de pernas abertas, perto o suficiente para poder olhar pelas lentes óticas do dispositivo em forma de falo.

“Mantenha seu olho a alguma distância do final do falo, para não ser acertado por ele!”, avisou Masters, depois que Virginia retirou a toalha quente. Masters permitiu-se dar um leve sorriso antes de assumir de novo sua carranca estudada.

Com o maquinário a postos, Masters deu uma olhada em volta da sala. Certificou-se de que a câmera a cores estivesse ligada e sua equipe pronta para registrar e tabular cada reação. Tudo pronto, entregou então à jovem o “Ulysses” – apelido dado ao dispositivo cilíndrico de plástico. Entre as pessoas da equipe, soava muito natural chamar aquele pequeno monstro de um olho só pelo nome de um filme recém-lançado, com Kirk Douglas, onde aparecia um ciclope gigante. Gebhard viu a cavidade vaginal totalmente iluminada por meio da lente, com notável clareza. “Era completamente transparente”, lembrou ele.

Controlando a velocidade, a jovem na cadeira esfregava Ulysses nos seus lábios vaginais, primeiro bem devagar e depois com mais vigor. Massageou os lábios externos úmidos da sua vagina, o suficiente para que o dispositivo de plástico fizesse um som leve, esfregado contra seus pelos pubianos. Ela seguiu uma rotina

preestabelecida, como se tivesse sido treinada a realizar certas práticas em proveito da sua plateia clínica. Por fim, sentiu um influxo de sangue e energia, enquanto sua vulva era lubrificada. Enfiou o dispositivo dentro dela quase sem esforço, com um mínimo de pressão.

Durante os minutos seguintes, a sala toda parecia tomada por um minueto de movimentos, cadenciados com os da jovem socando Ulysses em sua vagina e com os do registro de cada impulso que isso gerava. Conforme a tensão crescia e o clímax dela se aproximava, o corpo da mulher passou a brilhar de suor. O calor da sala, cuidadosamente monitorado por Virginia, agora aumentava. Naqueles dias, o Hospital Maternidade ainda não tinha ar-condicionado, e o controle da climatização era um fator crucial no teste da reação fisiológica dos voluntários. A jovem jogou a cabeça para trás, meneando os quadris para cima e para baixo, e de lado. Para atingir a meta definida do orgasmo, ela fora instruída de antemão a controlar o dispositivo motorizado, aumentando a rapidez e profundidade dos movimentos conforme sua vontade. Em vez de ter convulsões de êxtase, ela se mostrou relativamente calma. A sua relação amorosa simulada pareceu muito competente.

Gini e Bill rabiscaram anotações enquanto observavam as máquinas e os trejeitos da jovem. Gebhard permaneceu olhando pelo dispositivo de Plexiglas com total assombro, a ponto de esquecer dos movimentos de vaivém. "Ela aumentou a velocidade demais, e o falo voltou e bateu no meu olho", lembrou Gebhard. Aturdido depois de ter sido acertado por aquele *dildo* mecânico, Gebhard manteve "o olho um pouco mais afastado do falo, para que isso não acontecesse de novo". Apesar de todos os anos de estudo no Instituto Kinsey, Gebhard sentiu-se como se estivesse observando o sexo pela primeira vez. Conforme a mulher atingia o clímax, lembrou ele, "eu consegui ver como a cérvix se encolhia para o recesso do útero e se tornava mais proeminente. Então ela acabou tendo orgasmo e não demorou muito tempo para isso".

Através desse dispositivo espelhado, Gebhard confirmou a importante descoberta de Masters, que desmentiu uma crença

médica antiga – mas fundamentalmente incorreta – a respeito do corpo da mulher antes do orgasmo. Masters e Johnson mostraram que a lubrificação vaginal durante o intercursos não é produzida pelas glândulas de Bartholin, localizadas de ambos os lados dos lábios menores, como a medicina oficial acreditava. E tampouco provinha da cérvix, como outros teorizavam. Ao contrário, descobriram “uma reação similar à transudação” de material mucoso, pingando ou “suando” pelas paredes da vagina. Isso formava uma camada lisa, brilhante, como a perspiração na testa de um atleta. Deixava a mulher suficientemente lubrificada, em geral em menos de trinta segundos a partir do início da excitação sexual. Esse mal-entendido básico a respeito de uma reação sexual feminina perdurou por décadas antes de ser corrigido por sua observação científica direta. Como Gebhard disse, “era preciso um pesquisador como Bill, pois você não conseguiria descobrir isso de outra maneira”.

Quando a jovem terminou, ela se vestiu, pegou seu dinheiro e voltou à vida no campus. Era uma das cerca de doze mulheres recrutadas por Masters e Johnson nos primeiros dias de seu estudo. Gebhard nunca soube seu nome. Sua identidade permaneceu um segredo muito bem guardado. “Bill não disse nada – apenas observou”, Gebhard lembrou, ao falar sobre a solene demonstração daquele dia. No entanto, assim que o experimento foi concluído, Masters sorriu com orgulho de inventor. “Os homens odeiam essa máquina”, ele brincou, “porque invariavelmente as mulheres aceleram a máquina num ritmo que nenhum homem é capaz de igualar!”.

Gebhard não conseguiu conter uma risada. “Posso entender isso”, respondeu ele.

Anos mais tarde, Masters defendeu a extrema praticidade desse dispositivo do tipo Rube Goldberg.^{Z*} “Os médicos colocam espelhos dentro do estômago para estudá-lo”, observou ele. “Aí você faz a mesma coisa com a vagina e as pessoas dizem: ‘Como é que você ousou fazer isso?’”

Com o tempo, Gebhard lembrou mais de Virginia Johnson do que da jovem com a fronha cobrindo a cabeça. De início, Gebhard via Virginia como uma mera auxiliar, como a colaboradora séria e inovadora que iria acabar se tornando. “Ele era um médico renomado, com experiência em ginecologia, e ela era simplesmente sua assistente, que ele mesmo havia treinado”, relembrou ele. Gebhard voltou algumas vezes a St. Louis para reuniões e treinamento com Masters e Johnson, e os dois também viajaram até o Instituto Kinsey, em Indiana. Bill Masters não era uma pessoa fácil de se conhecer ou de se gostar. Toda vez que se encontravam, ele agia como se fosse um estranho. “Era engraçado [que] quando eu encontrava com ele, acabávamos ficando amigos”, contou Gebhard. “Aí, quando nos afastávamos por um ano ou algo assim e eu o reencontrava, ele voltava para aquele seu eu original, distante, imperial.” Mas a cada nova visita, Gebhard percebia que o papel de Virginia ficava mais importante, fazendo, segundo Gebhard, avanços impressionantes. Enquanto antes os comentários dela eram um eco dos de Masters, agora ela começava a expressar as próprias opiniões.

Embora Masters e Johnson estivessem descobrindo todo tipo de informações anatômicas novas referentes ao sexo, nunca antes mencionadas nos manuais, Gebhard ficava mais fascinado com o relacionamento entre ambos. Parecia que Bill e Gini eram seu próprio experimento da dinâmica entre homem e mulher. Gebhard ficava imaginando quais seriam as tensões e atrações subjacentes, as lealdades e traições que pareciam orientar sua parceria. Jantando com os dois durante visitas subsequentes, Gebhard percebeu que às vezes um terminava a frase do outro, como se fossem uma mente só. Eles pareciam inseparáveis mesmo quando separados. Para Gebhard, o que acontecia entre os dois permanecia um enigma.

[Z](#) Cartunista americano célebre nas décadas de 1920 a 1950, famoso principalmente pelas suas “Invenções do Professor Lucifer Gorgonzola Butts”, uma série de tiras com os mais disparatados inventos cômicos. (N. do T.)

Voluntários

Gini Johnson era inigualável como recrutadora de universitárias, funcionários de hospital e mulheres de professores dispostas a desempenhar atos sexuais pré-arranjados, de uma maneira que as prostitutas só fariam se fossem pagas por isso. Com certeza, nisso seu chefe não era concorrente à altura. Antes de ela chegar, Bill Masters dependeu de prostitutas, às quais oferecia apenas um cartão do tipo “livre-se da cadeia de graça” – uma garantia de não ser presa, arranjada com a polícia de St. Louis. Quando Masters compreendeu que aquelas prostitutas, com seus úteros inflamados cheios de líquido e áreas da pélvis cronicamente congestionadas, não refletiam uma “normalidade anatômica”, ele teve receio de que seu experimento estivesse condenado. Por quase um ano, a pesquisa se arrastou.

Depois de virar assistente dele, Virginia mergulhou de cabeça na tarefa de recrutar mulheres instruídas, na casa dos vinte e trinta anos, dispostas a participar de um estudo sobre sexo em troca de um pagamento simbólico e da promessa de anonimato. Muitas acreditavam em Virginia quando ela proclamava, com seu entusiasmo contagiante, que elas estavam rompendo uma barreira cultural, doando algo de si mesmas à ciência. Ao descobrirem verdades sobre seus corpos, Virginia vislumbrava, elas estariam beneficiando todas as mulheres do mundo.

Os poderes de persuasão de Gini ficaram óbvios um dia para o doutor Mike Freiman, um colega da clínica de fertilidade – mas não do estudo sobre sexo –, quando foi chamado para a sala de exames usada pelos voluntários. Naqueles primeiros dias, Masters e Johnson contavam com a cooperação de várias mulheres, que também haviam participado de seus outros estudos sobre contracepção e fertilidade. Nesse caso particular, Freiman disse que uma jovem voluntária estava testando a espuma Emko, um anticoncepcional vaginal usado para matar o esperma, durante uma simulação de sexo em que usava o dispositivo vibrador eletrônico dotado de câmera.

A câmera interna registrou como a espuma cobria totalmente as paredes vaginais durante o intercursos, fazendo com que a amostra de esperma de um voluntário do sexo masculino fosse quimicamente neutralizada. Para evitar a gravidez, a mulher estava equipada com uma cápsula cervical de plástico. Após a sessão de sexo simulado, e depois que a mulher se lavou para remover qualquer resíduo de espuma, Freiman ouviu Masters chamando-o. “O doutor Masters estava sendo chamado à sala de operação e já era hora da jovem ir embora, então eles me perguntaram se eu podia entrar lá e remover a cápsula cervical, o que eu fiz”, lembrou Freiman.

Embora soubesse dos testes secretos, Freiman nunca havia visitado aquela sala antes, com certeza não enquanto ela estava ocupada. Quando entrou, uma jovem nua voluntária apareceu, usando apenas uma máscara. “O corpo da mulher era muito bem feito e me pareceu familiar”, ele lembrou. Conforme Freiman avançou para remover a cápsula cervical, a jovem teve um sobressalto. Ela teve uma reação como se ele tivesse feito algo errado, e de repente tirou sua máscara.

“Ei, Mike!”, ela disse, com a alegria de quem reconhece outra pessoa. Ela sorriu, toda receptiva, como se encontrasse um velho amigo num churrasco de fundo de quintal.

Freiman imediatamente reconheceu o rosto daquela estudante de enfermagem. Como ele lembrou: “Eu já havia namorado aquela jovem!”

Mais memorável ainda, porém, era como Gini Johnson havia convencido aquela aplicada estudante de enfermagem a participar. Quando Freiman perguntou a respeito, as razões que a jovem citou soaram altruístas, mais do que hedonistas. “Ela me fez sentir que eu não só estava sendo paga, mas que estava ajudando meu gênero”, comentou a enfermeira a respeito do recrutamento feito por Virginia. Freiman passou a admirar cada vez mais a perspicácia de Gini conforme foi ouvindo explicações similares. “Havia um monte de mulheres da universidade envolvidas”, disse ele. “Algumas encaravam aquilo como uma demonstração de coragem – algo como: ‘Eu estou apoiando uma coisa que é muito importante.’” Durante aqueles anos estagnados da década de 1950 e início da de 1960, quando a ousadia das mulheres se restringia a usar calças capri, o apelo de Virginia à liberdade sexual como um direito básico fazia sentido. Como Freiman lembrou: “Ela fazia as pessoas sentirem que estavam fazendo uma obra de Deus.”

Uma enfermeira e um estudante de medicina eram dois voluntários conhecidos do doutor Robert Goell, na época um jovem residente do hospital. “Eles costumavam ter intercurso em bases regulares, e a Gini Johnson monitorava, para controlar batimento cardíaco e esse tipo de coisa”, disse Goell. Essa enfermeira de obstetrícia “era bem desembaraçada para falar sobre o assunto. Ela disse que era tudo bem tranquilo e que geralmente havia duas pessoas tendo intercurso e Gini Johnson entrava e fazia as leituras [no equipamento médico], silenciosamente, para não atrapalhá-los”. Ira Gall, outro jovem médico, disse que conhecia a amiga de Johnson da McDonnell Douglas, um fabricante de aviões que tinha instalações na área de St. Louis, e que depois do expediente virava “uma ativa participante” do estudo. “Virginia tinha uma boa compreensão do sexo”, disse Gall. “Tinha uma visão muito ampla, uma visão prática, e se interessava imenso pelo assunto.”

O jeito sincero de Gini deixava as pessoas à vontade. Ela tinha bastante talento para discutir questões íntimas que as pessoas não

ousavam expor normalmente. Seu estilo cativante animava muitas mulheres a se disporem como voluntárias, quase com euforia, para aquela ginástica sexual explícita exigida na sua pesquisa. Virginia acompanhava as pessoas recém-recrutadas pelo laboratório e mostrava-lhes todos os dispositivos que seriam grudados às suas partes corporais mais sensíveis. Ela também apresentava as pessoas aos seus parceiros mascarados desconhecidos, com quem iriam ter intercurso, e ainda mantinha esses voluntários comprometidos como sempre. “Gini Johnson era particularmente eficiente nessa fase do trabalho”, escreveu Masters. “Ela era capaz de relaxar muitos sujeitos da pesquisa, ansiosos, novatos, e melhorar de maneira mensurável sua confiança e seu nível de conforto.” Como parte de seu esforço de recrutamento, ela afixava pequenas notas nos murais da universidade, procurando gente que se dispusesse a “envolver-se em atividade sexual observável dentro de ambiente de laboratório”. Conforme a notícia se espalhou por toda St. Louis, Masters lembrou, eles conseguiram “mais voluntários do que teriam condições de controlar com eficiência e eficácia”. Cerca de dois terços desses entrevistados acabavam tornando-se sujeitos da pesquisa. Como o foco central do estudo era a reação sexual, os entrevistados que nunca haviam tido um orgasmo – ou não tinham certeza – eram dispensados. “Nosso critério básico era que, se eles não tinham certeza, provavelmente não haviam tido orgasmo”, explicou Masters.

Esperava-se que todos os voluntários se adaptassem à nudez no laboratório e a funcionar sexualmente diante de uma equipe médica. Alguns aderiam ao projeto para melhorar seu desempenho sexual, enquanto um número de mulheres participantes diziam a Masters “que o programa de pesquisa representava uma maneira de liberar a tensão sexual”. Apesar dessa triagem psicológica, Masters admitiu que “com toda a probabilidade, a gente às vezes trabalhava com algum *voyeur* ou exibicionista ocasional”. Os sujeitos da pesquisa, como boas cobaias, eram primeiro colocados numa sala de exame e deixados lá sozinhos, antes que ocorressem os “episódios de cópula”, como Masters descrevia em seu jargão científico, emprestado dos estudos com coelhos. “Quando eles

começavam a interagir sexualmente, a equipe de pesquisa estava sempre presente”, escreveu ele. “Eventualmente, porém, o jogo sexual levava a episódios de cópula. O orgasmo, se de fato ocorria, era identificado e observado, mas não se dava muita importância a isso. Estávamos tentando garantir que qualquer potencial para o desenvolvimento de pressões sobre o desempenho sexual fosse neutralizado pessoalmente antes que pudesse assumir proporções patológicas.” Em contraste, Gini falava abertamente sobre sexo, de maneira divertida e cativante, sem nunca perder sua dignidade e senso de decência. Seus olhos carinhosos e a voz doce transmitiam uma sensação tranquila e cálida que evitava aquela espécie de inibição ou de casca dura profissional que outros poderiam colocar nesse esforço. “Ela não hesitava em falar sobre o tipo de estudo que seria feito”, explicou Alfred Sherman, que teve muitas conversas na hora do almoço com ela e Masters. “Ela não tinha o menor problema em falar sobre o assunto usando expressões como, se me permite – ‘sair fodendo por aí.’ Ela não hesitava em falar sobre sexo, sobre o que deixava uma mulher sexualmente atraente e o que tornava algo sexualmente estimulante.”

Uma vez, Bill e Gini convidaram o doutor Sherman para observar os testes que eram realizados após o expediente nos escritórios que eles usavam durante o dia. Por meio de um espelho falso instalado nas salas de exame à prova de som, eles viam mulheres voluntárias ocupadas com determinadas técnicas de masturbação para medir suas reações sexuais. Virginia encarregava-se de dar as orientações, sempre ouvindo as indicações de Masters nos bastidores. “A paciente era acomodada na mesa ginecológica, e era colocado um espéculo na sua vagina”, lembrou Sherman. “No início do estudo, eles apenas massageavam o clitóris, depois a vulva e subiam até a cérvix para ver se a mulher ficava mais excitada ou mesmo alcançava um orgasmo. Ela [Gini] pedia às pacientes para estimularem a própria vagina, imaginando que fosse um pênis ou usando algum instrumento similar a um pênis.”

Conforme os testes passaram a incluir o intercuro sexual, o círculo se ampliou e incluiu as secretárias de outros professores e as esposas de médicos como participantes ativas, disse Sherman,

junto com estudantes de medicina e médicos residentes que buscavam ganhar alguns dólares com os honorários pela participação na pesquisa. Quaisquer que fossem suas motivações, quase todos os voluntários pareciam atraídos pelo interesse inabalável demonstrado por Virginia. Anos mais tarde, ela retratou esses voluntários com o mesmo tom idealista, quase heroico que ela sem hesitar havia usado para convencê-los. “No laboratório, trabalhávamos com pessoas comuns – ou talvez devêssemos considerá-las extraordinárias –, porque elas se preocuparam o suficiente para dedicar seu tempo e esforço a fim de que alguns mitos fossem substituídos pelos fatos”, lembrou Virginia. “Podíamos perceber muito claramente a necessidade desesperada que havia pela informação que estávamos reunindo, tínhamos muito confiança de estar no caminho certo, de estarmos fazendo ‘Uma Boa Coisa’. Vivíamos numa bolha de convicção que nos isolava de quaisquer dúvidas.”

Sob o brilho das luzes e da observação científica, alguns machos voluntários aparentemente saudáveis e viris sofriam de impotência, ejaculação precoce ou o que os dois pesquisadores gentilmente chamavam de “temores de desempenho”. Quatro em cada cinco “fracassos” no programa – pessoas incapazes de ser bem-sucedidas no desempenho sexual – eram voluntários homens, segundo mostravam os registros. “Eu achava que teria muito mais dificuldades de trabalhar com as mulheres”, Masters explicou mais tarde. “Como estava errado! É infinitamente mais difícil lidar com o homem do que com a mulher em laboratório.” A atenção clínica de Masters ao desempenho e aos resultados podia transformar uma atividade relaxada de sábado à noite numa manhã de segunda-feira trabalhando. “Todos os casais escolhidos eram muito diretos e orientados para uma meta específica”, com pouco ou nenhum jogo erótico preliminar nos experimentos, e “levados direto para os genitais”, lembrou Masters. Em comparação, sua abordagem sem rodeios levou ao “dobro da taxa de fracassos em relação a casais comprometidos, no que se refere ao intercuro”. Como cientista, Masters parecia preferir o sexo como algo corriqueiro, sem amor, no qual “o intercuro era apenas um exercício mútuo de

masturbação para os casais designados". Oitenta por cento adotavam a posição "papai e mamãe", sem variações. Entre os homens, Virginia demonstrou a mesma paciência que tinha com as participantes mulheres. Ela permitia que os voluntários ansiosos visitassem as dependências da clínica, para que ficassem simplesmente lá, lendo ou conversando amenidades e ficando mais à vontade. Alguns iam lá para fazer essa rápida visita três ou quatro vezes, e ninguém lhes fazia perguntas. Com uma risada sincera, ela dava um toque de humor aos procedimentos, incentivando os homens jovens inseguros em relação a si mesmos de que tudo iria dar certo.

Uma manhã, um voluntário, que era estudante da escola de medicina da Universidade de Washington, entrou todo esbaforido porta adentro. "O doutor Masters está?", perguntou ansioso. "Quero ver o doutor Masters!"

Só Virginia estava no escritório. "Hmmm, eu acho que nesse exato momento ele está na sala de operação", ela respondeu, a par da agenda de Masters na cirurgia. "Posso ajudar em alguma coisa?"

O estudante negou com a cabeça e saiu depressa. Uma hora mais tarde mais ou menos, ele voltou com a mesma preocupação urgente.

"Não sei quando é que ele vai voltar", explicou ela. "Posso ajudar?"

O jovem ficou parado, olhando fixo, por um momento, sem saber se poderia confiar nela. Então ele soltou: "Eu acho que perdi." "Perdeu o quê?", Gini replicou sem entender. Ele retribuiu a pergunta dela com uma expressão de óbvia frustração. "Eu acho... Acho que não consigo mais." Virginia reconheceu aquele voluntário educado, charmoso, que se comportava mais como um rapaz do interior do que como um rapaz sofisticado da cidade. Ela compilara seu histórico pessoal como parte do questionário de rotina prévio à admissão dos voluntários no programa. Ele era nativo da cidade dela, Virginia lembrou, e havia sido "criado por uma família muito conservadora, como filho único", com uma vida social restrita. "Até o segundo ano da escola de medicina, ele quase não havia

namorado”, disse ela. Mas depois que descobriu o sexo, esse voluntário, como outros jovens da sua idade, aumentou muito seu desejo de querer transar mais, como um homem que passa sede e de repente tem vontade de beber todo o oceano.

Na manhã em que apareceu com aquele ar de desespero, o estudante de medicina havia passado as trinta e seis horas anteriores em encontros sexuais com duas mulheres diferentes e chegara à completa exaustão. Sua falta de reação física o deixara confuso e muito alarmado. Como uma medida de emergência, ele foi procurar a ajuda de Masters.

Depois de ouvir pacientemente, Gini soube que o jovem havia apenas passado por uma maratona”, disse ela, e depois disso sofrera o “período refratário”, uma condição exclusiva dos homens, que envolve, como Masters e Johnson mais tarde descreveram, uma “resistência psicofisiológica” temporária a fazer mais sexo imediatamente após o orgasmo. Para alguns homens, não importa o quanto a mulher se mostre sedutora, o pênis permanece inativo por cerca de uma hora. Alguns chegam a sentir dor se tentarem de novo muito cedo. Os testes de Masters e Johnson mostraram que as mulheres não sofrem desse problema “refratário”. Virginia mostrou ainda mais um pouco de compaixão pela condição desse jovem. “Eu simplesmente o tranquilizei dizendo que ele havia passado da sua cota”, explicou ela, como se fosse um instrutor de tiro. “Ele estava de fato muito, muito perturbado. É que simplesmente nunca se deparara com a incapacidade de funcionar, em nenhuma circunstância.”

Nesse aspecto, o jovem de Golden City não estava sozinho. Muitos dos voluntários que colocavam seus corpos à disposição “não tinham de fato grande experiência ou grande versatilidade em coisa alguma”, disse Virginia. “Fazer sexo na clínica parecia uma maneira de obter respostas a questões sobre eles mesmos, de aliviar apreensões a respeito do sexo oposto ou superar a própria timidez ou curiosidade.” Certamente, era esse o caso do voluntário Thomas Gilpatrick.

Médico-residente, casado, trinta e dois anos, formado em Harvard, Thomas Gilpatrick trabalhava na clínica de infertilidade supervisionada pelo doutor Masters. Embora seu porte e sua altura sugerissem alguma familiaridade com atletismo, Gilpatrick era um homem de óculos de hastes curvas escuras, com olhos castanhos bastante míopes, cabelo ondulado e escuro bem penteado, de um jeito alinhado mas sem imaginação. Gilpatrick parecia o próximo da fila a adotar um terno cinza de flanela naquela indescritível era sobrecarregada pelos temores da Guerra Fria, pela caça às bruxas do mccarthismo e pelo velho e insípido Dwight Eisenhower na Casa Branca. A partir de 1955, Gilpatrick tratou de casais inférteis que pagavam a quantia então vultosa de 250 dólares anuais pela competência de Masters. Repetidas vezes ele ouviu a fala introdutória que seu mentor fazia a casais sem filhos, na qual Masters prometia resultados quer por meio de uma gravidez bem-sucedida quer por meio de suas conexões com agências de adoção e outros médicos. “Não podemos garantir que você ficará grávida, mas podemos garantir que terá um bebê”, Masters repetia muitas vezes.

Estar na linha de frente da medicina era algo que exercia apelo sobre Gilpatrick, que admirava a capacidade superior de Masters e seu estilo autoconfiante. Criado no estado de Washington, *Gilpatrick* inscreveu-se em Harvard e foi aceito na classe de 1946. Após seu primeiro ano, serviu no Corpo de Sinalização do Exército durante a Segunda Guerra Mundial e depois voltou para Harvard, onde se formou em 1948. Naquela primavera, casou-se com o seu “verdadeiro primeiro amor”, Audrey, que ele conhecera durante os anos no Exército. Nos anos seguintes, Gilpatrick esteve ligado à escola de medicina da Universidade de Washington, trabalhou como interno no hospital do Exército e mais tarde fez residência em ginecologia e obstetrícia de novo na Universidade de Washington. Na época em que iniciou sua associação com Masters, em 1955, Tom e Audrey eram os felizes pais de uma menina e um menino. Quando Gilpatrick chegou, Masters ainda conduzia sua pesquisa preliminar sobre sexo com prostitutas e discutiu alguns achados com seu jovem assistente. Com a contratação de Gini

Johnson, a pesquisa ganhou impulso e se expandiu rapidamente. Ao tomar providências para o projeto, Virginia tinha uma habilidade especial para lidar com os estudantes de medicina, residentes e médicos – quase todos eles homens – e convencê-los a atender aos interesses dela. “Virginia era bastante atraente, não aquela mulher esplendorosa, mas exalava uma certa sexualidade”, lembrou Gilpatrick. “Não que ela flertasse exatamente, mas... bem, ela flertava, sim. Isso era a natureza dela. Existem mulheres que simplesmente têm esse jeito.”

Uma tarde, na clínica de infertilidade, Virginia auxiliava Gilpatrick enquanto ele colocava um espécuro na vagina de uma paciente. O instrumento de metal brilhante e afunilado tinha uma pequena lâmpada acoplada, quase como uma luzinha de Natal, mas ela não estava acendendo. Gini deu um passo adiante, roçando de leve nele, e pegou o cabo elétrico ainda não conectado.

“Ah, doutor, eu preciso plugar o senhor”, ela murmurou, sorrindo de um modo inocente, mas também um pouco malicioso, enquanto inseria o pino do cabo numa tomada.

Gilpatrick nunca esqueceu dessa tirada dela. “Era obviamente uma coisa de duplo sentido, quer tenha sido por acaso ou intencional”, disse ele. “E depois a gente riu ao lembrar isso.” Talvez ela tivesse percebido o interesse dele, mas Virginia sempre era muito profissional no trabalho, com boa compreensão dos limites sutis da convivência social. “Ela mostrava confiança na própria sexualidade e isso ficava aparente, como algo que faz parte da vida”, ele lembrou. “Gini estava, em certo sentido, à frente do seu tempo.”

Em seu trabalho de recrutamento, Virginia ficou sabendo dos casos extraconjugais de Gilpatrick durante os turnos da noite no hospital, enquanto a mulher ficava em casa cuidando dos dois filhos pequenos. Depois que soube da disposição de Gilpatrick em se envolver sexualmente fora do casamento, Virginia abordou seu colega oferecendo que ele se tornasse voluntário. Ela sugeriu que a investigação que estavam fazendo sobre a reação sexual entre estranhos era uma continuação natural e lógica da sua pesquisa sobre fertilidade.

Gilpatrick não exigiu muito esforço de convencimento.

Em sua primeira ocasião como voluntário, a mulher voluntária, nua, descansava junto a Gilpatrick na cama de casal, estendendo as pernas nos lençóis verde-menta bem esticados. Os seios fartos da mulher, sua pele clara e lisa com algumas partes arrepiadas, as mãos que começavam a acariciá-lo, tudo era um mistério para ele.

“Me deixe no ponto”, ela pediu.

Antes de entrar na sala de exames, Gilpatrick havia tirado a roupa. Quando ele passou pela porta, tirou também a última peça de roupa que ainda faltava, aquela bata fina e solta de hospital.

“A gente tirava a roupa separadamente”, lembrou Gilpatrick. “Gini nos apresentava por nosso primeiro nome.” Após a apresentação, Virginia saía da sala e presumivelmente ficava atrás do espelho falso.

Como era habitual, a mulher nua que o cumprimentou não vestia nada, tendo apenas um saco de papel na cabeça, assim como ele. Logo os dois concordaram que o tal saquinho podia ser dispensado também. “A gente começou usando-o, mas depois achou que era bobagem”, Gilpatrick lembrou. Aquela coisa cobrindo o rosto dificultava respirar, disse ele. Além do mais, eles não tinham nunca visto a cara um do outro antes, e provavelmente não iriam mais se ver.

Ao contrário de outros voluntários, Gilpatrick não precisou de sessões de aquecimento para aliviar seu nervosismo. Muitas e muitas vezes ele já havia estado naquela sala de exames, atendendo pacientes mulheres como médico-residente. Ele sabia exatamente onde ficava a máquina de eletrocardiograma, os cabos com os eletrodos e a localização do falso espelho onde tudo podia ser visto pelo doutor Masters e Gini Johnson. “Sabia que estávamos sendo observados, mas não posso dizer que isso me deixasse ansioso”, Gilpatrick rememorou. “Era uma coisa feita em nome da ciência.” Ele acreditava o suficiente em Masters para superar dúvidas a respeito de sua própria aparência totalmente nu. Sabia que o projeto podia facilmente arruinar sua nascente carreira de médico se se chegassem a vazar boatos sobre sua participação. Mas imaginava que muitos grandes avanços científicos haviam

envolvido algum grau de risco calculado, mesmo que aquele em particular envolvesse também algum tipo de voyeurismo. “Não acho que Bill estivesse extraindo algum prazer com aquilo”, Gilpatrick refletiu. “Acho que ele simplesmente sentia que aquela era uma área de fisiologia desconhecida e que o eventual reconhecimento disso poderia lhe trazer um Nobel ou um prêmio científico similar.”

Conseguir ereção no laboratório não era problema para Gilpatrick, que se considerava um macho americano saudável e vigoroso. No entanto, o pedido inicial de sua parceira nua para que a ajudasse a “ficar no ponto” – algum esforço razoável para praticar um jogo erótico preliminar – era algo além de sua limitada competência na cama. “Eu descobri mais tarde, embora fosse casado, que era relativamente inexperiente”, disse ele. Suas parceiras mulheres, em sessões espaçadas mas repetidas de meia hora de duração, pouco fizeram para levá-lo numa direção mais correta. Essas mulheres provavelmente eram tão toscas e inexperientes quanto ele. “Não lembro de quaisquer conversas ou outros comentários que não fossem sobre o tempo”, disse ele. “Nada de coisas como ‘isso aqui é bom’ ou ‘continue fazendo assim’.”

Nos bastidores, Gini Johnson podia ser ouvida dando orientações, enquanto observava Gilpatrick arremetendo decidido em sua parceira. As instruções dela se concentravam em cuidar para que os eletrodos não se soltassem, que outros instrumentos usados para registrar dados das reações corporais não se desprendessem com os trancos e volteios que eles davam em cima do colchão.

E um dia, depois de assistir a um envolvimento bastante apressado entre Gilpatrick e uma de suas parceiras, Virginia orientou-o com bastante tato. “Depois, no dia seguinte, ela perguntou se ela ‘não poderia se estender um pouco mais?’ ou palavras equivalentes”, Gilpatrick memorou. “Talvez eu não fosse exatamente o garanhão que eles estavam procurando.”

Os rostos, corpos, vozes e suaves cheiros das voluntárias que copulavam com Gilpatrick, mulheres anônimas na casa dos vinte e tantos ou trinta e poucos anos, haviam sumido da memória décadas mais tarde. A única da qual ele lembrou bem foi uma mulher grávida, talvez solteira, de Oklahoma, que viajara a St. Louis para dar seu bebê para adoção. No procedimento, Bill e Gini converteram essa mulher grávida numa voluntária para o estudo sobre sexo, fazendo registros da atividade elétrica de seu útero durante o orgasmo e comparando-os mais tarde com os registros durante o parto. “Ela tinha provavelmente vinte ou vinte e um anos, talvez fosse estudante universitária”, Gilpatrick lembrou. “O médico dela em Oklahoma conheceu Bill e sugerira que ela poderia ser uma candidata.” Gilpatrick não se importava em fazer sexo com uma mulher grávida. Em deferência à sua barriga proeminente, ele combinou com ela uma variação “meio de lado” da sua usual posição papai e mamãe. “Ela não estava muito grande, a ponto de ficar desconfortável, devia estar no quarto ou quinto mês [de gravidez], eu calculo”, lembrou ele. “Acho que a gente não teria feito se ela estivesse no sétimo ou oitavo mês, com risco de o bebê nascer prematuro.” A pesquisa de Masters e Johnson da reação sexual entre mulheres grávidas já “vinha sendo feita havia algum tempo, quando Gini me pediu para participar”.

Por que essa mulher do Oklahoma concordou em ser voluntária para a pesquisa sobre sexo de Masters e Johnson? Será que sua gravidez e condição econômica a tornaram mais inclinada a concordar com tal atividade? E como é que o processo de triagem de Masters e Johnson – que eles diziam aos céticos ser deliberado e voltado para excluir candidatos potencialmente inadequados – fez vista grossa ao possível impacto psicológico do sexo com estranhos para essa jovem?

Gilpatrick, no entanto, como homem de medicina, fazia poucas perguntas. Sua urgência física de ter sexo com aquela mulher grávida bonita, de seios aumentados, não deu espaço a essas preocupações mais ponderadas. “Tenho certeza de que Bill e Gini fizeram com que ela sentisse que estava dando uma contribuição ao conhecimento científico”, explicou ele. “Havia uma sugestão

implícita do tipo 'Não tente descobrir quem é essa pessoa.' Havia essa advertência de Gini, provavelmente não de Bill, de que a coisa deveria ser anônima."

Alguns meses mais tarde, no início de 1958, Gilpatrick cuidou como médico-residente do parto da jovem de Oklahoma na ala da maternidade do hospital. Mãe e filho se saíram muito bem, ele lembrou, mas o evento abençoado deu a Masters a oportunidade de um acompanhamento científico, comparando os eletrocardiogramas do nascimento com aqueles dela durante o sexo. "Nossos registros das contrações de parto – a atividade elétrica – eram muito similares aos que ela havia tido durante o orgasmo", Gilpatrick lembrou. Ao longo dos anos seguintes, Masters e Johnson entrevistaram 111 mulheres a respeito de suas reações sexuais durante a gravidez, e chegariam a várias conclusões reveladoras e inovadoras, incluindo a garantia de que o sexo entre casais durante a gravidez não representava real ameaça para o feto – dissipando mitos antigos. O seu estudo documentava o aumento do interesse sexual entre as mulheres durante os dois primeiros trimestres da gravidez. E com ajuda de exemplos da vida real, eles detalharam mudanças perceptíveis nos seios da mulher, na sua genitália externa e nos órgãos internos durante a gravidez. No entanto, apenas seis mulheres grávidas puderam ser usadas em seu estudo para a "avaliação anatômica e fisiológica da reação sexual durante o período da gravidez e pós-parto". Todas elas eram casadas, relataram os dois. Dessas seis mulheres, quatro haviam sido voluntárias antes de engravidar, o que permitiu uma comparação entre seus padrões de contrações uterinas em ambas as condições. Por alguma razão que não se sabe, Masters e Johnson decidiram não incluir a mulher grávida de Oklahoma em seus resultados finais.

Como ele havia esperado, a associação de Gilpatrick com Masters colocou-o no caminho certo profissionalmente. Quando o bem-sucedido período de Gilpatrick em St. Louis terminou, ele voltou com a mulher e as crianças para Spokane, Washington,

onde iniciou uma prática com ginecologia e obstetrícia, que incluía ainda infertilidade, endocrinologia e câncer de pélvis. Em meados da década de 1960, ele havia ajudado a implantar uma seção do Planned Parenthood em Spokane e levava adiante uma carreira bem-sucedida na medicina.

Em sua vida privada, no entanto, seu tempo como voluntário para Masters e Johnson mostrou prós e contras. “Eu tinha aquele sentimento estúpido, egoísta, de que se minha mulher não soubesse, então estava tudo certo – e esse acabou sendo o problema entre nós”, Gilpatrick refletiu. Os seus *free-lances* no laboratório erodiram a confiança entre a mulher e ele. “Eu tive muitos casos em Spokane e aprendi muita coisa que não sabia com diferentes professoras – eu era seduzido com muita facilidade”, disse ele. Nos fins de semana na praia durante as décadas de 1960 e 1970, ele passeava num hidroavião, uma potente lancha a motor que se elevava por sobre as águas, e arrumava mulheres em vários eventos ao ar livre. Seu tempo como voluntário de sexo e como libertino de fim de semana trouxe consequências que ele não previra. “Eu acho que isso me afetou de alguma maneira, trouxe danos e pôs um ponto final no meu primeiro casamento”, refletiu ele. “Você fica imaginando que ninguém sabe.” Mas ele descobriu que praticamente todos na vida dele acabaram tendo consciência de sua infidelidade sexual, inclusive os filhos.

Antes de sair de St. Louis, Gilpatrick nutriu a esperança de se envolver com uma mulher em particular, mas nunca conseguiu – Gini Johnson. Ele pensou nela com carinho durante anos, mas nunca teve peito de procurar a companhia dela fora do hospital. No entanto, alguns anos após ter saído de St. Louis, Gilpatrick viajou até a Universidade de Washington para um jantar de gala em homenagem ao doutor Willard Allen, o chefe do departamento que tivera um papel tão importante na carreira de Masters. Muitos médicos, residentes e enfermeiras que haviam trabalhado sob as ordens do doutor Allen, um gigante no campo da ginecologia e obstetrícia, prometeram ir. Naquela noite em especial, no entanto, Bill não poderia comparecer. Gilpatrick ligou para Gini e perguntou se ela gostaria que ele a acompanhasse no jantar. Ela concordou.

No final da noite, depois que as celebrações do jantar se encerraram, Gilpatrick levou sua antiga associada de carro para casa e foi andando com ela até a porta. “Eu levei Gini de volta até seu apartamento e dei-lhe um beijo de boa-noite e um afago”, ele lembrou décadas mais tarde. “Eu disse alguma coisa no sentido de que ‘nós deveríamos ter tido alguma coisa antes’. E ela disse saber que eu era sexualmente ativo, mas que certamente agora não era a hora de voltar a isso.” Ele não fez pressão para que ela desse explicações adicionais antes de se despedirem. Virginia se lembrava de Gilpatrick mais como um amigo e jovem assistente que trabalhara com Masters do que como um voluntário no estudo sobre sexo. “Ele era bem próximo de nós”, disse ela. “Eu também gostava dele, mas não era tão receptiva, em certo sentido, porque estava sempre muito envolvida com o trabalho.”

Virginia evitava ficar próxima demais daqueles que se dispunham como voluntários para o sexo no laboratório dos dois, atenta às advertências de Freud com relação à “transferência” – a projeção psicológica de amor e emoções intensas que um paciente faz sobre seu terapeuta. Em meio a todos aqueles homens e mulheres nus que ela encontrava na clínica, em meio às observações de coitos e atos de autogratificação, a despeito de seu conhecimento de seus mais íntimos segredos, Gini sempre manteve uma distância profissional. “Eu era curiosa, não ficava escandalizada com nada”, explicou ela. “Meu trabalho era deixar a pessoa à vontade e explicar, e não ter qualquer interesse pessoal da nossa parte.”

Ao deixar Gini Johnson na casa dela aquela noite, frustrado em seu desejo de conseguir mais do que um beijo, Gilpatrick sentiu que poderia haver alguma outra razão. Embora Bill e Gini sempre agissem de uma maneira bem desapaixonada em público, sem deixar qualquer pista de que pudesse haver algo entre os dois, naquela noite Gilpatrick sentiu a presença de Masters espreitando. Como ele lembrou: “Eu sabia que, se eles não estavam juntos, provavelmente iriam ficar logo.”

Noah

Num encontro por acaso, Gini Johnson conheceu o juiz Noah Weinstein, um homem quase vinte anos mais velho que ela, mais ou menos na mesma época em que conseguiu o emprego na escola de medicina da Universidade de Washington como assistente do doutor William Masters. Ela tinha tempo de encontrar Noah nos fins de semana, ou depois do expediente, quando saía da clínica e voltava para casa. Seu improvável relacionamento logo acabou acontecendo e foi ficando mais sério. “Ele era um homem mais velho, mas um parceiro sexual maravilhoso – muito inovador e divertido”, lembrou ela.

Ao contrário dos homens com quem ela havia se relacionado antes, Noah não era tímido, aquele tipo sem sal que tendia a fazer o que outros quisessem, incluindo a própria Gini. Quando jovem, Noah havia se formado na Universidade de Harvard, em Direito, e foi advogado ativo durante vinte anos até que o governador do Missouri indicou-o para um cargo no tribunal. Como juiz respeitado no circuito do condado de St. Louis, ficou conhecido como o “canhão do tribunal” – reformando o sistema penal para menores da cidade, exigindo defensores públicos para os acusados que não tinham condições de pagar um advogado e sendo um pioneiro na proposta de aconselhamento matrimonial para aqueles que procuravam o divórcio.

Noah foi criado como judeu em pequenas cidades do Kansas e do oeste do Missouri, um lugar não muito longe de Golden City, onde a religião dele atraía a ira de cristãos fanáticos que queriam bater nele em nome de Cristo. Weinstein alcançou a maioria numa época em que a Ku Klux Klan ressurgia nos Estados Unidos, e ele não se intimidava diante daqueles que o confrontavam por sua ascendência judia ortodoxa. Mas era livre-pensador o suficiente para comer bacon, uma violação das regras tradicionais, como se a cada café da manhã ele fizesse uma declaração de sua própria independência. “Não havia muitos judeus onde ele cresceu”, lembrou a filha mais nova de Weinstein, Joan Froede. “Era muito comum entre os judeus lutar ferozmente em defesa de sua religião e depois não dar a mínima para segui-la.”

Noah impressionou Gini com o tipo de compostura que ela desejava depois de dois casamentos fracassados e com dois filhos pequenos em casa. Com certeza, Noah cuidava de sua carreira de maneira mais séria do que George Johnson. No que diz respeito a homens, Gini não se prendia a um único tipo padrão. “Coisas diferentes com homens diferentes”, Gini explicaria mais tarde ao falar sobre o que achava atraente. “Homens bem resolvidos sempre me atraíram, mas eles com certeza não eram todos bem resolvidos da mesma maneira.” Com base em seus passados recentes, tanto Gini quanto Noah tinham uma sensação de vulnerabilidade. Seu primeiro encontro deu-se apenas alguns meses após o divórcio dela. Um tempo um pouco maior havia transcorrido desde que Noah e suas duas filhas adolescentes haviam lamentado a perda da esposa dele, Lena, falecida um ano antes. “Ela era a primeira pessoa com a qual ele se relacionava a sério, com certeza a primeira pessoa que eu conheci”, disse Joan, cujo pai apresentou-a a Gini quando ela voltou da faculdade naquele ano. Depois de tanto sofrimento naquela casa, as filhas de Noah perceberam que o humor do pai – muitas vezes sombrio e desanimado – parecia ter ficado alegre de novo. “Acho que era amor”, lembrou Joan.

As diferenças tangíveis entre Gini e Noah eram grandes. Ele era um touro, não muito alto, mas troncado o suficiente para projetar uma figura imponente. Tinha seus cinquenta e tantos anos, cabelo

ralo, que de dia parecia mais branco e mais esparso. Seu queixo duplo era às vezes coberto por um cavanhaque. Os olhos afundados e separados de Noah pareciam cansados, sua pele, nodosa e envelhecida. Dos seus lábios grossos e carnudos pendia um cachimbo com uma perpétua coluna de fumaça. Ele parecia uma escolha bizarra para uma mulher em seus trinta e poucos anos, cuja inteligência e vivacidade poderiam despertar a atenção de outros homens mais jovens. Mas Noah parecia encantado com sua nova companhia, dotada de um estilo feminino que sua filha adolescente percebeu imediatamente. “Ele a achava muito atraente”, disse Joan. “Lembro dela, cabelo castanho, em geral puxado para trás. Era provavelmente o tipo de mulher que gostaria de perder uns três ou quatro quilos, mas para os padrões daqueles dias estava ótima. Ela mostrava ser muito afetuosa.”

Uma noite, em um restaurante, Gini demonstrou confiança em Joan para se abrir com ela quando as duas entraram no toalete feminino. Naquela noite, Gini usava um vestido de verão preto, básico, com uma espécie de corpete que elevava seus seios e tinha um decote suficiente para mostrar o espaço entre os seios. “Meu vestido está apertado demais”, ela reclamou assim que entraram.

Joan ajudou Gini a tirar o corpete e depois, com um pouco de ajuste, a colocá-lo de volta. “Era um daqueles vestidos que ficam um pouco justos, mas aí você solta a respiração e puxa o zíper, e meia hora depois se arrepende muito”, a Joan adulta descreveu. Mesmo assim, ela se sentiu bem com a confiança demonstrada em compartilhar pelo menos um segredo com a nova namorada do pai.

Em relação às filhas de Noah, Gini mantinha uma distância amigável, mas respeitosa. Ela nunca falava sobre seu trabalho ou sobre as tarefas que realizava com Bill Masters. Dentro da casa dos Weinstein, nos subúrbios da cidade, ela mantinha um ar de adequação impecável, apesar da sutil corrente subterrânea que indicava haver algo mais. “Na minha presença, ela era reservada”, Joan contou, lembrando as relações dela com o pai. “As pessoas não expressavam seus afetos em público naquela época. Eu queria que ele se casasse de novo. Não acho que as pessoas devam ficar

sozinhas. Eu não ligava, porque ficava a maior parte do tempo fora de casa.”

Numa manhã de domingo, quando a jovem Joan estava fora, na faculdade, a sua irmã, Lois, apareceu de repente na casa do pai. Lois, que havia se casado naquele ano e morava perto, encontrou uma surpresa na sua antiga cama. “Ela encontrou Virginia dormindo numa cama separada da do meu pai – e é simplesmente surpreendente que eles tivessem feito assim”, disse Joan, que lembra muito bem do relato de Lois, que morreu doze anos mais tarde de câncer no seio. “Minha irmã – que sabia muito mais das coisas do mundo do que eu – ficou horrorizada.” Talvez os arranjos para dormir naquela noite tivessem sido absolutamente inocentes, e Gini tivesse concordado com o pedido de Noah para que não voltasse para casa tarde da noite dirigindo e em vez disso dormisse no quarto vazio da filha. Ou talvez Gini, ouvindo Lois entrando na casa, tivesse corrido para outro quarto e fingido estar dormindo, depois de ter passado a noite na cama de Noah. Seja como for, a visão de uma mulher seminua dentro do quarto dela perturbou a filha mais velha de Noah, que reagiu com um acesso de choro e saiu sem acordar a hóspede do seu pai.

O interesse de Gini por Noah enfrentou obstáculos mais difíceis do que uma farsa de dormitório. Por causa da sua idade, Noah relutou em assumir uma nova paternidade e virar padrasto do filho e da filha de Gini. “Ele não queria filhos e decidiu não assumir esse papel”, lembrou-se ela. Mesmo assim, Noah fez o melhor possível para se aproximar dos filhos dela. Uma vez convidou os dois para um carnaval local e acompanhou-os nas atrações – tudo como uma expressão de seu afeto pela mãe deles. A religião também se tornou um problema. Em St. Louis, o judaísmo de Noah era um obstáculo à sua candidatura à reeleição para o cargo de juiz que ele sustentara por oito anos e que cobijara a vida inteira. Era um paradoxo estranho para um homem que não se considerava um judeu praticante. Não importava o quanto ele gostasse de Gini, ele tinha receio que casar com uma mulher não judia duas vezes divorciada, com quase metade da sua idade, pudesse afetar negativamente seu eleitorado. “Era uma coisa política; ele chegou a

mencionar isso para mim”, lembrou Joan. “Se ele se casasse com uma não judia, poderia naqueles dias perder todo o apoio dos judeus, ou pelo menos achava isso. Os judeus iriam achar horrível ele se casar com uma mulher divorciada, e ainda por cima que não era do seu credo.”

Mas a discórdia mais intransponível entre os dois não era a respeito de crianças ou crenças, mas em relação a outro homem. Seu nome, Bill Masters. Conforme o trabalho de pesquisa de Gini tornava-se mais abrangente – à medida que seus expedientes abrangiam mais horas e sua dedicação aos objetivos da clínica sexual se tornava mais intensa –, Noah sem dúvida sentiu o domínio que Bill exercia na vida dela. Noah não demonstrou nenhum ciúme aberto nem tentou dissuadi-la de perseguir suas metas profissionais. Tampouco condenou ou fez quaisquer julgamentos a respeito do trabalho dela como algo inadequado para uma mulher ou arriscado demais, mesmo que o juiz soubesse que envolvia algumas potenciais ilegalidades, como contratar uma prostituta ou observar pessoas fazendo sexo. “Ele era muito aberto e não ficava chocado com nada”, explicou Joan, que uma vez visitou Gini na clínica com o pai dela. “Ele era uma pessoa do mundo e de mente muito aberta.”

Durante uma reunião na casa de Weinstein, localizada junto à Warson Road, perto da casa de Gini, o juiz conversava cordialmente com Bill e Gini, discutindo vários títulos para um livro a ser compilado algum dia com a pesquisa deles. Tanto as sugestões de Bill quanto as de Gini eram títulos monótonos derivados de termos médicos ou técnicos.

“Por que vocês não colocam simplesmente – Sexo?”, sugeriu Noah, meio ironicamente.

Todos riram com gosto, compreendendo a impossibilidade de um título como esse naqueles dias.

Eram como advogados adversários, que por um momento compartilham um momento de leveza dentro de um tribunal, mas Noah continuava cauteloso em relação a Bill Masters, vendo-o como um adversário. “Minha intuição me diz que ele não gostava

de Bill”, disse Joan. “Pode ter sido uma coisa de homem para homem, que o fizesse encarar o outro como uma ameaça.”

O relacionamento de Gini e Bill não parecia ir além do hospital, nada mais do que um contracheque para bancar a formação universitária dela. Bill, como um médico do tipo “só trabalho, e nada de brincadeiras”, parecia mais casado com seu trabalho do que com a mulher e os filhos lá nos subúrbios. Conseguia passar o dia inteiro com Gini Johnson sem abrir um sorriso. Nesse sentido, Noah era exatamente o oposto de Bill. “Eu nunca conseguia nenhuma demonstração de afeto de Bill Masters”, Joan rememorou. “Mas eu sentia o afeto de meu pai por Virginia, e daquele tipo de afeto que diz muito. Ele era uma pessoa muito tensa, mas ficava menos tenso que o normal com ela. Ela tinha um efeito realmente reconfortante sobre o meu pai.”

Noah Weinstein parecia o homem certo para Virginia.

Máscaras

Depois que seu marido morreu, Estabrooks Masters mudou muito na visão de seu filho mais velho. A mãe de Bill não evitava mais as atividades sociais, como fazia antes por medo de enraivecer Frank, seu marido dominador. Essa mulher pequena, mas muito dinâmica, passou a frequentar a sinfônica, a jogar bridge e a se reunir com um grupo de mulheres muito ativo. Abraçou todas essas coisas com entusiasmo renovado, como alguém que se livrou de algum fardo. “Ela obviamente se sentia muito satisfeita por ter se libertado da escravidão doméstica”, Bill escreveu mais tarde em suas memórias não publicadas, mostrando-se ressentido com o fato de que um homem pudesse deter tal poder sobre uma mulher, especialmente quando esta era a sua mãe. Na época em que Estabrooks se mudou para um apartamento em St. Louis – para ficar mais perto de Bill, Libby e das crianças –, ela se tornara “uma pessoa totalmente diferente daquela que eu conheci quando jovem”, escreveu ele. “Na verdade, tive duas mães diferentes.”

No Hospital Maternidade, Estabrooks era uma figura bem mais familiar para a equipe de Bill do que a sua esposa. A mãe dele vivia perto o suficiente para que o filho e sua equipe de pesquisa às vezes fossem até a casa dela fazer uma refeição caseira de fim de noite. Cramer Lewis – o ilustrador da escola de medicina que

filmou os encontros sexuais na clínica – com frequência acompanhava Bill e Gini para fazer uma boquinha lá. “Se a gente terminasse a pesquisa, digamos, às dez da noite, às vezes passava na casa dela, e ela então arrumava alguma comida para os três”, disse Lewis. Uma noite, enquanto Bill e seus colegas falavam praticamente em códigos a respeito de seu trabalho no hospital, Estabrooks compreendeu o que eles estavam fazendo. Em vez de ficar incomodada com isso, a mãe de Bill se ofereceu, do seu jeito extremamente prático, a ajudar da melhor maneira que pudesse.

“Ah, coitadas dessas mulheres!”, comentou ela, imaginando as voluntárias peladas, sem um pinga de privacidade. “Elas precisam de alguma coisa para cobrir o rosto!”

Em poucos dias, ela havia inventado e feito máscaras para serem usadas pelas voluntárias durante suas cópulas. Quando homens e mulheres recebiam essas máscaras, feitas da mesma seda oriental que as gravatas-borboleta de Bill, aceitavam de bom grado o seu trabalho manual, em lugar dos saquinhos de papel e das fronhas com buracos.

Muito cioso das aparências, Bill mantinha uma cuidadosa aura de dignidade em torno de seu trabalho. Mesmo nos dias de verão mais quentes e úmidos de St. Louis, nunca afrouxava a gravata ou tirava seu jaleco branco de laboratório muito bem engomado. Sua reputação de excelência, a própria atitude de severidade e a probidade de sua equipe muito coesa ofereciam um escudo de proteção. Em casa, Bill reinava como o tipo de pai que sabe tudo, levando aquela vida de domesticidade americana regrada da década de 1950, na qual Libby ocupava o lugar de rainha, serviçal doméstica e esposa adorada. Para quem visitava sua casa estilo colonial holandês em Ladue, Libby parecia tão confortável em seu papel quanto Bill no dele. “Libby era membro da associação de caridade da comunidade, o tipo de pessoa correta”, lembrou Sandra Sherman, mulher do doutor Alfred Sherman, colega de Bill no departamento de ginecologia e obstetrícia. Sua impressão mais duradoura do casamento dos Masters era o de uma noite em que os Sherman foram convidados à casa deles para um pequeno

jantar. Bill recebeu-os junto à porta, enquanto outros convidados tiravam suas estolas e casacos.

“Entrem, deixem os casacos em cima da cama”, disse Bill, muito amável. Ele indicava o dormitório principal e continuava cumprimentando os que vinham chegando.

Sandra e Alfie seguiram as instruções de Bill. No quarto deles, Sandra notou uma coisa estranha. “Eles dormiam em camas separadas e então pensei: ‘Deus do Céu! E é *e/e* que vai falar sobre sexo?’” Como lembrou Sandra, o pensamento de camas separadas na casa dos Masters parecia incongruente.

O amigo de Bill, Mike Freiman, lembrou uma reunião em que um dos convidados era o doutor John Rock, médico de Harvard e especialista em fertilidade, famoso por ter desenvolvido a pílula anticoncepcional (Rock mais tarde fez parte de uma comissão do Vaticano que defendia o uso da pílula pelos católicos, sugestão rejeitada pelo papa Paulo VI em sua encíclica de 1968, *Humanae Vitae*). Para Freiman e outros da Universidade de Washington, fazer parte do círculo íntimo do doutor Masters significava poder conhecer Rock e outras figuras renomadas da medicina. Essas reuniões começavam com alguns coquetéis na casa de Gini e depois todos iam jantar na casa de Bill e Libby. “Eles se comportavam de maneira muito cordial, muito apropriada, muito presbiteriana”, lembrou Freiman ao se referir aos Masters. “Ele era um cavalheiro educado, com um casamento adequado, filhos comportados que iam para a escola certa – e a senhora Johnson era a sua parceira de trabalho.”

Em poucos anos, Gini havia aprendido o jargão do mundo dos médicos e trabalhava no laboratório como uma profissional plenamente madura. Não havia como subestimar sua importância no projeto, no qual 55% de todos os voluntários eram mulheres (sem contar as prostitutas). Como Masters escreveu mais tarde, ela “dava toda a orientação necessária” para que as pacientes mulheres ganhassem “uma sensação de confiança em si mesmas como indivíduos sexualmente reativos”, para que pudessem

“verbalizar de maneira livre e confortável aquilo que havia sido até então uma experiência privada em suas vidas”. Bill confiava cada vez mais nos *insights* de Gini e valorizava suas sugestões. A intensidade de seus debates era memorável. “Uma vez eles passaram por meu escritório depois da sua pesquisa sobre sexo”, lembrou Freiman. “Estavam exaustos e discutiam sobre o que, afinal, era um orgasmo.” Bill parecia estar dando uma palestra, apoiando-se em seu conhecimento clínico da reação sexual feminina. Como lembra Freiman, Gini sentou impaciente, revirando os olhos, discordando, até que não conseguiu mais se segurar.

“Bem, eu é que tenho que saber o que é”, Gini exclamou. “Eu sou mulher, e você não!”

Bill admitia ter certa surdez em relação a alguns sons do amor. “Em minha opinião, a contribuição mais importante de Gini”, declarou mais tarde, “foi sua orientação paciente e sincera quanto aos múltiplos aspectos da personalidade psicosexual da mulher. A tarefa dela não era fácil, pois eu desenvolvera um grau significativo de tensão cerebral em relação a esse assunto”. Em seu obstinado medicalês, Bill reconheceu que precisava de Gini como tradutora. Ela provou ser alguém enviado por Deus, uma mulher que por direito ganhara um lugar ao seu lado. “Gini trabalhou duro para absorver o máximo de material possível, da maneira mais rápida que poderia conseguir”, escreveu ele mais tarde.

O papel de Gini como assistente de Bill expandiu-se para o ambiente social. Ela passou a acompanhar o doutor e a senhora Masters em eventos para levantar fundos para o hospital e em eventos de férias patrocinados pela escola de medicina. “Eles entravam pela porta como um trio”, lembrou Sandra Sherman. “Eu sentia que havia algo a mais naquilo. Alguns homens precisam de haréns.” Enquanto conversavam à mesa, Sandra passou a entender melhor as duas mulheres. Ela gostava de Gini, que tinha uma conversa animada e era boa ouvinte. O jeito de se vestir e a atitude de Gini ficavam dentro dos estreitos limites da aceitabilidade social dos médicos e suas esposas, mas ela sabia como se apresentar como alguém especial. “Ela se vestia com bom

gosto, mas sempre um pouco mais exuberante do que Libby”, explicou Sandra.

Os amigos ficavam imaginando em que Libby Masters poderia estar pensando. Como é que ela não ficava incomodada com a decisão de seu marido de acompanhar outra mulher além dela nesses eventos especiais? Não importa o quanto Bill lhe assegurasse as coisas ou o quanto Gini se comportasse com ela de maneira cordial e não ameaçadora, como é que Libby conseguia não suspeitar que a relação de seu marido com aquela sua parceira mulher era mais do que apenas profissional? “Ela era muito inteligente”, Sandra lembrou ao falar de Libby. “Ela devia estar sabendo.”

Embora os jantares de fim de noite com Estabrooks Masters propiciassem algum clima de coleguismo para a equipe de pesquisa do seu filho, havia noites em que apenas Bill e Gini escapuliam para comer algo ali. Naquelas águas não mapeadas da pesquisa sexual, parecia haver uma necessidade constante de diálogo e avaliações. Depois de seus turnos regulares durante o dia no hospital, os dois pesquisadores jantavam juntos até que chegassem os voluntários para os compromissos da noite, dedicados à atividade sexual. Bill não parava de alertar a respeito dos perigos envolvidos no trabalho deles, evitando as profundas correntes emocionais que ficavam logo abaixo da superfície. Os pacientes deviam estar protegidos contra qualquer invasão de privacidade, insistia ele, e sua pequena equipe não devia se permitir quaisquer pensamentos lascivos durante as sessões. Nada menos do que um profissionalismo irrepreensível seria tolerável.

No entanto, a observação constante de sexo em laboratório era algo que eletrizava os próprios Bill e Gini. Apesar de sua atitude austera em relação aos voluntários e de sua roupa branca, a intensidade da noite era trazida para as suas discussões posteriores a respeito do que eles haviam testemunhado. A visão de homens e mulheres contorcendo-se, tendo espasmos nos quadris, chupando-se e beijando-se, acariciando-se e copulando; os aromas fortes e quentes que emanavam da sala de exames junto com os perfumes e as colônias; o espetáculo de corpos entrelaçados e de abraços

apaixonados diante de seus olhos enquanto eles assistiam atrás de um falso espelho acabaram abrindo brechas nos muros que Masters construía para seu experimento. Depois que todos iam embora para casa, a conversa teórica entre Bill e Gini a respeito de técnicas sexuais e de seus sujeitos de pesquisa logo se voltava para o que os dois podiam aprender. Em menos de um ano, Bill iniciou uma grande mudança no relacionamento de trabalho entre os dois. O sexo iria se tornar parte do trabalho de Virginia Johnson.

Preocupado com a possibilidade de que essa atração cinética em seu laboratório pudesse resultar em alguma imprópria “transferência” com os pacientes, Bill sugeriu que os hormônios retidos e acelerados dos dois fossem dirigidos um ao outro. Fez isso soar como se fosse uma válvula de escape de uma locomotiva descontrolada, como uma maneira de evitar uma grande explosão ao longo da via férrea. Era melhor que eles removessem isso discretamente dos seus sistemas, sem que fosse detectado, argumentou ele, do que correr o risco de um envolvimento complicado ou de uma obsessão com algum paciente. Talvez o conhecimento que Gini tinha das teorias de Freud sobre a transferência tenha parecido uma desculpa conveniente para aceitar a sugestão de Bill. Ou talvez o interesse indecoroso demonstrado por alguns pacientes e médicos homens em relação à Gini tenha disparado o alarme interno em Bill. Fiel à sua natureza, ele colocou sua proposta naquele seu tom de voz profissional, sério, como uma maneira perfeitamente razoável, desinteressada e formal de avançar em sua compreensão científica. “A argumentação dele fazia sentido”, ela lembrou anos mais tarde. “Qualquer coisa que Masters e eu fizéssemos juntos geralmente era ditada por atitudes profissionais. Quando ele introduziu a intimidade, disse que não deveríamos nunca, de modo algum, nos identificar com nossos sujeitos de pesquisa, e que o foco seria um no outro. Colocou isso como a razão para ficarmos próximos. Vivendo num ambiente intensamente sexual, onde esse era o foco do interesse e das atividades, você não deve desenvolver nenhum apego ou relacionamento com seu paciente ou seus sujeitos de

pesquisa. E nunca o fizemos. Um monte de médicos, é claro, estava tendo e continuara a ter relacionamentos com pacientes e isso é letal. Vergonha para o médico que faz isso.”

Ao se envolverem os dois com sexo, Bill disse que assim poderiam testar os métodos mais eficazes de obter orgasmo ou de retardar a ejaculação. Em vez de confiar apenas em documentação fotográfica, eles poderiam experimentar por si mesmos como era a “a reação superficial vasoconstritora da pele ao aumento das tensões sexuais” – que eles cunharam como “rubor sexual” –, a fim de poder explicar isso de modo mais preciso ao escrever a respeito. Masters colocou sua ideia em termos puramente profissionais, na linha de um tradicional histórico de médicos que experimentavam as coisas em si mesmos.

Uma noite, depois que os últimos sujeitos de pesquisa tinham ido embora, o doutor Masters e sua parceira tiraram as roupas e, em cima da cama de solteiro coberta por lençóis verdes de hospital, encenaram as reações fisiológicas que vinham tentando compreender. Ainda em seus trinta e cinco anos incompletos, Virginia Johnson não poderia ser mais atraente para o seu chefe – uma mulher sensual, cheia de entusiasmo e independente e ao mesmo tempo atenta a todos os detalhes e ávida para agradar no trabalho. Com sua gravata-borboleta desamarrada e seu jaleco engomado aberto, Bill possuía o corpo robusto de um antigo atleta que mantivera o corpo em forma ao longo dos anos. Naquela hora, ele sabia exatamente o que queria fazer, e o fez com autoridade. Os dois sem roupa, ele instruiu Gini a permanecer o mais profissional possível. Esses encontros não deviam se aventurar além do escopo de sua investigação científica, evitando os domínios confusos da emoção. Cooperando como sua assistente, praticando sexo com ele por razões puramente clínicas, Gini uma vez mais confirmou o compromisso dela com a abordagem dos dois. Ou pelo menos foi isso que Bill defendeu. “Não estávamos ligados emocionalmente de forma alguma”, ela lembrou. “Ele

estava fazendo de mim uma pessoa da 'equipe', uma pessoa daquela pesquisa. Era isso o que ele essencialmente sustentava."

No Hospital Maternidade, os colegas suspeitavam de que Masters pudesse estar tendo um caso com sua assistente, do jeito que outros médicos faziam com suas enfermeiras, mas ninguém comentava isso abertamente. Alguns achavam que Gini era a instigadora, uma mulher divorciada tramando laçar um doutor importante. Outros que conheciam bem os dois diziam que a natureza de seu trabalho – observar centenas de intercursos sexuais no laboratório – se sobrepunha aos dois e a qualquer pretensão de objetividade. O doutor Roger Crenshaw, um psiquiatra que mais tarde trabalhou junto com sua esposa terapeuta na clínica, soube o que estava acontecendo a partir de conversas privadas com Bill. "Como terapeuta, o único momento em que eu via um paciente nu era durante o exame físico, mas as circunstâncias que rodeavam o começo do relacionamento entre Bill e Virginia envolviam sexo bem explícito, e ali havia um monte de energia libidinal sendo liberada", explicou ele. Mike Freiman, amigo tanto de Gini quanto de Bill, disse que a energia sexual de seus experimentos os aproximou. "Era como ficar vendo um garanhão e uma égua – todo mundo fica excitado", ele declarou. "Eles estavam lidando com coisas muito excitantes. Não há dúvida de que estavam envolvidos emocional e sexualmente desde o início." Se Freiman precisava de alguma confirmação, ele a obteve no dia de seu próprio casamento no começo de 1961. Após a cerimônia, Mike e sua noiva ficaram num motel perto do hospital, antes de partirem em lua de mel. Os Freiman jantaram num restaurante no andar de cima e depois de alguns drinques foram para o quarto no térreo. Enquanto tentava enfiar a chave na fechadura, Mike ouviu um barulho perto – e Bill e Gini de repente saíram do quarto vizinho.

Mas essas suposições e avistamentos não explicam metade da história. No início, não havia consentimento entre eles, e com certeza tampouco existia o papel provocador que alguns colegas homens atribuíam ao envolvimento de Gini. Em vez disso, havia um acordo forçado, que ambos eram relutantes em admitir. Seu

auxiliar mais próximo, o doutor Robert C. Kolodny, que trabalhou por duas décadas com eles e foi coautor de vários livros e artigos médicos, chegou a considerar a ideia de escrever uma biografia dos dois e fez perguntas extensivamente sobre as origens de sua parceria. Só depois de horas de conversa com Bill, que ele considerava seu mentor e amigo – e após comparar isso com a versão de Gini –, é que Kolodny teve uma compreensão daquilo que havia transpirado. “Bill deixou claro para Gini, logo após ela aceitar o emprego, que serem parceiros sexuais era um dos requisitos”, disse Kolodny. “Bill encarou isso como um envolvimento consensual. Deu indicações de que ele mesmo havia sido o instigador e que Gini concordara. Mas na percepção de Gini, como ela própria colocou, isso era uma parte trivial, prevista, do trabalho. E minha suspeita é que, se ela não tivesse concordado, talvez não tivesse conseguido o emprego. Aposto que ela sabia disso e sentia isso dessa forma.” Bill vislumbrou um “projeto”, como Kolodny o chamou, no qual sua associada, mulher, iria se envolver sexualmente com ele, como uma forma de aprimorar a compreensão de tudo o que eles vinham aprendendo a partir da observação. Ele fez essa exigência logo no início de seu relacionamento de trabalho, quando Gini ainda era essencialmente uma figura indefinida, contratada sem qualquer exigência de especialização. Apesar de todos os *insights* dela, Gini ainda não era nada além de uma prestativa organizadora de papéis, com alguma habilidade em datilografia, com quem ele lidou superficialmente até ter certeza de que ela concordaria com seus planos. Se Gini “não aceitasse essas condições”, Kolodny acha que “ela teria sido substituída”. No final da década de 1950, “nessa fase precoce de seu trabalho conjunto, ela ainda não fizera contribuições significativas”, Kolodny explicou. A sensação do valor inestimável de Gini para o trabalho de ambos só se firmou após eles terem chegado a esse pacto privado. Bill acreditou, de modo ingênuo e equivocado, que sua concupiscência ficaria restringida ao laboratório. Apesar de jantarem sempre juntos no trabalho, Bill não deu nenhuma abertura a um romance. Ele parecia alheio aos próprios votos matrimoniais com Libby e ao namoro de Gini com o

juiz Noah Weinstein. Ninguém nunca iria descobrir, insistia ele, se eles mantivessem o segredo entre os dois. “Também acho que nenhum dos dois sentia aquilo como um romance”, Kolodny comentou a respeito do início da relação de ambos. “Era puro sexo.”

Décadas mais tarde, Gini fez uma pausa ao ser confrontada com essas lembranças de Kolodny, como se tivesse ouvido alguma verdade desagradável. Ficou embaraçada, talvez pelo fato de essa versão ser muito diversa da versão oficial que Masters e Johnson deram ao mundo, ou por revelar bem mais do que ela já chegara a dizer antes a quem a questionara amigavelmente, ou por diferir muito da versão que ela dera aos filhos e aos pais, ou da que tentara impor a si mesma. Kolodny era amigo de Bill, e uma pessoa com a qual ela nem sempre concordava e com quem discutia com frequência. A emoção em sua voz revelou uma mágoa antiga. “Foi tudo coisa do Bill – eu não queria”, ela insistiu referindo-se à sutil depredação que ele promoveu, e sua voz normalmente modulada exibiu uma nuance de raiva quanto às origens de suas relações sexuais. “Eu tinha um emprego e quis mantê-lo.”

Para Virginia Johnson, as recompensas por seu entusiasmo explícito e por sua aquiescência privada seriam muito importantes – um cargo numa pesquisa na universidade mais prestigiosa da cidade, um emprego estimulante e intelectualmente desafiador, bem acima de suas credenciais, e dinheiro suficiente para poder criar os filhos sem ter mais que depender de outras pessoas. Por volta de 1960, Gini compartilhou os créditos com Bill num estudo médico intitulado “A Fêmea Humana: Anatomia da Reação Sexual”, publicado por uma revista da Associação Médica de Minnesota. Era um feito notável para alguém com a bagagem modesta de instrução de Gini, que a colocava no mesmo patamar de Marvin Grody, Willard Allen e outros doutores da Universidade de Washington, que também haviam publicado trabalhos em coautoria com o doutor Masters. Seguiram-se publicações médicas em coautoria com ele, generosos aumentos e importantes

obrigações para Gini. O seu papel destacado no trabalho de ambos – uma visível transparência em lhe dar créditos, concedidos de forma corajosa – escondia rumores que sugeriam que sua contribuição poderia ir além da mera observação empírica em laboratório. Que outro doutor seria tão magnânimo, tão progressista, tão esclarecido, como outros diriam mais tarde, a ponto de compartilhar sua merecida projeção com uma mulher? Mas todos esses louros vieram a um custo que ela nunca ousou mencionar. “Ele estava me elevando, e eu estava sempre sendo recompensada”, Gini explicou. “E eu não tinha a mínima qualificação.”

Particularmente para uma geração de mulheres mais jovens do que Gini, uma proposta como essa seria considerada não apenas imprópria, mas um assédio sexual ilegal, que geraria uma ação penal capaz de destruir uma carreira. “Pode ter sido [assédio sexual], mas eu realmente não encarei isso desse modo na época”, ela admitiu. “Ele era uma figura importante na medicina.” No final da década de 1950, secretárias recém-contratadas não acusavam os médicos do alto escalão do hospital de desconsiderações sexuais. Muitas não recusavam propostas feitas ao pé do ouvido durante um jantar. E se essas mulheres não concordavam em abrir a guarda depois de uns drinques, seus empregos podiam terminar de repente, quer porque elas decidiam sair ou porque recebiam uma carta de demissão no final da semana. Gini entrara na Universidade de Washington para reconstruir sua vida, depois de dois casamentos desfeitos e com duas crianças a reboque. Ela queria e precisava encontrar uma nova vida por meio da instrução. Ela declarou que não podia se dar ao luxo de jogar tudo para o alto. Obrigada a se submeter por circunstâncias pessoais e pelas suas condições de vida, Gini não agiu ofendida ou recalcitrante ao aceitar fazer sexo com Bill. Ela disse sim às suas propostas sem se queixar, como parte de uma racionalização que fez consigo mesma. “Não – eu não me senti confortável com aquilo, particularmente”, insistiu ela. “Eu não o queria, de forma alguma, e não tinha interesse nele. Não sei como explicar isso.” Àquela altura, Gini tinha suficiente experiência de vida para saber que o sexo para as

mulheres vem sob diferentes formas e arranjos. A fachada de extremo profissionalismo foi só outra máscara que ela adotou de bom grado, ao que parece. Ela sabia que seu dilema não podia ser compartilhado com ninguém. “Eu estava numa situação de emergência e os benefícios continuavam chegando”, ela lembrou. “As pessoas perguntavam por que ele havia me contratado, e ele dizia: ‘Porque ela sabia de onde vêm os bebês.’”

A impostura que envolvia o caso sexual dos dois criou várias situações embaraçosas, particularmente para Gini e para a outra mulher da vida de Bill – sua esposa, Libby. Cada vez mais, as suas vidas privadas ficaram entrelaçadas. Em vez de ser uma convidada ocasional para jantar, Gini Johnson virou uma peça familiar na casa dos Masters. Libby às vezes tomava conta tanto de seus filhos como dos de Gini, quando Bill e a parceira saíam da cidade para alguma convenção de médicos. “Meus filhos ficavam com a Lib quando começamos a viajar”, Gini lembrou. “Ela era a ‘Tia Lib’ [para eles]. Ela foi maravilhosa com meus filhos.”

Num vago paralelo com Gini, Libby também se viu colocada numa situação injusta por Bill, presa às circunstâncias de sua vida e com poucas opções. Como mulher de quarenta e cinco anos de idade, mãe de dois filhos, Libby era mais velha do que Gini, tinha menos independência que ela e pouca experiência fora de casa. A vida dos Masters nos subúrbios, em Ladue, com os seus clubes de campo e os quintais frondosos para as crianças, parecia tão serena que ela não queria perturbá-la. Não havia sentido em arruinar aquela vida familiar conquistada com muito esforço se ela conseguisse dizer a si mesma que não tinha provas da infidelidade do marido. Ela gostava de Gini Johnson e tentara ser amiga da parceira do seu marido desde o início. Envolvida por tantas bondades, Gini não tinha como não gostar de Libby. Às vezes, quando as duas ficavam a sós, Libby se dirigia a ela como amiga, de mulher para mulher. Ela imaginava que Gini tinha ciência da frieza do marido, do seu jeito arredo, e que provavelmente sabia bem mais a respeito das atividades dele no hospital do que ela.

Depois de um jantar num feriado, por volta de 1960, as duas mulheres se afastaram um pouco da mesa, longe de Bill e da mãe

dele, Estabrooks, e do barulho das crianças. Na quietude da cozinha, Libby se abriu com ela.

“Eu fiz a escolha certa, não foi?”, Libby perguntou. Ou seja, depois de quinze anos juntos, será que havia sido um erro ela decidir se casar com Bill Masters? Sua pergunta, nua e crua, quase exigia também uma máscara de seda. Gini ficou desconfortável e deu de ombros.

“Bem, Lib, como é que eu poderia responder isso?”, respondeu ela.

Libby imediatamente retirou sua pergunta e voltou aos seus afazeres daquela noite. Gini não achou que Libby estivesse tentando arrancar alguma confissão dela a respeito de um relacionamento ilícito com Bill. Ao contrário, o jeito direto de olhar de Libby e a sinceridade em sua voz frágil eram algo tocante, como se ela realmente considerasse Gini uma amiga boa e fiel.

“Ele quebrou todas as regras – ele não era um marido leal, de modo algum”, lembrou Gini, que alegaria ter pouco a ver com aquilo. “Eu estava sempre próxima de Lib. Ela sempre me tolerou, porque ele jamais iria aceitar que alguém fizesse uma objeção à minha pessoa. Eu era a ‘Tia Gini’ para os filhos dele.”

No entanto, essa ambiguidade não foi bem tolerada por Noah Weinstein. Ele namorou Gini a sério em 1959, indo com ela a festas para as quais os Masters eram também convidados, e eles acabavam conversando com todos juntos. Aos poucos, o juiz foi sentindo que alguma coisa estava fora de lugar. Seus amigos na política, preocupados com seu futuro no tribunal, também expressaram suas preocupações a respeito de seu namoro com Gini. E fizeram também sondagens, por conta própria. “Um dos colegas do juiz me ligou e perguntou o que eu sabia a respeito de Virginia Johnson, por causa do relacionamento dela com o juiz Weinstein”, lembrou o doutor H. Marvin Camel, colega de Bill na ginecologia-obstetrícia da Universidade de Washington, que se restringiu a atestar o profissionalismo do trabalho de Gini e disse não saber nada a respeito de sua vida privada. “Estavam preocupados que ela pudesse manchar a reputação dele, acho. Ele era amigo do juiz e conseguira meu contato com alguém. Na

época, havia alguns rumores sérios a respeito do casamento dos dois [Gini e Noah]. E o problema era justamente esse.”

Mas o casamento de Gini com o juiz não se concretizou. Em vez disso, em 1960, Noah conheceu e se casou com uma viúva chamada Sylvia Lefkowitz, que não tinha nenhuma das complicações de Gini, nem mesmo uma religião diferente. “Era uma mulher muito animada e a esposa perfeita para o juiz, porque sabia como recepcionar”, explicou Harry Froede, genro de Noah. Sylvia tinha suficiente independência financeira, não precisava trabalhar, com certeza não aqueles longos expedientes que eram exigidos de Gini. Era o tipo de esposa amoldável, que prepararia para Noah seus sanduíches favoritos para o lanche, de manteiga de amendoim e geleia, sem nunca esquecer de cortar fora a casca do pão, do jeito que ele gostava. Quando lhe perguntaram anos mais tarde sobre Virginia Johnson, Sylvia mostrou aquela discrição que alguns juristas tanto apreciam em suas esposas. “Sim, eu soube que ela era parte do grupo [social] dele, mas nunca fiz perguntas”, disse ela. “Não era da minha conta.”

Depois que o juiz se casou, Gini continuou em cena, embora nunca com o consentimento ou a participação de Sylvia. “Bill e eu costumávamos convidá-los a sair para jantar, mas ela não vinha junto, porque sabia do meu papel na vida dele e não queria competição, ou uma suposta competição”, lembrou Gini. “Se por acaso estávamos juntos num mesmo jantar, ela sequer falava comigo. Ele às vezes jantava comigo, mas sozinho, porque dizia que Sylvia simplesmente não viria. Então ficamos mantendo contato. Continuamos bons amigos.”

Anos mais tarde, quando Joan, a filha de Noah, casou com Harry Froede, Gini convidou os recém-casados para um jantar na casa dela, para celebrar os velhos tempos. Joan sabia que Gini ainda não se casara e disse que o relacionamento do juiz com Sylvia estava “enrolado” naquela época. Eram só os três – o juiz estava viajando a negócios e os dois filhos de Gini não estavam na casa. Joan estava tão feliz em ver a velha amiga do seu pai que não captou o subtexto do jantar ou o quanto Gini poderia estar curiosa a respeito de como andava o casamento de Noah. “Tenho certeza

de que ela queria saber a respeito do meu pai”, Joan lembrou. “Mas eu era muito ingênua para perceber isso naquela época.”

No entanto, o papel crescente de Bill Masters na vida de Gini impediu Noah de ter qualquer chance real. Noah era inteligente o suficiente para sentir a pressão que Bill exercia sobre ela, e tinha amor próprio suficiente para ocultar sua mágoa com alguma brincadeira ou para fingir que não se importava. Uma noite, o juiz convidou Joan e Harry à sua casa e a conversa logo girou em torno do novo livro que Gini publicara com Bill, baseado na pesquisa deles sobre sexo. Na sala, com Sylvia ao seu lado, perguntaram a Noah se ele tinha visto o livro.

“Sim, ganhei um exemplar autografado por ela”, ele respondeu com indiferença.

“E o que dizia a dedicatória?”, Harry e Joan perguntaram.

Noah deu um sorriso forçado e soltou: “Ao homem que me ensinou tudo – Virginia.”

Todos riram, meio embaraçados.

Na verdade, a dedicatória de Gini no exemplar de Noah, que Joan conseguiu anos mais tarde após o falecimento do pai, destacava o quanto o juiz significava para ela. “Para Noah, que esteve lá desde o início, quando realmente importava”, Gini assinou.

Ela lamentou a perda de Noah por vários anos, como alguém que havia ido embora, o homem com o qual ela deveria ter se casado. Na época, porém, Gini acreditava demais na visão de Bill e estava fascinada demais pelo estimulante e pioneiro trabalho que faziam juntos. “Vendo em retrospecto, eu teria tido uma vida melhor, mais agradável, se tivesse casado com aquele juiz”, refletiu ela, anos mais tarde. Ou talvez estivesse apenas se iludindo – e, quem sabe, como alguns suspeitavam, ela estivesse realmente querendo Bill Masters para ela.

Saindo da escola

"Devo confessar que nenhum objeto jamais me causou tanta aversão quanto a visão do monstruoso seio dela."

– JONATHAN SWIFT, *VIAGENS DE GULLIVER*

Ampliada numa tela de cinema, a imagem gigante e trêmula do tórax de uma mulher nua, em cores vivas, magnetizou todo mundo naquela sala de palestras escurecida do hospital. Quase vinte médicos, muitos deles com uma taça de martíni na mão, olhavam fixo, como curiosos liliputianos, para aquela imensa aréola cheia de pontinhos, os mamilos intumescidos ficando duros, e para as imensas áreas de carne bombeadas de sangue, indicando que os seios daquela mulher de celuloide estavam excitados. Naqueles seminários nos fins de tarde de sexta-feira, oradores convidados costumavam discutir sua pesquisa anatômica com todos os detalhes, diante dos professores de ginecologia e obstetrícia da Universidade de Washington. Para ilustrar, alguns recorriam a slides ou rabiscavam com giz numa lousa. Mas nunca ninguém havia visto algo como aquilo. "Era um filme que mostrava a excitação de um mamilo durante o orgasmo, e eles mostravam também os vasos sanguíneos do pescoço e do peito sendo preenchidos, e por que essas áreas ficavam vermelhas durante o estímulo sexual", lembrou o doutor Ernst R. Friedrich que, como os demais jovens residentes, estava lá simplesmente sentado, atônito. "Não dava para ver o rosto dela no filme. Era só do pescoço até as coxas."

Como anfitrião daquela apresentação, o doutor William Masters estava altivamente posicionado no pódio, enquanto Virginia Johnson se movia pela sala, encaminhando os retardatários para seus assentos. Em vez de oferecer a usual latinha de cerveja nessas sessões de sexta-feira, Masters fez um *upgrade* para o seu vermute favorito e outras bebidas variadas. Diante de uma plateia formada por seus pares, mostrou seu desempenho infalível. “Ele era bom como *showman*”, disse Mike Freiman, outro médico presente na plateia naquela tarde. “Ele apresentava sua pesquisa sobre sexo. Exibiu um filme que mostrava uma mulher cujos movimentos indicavam que estava com seu dedo na entreperna, esfregando-o. O foco estava no seio, que mostrava uma excitação do mamilo. Depois, ele destacou que crianças pequenas do sexo masculino têm ereções. Ele defendia o argumento de que o fato de as coisas ficarem eretas era comum na fisiologia humana, quer se tratasse de um menino ou de uma mulher adulta sexualmente excitada.”

O que poderia parecer lugar-comum para Masters, após cinco anos observando a fisiologia sexual humana em todo o seu esplendor, era ainda bem chocante para seus colegas professores. Após o *close-up* de peitos balançando com eletrodos presos, o filme seguia com tomadas cada vez mais íntimas da genitália feminina, com o olho da câmera revelando as cavernosas paredes internas da vagina. As lentes focalizavam um torso feminino, excluindo a cabeça, depois se moviam para outro. Embora Masters narrasse muito bem essa viagem ginecológica, com sua cinematografia de primeira classe, estável e clara, ela possuía uma qualidade pouco palatável, que sugeria um daqueles filmes pornô granulados, exibidos em repúblicas de estudantes. “Fiquei inicialmente chocado”, disse o doutor H. Marvin Camel. “Ele apresentou o filme de uma maneira bem trivial, como se fosse uma apresentação científica qualquer, do tipo que as outras pessoas faziam. Não foi o jeito de ele apresentar. Foi o conteúdo que chocou algumas pessoas.”

Masters supôs que seus colegas ficariam impressionados com suas descobertas científicas, com o tipo de pesquisa pioneira

fadada a despertar o interesse de qualquer médico ginecologista e obstetra. Como havia feito com Paul Gebhard, do Instituto Kinsey, Masters destacou de que modo os diversos aspectos fisiológicos do orgasmo poderiam ser compreendidos com muito mais precisão. Também refutou várias crenças longamente sustentadas a respeito da fisiologia feminina. Masters acreditava ter o apoio de seus colegas e com certeza não esperava críticas. Mas deveria ter esperado. “Por que escolhi apresentar o material primeiro nos círculos de ginecologia e obstetrícia?”, Masters escreveu mais tarde. “Vendo em retrospecto, foi com certeza um erro de avaliação, que eu não percebi na época.”

Antes dessa apresentação, a principal revista da área, *Obstetrics and Gynecology*, havia rejeitado um artigo que continha sua pesquisa sexual. Seu trabalho sobre estrogênio e terapias endócrinas havia aparecido nessa mesma publicação – que costumava ser chamada de “Green Journal”, publicada pelo Colégio Americano de Obstetras e Ginecologistas –, mas essa nova pesquisa foi considerada arriscada demais, ameaçadora. Masters achou que os médicos de obstetrícia e ginecologia do país iriam receber bem as informações médicas bem definidas que ele levava anos compilando. Em vez disso, ele percebeu que seus colegas “haviam sempre aceito o fato de que a concepção e o parto de crianças são funções naturais, mas têm sido extremamente relutantes em considerar os meios de concepção também como uma função natural”. Os americanos estavam prontos para aceitar que um doutor Spock lhes dissesse como criar seus filhos, mas não queriam ouvir nada a respeito de como tinham vindo parar neste mundo.

Quando as luzes se acenderam na sala de conferências, o burburinho começou. As condenações iradas ao filme de Masters logo chegaram à sala de Willard Allen. “O que o filme fez foi alertar o resto do departamento”, lembrou o doutor Alfred Sherman. “Foi quando ele [Masters] começou a ter problemas.” Allen, o chefe do departamento, havia sido um aliado da pesquisa

de Masters, dando-lhe grande liberdade acadêmica, sem fazer praticamente nenhuma supervisão. Mas a realidade crua apresentada no filme assustou o próprio Allen. “Havia boatos de que Willard Allen estava muito chocado”, lembrou o doutor Theodore Merrims, outro colega. Para os críticos que haviam ouvido rumores, mas não estavam certos em relação aos fatos, a apresentação de Masters, com todos os seus detalhes explícitos, deu-lhes uma arma. “Embora tivesse trazido grande notoriedade, não era o tipo de atividade acadêmica que os professores de anatomia e de bioquímica particularmente apreciavam”, disse o doutor Robert Goell, outro contemporâneo, sobre a reação da escola de medicina. “A gente suspeitava de que havia coisas estranhas acontecendo na pesquisa sexual que ele estava realizando ali – que na realidade ele estava estudando as pessoas enquanto elas fornicavam, medindo sua pressão sanguínea e esse tipo de coisa, mas a gente nunca se inteirou de nada. Bill simplesmente foi em frente e foi fazendo – e ninguém o deteve.”

Irritados e na defensiva, os membros do corpo docente sentiram também que Masters havia exposto uma lacuna em sua formação médica. Ficava claro o quanto os médicos estavam despreparados para responder questões fundamentais sobre fisiologia, e o quão pouco os chamados médicos de mulheres realmente sabiam a respeito de mulheres. Alguns preferiam manter incontestado aquele espaço sagrado que separava o médico do paciente. “Eu estava relativamente resguardado quando ouvi falar desse assunto – estávamos meio confusos em relação ao que ele significava”, lembrou o doutor Robert Burstein, então um professor recém-admitido, que achava que Masters havia sido precipitado. Como ocorria com os professores mais velhos, a falta de aptidão de Burstein em lidar com a sexualidade cotidiana de seus pacientes foi destacada por esse estudo. “Eu não trabalhava muito com essa questão da sexualidade”, explicou ele. “No máximo, apenas quando uma jovem grávida ou em vias de engravidar tinha algum tipo de problema. Então você sentava com ela e deixava-a verbalizar. Você ouvia, concordava com a cabeça, e lhe passava algumas instruções e um sedativo leve. E nos velhos tempos, você também lhe dava

um afago e dizia, 'Vai dar tudo certo'. Você não imagina o quanto pode funcionar um afago." A abordagem antiquada do médico da zona rural, embora fosse digna e confortável para os médicos homens, não seria mais a adequada, como o estudo de Masters e Johnson sugeria. Não fazia mais sentido os médicos ocultarem sua ignorância atrás de um verniz de afabilidade. Em seu frenesi, uma boa porção dos estudantes de medicina – cerca de 20 a 25 por cento pelas estimativas posteriores de Masters – levantaram objeções à adequação de seu estudo, assim como três membros veteranos do corpo docente.

Quando Masters finalmente discutiu essa reação com Allen, seu velho amigo disse para ele não se preocupar. "Bill, eles estão apenas reclamando – não puseram isso por escrito", garantiu Allen, que dependia do apoio do reitor Ethan Shepley. Ele lembrou Masters das normas da universidade. "Aqui, na letra miúda", Allen explicou, "diz que eu não preciso levar o caso ao Comitê Executivo a não ser que haja algo por escrito". Masters admirou a competência administrativa exibida por seu velho aliado em neutralizar aquele alvoroço. Mas, se Allen não tomou nenhuma medida direta, imediata, a oposição da escola de medicina já estava começando para Masters e Johnson. Se Masters acreditara que uma apresentação feita com franqueza iria silenciar "rumores sem fundamento" a respeito de sua pesquisa, esse plano fracassou e só serviu para criar mais rumores ainda – incluindo a persistente fofoca de que uma das mulheres nuas, mostradas da cabeça para baixo no filme, era Gini Johnson.

"Nós reconhecemos as unhas dela no filme", disse Friedrich, lembrando como os colegas tinham certeza de ter identificado Virginia por sua manicure. "A cor do esmalte que ela usava e o formato dos seus dedos. A gente via os dedos dela com frequência suficiente para conhecê-los bem. Então dissemos: 'Ah, mas aquela ali é a Gini. Gini Johnson!' Todos nós, residentes, concordamos que era ela." Até mesmo amigos, como Mike Freiman, acreditavam que era ela a misteriosa mulher. Depois que terminou a exibição do filme, Freiman foi até Gini, e inclinou sua cabeça para cochichar. "Eu disse a ela: 'Gini, ela se parece muito com você'", Freiman

relembrou, “e ela sorriu, como se eu estivesse dizendo algo que pudesse deixá-la feliz”.

Várias pessoas familiarizadas com a produção do filme, incluindo seu fotógrafo, Cramer Lewis, e a própria Virginia, negam que ela tivesse alguma vez aparecido como modelo anônima. “Eram todas voluntárias [as mulheres vistas no filme]”, insistiu Virginia. “Deus do céu, eu era a que ajeitava os fios para que as pessoas tivessem som. Eu era uma mera assistente de pesquisa. Não havia como eu me envolver em qualquer demonstração, e tampouco pratiquei coisa alguma.” Mas a sua risadinha e a conversa sobre seu possível envolvimento refletiam uma intensificação da oposição ao projeto de Masters entre a equipe médica. Dentro da clínica, o segredo aumentou. Lewis, um técnico do departamento de ilustração da escola de medicina, e o professor de fisiologia William Slater, que checava a respiração dos pacientes e outros sinais vitais, ficavam discretamente sentados atrás de biombos móveis, monitorando seus equipamentos, e não os rostos daqueles que estavam na sua frente. Slater, um tipo carrancudo com grossas sobrancelhas, parecia muito pouco confortável na sua tarefa, talvez porque, como Lewis admitiu, “algumas daquelas pessoas podiam muito bem ser prostitutas”. Mesmo assim, tanto Lewis quanto Slater eram profissionais talentosos que atenderam à advertência de Masters de nunca comentar seu trabalho. Eles admiravam Masters como médico e amigo, e por tê-los incluído naquela aventura noturna no hospital, que lhes permitia ganhar uns dólares a mais. Lewis fez repetidos esforços para melhorar a qualidade técnica de sua fotografia intravaginal, até que suas imagens borradas ganharam uma clareza cristalina. Ele procurava ter certeza de que a Eastman Kodak iria revelar seus filmes sob a mais estrita confidencialidade, como se eles estivessem replicando o Projeto Manhattan em seu laboratório. Os detratores de Masters no departamento sabiam que Lewis podia ser uma fonte potencial de detalhes incriminatórios caso se tornasse informante, traíndo seus colegas. “Alguns médicos me procuravam e diziam para eu lhes contar o que havia observado – e me recusei a fazer isso”, disse Lewis. “Considerarei que era uma coisa privada e, além disso, eu estava apenas concentrado em

fazer meu trabalho.” Masters e Johnson depararam com várias tentativas, engraçadas, mas inquietantes, de descobrir mais sobre suas atividades. Uma noite, quando Gini voltava da cantina do hospital com um lanche e algumas bebidas, ela pegou o elevador para voltar para a clínica. Quando as portas se abriram, ela viu outro médico – um feroz crítico de seu trabalho – em pé, com seu estetoscópio encostado na parede da sua sala médica, tentando ouvir alguma coisa lá dentro.

“E aí, doutor, tudo bem?”, Gini disse alto, com sua voz doce destilando toda a ironia possível. O médico, sozinho naquele corredor escuro, pareceu murchar diante do brilho do sorriso amplo e divertido dela. Médicos de outras alas do hospital ficavam vagando por ali, inexplicavelmente, como se tivessem algo a ver com aquilo, talvez por um impulso voyeurista, tentando descobrir o que acontecia ali. Numa intromissão mais deplorável, Masters e Johnson receberam pelo correio várias fotos grandes das janelas fechadas de sua clínica, tomadas sub-repticiamente do outro lado da rua do velho Hospital Maternidade. Como Masters observou mais tarde: “Era impressionante a que ponto as pessoas podiam chegar, tentando descobrir o que estava acontecendo.”

Na Universidade de Washington, Masters convenceu a escola de medicina a pedir a inclusão de um curso sobre sexualidade humana para todos os estudantes; seria uma das primeiras instituições do país a fazer isso. Mas nem todos valorizavam a importância de aprender a respeito de sexo para ajudar pacientes que tivessem problemas nessa área. Apesar do compromisso de Willard Allen, a rejeição em relação ao seu estudo foi crescendo nos meses seguintes – não só quanto à adequação ou à reputação médica, mas no final também sobre a questão do salário e da promoção de Gini Johnson.

Desde o início, a universidade não deu financiamento direto para aquelas sessões de pesquisa de fim de noite ou para a pequena compensação dada aos voluntários e para os salários de Slater, Lewis e especialmente de Virginia Johnson. Por meio de um arranjo especial com Allen, Masters desviava os honorários de seus serviços de ginecologia-obstetrícia, principalmente do tratamento

de fertilidade nos primeiros dias, e usava esse dinheiro para subsidiar seu estudo. No geral, qualquer rendimento gerado por membros do corpo docente em tempo integral pelos seus serviços médicos era considerado propriedade da escola de medicina, e não devia ser usado por médicos individuais para seus próprios projetos. Como o ressentimento do corpo docente em relação ao empreendimento de Masters era cada vez maior, a universidade decidiu boicotar esse arranjo especial de financiamento, ao que se presume, com o consentimento de Allen. Embora Masters ganhasse algum dinheiro de subvenção por seus estudos de fisiologia, ele percebeu que o rendimento futuro da clínica iria depender de honorários de sessões de terapia com pacientes que tivessem dificuldades sexuais. O departamento também não queria que Masters dedicasse todo o seu tempo à clínica de sexo em detrimento de suas outras obrigações como professor e cirurgião. Sua enorme dedicação ao trabalho não seria suficiente para cobrir essa lacuna. Outra razão envolvia a presença de Virginia ao seu lado. Antes de publicarem seu projeto de pesquisa de longo prazo sobre a fisiologia sexual humana, Bill sentiu que eles precisavam de algum tipo de credenciamento acadêmico para Gini, que facilitasse o reconhecimento de seu papel crucial. Toda vez que ela tentava dar início à sua carreira acadêmica matriculando-se em cursos para obter sua condição de formanda, disse ela, Masters exigia mais de seu tempo, que já era escasso para uma mãe sozinha criando dois filhos. Mas a direção não cedeu, apesar dos pedidos de Masters. A escola de medicina não aceitaria nenhuma indicação para que Virginia fizesse parte do seu corpo docente, mesmo que fosse num cargo apenas honorário. A própria sugestão foi ridicularizada, e ressurgiram os infundados boatos de que o torso nu dela seria o que aparecia na tela daquele filme. Em pouco tempo, os velhos defensores de Masters deram lugar a homens mais jovens que não viam seu trabalho com bons olhos. “Os poderes do hospital queriam se livrar de Masters, porque ele tinha fotos muito explícitas e isso deixava a administração do hospital intranquila”, lembrou Marvin Grody, antigo residente e coautor.

Após vinte anos na Universidade de Washington, Masters chegou à conclusão de que não podia mais ficar lá. Com relutância, abriu mão da sua cadeira de titular e de seu alto status no departamento, mantendo apenas uma filiação nominal. Encerrou sua prática cirúrgica no hospital e passou todos os seus pacientes de ginecologia e obstetrícia para um colega amigo, John Barlow Martin. Não haveria capitulação, e ele não iria voltar atrás. Embora George Washington Corner já o tivesse advertido uma vez que a estrutura de uma universidade seria essencial para um projeto de pesquisa ousado como aquele, ele uma vez mais aprendia uma dura lição – que a verdade sobre o sexo com frequência é impalatável para muitas pessoas, mesmo aquelas dentro da academia e das artes curativas. A partir de então, Masters decidiu que ele e Virginia iriam enfrentar um mundo cético sozinhos.

Uma questão de confiança

Ao saírem do velho Hospital Maternidade, Masters, Johnson e sua pequena equipe instalaram-se do outro lado da rua, num edifício de pilastras brancas, no número 4910 do Forest Park Boulevard. Deram um nome eufemístico à sua clínica de sexo (Reproductive Biology Research Foundation ou “Fundação de Pesquisa da Biologia Reprodutiva”), tão discreto quanto a pequena placa junto à porta. Masters certificou-se de que sua nova fundação sem fins lucrativos fosse formada por curadores com uma lealdade pessoal a ele e uma gratidão por seus serviços como médico. Depois de sua agrídoce saída da Universidade de Washington, permeada de boatos e recriminações, Masters queria estar rodeado apenas de pessoas em quem pudesse confiar.

Exemplo típico desse círculo de admiradores, Torrey Foster passou a ser o novo advogado da fundação, apesar da sua falta de experiência. Ele conhecia os Masters desde quando era um jovem e vizinho deles, em Ladue. Antes de eles terem filhos, a esposa de Torrey já era cliente de Masters, seu primeiro ginecologista. Por sua longa história juntos, Masters nunca duvidou da lealdade de Foster ou de sua capacidade de manter as coisas confidenciais. A primeira atribuição de Foster levou-o até Washington, D.C., a uma reunião com a Receita Federal, para ver se a investigação sobre sexo da nova fundação poderia ser um obstáculo ao seu pedido de isenção

de imposto. O fluxo de caixa da clínica, a partir de contribuições voluntárias e subvenções externas, seria crucial, especialmente agora que a universidade não cedia mais instalações hospitalares e outros apoios indiretos. “Éramos tão ingênuos quanto se pode ser sobre a natureza dessas questões”, Foster disse a respeito da reunião com a Receita, “mas não entramos em detalhes sobre como a coisa era feita – e eles também não perguntaram”.

Na diretoria, Foster juntou-se a outro amigo de longa data dos Masters – Ethan A. H. Shepley Jr., filho do antigo reitor da Universidade de Washington. O jovem Ethan tornou-se presidente da fundação. Como o pai, ele acreditava muito na importância da pesquisa de Masters e Johnson, e em propiciar um ambiente protegido, livre de quaisquer intimidações intelectuais. “Alguns membros da diretoria foram incluídos porque St. Louis era uma encrenca”, lembrou Peggy Shepley, viúva dele. “As pessoas ficavam constrangidas em contar que haviam estado com Masters e Johnson. Desse modo, portanto, a coisa ganhava dignidade, pois a família de Ethan tinha uma reputação muito boa, não só entre a comunidade acadêmica, mas entre a comunidade de St. Louis.” Outros curadores de primeira hora contribuíram com seu próprio status intelectual e competência acadêmica para a fundação, como é o caso do doutor Ray Waggoner, psiquiatra da Universidade de Michigan, que mais tarde chefiou a Associação Americana de Psiquiatria, e Emily Mudd, a conhecida terapeuta familiar, fundadora do Marriage Council na Filadélfia. Mas a maior parte dos curadores, como o delegado de polícia H. Sam Priest ou o executivo de seguros John Brodhead, aderiram principalmente como um favor a Masters e porque suas esposas haviam sido suas pacientes. “Eu era realmente amigo da mulher dele, Betty”, explicou John Brodhead, que a conhecia havia anos, desde quando suas famílias iam de férias juntas para o norte de Michigan. “Bill sentiu que precisava contar com algumas figuras do *establishment* para atenuar o que pudesse ser considerado sexualidade ofensiva.” Antes de ele se juntar à diretoria, a esposa de John, Dodie Brodhead, disse que eles haviam discutido os desdobramentos. “Era uma diretoria controversa de se fazer parte, e meu marido

aceitou por bondade”, disse ela, que se sentia grata por ter conseguido engravidar com a ajuda do tratamento de fertilidade de Masters. “Ele achava que Bill Masters era um homem brilhante e que talvez estivesse adentrando um campo que não tinha a perspectiva de ser muito bem aceito àquela altura na sociedade em que vivíamos. Ele quis deixar claro que estávamos fazendo aquilo em nome da amizade.” Nas reuniões da diretoria, os curadores da fundação permaneciam quietos, deixando a cargo de Masters a avaliação das questões do dia a dia. Se Virginia fazia alguma intervenção, era apenas para elucidar os pontos de vista dele ou para lembrá-lo de algo que ele tivesse esquecido de mencionar. Os curadores “sabiam no que ele estava interessado e sobre o que iria escrever”, lembrou John Brodhead, “mas eu não tinha acesso a quaisquer outros detalhes que não me dissessem respeito”.

Com exceção da discrição e da ousadia, uma aura progressista envolvia a fundação, como se ela embarcasse numa missão tão nobre quanto a do programa espacial americano de meados da década de 1960, com as promessas de uma vida melhor por meio da ciência. Mas Masters deixou de revelar-lhes muitos segredos, incluindo o uso prévio de prostitutas na pesquisa – um fato que Foster como advogado só veio a saber anos mais tarde. “Bill não foi franco com sua diretoria como poderia ter sido”, disse Foster. “Não acho que ele quisesse evitar que nos sentíssemos desafiados de algum modo caso soubéssemos dessas coisas. Ele simplesmente agiu assim.” O endosso que Foster, movido por sua juventude e sua falta de experiência, concedeu a esse amigo da família obscureceu questões mais sutis, subterrâneas. Ele não intuiu a complexidade do relacionamento entre Bill e Gini; ao contrário, encarou a colaboração dos dois apenas em termos heroicos. “Ao me envolver, eu aceitei de boa-fé que ela estava naquilo como profissional, e não percebi que eles tinham aquela intimidade maior”, disse Foster. Nas reuniões familiares, Libby Masters reservadamente expressava preocupações a respeito do marido. A própria mãe de Foster, Marge, também compartilhava das apreensões da sua amiga. Torrey atenuava esses receios, defendendo a honra e a integridade de Bill.

Num evento, Libby, com o rosto cansado e ansioso, interrogou Torrey Foster repetidas vezes sobre as atividades do marido dela.

“Você acha que essas noites até bem tarde na clínica são de fato necessárias?”, perguntou ela, segundo relembra Foster. Libby mal conseguia se permitir mencionar o nome de Gini Johnson. Ela queria saber por que o marido saíra da escola de medicina da universidade daquela maneira nebulosa e deixara para trás sua lucrativa prática médica. “Eu estou desconfortável com essa questão toda do sexo”, Libby relatou-lhe.

Na conversa, Libby disse achar que Bill estava arriscando não só sua carreira médica, mas, implicitamente, sem ousar dizê-lo com todas as letras, também seu casamento. Com toda a seriedade, Torrey garantiu a Libby que os medos dela eram infundados. Enfaticamente, ele disse que Bill merecia confiança.

“Tudo o que eles estão fazendo é absolutamente correto”, Foster explicou. “O que Bill está fazendo é algo legítimo e muito importante. Tenho plena confiança de que você não tem por que se preocupar.” Libby pareceu tranquilizar-se com a resposta de Torrey. Ou talvez já soubesse de algo e apenas estivesse querendo alguma confirmação do seu ex-vizinho, que admirava Bill profissionalmente e era incapaz de vê-lo com isenção. Com o tempo, Torrey e outros membros da diretoria de Bill mostraram o quanto estavam bem mais desinformados a respeito dos meandros pessoais da clínica do que Libby. “Eu fui um pouco ingênuo, com certeza, a respeito do que estava acontecendo”, Foster admitiu décadas mais tarde. “Libby estava preocupada com o trabalho de Bill e com o rumo que esse trabalho o estava levando pessoalmente, em particular com Gini. E no final vimos que ela estava com a intuição certa.”

Assim que amanhecia, Bill Masters podia ser visto correndo pelos gramados orvalhados e pelas ruas vazias de Ladue, antes de tomar uma ducha e enfrentar um dia inteiro no trabalho. Seus olhos azul-ão e seu jeito sério projetavam o tipo de autodisciplina que ele prezava desde os dias em que jogava futebol americano no Hamilton College. “O olhar de Masters é duro, penetrante, um olhar de raio X, que desestimula a frivolidade e exige uma sinceridade imediata”, o *Atlantic* observaria mais tarde. Após sua saída não

oficial da escola de medicina, Masters redobrou seus esforços na clínica, aparentemente movido pela ânsia de provar que não ia fracassar na maior aposta da sua vida. “Ele faria o que fosse preciso para conseguir o que queria – não importava o que fosse”, Virginia explicou. “Ele precisava vencer.”

Quando as revistas científicas de maior prestígio na sua área se recusaram a publicar sua pesquisa sobre sexo, Masters continuou lutando para obter aceitação. Apresentou seus artigos a vários editores até que encontrou uma pequena publicação médica – o *Western Journal of Surgery, Obstetrics and Gynecology* –, que se dispôs a ceder-lhe suas páginas. O desdém demonstrado por seus mais estimados colegas deixou-o furioso. Masters maldisse a negativa míope deles, a seca recusa de suas descobertas científicas, que segundo ele poderiam muito bem obter um prêmio Nobel de medicina. “Esse foi sem dúvida um duro golpe”, ele escreveu anos mais tarde, ainda ressentido. “Essa rejeição de material de pesquisa foi não só um ato de censura, mas um deliberado ataque à minha integridade pessoal.” O *Western Journal* não era lido por seus colegas nem por ninguém fora de sua sede em Portland, Oregon, mas seu editor, o doutor Robert Rutherford, era um herói aos olhos de Masters, por “sua gentil oferta” de publicar a pesquisa deles. Do mesmo modo, Masters recusou-se a aceitar a negativa da reunião anual dos ginecologistas e obstetras americanos. Na convenção de Chicago, no início da década de 1960, Masters foi informado de que não poderia apresentar seus achados aos membros da sociedade. Numa severa repreensão, lembrou ele, “foi solicitado que eu não discutisse o conteúdo [da pesquisa deles sobre sexo] durante as horas em que a sociedade estivesse reunida”. Então Masters alugou uma pequena suíte no hotel da convenção para fazer uma apresentação de improviso quando a programação oficial não estivesse em andamento. “Masters foi tratado muito mal por pessoas de sua própria disciplina, embora eles tivessem publicado muitos de seus trabalhos pioneiros tanto em obstetrícia quanto em cirurgia”, Virginia lembrou. “Ninguém queria ficar associado ao sexo.” Sandra Sherman, que compareceu com o marido a essa

convenção, saiu estarelecida com a reação dos profissionais. "Eles foram evitados como se tivessem alguma doença terrível", lembrou ela. "E então pensei: 'Meu Deus, o que está acontecendo com essa gente?' Isso é uma parte importante da vida e ainda bem que eles [Masters e Johnson] puderam falar sobre o assunto e ajudar."

Masters queria com muito empenho provar que seus detratores estavam errados em relação à Virginia Johnson. Depois que a escola de medicina rejeitou seu pedido de um cargo docente para ela, questionando suas credenciais e capacidade para se envolver numa pesquisa tão delicada como aquela, Masters insistiu em demonstrar que Virginia era mais do que capaz. Ele iria mostrar ao mundo que ela tinha direito de sentar à mesa com os pares dele. Na sua recém-criada fundação, livre da intromissão da universidade, ele elevou seu título de assistente para pesquisadora associada e foi melhorando continuamente seu salário. Alguns médicos na Universidade de Washington ficavam imaginando por que Masters, em geral tão exigente, permitira uma promoção tão injustificada de sua ex-secretária. "Aquilo era muito incomum, porque ela estava sendo chamada de doutora Johnson e não tinha na realidade nenhum grau universitário", disse o doutor H. Marvin Camel. "Não acho que fosse ingenuidade, porque ela permitiu que isso fosse em frente, sem fazer qualquer correção. As pessoas a chamavam assim, e ela nunca lhes disse que deveria ser de outro jeito." Anos mais tarde, Gini negou que se fizesse chamar de doutora Johnson, e era comum os leigos cometerem esse equívoco quando se dirigiam a terapeutas vestidos com avental branco de laboratório.

Como um empresário orgulhoso, Masters deu a Virginia Johnson status igual em suas produções científicas. Ele fez com que aqueles que duvidavam soubessem que ela contribuía com vários *insights* originais, não apenas quanto à reação sexual feminina, mas também em soluções terapêuticas para vários problemas da intimidade. No início, poucos acreditaram nele. Apenas um punhado de amigos compreendia a dinâmica existente entre os dois pesquisadores, de que modo as ideias de um eram moldadas e

desenvolvidas pelo outro. “Ela era jovem e verde”, lembrou Peggy Shepley, mulher de Ethan. “Devia ser muito bom para eles aprenderem um com o outro. Bill deu a ela todo tipo de crédito.” No entanto, mesmo em conclave profissionais, Virginia sentia-se inferior, como se alguma pergunta mais difícil pudesse abalar sua postura serena e expô-la como uma fraude. Quando ela não se sentia segura, dizia a Masters que se via em apuros, que simplesmente não tinha bagagem suficiente para lidar com casos mais difíceis. Masters não aceitava isso. Ele aumentava a confiança dela dando-lhe treinamentos em particular, a fim de prepará-la melhor no conhecimento das anatomia e fisiologia humanas e da terminologia médica. Por volta de 1965, eles costumavam ensaiar antes de qualquer aparição profissional, decorando textos e frases que ela poderia acrescentar para complementar os comentários dele durante as apresentações que faziam. Após quase oito anos juntos, Virginia colhe o suficiente em termos de conhecimento e linguajar médico para falar muito bem diante de uma plateia. “Como ela tinha um domínio muito bom da linguagem, causava uma impressão muito boa”, disse o doutor Ira Gall, amigo próximo.

Por sua vez, Virginia incentivava Masters a levar adiante seu ambicioso programa de pesquisa – com centenas de voluntários e milhares de encontros sexuais gravados –, que eles talvez nunca tivessem concluído se não fosse o constante estímulo dela. “Ela era a catalisadora”, explicou Gall. “Era graças à ela; acho que sem ela os experimentos realizados não teriam acontecido. Era ela quem encorajava Bill Masters.” Havia algo neles dois juntos que parecia mais forte do que o que cada um poderia ter feito sozinho. Até a família de Masters entendeu a importância singular dela para as suas realizações. “Ela era uma pessoa com tremenda iniciativa e um real poder cerebral”, descreveu o filho dele, Howie. “Se ela não fosse inteligente e motivada como era, a coisa nunca teria se tornado o que se tornou.” A improvável ascensão no estilo Pigmalião, de uma modesta secretária a parceira de pesquisa médica – embora possibilitada por Masters –, foi motivada basicamente pela própria Virginia, como mulher forte e determinada a fazer seu projeto ser bem-sucedido. “Ela também

contribuía com ideias; não era uma Eliza Doolittle refinada”, disse Howie comentando o vínculo de seu pai como Virginia. “Havia algo que fazia a coisa funcionar – e funcionou muito bem por um tempo – e havia algo também que fez com que a coisa morresse.”

A procura de Virginia Johnson por igualdade em sua vida profissional com Masters foi reflexo das transformações no relacionamento pessoal dos dois. Ninguém sabia que o sexo com Bill havia sido imposto a ela como parte do emprego, porque Virginia não dava indícios de estar infeliz, se é que chegou a estar. Com o tempo, seus encontros intermitentes acabaram virando uma sequência estável de intercursos. Além disso, esses intercâmbios sexuais eram muito mais um compromisso do local de trabalho do que um romance, do que uma questão do coração. De algum modo, ela conseguiu reverter o inadequado domínio sexual que ele tinha sobre ela e tirar dele proveito próprio. Amigos antigos perceberam sutis mudanças em Virginia – em sua assertividade física e seu domínio de si mesma em relação a Masters, que não agia mais como um professor solitário e submetia-se a ela com mais frequência. Alguns achavam que os dois estavam tendo um caso e que essas mudanças eram decorrência do que ocorria na cama, tendo sido Virginia a iniciadora. “Gini tinha uma presença muito imponente”, explicou Mike Freiman, sempre impressionado com a força dela. “Ela era um tanto muscular e se postava de uma maneira que fazia você sentir que ela era forte. Ela se inclinava em direção a você. Não era retraída, reservada. Os desejos dela tinham que ser expressos.”

Conforme o pessoal e o profissional se entrelaçavam, as reuniões de família dos Masters e dos Johnson tornaram-se cada vez mais complexas. A bondosa oferta de Libby de cuidar dos filhos de Gini enquanto os dois pesquisadores estavam fora a trabalho assumiu um tom nefasto em certa ocasião, quando Libby ligou para o marido no quarto do hotel, tarde da noite, e quem atendeu foi Virginia. Amigos e vizinhos, convivendo com a realidade tácita do

caso entre Bill e Gini, esforçavam-se para evitar o assunto, especialmente na presença de Libby.

Vizinha, a mãe de Torrey Foster ficava escandalizada com o comportamento de Bill em relação à esposa dele, que ela ainda chamava de Betty. “Quando as aulas terminaram, Bill incentivou Betty e as crianças a saírem de férias enquanto ele ficava em casa”, Marge Foster lembrou. Masters parecia indiferente à situação desagradável em que submetia não só a esposa, mas também os vizinhos. “Éramos amigos dos dois – até que ele começou a mandar Betty para Michigan de férias com as crianças e Virginia Johnson então se mudava para a casa deles”, disse Marge. “Fiquei muito chateada com ele, acho.” Numa manhã de verão, ela viu Bill e Gini, os dois de roupão, relaxando nas cadeiras do quintal dos fundos. “Eles costumavam levar a bandeja do café da manhã e comer ao ar livre”, disse Marge. “Da janela da minha cozinha, eu podia vê-los. Ela ficava lá o verão inteiro, enquanto Betty estava fora. Ela ficava morando na casa!”

Dodie Brodhead e o marido dela, John, que era também curador da fundação de Masters, às vezes saíam de férias com Betty e as crianças para o norte de Michigan. Quando as duas famílias voltavam para casa e as aulas recomeçavam no outono, Dodie e Betty compartilhavam carona para levar os filhos à escola. “Com isso tínhamos alguns minutos de conversa, e Betty era muito boa de papo”, Dodie lembrou. “Eu gostava muito dela, e sentia pena.”

Numa dessas conversas, Betty confidenciou que o marido dela não ficara sozinho enquanto eles estavam de férias na península norte de Michigan. “Ela me contou isso, ingenuamente: ‘Não foi gentil a Gini ficar tomando conta da casa enquanto eu estive em Michigan?’”, lembrou Dodie, ainda incrédula diante da declaração da amiga. “Talvez fosse só uma coisa de fachada, quem sabe? Ela era como muitas daquelas adoráveis damas antigas, que mantinham a cabeça ativa e viravam os olhos para o outro lado. Isso foi algo muito comum, por várias gerações.” Dodie levou essa inquietante notícia para casa e contou ao marido John, que entrara

para a diretoria da fundação de Masters por sua lealdade pessoal a Libby, e agora ponderava se ainda deveria permanecer ou não.

Cada vez mais, Libby Masters era confrontada e constrangida pela evidência da infidelidade do marido. Na Country Day School, a prestigiosa escola particular frequentada pelo jovem Howie Masters e pelo filho de Virginia, Scott, junto com gerações de futuros governadores, políticos e chefes de empresas, Gini apareceu numa reunião de pais com um casaco de vicunha, uma lã macia, luxuosa, muito cara.

“Nossa, que casaco mais lindo!”, elogiou um dos pais presentes.

“Pois é, foi o Bill Masters que me deu”, Virginia respondeu toda majestosa.

Em pé na mesma roda de pais, Libby pareceu mortificada ao ouvir falar de um presente de seu marido a outra mulher. Gini não pareceu inclinada a reconsiderar o que havia dito.

Se Libby já se sentia sozinha em sua casa do subúrbio por causa dos expedientes prolongados do marido, esse sentimento de exclusão agravou-se com a sensação torturante de que o marido a traía, ligado a um relacionamento complexo com Virginia, que não seria fácil de ser encerrado.

Pela primeira vez na vida, Virginia ganhava dinheiro suficiente para bancar um estilo de vida confortável para ela e os filhos. Ela recebeu crédito pela pesquisa pioneira, na qual Masters de bom grado inclui o nome dela. E as investidas antes indesejadas aos poucos se tornaram a base de um relacionamento físico que ela aprendeu a apreciar. “Éramos realmente atletas sexuais”, ela contou mais tarde a amigos. Para os seus colegas homens, Masters parecia beneficiar-se daquela velha tradição médica de manter uma mulher em casa e uma namorada ao lado, geralmente uma solícita enfermeira ou uma assistente jovem. Eles não só faziam sexo na casa de Virginia; havia também o pequeno apartamento alugado pela fundação para hóspedes, onde, sem o conhecimento dos curadores, eles podiam passar a noite quando estivesse desocupado.

Mas o arranjo de Bill com Virginia tinha um peso muito maior do que um caso corriqueiro. Apostando que sua pesquisa sobre o sexo iria trazer-lhe fama, Masters investiu todo o seu capital profissional na Fundação de Pesquisa de Biologia Reprodutiva, e Virginia se mostrou um elemento vital, insubstituível para o seu sucesso. Nesse estágio crítico de seu trabalho, Masters não podia mais pensar em substituí-la, pois se tornava cada vez mais dependente dela. Em muitos aspectos, era Virginia que comandava as coisas, criando uma abordagem mais criteriosa e integrada para lidar com a sexualidade humana do que ele jamais vislumbrara.

Defrontada com essa realidade, Libby Masters desviou o olhar para outra direção. Boas esposas, acreditava ela, ignoravam as horríveis traições de seus maridos e concentravam a atenção na vida dos filhos. Os três então dedicaram suas pouco valorizadas energias aos detalhes das lições de casa, aos passeios de carro depois da escola e à companhia de amigas para jogar mahjong ou bridge. Leal ao seu casamento, Libby esperava que seu sofrimento amoroso fosse aliviado algum dia. “Acho que ela era compreensiva demais e que perdoava demais – era boa demais para ele”, disse Marge, que teve muitas conversas com Libby a respeito de Masters. “Acho que ele na realidade era o amor da vida dela.”

Revelando segredos

"Se me perguntassem como se explica a extraordinária prosperidade e o crescente poderio dessa nação, responderia que devem ser atribuídos à superioridade de nossas mulheres."

– ALEXIS DE TOCQUEVILLE, *DEMOCRACIA NA AMÉRICA*

Por quase uma década, o segredo ficou bem guardado. Rumores de um estudo de laboratório dedicado ao sexo, realizado no coração de St. Louis, nunca apareceram na televisão, no rádio ou na imprensa escrita. Como favor pessoal a Masters, o editor do *St. Louis Globe-Democrat*, Richard Amberg, prometeu que seu jornal diário não iria sussurrar uma palavra aos seus leitores. O outro jornal concorrente na cidade, de propriedade de Pulitzer, manteve-se mudo. Repórteres da Associated Press e da United Press International, os dois serviços de notícias que telegrafavam "furos" ao redor do mundo, também sabiam desse sensacional experimento humano, mas se recusavam a dizer algo ao público americano.

A mídia de St. Louis concordou em se manter em silêncio até que a pesquisa altamente controversa pudesse ser concluída. Em muitos aspectos, essa autocensura foi uma decisão fácil. O sexo ainda era o domínio privado da cama conjugal, e havia forte retaliação religiosa e política para aqueles que saíssem da linha. Jornais diários, revistas de assuntos gerais e emissoras de tevê controladas pelo governo não ousariam cobrir as cruas descrições clínicas do trabalho de Masters e Johnson. A palavra "grávida" era

censurada por um bip em qualquer programa de tevê. Não havia educação sexual nas escolas. O país não via com bons olhos mulheres que trabalhavam fora, baniu os homossexuais para “dentro do armário”, proibia anticoncepcionais para adultos não casados e tornou o aborto um crime em todos os cinquenta Estados. Durante os anos do *baby-boom*, os americanos acreditavam firmemente que a virginal Doris Day e o Rock Hudson eram o casal ideal de Hollywood.

Excetuando os artigos altamente técnicos de Masters e Johnson em revistas de medicina pouco divulgadas, e uma aparição inesperada diante de uma academia de ciências de Nova York, ninguém havia aberto qualquer brecha nesse silêncio. O grupo de atores sexuais de Masters e Johnson prosseguiu sem ser incomodado pela notoriedade da imprensa ou por condenações oficiais. Poucos souberam quando os dois assinaram um acordo em setembro de 1964 para a publicação de um livro sobre seus achados fisiológicos e anatômicos. Com o mínimo de ilustrações, esse compêndio em forma de manual didático, chamado *Human Sexual Response* [Reação sexual humana], publicado pela seção de livros de medicina da prestigiosa Little, Brown and Co., uma editora de Boston, destinava-se basicamente a médicos e residentes carentes de formação básica. Por contrato, Virginia receberia um terço dos direitos, com uma parte igual para Masters e outro terço para a sua fundação sem fins lucrativos. O cronograma da publicação previa tempo de sobra para concluir sua pesquisa sem pressa. Mas nem bem a tinta havia secado, sua condição secreta teve as portas escancaradas. “Eu sabia que estávamos mexendo com dinamite”, Masters explicou mais tarde. “Queríamos ser capazes de fazer nosso trabalho e coletar um corpo de dados antes que o teto caísse. Surpresa foi isso não ter ocorrido antes.”

Em novembro de 1964, a revista *Commentary*, publicação sobre política e cultura, deu destaque à revelação do psiquiatra freudiano Leslie H. Farber do pequeno segredo mais obscuro de St. Louis. Ele apresentou sua bomba num discurso de tom culto, às vezes bem-humorado, sobre a distinção entre *eros* e o verdadeiro amor na vida americana moderna. “Minha convicção é que nos últimos

cinquenta anos o sexo em grande parte perdeu sua viabilidade como experiência humana”, Farber concluiu tristemente. Colocar o sexo sob o microscópio da ciência era “retirá-lo de todas as disciplinas tradicionais, como a religião, a filosofia, a literatura, que sempre se ocuparam do sexo como experiência humana”. Como principal peça de sua acusação, Farber descreveu as ginásticas carnais do laboratório de Masters e “o filme a cores... usado para registrar com todos os detalhes as fases do ciclo da reação sexual humana”. Farber discorreu sobre as voluntárias fêmeas nuas, sem rosto, que claramente preferiam “técnicas automanipulativas” para alcançar o clímax por si mesmas, em vez dos tradicionais métodos “papai e mamãe” de outrora. O misterioso poder do orgasmo feminino revelado no filme deixou o pobre Farber ao mesmo tempo fascinado e horrorizado. Seu ensaio – em absoluto contraste com as usuais arengas anticomunistas da *Commentary* e as últimas notícias sobre as crises da Faixa de Gaza – forneceram detalhes suficientes para levar o escritor de outra revista a chamá-lo de “uma picante peça de pornografia erudita”. Com um ultraje fingido, Farber comentou as mazelas do sexo americano. Ele lamentou a morte do romantismo de séculos atrás que “obstinadamente insiste em luzes suaves, Brahms, incenso e falas poéticas”. Em vez de uma “Rainha do Amor Cortês”, escreveu ele, cada moça do experimento de St. Louis virou uma “Dama do Laboratório”, capaz de abrir ou fechar seu ardor sexual como se fosse uma torneira. “Devo deixar claro que o projeto do doutor Masters em si me interessa muito mais do que os seus achados precisos”, Farber confessou. “Esse projeto me impressiona como um daqueles empreendimentos ocasionais, mas notáveis, que, apesar das intenções do seu criador, transcendem muito seus originais e modestos limites científicos, de modo a se tornar uma viva alegoria do nosso presente dilema, contendo sua própria imagem do homem – ao mesmo tempo em que projeta uma Nova Jerusalém para o nosso futuro. Um empreendimento assim, quando se concretiza, tem como ser mais relevante e revelador do que a arte deliberada.”

Tirando todo o estardalhaço, Farber detectou corretamente um divisor de águas cultural em ação. Em meados da década de 1960,

uma revolução americana genuína estava sendo estimulada pelas recém-descobertas liberdades e expectativas despertadas pela pílula anticoncepcional, disponível para as moças americanas nas mesmas drogarias onde os rapazes compravam havia anos suas camisinhas. Os orgasmos pareciam agora um grito de guerra da liberdade individual, um direito nato de todos. “De todas as descobertas que a sexologia tem feito, a do orgasmo feminino continua sendo a mais imponente por suas consequências”, Farber escreveu na menos irônica e mais sutil linha de sua crítica. Na verdade, sem que Farber admitisse isso, seu artigo pareceu reconhecer que a evidência clínica que estava sendo reunida por Masters e Johnson iria estilhaçar a pseudociência da teoria freudiana. Aqueles que se embrenhavam pelo vasto manual de Masters e Johnson sobre a sexualidade humana logo iriam perceber a insensatez e a latente misoginia do velho mestre vienense, com suas conjecturas apoiadas na suposição de que a sexualidade do homem seria superior à da mulher.

Por quase sessenta anos, uma montanha de livros e artigos de psicanálise nos Estados Unidos repetiu a doutrina de Sigmund Freud sobre uma diferença clara entre os orgasmos clitoridiano e vaginal. Durante o desenvolvimento sexual, conforme o vínculo emocional de uma jovem passa da mãe para o pai, dissera Freud, seu sentimento sexual focaliza-se no clitóris como “verdadeiro substituto do pênis”. Durante esses dias imaturos, escreveu ele em 1910, a sexualidade nascente da jovem assume um “caráter totalmente masculino”, no qual “ela obtém prazer do seu clitóris como um menino do seu pênis”. Os psicanalistas freudianos construíram todo um esquema, um castelo de cartas psicosssexual, em torno dessas afirmações não verificadas. As mulheres que preferiam o orgasmo clitoridiano eram vistas como masculinizadas, neuróticas, “frígidas” ou como alguma bandeja sortida de emoções agitadas, enquanto as mulheres que se envolviam em orgasmos vaginais eram femininas, maduras e normais. Reflexo de como a psicanálise freudiana evoluiu a ponto de se tornar uma religião

secular em meados do século XX nos Estados Unidos, essa alegação tornou-se em grande parte uma questão de fé incontestada entre muitos psicanalistas, causando uma indizível dor emocional às suas pacientes.

Quaisquer que fossem os méritos da análise freudiana no divã, Masters e Johnson determinaram que Freud estava equivocado em relação a fatos médicos na cama. A prova incontestável, do tipo “veja você mesmo”, apresentada pelos filmes coloridos da dupla, desmentiu a visão de Freud, que estabelecia uma distinção entre um intercurso vaginal supostamente mais satisfatório e um orgasmo baseado em estimulação clitoridiana, menos satisfatório, “imaturado”. No entanto, com tanta gente embebida de psicologia freudiana nas escolas, na mídia e na cultura popular, um questionamento desses não era pouca coisa. Um estudo posterior feito por dois acadêmicos de Chicago sobre uma dúzia de manuais de medicina da década de 1960 concluiu que dois terços deles “continuaram a afirmar, contrariamente às descobertas de Masters e Johnson, que o impulso sexual do homem era mais intenso”. Metade dos livros didáticos escritos por ginecologistas e outros médicos que cuidavam de mulheres citava a “procriação” como o objetivo principal do sexo para a maioria das mulheres. Dois textos disseram que a maioria das mulheres era “frígida” e outros dois repetiam o ponto de vista de Freud de que o orgasmo vaginal era a única reação sexual “madura”. Masters e Johnson disseram que os estudos anteriores sobre sexualidade infelizmente eram “o resultado de introspecção individual, expressando opiniões pessoais, ou eram fruto de limitada observação clínica” – uma farpa claramente dirigida a Freud e seus acólitos. Sua comprovação no laboratório pareceu irrefutável. Como os eletrodos e outros dispositivos mostravam, o potencial multiorgásmico da mulher americana ultrapassava de longe o do homem, que esmaecia, pelo menos temporariamente, após apenas um único disparo glorioso. Baseada em fatos médicos, a exaustiva pesquisa de Masters e Johnson ofereceu libertar os americanos de superstições culturais e do aprisionamento freudiano da sexualidade feminina. Não

estranha que aquele aparelho deles com um olho ótico parecesse a Farber algo monstruoso.

Armadas com informação empoderadora e com uma série de novos métodos anticoncepcionais, as jovens americanas mudaram radicalmente suas atitudes sexuais. Um colega freudiano de Farber, o psiquiatra Ralph R. Greenson da Universidade da Califórnia, Los Angeles, tentou alertar uma convenção de 1966 da Associação Americana de Medicina a respeito do iminente *tsunami*. "Tenho a clara impressão de que as mulheres estão se tornando sexualmente mais assertivas e exigentes, e os homens, mais indiferentes e letárgicos", alertou. "Ao que tudo indica, ao ganharem maior liberdade, elas se sentem no direito de uma satisfação sexual igual, que se some aos seus outros direitos iguais." No momento em que desfrutava de maior popularidade, a psicanálise freudiana era desmentida pela medicina clínica, mais ou menos do mesmo modo que as observações ao telescópio haviam uma vez ameaçado as visões ortodoxas da Igreja a respeito dos céus. "Masters e Johnson trataram dos problemas sexuais de maneira mais rápida e eficaz do que qualquer um na psiquiatria admitia", declarou o doutor Fritz Redlich, um psiquiatra professor da escola de medicina da Universidade de Yale. "Eles viraram a mesa em relação a Freud e expuseram a vulnerabilidades de suas teorias sobre o sexo." Por mais que Farber tentasse atualizar a visão de Freud para uma clientela americana ou ridicularizar Masters e Johnson com um artigo divertido, provocante e depreciativo, não havia como negar essa refutação empírica.

Na mídia americana, o comentário de Farber despertou curiosidade a respeito da pouco conhecida equipe homem-mulher de Masters e Johnson, os dois pesquisadores não casados que haviam convencido centenas de pessoas a tirarem a roupa em busca de conhecimento humano. "E o que dizer desses discretos cientistas por trás da câmera que conceberam e guiaram essa pesquisa?", Farber perguntava-se. "Será que eles também refletem quem somos e quem vamos nos tornar? Sabemos tão pouco a respeito dessa equipe de pesquisa quanto a respeito dos voluntários." Outros repórteres curiosos se aventuraram nesse

caldeirão. Bateram à porta de Masters e Johnson, que se mantiveram determinados a não repetir o erro de Alfred Kinsey, de ficar a toda hora refutando e aceitando o debate público. “Eu planejei não me defender dos ataques nem comentá-los, e continuar apenas publicando dados”, decidiu Masters, aparentemente alheio à provocação. Mas na realidade o ensaio de Farber foi uma proverbial advertência, incentivando-os a refazer seu cronograma, acelerar a pesquisa e ter como meta uma nova data de publicação – 15 de abril de 1966.

Suas vidas secretas em St. Louis jamais seriam as mesmas. Os esforços anônimos de tantos voluntários seriam logo imortalizados na imprensa, mapeados em gráficos e reduzidos a casos clínicos nomeados como “Sujeito A”, “Sujeito B” e assim por diante. Após doze anos de esforços e uma vida de preparativos, o sonho de Bill Masters de ficar famoso por uma descoberta pioneira na medicina – que só a presença de Gini Johnson tornou possível – concretizava-se finalmente.

A reação humana

Em seu memorável livro, *Human Sexual Response* [Reação sexual humana], Masters e Johnson abriam com uma introdução sobre o estado deplorável do conhecimento no que se referia à sexualidade humana, lamentando o quão pouco a sociedade havia feito para remediar isso.

“Como é possível que biólogos, cientistas do comportamento, teólogos e educadores continuem insistindo, em sã consciência, na manutenção de um estado massivo de ignorância sobre a reação humana, em detrimento do bem-estar de milhões de indivíduos?”, questionavam eles. “Não há homem ou mulher que não tenha preocupações em relação a tensões sexuais. Será que podemos deixar que esse aspecto único de nossas vidas, que afeta mais pessoas de mais modos do que qualquer outra reação fisiológica, além daquelas necessárias à nossa própria existência, continue sem o benefício de uma análise objetiva, científica?”

Essas colocações idealistas falavam de um jovem Bill Masters perplexo diante da ignorância do país sobre o sexo e resolvendo fazer algo a respeito. Mas o livro logo souo como obra de um explorador médico experiente plantando uma bandeira em *terra nova*, reclamando por direito os créditos pelos novos vislumbres. Seus agradecimentos a Alfred Kinsey, morto então há doze anos, foram feitos em termos respeitosos, mas comparativos. Enquanto

Kinsey e sua equipe haviam “publicado uma monumental compilação de estatísticas refletindo padrões de comportamento sexual”, Masters e Johnson procuraram garantir que o leitor compreendesse o esforço de Kinsey como mera sociologia, e não como medicina. Na verdade, eles sugeriram que uma “futura avaliação” pelos historiadores iria concluir que a maior contribuição de Kinsey seria como precursor de seu próprio trabalho, “abrindo as portas antes fechadas da nossa cultura a uma investigação definitiva sobre a reação sexual humana”.

Masters e Johnson conseguiram até desencavar uma citação de Freud, que soava como um toque de clarim para o seu próprio trabalho:

Abiologia é de fato um território de possibilidades ilimitadas. Podemos esperar que ela nos dê as informações mais surpreendentes e não temos como adivinhar que respostas irá nos dar dentro de dez anos às questões que houvermos colocado. Elas talvez sejam de um tipo que faça explodir toda a nossa estrutura artificial de hipóteses.

Por implicação, o livro de Masters e Johnson sobre descobertas biológicas seria justamente o dispositivo incendiário que Freud havia previsto. Em vez de teorias ou suposições, eles iriam fornecer fatos abundantes sobre a reação sexual humana capazes de dar suporte às suas afirmações. Sua primeira seção enfatizava aspectos comuns entre o homem e a mulher durante o sexo, como o aumento do fluxo sanguíneo e da tensão muscular. Apesar das óbvias diferenças anatômicas, diziam eles, “uma e outra vez a atenção será atraída para os paralelos diretos na reação sexual humana, que existem num grau que nunca foi apreciado antes”. No seu percurso, como quem observa aves a distância, eles notaram mudanças de nuances e formas na plumagem, como “mudanças de cor na fase platô nos lábios menores da mulher e o intumescimento coronal do pênis no homem”. Embora Virginia descrevesse casos clínicos perto do final do livro, o cerne desse texto de 315 páginas, lidando com a fisiologia e a anatomia do

sexo, era o fato de Masters se apoiar numa linguagem “o menos excitante” possível, particularmente na descrição de atos carnavais.

Mais significativo, Masters e Johnson esboçaram uma estrutura geral do sexo, com quatro estágios separados de reação humana. Quando estimulados sexualmente, tanto homens quanto mulheres passam por uma fase de excitação, uma fase platô, uma fase orgástica e uma fase de resolução ou refratária. Essas quatro fases podem variar amplamente em duração e intensidade de um indivíduo para outro. Mas, como uma maneira de balizar o desgoverno do sexo, esse “ciclo de reação sexual humana” generalizado servia tão bem quanto se poderia esperar. O caráter ambicioso de sua abordagem rivalizava com as grandes teorias de Freud, se bem que sua redução elementar a quatro passos parecia suficientemente familiar até mesmo para o menos iniciado dos amantes. Nos homens, a excitação anunciava a si mesma rapidamente, afirmavam eles. Homens jovens podiam passar de um estado flácido para uma ereção completa em três a cinco segundos após sua libido ter sido incitada. Embora homens mais velhos precisassem esperar duas ou três vezes mais para ficarem prontos, e sua firmeza pudesse oscilar um pouco, a corporificação mais óbvia da excitação nos machos nunca mudava. Os traços evidentes entre as mulheres jovens começavam com a ericção dos mamilos, com seios mais cheios e uma lubrificação vaginal de dez a trinta segundos do início da excitação, com um alongamento do canal vaginal na expectativa do que viria a seguir. Embora a excitação fosse mais lenta nas mulheres mais velhas, os pesquisadores descobriram que, com a estimulação correta, “essas reações podem continuar no grupo de pessoas na casa dos 80 anos” –, sem dúvida uma surpresa para o grupo geriátrico.

Nessa estrada rumo ao êxtase, os aspirantes logo se viam na fase platô, uma condição temporária, mais bem descrita como uma estação intermediária até o evento principal. Entre as mulheres, a vagina, mais umedecida conforme a “tensão sexual se altera”, muda a cor dos lábios menores e do tecido em torno deles, de vermelho para vinho. Mais significativo, o clitóris, regulando a reação sexual na mulher, enrijece consideravelmente em relação ao

seu estado normal, com a glândula e o corpo do clitóris retraído-se atrás de um prepúcio protetor. Nessa fase platô, o macho permanece com ereção, seus testículos aumentados e um pouco elevados, liberando gotículas de um fluido mucoso. Ambos os gêneros usualmente experimentam um "rubor sexual" durante esse platô, refletindo uma "crescente tensão sexual" com uma temporária erupção similar ao sarampo ao longo do torso. Recheado de termos médicos, o suficiente para requerer um glossário para o leitor leigo, o livro foi considerado por um escritor como "um calhamaço quase impenetrável de medicalês em latim" –, destacando trechos como "Esse tipo maculopapuloso de erupção eritematosa aparece primeiro sobre o epigástrico", algo que em linguagem popular seria descrito como um rubor sexual ao longo da barriga.

Com o orgasmo, ambos os sexos desabrochavam com os ritmos da vida a pleno galope. No macho, o ritmo cardíaco e respiratório subia consideravelmente em relação ao normal, com uma "sensação de inevitabilidade ejaculatória" na uretra prostática, pouco antes da propulsão do fluido seminal através do pênis. Nas mulheres, o orgasmo levava um pouco mais de tempo para se expressar. No entanto, assim que o *crescendo* da mulher se instalava, as contrações em forma de onda em seu útero e no terço exterior da sua vagina repetiam-se de quatro a oito vezes em intervalos de 0,8 segundo – mais ou menos o mesmo tempo das "contrações expulsivas" da ejaculação masculina no orgasmo –, antes que o tremor diminuísse. Masters e Johnson descobriram com as mulheres excitadas que a parede vaginal anterior movia-se para trás e para cima, criando um efeito "tenda", junto com uma quase duplicação do útero, para acomodar o pênis. Em ambos os sexos, as contrações do tecido pélvico eram seguidas por uma movimentação harmônica do esfíncter retal.

Após esse pináculo, uma liberação da tensão muscular e um abrandamento do fluxo sanguíneo dos órgãos sexuais intumescidos marcam a quarta fase, de resolução. Esse *finale* era mais perceptível no homem, pois o pênis endurecido rapidamente perdia vigor. O arroxeadado órgão sexual permanecia relativamente inchado

por um breve período, até encolher de vez para um estado natural não excitado. Nas mulheres, embora um pouco do fluxo sanguíneo e da coloração da pele logo esmaecessem, o período refratário quase não era perceptível e se “estendia por vários minutos”, relataram eles.

Masters e Johnson orquestraram essas quatro fases como concertos de Vivaldi, embora sua afirmação de uma reação sexual comparável entre homens e mulheres parecesse um pouco forçada. “O paralelo na reação a uma estimulação sexual efetiva enfatizam as similaridades fisiológicas entre as reações de homens e mulheres, mais do que as diferenças”, argumentaram eles. Em vez de retratar os sexos como opostos polares, tão diferentes quanto Adão e Eva, Masters e Johnson verificaram que cada adulto ao fazer sexo era “homogêneo em suas reações fisiológicas”, independentemente de seus gostos ou aversões individuais. Eles basearam seu raciocínio na similaridade da “vasocongestão” – afluxo de sangue pelas veias dos órgãos sexuais – e também em traços secundários observáveis, como a respiração pesada e fortes contrações musculares. Os céticos questionaram seu conceito de quatro estágios e também se o paralelo entre homens e mulheres não seria um pouco forçado e categorizado de uma maneira excessivamente definida. Por exemplo, as contrações similares de 0,8 segundo entre homens e mulheres, testadas por cronômetro, eram um “achado não prático, mas simbólico”, observou o historiador Paul Robinson. “Ele sugere que no supremo momento sexual homens e mulheres estão em perfeita harmonia. Eles marcham seguindo a mesma batida do tambor.” O livro continha um tom agradavelmente igualitário, sem confrontar diretamente a visão equivocada da profissão médica a respeito da dominância do homem quanto ao sexo.

Não obstante, o achado mais importante, mais exaustivamente detalhado no livro, derivado da observação de 382 mulheres e 312 homens, voluntários durante cerca de uma década, não podia ser contestado – nos rigores do sexo, as mulheres eram superiores aos homens. A própria estrutura do livro sublinhava esse ponto, com 141 páginas dedicadas à reação sexual feminina, três vezes mais

espaço do que o gasto para descrever a do homem. Suas descrições clínicas e ilustrações forneciam um mapa pelo país das maravilhas do corpo feminino, detalhando novos vislumbres dos inexplicados mistérios físicos do ato amoroso. Seus achados importantes sobre a reação sexual da mulher iriam provar o aspecto mais duradouro de seu trabalho clínico, trazendo consequências profundas que ajudaram a definir e inspirar a revolução sexual americana nas duas décadas seguintes. Fascinado pela capacidade multiorgástica da mulher, Masters sabia que essa evidência iria sacudir os totens de uma cultura americana dominada pelo homem, obcecada pelo que ele chamou de suas "falácias fálicas" e fantasias. Após seu primeiro clímax, os homens precisavam aguardar até uma hora ou mais, suportando uma impotência temporária durante um tempo educadamente chamado de período de resolução, antes de poder retomar. Mas a maioria das mulheres orgásticas estavam prontas para mais imediatamente, e de novo e mais uma vez, se o clima fosse adequado e a oportunidade surgisse. "A fêmea não tem esse período refratário", escreveram eles, comparando as reações entre os sexos. "Ela costuma ser capaz de voltar a ter repetidas experiências orgásticas sem a perda pós-orgástica de tensão sexual." Mais descrições de múltiplos orgasmos de mulheres eram mencionadas ao longo do *Human Sexual Response* e de seus primeiros escritos clínicos. "Em comparação com a usual incapacidade do macho de ter mais de um orgasmo num curto período, muitas fêmeas, especialmente quando estimuladas no clitóris, podem ter regularmente cinco ou seis orgasmos plenos em questão de minutos", relataram eles. Nesse cenário, o potencial da mulher de estourar fogos de artifício na cama superava de longe a pequena e única faísca de seus parceiros masculinos.

Antes de Masters e Johnson, a literatura médica retratava o chamado sexo frágil como "frígido", como se as mulheres fossem incapazes de estar à altura dos homens. Embora uma em cada seis mulheres entrevistadas tivesse mencionado múltiplos orgasmos a Kinsey, assim como um número comparável num estudo à parte de pares casados feito pelo psicólogo Lewis M. Terman da

Universidade de Stanford, esse fenômeno era ainda descartado pela maioria dos críticos como um pequeno espetáculo à parte, uma excentricidade anatômica, ou, o mais divertido para os críticos homens, algo que não seria um verdadeiro orgasmo. Masters e Johnson provaram que a realidade biológica era bem o oposto. Entre as mulheres multiorgásticas, descobriram eles, cada clímax não diferia fisiologicamente entre si. Se havia alguma variação, é que seus orgasmos iam ficando melhores conforme se sucediam. “Quando sujeitos de estudo do sexo feminino eram interrogados no laboratório após experiências de multiorgasmo, o segundo ou terceiro episódio de orgasmo em geral era identificado subjetivamente como mais satisfatório ou mais prazeroso sensualmente do que o primeiro”, escreveram eles. Algumas mulheres tinham orgasmos sucessivos sem qualquer intervalo entre eles, enquanto outras voltavam para uma outra fase, a de excitação ou a fase platô, antes de acelerar de novo para outro orgasmo. “Uma das coisas importantes que identificamos – para nossa própria satisfação, pelo menos – é que a mulher é naturalmente multiorgástica”, disse Masters mais tarde. “Isso nunca havia sido enfatizado antes.”

Ao fazer conjecturas sobre os mistérios do orgasmo feminino, Masters e Johnson investigaram os detalhes do clitóris, aqueles pequeno monte robusto de amor fibroso, para ver como reagia à excitação. Ao contrário dos médicos homens anteriores – incluindo Gray, o autor do venerável manual *Anatomy* –, que descreveram o clitóris como um “homólogo do pênis do homem”, Masters e Johnson destacaram suas qualidades singulares, inigualáveis. “O clitóris é um órgão único na anatomia humana total”, escreveram eles. “Não existe um órgão como ele na estrutura anatômica do macho humano.” O clitóris não era algum irmão menor do pênis ou um falo feminino, como anatomistas equivocados declararam. Nem era, como teorizavam os freudianos, o “imaturo” objeto de amor de garotas que se masturbavam antes de casar e de se envolver na preferível felicidade do orgasmo vaginal. Ao contrário, Masters e Johnson disseram que esses escritos, ditos especializados, sobre o clitóris se resumiam a “um *pot-pourri* de conceitos

comportamentalistas sem sustentação em fatos biológicos” e que “décadas de ‘fantasias fálicas’ haviam contribuído mais para empacar do que para incentivar a pesquisa”. Os dois testaram as interconexões do clitóris e da vagina durante a reação sexual e verificaram que não havia diferença na reação orgástica. “Será que os orgasmos clitoridiano e vaginal são de fato entidades anatômicas separadas?”, perguntaram eles. “De um ponto de vista biológico, a resposta a essa questão é um inequívoco ‘não.’” E tampouco fazia qualquer sentido comparar o clitóris durante o sexo ao pênis do homem, acrescentaram eles. Enquanto a lubrificação vaginal pode ocorrer próxima do tempo de excitação de um homem, Masters e Johnson insistiram que “a crença disseminada de que o clitóris reage ao estímulo sexual com rapidez igual ao da ereção peniana é falaciosa”.

Suas comprovações eram difíceis de refutar. Distribuídos por várias páginas, desenhos rudimentares a lápis de seios e genitália feminina intumescidos – incluindo o retrátil capuz clitoridiano, a glândula e o corpo do clitóris antes do orgasmo – forneciam um guia para os não treinados. Uma reprodução de um eletrocardiograma mostrava o pulso cardíaco acelerado durante o orgasmo, que às vezes chegava a 180 batidas por minuto. As mulheres eram observadas fazendo sexo nas posições supina, superior e com os joelhos no peito. Manipulavam-se elas mesmas ou eram manipuladas por um parceiro, ou se excitavam mecanicamente com o dispositivo ótico da clínica. O pênis artificial funcionava bem quando as mulheres o recebiam na horizontal, com elas de costas, mas era “tecnicamente impossível” se tentassem a posição superior. Assim, as mulheres voluntárias que preferiam ficar por cima tinham que confiar nos orgasmos do jeito natural – com um parceiro real. Tanto por cima, por baixo como de lado, os resultados destacavam a magnitude da reação sexual feminina.

Para as mulheres, o orgasmo era uma sensação do corpo inteiro – com uma “intensa percepção clitoridiana-pélvica” e “frequentemente um sentimento de abertura receptiva” –, enquanto nos homens era algo mais restrito, com foco na ereção e na ejaculação. Ao contrário do que diziam as histórias de esposas

idosas ou os preconceitos dos médicos homens, mulheres em todos os estágios da vida podiam desfrutar de relações sexuais. Mulheres grávidas podiam fazer sexo sem receio de machucar o feto, mostrava seu estudo, e em alguns casos tinham um potencial orgástico aumentado, especialmente durante o segundo trimestre da gravidez. Mulheres mais velhas tampouco precisavam encerrar sua vida amorosa. Entre 61 mulheres ativas participantes, com idade superior a 41 anos, incluindo três entre 71 e 80 anos, os resultados sugeriram que a idade pode tornar mais lenta, mas nunca extinguir a intensidade da paixão. “Não há razão para achar que o marco da menopausa deva embotar a capacidade sexual da fêmea humana, seu desempenho ou sua intensidade”, afirmaram os dois.

Masters e Johnson também testaram os limites extremos da reação sexual feminina. Abrindo uma ferida no orgulho masculino, os pesquisadores descobriram que os orgasmos femininos mais intensos não eram com seus parceiros, mas quando elas se masturbavam sozinhas. Além da possibilidade de orgasmos múltiplos, mas separados, algumas mulheres eram capazes, em raras circunstâncias, de alcançar um “*status orgasmus*” – um pico estendido de orgasmo com a duração de vinte ou mais de sessenta segundos sem retornar a um platô (numa página anexa, aparecia um eletrocardiograma de um tal episódio, talvez para neutralizar qualquer acusação de exagero). O livro não citava mulheres que podiam fantasiar e ter um orgasmo sem serem tocadas, mas eles mais tarde encontraram e testaram três mulheres assim, depois que isso apareceu em livros.

A maioria dos voluntários do estudo de Masters e Johnson não era novato em sexo ou em relação às suas sensações físicas, um fator que sem dúvida influenciou os resultados apesar da insistência dos pesquisadores em dispor de uma amostra ampla. “As personalidades das mulheres variavam, desde as muito tímidas, até as assumidamente independentes”, e seus encontros sexuais anteriores variavam de “um a muitos”, relatava o livro. Mas os dados fisiológicos concretos sublinhavam a possibilidade de orgasmo para toda esposa americana vivendo em “união

matrimonial". Mulheres consideradas "frígidas" – um termo impreciso, pejorativo, que Masters e Johnson não apreciavam – eram bastante capazes de ter orgasmo durante o sexo. Na verdade, eram talvez vítimas de inibições religiosas ou culturais mais do que portadoras de alguma falha anatômica ou incapacidade pessoal. Com suficiente informação e encorajamento, livres das condenações da sociedade, elas também podiam ser conduzidas ao território da satisfação sexual. Era uma mensagem que a maioria das mulheres nunca ouvira antes. "Nem totem, nem tabu, nem preceitos religiosos parecem responder inteiramente pela força com a qual a experiência orgástica feminina com frequência é negada como uma reação psicofisiológica que ocorre de forma natural", os autores asseguravam ao seu público, mais na tradição americana dos manuais de autoajuda do que de um texto de medicina. "Agora, com a fisiologia do orgasmo estabelecida, a fêmea humana tem uma inegável oportunidade de desenvolver de modo realista seus próprios níveis de reação sexual."

A satisfação sexual, eles enfatizavam, estava toda ela nas mãos das mulheres.

Em comparação, a reação sexual masculina retratada por Masters e Johnson podia parecer inferior e em constante necessidade de ter a confiança restaurada. "O 'receio do desempenho' que se instalou a partir da demanda cultural por uma satisfação do parceiro tem sido um fardo exclusivo do macho em sua reação", escreveram eles, como se imaginassem Atlas carregando o mundo nas costas.

A ereção podia ser uma aventura duvidosa, não uma aposta segura, especialmente para o macho idoso, os testes da dupla evidenciaram. A ejaculação mostrou-se limitada e fugaz. Alguns homens não conseguiam controlar sua liberação prematura, o que levava à frustração de suas parceiras. A caminho do orgasmo, a mulher podia exibir um controle multifacetado, sendo capaz de parar e seguir adiante aparentemente conforme sua vontade, enquanto o homem com frequência disparava acelerado como um

trem desgovernado. “Em contraste com o fato de a experiência orgástica da fêmea humana poder ser interrompida por estímulos psicossensoriais extrínsecos, a experiência orgástica masculina, uma vez iniciada por contrações dos órgãos acessórios de reprodução, não pode ser compelida ou retardada até que a emissão de fluido seminal tenha sido completada”, observaram eles.

Masters e Johnson também desmentiram outras escuras “falácias fálicas” com a luz de seus achados científicos. Aos homens que se satisfaziam privadamente, os dois garantiram que tal “automanipulação” não iria levá-los à loucura. Homens não circuncidados não exibiam maior controle da ejaculação ou menos impotência que os circundados. Para alegria dos vestiários de todas as partes, eles derrubaram a “crença amplamente disseminada de que a ejaculação, seja ela obtida por masturbação ou por coito, age em detrimento da condição física de homens em programas de treinamento atlético”. E para homens preocupados com sua potência à medida que envelhecem, a máxima “ou você usa ou você perde” parecia ter fundamento. “O fator mais importante na manutenção de uma sexualidade efetiva para o homem idoso é a consistência da sua expressão sexual ativa”, aconselhavam eles. Uma seção intitulada “O Pênis” – do mesmo modo que a outra genitália respondia por seu próprio subcapítulo no livro – lidava com a disseminada ignorância factual em torno da sua mítica importância numa cultura americana dominada pelo macho. “O pênis tem sido constantemente considerado, mas raramente visto. O órgão vem sendo venerado, vilipendiado e apresentado de forma deturpada na arte, na literatura e na lenda através dos séculos”, observaram os dois. “Nossa cultura tem sido influenciada e tem contribuído com variadas concepções errôneas a respeito do papel funcional do pênis. Essas ‘falácias fálicas’ têm ilustrado nossas artes e, talvez com maiores consequências para nossa cultura, influenciado nossas ciências comportamentais e biológicas.”

O retrato geral que eles pintaram foi o de um órgão sexual bastante caprichoso. Na fase de excitação, relataram eles, as ereções penianas podiam ser perdidas facilmente devido a “um

ruído forte repentino, a vocalização de algum sujeito exterior, ou a uma óbvia mudança de iluminação, temperatura ou pessoal de atendimento”. Dadas essas condições, qualquer esposa já pode imaginar que um marido com contas a pagar, crianças na casa e uma tevê no quarto de dormir jamais conseguiria ficar excitado. Ao contrário da resistente e infinitamente reativa fêmea na cama, a excitação para o macho só podia ser mantida por “períodos extensos” por meio de “um cuidadoso controle da variação e da intensidade das técnicas de estimulação” – em resumo, não ficando excitado demais de modo muito rápido. Para satisfazer uma mulher, com frequência era essencial que o homem controlasse o impulso ejaculatório, a investigação concluiu. Após a liberação seminal, alguma semelhança com a ereção poderia ser mantida se o homem ficasse por um tempo dentro da vagina da sua parceira, em vez de dizer logo adeus. Mas uma partida rápida – ou qualquer atividade na qual esse companheiro refratário e que se distrai com facilidade passe a falar de algum outro assunto, ou seja, de algum outro modo dispersado de uma maneira assexual” – significava um retorno seguro à flacidez.

Cientes da defensividade dos homens, Masters e Johnson refutaram outra falácia comum – que aqueles com pênis maiores eram amantes mais efetivos. O folclore e o humor das histórias sobre homens com pênis imensos ou pequenos eram tema de quadros cômicos, portas de banheiro e de idas preocupadas ao psicanalista. “A ilusão de que o tamanho do pênis está relacionado à adequação sexual tem sido outra concepção fálica equivocada”, Masters e Johnson declararam. No entanto, por razões próprias, eles deliberadamente evitaram dar uma resposta clara à pergunta mais frequente sobre a anatomia masculina – o tamanho médio do pênis. Com certeza, tal prognóstico era duvidoso para dois pesquisadores que já estavam empregando um *dildo* mecânico como parte de seus estudos. Historicamente, a medicina evitava esse tópico, como se fosse radioativo. Masters e Johnson citaram o falecido doutor Robert Latou Dickinson (Masters havia estudado seu livro de anatomia anos antes), que concordava com a medição feita em 1899 por um médico alemão chamado Loeb. Comparando

altura, comprimento do pênis e tamanho do pé, Loeb relatou que um pênis flácido variava de 8,5 a 10,5 centímetros, com o comprimento médio estabelecido em 3,7 polegadas [9,3 centímetros]. Masters e Johnson fizeram sua lição de casa com voluntários condescendentes, mas não compartilharam todos os resultados. Como rotina, um pesquisador, armado de fita métrica, era incumbido de checar a superfície superior de um montante de oitenta pênis diferentes, medindo seu comprimento da base até a ponta, tanto ereto como em descanso. Nesse cômputo, quarenta pênis flácidos da categoria menor variaram de 7,5 a 9 centímetros, enquanto o grupo de pênis flácidos maiores alcançava comprimentos de 10 a 11,5 centímetros. Quando eretos, porém, todos os menores duplicaram de tamanho, enquanto os maiores não inchavam proporcionalmente, ganhando um aumento de cerca de 75%, segundo os resultados da dupla. O maior vencedor dessa "corrida" foi alguém do grupo menor – um voluntário dotado de um pênis com menos de 7,6 centímetros de comprimento. Ele experimentou um crescimento de 120%, e repetiu essa medida nas três vezes em que ela foi feita.

Apesar de seus esforços em controle da qualidade, Masters e Johnson admitiram que a natureza desse teste foi apressada, que ele havia sido, "na melhor das hipóteses, cruamente clínico" e beirando o não confiável. Um terço das medidas penianas foi tomado durante a "automanipulação", presumivelmente com espaço suficiente para um resultado preciso. Mas o resto foi tomado quando os homens estavam próximos da ejaculação. Eles removiam o pênis durante o "coito ativo" para ser medido totalmente intumescido, na teoria se não na prática. "Embora a informação obtida obviamente não seja definitiva, com certeza não há base estatística para a 'falácia fálica' de que pênis maiores aumentam de tamanho na ereção plena num grau significativamente maior do que pênis menores", concluíram eles. Mas essa limitada revelação sobre o comprimento peniano foi o mais longe que os pesquisadores se permitiram chegar. Eles se esquivaram de fornecer qualquer padrão-ouro, para que o macho americano típico, em pé, nu, diante de um espelho, ficasse

imaginando se o seu membro poderia ser considerado grande, pequeno ou simplesmente normal. “Quando publicamos *Human Sexual Response*, evitamos de propósito incluir informação sobre o tamanho médio do pênis”, Masters explicou mais de uma década mais tarde. “Em certa medida, esperamos que, ao evitar fazer isso, iríamos neutralizar a noção de que o tamanho do pênis é crucial para a reação sexual.” Claro, Masters e Johnson haviam chegado a um tamanho mediano para o americano médio, mas recusaram-se a dizer qual era. “Nunca vamos dizer”, brincou Masters, mas em tom sério. “É nossa contribuição para a segurança da humanidade! Não importa o que a gente dissesse, todo homem iria na mesma hora procurar uma fita métrica.”

Em vez disso, Masters e Johnson tiveram como meta uma lição mais ampla, tanto para homens quanto para mulheres. No intercurso sexual, não importa qual seja o tamanho do pênis, a vagina parece saber o que fazer. “A acomodação completa em geral é conseguida nas primeiras três empurradas do pênis, não importa o seu tamanho”, escreveram eles. Para homens ansiosos, o ponto principal era que o tamanho realmente não importava e, numa impressionante noção contraintuitiva, talvez fosse até um aspecto negativo! Homens com um pênis menor podiam entrar na vagina com maior facilidade e mais cedo na fase de excitação, sugeriam eles, atuando como um “agente dilatador” para a sua esposa. Já os homens mais atenciosos com um pênis maior teriam que esperar e retardar sua entrada até que sua esposa estivesse pronta, em algum ponto mais adiante no ciclo da reação humana. Com suficiente cuidado e estimulação, a vagina podia acomodar um visitante de praticamente qualquer tamanho. Isso foi demonstrado por voluntárias fêmeas que usaram o recurso do “coito artificial”, como as fotografias em cores mostraram de modo convincente. Os fantásticos poderes da anatomia feminina pareciam uma maravilha de “autoatualização”, um termo cunhado pelo psicólogo Abraham Maslow, cujo trabalho em autoestima e sexualidade feminina foi citado no livro deles. “Ajuda compreender que a vagina é um espaço potencial, mais do que um espaço real, em seu estado não estimulado”, explicou Virginia mais tarde, quase de modo

existencialista. “Na realidade, a vagina é quase um órgão infinitamente expansível. Afinal, ela vai de um estado de prostração a um tamanho suficientemente grande para acomodar a cabeça de um bebê.”

Apesar de todas as suas afirmações sobre uma estrutura de quatro fases assentada na igualdade, as provas concretas no livro de Masters e Johnson sugeriam uma proeminência sexual da mulher em quase todas as formas e em qualquer idade, bem à frente em relação à sua contraparte masculina. Sua visão da sexualidade humana era simplesmente revolucionária; ela virava a ordem vigente de cabeça para baixo. Seu relato, oferecido em conjunto por um homem e uma mulher, refletia ambos os pontos de vista como nunca havia sido feito antes. Embora eles atenuassem seus achados explosivos em expressões médicas obtusas, mesmo sendo condescendentes com as vaidades e com a atenta fortaleza do ego masculino, mesmo evitando pisar no campo minado da psicanálise e sem nunca confrontar o velho Freud nominalmente, mesmo prestando homenagem a Kinsey e citando outras 329 referências, e mesmo que seus argumentos fossem moldados dentro das convenções da medicina oficial e de seus limites moralmente conservadores, as suas provas eram cabais, diretas e incontestáveis.

Depois de dez longos anos, Masters e Johnson chegaram ao que nenhum de seus contemporâneos havia chegado ou sequer ousado tentar. Eles conseguiram escapar das demissões, prisões e ultrajes profissionais que seus detratores haviam previsto. Seu livro oferecia uma nova maneira de homens e mulheres olharem para si mesmos e se comunicarem. Foi uma realização notável, diferente de qualquer coisa que a ciência médica já tivesse visto nesse campo, ou tivesse probabilidade de repetir no futuro. Agora, depois de amargar um quase anonimato e um confinamento secreto, eles só podiam esperar que os Estados Unidos lhes dessem atenção.

FASE TRÊS



Masters e Johnson com seu livro
Human Sexual Response

A excitação do lançamento

O velho Hotel Ritz-Carlton de Boston exalava um certo charme elitista, ligado às pomposas tradições que remontavam à época do domínio colonial inglês. Tomava-se chá no fim de tarde, enquanto um monte de gente se apinhava no salão do restaurante, com suas estolas de pele, diamantes e pérolas. No andar de cima, uma lareira aquecia as majestosas suítes e mordomos cuidavam das chamas e arrumavam a luxuosa roupa de cama pouco antes da hora de dormir. Para especialistas em medicina de fora da cidade, essas amenidades faziam parte da mística de se hospedar no Ritz enquanto cuidavam de seus assuntos na vizinha Harvard, no MIT, ou no *Journal of Medicine* da Nova Inglaterra.

Durante uma visita para ver seu *publisher*, sediado em Boston, Masters e Johnson curtiram esse majestoso hotel e acharam ótimo quando ele foi escolhido como local para o lançamento de seu livro para a imprensa. Ao enfrentarem os céticos antes, eles haviam tentado uma abordagem igualmente chique sem muita sorte. Alugaram uma suíte espaçosa para apresentar suas descobertas em Chicago ao serem banidos de uma convenção nacional de ginecologia e obstetrícia ali. Também haviam servido bebidinhas para o corpo docente da “Wash U” quando exibiram seus resultados de laboratório em filme. Ambos foram um desastre. De qualquer modo, essas experiências passadas serviram como

preparação para o desafio que estavam prestes a enfrentar. Eles não queriam falhar agora em Boston.

Em abril de 1966, Masters e Johnson comandaram uma série de singulares coletivas de imprensa no Ritz, que mais pareciam seminários informais do que o ritualizado interrogatório da mídia diante de um microfone. Sentados em cadeiras confortáveis junto a uma extensa janela cortinada, eles discutiram suas descobertas em sessões de duas horas, que se mostraram ao mesmo tempo animadas e convincentes. Eles deliberadamente reservaram quartos separados no hotel, para evitar falatórios.

Nessas sessões, os céticos ficaram impressionados com a decidida autoridade de Masters e seu virtuosismo técnico. Virginia, com sua voz treinada, dava elucidações complementares em bom inglês. Seus editores convidaram vários jornalistas influentes, entre eles John Corry, do *New York Times*, Albert Rosenfeld, da revista *Life*, Arthur Snider, do respeitado *Chicago Daily News*, e Earl Ubell, do *New York Herald Tribune* – um grupo seleta que iria influenciar o resto da cobertura de mídia. Embora alguns dos achados já tivessem vazado, essas discussões mais longas e relaxadas no Ritz foram o primeiro encontro formal de Masters e Johnson com a imprensa. O resultado não poderia ter sido melhor. “O confronto cara a cara do doutor Masters e da senhora Johnson com os escritores de ciência da nação renderam uma reação extremamente favorável ao seu livro”, concluiu a revista *Harper's* em seu elogioso perfil, “Os cruzados do sexo do Missouri”. Esses pesquisadores antes desconhecidos estavam agora sendo descritos como super-heróis nietzschianos, como “dotados de excepcional sensibilidade, coragem e persistência” no trabalho de educar uma nação. Refletindo o tom sóbrio de seu jornal, o artigo de Corry no *Times* destacou cifras que eram quase inimagináveis. Durante esse estudo de onze anos, escreveu Corry, cerca de dez mil orgasmos foram acompanhados por “observação direta”, com centenas de homens e mulheres “envolvidos em coitos e masturbação”. Ao mencionar as incontáveis prostitutas da pesquisa preliminar de Masters, antes da entrada de Virginia em cena, Corry alertou os leitores de que “uma estimativa mais precisa e conservadora”

poderia chegar a algo entre doze mil e quinze mil orgasmos, valores que causam impacto. Corry, como os outros jornalistas científicos, sublinhou que Masters e Johnson eram a nata dos cientistas de avental branco, uma dupla homem-mulher de mente lúcida, que havia “se esforçado para expurgar do livro qualquer coisa que pudesse ser considerada obscena”. Mas nem todos concordaram. O crítico Albert Goldman, como Farber e outros, destacou obsessivamente o “*dildo* de plástico” e a fria descrição do estudo da relação sexual humana. Em sua resenha, Goldman queixou-se de que o livro deveria chamar-se “Mecânica do corpo sexual”, já que mesmo os idosos pareciam hiperssexualizados. “Fica-se desejando uma volta à sabedoria de um tempo passado, que aceitava o declínio do corpo e buscava compensação em ocupações que transcendessem o físico”, Goldman lamentou. “Talvez uma imaginação genuinamente profética esteja revelando a si mesma na imagem mais indelével do livro, aquela de uma mulher copulando consigo por meio de uma máquina.”

Das 700 resenhas e notícias sobre o *Human Sexual Response*, o maior selo de aprovação veio do *Journal of the American Medical Association*, o tipo de publicação profissional que havia anteriormente rejeitado seu trabalho. “Por que esse estudo demorou tanto a aparecer?”, perguntava o editorial da *JAMA*. “Ensinar os estudantes a anatomia dos órgãos de reprodução e ignorar de que modo esses órgãos funcionam durante suas atividades ordenadas é tão pouco razoável como estudar a anatomia do estômago, mas desdenhar qualquer conhecimento a respeito de como ele funciona.” Na vertiginosa era científica dos anos de 1960, admiradores como o psiquiatra George Krupp comentaram que os achados de Masters e Johnson iluminavam o mundo do sexo, que parecia, em retrospecto, o lado escuro da lua antes que a NASA documentasse todas as suas profundas curvas e fendas. “Se estivermos inclinados a ver a união sexual como algo tão sacrossanto que não deveria ser aberto à investigação, precisamos lembrar que uma visão similar foi assumida em relação aos corpos celestes nos dias de Galileu”, insistiu outro resenhista.

Embora Alfred Kinsey tivesse fornecido as linhas gerais das práticas sexuais americanas, e outros, como a doutora Mary Calderone, tivessem defendido a adoção de educação sexual nas escolas, Masters e Johnson produziram respostas de ciência pura para perguntas específicas que milhões de pessoas vinham evitando fazer. Como o sociólogo John Gagnon observou: “Todo mundo parece ser a favor da educação sexual, mas essas mesmas pessoas são contra fazer a pesquisa que nos daria o conhecimento necessário para educar.”

Em entrevistas, Masters tirou importância da capa de constante vigilância e sigilo que eles tiveram que suportar por tantos anos. Embora esse sucesso fosse uma afirmação pessoal, o tipo de realização que ele buscara por muito tempo, sua persona pública manteve-se calma, assentada e humilde. Ele podia se orgulhar muito de seus achados, mas não parecia ansioso pelas luzes da fama. “A coisa mais importante é que o trabalho foi feito”, afirmou com simplicidade. Contou à imprensa que as cartas expressando ódio constituíam apenas dez por cento de todas as cartas recebidas. A maioria delas era de pessoas desesperadas para obter conselhos sobre problemas pessoais, disse ele. Mas, uma década mais tarde, Masters admitiu que as cartas “assustadoras” que chegaram após a publicação de *Human Sexual Response* eram cerca de 75% do total. “Eram cartas horríveis”, lembrou Mary Erickson, que se juntou à sua equipe quatro anos após o lançamento do livro. “Um monte delas eram sórdidas e medonhas.”

Incontestável foi o sucesso comercial do livro, que a editora Little, Brown and Co. originalmente despachou aos médicos embrulhado em papel marrom liso. Ele foi subindo nas listas de *best-sellers*, com 300 mil exemplares vendidos em poucos meses. “Pela primeira vez, sentimos estar trabalhando com o apoio da opinião pública, e não contra ela”, Virginia contou à *Newsweek*, que mais tarde chamou o esforço dos dois de “o experimento mais ousado e explícito já realizado no estudo científico do sexo”. *Human Sexual Response* transformou o discurso público sobre sexo nos Estados Unidos, abrindo uma nova era de franqueza nunca

antes vista na mídia. Embora ridicularizados por sua prosa nebulosa, Masters e Johnson apoiavam-se em termos médicos e descrições clínicas que não ofendiam os leitores. Eles mantiveram distância de expressões vulgares, que teriam sido um convite à censura. Com cuidado para não serem provocativos demais, em seu livro eles mencionaram a feição apenas uma vez e evitaram totalmente o sexo anal. E a mídia podia reproduzir sua linguagem sem parecer indecente. “Vocês precisam lembrar que ao publicar esse livro nossa preocupação básica era com a aceitação – essa foi a razão pela qual ele não foi escrito em inglês, para começar”, brincou Bill.

A abordagem mecânica de Masters e Johnson, enraizada na reverência americana pela ciência, tornou seu livro palatável para uma nação de língua amarrada. A informação sexual específica de repente passou a fazer parte do conteúdo padrão de jornais, revistas e programas de entrevistas na televisão, que perceberam o apelo que essa conversa sobre sexo envolvendo Masters e Johnson exercia sobre o público. “Quando a receptividade a qualquer material relacionado ao sexo começou a crescer, as pessoas não se sentiram tão ameaçadas por isso”, Virginia observou mais tarde. “Elas passaram a ouvir, em vez de reagir emocionalmente. Essa evolução encontrou um paralelo no despertar da mídia para a ideia de que se tratava de um produto muito vendável.” Algumas revistas femininas ainda continuavam cautelosas em relação ao assunto em meados dos anos de 1960, e então traçaram apenas perfis dos próprios Masters e Johnson, até que a revolução sexual obteve o consentimento de um público mais amplo. “Então as comportas foram abertas”, lembrou Virginia. “De repente a revista toda – e todas as revistas – era vendida com base no sexo. Um pouco de culinária, um pouco de moda, um pouco sobre educação dos filhos, e todo o resto era sexo, portanto, a mídia na realidade criou o conceito de uma revolução.”

Na década de 1960, os Estados Unidos seriam convulsionados pelos assassinatos dos irmãos Kennedy e de Martin Luther King Jr., as imensas manifestações pelos direitos civis e os sangrentos distúrbios de rua pela questão racial. O conflito do Vietnã trouxe

uma ampla resistência ao alistamento militar, o repúdio a um presidente (Lyndon Johnson) e à eleição de outro (Richard Nixon), que acabaria renunciando em meio a um escândalo. Nesse torvelinho de dramas políticos e sociais, a definição tradicional de sexo, amor, família e compromisso parecia também uma questão em aberto. A mídia comentava a respeito de um novo mundo hippie, com colares de contas e flores de paz e amor, com *love-ins* antiguerra, comunidades utópicas de amor livre, crianças nuas enfeitadas com flores em Woodstock, minissaias que mostravam tudo, botas *go-go* até as coxas, calças boca de sino de cintura baixa, pele pintada em cores psicodélicas, filmes explícitos como *I Am Curious (Yellow)* e espetáculos da Broadway com atores nus, como *Hair*, que falavam de liberdade sexual como nunca se vira antes. “Os anos de 1960 serão chamados de a década da preocupação orgástica”, declarou Masters, com apenas uma leve ironia. Mesmo mulheres reprimidas dos subúrbios chiques, como Mrs. Robinson no filme *The Graduate* [“A Primeira Noite de um Homem”], pareciam ser encorajadas pelo livro. “A visão de Masters e Johnson das mulheres como atletas sexuais, capazes de múltiplos orgasmos, de repente se harmonizou com o espírito de liberdade sexual ou, mais precisamente, de experimentação sexual, que varria o país”, observou a escritora Jane Gerhard a respeito daquela era.

Logo após a publicação do livro, Masters e Johnson iniciaram uma grande turnê por várias escolas de medicina e faculdades, geralmente para salas lotadas e com gente em pé. Bill não se iludia a respeito desse interesse de viés lascivo que impulsionou as vendas de *Human Sexual Response*. Como costumava comentar: “Esse é o livro mais comprado e menos lido da história.” Masters insistia para que eles voltassem logo ao trabalho na clínica da Fundação de Pesquisa de Biologia Reprodutiva. Agora que já haviam mapeado a fisiologia básica da sexualidade humana, havia muito mais trabalho a ser feito.

Foco nas sensações

"O homem sobrevive a terremotos, epidemias, horrores da doença e todas as aflições da alma, mas desde sempre sua tragédia mais torturante tem sido, é e será – a tragédia do quarto de dormir."

– LEON TOLSTÓI

Você já sentiu orgasmo alguma vez? Sob que circunstâncias? Conte-me quais foram as sensações que você teve durante essa experiência?"

No primeira dia da terapia, Virginia Johnson sentava-se diante de uma esposa infeliz e começava a fazer perguntas sobre suas dificuldades sexuais. Do outro lado de uma mesa de madeira, ela abria uma pasta de arquivo marrom e um bloco de papel. Fazia uma série de anotações. Um microfone colocado entre as duas captava todas as perguntas e respostas. Ficava conectado a um grande gravador de fita, localizado em outra parte do edifício, onde rolos de fita de todas as sessões eram armazenados para posterior revisão e análise.

Pelas duas horas seguintes, a senhora Johnson, com seu avental branco de laboratório, cabelo ruivo-escuro puxado para trás num coque, olhava compassivamente para a mulher com problemas e fazia uma série de inquirições a fim de conhecer a história oculta de seu casamento.

"De que maneira esse problema sexual tem afetado seu parceiro? Quando você lembra de isso ter acontecido pela primeira vez? Como você tem lidado com esse problema?"

“Já percebeu seu marido alguma vez tendo problemas para conseguir uma ereção ou durante a ejaculação?”

“De que maneira seu marido tem tentado lhe dar prazer sexualmente? Com que resultados?”

“Qual é a sua ideia do papel adequado de uma mulher na cama? E quanto a outros aspectos da sua vida cotidiana de casada?”

“Como você acha que seu marido responderia a essas questões?”

Numa sala vizinha, o doutor William Masters desempenhava essa mesma tarefa com o marido dessa mulher. Explorava como o marido se sentia em relação a experiências como namoro, casamento, divórcio e criação de filhos; suas convicções religiosas; e o histórico educacional e social do casal. Depois fazia perguntas ainda mais delicadas sobre eventuais encontros sexuais antes do casamento, se ele se masturbava ou se invocava imagens e fantasias específicas durante o intercurso com a esposa. Masters perguntava se o marido, no passado, havia presenciado os pais praticando sexo, por acaso ou intencionalmente. Se havia brincado de “médico” como parte de um “jogo sexual” com outras crianças ou acordado à noite com ereções noturnas na sua roupa íntima? Alguma vez tivera uma experiência homossexual? Masters pedia-lhe para descrever aquilo que o atraía inicialmente na sua esposa, como havia sido sua lua de mel, com que frequência eles tinham relação, e que visões, toques, sons e cheiros ele associava ao ato de fazer amor.

No segundo dia, Masters e Johnson trocavam os parceiros. Ela conversava com o marido, e ele, com a esposa – repetindo o mesmo padrão de questões, que eles chamavam de “levantar o histórico”. Conhecer as necessidades, as vontades e os desejos de cada casal era um primeiro passo importante na “terapia dual” de Masters e Johnson. Pelo fato de obterem uma visão de ambos os lados, o retrato geral da história sexual do casal emergia muito mais rapidamente. Masters e Johnson podiam começar a reparar o relacionamento do casal, ajustando as grandes diferenças entre os parceiros. No terceiro dia de seu programa de terapia de duas

semanas, eles comparavam e contrastavam as respostas às suas perguntas mais reveladoras:

“O que você espera que esse programa de terapia faça pelo seu marido ou esposa?”

“O quanto o seu parceiro está interessado na parte sexual de seu casamento?”

“O que o seu marido (esposa) mais quer de você?”

As respostas forneciam pistas para o quebra-cabeça, vislumbres do âmago de um casamento, que eles acreditavam que um terapeuta sozinho, em geral um homem, não conseguia obter. Embora algumas técnicas de entrevista se espelhassem em Alfred Kinsey, e outras sugerissem Sigmund Freud, a abordagem de terapia dual concebida por Masters e Johnson era singular. Segundo muitos, eles ofereciam sugestões práticas para remediar casamentos, com um poder de mudar vidas bem além das capacidades do terapeuta médio ou do conselheiro religioso. Em meados da década de 1960, com seus testes fisiológicos quase concluídos, os momentos mais íntimos na clínica de Masters e Johnson aconteciam com as pessoas vestidas, e não sem roupa.

“Seu trabalho era totalmente inovador – o modelo de ‘terapia dual’ era excelente”, disse o doutor Alexander N. Levay, um clínico e professor de psiquiatria na escola de medicina da Universidade de Columbia, que primeiro foi paciente, junto com a esposa, e depois estagiário do programa. Levay ouviu Masters e Johnson numa palestra em Nova York, logo após a publicação do livro pioneiro. Como homem de medicina recém-formado, não tinha certeza do que fazer a partir da apresentação deles. Levay terminara a escola de medicina e entrara em seu terceiro ano de estágio em medicina interna, uma especialidade da qual se orgulha de conhecer todas as funções do corpo humano. No entanto, a medicina oficial parecia malpreparada em questões sexuais, pelo menos em comparação com a eficácia dos novos caminhos propostos por Masters e Johnson. “Era óbvio que aquelas pessoas ou eram charlatães ou propunham algo verdadeiramente novo”, ele lembrou. Levay e sua esposa, Matilde, viajaram até St. Louis, procurando seu próprio milagre, como se estivessem indo para

Lourdes. “Matilde nunca tivera um orgasmo, simples assim”, disse Levay, que tampouco conseguia superar suas inibições sexuais. Originário da Hungria, Levay foi educado na adolescência numa abadia beneditina, onde viveu até se formar, aos dezenove anos. “Eles diziam: ‘Dê o primeiro beijo à mãe de seus filhos’”, lembrou ele ao comentar a limitada visão que os seus professores padres tinham sobre o amor conjugal. “Matilde tinha um histórico similar, pois fora educada por freiras francesas no Peru. Portanto, isso [o programa de terapia] foi algo que abriu muito os nossos olhos.” Para Levay, a ideia revolucionária de uma terapia levada adiante por um homem e uma mulher guiando um par casado fazia todo o sentido do mundo.

Desde o início, o objetivo de entender a ciência do sexo era ajudar as pessoas a superar suas dificuldades em fazer amor – o que Masters e Johnson chamavam de “disfunção sexual”. Ao permitir seus estudos iniciais, a Universidade de Washington concordou com a premissa de Masters de que “o maior obstáculo a um tratamento bem-sucedido da inadequação sexual era a falta de informação fisiológica confiável na área da reação sexual humana”. Uma lógica simples guiou a estratégia deles – antes de poderem ajustar as coisas sexualmente, precisavam saber como aquilo funcionava. Em janeiro de 1959, após anos estudando como o corpo humano reagia anatômica e fisiologicamente durante o sexo, Masters e Johnson lançaram um experimento terapêutico para melhorar a vida amorosa precária dos casais americanos. Seus métodos eram tão incertos que eles não cobravam nada. Enquanto seu primeiro estudo sobre a reação sexual humana atestava a força de Masters como pesquisador, esse segundo estudo destacava suas fragilidades. Nem ele nem Virginia Johnson tinham qualquer treinamento anterior em psicoterapia (embora a revista *Time* tivesse identificado Virginia como “psicóloga”). No caso de Masters, a instrução formal mais próxima disso envolvia um curso de três meses no Departamento de Psiquiatria, sobre técnicas de entrevista. Virginia tinha menos experiência ainda – algumas aulas

como formanda, que tocaram de leve em questões relativas ao coração e à mente. No entanto, curiosamente, sua falta de treinamento – ainda mais naquela época em que os psiquiatras formados pelas escolas de medicina tinham a teoria freudiana inculcada em suas mentes – permitiu-lhes uma ampla latitude de experimentação, por livrá-los das ortodoxias. “Não sabíamos o que não podia ser feito, e isso foi uma tremenda vantagem”, disse Masters.

A compreensão intuitiva que Virginia Johnson tinha do comportamento humano superava de longe o entendimento de Masters e se mostrou de valor inestimável nessa terra inexplorada da terapia sexual. Como anfitriã sorridente e amistosa da sua clínica, ela presenciara as ânsias, os desejos e os medos mais profundos das pessoas em relação a fazer sexo, e absorveu diariamente as lições sobre como aconselhar, confortar e educar essas pessoas. Tinha uma certa credibilidade prática que nivelava o campo de jogo entre os dois, dando à Virginia a oportunidade de se mostrar mais como alguém igual a Masters do que como uma “associada” ou como outro acessório substituível. Ela sugeriu vários métodos eficazes que pareceram a ele vislumbres brilhantes. Em vez de garimpar as neuroses adultas procurando vestígios na infância, ela observava o sexo através de um falso espelho e trazia soluções aplicáveis, como se fosse algum encanador da anatomia, consertando tubulações. “Pelo menos 70% da terapia era ideia dela”, Masters diria mais tarde. Virginia incorporou teorias de outros, especialmente do psicólogo Albert Ellis, um pioneiro no aconselhamento de casais na década de 1950, e de Joseph Wolpe, da Temple University, cujas teorias behavioristas refletiam a visão de B. F. Skinner, John Watson e Ivan Pavlov. Os colegas de Masters desdenhavam a afirmação dele de que seu revolucionário modelo de terapia derivava principalmente da imaginação de Virginia. Masters compreendeu que os dois estavam forjando um novo caminho – que outros iriam chamar de terapia comportamental cognitiva – para obter melhoras dentro de um espaço de tempo curto e definido. Eles não fizeram experimentos com cães ou ratos de laboratório, nem agrediram pacientes com choques elétricos.

Para mudar maus hábitos, adaptaram ideias como a “dessensibilização sistemática” de Wolpe – aprender aos poucos a relaxar e superar medos e ansiedades – ao seu próprio regime. Masters nunca se intimidou em apoiar Virginia nem tentou obter para si créditos de ideias que haviam sido dela. Cada vez mais dava ouvidos às suas sugestões sobre terapia e às suas intuições, que mostraram ter valor.

Virginia defendeu essa abordagem de terapia dual, particularmente sua ênfase em envolver ambos os membros do casal desde o início. No passado, a terapia ficava focalizada apenas no esposo que tinha a “disfunção”, quer fosse a impotência masculina ou a incapacidade da mulher de atingir o orgasmo. O cônjuge permanecia no escuro em relação ao tratamento e geralmente evitava assumir qualquer responsabilidade pelo problema. Uma esposa com um marido impotente não sabia quando devia, ou se devia, esperar por uma investida sexual do marido ou, ao contrário, tomar ela mesma a iniciativa. Similarmente, um marido com uma mulher não orgástica poderia ficar esperando indefinidamente por uma pista, podendo ser acusado de ser exigente demais ou de ter perdido o interesse. Mas Masters e Johnson sabiam disso: “Não existe essa coisa de um parceiro não estar envolvido num casamento em que exista alguma forma de inadequação sexual”, concluíram eles.

Com o tempo, Virginia convenceu Masters de que muitos homens simplesmente não entendiam a dinâmica implícita na sexualidade feminina. Isso ficou evidente por completo em discussões em grupo, quando todos comparavam suas anotações. Virginia acreditava que a abordagem deles de uma terapia dual podia equilibrar a iniquidade entre os sexos. Num mundo tão inclinado em favor do homem, essa não era tarefa fácil.

“Estamos produzindo homens que sabem muito bem que não estão compreendendo as mulheres...”, explicou Masters uma vez a um repórter.

“... E estão dispostos a aceitar a interpretação que uma mulher faz de si mesma como mulher”, acrescentou Virginia, completando a equação. “O fato de mais de 95% de todas as interpretações e

definições da sexualidade e da reação feminina terem sido produzidas por homens é algo que eu pessoalmente rejeito, porque seu conteúdo com frequência é inexato.”

Os *insights* de Gini derivavam de seu levantamento do histórico dos pacientes, das infindáveis horas passadas fazendo perguntas sobre a experiência pessoal, os gostos e as aversões, tentando detectar um padrão em seu comportamento. Enquanto Bill era às vezes metódico demais e tosco em suas inquirições, Gini fazia bem o jogo de “toma lá dá cá”, explorando diferentes camadas da vida de um paciente. A diferença nos estilos podia ser surpreendente. “Ele era muito sucinto e muito brusco – quarenta e cinco minutos já eram uma história para ele”, lembrou Virginia. “O primeiro paciente que eu tive já estava entrando na terceira hora quando Bill interrompeu.” Em toda sessão, havia um telefone disponível na sala, de modo que um terapeuta pudesse ser contatado. Ao pegar o fone, Gini um dia ouviu a voz de Bill. “Ele disse: ‘Eu acho que desse jeito vocês dois vão acabar pegando no sono.’”

Gini não conseguia atenuar sua curiosidade natural, o assombro diante de pessoas como aquelas com as quais fora criada quando criança em Golden City. Ao lidar com casais afetados por problemas no sexo, cada história oferecia pistas para uma resposta. Em essência, os terapeutas estavam segurando um espelho diante do casal, para que eles pudessem se ver honestamente. Enquanto ouvia com atenção, ela percebia que havia “muita dor naquelas entrevistas e centenas de coisas que precisavam ser ajustadas”.

Após as sessões iniciais, Masters e Johnson revelavam sua ferramenta mais poderosa no terceiro dia de terapia. Eles a chamavam de “foco nas sensações” – uma série de exercícios táteis conduzidos fora da clínica, em geral na casa do casal ou num quarto de hotel, e voltado para restaurar a intimidade entre eles. Eram muitos os pacientes aos quais havia sido dito que o sexo era errado, e eles ficavam incapazes de ter relações sexuais de maneira madura ou mesmo adequada. “O que é totalmente alheio a um efetivo desenvolvimento sexual, apesar de ser assim há séculos, é a noção de que o sexo é uma coisa suja, complementada por vários controles exercidos por meio do medo, da rejeição, da

ignorância ou de concepções equivocadas”, disse Virginia mais tarde. De fato, a inspiração para o foco nas sensações veio de sua própria infância tensa, quando sua mãe a acalmava depois de um dia difícil, estressante. “Quando ela queria que eu fosse dormir ou algo assim, fazia coisas como ficar acariciando meu rosto ou minhas mãos, ou desenhando ou escrevendo palavras em minhas mãos – pequenas coisas como essas, coisinhas à toa, sem sentido, mas que eram muito sensuais e sempre resolviam, me acalmavam”, explicou Virginia. “Essa foi mais ou menos a origem disso [terapia dos sentidos]. Não estou falando de nada sexual. Estou falando apenas de toque, de colocar as mãos, do jeito que os animais fazem com seus filhotes, nada mais, nada menos.”

Nos limites do quarto, apenas o casal seguia as instruções do foco nas sensações, que eram dadas como uma “lição de casa” por Masters e Johnson. Eles ficavam nus durante toda a sessão. Um dos esposos era designado como o parceiro “que dava”, com a tarefa de tocar, massagear ou brincar com qualquer parte do corpo que fosse requisitada pelo parceiro “que recebia” – excetuando as áreas genitais e os seios da mulher. Enquanto o processo era repetido, revezando os papéis de dar e receber, o casal evitava qualquer “estimulação sexual” específica em favor de uma prática suave de tentativa e erro, destinada a ser simplesmente agradável, sem estresse ou ansiedade. Particularmente para as mulheres, esses exercícios envolvendo o corpo inteiro permitiam pensar e sentir de modo sensual, sem a pressão de “fazer alguma coisa acontecer”.

No quarto dia, o casal discutia com os terapeutas o que havia acontecido na noite anterior. Essa terapia com uma estrutura não rígida tinha o propósito definido de dar ao casal a liberdade criativa de explorar seus corpos. Embora a maioria das mulheres estivesse acostumada com a genitália dos maridos, muitos homens ainda se mostravam estranhos à “anatomia pélvica externa” da esposa e eram então convidados a examiná-la, sem vergonha nem culpa. Respeitar os valores religiosos e morais continuava sendo de extrema importância para os terapeutas, embora eles tivessem constatado que as restrições culturais dos casais eram um

constante obstáculo. “A sensação de que o prazer dos sentidos representa, na melhor das hipóteses, indolência e, na pior, pecado, ainda permeia na sociedade o suficiente para influenciar os padrões afetivos e sexuais de muitas relações maritais”, Masters e Johnson observaram. Ambos também valorizavam o olfato – o sentido do cheiro – como algo que facilitava a experiência do casal de tocar e sentir. Marido e mulher recebiam loções hidratantes – com perfume ou sem – para espalhar pela pele, tanto para suavizar mãos secas e ásperas ao toque como para facilitar o caminho em direção à união sexual.

Esse “jogo” descomprometido de foco nas sensações, como Masters e Johnson o descreveram, permitia aos casais se expressarem, talvez como nunca tivessem feito antes. Embora não se definissem metas concretas, nenhum padrão de desempenho a ser medido, por volta do quarto dia os terapeutas faziam com delicadeza algumas perguntas que sugeriam a direção para onde essa atividade de manipulação se encaminhava. Faziam a cada casal perguntas do tipo: “Você notou algum grau de ereção (marido) ou lubrificação (esposa) enquanto vocês se davam prazer ontem à noite?” Pelas duas semanas restantes, o tratamento de foco nas sensações servia como uma caixa de ressonância terapêutica para tratar de ejaculação precoce, vaginismo, impotência primária e secundária, disfunção orgástica, dispareunia (intercurso doloroso) e inadequação sexual em homens e mulheres idosos. Ele deixava às claras os sentimentos de cada um em relação ao outro, quando um casamento com problemas ainda tinha chance de ser salvo.

Para Alex Levay e sua esposa, sua estadia em St. Louis transformou seu casamento e foi um ponto de virada em sua carreira, levando-o a incorporar os métodos deles na sua própria prática em Nova York. Como ele veio a saber, Masters e Johnson “atendiam montes e montes de gente que nunca haviam tido um orgasmo” e que foram ajudados por suas inovações. Um método para mulheres com vaginismo – uma contração involuntária dos músculos da vagina que evitava o intercurso – consistia em introduzir um pequeno pênis de plástico na vagina. As causas do

vaginismo podiam variar de um desconforto físico decorrente de endometriose ou laceração dos ligamentos amplos, a um trauma psicológico provocado por estupro ou incesto. Durante o tratamento desse tipo de problema na clínica, a parceira mulher era colocada numa mesa de exame ginecológico, e a condição era revisada com a presença do marido. Quando eles voltavam para o quarto, o casal usava uma série de dilatadores Hegar – essencialmente, uma série de *dildos* pretos, de plástico duro, de vários tamanhos e numerados de um a cinco. Seguindo as instruções da esposa, o marido com cuidado ia inserindo os dilatadores, que nos dias seguintes iam aumentando até se chegar a uma réplica do tamanho do pênis. Algumas mulheres ficavam com os dilatadores maiores dentro delas por várias horas, a noite toda. Em um mês, ou algo assim, essa prática dava resultados. “Era uma maneira de aumentar a intimidade e o conforto sexual entre ambos”, disse Levay. “Maridos e mulheres eram sempre parceiros no tratamento.”

Esse sucesso ofereceu mais esperança do que se poderia imaginar. Gente de fora da clínica, como Levay, que conhecia as descobertas ainda não publicadas dos pesquisadores, ficava impressionada. Afinal, um segundo triunfo extraordinário estava emergindo da clínica de Masters e Johnson – um novo tratamento psicosssexual para rivalizar com Freud, e com resultados muito melhores.

Cura sexual

Para Robert Kolodny, uma palestra fascinante mudou sua vida. Diante de um grupo de estudantes da escola de medicina da Universidade de Washington em 1967, o doutor William Masters explicou que os pacientes faziam todo dia perguntas sobre a sexualidade humana, e que eles deviam estar aptos a dar respostas. “Bill era com certeza um dos oradores mais eletrizantes que eu já tinha ouvido”, lembrou Kolodny, na época um estudante de medicina de Nova York no meio da plateia. “Ele falava com uma presença imponente, uma clareza e uma sequência lógica em sua apresentação. Não usava qualquer tipo de anotação.”

Até aquele momento, Kolodny planejara ser dermatologista. Queria ter uma prática confortável, das nove às cinco da tarde, receitando comprimidos para adolescentes com espinhas e idosos com brotoejas. Não queria se submeter àquele expediente fatigante do seu pai, o doutor Maxwell Howard Kolodny, respeitado médico do Hospital Monte Sinai em Manhattan, que ele admirava, mas que raramente via em casa. “Quando eu queria passar um tempo com meu pai, ou eu o acompanhava em visitas à casa de pacientes ou dava voltas pelo hospital com ele”, lembrou Kolodny. O respeito e a adulação da comunidade por seu pai – o filho mais velho de imigrantes judeus russos – impressionou o jovem Kolodny

o suficiente para ele querer seguir seu caminho. "Eu decidi quando tinha cinco anos de idade que iria ser médico."

Masters e Johnson pareciam uma revelação para Kolodny, um jovem brilhante, culto, já a par das teorias de Sigmund Freud sobre o sexo. Em pouco tempo, ele conseguiu um cargo como primeiro estudante de medicina a fazer parte da clínica. "Fiquei muito abismado com os índices de sucesso que eles vinham obtendo, que iam contra tudo o que diziam os manuais de psiquiatria da época", lembrou ele. "Isso foi o que me levou a mudar completamente meus planos de carreira." Como muitas pessoas familiarizadas com a psicanálise, Kolodny acreditava que as "disfunções sexuais eram apenas manifestações superficiais de questões psicológicas profundamente arraigadas e não resolvidas, e que não havia como tratá-las a curto prazo, que eram necessários anos e anos de psicanálise para resolver a questão subjacente".

Com uma certeza quase religiosa, os discípulos americanos de Freud diziam que o complexo de Édipo, a inveja do pênis, a ansiedade de castração e uma teimosa cadeia de neuroses precisavam ser superados antes que fosse possível obter qualquer cura no quarto de dormir. Masters e Johnson mostraram que não era bem assim. Kolodny, como outros que se juntaram à equipe naqueles primeiros dias, ficou encantando com o grande potencial da nova terapia. Na clínica, com gravadores de rolo registrando tudo, Kolodny sentava ao lado de Masters e ambos ouviam outro terapeuta da equipe entrevistando um paciente. Masters ia fazendo comentários, criticando cada intervenção. Ele explicava por que o terapeuta estava fazendo uma determinada pergunta, encadeando as averiguações. Também apontava erros, quando o terapeuta perdia uma oportunidade de esclarecer ou explicar melhor os problemas do paciente. Às vezes, Kolodny se sentia como um jovem analisando em Viena, na época de Freud, começando a partir do zero alguma coisa de fato importante. Por mais que admirasse Masters, Kolodny percebeu que a inteligência inata de Virginia era com frequência a mão que guiava o tratamento, mesmo que ela não tivesse mais conhecimento médico do que talvez uma estudante de enfermagem de primeiro ano. Naqueles

dias, o sucesso deles com os pacientes parecia quase inacreditável. “Se você volta para os anos de 1950 e início dos de 1960, a terapia sexual padrão era fazer de cinco a dez anos de psicanálise – e o resultado disso era terrivelmente pobre”, disse ele. “E lá estavam Bill e Gini, que haviam concebido uma modalidade para atender pessoas com problemas crônicos antigos – problemas de quinze ou vinte anos –, e tratavam deles num período de duas semanas, obtendo melhoras em 80% dos casos.”

Virginia foi a primeira parceira de Kolodny num atendimento de terapia sexual. Depois de seis semanas, o jovem recém-recrutado foi chamado à sala de Masters. Como era típico dele, Masters foi direto ao ponto.

“Você e Gini vão cuidar de um caso amanhã”, declarou. “Você está pronto?”

Kolodny, com um senso de adequação que controlava sua ambição de jovem, de início resistiu a aceitar a oportunidade.

“Espere, Bill”, disse Kolodny. “Eu não estou mais preparado para fazer isso do que estaria para fazer uma histerectomia amanhã só por ter assistido a alguém fazer meia dúzia de operações dessas.”

Masters não aceitou. “Não, você está se subestimando”, disse ele, com sua voz de taquara rachada tornando-se insistente. “E não se esqueça, foi Gini que inventou esse campo. Ela estará lá na sala sempre que você não tiver certeza sobre o que fazer.”

No dia seguinte, Kolodny vestiu um dos aventais brancos usados pela pequena equipe de terapeutas e juntou-se a Virginia na supervisão dos cuidados dispensados a um casal com sérios problemas sexuais. Kolodny, consciencioso ao extremo, tentou esconder sua insegurança. Para sua grande surpresa, o casal em nenhum momento se mostrou desapontado. “Eu fiquei abismado!”, lembrou ele.

Depois de se formar pela Universidade de Washington em 1969, Kolodny foi para Harvard fazer especialização e residência médica, com a intenção de voltar a St. Louis para um cargo permanente com Masters e Johnson. Confidencialmente, Masters

sugeriu que Kolodny poderia vir a assumir seu lugar na clínica, mas outras pessoas tentaram demover o jovem médico. “Um dos meus orientadores na escola de medicina me disse: ‘Você está jogando fora sua carreira de médico’”, lembrou ele. “Em 1969, isso [terapia sexual] era visto como algo fútil, quase uma área de voyeurismo, com a qual uma pessoa séria jamais se envolveria.” Os colegas fantasiavam a respeito da clínica de sexo, mas acabavam ficando desapontados com a sua trivial realidade. “A terapia sexual não era ficar assistindo às pessoas tirando a roupa e fazendo sexo”, ele explicou. “Era cuidar de pessoas com doenças sexuais, trocando ideias com elas.”

Além de seu idealismo em relação à missão de Masters e Johnson, Kolodny, um endocrinologista de vinte e tantos anos, possuía uma inteligência e uma dedicação que pareciam assegurar um futuro brilhante para a clínica. “O doutor Kolodny era basicamente o herdeiro legítimo”, disse Della Fitz-Gerald, que mais tarde estagiou na clínica com o marido. “Ele estava ajudando Masters e Johnson a ampliar seus esforços. Ele é na verdade uma enciclopédia ambulante sobre todos os aspectos da sexualidade humana.” Naquela pequena equipe que trabalhava em tempo integral, Kolodny era um caso excepcional, por ter também recebido um diploma de médico e um treinamento numa escola de alto nível. “Das pessoas que vinham trabalhar ali por um tempo – assistentes sociais, enfermeiras –, algumas eram médicos, mas a maioria era gente não formada”, disse Rose Boyarsky, psicóloga clínica formada pela Universidade Duke, que trabalhou quatro anos na clínica, no início dos anos 1970. “Bill com certeza gostava muito do Bob, e confiava muito nele.” A retórica de Masters sobre uma equipe multidisciplinar encobria de modo conveniente uma dura realidade – que a sua terapia sexual ainda não publicada não era suficientemente lucrativa ou prestigiosa aos olhos da maioria dos médicos. Para muitos, a “sexologia” era um desastre potencial. Com o tempo, Masters e Johnson passaram a realizar seminários para apresentar seu trabalho, convidando vários psiquiatras e psicoterapeutas de renome do país inteiro. Mas, nos primeiros dias da terapia, somente médicos jovens e otimistas como Kolodny ou

médicos de algum modo imperfeitos, como o doutor Richard Spitz, faziam parte do quadro regular. No caso de Dick Spitz – pediatra e ordenado pastor – seu discernimento era evidentemente comprometido pelo alcoolismo.

Spitz era um rapaz alto, bonito, com um talento terapêutico impressionante. Mas Virginia não aceitava bem que um membro da equipe bebesse, e Masters tampouco estava satisfeito com Spitz por ele ter violado outra regra tácita. Em sua estadia na clínica, Spitz teve um romance com Mae Biggs, uma enfermeira linda, loira, formada em sociologia, que talvez tivesse sido a terapeuta mais talentosa da clínica depois de Virginia. Apesar do seu relacionamento com Virginia, Masters não tolerava que houvesse namoro entre os membros da equipe. Por volta do final da década de 1960, Masters ouvira muita fofoca sobre a velha equipe de Alfred Kinsey, incluindo rumores de troca de esposas e de encontros bissexuais, e sentia que qualquer desses comportamentos na sua clínica iriam levá-lo à ruína. A sua abordagem de terapia dual, com homem e mulher trabalhando juntos, apoiava-se numa cooperação profissional. “Ele tinha uma conversa séria de advertência, quase intimidante, com os candidatos ao emprego, na qual dizia basicamente: ‘Eu não me importo com o que você faz na sua vida pessoal, mas o que faz dentro da clínica é da minha conta e não vou permitir que ninguém estrague nossa reputação’”, lembrou Kolodny, que como todos os demais era bem consciente desse padrão duplo. A sóbria administradora da clínica, Wanda Bowen, impunha essas regras de não fraternização a todas as atribuições da equipe. “Eles se alternavam – não havia pares fixos”, disse Bowen. “Até VEJ [Virginia] e o Doutor [Masters] formavam duplas com outras pessoas.” Embora Spitz e Biggs tivessem trabalhado juntos formando dupla, sua relação logo se deteriorou conforme a saúde de Spitz piorou.

Talvez por um tempo excessivo, Masters fez vista grossa ao alcoolismo de Spitz. “Ele ficou mais tempo do que deveria”, disse Bowen a respeito de Spitz. “Bebia muito, de fato, mas aí, quando adoeceu... ele teve uma morte terrível, um câncer prolongado... O

Doutor [Masters] manteve-o até que disse 'isso é tudo o que eu posso fazer.'" Spitz morreu no início da década de 1970, logo depois de Kolodny voltar de sua residência em Harvard, quando a linha de sucessão na clínica ficou mais clara.

A pesar de suas fragilidades, Masters e Johnson, como equipe, eram mais do que a soma das partes. Suas personalidades fortes – a própria ideia de um homem e uma mulher juntos, num esforço comum e paritário, ajudando casais a resolver seus problemas mais íntimos – tornaram-se o centro de gravidade da clínica, a impressionante força que mantinha tudo no lugar. Após cinco anos sem cobrar por sua terapia não testada, eles passaram a confiar mais nos seus resultados e a cobrar preços cada vez mais altos. Mesmo assim, Masters fez questão de garantir que casais em dificuldades pudessem também receber tratamento. Com base em sua renda, cerca de 25% dos casais tinham desconto no preço e outros 25% eram atendidos de graça. Depois da análise de cada paciente, Masters e Johnson supervisionavam a atuação da equipe, assegurando que os terapeutas recém-chegados, como Roger Crenshaw, não se sentissem inseguros. Masters advertia os terapeutas para que colocassem seus julgamentos morais e sentimentos pessoais em segundo plano ao discutirem os problemas de cada paciente. Era cada vez maior o número de casos de mais complexidade, desde deficiências sexuais a fetiches. Crenshaw achava que talvez não estivesse bem equipado para lidar com um dilema sexual de um paciente. Como um pai severo, Masters esclareceu as coisas.

"Sabe", Masters replicou bem-humorado, "se alguém diz que gosta de fazer sexo com uma foca, eu quero que você pergunte: 'Prefere fazer no lado norte ou no lado sul da ilha?'"

Crenshaw riu muito do humor de Masters, que era parte do seu charme e perspicácia de homem durão, e que muitos da equipe achavam encantador. Não demorou para que Crenshaw se visse confrontado com uma circunstância dessas. "Não passou nem uma semana depois disso quando um rapaz chegou à clínica e disse: 'Eu

preferiria ter sexo com o meu cachorro à ter sexo com a minha mulher – e é esse o meu problema.’ Então eu perguntei: ‘É um pastor alemão ou um collie?’ Ou seja, aprender a não fazer julgamentos talvez tenha sido o primeiro grande obstáculo a superar.”

Em seus almoços ou refeições leves durante o expediente, a equipe às vezes compartilhava momentos bem-humorados, entre as histórias tristes sobre os percalços humanos. “Lembro-me de um casal que eu tratei em terapia – pessoas muito doces –, mas que sempre se referiam aos seus genitais como ‘gentios’”, lembrou Kolodny rindo. “Pequenos episódios assim aconteciam o tempo todo. Mas, devido à natureza do assunto, você não via a hora de poder ficar a sós para explodir de rir.”

A ejaculação precoce era muito comum no mundo acelerado do pós-guerra nos Estados Unidos, uma condição que os antigos romanos atormentados chamavam de *ejaculatio praecox*. Embora as definições variassem, a ejaculação precoce em geral significava perder o controle da ejaculação pouco antes ou pouco depois de penetrar o pênis na vagina. Os homens costumavam ter experiências sexuais apressadas com as namoradas, com medo de serem flagrados, “no banco de trás de um carro, em ruas onde vários carros paravam para os casais namorarem, em cinemas *drive-in* ou em visitas rápidas em motéis de estrada”, observaram Masters e Johnson. Sem tirar a roupa, muitos casais faziam uma “pantomima do intercurso” até que a fricção levasse o homem a ejacular na cueca. Outras vezes, seu jogo sexual envolvia o *coitus interruptus*, com “umas poucas e frenéticas impulsões pélvicas” do pênis dentro da vagina, e sua remoção rápida, “como maneira de evitar a gravidez”.

Numa revista médica de 1956, o doutor James H. Semans da Universidade Duke descreveu esse método de “parar e recomeçar” para tratar de homens superexcitados, e Masters e Johnson logo incorporaram isso à sua terapia. Na Duke, Semans era tido como um urologista competente, casado com Mary Duke Biddle Trent

Semans, a destacada neta do cofundador da universidade, o magnata do tabaco Benjamin N. Duke. Poucos comentavam sobre a técnica inovadora de Semans, embora a ejaculação precoce afligisse pelo menos um terço de todos os jovens sexualmente ativos. “Você tinha que escolher com muito cuidado suas palavras, mesmo num hospital, para expressar suas ideias”, lembrou Mary Semans a respeito dos esforços de seu marido. Sua contribuição provinha diretamente da escola behaviorista de reflexos condicionados. Para introduzir um condicionamento na atividade sexual, os homens eram instruídos a obter uma ereção do pênis por meio de estimulação manual feita por sua parceira, até o ponto próximo da ejaculação, e então interromper a atividade até que a sensação de inevitabilidade cedesse. Esse “começar e parar” era repetido até se desenvolver uma sensação de controle do reflexo ejaculatório durante a excitação. A seguir, o casal desempenhava esse método de “parar e recomeçar” durante a penetração vaginal, numa espécie de coito intermitente, até que a ejaculação pudesse ser adiada o suficiente para dar satisfação sexual à mulher.

Previamente, Masters havia observado uma variação dessa abordagem “parar e recomeçar” nos prostíbulos de St. Louis e de outras partes. Ele descobriu que muitos homens eram iniciados no sexo por prostitutas, que incitavam seus clientes a concluírem o serviço logo para que elas pudessem passar para o próximo. Depois de apenas duas ou três visitas, observou ele, um “homem inexperiente ficava condicionado a esse padrão de funcionamento sexual, e a reação ejaculatória rápida podia ficar estabelecida para o resto da vida”. Alguns homens não conseguiam ser tocados nos genitais “sem ejacular em questão de segundos”, enquanto outros ejaculavam à simples visão de um corpo nu de mulher, real ou mesmo numa página dupla de revista. A partir de sua observação por orifícios ou falsos espelhos, Masters mais tarde escreveu: “Fui capaz de identificar uma técnica que, com pequenas alterações, mostrou ter imensa importância para ajudar os homens a lidar com sua ejaculação precoce e conseguir um controle voluntário do processo de ejaculação.” Em seus escritos, Masters e Johnson chamavam-no de “método da compressão” – uma maneira

detalhada de casais resolverem juntos esse problema frustrante. “Não fomos nós os criadores disso”, lembrou Virginia, que acrescentou a técnica ao seu repertório de exercícios de “foco nas sensações”. “As prostitutas sabiam como fazer isso bem.” As parceiras mulheres eram essenciais para os homens superarem esse problema. Na verdade, os homens eram advertidos de que o “método da compressão” não iria funcionar se eles tentassem aplicá-lo sozinhos.

Masters e Johnson apresentaram o método de compressão em termos epidêmicos, como algo de consequências trágicas devido ao seu impacto na vida conjugal. “Provavelmente centenas de milhares de homens nunca conseguiram suficiente controle da ejaculação para satisfazer sexualmente suas mulheres, fosse qual fosse a duração de seus casamentos ou a frequência da exposição sexual mútua”, avaliaram eles. Enquanto alguns especialistas em medicina definiam como “prematura” qualquer ejaculação que se desse durante o primeiro minuto da penetração vaginal, Masters e Johnson evitaram uma medida “cronometrada”. Em vez disso, definiram o distúrbio como a incapacidade de qualquer homem de se conter o tempo suficiente para satisfazer sua parceira “em pelo menos 50% de suas conexões coitais”. Ao contrário de outros especialistas, a definição de Masters e Johnson dessa disfunção do homem refletia também uma perspectiva feminina. Embora algumas esposas, em particular aquelas de origem socioeconômica humilde, com pouca instrução, tivessem medo de se queixar da pressa de seus maridos dominadores, muitas delas expressavam sua frustração sexual. “Elas verbalizam sua insatisfação acusando o marido de usá-las apenas como um objeto para seu alívio sexual, ou de ser egoísta, irresponsável ou simplesmente de não ter interesse nem nutrir sentimentos por elas enquanto indivíduos”, observaram eles.

Ser sensível ao ponto de vista da mulher foi um dos muitos trunfos de Virginia Johnson no desenvolvimento de uma nova terapia sexual com Masters. Muitas esposas seguiam uma política

tácita de “não tocar” os genitais do marido. Os exercícios de foco nas sensações eram destinados a superar a timidez e os condicionamentos culturais a respeito desse tipo de intimidade. No “método da compressão”, a esposa começava sentada, com as costas na cabeceira da cama, em cima de um ou dois travesseiros, e com as pernas bem abertas e relaxadas. Enquanto isso, o marido ficava deitado de costas, com a cabeça perto do pé da cama. Ele então colocava sua pélvis diante dela, com as pernas em cima das dela, dando-lhe “livre acesso aos seus órgãos genitais”, como prescrito pela equipe de terapeutas. Por um tempo, a esposa ficava brincando com o pênis e o saco escrotal do marido, o suficiente para deixá-lo excitado. Quando ele alcançava a ereção plena, a esposa segurava o tronco do pênis, colocava o polegar logo abaixo da orla coronal, com o indicador e os outros dedos do lado oposto do pênis. Como uma boa esportista, ela segurava o pênis como se fosse uma bola de beisebol num arremesso com efeito, ou um charuto Havana. Então, lentamente, talvez por três ou quatro segundos, ela comprimia – não a ponto de fazer sentir dor, mas com força suficiente para que ele perdesse a urgência de se aliviar. Com uma pequena pausa de até trinta segundos, o mesmo método era retomado. Mais uma vez, a esposa animava o pênis do marido e então segurava o tronco do pênis com firmeza até que todos os sinais de uma ejaculação rápida tivessem se acalmado. Após vinte minutos – repetindo as mesmas técnicas até cinco vezes na primeira sessão – os casais geralmente descobriam que a ejaculação precoce não era tão inevitável quanto antes. Após dois ou três dias de prática, o método da compressão em geral propiciava o tipo de controle que os homens precisavam ter para passar ao próximo passo importante – satisfazer suas esposas, ou o que Masters e Johnson chamavam de conseguir evitar uma “intromissão não desejada”. Nesse cenário, depois de alcançar a ereção e aplicar a técnica da compressão duas ou três vezes, a mulher montava sobre o marido, quase como um praticante de luta livre immobilizando o adversário no chão, com os joelhos dela ao lado do peito dele. Em seguida, inclinando-se uns 45 graus na direção do homem, a mulher enfiava o pênis dentro dela, sem

sentar diretamente em cima do membro intumescido. Depois que ele estava inserido, ela se concentrava em ficar imóvel, sem nenhum movimento do quadril. Essa união era o momento mais crítico – permitir que o homem ficasse dentro da vagina dela sem a sensação iminente de ejacular. Se sentisse a iminência da expulsão, o marido era instruído pelos terapeutas a avisar a mulher imediatamente. A partir dessa posição de coito “fêmea-por-cima”, ela podia elevar-se o suficiente para liberar o pênis dele e voltar a aplicar o método da compressão.

Tratava-se de um extraordinário *pas de deux* na cama. Para os casais americanos mais tradicionais, que achavam que os homens deviam assumir naturalmente a posição dominante papai e mamãe ao fazer sexo, os arranjos mostravam espantosamente invertidos. A mulher por cima agia ao mesmo tempo como o técnico e como o jogador que arma as jogadas. Em vez de serem atacantes, os homens essencialmente passavam a não se mover, exceto para manter uma ereção. Na verdade, para evitar nova ocorrência, dizia-se aos homens que “a posição do homem por cima, que coloca maior pressão no controle ejaculatório, deveria ser evitada sempre que possível”. Nos dias seguintes, o casal continuava seu tratamento até que os dois ficassem mais confiantes em seu sucesso, e muitas vezes eram capazes de intercuro ininterrupto durante até vinte minutos. Para muitos casamentos de longa data, uma experiência dessas, de prazer mútuo, não tinha precedentes na memória de ambos. “Há proximidade física e sustentação, desenvolvimento e retomada da comunicação, e um acentuado aumento do afeto e da compreensão entre marido e mulher”, os pesquisadores observaram. E suas palavras provavelmente estavam aquém da magnitude dessa realização compartilhada pelo casal.

Alguns homens conseguiam ereção, mas não chegavam ao orgasmo. Para esses homens incapazes de ejacular durante o intercuro sexual, Masters e Johnson ofereciam uma solução similar. Embora relativamente rara, a “incompetência ejaculatória” em geral emergia durante o primeiro encontro sexual no casamento e se estendia por anos. De novo, muitas das vítimas confessavam uma culpa profundamente assentada, decorrente de

“antecedentes religiosos rigidamente ortodoxos”, nos quais a sexualidade aberta era condenada. Um homem de trinta e três anos de origem protestante fundamentalista contou que era chicoteado quando garoto toda vez que tinha ereções noturnas, e iniciou sua lua de mel sendo incapaz de ejacular ao fazer sexo com a esposa. Já um homem católico, com duas irmãs freiras, havia sido punido por se masturbar quando adolescente – foi-lhe dito que se tratava de um pecado asqueroso. Ele se viu incapaz de ejacular durante os primeiros onze anos de seu casamento. Outro homem de um casamento judeu ortodoxo, ainda não consumado depois de oito anos, era incapaz de ejacular com sua esposa porque tinha o conceito da vagina como “um lugar impuro”. Alguns consideravam o sexo uma obrigação desagradável; seus problemas físicos estavam entrelaçados com os psicológicos. Nesses casos, as instruções terapêuticas não envolviam quaisquer “compressões”. Em vez disso, orientava-se as mulheres para que “manipulassem o pênis exaustivamente”, seguindo as dicas dadas pelo homem deitado de costas para “forçar a ejaculação manualmente”. Uma vez alcançada, o casal procedia no próximo encontro ao intercuro sexual, com a mulher na posição “fêmea por cima”. “Era preciso que se instituísse imediatamente um estilo bastante ativo de movimentação pélvica da mulher contra o pênis cativo”, instruíam Masters e Johnson. Se o homem não ejaculasse logo, a parceira parava os movimentos, retirava o pênis e começava de novo a manipulá-lo até que o marido alcançasse a “inevitabilidade ejaculatória” – o ponto sem volta. Ao contrário dos ejaculadores precoces ou daqueles afetados por impotência, esses homens raramente deixavam de ter ereções ou viam decair sua intensidade. Os terapeutas constataram que, com um intercuro sexual de trinta a sessenta minutos de duração, com um marido capaz de “manter uma ereção indefinidamente durante o jogo sexual do coito”, várias mulheres tornaram-se multiorgásticas.

A cura sexual de Masters e Johnson e sua dedicada equipe conseguiu muitas melhoras notáveis. Em mais de onze anos, eles trataram 186 homens de ejaculação precoce, com um índice de insucesso de apenas 2,2%, relataram. Todas as 29 mulheres

afetadas por vaginismo recuperaram a função sexual, com dezesseis delas experimentando o orgasmo pela primeira vez na vida durante as duas semanas da terapia. Se medo, preocupações e vergonha causavam disfunção sexual, então eles trabalhavam incansavelmente, e de modo criativo, para oferecer uma solução. Juntos, Masters e Johnson haviam mapeado o universo físico da sexualidade humana, detalhando cada nuance da anatomia e da reação do homem e da mulher. Agora haviam descoberto uma terapia para auxiliar casais a se expressarem intimamente e alcançarem satisfação – da maneira como Masters prometera ao procurar a autorização do reitor Ethan Shepley para seus estudos.

Parceiras substitutas

"O homem que não tem esposa não é cornudo."

– GEOFFREY CHAUCER, *CONTOS DA CANTUÁRIA*

Barbara Calvert exalava sexualidade. Com seu encantador sotaque britânico e sua boa aparência, Bárbara virou a cabeça de muitos homens na Universidade de Washington como uma das secretárias mais atraentes da escola de medicina. Seu marido, George, trabalhava em outro departamento da escola, o departamento de ilustração, embora ninguém saiba o quanto ele sabia das atividades da esposa. Na maioria das manhãs, ela podia ser encontrada em sua mesa, datilografando papéis ou marcando compromissos para o doutor Willard Allen, o diretor do departamento de ginecologia e obstetrícia. Ao passo que a principal secretária de Allen – uma senhora carrancuda de nome Mildred – não via sentido na investigação clínica do sexo feita pelo doutor Bill Masters, Bárbara, assim como o chefe dela, reconhecia a importância do estudo. Mulher efervescente, ela ficou amiga de Masters e Johnson antes de eles se mudarem da universidade para uma clínica do outro lado da rua.

Algumas tardes, Barbara Calvert dava um jeito de sair e só voltava para a sua mesa depois de uma ou duas horas. O doutor Ernst Friedrich lembrou de ter percebido suas ausências. "Quando você ia procurá-la, perto da hora do almoço, alguém dizia: 'Sim, ela saiu para almoçar'", relembrou Friedrich. "Quando você voltava, depois um tempo, eles diziam: 'Ela ainda não voltou do almoço', e a

pessoa que dizia isso revirava os olhos. Em outras palavras, você sabia que ela tinha alguma atividade extracurricular durante a sua hora de almoço. Era mais ou menos um segredo aberto. Mas eu não sei se o marido dela sabia disso no início.”

Na cruzada de Masters e Johnson para aliviar a disfunção sexual, Barbara se destacou como um soldado da linha de frente. Ela concordou em se tornar uma parceira sexual substituta, com a atribuição de ajudar homens que sofressem de impotência, ejaculação precoce ou outros problemas sexuais.

“Nos termos de hoje, você poderia chamá-la de ‘garota Viagra’”, explicou o doutor Michael Freiman, que considerava ambos os Calvert como amigos. “Lembro dela voltando para o trabalho com aspecto de quem acabou de tomar uma ducha – do jeito que as pessoas estão de manhã, banho tomado, limpinhas.”

E Barbara continuou a se oferecer como voluntária, um caso após o outro, até que o marido descobriu.

Parceiras sexuais substitutas, embora relativamente raras na terapia de Masters e Johnson, tornaram-se um dos recursos mais controversos do programa, apesar de altamente eficaz. Nos primeiros onze anos, eles disponibilizaram parceiras substitutas para 41 homens não casados que se sentiam inadequados sexualmente e não podiam recorrer a uma antiga esposa ou amiga para obter ajuda. Para esses pacientes, mulheres como Barbara Calvert, ardentes e anônimas, eram “alguém com quem se podia contar, trabalhar, aprender, ser parte de, e acima de tudo dar e receber durante a fase aguda das duas semanas de terapia dos homens com disfunção sexual”, enfatizaram eles. Treze mulheres substitutas foram aceitas entre as 31 voluntárias avaliadas para essa atribuição. Aquelas que apenas procuravam emoções fortes ou outras candidatas suspeitas do ponto de vista psicológico eram excluídas. Virginia orientava as mulheres selecionadas e assegurava-lhes que seriam devidamente recompensadas. Apesar de todas as suas inovações terapêuticas, o sistema secreto de fornecer substitutas para o sexo não foi ideia dela. “Era algo muito

bem-sucedido, mas eu achava que podia dar encrenca”, Virginia lembrou.

Bill Masters mostrava compaixão pela frágil psique masculina e por aqueles que eram incapazes de um desempenho adequado. “Era horrível para o Bill que qualquer homem que a gente tivesse condições de ajudar não pudesse receber tratamento”, lembrou Virginia. A afinidade de Masters talvez tivesse a ver com suas dificuldades pessoais com a infertilidade ou, talvez mais provável, com a empatia que sentia pelos pacientes mais desesperados. Depois que eles concordaram em aceitar pacientes não casados, Masters passou a depender de parceiras sexuais substitutas para conseguir taxas de sucesso aceitáveis. A literatura médica estipulava as chances de superar disfunções sexuais em menos de 25%. Com esse novo tratamento, 32 dos 41 homens com parceiras substitutas – quase 80% – conseguiram reverter seus sintomas, um sucesso notável, considerando a gravidade crônica do problema. Como fazia há décadas, a lei do Missouri ainda proibia um homem e uma mulher não casados de terem relações sexuais. Mas Masters não ligava muito para o dilema legal e ético colocado pelas parceiras substitutas, desde que suas contribuições levassem a um resultado feliz para os pacientes. Embora Virginia ajudasse a fazer os arranjos para a definição dos casais, o dinheiro trocado entre pacientes e substitutas era mantido em segredo. Eles sempre corriam o risco de algum promotor ou autoridade médica encarar isso como uma forma de prostituição. A notoriedade nacional e o sucesso financeiro de seu livro *Human Sexual Response* serviam apenas para aumentar o risco do que eles poderiam vir a perder profissionalmente. Como Bill e Gini concordavam, quanto menos se falasse a respeito das substitutas, melhor.

No final da década de 1960, Robert Kolodny tomou conhecimento desse segredo ao acompanhar Masters a um seminário sobre ética no campus. Masters ia falar sobre sua terapia ainda não publicada, como fazia com frequência ao promover a educação sexual entre os médicos. Numa caminhada até a sala de aula, Kolodny sugeriu que Masters mencionasse as preocupações éticas com o uso de parceiras substitutas.

Masters deixou-o perplexo. “Não vou tratar desse assunto”, ele replicou. “Não é uma coisa sobre a qual eu pretenda falar. Não faça perguntas a respeito.”

Kolodny, que na época trabalhava havia poucos meses com Masters e Johnson, ainda não percebera o quanto este ponto era delicado para Masters. Nem os curadores da Fundação de Pesquisa de Biologia Reprodutiva sabiam muito a respeito das substitutas. Torrey Foster, o advogado do conselho na época, disse que nem ele nem qualquer dos outros curadores jamais soube de algo a respeito da prática nos onze anos desde o início do estudo. “Ele [Masters] nos impunha o segredo com o qual conduzia parte das atividades, dizendo que tudo era muito legítimo, mas nunca nos deu quaisquer detalhes”, explicou Foster. “Eu nunca fui informado dos possíveis aspectos legais envolvidos na pesquisa que ele fazia. Nunca senti que o Bill fosse totalmente franco conosco no conselho, nas nossas reuniões. Éramos um conselho que autorizava tudo, isso é certo. Não questionávamos uma série de coisas que Bill fazia. Éramos um conselho que fazia tudo o que ele quisesse.”

Masters e Johnson exaltavam essas parceiras sexuais substitutas, considerando-as como Florence Nightingales da noite, por sua vocação altruísta. A maioria eram mulheres brancas locais, de variada condição econômica e grau de instrução, com idades entre 24 a 43 anos. “O único denominador comum entre elas, como mulheres, era a coragem e o grande prazer que sentiam em sua identidade sexual”, explicou Virginia na época. Metade das parceiras substitutas havia participado antes do estudo sobre a reação sexual humana; a outra metade era de mulheres que haviam se apresentado voluntariamente para essa tarefa. Exceto duas delas, todas as 13 substitutas já haviam sido casadas, e três quartos delas eram mães de pelo menos um filho. Enquanto algumas haviam concluído o colegial ou o curso médio de secretariado, mais da metade tinham formação universitária ou pós-graduação. Uma das substitutas favoritas de Masters era uma médica “francamente muito curiosa” a respeito do seu papel, ele

relembrou. Ela se apresentou como voluntária várias vezes num período de três anos, avaliando o programa “para ela e para nós”. Virginia de bom grado descreveu outra substituta – uma enfermeira que ela chamava de “Mary” –, que fora voluntária no primeiro estudo. Como vítima de abuso sexual, Mary sentia-se grata a Masters por uma pequena intervenção ginecológica de reparação de um tecido danificado. “Ela teria feito qualquer coisa por nós – por ele”, lembrou Virginia. Mary não era a única com um histórico problemático. Várias das parceiras substitutas tinham “um histórico de trauma sexual na família imediata”. Três das substitutas haviam sido casadas com homens sexualmente disfuncionais, incluindo um marido que havia se suicidado e outro que havia se tornado alcoólatra.

As substitutas trabalhavam como parte da equipe de terapia, orientadas sobre todos os aspectos da reação sexual masculina, incluindo questões psicológicas. Discutiam-se previamente aspectos como os medos do homem em relação ao desempenho, a necessidade de agir como “espectadoras” durante o sexo, de manter distanciamento emocional e também o devastador impacto que a disfunção sexual tinha sobre os homens, além das técnicas para que “um homem ansioso e tenso ficasse à vontade social e fisicamente”. Cada substituta tinha as informações básicas sobre o histórico e os problemas sexuais de seu cliente, mas não ficava sabendo seu nome nem outros detalhes que permitissem identificação. Eles se encontravam primeiro num restaurante, para que cada um ficasse mais confortável na companhia do outro. À mesa, os pacientes tinham contato com a aparência da parceira substituta, seus gostos em termos de roupa e modos, e como ela se comunicava. Mais de dois terços dos homens sofriam de impotência ou outro distúrbio psicosssexual que havia arruinado seus relacionamentos anteriores. No entanto, os índices de sucesso com as substitutas, devido à sua grande capacidade de auxiliar na recuperação, revelou-se muito melhor do que se previa originalmente.

Apesar do discurso de igualdade entre os sexos, Masters e Johnson não ofereciam parceiros substitutos às mulheres. A

sociedade americana não estava pronta, eles argumentavam, e nem as próprias mulheres. Em onze anos, apenas três mulheres não casadas procuraram tratamento na clínica. Todas as três chegaram com “parceiros de reposição”, homens com os quais elas haviam tido um relacionamento com duração de pelo menos seis meses. “Recusar-se a disponibilizar um parceiro substituto a uma mulher sexualmente inadequada, enquanto se providenciava uma parceira substituta a um homem disfuncional, parece implicar a existência de um padrão duplo de tratamento clínico; mas não é o caso”, Masters e Johnson insistiam. Eles esforçavam-se para tentar explicar essa óbvia contradição. Um paciente homem encarava os serviços de uma parceira substituta “como encararia uma prescrição para outras incapacidades físicas”, defendiam os dois, como se fosse algum elixir engarrafado à venda na farmácia da esquina. Mas, para as mulheres, esse utilitarismo simples não era aceitável. Criada na sociedade americana, uma mulher com problemas precisaria antes de mais nada de um “relacionamento relativamente significativo, capaz de lhe proporcionar ‘permissão’ para valorizar sua própria função sexual”, escreveram eles. A “extrema dificuldade” em criar um “relacionamento significativo” no período estipulado de duas semanas era ostensivamente a razão pela qual a clínica proibia o uso de parceiros substitutos homens. Era um risco, uma batalha que Bill Masters de momento não estava disposto a assumir.

Apesar da ambivalência de Virginia quanto ao uso de substitutas, ela aceitava as contradições inerentes a esse tratamento. “Levando em conta o quanto fomos capazes de discernir interrogando os pacientes, isso não se encaixa no sistema de valores da maioria das mulheres”, explicou ela a repórteres referindo-se ao uso de substitutos homens. “Gostaríamos que as atitudes sexuais do homem fossem compartilhadas por todas as mulheres. Mas não é assim. Mesmo com a liberdade de comunicação, mesmo com a existência hoje de atitudes muito menos rígidas, mesmo com a real determinação de muitas mulheres em adotar atitudes igualmente livres de amarras, a reação sexual feminina ainda é fruto dos resíduos de sistemas de valores mais antigos.” No entanto, mais de

uma afirmação feita por Masters e Johnson a respeito de substitutas era enganosa.

“Nenhuma das voluntárias estava casada quando exerceu o papel de parceira substituta”, eles asseguraram – embora Barbara Calvert e algumas outras substitutas fossem casadas quando exerceram esse papel. Mais significativo ainda, eles afirmaram que “nunca foi feita nenhuma tentativa de persuadir qualquer mulher a atuar como parceira substituta”. No entanto, muitas das enfermeiras da sala de parto, estudantes de enfermagem com seu uniforme de listras cor-de-rosa, voluntárias de pesquisa e até mesmo algumas esposas de outros membros docentes eram incentivadas por Masters a se alistarem como substitutas. “Ele não saía pedindo que alguém fosse substituta sabendo quem era o marido dela, mas tinha conhecimento de que essas mulheres eram casadas, pois todas usavam aliança”, lembrou Kolodny.

Masters e Johnson foram obrigados a reavaliar o esquema das parceiras sexuais substitutas quando o marido de Barbara Calvert contratou um advogado. Num processo federal de \$2,5 milhões de dólares, George E. Calvert, então ex-funcionário da Universidade de Washington morando em New Hampshire, disse que ele e a esposa haviam sido pacientes de fertilidade de Masters, mas que este e Virginia Johnson haviam “aberto uma brecha no relacionamento médico-paciente a fim de convencer a referida Barbara Calvert a se envolver em intercursos sexuais” com dois pacientes homens. Os documentos do processo diziam que ela havia recebido 500 dólares para fazer sexo em julho de 1967 na condição de parceira substituta com um paciente referido como “John Doe I” de Nova York, e outros 250 dólares de “John Doe II” da Virginia, por seus serviços em janeiro de 1968. Um processo posterior elevou o número para sete homens. Calvert afirmou que os pesquisadores sabiam que Barbara era casada e a convenceram a manter suas atividades ilegais de substituta sem o conhecimento de seu marido.

Para os velhos amigos deles em St. Louis, a reação chocada de George Calvert parecia um pouco forçada. Para a maioria, ele sabia das traquinagens do meio-dia de Barbara, do mesmo modo que

outras pessoas da escola de medicina e do hospital. O doutor Mike Freiman e sua mulher compareceram a várias festas e jantares com os Calvert, e ele com certeza sabia do envolvimento dela com as atividades da clínica. Freiman disse que Barbara se apresentara como voluntária como uma maneira de conseguir um dinheiro extra. “Acho que eles [os Calvert] estavam com dificuldades financeiras”, ele lembrou. “Não acho que ela tenha feito aquilo por estar convencida de que a filosofia ou a sexualidade eram importantes. Ela o fez simplesmente como uma maneira de ganhar algum dinheiro.” Na época em que o processo foi movido, Masters e Johnson eram famosos por seu livro *best-seller* sobre sexo e por sua clínica, e ganhavam somas principescas em direitos autorais e em honorários pela terapia. Como uma maneira de beliscar parte desse dinheiro, o processo de George Calvert afirmava que Masters e Johnson tinham se beneficiado monetariamente da informação que haviam obtido em decorrência da utilização de Barbara.

Apareceram algumas notícias nos jornais sobre o processo, mas o novo advogado da clínica, Walter Metcalfe Jr., orientou Bill e Gini a ficarem quietos. “Nossa reação é que qualquer acusação desse tipo é ridícula”, disseram eles, em sua única declaração formal. “Podemos provar isso.” Metcalfe convenceu um juiz a fazer o processo correr em sigilo e habilmente pressionou para a realização de um acordo fora do tribunal, o que evitou que o assunto chegasse à mídia. O processo de Calvert ameaçava expor os mil segredos da clínica – o sexo entre pessoas não casadas, o dinheiro que circulava entre pacientes e substitutas e as ações questionáveis dos dois principais especialistas de sexo do país. Se essa informação se tornasse pública, as autoridades médicas estatais poderiam cassar a licença médica de Masters, ou ele poderia ser obrigado a abrir mão de suas filiações acadêmicas ou profissionais. Os curadores do conselho da clínica souberam dessa prática anos depois de ela ter sido iniciada. “Acho que ele finalmente admitiu que usava substitutas e disse que talvez não tivesse sido uma boa ideia”, o advogado Torrey Foster lembrou.

Apesar de todas as boas intenções de Bill Masters, da sua confiança na nova terapia para superar disfunções sexuais, seu

método de empregar substitutas quase os fez naufragar num lamaçal legal e num pesadelo de relações públicas. “Isso colocou em risco o programa inteiro”, Virginia admitiu dois anos mais tarde. “E isso é triste, se pensarmos nas pessoas que precisam de ajuda.”

Castigados, mas sem se deixar abater, Masters e Johnson prometeram publicamente nunca mais utilizar parceiras substitutas.

Playboys e patronos

A Mansão Playboy em Chicago era a famosa casa das mais provocantes imagens da sexualidade americana no final da década de 1960. Seu proprietário, Hugh Hefner, incentivava uma abordagem do sexo mais aberta, comercial, a começar pela primeira edição de sua revista de imenso sucesso, com Marilyn Monroe reclinada, nua, na capa. Na mansão, os bacanais em altas horas da noite, a piscina dentro da casa, com um mastro para se deslizar dentro dela desde o andar de cima, e o constante atendimento de todo apetite corporal, tudo isso era parte de seu folclore. Essa mansão vitoriana de tijolo vermelho, com setenta quartos, era a catedral do prazer dos Estados Unidos, o marco zero da explosiva revolução sexual anunciada em suas páginas. Aos quarenta anos de idade, Hefner tinha uma persona arrogante, mas sofisticada – aparecia muitas vezes fumando cachimbo, de smoking, em seu programa de televisão *Playboy After Dark*, algo totalmente distante do estilo convencional, professoral de Bill Masters e sua parceira, Virginia Johnson.

No início de 1968, essa atmosfera da mansão causou um certo choque nos dois pesquisadores de St. Louis. No andar de cima, várias jovens coelhinhas, em roupas bem apertadas e com um pequeno rabo de algodão, ficavam ali como anfitriãs, semanas a fio. No salão do andar térreo, um fluxo constante de celebridades

de Hollywood e do mundo dos esportes frequentava festas sem fim, obtendo algum vislumbre da real veracidade daquelas fantasias libertinas que circundavam a “Filosofia Playboy” de Hef. Na porta da frente, uma placa de metal advertia em latim, *Si non oscillas, noli tintinnare* (“Se você não ginga, não se excita”). Masters e Johnson não foram até a Windy City para nada disso. Seu foco sóbrio, científico, sobre o sexo nunca foi glamourizado ou mostrado por lentes esfumadas. As mulheres que eles haviam visto nuas com frequência tinham celulite nos quadris e seios caídos. Os homens viviam preocupados com seus pênis flácidos e suas emissões incontroláveis. Como uma equipe de homem e mulher pesquisadores, não casados um com o outro, Masters e Johnson concordaram em se hospedar na mansão por motivos estritamente profissionais, não por prazer.

“Por uma questão de adequação, eles sempre escolhiam quartos vizinhos, em vez de compartilhar o mesmo quarto”, lembrou Hefner. “A gente achava isso divertido.”

A improvável aliança entre esses pesquisadores do Meio Oeste e o sátiro da mídia americana girava em torno de admiração e apoio mútuos. Durante sua visita, Hef ficou horas conversando com Masters e Johnson, e eles descobriram uma dívida compartilhada com Alfred Kinsey. Antes de fundar a *Playboy* em 1953, Hefner estudara na Universidade Northwestern, onde produziu um artigo de sociologia comparando as estatísticas de Kinsey sobre a sexualidade masculina com a lei nos 48 estados do país, à época. “Eu argumentei, parágrafo por parágrafo, que, se as leis fossem efetivamente aplicadas, a maioria de nós estaria cumprindo pena na prisão”, disse Hefner rindo. “Meus preconceitos a respeito desse assunto se manifestaram cedo.”

Como um quase acadêmico da sexualidade humana, Hefner reconheceu a importância marcante do trabalho científico da dupla. “Antes de Masters e Johnson, de fato não havia estudos significativos relacionados à fisiologia do sexo – um dos aspectos mais importantes de nossas vidas, e algo a respeito do qual não sabemos praticamente nada –, porque esse estudo era um tabu”, lembrou Hefner décadas mais tarde. Esse aconselhamento franco

para casais incapazes de demonstrar afeto foi sentido como algo verdadeiro com base na experiência pessoal de Hefner. “Fui criado num típico lar metodista do Meio Oeste – com muita repressão e pouquíssimos abraços e beijos – e desde bem cedo percebi o lado prejudicial de tudo isso”, explicou ele. “E por essa razão a questão virou algo controvertido para mim.”

Na década de 1960, a *Playboy* foi além das fotos de mulheres nuas em páginas brilhantes e passou a discutir a pílula, os direitos das mulheres, o aborto e outros assuntos culturais controvertidos. No entanto, Hefner percebeu que a *Playboy*, apesar de todo o seu alardeado conhecimento e sofisticação intelectual, jamais mencionara a palavra “clitóris” em suas páginas até que Masters e Johnson concordaram em ser entrevistados. “Quero dizer, a própria natureza do orgasmo, dos clímax, o fato de a mulher ter orgasmos – coisa que agora é mais bem entendida –, essa informação realmente não existia antes de Masters e Johnson”, Hefner lembrou.

Na entrevista dada à *Playboy* em maio de 1968, conduzida pelo editor-chefe Nat Lehrman, Masters e Johnson deram respostas inéditas para seu estudo não tradicional de questões milenares:

Playboy: Os tradicionalistas também se queixam de que investigações como a de vocês destroem o mistério do sexo. Vocês acham que isso procede?

Virginia: Para nós, os aspectos realistas, honestos, da sexualidade são muito mais excitantes do que o chamado mistério. O mistério a que os tradicionalistas se referem em geral tem a ver com superstição e mito. Um conhecimento do sexo não prejudica o mistério, ao contrário, aumenta-o.

Na mente de Hefner, o que os fez ir além de Kinsey foi a própria presença de Virginia Johnson como uma parceira em igualdade de condições. Ao contrário das loiras bronzeadas, na flor da idade, expostas *au naturel* por toda a revista, ali estava uma mulher de quarenta e três anos notavelmente bem informada, com seu cabelo escuro recolhido, mostrando o rosto, usando pouca maquiagem e

vestindo o mesmo jaleco branco com o qual ela aparecera nas revistas *Life*, *Time* e *Newsweek*. Ela defendia apaixonadamente a igualdade sexual das mulheres, não como bonequinhas da Barbie tornadas objeto, mas como participantes amorosas, ativas, na cama. “Todos os nomes no livro de Kinsey eram de homens, mas o fato de haver Masters e Johnson – um homem e uma mulher – envolvidos nos estudos e na pesquisa tornou os resultados mais do que um mero ponto de vista masculino”, compreendeu Hefner. A disposição de Virginia em aceitar junto com Masters um vínculo com a *Playboy* como consultores proporcionou um lastro jornalístico que agradou a Hefner, e que ele recompensou de bom grado. “Em 1965, eu criei a Fundação Playboy e, como a revista e a empresa estavam indo muito bem na década de 1960, começamos a patrocinar todo tipo de coisa, incluindo Masters e Johnson”, explicou ele. “Eles se tornaram bons amigos.”

Apesar de sua bem exercitada atitude calma e refinada, Gini mal conseguia conter seu assombro com a Mansão Playboy. “Havia um quarto azul e um quarto vermelho – todos os quartos tinham cores diferentes”, ela lembrou. “Hef era incrivelmente perspicaz e bem resolvido. Gostei de me hospedar na mansão. O que eu gostava é que havia chefs de plantão durante as vinte e quatro horas do dia. Às três da manhã, você podia saborear biscoitinhos fresquinhos maravilhosos, que eram feitos porque Hef ficava acordado quase a noite inteira e dormia de dia. Ele foi maravilhoso conosco.” Embora ela e Masters costumassem dormir juntos em suas viagens, Virginia fez um pedido especial para terem quartos separados. “Sempre me preocupei muito com minha imagem pública e com minha família”, lembrou ela. “Simplesmente não queria ser conhecida desse modo.” Durante sua estadia, Lehrman ficou impressionado ao ver o entusiasmo com que Hefner dispensou-lhes atenção. “Havia uma piada a respeito dele, dizendo que uma vez ficara cinco dias acordado e então, ao ir dormir, teria dito: ‘Só me acordem se for um telefonema do Frank Sinatra ou do Lyndon Johnson!’”, Lehrman lembrou. “Ele era muito difícil de encontrar naqueles dias, muito difícil de estar disponível. Raramente via as pessoas, mas ficou ali à

disposição deles e muito orgulhoso com o fato de eles o considerarem um par.”

Masters e Johnson perceberam o impacto cultural da revista na década de 1960, em particular entre os jovens leitores homens. “*Playboy* é provavelmente a fonte isolada de informação sobre sexo mais importante hoje nos Estados Unidos”, afirmou Masters. “Estamos contentes em ajudá-la a trazer informações mais precisas.” Além de divulgar seu próprio trabalho de aconselhamento, a clínica de Masters e Johnson, que vivia cronicamente de pesquisa financiada, recebeu um grande impulso a partir de sua aliança com a *Playboy*. Na década seguinte, a Fundação *Playboy* contribuiu com um total de 300 mil dólares com a Fundação de Pesquisa de Biologia Reprodutiva, “para desenvolver um programa abrangente de treinamento para profissionais de saúde no tratamento da disfunção sexual”. Como intermediário que conhecera Masters e Johnson numa convenção médica, Lehrman voou para St. Louis para acertar o acordo. Ele também escreveu um livro de bolso chamado *Masters e Johnson Explained*, publicado pela *Playboy*. “Nosso relacionamento era do tipo toma lá, dá cá”, explicou Lehrman, que muitas vezes ligava para St. Louis para obter conselhos técnicos para a coluna “Consultoria *Playboy*” da revista. “Quando ele [Masters] precisava de dinheiro, me procurava e eu geralmente conseguia. Quando precisavam de informação para alguma seção da *Playboy*, então era eu que o procurava. Era uma coisa fantástica para a *Playboy* e tenho certeza de que Hefner ficou muito impressionado.”

As infundáveis controvérsias a respeito de sexo nos Estados Unidos impediam que os subsídios do governo chegassem ao programa de Masters e Johnson. Ao contrário de muitas clínicas médicas baseadas em universidades, especialmente aquelas que obtinham resenhas favoráveis da imprensa e dos colegas profissionais, “logo ficou evidente que as probabilidades de obter recursos federais para apoiar a pesquisa sobre sexo eram pequenas ou inexistentes”, Masters lembrou em suas memórias não publicadas. “A nossa era o tipo de pesquisa que teríamos de sustentar individualmente de algum modo.” De 1959 a 1970,

Masters usou quase metade de sua renda como médico para sustentar sua pesquisa clínica. “Precisamos de 250 mil a 500 mil dólares por ano para fazer o trabalho que queremos”, Masters declarou na época. “Nunca tivemos nada perto disso.” Os pacientes que eram bem-sucedidos na terapia expressavam sua gratidão de diversas formas, mas era raro que fizessem doações significativas, mesmo os mais ricos. “As pessoas que viravam pacientes nunca tinham muita inclinação a se tornar públicas, por isso, em geral, não faziam contribuições ao instituto”, lembrou o ex-funcionário J. Robert Meyners. “Ele tinha dificuldades em levantar dinheiro, exceto pelo fato de cobrar alto por duas semanas de tratamento. Cada um de nós, terapeutas, víamos apenas dois ou três pacientes por vez, portanto você não ganha um monte de dinheiro dessa maneira. Nunca foi uma empresa que gerasse muito.”

Enquanto os políticos dos Estados Unidos evitavam que os dólares de impostos fossem para a pesquisa sobre o sexo, o próprio Masters não ajudava muito a melhorar as coisas. Seu orgulho cheio de escrúpulos por seu trabalho e sua falta de disposição para bajular os burocratas aniquilavam os potenciais financiamentos. Quando, por exemplo, ele solicitou fundos do National Institute of Mental Health (NIMH), a agência enviou um jovem psicólogo, um pouco intrometido demais, para inspecionar a clínica. Como lembra o ex-membro da equipe, o doutor Thomas Lowry, esse contato com Masters acabou sendo muito breve.

“Como condição para obter esse financiamento, é claro, você terá que abrir para nós todos os seus registros”, explicou o servidor civil.

Masters cortou na mesma hora.

“Bem, agradeço muito, mas acho que nossa conversa se encerra aqui”, declarou Masters, com a mais gélida objetividade.

Por razões de confidencialidade dos pacientes e também de treinamento da equipe, a maior parte dos registros físicos de sua terapia ficava em rolos de fita gravada, e não em arquivos de papel. Masters não iria permitir que um burocrata examinasse aquelas fitas correndo o risco de expor a identidade de seus

pacientes. “Eles não mostraram as gravações que fizeram para ninguém”, disse Lowry.

No início da década de 1960, Paul Gebhard, do Instituto Kinsey, ajudou Masters, que ainda trabalhava em expediente integral na Universidade de Washington, a solicitar uma subvenção federal. Mas a franqueza de seu estudo de fisiologia e anatomia pareceu inaceitável àqueles que detinham o controle da verba governamental para pesquisa. “Ele [Masters] disse que precisava [de subvenção federal] para finalidades de pesquisa, que não podia depender apenas da universidade para subsidiar seu trabalho para sempre”, Gebhard lembrou. “Havíamos tido sucesso em obter dinheiro do NIMH, então o incentivei a ir em frente e fazer a solicitação.” Masters enviou “a solicitação mais detalhada possível, especificando até quanto dinheiro seria gasto para comprar tal número de cinzeiros etc.”, disse ele. Gebhard tinha certeza de que a solicitação de Masters seria aprovada. “As pessoas em Washington ficaram, é claro, impressionadas com isso, mas também estavam preocupadas com as repercussões.” Os federais mandaram então um comitê de avaliação para uma visita ao local, para examinar as instalações de Masters e Johnson e determinar se seria o caso de destinar-lhes o dinheiro do povo americano. Na viagem de volta, os médicos de cabelos brancos desse comitê de avaliação pararam no Instituto Kinsey em Indiana e conversaram com Gebhard. Pouco antes de ir embora, um dos veteranos médicos chamou-o de lado.

“A propósito, doutor Gebhard, o senhor já ouviu falar de um tal doutor William Masters?”, perguntou esse médico num tom sinistro.

Gebhard fez uma pausa e deu uma resposta sucinta:

“Ah, sim – sim, já ouvi falar dele”, disse hesitante, como se tivesse lido o nome de Masters em alguma revista de medicina e não fosse na realidade o amigo de longa data que ajudara a preparar sua solicitação.

O veterano perito franziu o cenho e lançou uma advertência séria. Como Gebhard lembra: “O homem dissera: ‘Eu não tenho nada a ver com ele! Tem alguma coisa muito pervertida ali!’ E foi

embora. Desnecessário dizer, sua solicitação de subvenção foi negada.”

Gebhard suspeita de que os inspetores federais devam ter visto o dispositivo artificial de cópula. “Ele [Masters] provavelmente lhes mostrou sua máquina e isso com certeza deixou todos eles em pânico”, Gebhard disse com uma risada. “Você consegue imaginar um bando de velhos médicos da elite de Boston, que nunca viram nada sexual na sua vida, confrontados com aquela máquina? A pesquisa sobre sexo sempre foi difícil de financiar e alvo fácil de críticas.”

Para obter dinheiro além do que advinha da generosidade de Hefner, Masters conseguiu subvenções limitadas de empresas farmacêuticas interessadas na pesquisa sobre anticoncepcionais e fertilidade. Durante a década de 1970, eles fizeram um estudo para a Encare Oval, testando um espermicida em 16 mulheres voluntárias, com idade entre 18 e 45 anos, que eram injetadas com sêmen de doadores e recebiam um *dildo* de borracha para simular a “atividade coital” a fim de determinar a eficácia do espermicida.

Com o tempo, porém, Masters reconheceu a importância de aceitar bajular os poucos benfeitores ricos dispostos a ter seu nome citado publicamente. Seus maiores patrocinadores foram Lou Morton Ellis e o marido dela, Van C. Ellis, de Dallas, que haviam sido pacientes da terapia sexual na década de 1970 e mais tarde voltaram para uma “reciclagem” da terapia, por iniciativa própria. Lou, herdeira de uma fortuna de uma empresa de batatas fritas, fazia doações a numerosas causas filantrópicas e religiosas, incluindo sua igreja batista local, a Park Cities. Van era presidente da empresa de lanches da família, a Morton Foods, que se tornou uma subsidiária da General Mills, dona de marcas familiares como os cereais Wheaties e os biscoitos e doces Betty Crocker. “Nós dois ficávamos tristes e inconformados por existirem casais que esperavam até que fosse tarde demais para procurar ajuda ou porque eram orgulhosos demais para admitir que precisavam ou porque não tinham consciência de que os problemas relacionados ao sexo em geral podem ser resolvidos por terapeutas competentes”, disse Lou, que se autodescrevia como uma mãe

“tradicional” de quatro filhos, cuja foto lembrava a própria Betty Crocker. A participação deles como membros do conselho de Masters e Johnson sem dúvida fez com que algumas pessoas ficassem de sobreaviso em Dallas, onde sua igreja era uma das maiores do chamado *Bible Belt*, ou Cinturão Bíblico. Sem perder o ânimo, os Ellis tentaram entrelaçar a religião e os sólidos valores familiares com uma discussão sobre o sexo. Eles deram dinheiro para um programa piloto na clínica de Masters e Johnson relacionado com os sacerdotes religiosos e o aconselhamento sobre sexo, como um prelúdio para uma prometida subvenção de 1 milhão de dólares em cinco anos. No entanto, havia uma cláusula embaraçosa, que era o seu pedido para que Herbert Howard fosse contratado como membro da equipe. “Van e Lou Ellis eram amigos dele e o conheciam como sacerdote”, Virginia lembrou. A equipe não gostou da incorporação de alguém considerado não qualificado. “Fiquei muito contrariado com a perspectiva de esse cara se juntar à equipe, mesmo que o pessoal rico acabasse pagando todo o seu salário e pacote de benefícios”, disse o doutor Robert Kolodny. Pouco depois de entrar na equipe, Howard murmurou uma frase obscura para Masters e Kolodny, que incluía um insulto racista. “Fiquei tão perturbado que levantei e saí da sala”, disse Kolodny. Masters viu a óbvia irritação no rosto de seu assistente e saiu atrás dele.

“Esse cara é lá do extremo sul e não vamos deixar que faça esse tipo de comentários se for ficar aqui”, Masters garantiu a Kolodny. “Mas é muito importante que você volte agora para a sala porque estamos falando em 100 mil dólares por ano nos próximos dois anos em apoio ao nosso trabalho. E não podemos nos dar ao luxo de ofender essas pessoas.”

À essa altura, após terem visto rejeitadas tantas solicitações de subvenção governamental e de outras prestigiosas fontes de financiamento, Masters não podia declinar o apoio de uma herdeira das batatas fritas nem recusar o pedido relativamente modesto de incluir o seu pastor local. Ele já aprendera a viver fazendo algumas concessões, como um preço a pagar para alcançar suas metas mais

amplas, mesmo que isso implicasse passar uma noite ou duas na Mansão Playboy.

“Eu ouvi você em muitas coisas”, ele disse a Kolodny, com uma voz tranquilizadora. “Mas, dessa vez, estou pedindo a você que confie em mim.”

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Reparando o leito conjugal

"Fisiologia não deve ser confundida com psicologia."

– SIGMUND FREUD

Na capa da revista *Time*, a fama mundial de Masters e Johnson atingiu seu auge. Uma foto em cores de Bill e Gini, com seus rostos em primeiro plano, radiantes e triunfais, decorava a capa da edição de 25 de maio de 1970. Masters usava sua característica gravata-borboleta, e Virginia Johnson, sentada à frente dele, sorria discretamente. Junto deles, uma escultura abstrata em madeira de dois amantes se abraçando. Contra um fundo preto de impacto, letras brancas identificavam-nos como os "Pesquisadores Masters e Johnson", com uma tarja amarela proclamando "Educação Sexual para Adultos". Quatro anos antes, o *Human Sexual Response*, o guia pioneiro sobre fisiologia e anatomia dos sexos, havia se tornado um *best-seller* da noite para o dia, em mais de uma dezena de línguas ao redor do planeta. E passara de um mero manual didático a um marco cultural, captando o espírito da época nos Estados Unidos na hora exata em que a revolução sexual começava a se manifestar de fato. A concessão da capa da revista *Time* – junto com o lançamento de seu segundo livro, *Human Sexual Inadequacy*, e da sua notável nova terapia sexual – confirmava sua importância cultural.

"Eles são os investigadores mais importantes, desde Alfred Kinsey, da mais misteriosa, malcompreendida e gratificante das funções humanas", declarou o artigo da *Time*, intitulado

“Reparando o leito conjugal”. Numa nação com índices de divórcio estratosféricos, o tratamento de Masters e Johnson prometia um providencial antídoto médico para a infelicidade na cama. “A grande causa do divórcio nesse país é a inadequação sexual”, disse Masters. “Eu estimaria que 75% desse problema é tratado por psicólogos, assistentes sociais, padres e advogados. A medicina ainda não assumiu sua responsabilidade.” O “palpite qualificado” da equipe era de que “talvez metade dos 45 milhões de casais dos Estados Unidos seja sexualmente incompatível em algum grau”, reportou a *Time*. O artigo destacava o índice geral da clínica de 80% de casos bem-sucedidos, com muitas pessoas relatando satisfação mesmo depois de cinco anos. Por suas alegações de sucesso, a *Time* colocou Masters e Johnson no mesmo patamar de outros pioneiros do sexo, como Sigmund Freud, Alfred Kinsey e Havelock Ellis.

Nessas entrevistas para a imprensa, Bill e Gini mostraram-se em plena forma. Apesar das metas ambiciosas da clínica, eles convenceram a *Time* de que “Masters e Johnson têm uma visão modesta de seu trabalho”. A revista descreveu a criação de Virginia no Missouri, “dentro dos rígidos tabus sexuais do interior”, para vir a se tornar uma visionária defensora da igualdade sexual da mulher. E retratou Masters como um médico aberto e franco, similar ao cordial personagem doutor Marcus Welby, interpretado por Robert Young num popular seriado de televisão. Sexo no casamento era o bálsamo necessário para salvar o país dos seus problemas. “A maior forma de educação sexual”, disse Masters, “é o papai passando pela mamãe na cozinha e dando-lhe um tapinha no traseiro, e ela obviamente gostando. As crianças veem essa atitude e pensam, ‘Opa, é assim que eu tenho que ser’”.

Por volta de 1970, Masters e Johnson não estavam sozinhos no campo da pesquisa sexual. Conselhos para todos os interesses e gostos eram espalhados como geleia pelo paladar americano. Entre os *best-sellers* estavam o popular manual do doutor David Reubens, *Everything You Always Wanted to Know about Sex** (*But

Were Afraid to Ask), que inspirou um filme de Woody Allen (*Tudo o que você sempre quis saber sobre o sexo, mas tinha medo de perguntar*), a polêmica sexual feminista de Kate Millett, *Sexual Politics*, e *The Sensuous Woman*, um livro do tipo “como fazer”, escrito por “J”, um autor anônimo. O trabalho de Masters e Johnson virou uma fonte de imitação e comparação constante. Duas novelas baratas, intituladas *The Experiment* e *Venus Examined*, exploravam a imagem da dupla com relatos anônimos excitantes da clínica, como se tivessem sido contrabandeados de um *gulag*. Um livro que supostamente não era de ficção, *The Couple: A Sexual Profile by Mr. and Mrs. K*, afirmava ser a experiência real de vida de um casal que passara duas semanas na clínica de St. Louis, na década de 1970. Em seu testemunho de redenção conjugal, um homem de nome Harold (“Eu alcançara um ponto onde o sexo normal, com uma pessoa de quem eu gostasse, significava frustração, todas as vezes.”) e sua esposa, Joan, agradeciam aos dois por terem salvo seu casamento. Joan, retratada como uma americana comum, descrevia como a terapia com foco nas sensações a levava ao orgasmo. “Eu nunca havia tido sexo de verdade combinado com um amor verdadeiro”, desabafava Joan em seu relato, escrito por dois *ghostwriters* homens. “Vá por mim, é fantástico.”

Ao contrário do que ocorreu com seu primeiro livro, Masters e Johnson agora desfrutavam de uma tremenda aceitação favorável por parte da imprensa. Repórteres experientes anunciavam *Human Sexual Inadequacy* como algo pioneiro e retratavam os dois quase como gênios. A resenha do *New York Times*, escrita pelo médico Alan Guttmacher, chamou-o de “extraordinário” e “fenomenal”, e a *Newsweek* elogiou sua nova terapia como revolucionária. Algumas revistas femininas, que antes haviam se queixado da inadequação dos estudos da dupla, agora pegavam carona na popularidade de Masters e Johnson. “Seu índice de sucesso em aliviar os problemas que lhes são trazidos por casais com problemas no sexo é de impressionantes 80%”, dizia o *Ladies’ Home Journal* a seus milhões de leitoras, que de repente interessavam-se em ler sobre vaginismo

e casamentos não consumados, no meio das receitas de biscoitos de aveia e sopas caseiras.

A maior parte das 467 páginas do livro descrevia diferentes formas de impotência e disfunções sexuais, e as terapias específicas dedicadas a tratar cada problema. Muitos se maravilhavam com a insistência do livro em afirmar que o sexo podia prosseguir pela idade avançada. Embora um macho com mais de cinquenta anos pudesse ter que esperar minutos em vez de segundos por uma ereção, ele podia se tornar um amante melhor devido ao maior controle ejaculatório. E embora a pesquisa mostrasse que uma mulher podia experimentar menos elasticidade em sua vagina, orgasmos mais breves e um encolhimento do clitóris, ela também podia seguir adiante com seu parceiro até os oitenta anos bem entrados. Usando os métodos sensoriais de Masters e Johnson, eles podiam desfrutar de relações sexuais desde que fossem razoavelmente saudáveis e tivessem um parceiro "interessado e interessante". Perto do final do livro, Masters e Johnson apresentavam todas as estatísticas do programa, delineando vários tipos de casos e seus resultados. Outro capítulo intitulado "Tratamentos Fracassados" dava uma clara ideia dos complexos problemas psicosexuais de alguns pacientes e da profundidade de seu sofrimento. "Por sete anos antes de se casar, aos 23 anos, a senhora B havia vivido um relacionamento incestuoso com o pai, ao que se presume saciando-lhe os apetites sexuais para evitar apanhar, o que tinha ocorrido com sua irmã mais nova", descreveu essa seção, escrita em sua maior parte por Virginia. "É de se esperar que ela ache as investidas sexuais do marido algo assustador, não estimulante ou mesmo revoltante, depois de oito anos de casamento."

Ao longo desse segundo livro, bem mais que no primeiro, a voz de Virginia Johnson podia ser ouvida – segura, incentivando e refletindo sobre as experiências sexuais das mulheres. Embora adotasse a linguagem anatômica de Masters, ela também oferecia sua visão da união metafísica que pode ser desfrutada por um casal amoroso. Não disposta a repetir as instruções sexuais do tipo "1-2-3 e vai!", como ela as descrevia, dos manuais de casamento

escritos por homens, Virginia colocava o sexo num contexto mais amplo, de um relacionamento maduro, permanente. Num capítulo "Tratamento da Disfunção Orgástica", um título que dificilmente soaria romântico, ela falava diretamente com a mulher casada insegura de si mesma. "Com frequência, é útil assegurar à esposa, uma vez que a unidade marital se assenta sexualmente, que o pênis pertence a ela do mesmo modo que a vagina pertence ao seu marido", explicava Virginia. "Quando ocorre a penetração vaginal, ambos os parceiros literalmente se dão como seres físicos a fim de proporcionar prazer um ao outro."

O que Bill e Gini conseguiram em doze anos – sem apoio do governo, com pouco suporte da academia e quase que sob total segredo – foi algo sem precedentes nos registros da medicina. Eles agora ofereciam um regime terapêutico para curar disfunções sexuais crônicas e casamentos abalados. Em seu mundo, os casais eram chamados de "unidades maritais", e "oportunidades coitais" virou outro nome para o amor. "Os fatos nus do sexo são cobertos pela vestimenta seca e objetiva do cientista", observou a *Newsweek*. No entanto, como a revista *Time* mais tarde colocou, uma década depois do lançamento de seu segundo livro, Masters e Johnson haviam iluminado uma área que a medicina mantinha obscura há muito tempo, criando todo um novo campo que oferecia esperança e soluções a milhões de pessoas. No cenário ainda cheio de sombras da sexualidade americana, a publicação de *Human Sexual Inadequacy* mostrou ser "um daqueles eventos que transformam o panorama clínico", disse a revista. "Depois disso, a terapia sexual pareceu o admirável mundo novo, e Masters e Johnson, seus gurus."

Na turnê de lançamento de seu livro, Masters e Johnson compareceram de novo ao Ritz-Carlton de Boston para um seminário de três dias para a imprensa. Aos quarenta e quatro anos, Masters disse esperar trabalhar por mais dez anos, para concluir um estudo de longo prazo da homossexualidade e para desenvolver um programa de treinamento de alto nível para

prevenção da disfunção sexual. "Acho que tive muita sorte ao longo dos anos em ser bem-sucedido numa coisa que eu adoro – particularmente em algumas áreas para as quais nós demos contribuições inacreditáveis", disse ele, num raro momento de reflexão em público. "Mas a melhor coisa que já me aconteceu foi me ver com um peixe na boca como Gini Johnson."

Virginia, sempre ciente da imagem dos dois como pesquisadores não casados, fingiu surpresa ao ser chamada de peixe. "Essa é a primeira vez na minha vida em que me vejo nessa categoria", respondeu ela com ironia. "Obrigada."

Durante a turnê de lançamento do livro, Virginia revelou mais coisas a respeito dela, de suas visões independentes. Às vezes, ela simplesmente acrescentava um ponto de vista feminino a algo que Masters explicava. Outras vezes, dava a própria interpretação sobre o que suas novas técnicas significavam para os pacientes, e mostrava desdém pela psicanálise freudiana. "Muitos psicoterapeutas tratam da inadequação com base em superstições, falácias e simples palpites", disse ela à *Newsweek*, num ataque frontal à cura por meio da mera conversa. Embora alguns se assustassem com o preço base de 2.500 dólares por duas semanas de seu programa de tratamento, ela sugeriu que ele "poderia custar consideravelmente menos do que anos de psicanálise". Ela afirmou também que o modelo de dois terapeutas, homem e mulher, era bem mais eficaz do que o de um só analista. "Eu sou muito antifreudiana", admitiu mais tarde. "[A psicanálise freudiana] era um monte de coisas totalmente idiotas. Algo muito insensato, ridículo."

A ideia de estarem sendo atacados por uma mulher sem diploma universitário, que de modo constante e pouco crível se identificava como "psicóloga" sem ter formação acadêmica em psicologia, era espantosa para alguns críticos. "Do início ao fim, o livro é uma grande simplificação", queixava-se o psiquiatra de Denver, Warren J. Gadpaille. "Essa ingênua aceitação de conceitos tão ingênuos pode atrasar a compreensão do comportamento e dos distúrbios humanos em 50 anos." Já era mal suficiente o primeiro livro de Masters e Johnson ter minado as teorias de Freud sobre a

sexualidade feminina, ao provar que estavam equivocadas do ponto de vista físico. Agora esse segundo livro ameaçava derrubar todo o edifício freudiano, todos os anos de reflexões num divã, oferecendo em vez disso uma modalidade rápida para tratar os problemas relacionados ao sexo. “Negar e atacar com persistência o valor da psicoterapia psiquiátrica médico-paciente e de outras formas de aconselhamento para distúrbios sexuais é algo que está abaixo da dignidade dos autores”, reagiu Leonard Gallant, um psiquiatra professor da Universidade Johns Hopkins. Gallant irritava-se particularmente com a política deles de incentivar marido e mulher a contar um ao outro suas experiências sexuais passadas. “Às vezes a revelação ajuda”, disse Gallant, “mas às vezes equivale a um estupro emocional.” Os críticos também questionaram a competência de Masters e Johnson para avaliar problemas psicosexuais inconscientes, e se queixavam dizendo que curas como o “método da compressão” eram derivadas de prostitutas, e com razão argumentavam que os resultados da terapia só seriam cientificamente válidos se pudessem ser replicados por outros pesquisadores científicos. Mesmo assim, a evidência oferecida pelos casos relatados e pelos muitos testemunhos de casais satisfeitos dava apoio à eficácia da nova terapia. Como mais tarde observou Jane E. Brody no *New York Times*: “Para aqueles que passaram anos em psicoterapia sem resultados, uma cura assim, rápida e aparentemente permanente, soava mágica.”

Agora famoso nos Estados Unidos, Bill continuava grato a Gini Johnson por ela ter encontrado as respostas práticas a questões que ele levantara tempos atrás no laboratório, e por ele ter conseguido a aprovação que tanto desejara. Sem dúvida, ele poderia ter achado outra mulher para ser sua assistente, para sorrir em aprovação e fingir ser uma parceira no mesmo nível dele. Mas com a publicação de *Human Sexual Inadequacy*, Gini conquistou uma merecida paridade que não podia ser negada. Enquanto Bill tivera a visão de identificar muitos componentes individuais da sexualidade humana, ela ajudara a juntar as peças do quebra-cabeça. De longe, o sinal mais substancial da ascendência de Gini – aquela equanimidade de poder na parceria dos dois – era também

o mais sutil. Na capa do primeiro livro, Bill identificava-se como “William H. Masters, M.D.”, mas nessa segunda obra deixou de fora sua identificação como médico. Essa sutil mudança nos créditos refletia a natureza mutável de seu relacionamento. “Ao excluir seu título de doutor em medicina, ambos ficaram no mesmo patamar”, explicou o amigo deles, doutor Mike Freiman. “Eles fizeram isso para que o trabalho ganhasse credibilidade. Ele baixou seu padrão para elevar o dela. Era uma condição para que os dois pudessem continuar adiante.”

Seja qual for a razão, na época em que publicaram seu novo livro, Virginia Johnson estava pronta para várias mudanças – tanto na vida pessoal como na profissional dos dois. Um indício de sua inquietação podia ser encontrado na matéria de capa da *Time*. O texto destacava o regime de sete dias de trabalho por semanas a fio, incluindo duas sessões noturnas, que deixava pouco ou nenhum espaço para a vida pessoal dos dois pesquisadores. “A vida toda dele está aqui no laboratório”, declarou ela à revista. E como Virginia aos poucos percebeu, a dela também.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A fragrância do amor

"Por que certas cores vivas excitam prazer não é algo que possa ser explicado, eu presumo, não mais do que a razão pela qual certos sabores e aromas são agradáveis; mas o hábito tem a ver com o resultado, pois o que de início é desagradável aos nossos sentidos acaba se tornando agradável, e os hábitos são herdados."

– CHARLES DARWIN, *DESCENDÊNCIA DO HOMEM E SELEÇÃO EM RELAÇÃO AO SEXO*

Se isso ocorre com os pássaros e as abelhas, então, com certeza, acreditavam Bill Masters e Gini Johnson, os seres humanos se apoiam também no sentido do olfato em sua escolha sexual. O olfato deve desempenhar um papel oculto na atração entre homem e mulher, nos odores doces e almiscarados que excitam os sentidos e sinalizam a inevitabilidade do amor.

O *Human Sexual Inadequacy* sublinhava "o tremendo potencial ainda não desenvolvido" do cheiro em afetar o comportamento sexual humano. Os feromônios do sexo – fragrâncias que de algum modo despertam uma reação comportamental natural – continuavam sendo um território inexplorado pela ciência. No entanto, as empresas de alimentos e de perfumes, atrás de possíveis métodos para ganhar dinheiro a partir dessa inexplorada química do desejo, voltaram-se para a Fundação de Pesquisa em Biologia Reprodutiva. De uma maneira que o governo se recusara a fazer, essas empresas privadas ofereciam dinheiro para subsidiar a

exploração desse elo perdido da atração sexual. Na clínica, a endocrinologista Joan Bauman investigava aromas femininos a partir de uma subvenção do Monell Chemical Senses Center, uma empresa da Filadélfia sem fins lucrativos, financiada pelos setores de alimentos, bebidas, perfumes e farmácia. “Eles estavam interessados em desenvolver perfumes que pudessem ser feromônicos – em outras palavras, capazes de estimular sentimentos sexuais”, lembrou ela.

Nessa busca, o principal patrocinador do trabalho de Bill e Gini foi a International Flavors & Fragrances Inc. (IFF) e seu carismático presidente, Henry G. Walter Jr., mais conhecido como Hank. Seu conglomerado global de muitos milhões de dólares oferecia cheiros e gostos para uma ampla variedade de produtos, desde lustramóveis com aroma de limão ao sabor de chocolate dos Cocoa Puffs, um cereal para o café da manhã. Numa atividade mais lucrativa, a IFF fornecia aromas para fabricantes de perfumes como a Revlon e a Estée Lauder. Ao extrair feromônios da mariposa-cigana, a IFF sintetizou um fator de atração sexual usado pela Jovan em perfumes femininos e colônias masculinas. Hank vasculhava o mundo à procura de um novo gosto ou aroma para introduzir no mercado. “Na China, eles têm preparados florais que fazem as pessoas dormirem”, observou uma vez. “As fragrâncias atuam na mesma região do cérebro que os opiáceos. Talvez seja possível desenvolver odores equivalentes ao Valium sem seus efeitos colaterais.” Ele chamava seu negócio de “a indústria do sexo e da fome”.

Aos cinquenta e sete anos, Hank Walter exalava saúde e vitalidade, e era capaz de atravessar Manhattan de bicicleta até seu escritório com a velocidade e a destreza de um garoto mensageiro. Com uma cabeleira bem cortada e uma pele lisa, bronzeada, ele olhava para o mundo com seus óculos de lente grossa e com um sorriso autoconfiante. Um articulista da revista *Fortune* descreveu-o mais tarde como “um dos altos executivos mais singulares que já conheci – um cara natural, ousado... Sua linguagem é coloquial, rica em alusões sexuais”. No escritório, evitava o costumeiro terno cinza de flanela dos chefes de empresa e usava suspensórios

vermelhos bem pouco convencionais, às vezes enfeitados por peles de gambá ou trevos. Durante uma tediosa reunião com analistas de segurança num elegante clube de Londres, Hank tirou a camisa e esfregou o corpo com loção aromática da IFF. "Acho que fiz eles acordarem", disse mais tarde com um brilho no olhar. Um dos criadores do Monell Center em 1968, Hank teorizava que as mulheres emitiam feromônios não facilmente detectados pelo olfato humano. Queria desenvolver fragrâncias que "amplificassem o sinal olfativo" ou "aguçassem os receptores de cheiro". Sem muita dificuldade, ele arregimentou Bill Masters para capitalizar em cima dos aromas do amor. Eles trocaram várias cartas ao longo dos anos sobre esse assunto, que incluíam às vezes um cheque para a clínica. Hank sugeriu várias ideias a serem trabalhadas. "Se você acha que a ideia é maluca, por favor, diga, mas se achar que há alguma variação aproveitável, diga também, por favor", comentou com Bill, tentando introduzir seu grande plano.

De longe, o maior sucesso com Hank foram as loções aromáticas IFF usadas na terapia sexual. Antes de entrar no quarto, os casais recebiam loções com fragrâncias comerciais, rotuladas pela IFF como masculinas ou femininas. Quatro dessas fragrâncias perfumadas – floral; verde-musgo; mistura floral/madeira; e "oriental" – eram femininas. Os aromas do cardápio indicados como masculinos eram buquê lavanda; ambarino moderno; buquê doce; buquê cítrico; cítrico fresco mais madeira, buquê floral; e uma fragrância forte com notas balsâmicas. Se os casais faziam objeção a algum cheiro, eles passavam para outra loção, sem cheiro, se preferissem. Entre cem casais estudados, muitos gostavam da experiência sensual de massagear a loção por sua pele nua, o que ajudava a superar eventuais aversões ao fluido seminal ou à lubrificação vaginal. Sem quaisquer conclusões definitivas, Bill e Gini acharam que esfregar a loção podia ser um bom barômetro das dificuldades que teriam pela frente na terapia. Dos dezoito casais que rejeitaram as loções como algo "juvenil, indigno, sem sentido ou que não alterava nada para eles", mais de três quartos fracassaram em reverter seus problemas gerais em relação ao sexo nas duas semanas de tratamento. No *Human Sexual Inadequacy*,

os dois pesquisadores falavam da necessidade de uma pesquisa mais abrangente sobre o olfato, convencidos que de havia algo a ser descoberto.

Embora Hank visse com bons olhos as contribuições de sua empresa para o tratamento das disfunções sexuais, ele fazia pressão em favor dos produtos comerciais para o grande público. Imagine, escreveu ele para Bill, se o estudo dos feromônios nas fêmeas humanas pudesse resultar numa "fragrância prazerosa" lançada em spray sobre milhões de pessoas? Será que estariam prestes a descobrir um afrodisíaco para os esgotados, uma fonte da juventude para os idosos e encarquilhados, algo vendido no balcão da drogaria, à altura da eficácia da pílula em detectar ovulação e de uma maneira que nem mesmo o Vaticano pudesse objetar? Se conseguissem identificar o feromônio que "marca a data real da ovulação em cada ciclo", as mulheres poderiam usá-lo como um sistema natural de alerta precoce "capaz de prescindir dos anticoncepcionais simplesmente evitando o intercurso durante o curto período ovulatório fértil", teorizava Hank. Sem dúvida, o benefício possível de uma sedução natural como essa bem que valeria um ou outro cheque de 5 mil ou 10 mil dólares da IFF e suas afiliadas, deduzível do imposto. Como patrocinador astuto, Hank apelou para a curiosidade científica de Bill, com o perfume do dinheiro muito claro em mente. "Qual seria a melhor maneira de incentivarmos esse campo de investigação?", perguntou a Bill. "As metas são altas e a metodologia não coloca risco de interferir com o funcionamento do corpo, como ocorre com a pílula, ou de conflitar com preceitos religiosos. O produto final seria bem barato."

Enquanto Bill apreciava essa contribuição monetária para com sua clínica, Gini ficava cada vez mais interessada no próprio Hank Walter. Após a publicação de *Human Sexual Response* em 1966, a equipe de Hank entrou em contato com Bill e Gini "como uma primeira abordagem, para saber quem éramos, por questões de publicidade", lembrou ela. "Eles queriam saber se

havia alguma relação entre o tipo de trabalho de desenvolvimento que eles faziam e o que nós fazíamos.” Com a ajuda de Hank, Gini desenvolveu a ideia de esfregar loção na pele como um “meio de troca” entre os amantes durante as sessões de terapia de sensações. Às vezes, ela soava como a garota da Avon, falando enfaticamente sobre o produto especialmente projetado por Hank. “Gini estava fazendo a pesquisa de cheiro com as sensações [terapia das sensações] e às vezes era como se ela tivesse dificuldade em se manter focada na terapia”, disse o doutor Marshall Shearer, um dos membros da equipe no início da década de 1970. “Ela ficava uns quinze minutos falando sobre aquelas fragrâncias, e outros quinze minutos perguntando às pessoas quais elas preferiam.”

Assim como Noah Weinstein, Hank era um homem mais velho, viril, de consideráveis realizações, que cobria Gini de atenções e mostrava-se encantado com a presença dela. Mais bonito do que Noah e cheio de dinheiro, Hank prometeu ir a qualquer lugar do mundo desde que ela o seguisse. Mas Hank também era casado. Por um tempo, a condição de ele ser casado pode ter tornado mais fácil para ela pensar em ter apenas um caso. Mas Hank acabou acompanhando Gini em suas férias familiares, numa viagem a um hotel fazenda, onde o romance dos dois se intensificou e eles começaram a falar em ficar juntos. “Onde quer que eu viajasse, ele sempre me seguia, e isso fez com que a coisa evoluísse”, disse Gini. “Ele declarou: ‘Vai me custar alguns milhões para me desvencilhar realmente desse casamento em que estou, mas vou fazer isso porque quero você comigo o tempo inteiro.’”

Apesar de sua fama e da fortuna crescente após o lançamento de *Human Sexual Inadequacy*, Gini nunca se sentira tão vulnerável, tão aberta a uma oferta tentadora assim. Com seu charme sofisticado, seu afeto e seu magnetismo sexual, Hank lhe oferecia não só amor, mas também uma válvula de escape. Após doze anos esfalfantes, ela tinha vontade de largar sua parceria com Bill, desistir daquela incessante expedição científica. Ela sabia muito bem que Bill lhe dera muita coisa, a satisfação de ver as teorias dela traduzidas e surpreendentemente bem-aceitas pela medicina

oficial. No entanto, sua relação pessoal com ele, apesar de toda a sua intimidade física e profissional, nunca tivera a ternura do verdadeiro amor. Ela aprendera a praticar sexo com Bill – de início, como parte das atribuições implícitas do emprego, mas depois como um modo de satisfazer seus próprios desejos de mulher separada de quarenta anos, com filhos. Ela aprendera a observar os sentimentos dele, prever e atender a quase todas as suas necessidades. Mas agora que haviam alcançado suas metas – aparecendo na televisão, nos jornais e na capa da revista *Time* – ela queria desistir, ficar livre de Bill Masters. “Provavelmente eu nunca o tenha amado”, Gini refletiu anos mais tarde. “Tínhamos em comum uma dedicação efetiva a um relacionamento sexual e esse era talvez o denominador comum mais forte entre nós.”

Não importa quais fossem as complexidades de suas vidas, casar com Hank poderia ser simplesmente a resposta de que sua família precisava. No fundo, Gini sentia remorsos pelo tempo que vivera distante dos filhos enquanto eles cresciam. “O tempo que ela passava no laboratório de pesquisa era inacreditável”, Bill escreveu mais tarde. “Ela estava ou trabalhando ativamente ou de prontidão sete dias e três noites por semana. Além disso, tinha dois filhos pequenos em casa, pelos quais era responsável. Até hoje, não sei como ela conseguiu dar conta.” Ela teve uma série de empregadas e babás que ficavam com Scott e Lisa. Agora que os filhos eram adolescentes, ela esperava compensar o tempo perdido. Em sua nova vida com Hank, ela poderia mudar seu nome uma vez mais, de modo que ninguém a incomodasse ou perturbasse sua família.

Com o tempo, porém, o seu caso secreto começou simplesmente a ficar mais complicado. Numa viagem de negócios a Nova York, Hank convidou Bill e Gini a ficarem em seu espaçoso apartamento em Manhattan, onde morava com a mulher, Rosalind. Durante a Segunda Guerra Mundial, Rosalind trabalhara no esforço de guerra numa fábrica de aviões de combate em Long Island, e supostamente havia sido a inspiradora da música “Rosie the Riveter”.⁸

“Roz era uma mulher adorável, e Bill e eu éramos bons amigos de Hank”, lembrou Gini. “Ficávamos bastante na casa deles.”

Nem Bill nem Roz pareciam ter ideia do romance entre Gini e Hank. “Ela não desconfiou, porque costumava me confidenciar muitas coisas”, disse Gini, que sentia uma ponta de desconforto ao ouvir a mulher de Hank falando sobre o casamento dela, do mesmo jeito que Libby falava a respeito de Bill. “Era uma posição esquisita. Ele gostava dela, e ela era uma mulher adorável, encantadora – eu também gostava muito dela. Mas eles estavam fora de sintonia um com o outro. Eu não tinha o que dizer a ela. Não podia consertar aquilo. Não conseguiria fazer com que ela agisse do jeito que ele queria, ou vice-versa.” Anos mais tarde, quando perguntada a respeito das afirmações de Gini, de que ela havia pensado em se casar com Hank, Rosalind Walter deu uma resposta franca. “Faz sentido”, disse Rosalind. “Ela era uma a mais no grupo – um monte de mulheres admiravam meu marido.” Ao refletir um pouco mais, Rosalind expressou tristeza com tais afirmações, sugerindo que isso não seria da conta de ninguém, mas reconhecendo que ela não sabia das coisas na época. “Meu marido era uma pessoa extraordinariamente inteligente e interessante”, disse ela. “Ele estava interessado no trabalho que os dois faziam, por causa de seus negócios na IFF. Ele de fato ia atrás dos dois, escreveu sobre isso, leu tudo o que eles escreveram e encontrou-se muitas vezes com ambos. Afora isso, não sei mais nada.”

Lá em St. Louis, a maioria dos membros da equipe não tinha ideia do caso amoroso de Gini com um de seus mais ricos patrocinadores. Numa clínica cheia de segredos, este era o menos conhecido. Gini supôs que o doutor Robert Kolodny devia imaginar o que estava acontecendo porque lidava com frequência com Hank nos estudos da clínica, embora ela só lhe tivesse confidenciado isso anos mais tarde. “Gini um tempo antes me contara que o havia seduzido”, Bob Kolodny lembrou. “Eu acho que ela ficava espalhando indícios a respeito. Não conseguia acreditar [no entanto] que ele tivesse se divorciado da sua esposa.” Embora tivessem estilos bem diferentes, Kolodny gostava de Hank Walter, que falava com a confiança de um homem que se fez por esforço próprio e se imaginava um pouco como um Casanova. “Ele ficava se gabando depois de jantar e de algumas garrafas de vinho sobre

suas conquistas sexuais ao redor do mundo”, disse Kolodny. “Sem dúvida, ele deixava bem claro que se sentia capaz de seduzir praticamente qualquer mulher. E ele reconhecia que parte dessa atração se devia ao fato de ser rico.”

Bill continuou sem saber de nada até que um dia Hank fez uma de suas visitas à clínica de St. Louis. Em geral, nessas ocasiões Masters e às vezes Kolodny se juntavam a Gini para levar seu patrocinador de Nova York até um restaurante local. Naquela noite, porém, Gini deixou os filhos com a empregada para poder ficar a sós com Hank. Ela passou um tempo maravilhoso com ele, rindo e conversando sobre seus sonhos de rodarem o mundo juntos. Noites como essa a faziam lembrar o quanto ela adorava estar com ele. Quando finalmente chegou em casa, Gini descobriu que Bill havia ligado para ela a noite inteira, sem sucesso. “Minha empregada havia feito uma série de anotações dos horários em que ele havia ligado aquela noite – todas aquelas mensagens da minha empregada, com os horários 23h30, 00h45, 1h50 –, e o número de vezes que Bill havia ligado”, lembrou Gini. “Aquela noite, eu não estava em casa e ele sabia que aquele homem estava na cidade, então ele [Bill] somou dois mais dois. Ele não era nenhum bobo. Então descobriu do que se tratava, e foi então que passou a se mexer.”

No dia seguinte, na clínica, Bill foi tomar satisfações com ela a respeito de Hank. Ela nunca vira seu parceiro tão perturbado com ela. Seu rosto não estava tão zangado quanto preocupado; a sua atitude era a de quem estava totalmente confuso. “Bill na realidade tinha medo que eu me casasse com Hank”, disse Virginia. “Ele estava assustado.”

Ela não fez nenhuma tentativa de esconder a verdade de seu relacionamento com aquele outro homem. Se tinha dúvidas em relação à possibilidade de vir a se casar com Hank, não demonstrou isso. A essa altura, Bill não merecia mais informações do que as que ela se mostrasse disposta a dar. Ela não queria ser manipulada ou que alguém lhe dissesse o que era certo ela fazer para o bem dela e dos filhos. Durante anos, ele sempre soube da intenção dela em se casar de novo. As próprias ações de Bill

pareciam ter como pressuposto que ela nunca iria agir de acordo com seus desejos pessoais desde que o trabalho de ambos continuasse atraente, desde que o seu caso ambíguo continuasse satisfatório e oculto dos demais, desde que Libby ficasse em casa com as crianças, e desde que os rendimentos e o renome continuassem a derivar do nome Masters e Johnson.

“Se você for embora, o trabalho será destruído!”, insistiu Bill. Ele parecia um homem prestes a perder tudo.

Pela primeira vez na vida dele, Bill não estava seguro a respeito do que Gini poderia fazer. Ele sabia que Hank era um rival formidável, um homem muito capaz de prover qualquer coisa que ela quisesse ou precisasse. Talvez Bill tenha sentido ciúmes, percebendo de repente que a “mulher perfeita” que ele havia treinado e feito ascender estava prestes a abandoná-lo. Ele não tinha intenção de ficar ali vendo sua parceria se desmanchar. Convencido de que essa ameaça era real, Bill resolveu tomar uma atitude a respeito.

[8](#) Canção muito popular nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, “Rosa, a Rebitadeira” falava das mulheres dedicadas ao esforço de guerra que trabalhavam em indústrias no lugar dos homens que haviam partido para o *front* de batalha. (N. do T.)

Traições

Um dia, ao voltar da escola, Howie Masters, aos dezesseis anos de idade, encontrou a mãe chorando desconsolada. Nunca a vira antes daquele jeito. Perguntou o que estava acontecendo de tão ruim assim.

Libby Masters, os olhos vermelhos de chorar, olhou com tristeza para o filho.

“Estamos nos divorciando”, gritou ela. “Seu pai já se mudou de casa.”

Howie deu uma olhada em volta e percebeu que aquela atmosfera serena e ordenada da casa estava alterada. Os pertences do pai não estavam mais lá. “Ele tinha ido embora, levado suas coisas”, lembrou Howie.

Até aquele dia, a vida do jovem William Howell Masters III parecia ideal. Não muito longe de sua mansão no subúrbio, Howie frequentava a prestigiosa Country Day School em St. Louis, e entre seus amigos estava Scott, o filho de Gini. Ele escolhera ir para o Hamilton College, a *alma mater* do pai, só que sem abrigar a raiva reprimida que movia seu pai quando ele tinha sua idade. Era um rapaz pensativo, de fala suave e ponderado, com temperamento mais próximo ao de Libby Masters. Mas Howie ficou enraivecido ao ver a mãe tão perturbada, e ao ver sua vida feliz virada de cabeça para baixo. Exigiu que a mãe lhe dissesse onde o seu pai podia ser

encontrado. Ela acabou passando-lhe o endereço de um pequeno apartamento.

“Lembro-me de ter entrado num carro e dirigido até o centro para encontrá-lo onde quer que estivesse, e entrar lá e fazê-lo sentar, sentar bem na minha frente, e passar-lhe um verdadeiro sermão”, lembrou Howie.

Por um bom tempo, Bill Masters ouviu as palavras iradas do filho. Prestou atenção educadamente ao discurso destemperado de Howie até que passasse tempo suficiente e ele tivesse a oportunidade de responder. Bill manteve um tom calmo e falou de maneira desapaixonada, como se estivesse conduzindo uma sessão de psicoterapia com algum adolescente estranho, e não falando com o próprio filho. Bill começou dizendo a verdade, dura, irreconciliável. Como Howie lembrou, o pai “comunicou-me que o relacionamento com a minha mãe estava terminado. Não importava se ele havia perdido seu amor por ela ou se havia se apaixonado por outra mulher, qualquer que fosse a razão, estava terminado – e era algo que não teria como ser salvo”.

Bill nunca mencionou o nome de Gini Johnson. Em vez disso, explicou cuidadosamente ao seu filho adolescente de que modo duas pessoas adultas podem ir aos poucos se afastando dentro de um casamento. Falou de modo calmo e refletido. “O que ele me disse era honesto e fazia total sentido”, lembrou Howie. “Ele não usou meias-palavras. Não se permitiria mentir para mim ou me dizer algo que não fosse verdade, ou dizer o que ele achava que eu precisaria ouvir para tornar as coisas mais fáceis.” Bill informou o filho que ele já vinha pensando em tomar essa atitude havia anos. Não atacou Libby nem colocou a culpa nela. Tratou Howie como um homem jovem, merecedor do seu respeito, sem nenhuma condescendência de adulto. Persuasivo, talvez até um pouco manipulador, fez o filho compreender que a serenidade do seu lar se devia em parte à perda do vínculo de comunicação entre marido e mulher.

Por causa das grandes exigências de sua carreira, Bill não parava em casa. Sua ausência tornava sua presença e suas palavras ainda mais valorizadas pelo filho. Howie queria muito acreditar no pai,

particularmente naquele momento terrível, de ruptura da sua vida familiar. Anos mais tarde, Howie foi capaz de falar em retrospecto sobre como seu pai lidou de maneira calma com essa confrontação. “Na realidade foi algo que eu achei positivo, porque ele conseguiu acalmar um garoto jovem que estava confuso e com raiva e que havia sido deixado com uma mãe chorosa, que era uma pilha de nervos”, Howie memorou. “Eu tive então que voltar para casa e recolher aqueles cacos. Minha vida havia mudado e meu papel também. O que é que qualquer garoto sentiria se voltasse para casa e visse que sua vida de sempre tinha ido pelos ares? Isso não cai muito bem. Eu achei que havia pedido uma explicação – e que essa explicação havia sido me dada.”

No fundo, Elisabeth Masters sabia das infidelidades de Bill. Durante anos, as audácias dele em sua pesquisa sobre sexo, seu desejo de se tornar alguém reconhecido na área, e em particular as noites fora e as indignidades pessoais de sua intimidade com Virginia Johnson ficaram penosamente evidentes para Libby. Ela identificava suficientes sinais reveladores, portanto não se interessou em saber mais, como se quisesse manter intacta a velha imagem de Bill. “Ela simplesmente o amava muito e só nutria respeito por ele”, relembra a amiga dela, Dodie Brodhead, cujo marido, John, era um dos membros do conselho da fundação. Talvez Libby tivesse a esperança de que as imprudências do marido fossem algo passageiro. Talvez os estudos sobre sexo terminassem, ele não tivesse mais necessidade de Gini como assistente, e voltasse ao seu dia a dia como médico ginecologista e obstetra na universidade. “Ela agia como se isso fosse um estágio que ele estava vivendo e que iria passar”, explicou Judith Seifer, uma amiga terapeuta que mais tarde ajudou Bill a preparar suas memórias não publicadas. “Ou seja, se você finge que a coisa não está acontecendo, ela some de vista.” As infundáveis horas de trabalho de Bill minaram seu casamento, e nunca permitiram uma vida doméstica com Libby. “Desde janeiro de 1954, quando iniciei a clínica, até dezembro de 1971, nunca perdi um dia de trabalho, sete dias por semana”, disse ele. Ao pedir o divórcio depois de vinte e nove anos de casamento, Bill podia ter uma precisão clínica

em seu *post-mortem*: “Em última análise, minha esposa e eu tivemos que encarar o fato de que nosso relacionamento era essencialmente não existente.”

No entanto, a vida de Libby havia sido voltada para os filhos e para a comunidade de amigos e vizinhos. “Ela se dedicou sempre a nós, mas isso com certeza ficou mais intenso depois [do divórcio]”, disse Howie. “Ela vivia para nós.” Para não perturbar esse universo, Libby havia se sacrificado e trabalhado duro para manter sua família íntegra. Cuidara da mãe de Bill, Estabrooks Masters, até ela falecer na década de 1960. Incentivara Bill a manter o contato com seu irmão mais novo, Frank, um cirurgião plástico que morava em Kansas City. Aos cinquenta e quatro anos de idade, Libby continuava magra e ativa, embora seu cabelo tivesse ficado grisalho e sua atitude fosse cada vez mais reservada. Ela era fiel à sua fé episcopal, o suficiente para providenciar que os filhos fossem crismados, embora seu marido não estimulasse a frequência à igreja. “Meu pai preferia – nos melhores anos das nossas vidas em nossa pequena família insular – que aos domingos fôssemos jogar boliche”, disse Howie, que seguia de perto os passos da irmã. “A gente achava um escândalo – lá nos subúrbios de St. Louis – que as pessoas fossem à igreja aos domingos enquanto nós íamos jogar boliche.” Por mais atenta que fosse às necessidades do marido, Libby talvez sentisse que não era páreo para Gini Johnson, uma mulher mais jovem, mais vibrante e mais crucial para as ambições de Bill. Mesmo assim, Libby não conseguia desgostar de Gini, não importa o quanto se sentisse incomodada na sua presença. “Gini e Betty eram amigas”, lembrou Peggy Shepley, a segunda mulher de Ethan Shepley Jr., então presidente da fundação. “Isso é o mais fora do comum. Não consigo me imaginar amiga da primeira mulher do meu marido. Normalmente, não há amor entre a primeira e segunda esposa. Mas Gini e Betty se tornaram amigas.” Intuitivamente, Elisabeth Masters pareceu compreender que ela e Gini compartilhavam Bill, que ele havia definido a vida de ambas, e que as duas iriam sempre estar sob sua influência. “Eu a conhecia bem e de certo modo a gente gostava uma da outra”, disse Gini a respeito de Libby, anos mais

tarde. "Acho que teríamos sentido prazer em conspirar contra ele, mas ela não chegava a ter esse requinte."

Aqueles que sabiam do caso de longa data entre Bill e Gini ficavam tentando compreender a reação de Libby. "Eu nunca cheguei a entender bem por que Bill deixou Libby", admitiu Bob Kolodny. "Isso não fez sentido para mim. Faltava alguma coisa no casamento dos dois? Será que o Bill era maltratado de alguma maneira? Eu nunca ouvi o Bill criticar alguma coisa dela." No trabalho, Kolodny sentia que Gini invejava o estilo de vida estável, de classe alta, da família Masters nos subúrbios. "Ela sem dúvida tinha um pouco de inveja de uma mulher que estava bem casada e vivia numa bela casa onde tudo parecia ir às mil maravilhas", disse ele. "Gini vivia num mundo diferente do de Libby." Numa disputa emocional com Gini, alguns acreditavam que Libby nunca teria a menor chance de manter a fidelidade de Bill, não importa há quanto tempo estivessem casados. "Não tenho tanta certeza assim de que Betty Masters e Bill tivessem a intimidade sexual de que ele precisava, e que ele talvez encontrasse com Gini", disse Torrey Foster, que sempre desconfiou de Gini enquanto foi membro do conselho da fundação. "Talvez esse tenha sido um dos aspectos que o atraíram nela, algo oposto ao que tinha com Betty. Gini era muito atraente sexualmente, e Betty Masters era bem sem graça..."

Depois que Bill se mudou de sua casa estilo inglês Tudor em Ladue, vários meses se passaram antes que seu divórcio fosse concluído em dezembro de 1970. Nesse ínterim, os amigos de Betty Masters se juntaram à sua volta. Eles mostraram-se escandalizados com as atitudes de Bill e expressaram seu desprezo por Gini, antes apenas cochichado. A essa altura, muitos já tinham ouvido falar das estadias de Gini no verão na casa dos Masters, enquanto Betty estava fora em Michigan com as crianças. "Ele simplesmente trouxe Virginia para dentro da casa, ele era atrevido desse jeito com ela – acho isso uma coisa cruel de se fazer!", disse Dodie Brodhead. "Betty era uma pessoa adorável, que nunca achou

que algo assim pudesse acontecer, pois ela amava Bill e imaginava que ele a amasse do mesmo jeito. Mas Virginia era a outra – *cherchez la femme* –, que se insinuou, e de repente Betty ficou de fora, e isso a deixou arrasada. E também foi muito duro para os filhos.”

O marido de Dodie também sentiu que tinha havido um abuso de amizade. Correndo um risco considerável como homem de negócios local, John Brodhead concordou em fazer parte como curador do conselho original da fundação para a pesquisa sexual de Bill, principalmente como um favor a Betty. John conhecera Betty na adolescência, quando suas famílias passavam férias em Michigan, e ela era “uma garota maravilhosa, muito sociável e dinâmica”. Ele admirava Betty por ela ter superado a adversidade da morte da mãe e do abandono pelo pai, e por ter se tornado “uma pessoa notavelmente bem-equilibrada e saudável”. Embora fossem gratos a Bill por seu bem-sucedido tratamento de fertilidade, os Brodhead estavam ofendidos pela maneira dura com que ele tratara Betty, o que os levou a tomar partido de um dos lados. Depois de seis anos como curador, John saiu da Fundação de Pesquisa da Biologia Reprodutiva. Quase todos sabiam por quê, mas ninguém perguntou as razões de sua saída. “Eu saí do conselho quando Bill e Betty se separaram”, disse ele. “Era muito difícil permanecer neutro. Se tivesse havido alguma discussão sobre quem estava certo e quem estava errado, teríamos decidido em favor de Betty.”

A família Masters, com sua vida aparentemente serena em Ladue, nunca mais foi a mesma. Na época em que seus pais se separaram, Sali Masters, um ano mais velha que seu irmão Howie, estava num internato. Fora mandada estudar longe porque seus pais acharam que as ligações telefônicas mal-educadas e os comentários maliciosos da comunidade sobre o que transpirava da clínica do pai eram demais para os ouvidos de uma jovem. “Nossos filhos foram postos no ostracismo”, Bill lembraria mais tarde. Com frequência, disse ele, Sali ouvia outros pais dizerem aos amigos dela: “Não quero você andando por aí com a filha do Masters – o pai dela é um maníaco sexual!” Anos mais tarde, Sali se recusou a

falar sobre suas experiências, mas Howie lembrava bem da situação dela. “Havia sido mandada para longe, meu pai sempre dizia, porque ele não tinha certeza do que iria acontecer com o trabalho dele, que ela, uma garota nova, poderia acabar tendo que enfrentar muitas circunstâncias difíceis se ficasse em casa, então era mais seguro colocá-la num internato”, disse ele. Sali voltou para casa para descobrir que seu pai não voltaria mais. Bill tentava atenuar a dor dela com comentários meio envergonhados, nebulosos, a respeito dos seus motivos para sair de casa. Pelo menos uma vez, ele negou o envolvimento de Gini na separação. “Depois do meu divórcio, você não vai nos ver correndo para o México ou algo assim”, disse ele à revista *The Atlantic*, no mesmo mês que sua sentença de divórcio foi decretada por um juiz. “Mas posso decidir sair atrás de quantas mulheres de dezoito anos ou mais velhas um cara como eu, um pouco gordo, careca, de cinquenta e quatro anos, consiga agarrar.”

Libby adotou uma postura defensiva. Nunca acusou Gini de ter acabado com seu casamento. “Se ela achava que Gini era, digamos, uma ‘intrusa’, nunca afirmou isso. Se sentia ciúmes, escondeu isso muito bem”, lembrou Howie. “Ela teria aguentado mais tempo com meu pai se ele não tivesse ido embora. Ela era do tipo leal, uma de suas grandes qualidades e um de seus grandes defeitos.”

Durante o último ano de Howie na Country Day School, a casa dos Masters na suburbana Ladue ficou ainda mais tranquila. Libby tentou levar adiante, mas o foco central de sua vida familiar havia sido estilhaçado. Não querendo perder o contato totalmente, Howie ia às vezes à cidade ver o pai. Eles falavam bastante, mas nunca discutiam sobre Virginia Johnson ou sobre o que Bill tinha em mente para o seu próprio futuro. “Eu descia lá e jantava com ele, onde quer que ele estivesse instalado, no seu apartamento novo, e o repreendia ou falava com ele sobre o que quer que estivesse acontecendo”, disse Howie. “Logo depois disso [divórcio], eu fui embora. Fui para a faculdade e comecei minha vida profissional. Mas não tinha mais nada a ver com St. Louis.”

O pacto de casamento

N uma visita ao Instituto Kinsey, Bill Masters passeava pelo campus da Universidade de Indiana com seu velho amigo Paul Gebhard, conversando sobre trabalho e suas vidas pessoais. Uma década se passara desde que eles haviam sido apresentados em meados da década de 1950 e Gebhard se sentiu à vontade para lhe fazer uma pergunta delicada, que ele julgava particular.

A mulher de Bill sabia a extensão de seu relacionamento com Gini?, perguntou ele.

Bill não pareceu se alterar.

“Minha esposa?”, ele replicou confiante. “O bom desse relacionamento é que ela é muito *compreensiva*.”

Gebhard, que havia visto casos extraconjugais perturbarem a equipe de Alfred Kinsey, riu, refletindo a respeito. “Bem, isso é ótimo, Bill”, ele disse com sua voz rouca. “Você é um homem de sorte!”

Por vários anos antes de se divorciar, Bill havia, na realidade, se equilibrado entre duas vidas: em casa, com Libby e as crianças; e com Gini no trabalho e depois deste. Muitas das suposições de Bill se mostraram equivocadas. “À certa altura ele se sentia feliz por sua mulher estar aceitando seu relacionamento com Gini, mas isso acabou se revelando um erro”, lembrou Gebhard.

Bill levou adiante esse faz de conta com Libby convidando Gini a todos os eventos em público, fazendo o papel de um empregador benevolente, e não o de um mulherengo enrustido. “Parte disso pode ter sido uma estratégia muito inteligente de Bill – se ele tivesse mantido Gini totalmente escondida, fora do hospital, sua esposa teria desconfiado que algo estava acontecendo”, explicou Bob Kolodny. “Suspeito que Bill era pragmático o suficiente para ter visto que essa era a coisa mais inteligente a fazer.” Antes que os eventos precipitassem um divórcio, Bill parecia bastante confortável com sua vida dupla e seu padrão duplo. Mesmo depois de ficar famoso, não parecia ter pressa em alterar esse número de equilibrista entre as duas mulheres. “Todos nós sabíamos o que estava acontecendo”, lembrou o doutor Alfred Sherman. “Houve um tempo – antes de Bill se divorciar e se casar com Virginia – em que Bill já havia se afastado muito do casamento. Ele praticamente morava com ela.”

Em Ladue, Gini morava com seus dois filhos a menos de dois quilômetros dos Masters. A casa de Gini era grande, suficientemente privada, com piscina ao ar livre e uma escada de ferro circular no interior, e permitia receber celebridades em visita à cidade. Algumas noites, Bill acabava pernoitando no quarto do térreo, enquanto os filhos de Gini, Scott e Lisa, pré-adolescentes, dormiam no andar de cima, perto do quarto da mãe. “Aos poucos, Bill deixou de ser um hóspede que passava algumas noites naquele quarto do térreo”, disse Kolodny, que acabou comprando a casa da Salem Estates de Gini. “Em pouco tempo, Bill passou a morar com ela.” Uma vez, enquanto Bill e Gini estavam numa turnê de palestras, Bob e sua mulher Nancy ofereceram-se para dormir na casa de Gini e cuidar dos filhos dela. Um pouco ingênuo, o jovem casal Kolodny descobriu para sua surpresa que havia pertences de Bill espalhados por toda a casa. “Bill ainda era casado e tinha suas roupas lá, num armário no quarto de dormir principal, e seu creme de barbear e outras coisas no banheiro”, lembrou Bob. “Era muito claro que os dois viviam juntos no final dos anos de 1960.”

A duplicidade de Bill só foi seriamente desafiada quando Hank Walter entrou em cena. A possibilidade de Gini se casar com esse

homem de negócios internacional, disposto a arrancá-la do seu mundo familiar e provinciano em St. Louis, fez Bill partir para a ação. Ele mostrou mais apreensão pelo futuro de sua mundialmente famosa parceria do que ciúmes pessoais. Nunca exibiu o tipo de emoção desesperada de um amante ameaçado por um rival. A paixão parecia ter se extraviado, desprovida de intensidade, mesmo nesse ponto crucial de seu relacionamento. Mas ele faria o que fosse preciso para não perdê-la, até mesmo destruir a própria família. "Ele sabia que eu ia acabar casando com alguém e foi então que tomou grandes medidas para se insinuar ainda mais na minha vida", disse Gini. "Ele se recusou a me perder. E eu não percebi o quanto ele foi manipulador e inteligente em relação a isso."

Com certeza, nem todo mundo acredita no relato de Gini. "É uma história muito bonita, que faz ela parecer uma pombinha branca e inocente, não é?", caçoou Dodie Brodhead, que deu a própria versão. "Ela veio a St. Louis sem marido e ficou procurando um por toda parte, e queria algo mais do que tinha e se esforçou para isso." Os detratores de Gini na refinada classe alta de Ladue sugeriam que ela quis se casar com Bill como um meio para melhorar sua precária condição econômica de mulher divorciada mãe de dois filhos. "Acho que ela sempre quis casar com Bill", concluiu o advogado original da fundação, Torrey Foster. "Eu fui um pouco ingênuo a respeito do relacionamento dos dois no início. Mas era evidente que ela estava atrás dele." Mesmo alguns amigos de Gini acreditavam que ela pressionou Bill a se divorciar. "Acho que era uma condição para os dois continuarem seu trabalho, e ele viu que, se não se divorciasse de Libby, seu trabalho estaria terminado", disse Mike Freiman, que ficou maravilhado com a reação de Libby. "No que se refere ao divórcio, ela [Libby] não tentou dificultar as coisas para ele nem prejudicá-lo financeiramente. Respeitou a necessidade de Bill se casar com essa mulher."

Sem dúvida, Gini exercia considerável influência em Bill, mesmo quando ela se sentia prejudicada por suas exigências, pelos longos expedientes e pela falta de uma vida social fora da clínica. Aqueles

que não gostavam dela sentiam que ela recebera bem mais do que merecia e que havia pressionado Bill para obter cada promoção, cada oportunidade. O pressuposto desses comentários era sempre que Gini estava em papel inferior ao do doutor Masters, como a secretária que se deu bem ou a divorciada ambiciosa. Mas, depois de dois *best-sellers*, Gini podia financeiramente se dar ao luxo de cair fora, de ficar mais presente na vida dos dois filhos adolescentes, assentar-se com um homem que dizia que a amava. Se se compromettesse de verdade, poderia se transformar, mudar de novo de nome e de ocupação.

Depois da publicação de *Human Sexual Inadequacy*, Hank Walter pressionou Gini por uma resposta. E o mesmo fez Bill Masters, que logo depois de deixar Libby e se mudar para seu apartamento espartano de solteiro deixou claro que queria se casar de novo. Se Hank fez a proposta baseado em amor, a oferta de Bill pareceu assentada em compromissos de negócios, em manter o empreendimento deles em bases lucrativas. Em última instância, a decisão de Gini teve pouco a ver, alega ela, com seus desejos pessoais. Intuitivamente, ela sabia que Bill queria vencer aquela pequena competição, ficar por cima do seu rico patrocinador. Como nos livros que escreveram juntos, ele nunca mencionou a palavra "amor".

"Eu podia ter dado menos importância em continuar no trabalho", Gini admitiu. "O homem com quem eu ia me casar era extraordinariamente rico, mas ele queria que eu fizesse por ele a mesma coisa que eu fazia por Masters – viajar com ele por toda parte, o tempo todo." Apesar da proposta tentadora de Hank, Gini estava farta de passar a vida em hotéis, longe de casa, e de ver que seu controle sobre os filhos adolescentes lhe escapava das mãos. "Eu por fim disse àquele homem que não podia me casar com ele, lamentando o fato de que Masters estava insistindo para que nós casássemos", relembrou ela. "Ele soube por que eu não me casei com ele, e Masters nunca soube." Bill nunca mais fez perguntas a respeito de Hank. Ele não queria uma explicação,

apenas a garantia de que a parceria entre os dois estava segura e intacta.

Embora os dois filhos de Bill tenham tido que suportar alguns comentários maliciosos, Scott e Lisa Johnson ficaram particularmente vulneráveis ao que os vizinhos cochichavam a respeito da mãe deles. O fato de Gini ser uma celebridade fornecia bastante material. No *Ladies' Home Journal*, Gini se referiu à filha, ao fazer uma longa exposição de seu ponto de vista sobre educação sexual. Como os milhões de leitoras da revista ficaram sabendo, "a senhora Johnson, mãe de uma menina adolescente, quer tranquilizar mães e pais de que o fato de não transmitirem temores sexuais repressivos não significa que estejam necessariamente incentivando sua filha de doze anos de idade a coabitar casualmente com vários estranhos". Em Ladue, essas lições não eram bem-vistas. "As pessoas pareciam censurar seu trabalho e os dois pessoalmente, e Gini, por causa de seu padrão duplo e por não dispor de credenciais, era vista com desconfiança", explicou June Dobbs Butts, antiga funcionária da equipe da clínica, a quem Gini fazia confidências. "Ao passo que Bill, por ter sido benquisto quando conduzia a clínica de ginecologia e obstetrícia – aquela coisa de ser um médico da sociedade, casado com uma socialite bem conhecida – e por ter essa aura em volta dele, não era tão alvo das visões negativas. Mas Gini e seus dois filhos sofreram bastante segregação social." Outra amiga, Peggy Shepley, concordou que os filhos de Gini "viveram sob essa nuvem, e deve ter sido difícil. Eles [os filhos de Gini] sofreram todo o peso disso. Ficavam bravos com ela pelo simples fato de ela fazer aquilo [a pesquisa sobre sexo] e ela precisava do dinheiro".

O argumento de Bill, de que a saída dela iria destruir seu trabalho, produziu o efeito pretendido, ainda mais quando formulado em termos financeiros. O sucesso de seu segundo livro trouxe uma nova onda de endosso público, mais royalties pela venda do livro, um cachê para palestras à altura dos grandes nomes e a criação de todo um novo campo de lucrativa terapia sexual, baseada nas técnicas de sensação que Gini desenvolvera. Ela, com todo o direito, sentiu o orgulho da autoria nesse segundo

livro, bem mais do que no primeiro. E o dinheiro que eles ganhavam agora era suficiente para virar a cabeça de qualquer um, mesmo de uma mulher ativa, que sempre prezara sua liberdade. Se casasse com um marido rico como Hank Walter, Gini ainda continuaria dependente de um homem. Mas aqui havia algo que ela conquistara, por direito e sem concessões. Com um terceiro livro ainda a anos de distância, Bill aceitaria praticamente qualquer coisa que Gini quisesse, desde que seu empreendimento comum durasse. “Eu nunca quis ficar com ele, mas quando você está ganhando 200 mil dólares ou mais por ano, você não sai”, ela argumentou, como uma vítima do próprio sucesso. “Estava fazendo aquilo eu mesma; não era algo que estivessem me dando.”

Para Gini, casar com Bill também oferecia legitimidade. “Pensei que poderia redimir quem eu era nos termos da comunidade”, ela reconheceu. “Sempre havia a rejeição social por sermos quem éramos. Pensei que se eu casasse, talvez reduzisse parte disso. Essa era a única razão sensata que eu lembro de ter tido para seguir adiante, que isso iria redimir as crianças na vida social delas.” Talvez Bill pudesse ajudá-la a ganhar controle da sua vida familiar nos tumultuados anos de adolescência dos filhos. Ao se tornar a nova “senhora Masters”, ela iria colocar uma forte influência masculina nas suas vidas, compensando a presença etérea do *bandleader* George Johnson, seu ex-marido, que passava pela vida deles ocasionalmente. Ao caminhar pela nave da igreja com Bill Masters, talvez ela conseguisse pôr um fim à especulação que se instalava quando entrava num auditório com ele. “Como a essa altura havíamos nos tornado muito conhecidos, pensando nos meus filhos, achei que isso talvez diminuísse as fofocas”, explicou ela. “Eu sabia que não queria casar com ele. A gente vivia uma vida muito ocupada, sem brechas, e eu estava me esforçando muito para ser uma mãe mais próxima das crianças. Já desistira havia muito tempo de fazer uma escolha por mim, ou pelo que quer que fosse.”

Em 7 de janeiro de 1971, Bill e Gini se casaram numa breve cerimônia na casa de um amigo em Fayetteville, Arkansas. Durante anos, as visões de Masters e Johnson sobre as relações sexuais humanas haviam sido proclamadas nas primeiras páginas e nas telas de tevê dos Estados Unidos. O casamento desses dois pesquisadores famosos estava fadado a atrair manchetes. Ao planejá-lo, porém, Gini não quis que esse momento pessoal fosse explorado desse modo. “Não quero casar na primeira página”, insistiu ela. “Estou farta disso.” Bill concordou prontamente. Ele se lembrou de um amigo ginecologista, que era também sacerdote universalista em Fayetteville. Depois de algumas ligações telefônicas, os dois decidiram dirigir 560 quilômetros para o sul até Arkansas para conseguir uma certidão de casamento do cartório local. Gini ficou no carro enquanto Bill entrou na sala do funcionário do cartório com a papelada necessária. Dentro, um repórter de um jornal de São Francisco identificou Masters, uma figura fácil de reconhecer devido à sua exposição na mídia. O repórter conferiu a certidão de casamento e ligou para a sua redação com a notícia surpreendente. Logo depois, Gini lembrou: “Nós estávamos casados na primeira página daquele jornal de São Francisco!”

A mídia americana tratou suas núpcias como o final feliz da tão comentada saga de Masters e Johnson. Embora algumas notícias informassem que a cerimônia marcava o segundo casamento de Bill e o terceiro de Gini, a mensagem geral transmitida ao público era a do triunfo do amor. Bill, e especialmente Gini, fizeram sua parte no desempenho desse papel que lhes fora atribuído. “Quando estava sem ele, eu ficava impaciente – sabia do que precisava para me sentir inteira”, Gini confessou ao *The Washington Post*, um jornal que não era fácil de ludibriar. “Só lamento não termos nos conhecido antes.”

Em St. Louis, o casamento dos dois não foi muita surpresa, e os amigos mais íntimos dispensaram explicações. Pintar Gini como uma destruidora de lares não era algo que fizesse muito sentido, e nem retratar Bill como um doutor em crise de meia-idade, deslumbrado pelos encantos dela. Uma verdade mais complexa

corria por baixo da sua união. Na época em que eles se casaram, mesmo críticos ferozes de Gini, como Torrey Foster, não viam qualquer paixão entre os dois. “Acho que foi um casamento de negócios”, disse Foster, que não era mais o advogado da clínica, mas ainda fazia parte do conselho da fundação. “Não acho que eles tivessem de fato um relacionamento próximo, íntimo, de marido e mulher. Era algo mais contratual.”

Na clínica, Gini conseguira igualdade no papel, mas o casamento com Bill não deixou qualquer dúvida sobre sua condição permanente. Enquanto antes ela falava pouco nas reuniões do conselho ou apenas fazia eco aos comentários de Bill para a equipe, Gini agora se expressava livremente como codiretora. “Acho que ela sentiu que tinha mais poder, que podia ser um pouco mais verbal e fazer mais coisas”, lembrou Lynn Strenkofsky, um membro da equipe que ajudava a fazer arranjos com pacientes da terapia. Sally Bartok, que trabalhou como terapeuta com Bill e outros conselheiros do sexo masculino, disse que Gini dava orientações com base em sua própria condição de mãe divorciada. “Lembro-me dela dizendo: ‘Até que a aliança não esteja no seu dedo, você não conseguiu nada de fato’”, disse Bartok, hoje conhecida por seu nome de casada, Sally Taylor. “Minha sensação é de que quando eles se casaram, isso a colocou numa postura mental mais segura do que a que tinha antes. Não sei o quanto de amor havia, ou se era apenas um confortável relacionamento de trabalho. Eles eram as últimas pessoas do mundo que deixariam vaziar qualquer indício a respeito disso.”

Por um tempo, a parceria dos dois quase acabou, mas Bill acabou conseguindo o que queria. Sua verdadeira casa, a Fundação de Pesquisa da Biologia Reprodutiva, seria preservada. “Eu sei por que me casei com Masters – para preservar a identidade e tudo mais da Masters e Johnson”, Gini afirmaria mais tarde. Nem mesmo seus ocasionais encontros sexuais constituiriam uma razão. “Isso não teria sido suficiente para eu me casar com ele”, ela replicou, quando perguntada a respeito do sexo entre os dois. Qualquer que fosse a intensidade que tivessem algum dia compartilhado, ela agora parecia dormente. Logo após seu casamento, Bill falou a um

repórter dos prazeres simples de abraçar alguém na cama após um longo dia. Como Gini declarou: “O conceito da sexualidade como uma questão apenas de um pênis dentro de uma vagina é absolutamente vitoriana – chega a ser doente.”

Em nome de salvar o casamento americano, Bill Masters havia acabado com o dele. Deixou Libby, sua esposa há vinte e nove anos, sozinha na velha casa dos dois em Ladue, pois os filhos, já mais velhos, foram logo embora. Bill raramente demonstrava algum remorso, como se sua missão científica justificasse suas ações. “Bill era um pragmático”, disse Bob Kolodny. “Ele não era de sonhar com coisas impossíveis, e com certeza não era um romântico. Estou quase certo de que ele não se apaixonou por Gini. O conceito de amor na vida pessoal de Bill talvez fosse algo que ele sentia pelos seus filhos, mas não era uma parte muito grande de sua essência, de forma alguma.” Para aqueles que perguntavam, Bill gostava de projetar uma imagem de durão, ajeitando a gravata-borboleta e falando de si mesmo com descrições concisas, impiedosas. Ele admitia “não ser um pai muito bom”, e nem mesmo um bom marido. A vontade de Gini de se envolver no mundo social local era desencorajada por Bill, que preferia ficar trabalhando até altas horas ou sentar em casa aos fins de semana na frente da televisão, mergulhado em seus pensamentos. Os velhos amigos de Ladue e do clube de campo deixaram de incluí-lo em suas listas de convidados por causa do que acontecera com Libby. “Eu sou uma espécie de filho ilegítimo”, ele confessou. “Não sou bom em me relacionar com as pessoas. Nunca fui e nunca serei. Por escolha e por constituição, não sou uma pessoa que se dê bem com pessoas. Não tenho muitos amigos. Não tenho o tipo de personalidade que atraia gente.” Gini só podia concordar. “Bill tolerava as pessoas”, explicou ela, “e nada mais”.

Para Bill, o pacto de casamento com Gini era um conjunto de compromissos, do mesmo jeito que era para ela. Anos mais tarde, uma antiga colega, Judy Seifer, refletiu sobre a razão pela qual, antes de mais nada, os dois pesquisadores haviam se casado. Ela nunca esqueceu a frieza das palavras de Bill.

“Quando vocês se casaram, em que momento você soube que não ia dar certo?”, Judy perguntou.

“Enquanto caminhava pela nave da igreja”, ele declarou com franqueza.

“Então por que você se casou?”, continuou ela.

“Não sabia o que mais poderia fazer”, disse Bill. “E era conveniente.”

O mundo havia voltado sua atenção para Masters e Johnson e suas explicações sobre os mistérios do sexo e sobre a maneira de se comunicar melhor na linguagem do amor. Mas quando lhe perguntaram o que significava o verdadeiro amor, Bill Masters admitiu não saber.

“Minha querida garota, eu não tenho a mais vaga ideia”, disse ele a uma repórter que lhe colocou a eterna pergunta. “Eu não sei o que é o amor. Você sabe?”

FASE QUATRO



Masters e Johnson em sua participação
no programa *Meet the Press*.

Movimento feminista

"Nos anos entre a 'emancipação' das mulheres conquistada pelas feministas e a contrarrevolução da mística feminina, as mulheres americanas desfrutaram, a cada década, de um aumento no orgasmo sexual. E as mulheres que desfrutaram disso de uma maneira mais plena eram, principalmente, as que haviam sido educadas para ter uma participação ativa no mundo fora de casa."

– BETTY FRIEDAN, *A mística feminina*

Na festa-surpresa de noivado de Doris McKee, amigos e colegas permaneceram em silêncio ou falando baixinho, enquanto aguardavam a chegada da convidada de honra. Naquele agradável dia de outono, quase todas as funcionárias da clínica de Masters e Johnson se reuniram para homenagear McKee, uma secretária amiga, conscienciosa, que mantinha as gravações em fita de todas as sessões que a equipe fazia. Rose Boyarsky, uma nova terapeuta, era a anfitriã daquela festa à beira da piscina em sua casa perto da Universidade de Washington, e convidara toda a equipe feminina da clínica, incluindo sua chefe, Virginia Johnson.

Com a revolução sexual em plena vigência na década de 1970, as mulheres da equipe da clínica Masters e Johnson estavam na linha de frente do explosivo movimento de liberação feminina. As feministas adotaram aqueles achados transformadores, proclamando que as mulheres eram tão sexuais quanto qualquer homem e tinham direito às mesmas liberdades e à igualdade numa

cultura dominada pelo sexo masculino. Televisão, jornais e revistas que cobriam essas abrangentes mudanças sociais davam crédito a Masters e Johnson por levar a revolução sexual aos shopping centers dos subúrbios e à vida cotidiana dos americanos.

Quando Doris entrou no jardim dos fundos com seu noivo, todos aplaudiram e celebraram. Howard, seu futuro marido, lembrou a atmosfera festiva cheia de piadas provocativas que lembravam uma festa de despedida de solteiro, especialmente por um artefato em particular. “Na mesa do bufê, havia um lindo buquê de flores”, Howard se recordou, “e no centro dela estava o pênis de plástico que era acoplado à câmera quando a fundação fazia o estudo do orgasmo feminino!”.

A qualidade de totem daquele *dildo* mecânico não passou despercebida pelas pessoas familiarizadas com a pesquisa de Masters e Johnson. O “equipamento coital artificial”, como os pesquisadores o chamavam, era um dos aspectos mais espantosos do estudo sobre o sexo realizado pela equipe. Enquanto os conservadores se horrorizavam ao ver tal artefato usado para definir e devassar a intimidade humana, importantes feministas sugeriam algo ainda mais assustador – a irrelevância dos homens para a satisfação sexual. Essas implicações iam além do que Masters e Johnson pretendiam com seus dois livros. “Masters e Johnson elaboraram um relato da sexualidade feminina que inadvertidamente questionava a noção generalizada da heterossexualidade como algo que dava satisfação inata e completa por meio do intercurso com um pênis”, observou a historiadora cultural Jane Gerhard em 2000. “Os dois, do mesmo modo que os freudianos antes deles, haviam ‘descoberto’ uma sexualidade feminina que existia independentemente do sexo com homens.” Para muitas feministas, o dispositivo mecânico – com a potência elétrica não comprometida por um período refratário – simbolizava a supremacia das mulheres no sexo em relação aos homens. Os achados científicos sobre o clitóris – derrubando o mito freudiano de que haveria orgasmo vaginal “maduro” apenas no intercurso com um homem, e não nas múltiplas delícias masturbatórias a sós com um vibrador – dispensavam os machos.

“A fêmea humana com frequência não se satisfaz com uma experiência orgástica apenas”, Masters e Johnson determinaram em *Human Sexual Response*.

As feministas ficaram particularmente contentes com o fato de os achados anatômicos de Masters e Johnson exporem as deficiências dos ditames de Freud. “Tivemos que admitir que o Freud e a Bíblia estavam errados, o que não é pouca coisa”, Gloria Steinem comentou anos mais tarde. Na realidade, o local da nova bíblia do feminismo americano – a revista *Ms.*, coeditada por Steinem – tinha uma placa no escritório que dizia: “São dez da noite – você sabe onde fica seu clitóris?” As frases de Masters e Johnson logo encontraram lugar no discurso político e social do feminismo. O influente tratado de Anne Koedt, de 1968, *O mito do orgasmo vaginal*, louvava Masters e Johnson por terem efetivamente redefinido o sentido da sexualidade feminina na sociedade contemporânea. “O reconhecimento do orgasmo clitoridiano como um fato ameaçava a instituição heterossexual”, declarou Koedt. “Pois isso indicava que o prazer sexual podia ser obtido tanto com um homem quanto com uma mulher, fazendo portanto com que a heterossexualidade não fosse mais absoluta, mas apenas uma opção. Isso então abria toda a questão dos relacionamentos sexuais humanos para além dos limites do atual sistema de papéis macho e fêmea.” À procura de novos paradigmas sexuais e sociais, os escritos feministas – de Germaine Greer, Kate Millett, Ti-Grace Atkinson e Rita Mae Brown, entre outras – faziam eco às descobertas de Masters e Johnson levando em conta os dois gêneros. O clitóris, argumentavam elas, era o único órgão, destinado essencialmente ao prazer. A comprovada capacidade da mulher de obter múltiplos orgasmos, sugeria a psiquiatra Mary Jane Sherfey, deveria fazer repensar os limites culturais estabelecidos pelos homens. Os leões da heterossexualidade rugiram de desprazer. Em seu livro de 1971, *O prisioneiro do sexo*, Norman Mailer irritou-se com a “abundância de orgasmos da mulher por toda parte, com aquele pau de plástico, aquele *dildo* de laboratório, aquele vibrador!”. Ao mesmo tempo, algumas feministas sugeriam que Masters e Johnson não haviam ido longe o

suficiente em ampliar os limites. Como Greer se queixou: “Não fazia sentido acreditar que aquilo que a mulher americana de classe média ligada a eletrodos podia fazer era tudo o que podia ser feito.”

No final do século XX, o movimento de liberação da mulher transformou profundamente a sociedade americana, ficando atrás apenas das reformas do movimento pelos direitos civis da década de 1960. Livros polêmicos como *A mística feminina*, de Betty Friedan, deram voz a um sentimento de ultraje diante da vida de mulheres engaioladas na domesticidade suburbana. Organizações como a National Organization for Women (NOW) colocaram suas exigências em ações práticas. Equiparação salarial, leis mais rígidas contra a discriminação e o assédio sexual, maior acesso à instrução superior e à ascensão na hierarquia empresarial – até mesmo a fracassada tentativa de aprovar uma Emenda pela Igualdade de Direitos em nível federal –, tudo isso fazia parte de sua pauta social. A pílula anticoncepcional redefiniu a vida amorosa dos *baby boomers*, que puderam desfrutar do sexo praticamente livres de preocupações com a gravidez. O casamento não era mais um pré-requisito. Ciência e sexo se tornaram um par inseparável. Para o público americano, Masters e Johnson eram imparciais, árbitros baseados em fatos no perene intercâmbio entre os sexos. Desde o seu laboratório, eles inspiraram mulheres a repensar seus relacionamentos. “Masters e Johnson receberam a maior parte dos créditos pela nova compreensão da sexualidade feminina, mas estavam, em certo sentido, apenas fornecendo uma base científica para uma realidade social inédita que as mulheres vinham criando por si mesmas”, observaram Barbara Ehrenreich, Elizabeth Hess e Gloria Jacobs uma década mais tarde. Não obstante, ao avaliarem as principais influências do feminismo, elas disseram que a publicação em 1966 do *Human Sexual Response* “iria se tornar um de seus principais manifestos ideológicos. O movimento de liberação feminina e a disseminação em massa da consciência feminista iriam ocorrer somente dois ou três anos mais tarde, mas a designação de uma ‘revolução’ sexual implicava uma mudança

que ia além dos modos e costumes, abrangendo uma fundamental relação de poder”.

Os livros de Masters e Johnson empoderaram as mulheres com um saber realista derivado de escolhas feitas a partir de informações médicas. Se Freud, Kinsey e Ellis apresentaram a sexualidade humana de um ponto de vista predominantemente masculino, Masters e Johnson eram “os mais consistentes pensadores feministas” de todos os grandes pesquisadores do sexo, concluiu o historiador cultural de Stanford, Paul Robinson, em meados da década de 1970. Como um casal de meia-idade escrevendo no Meio Oeste, Masters e Johnson apresentaram um “feminismo explícito” em sua retórica, senão em sua vida pessoal, com um “ideal sexual igualitário” que se refletia em sua abordagem terapêutica, observou ele.

O endosso que o feminismo deu a Masters e Johnson surpreendeu muita gente, inclusive o próprio Bill. Apesar das recentes complicações em sua vida pessoal, ele ainda se via como alguém que seguia as normas sociais, não como um defensor de excessos libertinos. Seus manuais, escritos basicamente para profissionais de medicina, tinham como foco pares casados afetados pela ignorância e pela disfunção. No debate nacional sobre o aborto – mesmo após a decisão histórica da Suprema Corte em 1973, no caso *Roe vs. Wade* –, ele permaneceu deliberadamente agnóstico, tendo a cautela de não se envolver. Mulheres grávidas que precisavam abortar contavam com a ajuda de Virginia, que as encaminhava a médicos que se dispusessem a fazer o procedimento. Masters também olhava para as mulheres de uma maneira mais tradicional. Ele tinha a expectativa de que as mulheres se submetessem a ele, como haviam feito sua mãe e sua esposa, Libby, na maior parte de sua vida. As contribuições inovadoras e a visão abrangente de Virginia somente se davam dentro dos parâmetros que Masters estabelecia. Ao lançar seu estudo sobre o sexo, ele com certeza procurou uma parceira mulher que pudesse adotar o tipo de pensamento divergente de

uma feminista recém-saída de Barnard ou Berkeley. “Não há dúvida de que eu era machista”, Masters admitiu mais tarde. O tom doutoral de seus livros – sancionando as mulheres para que exercessem sua verdadeira identidade sexual, e não os ditames de pais repressores ou de autoridades religiosas – tinha origem nas tragédias humanas das vidas de seus pacientes. As coisas que Masters ouvia costumavam deixá-lo horrorizado, uma reação que Virginia Johnson o ajudou a colocar em palavras. Quer ele aceitasse ou não o rótulo, sua busca por respostas médicas o transformara num feminista.

A ampla receptividade do público aos seus livros também fez de Virginia Johnson uma celebridade, uma figura da mídia. Ela assinou um contrato lucrativo para ser colunista da *Redbook*, e para os leitores predominantemente masculinos da *Playboy* ela exaltava o poder da reatividade sexual feminina: “Pode haver orgasmos de nuca, orgasmos de planta do pé e orgasmos de palma da mão.” Cada vez mais ela ficava em casa para cumprir seus compromissos como escritora, reduzindo sua carga de trabalho na clínica. Sua renda maior proporcionou-lhe um estilo de vida extravagante, que até então ela não conhecia. Mudou-se para uma casa na Salem Estates Drive e depois para outra maior com Masters, na South Warson Road, em Ladue. Em razão de sua posição como uma parceira em paridade de condições com Masters, Virginia foi saudada como uma mulher americana ideal, uma porta-voz articulada e convincente da nova liberdade sexual. Como Barbara Ehrenreich e as coautoras observaram, Virginia Johnson “era, à sua maneira, uma feminista”, embora seus livros com Masters tivessem virado clássicos feministas “principalmente por acaso”. Eles abriram uma caixa de Pandora de possibilidades a uma sociedade pronta para ouvir sua mensagem. “Ali estava um corpo de achados científicos objetivos e, segundo a maioria dos padrões, respeitáveis, sobre os quais se podia argumentar em favor de uma interpretação radicalmente nova, feminista, da sexualidade”, disse Ehrenreich.

Para surpresa delas, quando as feministas pediam a Virginia para aparecer em suas manifestações ou eventos para promover as

causas das mulheres, ela recusava com firmeza. Por volta do final da década de 1970 e início da de 1980, as alas radicais do feminismo haviam passado para o discurso vagamente antimachista de Catharine A. MacKinnon, que condenava a pornografia e sua natureza violenta, e de Andrea Dworkin, que equiparava o intercuro heterossexual ao estupro. Mas nada disso importava muito para Virginia. Ela nunca pensou em segurar nenhuma faixa de protesto ou ficar ao lado de Gloria Steinem numa manifestação política. “Eu nunca sairia em passeata com elas”, lembrou Virginia. Ela chegou a declinar de um convite para figurar ao lado da primeira-dama Betty Ford num evento em apoio à Emenda pela Igualdade de Direitos. Desde os seus dias em Golden City, Virginia nunca fizera reivindicações sobre o que ela queria da vida, mas sempre encontrara maneiras de consegui-lo. Vinha de uma geração anterior de mulheres, que dependiam exclusivamente delas mesmas para encontrar um emprego ou convencer alguém a tomar conta das crianças quando saíam de casa. Embora fosse a força propulsora por trás das sensibilidades feministas atuantes, Virginia Johnson não gostava de ser rotulada. As mulheres precisavam se mexer, tomar as rédeas de seu destino, pregava ela agora. Elas eram responsáveis por suas vidas, tanto na cama quanto fora dela. “Se uma mulher não tem orgasmo”, insistia dela, “é exclusivamente por culpa dela!”

A ascensão de Virginia E. Johnson na década de 1970 como especialista em sexualidade humana de prestígio internacional parecia assombrosa para aqueles que se lembravam dela como secretária. Ela se tornou codiretora da clínica mundialmente famosa dos dois – renomeada como Masters and Johnson Institute –, moldando uma terapêutica que oferecia esperança a milhares, se não milhões de pacientes. Os terapeutas homens que trabalharam como parceiros dela nas sessões de terapia ficavam maravilhados com sua capacidade. “Ela tinha a vantagem de ser a chefe ali”, lembrou o psiquiatra doutor Thomas P. Lowry, cuja mulher também trabalhava na equipe. “Eu ficava muito impressionado com ela.” A jovem terapeuta Sally Bartok admirava a atitude de autoridade de Virginia e procurava emular seu estilo de se vestir no

escritório. “Naquele tempo as mulheres ainda usavam um monte de vestidos, mas ela usava aquelas bermudas folgadas, meio no estilo da Katharine Hepburn... Eu a achava a mais incrível e maravilhosa das mulheres. Ela provavelmente conhecia mais sobre a fisiologia do sexo do que qualquer outra mulher nos Estados Unidos naquela época. Mas não assumia ares em cima disso. Sempre mantinha um tom de profissionalismo.”

Bill Masters cada vez delegava mais coisas para Virginia conforme a terapia se tornava o cerne das atividades da clínica, respondendo pela maior parte de seu faturamento anual. Como pesquisador médico interessado a vida toda em “ciência pura”, Masters nunca teve intenção de se tornar um terapeuta em tempo integral. Em certo sentido, ele havia encurralado a si mesmo nesse canto. Fracassara seguidas vezes em obter financiamento do governo e de instituições privadas para continuar seus estudos de anatomia e fisiologia da sexualidade humana, pelo menos da maneira que pretendia. Uma década antes, sua saída da escola de medicina – onde havia sido a figura mais alta da hierarquia do departamento de ginecologia e obstetrícia depois de seu amigo Willard Allen – fechou qualquer possibilidade de ele poder agora capitalizar em cima de sua fama. Havia desistido de sua prática de ginecologia e obstetrícia e não era mais um cirurgião de primeiro nível. Continuava revisando dados de seus estudos sexuais de pacientes homossexuais, prometendo publicar um terceiro grande livro, mas o próximo grande cheque de uma editora ainda parecia estar a anos de distância.

Agora com sessenta anos de idade, Masters comparecia todo dia na clínica, não mais como a força motriz de anos atrás, mas como alguém menos intimidador, uma figura quase afável. Seus colegas prezavam sua constância, com certeza em comparação com as respostas vagas ou os humores imprevisíveis de Virginia. “Ele dava muito apoio à sua equipe”, lembrou Rose Boyarsky. “E se você cometia algum erro, ou tinha alguma dúvida, ele dispensava o tempo que fosse preciso para esclarecer.” Por volta dessa época,

Bill decidiu mudar algo nele que muitos pacientes acharam desconcertante. Procurou um cirurgião para corrigir seu estrabismo, aquele olhar estranhamente distante, resultado do surto de septicemia da sua infância. Pela primeira vez na sua vida adulta, após a cirurgia ele foi capaz de olhar outra pessoa direto nos olhos e sorrir diretamente para uma câmera, não mais de perfil. Havia nele outra mudança, mais sutil, na clínica. Ele assumiu uma posição secundária em relação à Gini, como se isso fosse parte de seu acordo de casamento. As visões de Virginia passaram a ter maior ascendência. “Nos últimos anos, Bill não demonstrava tanto interesse quanto ela”, lembrou o advogado deles, Walter Metcalfe. “Não acho que fosse necessariamente uma disputa de poder. Era algo do tipo ‘Eu já fiz minha parte, dei minha contribuição, agora é a sua vez’, quer isso fosse consciente ou inconsciente.”

No entanto, as crescentes exigências de tempo de Virginia – falar com repórteres, agendar participações em programas, escrever em casa, e também a determinação dela de estar mais presente na vida dos filhos adolescentes – fizeram com que se ausentasse da clínica vários dias por semana. Seus horários mudavam a toda hora. Nos almoços da equipe para discutir casos de pacientes, sua ausência era comum. Isso fez com que as repentinas aparições dela fossem ainda mais surpreendentes para a equipe. “Ela virou definitivamente um poder de bastidores”, explicou o terapeuta Max Fitz-Gerald. “Era óbvio que um monte de decisões estavam sendo tomadas por ela, delegadas a ela, mesmo que a gente passasse tempos e tempos sem vê-la. Ela era a figura detentora do poder.”

Dentro da clínica, as opiniões sobre Virginia Johnson se mostravam mais divididas entre as colegas mulheres. Enquanto membros mais jovens da equipe, como Bartok, a admiravam como um modelo a seguir, as mais próximas de Virginia na equipe admitiram uma sensação ambivalente – “talvez uma relação de amor e ódio com VEJ”, como descreveu a gerente do escritório, Wanda Bowen. “Em público, as pessoas diziam que ela era mais simpática e amistosa, particularmente quando eles davam suas palestras juntos”, lembrou Mary Erickson, uma terapeuta em

tempo integral, que, com o marido, conviveu bastante com Bill e Gini. “Ela passa uma coisa mais viva e alegre, e ele é visto como alguém bastante frio. Mas quando você conhece os dois, é bem diferente. Eu sempre me senti mais próxima dele do que dela.”

As mulheres mais veteranas da equipe, especialmente as formadas, percebiam Virginia como alguém arredo e na defensiva. “Eu sempre tive a sensação de que ela não se sentia à vontade comigo porque eu tinha um diploma e ela não”, disse Peggy Shearer, uma conceituada terapeuta. Outros achavam que Gini se sentia sozinha no seu novo casamento e queria fazer mais amizade, mas não sabia como. “Eu me sentia desconfortável com ela porque ela não parecia sincera”, lembrou Dagmar O’Connor, uma terapeuta de Nova York que estagiou no instituto por dois meses. Dagmar preferia a companhia de Masters, em vez da de Virginia. “Ela vivia uma tal situação de Pigmalião que se perdeu totalmente”, disse Dagmar, recorrendo à alusão frequentemente atribuída ao fato de Virginia ter ascendido sem credenciais. Durante a estadia de Dagmar em St. Louis, Virginia a convidava para ir fazer compras no shopping local, onde ela engatava num monólogo acelerado a respeito de qualquer coisa que lhe viesse à cabeça. O que parecia um gesto muito amistoso de Virginia – dar uma escapada da atmosfera claustrofóbica da clínica – revelava-se mais do que Dagmar esperava. Virginia falava de como ela relaxava em casa limpando os armários. Depois ficava divagando sobre o sexo após uma histerectomia. “Eles sempre dizem que é a mesma coisa... Mas não é”, queixava-se ela, como se colocasse na afirmação alguma verdade a respeito dela mesma, uma pérola de sabedoria entregue àquela jovem. Dagmar não gostava muito desses apartes de intimidade. Logo pediu para estagiar com outra terapeuta mulher, porque não estava aprendendo nada com Virginia. “Eu não estava realmente interessada nos orgasmos dela ou nas suas experiências da primeira infância”, explicou O’Connor.

Quando o movimento feminista americano floresceu de vez, mudando o papel de muitas mulheres no local de trabalho, as mulheres da equipe de Masters e Johnson sentiram que estavam sendo tratadas ainda com status inferior. Após uma longa conversa

privada, elas decidiram apelar a Virginia Johnson. Mas, como Virginia estava quase sempre no bairro de subúrbio Ladue, elas precisavam de uma emissária para ir levar suas preocupações. Rose Boyarsky foi a escolhida. “Ninguém mais quis ir lá para falar com ela”, lembrou Rose. Talvez achassem que Rose – de idade mais próxima da de Virginia e cujo marido era também médico – pudesse parecer mais simpática e teria menos chance de ser tratada com indiferença.

Num dia quente de verão, Virginia convidou Rose Boyarsky à casa dela para conversarem no jardim dos fundos. Na porta, ela recebeu Rose de modo simpático e convidou-a a nadar um pouco na piscina. Virginia parecia grata por compartilhar um tempo de lazer com um rosto familiar, dando um tempo de quaisquer questões que a estivessem preocupando em casa. Rose permaneceu focada apenas no problema da desigualdade entre homens e mulheres na clínica. “Éramos só as duas”, disse Boyarsky. “Eu estava tentando expor o ponto de vista de que seria bom se ela pudesse dar mais apoio às mulheres na clínica.” Rose explicou como as outras colegas se sentiam dominadas pelos terapeutas homens e que esse sentimento podia dificultar o progresso dos pacientes. Afinal, a terapia sexual de Masters e Johnson havia sido construída em cima de uma comunicação compartilhada entre os sexos, com cada parceiro tratado de maneira igual pelo outro. “Era uma coisa bem sutil – tinha a ver com o fato de sermos ouvidas”, Rose explicou. “A gente esperava que Gini fosse nos defender ou algo assim. Havia quatro mulheres e Gini, e quatro homens e Masters, é claro. Todos trabalhávamos juntos. E foi uma tentativa bastante fútil da minha parte.” Marshall Shearer, que costumava trabalhar como terapeuta junto com Virginia, sugeriu que Rose havia sido mal orientada, pelo menos em termos táticos. “Se havia desigualdade ali, elas deviam ter tido senso suficiente para não recorrer a Gini”, disse ele. “Não acho que ela fosse confrontar Bill por um problema como esse.” Shearer disse que Rose e outras colegas teriam tido mais sucesso se convidassem Masters para discutir a questão, pois era sempre ele que decidia o quanto de

oportunidades Virginia ou qualquer outra mulher poderia ter na clínica.

Vendo em retrospecto, Rose diz que seu movimento feminista de curta duração foi malconduzido. “Gini não tinha a menor simpatia pelas mulheres de lá. Não sei por quê. Sempre achei que fiz um mau negócio indo falar com ela sobre isso.” Sua conversa à beira da piscina também teve repercussão na carreira de Rose Boyarsky. Depois de outra reunião da equipe, Rose e Virginia trocaram palavras ásperas a respeito da ideia de Rose de pesquisar o papel da depressão mental na disfunção sexual. Quando Rose expôs suas ideias, Virginia fez objeções na hora.

“Aqui quem faz pesquisas sou eu, não você”, advertiu ela. Rose tentou se defender, mas não adiantou. Elas não chegaram a discutir se Rose teria como conseguir o financiamento necessário ou como sua proposta poderia se encaixar na pauta de pesquisa mais ampla do instituto. Todos esses detalhes pareciam fora de questão. O mais importante é que Rose ofendera Virginia. E, sentado na mesma mesa, Bill Masters, que sempre fora tão prestativo quando Rose precisara de ajuda, não disse nada.

“Fiquei surpresa na hora, mas devia ter previsto isso”, disse Rose Boyarsky, que logo depois saiu da clínica. “Eu pude ver o quanto ela se sentia ameaçada. Porque eu era formada, e ela não. Porque eu me especializara, e ela não. Eu não sei dizer ao certo por que ela se sentia ameaçada. E também não fiquei lá o tempo suficiente para descobrir.”

Uma confrontação similar aconteceu com Thea Lowry, que conseguiu um emprego como entrevistadora para Masters e Johnson quando o marido dela, Thomas Lowry, se juntou à equipe de terapeutas. Um dia ela entrou numa terrível discussão com Gini. “Ficaram gritando uma com a outra”, lembrou Thomas Lowry, ex-diretor de um pequeno hospital psiquiátrico em Las Vegas, que se sentiu muito deprimido com essa briga. Até aquele momento em 1973, ele vinha gostando de seu período no Masters and Johnson Institute.

Depois da briga de sua mulher com Gini, Lowry procurou descobrir exatamente o que havia sido dito na discussão. “Masters

e Johnson gravavam tudo em fita e eu consegui ouvir parte da conversa das duas”, lembrou ele. “Thea disse: ‘Qual é o problema? Você parece preocupada que eu esteja desafiando sua autoridade?’ E Gini gritou: ‘O que você quer dizer com desafiar minha autoridade?’ e assim por diante. Nos dias seguintes, perguntei à gerente do escritório, Wanda, se eu poderia ouvir de novo aquela fita. E ela disse: ‘Aquela fita não existe mais.’” Logo depois, o estágio de um ano de Thomas Lowry terminou. Ele não foi convidado a continuar na equipe como esperava. Lowry achou que a discussão da sua mulher com Virginia tinha sido pelo menos parte da razão. “Infelizmente, Thea tendia a ser absolutamente sincera em horas em que não precisava – eu acho que ela na verdade irritou Gini na hora errada”, relatou Lowry, que logo depois se divorciou da mulher. Thomas e Thea Lowry haviam aprendido a principal lição na clínica Masters e Johnson. “Gini era sempre a abelha-rainha”, disse Thomas. “Você se saía muito bem se aceitasse se restringir a ouvi-la respeitosamente e não contrariá-la, pois só uma pessoa podia ser chefe ali.”

O negócio do sexo

O que Masters e Johnson antes davam de graça agora era caro. Por um custo total de 3 mil dólares, mais ou menos um terço da renda familiar média americana em 1972, os casais vinham em bando para a sua clínica. Eles enfrentavam uma lista de espera de até seis meses, com quatrocentos nomes. Nos Estados Unidos, o negócio da “sexologia” – o nome preferido por Masters para seu campo emergente – de repente explodia. E, devido à recuperação sensacional nas disfunções da vida sexual das pessoas, parecia valer cada centavo. Os clientes ricos ficavam hospedados no Chase Park Plaza, o hotel mais luxuoso da cidade, onde faziam a “lição de casa” definida na clínica, que ficava a uma curta distância a pé. Alguns casais, gratos por seu rejuvenescimento, retribuía com fotos Polaroid deles em ação, demonstrando seu sucesso. Masters comentava irônico: “A gente diz pra esses pacientes que a palavra deles já basta.”

No início da década de 1970, a equipe de Masters e Johnson era a única nos Estados Unidos que oferecia as intrincadas terapias que brotavam da cabeça de Gini como se ela fosse uma Medusa, e que vinham mudando o modo pelo qual a medicina via a sexualidade. “Ela tinha um ponto de vista diferente daquele que um médico teria”, lembrou Sallie Schumacher, uma das terapeutas. “Havia muitos conceitos que eram dela, especialmente em termos de

apoiar o pensamento das mulheres – de que o sexo é algo que você compartilha, não algo que vocês fazem um ao outro.” Bill e Gini esforçavam-se para atender a esse grande movimento. Cada equipe de homem-mulher terapeutas podia lidar apenas com um limitado número de casos. Apesar da natureza flexível de sua abordagem terapêutica, o método Masters e Johnson de conduzir uma clínica de sexo dava pouca margem a um crescimento financeiro.

“Era uma espécie de empresa familiar, o que é uma surpresa para quase todos, pelo impacto que eles tinham”, lembrou Rhea Dornbush, membro da equipe em meados da década de 1970.

Masters e Johnson também se sentiam muito comprometidos a ensinar seus métodos, especialmente para acadêmicos e profissionais de medicina ou doutorandos em psicologia. “Eles não encaravam seu trabalho necessariamente como um produto final, e sim como um início”, explicou Schumacher. Como a demanda excedia muito o que a pequena equipe de Masters e Johnson podia prover, muitos terapeutas logo copiaram sua solução bem-sucedida. Na Escola de Medicina Cornell, em Manhattan, a psiquiatra doutora Helen Singer Kaplan oferecia sua própria combinação de Freud com os métodos de Masters e Johnson. Em seu livro de 1974, *A Nova Terapia do Sexo*, Kaplan pagava tributo à dupla de St. Louis avaliando a contribuição deles como maior que a de Alfred Kinsey. “Talvez a maior contribuição ao longamente esperado encerramento da ‘idade das trevas’ da sexualidade humana tenha vindo dos estudos pioneiros de Masters e Johnson”, declarou Kaplan. “Seus esforços monumentais finalmente forneceram aos clínicos os dados básicos sobre a longamente negligenciada fisiologia da reação sexual humana (...) abrindo a possibilidade de se desenvolver um tratamento racional e eficaz dos distúrbios sexuais.”

Nem todos os seguidores de Masters e Johnson eram assim tão diligentes e diferenciados. Alguns terapeutas diziam ter sido treinados, mas haviam frequentado apenas um workshop de alguns dias (a decisão de Masters e Johnson de chamá-los de programas “associados” gerava essa confusão). E outros simplesmente liam

seus manuais e já se autodenominavam terapeutas sexuais. “Em 1970, Bill e Gini estavam numa vanguarda de elite – devia haver apenas mais duas ou três pessoas consideradas como profissionais da área”, disse o doutor Robert Kolodny. “Em meados dos anos de 1970, havia programas de terapia sexual em quase todas as grandes cidades dos Estados Unidos.” No total, eram cinco mil programas de terapia no país, que ofereciam variações da terapia de Masters e Johnson, mas menos de cinquenta terapeutas haviam sido de fato treinados em St. Louis. “No geral, muito do que se diz terapia sexual talvez seja algo inútil e potencialmente prejudicial ao indivíduo”, acusou Masters.

Em pouco tempo, sua conscienciosa abordagem médica descambou para uma indústria em grande parte não regulamentada de terapia sexual. Para se contrapor a essa alarmante tendência, Kolodny propôs que se abrisse uma franquia de clínicas Masters e Johnson autorizadas pelo país. Se eles conseguissem se expandir como um programa nacional, argumentou ele, poderiam definir os padrões para essa nova área, e conseguiriam financiar o tipo de pesquisa biológica continuada que Masters queria realizar. A receita seria muito maior do que eles jamais haviam sonhado. “Eu vi que havia nisso não só uma grande oportunidade, mas também que, se eles não topassem, as outras pessoas que estavam abrindo clínicas de terapia sexual pelo país iriam aproveitar e ocupar o mercado”, explicou ele. Mas Masters não deu ouvidos. “Nós somos uma unidade de pesquisa, não uma linha de produção”, insistia ele. A visão de Virginia a respeito de abrir franquias de sua criação era mais prosaica ainda. Satisfeita com a quantia de dinheiro que já vinha entrando, ela achava que nenhum dos dois era particularmente talhado para os negócios. Concordou com o marido, achando que deviam se ater à própria clínica em vez de tentar gerenciar outras. “Não importa o quanto você treine, as pessoas sempre vão fazer o que elas querem fazer como terapeutas, por isso simplesmente não vale a pena”, explicou ela. Mesmo aqueles que eram simpáticos ao ambicioso plano de Kolodny sabiam que ele não se encaixava no estilo de vida de Bill e Gini, ou no seu senso de missão. “A ideia de uma franquia nunca

teria dado certo”, observou Rose Boyarsky. “O que eles faziam era orientar um monte de gente, que depois ia embora e fazia do jeito que achava melhor. Quando Bob Kolodny pensou em abrir uma franquia, já era tarde demais.”

O tratamento do rico empreendedor imobiliário de Nova York Arthur Levien e sua esposa foi deixado a cargo dos coterapeutas Sallie Schumacher e doutor Richard Spitz. Normalmente, Bill e Gini teriam lidado com o caso dos Levien, ainda mais devido ao seu status de doadores. Mas, no início da década de 1970, Masters e Johnson eram celebridades (“pelo menos estavam tão firmemente impressos na mente das pessoas quanto Procter & Gamble ou Benson & Hedges”, observou o escritor de ciência, Albert Rosenfeld), e sua agenda de compromissos e acúmulo de pacientes levaram-nos a passar os Levien para seus confiáveis parceiros. Eles não sabiam, porém, que tanto Sallie Schumacher quanto Spitz tinham planos de ir embora. Privadamente, Spitz abordou colegas a respeito de cair fora e montar uma coisa deles. “Dick tentara convencer Mae [Biggs, outra terapeuta] e a mim para sairmos e montarmos nossa própria clínica na mesma rua, o que foi uma má leitura de onde eu depositava minha lealdade”, Kolodny lembrou. Sallie, melhor terapeuta do que Spitz, planejava sair logo, mas não tinha certeza de quando seria.

Sallie Schumacher, casada, mãe de cinco filhos, morava nos subúrbios de St. Louis com o marido, Al Schumacher, professor de uma escola luterana vizinha. “Eles [Masters e Johnson] apreciavam o fato de eu ser casada e ter filhos”, lembrou ela. “Gostavam de contar com pessoas que tivessem famílias e estivessem assentadas.” Ela era recém-formada por uma faculdade de pedagogia do Nebraska, mas já com quase quarenta anos de idade decidiu voltar a estudar, para obter graduação em psicologia na Universidade de Washington. Ela ficou sabendo do trabalho da clínica durante uma palestra de Masters e se juntou a eles em meados da década de 1960. Como outros na equipe, nunca

recebera nenhuma educação formal em sexo. Como sinal de sua lealdade, Masters e Johnson dispensaram agradecimentos a Sallie nominalmente em seus dois livros – a única na equipe a receber essa distinção.

Arthur Levien aspirava ao melhor, como seria de esperar de um homem que construía um edifício insosso e imenso na Quinta Avenida de Manhattan e lhe dera o nome de Olympic Tower. No início da década de 1970, sua empresa imobiliária se associou ao magnata grego Aristóteles Onassis (então casado com Jacqueline, a viúva do presidente John F. Kennedy) para erguer um mastodonte de cinquenta apartamentos duplex, que apequenou os pináculos góticos da sua vizinha Catedral de St. Patrick. A fortuna de Levien, derivada principalmente da construção de shopping centers, permitiu-lhe contribuir com 100 mil dólares para a clínica de Masters e Johnson. “Pacientes agradecidos eram uma fonte muito boa de dinheiro”, explicou Torrey Foster, primeiro advogado da clínica, lembrando-se de como Masters cultivava patrocinadores para manter suas finanças em dia. Mas, no caso do casal Levien, a falta de disponibilidade de Bill e Gini deixou uma sensação de que não haviam sido tratados com a devida deferência. “Eles ficaram realmente contrariados por não terem sido atendidos por Masters e Johnson”, lembrou Shirley Zussman, uma terapeuta que mais tarde trabalhou com Sallie. “Eles eram aquele casal rico, bem-sucedido, acostumado com ‘o melhor’. Não tinham ideia de que Sallie era talvez melhor, ou no mínimo tão maravilhosa quanto Masters e Johnson.” Para surpresa dos Levien, eles acharam Sallie excepcionalmente eficaz, o que levou Arthur Levien a dar um passo adiante. Ele fez contato com o Jewish Medical Center de Long Island e ofereceu uma doação ainda maior – \$1 milhão – para um novo centro de terapia sexual perto de sua casa.

Salli virou a nova diretora. “Eu estava procurando ofertas de emprego – e peguei a melhor que apareceu”, explicou. “Pouquíssimas pessoas sabiam algo sobre isso [terapia sexual]. Era uma área estimulante e as pessoas queriam abrir clínicas.” Mas, quando Masters e Johnson descobriram, ficaram furiosos e deixaram implícito que aquilo fora uma falta de ética. “Ela não era

exatamente uma alma leal”, Virginia fustigou mais tarde. Não houve confrontações iradas, embora Masters e Johnson se recusassem a aceitar sua partida. Pegos de surpresa, os dois pareciam esquecer que essa reação deles era contraditória. Afinal, haviam se comprometido publicamente a treinar outras pessoas, então por que seus colegas não poderiam disseminar a novidade da terapia deles? De qualquer modo, a demissão dela foi agravada pelo fato de eles perderem a generosidade de Arthur Levien. Sallie Schumacher insiste que nunca fez nada de impróprio para ganhar o apoio de Levien. “Acho que eles não ficaram muito felizes ao ver alguém saindo para se estabelecer por conta própria, mas nunca declararam isso diretamente”, declarou. Ninguém revelou à equipe qual tinha sido o motivo da saída dela.

A atmosfera de isolamento que cercava a clínica de Masters e Johnson – onde as salas tinham microfones abertos ligados a gravadores e a privacidade e a confidencialidade dos pacientes eram muito valorizadas – ficou ainda mais intensa. Clientes famosos ou ricos não tinham mais seus nomes revelados a não ser para Bill e Gini. Terapeutas que queriam realizar alguma atividade fora da clínica primeiro tinham que obter sua autorização. De fato, quando June Dobbs Butts, a única terapeuta afro-americana da equipe, tentou escrever um artigo para a revista *Ebony*, encontrou inúmeras dificuldades. “Eram 1.000 dólares [o pagamento pelo artigo] e eu disse: ‘Eu vou ter que repassar esse dinheiro a vocês?’ E eles disseram: ‘Depois a gente conversa sobre isso’”, June lembrou. “Eles levaram isso tão a sério quanto o milhão da Sallie Schumacher.”

A intenção de Masters e Johnson de ensinar ao mundo seus métodos agora parecia minada pelos membros de sua equipe que os abandonavam e por estranhos que sem o menor constrangimento exploravam suas técnicas com o fim exclusivo de lucro. Até mesmo charlatões e picaretas, com suas ofertas enganosas, usavam Masters e Johnson como referência. “Quanto lixo existe nessa área e quanta gente sem a menor credibilidade!”,

Virginia lamentou na imprensa. “Não chega a haver uma dúzia de pessoas nessa área que saiba sobre o que está falando.” Não se esperava que as coisas fossem ficar desse jeito. O espírito coletivo de Masters e Johnson pedia clínicas de terapia sexual dirigidas por médicos, enfermeiras e terapeutas bem treinados em hospitais e universidades. “Há vários caminhos para se chegar ao alto da montanha, mas a maioria parte do acampamento de base estabelecido por Masters e Johnson, que nesses tempos apressados já se tornaram para a terapia sexual o que Freud é para a psicoterapia”, proclamava a revista *Science*. Mas, se Bill e Gini esperavam um bando fiel de discípulos, isso claramente não iria acontecer. “A gente quase não tem seguidores”, admitiu Masters em 1975. “Ainda estamos totalmente sozinhos.”

Além disso, a maioria de seus imitadores não tinha preparo médico. O conselheiro matrimonial da Califórnia, William Hartman, e sua associada, Marilyn Fithian, combinaram os métodos de Masters e Johnson com os seus, que envolviam projetar filmes mostrando casais fazendo sexo, submeter os clientes a hipnose e realizar exames “sexológicos”. Para romper com tabus culturais “negativos” dos clientes, do mesmo modo que Masters e Johnson faziam com sua “abordagem das sensações”, Ted McIvenna, um clérigo e autoproclamado sexólogo do National Sex Forum de São Francisco, começava exibindo filmes sobre relações sexuais com animais, masturbação e sadismo num dia, e filmes sobre a “expressão sexual boa e normal” no dia seguinte. Práticas mais questionáveis foram examinadas numa audiência de 1972 no Estado de Nova York, com evidências de diplomas falsos, taxas exorbitantes e abuso sexual. Essa mixórdia de especialistas não qualificados incluía criminosos e gente mentalmente doente. Eles misturavam sua chamada terapia sexual com ingredientes como Gestalt, bioenergética, psicodrama e diversas formas de feminismo, aconselhamento familiar e religião. Alguns terapeutas autolicenciados simplesmente inventavam suas próprias credenciais ou deixavam de oferecer qualquer prova publicada de que seus métodos poderiam funcionar. Os piores casos beiravam o estupro. “Temos encontrado o que parece ser um padrão chocantemente

disseminado de 'terapia sexual' onde terapeutas homens incentivam clientes mulheres a se envolverem em atividades sexuais com eles, sob a alegação de que isso é necessário para o bem-estar da cliente", acusou Stephen Mindel, então assistente de promotor público em Nova York.

No entanto, naquele clima moral em transformação de meados da década de 1970, onde práticas antes proibidas eram agora toleradas, nem todo mundo condenava o contato sexual entre terapeutas e pacientes. A Associação Americana de Psiquiatria emitiu uma severa repreensão, mas a maioria dos terapeutas sexuais não pertencia a esse grupo mais bem preparado em termos médicos. Entre os psicólogos, os padrões pareciam ser mais vagos. Em sua convenção de 1975, a Associação Americana de Psicologia não incluiu uma proibição de contato sexual entre terapeuta e paciente em seu código de ética profissional. A revista *Reader's Digest* advertiu que "um promissor novo campo de pesquisa médica está sendo conduzido por hordas de charlatães" e citou numerosas aberrações que ocorriam pelo país. "O fato chocante é que qualquer um pode pendurar uma placa em qualquer Estado e se autodenominar terapeuta sexual", afirmava a revista. "Não há nenhum Estado que estabeleça um padrão mínimo de instrução ou de experiência ou que publique um código de ética ao qual eles tenham que se submeter."

Este escândalo das falsas clínicas de sexo afligia Bill Masters. Durante anos na Universidade de Washington ele havia advertido que não estava sendo ministrado treinamento sexual suficiente aos médicos e outros colegas médicos qualificados. Seus livros com Virginia Johnson identificaram muitos distúrbios sexuais frequentes, mas poucos na medicina estavam preparados para lidar com essa necessidade gritante dos pacientes. A torrente de falsificações e fraudes que invadiu o novo campo da "sexologia" – em grande parte atribuído a Masters e Johnson – deixou-o profundamente perturbado. "O principal estímulo para essas fraudes sexuais parece ser o dinheiro", Masters advertiu em 1974. "O campo atual da terapia sexual é dominado por uma impressionante variedade de incompetentes, chefes de cultos, místicos, amadores bem

intencionados e arrematados charlatões.” Antes que a Associação Americana de Psiquiatria o fizesse, Masters já advertira que os pacientes com problemas sexuais eram particularmente vulneráveis a serem manipulados. Ele pedia acusações formais de estupro a terapeutas que se envolvessem em relações sexuais com qualquer paciente que “não seja capaz de dar uma permissão objetiva” sob as circunstâncias. “Se mais pessoas se dispusessem a apresentar essa acusação, o problema seria atenuado”, Masters insistia.

Desapontado com a morna reação de outros grupos profissionais, Masters decidiu que a sua fundação deveria “dar o primeiro passo” para a definição de uma moldura ética para a pesquisa e para a terapia sexual. Durante uma conferência em janeiro de 1976 em St. Louis, trinta e dois especialistas, incluindo tanto críticos e amigos de longa data como o doutor Paul Gebhard do Instituto Kinsey, discutiram quais seriam as qualificações para ser terapeuta sexual, incluindo uma habilitação mais rigorosa, assim como medidas disciplinares para aqueles que se envolvessem em sexo com pacientes. Médicos e psiquiatras se juntaram a especialistas de outros campos, mas, apesar de sua expectativa de um consenso, nem todos concordaram com os padrões éticos. A maioria fazia cara feia para o uso de parceiros sexuais substitutos, que Masters assegurou a todos que sua clínica não mais utilizava depois de doze anos, porque um número excessivo de mulheres “perdia de vista seu papel de parceira substituta e assumia o papel de pseudoterapeuta”.

Sua conclamação a um maior escrutínio e a padrões profissionais dentro da terapia sexual aos poucos foi ganhando terreno. Mais escolas de medicina incorporaram treinamento específico em seus estudos, e grupos existentes, como a Associação Americana dos Educadores, Conselheiros e Terapeutas de Sexualidade, expandiram seu foco da educação sexual nas escolas para abranger a necessidade de cuidados clínicos entre os americanos adultos. Fato mais significativo, foi criada uma das novas associações profissionais da área – a Sociedade para Terapia e Pesquisa sobre o Sexo –, no mesmo ano da conferência sobre ética de Masters e Johnson. O primeiro presidente do grupo, doutor Don

Sloan, recebera treinamento na clínica de Masters e Johnson, assim como o presidente eleito no ano seguinte – Sallie Schumacher. Em 1985, o primeiro prêmio da organização pelo conjunto da obra foi concedido a Masters e Johnson, os criadores da moderna terapia sexual. A partir de então, o prêmio anual da sociedade teria o nome da dupla, como reconhecimento pelos milhões ao redor do mundo que haviam sido auxiliados pelo seu histórico trabalho.

O vínculo de prazer

"Quando um assunto é muito controverso – e toda questão sobre o sexo é – você não pode ter a expectativa de estar dizendo a verdade. Só pode mostrar como chegou a sustentar a opinião que sustenta, seja qual for."

– VIRGINIA WOOLF, *Um teto todo seu*.

Quando viajavam, Masters e Johnson agiam como dois velhos artistas de vaudeville, cada um sabendo o que o outro iria dizer. "Desenvolvemos o que a gente costumava chamar de nosso número de música e dança", Gini lembrou, como se ela por fim tivesse encontrado seu palco. Na década de 1970, eles se tornaram uma grande atração, fazendo turnês várias semanas por ano pelo país. Falavam em fóruns acadêmicos, seminários médicos, convenções de enfermagem, simpósios de psicologia e universidades que se dispunham a pagar seu alto cachê. Lotaram auditórios em Tufts, Notre Dame e nas cavernosas casas de campo de Syracuse onde eram disputados jogos de basquete, dando palestras a formandos ansiosos para ouvi-los. Embora anunciados como o duo que inspirara a "revolução sexual" americana, Masters e Johnson agora se apresentavam como algo mais – um par com um casamento feliz, a personificação do sexo e do amor. Eles pareciam tão harmoniosos, tão bem casados, que a plateia podia constatar isso simplesmente vendo-os reagir um ao outro.

De fato, após uma palestra, uma das pessoas da plateia foi até Virginia e disse que não havia conseguido prestar atenção ao

conteúdo da sua fala de tão interessante que achava o toma lá dá cá entre o casal.

“Vocês usam sinais?”, a estranha perguntou à Virginia. “Fiquei tentando adivinhar que sinais vocês trocam um com o outro.”

Gini riu: “O que você está vendo é pura espontaneidade!”

A imagem de Masters e Johnson como um par casado ideal tornou-se essencial ao seu empreendimento. Em público, seus diálogos harmônicos encobriam um relacionamento privado que costumava ser tumultuado. Era uma afinidade que eles só tinham ali. Eram agora conselheiros mais do que cientistas de laboratório. Depois de uma década fornecendo a tão necessária informação médica, incentivando a liberdade sexual da sociedade, eles sentiram que o país precisava de um comprometimento emocional que ia além dos meros desejos físicos. De alguma maneira, seus esforços para livrar os americanos da incapacitante ignorância sexual ficaram associados a uma torrente de filmes pornográficos na cultura popular, como *Garganta Profunda*, ou a redutos do sexo famosos, como o *Plato's Retreat* em Manhattan, e a filmes eróticos leves transmitidos por tevês a cabo, cintilando noite adentro por todo o país. Eles agora falavam sobre o jogo afetuoso e reconfortante entre sexo e amor, de um modo que haviam antes evitado com precisão clínica. “Os aventais brancos, os rostos estudadamente neutros, são coisas do passado”, observou Shana Alexander da *Newsweek* em 1975. “No lugar daqueles dois, há agora um par de meia-idade com um casamento feliz, simplesmente Bill e Gini, os ‘Ma and Pa Kettle’⁹ dos terapeutas sexuais.”

Durante anos, eles propositalmente evitaram a palavra “amor”, em geral por insistência de Masters. “Ela significa muitas coisas diferentes, para diferentes pessoas”, declarou ele. Se uma emoção não podia ser definida e empiricamente observada, Bill parecia não se interessar por ela. “A civilização ocidental tornou difícil para as pessoas aceitarem a sexualidade, portanto a terminologia acabou se reduzindo a ‘fazer amor’”, observou ele. “Mas o sexo pode também ser um ato de ódio, de conforto, de alegria ou de dor.” Quando o psicólogo Rollo May se queixou de que seus dois

primeiros livros eram obcecados pela mecânica mais do que pelas emoções, Masters replicou: "O doutor May se especializou no amor, e nós não podemos supor saber qualquer coisa a respeito." Mas outros críticos martelaram nesse ponto. A escritora conservadora Midge Decter chamou os dois de "engenheiros sexuais fúteis". A psiquiatra Natalie Shainess rotulou Masters e Johnson de "sacerdote e sacerdotisa" que despiram "o ato sexual dos estados de ânimo, sentimentos e emoções de desejo e amor", contribuindo com a "onda de literatura e filmes pornográficos".

Embora Masters tenha descartado essa crítica, ela incomodou Virginia. Nas sessões de terapia, sua orientação com frequência era tentar colocar o sexo no contexto do amor humano. Ela simplesmente não via o sexo com o mesmo distanciamento de Masters. Embora tivesse feito eco às suas opiniões quando os livros dos dois foram lançados, ela aos poucos mudara de enfoque, e expressava isso cada vez mais nas colunas da *Redbook* que escrevia em nome de ambos e nas suas entrevistas para a imprensa. "Espero que todo esse mito sobre a mecânica vá pelo ralo – estou cansada disso", disse ela. Em 1975, a combinação de amor e sexo se consumou quando seu editor lançou *The Pleasure Bond* ["O vínculo do prazer"], uma popularização não técnica de suas orientações, com o subtítulo "Um novo olhar sobre a sexualidade e o compromisso". Robert J. Levin, seu editor na *Redbook*, juntou tudo isso, expondo uma ampla gama de opiniões sobre sexo antes do casamento, casos extraconjugais, divórcio, criação de filhos, liberação feminina e alguns fenômenos estimulados pela mídia, como os casais "swingers" dos subúrbios, que ocasionalmente trocavam de parceiros em algumas "festas privadas". Masters tentou manter sua objetividade científica, mas era arrastado relutantemente para o debate sociológico. "Vou evitar dar uma resposta – por uma razão muito boa", contou a um casal que praticava o swing e queria saber se seu comportamento era normal. "Nós temos uma filosofia bem definida; não devemos julgar. E a não ser que a gente saiba a resposta, ou pelo menos tenha uma razoável certeza dela, preferimos não dá-la." Sempre um investigador médico, Masters preferia dar a conhecer a sua

observação direta, como o fato de perceber que na primeira hora de sono após o intercuro a mulher pós-orgásmica tendia a se mover mais para perto de seus parceiros homens na cama, enquanto os homens não se mexiam absolutamente. Mas a maior parte desse livro enfatizava a fidelidade, o vínculo emocional, a lealdade e o compromisso matrimonial como pontos-chaves para um prazer sexual mútuo. Sua mensagem diferia muito da mensagem de livros autorreferenciados, como o de Alex Comfort, *The Joy of Sex* ["O prazer do sexo"], e outros manuais práticos da década de 1970 – uma era que o escritor Tom Wolfe apelidou de *Me Decade* ["A década do eu"]. Entre os casais mais felizes, descobriram eles, "parece ser uma questão de lógica elementar: o amor leva ao sexo, que leva a um amor maior, que por sua vez leva a um sexo melhor – e assim por diante". Sem tabelas, gráficos de eletrodos e desenhos de anatomia de casais nus, esse era um livro bem mais de Virginia do que de Masters. Ela tratava de questões do coração, na mesma medida em que tratava de qualquer outro órgão. "A gente intencionalmente procurou manter tudo o que fosse afetuoso ou humanístico de fora dos manuais de medicina", ela explicou, como se agora estivesse corrigindo alguma deficiência. "Quando alguma coisa vai mal, os casais não querem saber qual é o nível de batimento cardíaco."

Com o desregramento da revolução sexual, eles agora usavam o freio cada vez com maior critério. Num capítulo intitulado "O que a fidelidade sexual significa no casamento", elogiavam os líderes religiosos por terem rompido as velhas correntes do dogma moral que condenava a sexualidade humana já de cara. Em apenas uma década, a pílula anticoncepcional e outros avanços médicos haviam dado à mulher uma capacidade muito maior de controlar seu corpo, redefinindo as leis e os códigos sociais que antes regiam sua vida sexual. Mas Masters e Johnson advertiam que essa nova liberdade podia ir longe demais, criando uma ambiguidade ética que desestimulava um compromisso leal. *O vínculo do prazer* – inicialmente intitulado *espelho do sexo* – pedia aos leitores que fizessem uma observação de si mesmos, o que refletia uma nação que ainda vivia os espasmos de uma grande mudança social. "Nos

nove anos desde que escrevemos nosso primeiro livro, o pêndulo oscilou muito”, Masters observou, “e estamos agora achando que ele está oscilando de volta um pouco”. Pela primeira vez em turnê como um par casado, eles repetiam sua reconfortante prescrição de amor e sexo a todas as plateias, e em todas as entrevistas de jornal e aparições na televisão. Enquanto alguns criticavam seu estilo de escrita desajeitado e sua tendência a tratar de trivialidades, o *New York Times* saudou seu novo livro como “um clarim de sanidade numa revolução sexual que deixou muitos de nós órfãos, sedentos por algo que possa nutrir emocionalmente e que possamos acrescentar à nossa dieta, restrita a apenas a ter cada vez mais sexo prazeroso e viver só do essencial, no limbo da nossa imaginação”. Mencionar “palavras embaraçosas como compromisso e amor”, concluiu o *Times*, parecia quase tão “ousado e moderno” como seus primeiros livros que detalhavam a função sexual.

Para os Estados Unidos, Masters e Johnson pareciam compartilhar uma lição de sua própria vida juntos. Seu tom sereno e sua mensagem otimista davam a impressão de um casal que havia encontrado êxtase no casamento, e se dispunha a ensinar pelo exemplo.

Bill e Gini conseguiam relaxar quando estavam com os Shepley. As ocasiões em que saíam à noite juntos eram das poucas em que ser famoso não parecia incomodar. Com frequência, eles iam até a casa de Peggy e Ethan Shepley em Kingsbury, não muito longe da Universidade de Washington, ou então os Shepley visitavam os Masters em sua casa na Warson Road, em Ladue. “Na nossa casa, eles eram visitas frequentes”, lembrou Peggy. “Conosco, eles podiam ter uma noite sem outras pessoas, junto com um casal do qual eles gostavam. E a gente fez isso bastante.”

No início, Peggy Shepley havia observado os dois como um casal num sofá de dois lugares na sala deles, pouco antes de se casarem. Ambos pareciam ansiosos para conquistar a aprovação de Ethan, o presidente da sua fundação, em quem eles confiavam e

cuja opinião valorizavam. Mas tinham uma atitude desajeitada, com Bill sentado rígido junto a Gini. “Meio aninhados, perto um do outro, não íntimos, mas acomodados juntos”, Peggy descreveu. “Bill Masters não era um homem romântico. Eu não via esse lado nele. Um clínico, isso era o que eu via nele.”

Gini Johnson, apesar do seu considerável encanto, parecia sozinha, alguém à procura de uma verdadeira amizade. A estranha combinação de celebridade e segredo que envolvia a clínica tornava qualquer interação social difícil, sempre permeada por um pouco de suspeita. “Ela era muito resguardada e tinha que ser”, explicou Peggy. “Ela não sabia quem é que estava apenas atrás de bisbilhotar coisas.” Embora os homens ainda achassem Gini atraente em seus quarenta e poucos anos, as mulheres continuavam a vê-la como uma ameaça. Nos círculos sociais de St. Louis, as esposas entreouviam fofocas sobre o divórcio de Bill, ou talvez conhecessem Libby Masters pessoalmente, e já haviam determinado de antemão que não se devia incentivar amizade com Gini. Ela era uma das figuras mais conhecidas em St. Louis, mas era diferente da maioria das mulheres. Poucas da sua geração pós-Segunda Guerra Mundial haviam trabalhado a vida adulta delas inteira, e com certeza nenhuma havia lidado publicamente com um assunto tão volátil quanto o sexo.

A extraordinária aclamação que ela recebera por seu trabalho com Masters fazia com que se visse como uma estrela, se bem que com um persistente sentimento de que não estava à altura disso. Depois de quase duas décadas, Virginia ainda precisava conseguir o que ela originalmente havia definido como meta na Universidade de Washington – um diploma. “Quando me aplaudiam e me pediam autógrafos durante todos os anos naquela área [terapia sexual], eu costumava ficar um pouco embaraçada”, admitiu ela. Por vários anos, ela tentou obter um doutorado, e falou com Emily Mudd, uma de suas maiores apoiadoras, que iniciara seu serviço de aconselhamento familiar na Filadélfia em meados da década de 1930 sem diploma universitário. Mudd, que acabou se graduando pela Universidade da Pensilvânia, ofereceu-se para ajudar Virginia a conseguir se graduar ali, com base em parte no trabalho

profissional que ela já realizara. Masters, porém, rapidamente vetou a ideia. Virginia mencionava com tanta insistência um retorno à escola que os colegas questionavam seu desempenho. Outros detectavam um sentimento de inferioridade por trás de seu verniz público refinado, e percebiam as restrições que seu marido lhe impunha. “Gini ficava claramente perturbada por não ser formada – era uma área sensível”, lembrou June Dobbs Butts. “Bill tinha um monte de características machistas. Acho que, se ele tivesse ajudado Gini a voltar para a escola, ele a teria ajudado muito mais, porque era isso o que fazia ela se sentir em falta.”

Apesar de suas preocupações, tornadas públicas, sobre a necessidade de os terapeutas sexuais terem credenciais adequadas, Masters não dava ouvidos àqueles que criticavam a falta de diploma de sua parceira, e em vez disso apontava para as realizações dela. “O histórico disciplinar para esse trabalho na realidade não importa muito”, insistia ele. “Não existe nenhuma disciplina que eu possa dizer que seja absolutamente vital para o programa.” Mesmo aqueles que no início duvidavam, como o doutor Paul Gebhard do Instituto Kinsey, creditavam a ela a criação da superbem-sucedida abordagem terapêutica de Masters e Johnson. Num seminário de verão, Gebhard viu Masters expor sua fala padrão sobre a fisiologia do sexo. Então, quando chegou a vez de Virginia falar sobre a terapia sexual que levava o nome deles, Masters saiu da sala. “Algumas das apresentações dela se encaixavam muito bem no clima cultural daquela época, e ela era muito popular”, lembrou Gebhard, que ficou surpreso com a reação de Masters, que não foi abertamente hostil, mas certamente não se mostrou muito incentivador. “Bill não iria se juntar à plateia para ficar pensando também nos nomes diferentes pelos quais o pênis era chamado. Ele não condenava, mas também não participava, porque para ele aquilo não era ciência.”

Gebhard acabou perguntando a Masters por que ele não ficava para assistir à metade da apresentação conjunta deles que era feita pela esposa.

“Essa não é a minha praia – é o negócio da Gini, não o meu”, Masters disse. “Eu sou um cientista pesquisador, interessado em

comportamento físico. O reajustamento da atitude sexual não me interessa.”

Conforme seu casamento progredia, Gini ressentia-se ainda mais de Bill por ele não reconhecer o quanto um diploma significaria para ela. Masters expunha suas objeções numa atitude paternalista, escolhendo bem as palavras, num tom cuidadoso que não gerasse brigas. Ele prometia o que ela quisesse – reformar a casa, mudar para outra, dar a ela uma sala na clínica maior que a dele – desde que tudo continuasse na mesma. “Eu acho que ele jogava comigo, como se eu fosse um instrumento musical”, ela lembrou. A sugestão nos escritos de Masters e Johnson propondo maior envolvimento emocional nas relações – a noção de que o sexo poderia não ser suficiente sem um verdadeiro amor – sem dúvida levava a marca dela. Os jornalistas que perguntavam sobre o casamento dos dois achavam intrigante que nenhum deles conseguisse lembrar em que momento haviam decidido se casar.

A falta de habilidade de Bill em ter convívio social e relaxar – em escapar das constantes exigências de suas carreiras – começou a pesar mais para Gini depois que eles se casaram. Embora ela parecesse descontente com sua falta de amigos, ele continuava perfeitamente satisfeito. Em St. Louis, Ethan Shepley sentiu-se honrado a ser escolhido “padrinho” de Bill, embora os dois homens não tivessem muito em comum além da fundação, lembrou Peggy Shepley. “Acho que havia uma razão pela qual eles estavam sempre pesquisando. Acho que era aquilo que os reconfortava, e não seu relacionamento pessoal.”

Em casa, a vida conjugal de Masters e Johnson parecia um estudo de contrastes. Se ela encontrava prazer na música e nas belas-artes, ele preferia assistir ao futebol pela televisão. Em posição de destaque na sua parede, uma grande tela em cores abstratas retratava a violência do jogo, com jogadores de capacete trombando uns com os outros. “Você quase conseguia ouvir os ossos quebrando”, lembrou June Dobbs Butts, que ficou hospedada na casa assim que se juntou à equipe. “Eu disse: ‘Meu Deus do céu, eu não acho que esse pintor goste de futebol!’”

Masters deu um sorriso orgulhoso e desafiador. “Esse é o meu quadro favorito!”, ele retrucou.

O futebol, com seus movimentos primários, apelava aos instintos masculinos de Bill. Assistir aos jogos das tardes de domingo, ou às retrospectivas de segunda-feira à noite, era um dos poucos passatempos realmente prazerosos da sua vida. “Ele fazia uma piadinha, dizendo que, quando eles tinham algum tempo para namorar, ele sintonizava no jogo de futebol e Gini ia lá e desligava”, lembrou June. Sua devoção ao futebol alimentou seu interesse pelos Wilkinsons, um dos poucos casais em St. Louis com os quais Masters e Johnson tinham vida social. Durante anos, Bud Wilkinson foi o celebrado técnico – integrante do Hall da Fama – do time de futebol da Universidade de Oklahoma. Ele havia sido também um *quarterback* famoso, bonito, de cabelo encaracolado, e depois em 1965 passou a trabalhar na rede ABC de televisão como comentarista do jogo universitário da semana. Em 1978, fez um retorno triunfal à atividade de técnico para liderar os St. Louis Cardinals, o time de futebol profissional da cidade, pelo qual Masters torcia. Wilkinson se divorciara de sua primeira mulher de trinta e sete anos de idade, Mary, em 1975, casando-se de novo pouco depois. Antes de Wilkinson se mudar para St. Louis com sua segunda esposa, Donna, eles receberam uma chamada dos Masters, arrumada por um contato mútuo. “Isso iniciou um longo período de amizade, quando jantávamos juntos com frequência”, lembrou Donna Wilkinson. “Bill vinha e ficava assistindo aos jogos de futebol com o Bud. Era maravilhoso ter os dois como amigos, gente com quem você se sentia à vontade e podia contar tanto no que se refere à descrição como a um apoio genuíno.” E, como fizeram com outros conhecidos, Bill e Gini acabaram contratando Donna Wilkinson para o seu conselho diretor da fundação. Embora soubesse pouco de medicina ou terapia psicológica, Donna concordou prontamente. Os Wilkinsons instalaram-se de vez em St. Louis, embora o trabalho de Bud como técnico dos Cardinals não durasse muito tempo. Depois de menos de duas temporadas, com um histórico de 9 vitórias e 20 derrotas, o time demitiu Wilkinson sem a menor cerimônia. Apesar dessa

humilhação pública, Gini continuou amiga de Donna e achando ótima a convivência social, junto com ambos os maridos. Nas reuniões na época do Natal, Gini aproveitava para cantar, como fazia na base do Exército durante a Segunda Guerra Mundial. “A gente se reunia para cantar em festas e eu sempre convidava os dois porque Gini tinha uma voz maravilhosa”, explicou Donna. “Meu marido adorava cantar, então era muito divertido.” Os Wilkinson gostavam muito da companhia dela, mas eram mais ambivalentes em relação a Masters. “Gini era muito afetuosa, muito expansiva e muito acolhedora, enquanto Bill era bem mais reservado”, Donna lembrou. “Ele não era do tipo que se permite ficar batendo papo à toa.” Nas reuniões, Masters só queria conversar sobre futebol, e ficava importunando Wilkinson, o técnico, perguntando o tempo todo sobre o próximo jogo e o último. “Bud achava ele um chato, honestamente”, Donna admitiu. “Ele [Bill] acreditava que também poderia ser técnico.” Uma vez, enquanto Donna batia papo no telefone com Gini, Bill de repente pegou o aparelho e perguntou pelo marido dela. Era claro que ele queria falar sobre futebol. Entroouvindo os comentários da esposa, o rosto de Bud Wilkinson se encheu de horror. Ele começou a fazer sinais para cortar qualquer probabilidade de ter que discutir sobre futebol com Bill Masters.

“Por favor, por favor”, o astro do Hall da Fama cochichou para a mulher. “Diga que eu não estou em casa.”

Masters tinha dois dobermanns em Ladue, animais poderosos, dos quais ele cuidava e dava banho com afeto. Na verdade, em sua autobiografia não publicada ele gastou mais tempo descrevendo sua relação com os dobermanns do que com qualquer de suas esposas ou seus dois filhos. Uma noite em que Bill e Gini tinham saído, a filha adolescente dela, Lisa, estava assistindo à televisão no tapete com um novo namorado quando um dos cachorros atacou. “Um dos dobermanns abriu um rasgo no rosto do namorado da menina – literalmente arrancou um pedaço”, lembrou o doutor Robert Kolodny, que vivia perto e foi logo lá ajudar. “Precisei chamar um cirurgião plástico e lidar com aquela

emergência. Foi uma situação bastante assustadora. [Depois] Bill ficou muito indignado com a coisa toda.”

As questões de família agora eram um fator cada vez menos importante na vida de Masters. Durante um verão ou dois, sua filha Sali trabalhou no seu consultório de ginecologia e obstetrícia, ajudando no serviço burocrático, mas, ao terminar a faculdade, mudou-se e foi viver sua vida. Depois de se formar no Hamilton College, o filho de Masters, Howie, decidiu ficar na Costa Leste, onde mantinha o relacionamento com seu pai por telefone. Na sua idade, porém, Masters parecia cada vez mais mal equipado para qualquer vida fora do laboratório. “Ele não ia a festas, não convivia socialmente”, lembrou Howie. “Ele não tinha vida fora daquilo. Não havia tido vida com os filhos e nem com amigos.” Nas viagens que Howie fazia de vez em quando para ver sua mãe, Libby, às vezes passava pela casa do pai para vê-lo, na Warson Road. Ele notava as pequenas mudanças na aparência do pai – as tentativas que Virginia fazia para atualizar o guarda-roupa dele para o estilo mais informal da década de 1970. Mas os esforços para atenuar os cantos vivos de sua personalidade pareciam bem menos eficazes. “Eu acho que ela tentou”, explicou Howie. “Eu via meu pai vestido de jeitos que ele nunca adotara antes. Gini queria incentivar a vida social. Ela o arrastava para fora de casa, mas contra a vontade dele. Tenho certeza de que isso tirava Gini do sério. Ela teria muito trabalho se quisesse mudá-lo. Obviamente não conseguiu. Mas eu não a culpo por ter tentado.” Se Gini se casou com Bill na esperança de que ele, como padrasto, iria ajudar a criar e orientar seus dois filhos, logo deve ter percebido seu erro. “Não acho que nenhum dos dois filhos dela desse muita bola para o meu pai”, observou Howie. “Acredite em mim, meu pai não iria se insinuar nesse papel porque não era um papel no qual ele se sentisse bem. Não consigo imaginar que aquele fosse de fato um lar feliz. Simplesmente não consigo. Graças a Deus, minha irmã e eu já éramos velhos o suficiente para nos virarmos por conta própria. Não era essa a vida que tínhamos que viver.”

Por volta do final da década de 1970, a comunicação do dia a dia entre marido e mulher – a conexão emocional que Masters e

Johnson diziam ser tão importante para um “vínculo de prazer” no casamento – estava praticamente ausente de sua própria vida em comum. O segredo entre eles – que não amavam um ao outro – agora ficava evidente para os que trabalhavam com os dois e para os seus conhecidos, que viam esse paradoxo, mas não entendiam as razões subjacentes. A verdadeira felicidade parecia existir apenas quando apareciam num palco, quando um completava a frase do outro e falava com palavras reconfortantes para uma plateia.

“Quando penso neles, penso na pressão”, explicou Peggy Shepley. “Não penso nos dois juntos. Penso nas forças que os estavam moldando. Penso em Gini como uma mãe que não conseguia ser mãe, uma esposa que não era uma esposa. E Bill era pai e marido, mas não de fato. Acho que eles eram muito públicos, não consigo imaginá-los como íntimos.”

[9](#) *Ma and Pa Kettle* era um seriado cômico de tevê, muito popular, lançado em 1949, retratando um casal caipira com quinze filhos e os choques entre seu estilo de vida e valores rurais e o estilo e valores da cidade grande. (N. do T.)

Guia para as estrelas

A maioria dos americanos conhecia Barbara Eden, a saltitante estrela de corpo bem desenhado de *Jeannie é um gênio*. Nesse seriado de tevê da década de 1960, ela fazia o papel de um gênio que saía da lâmpada depois de vários séculos e dizia “Sim, meu Amo” toda vez que o astronauta da NASA interpretado por Larry Hagman a chamava. O país inteiro a amava e o seriado teve um surpreendente sucesso.

Quando os produtores de Eden tentaram fazer seu umbigo aparecer, numa cena rápida, acima de suas calças de harém, os severos censores da rede de televisão NBC emitiram um decreto dizendo “Umbigo, não”. Os Estados Unidos não estavam prontos para uma exposição chocante como essa, avaliaram eles, o que gerou muita publicidade. No passado, as comédias de tevê sobre a vida dos casais, como *I Love Lucy*, estavam proibidas de usar a palavra “grávida”. Só recentemente é que *Bewitched* mostrou uma cama conjugal compartilhada em vez das camas de solteiro habituais de Rob e Laura Petrie em outra *sitcom*, *The Dick Van Dyke Show*. Antiga miss e animadora de torcida, Bárbara soube aproveitar bem sua notoriedade. Ao lhe perguntarem sobre o escândalo do “umbigo”, ela provocou: “Eu acho que a emissora de tevê sequer sabia que eu tinha umbigo!”

O apelo sexual teve grande papel na carreira de Barbara em Hollywood. Sua aparência saudável, bem americana, rendeu-lhe participações em numerosos especiais de televisão de Bob Hope. Coestrelando em 1961 o filme de ficção científica *Voyage to the Bottom of the Sea* ["Viagem ao fundo do mar"], Barbara fez o papel de uma secretária de corpo escultural, e trabalhou com o marido, Michael Ansara, um ator novato que ela conheceu num compromisso arranjado por um agente de publicidade da Twentieth Century Fox. Ansara fez vários trabalhos na televisão, como o papel de um guerreiro de Klingon que ameaçava o Capitão Kirk (personagem interpretado por William Shatner) na série original para tevê de *Jornada nas estrelas*. Como convidado no programa de tevê da sua mulher, Ansara fez o papel de Blue Djinn, um poderoso gênio com voz grave e sonora, que fora o responsável por enfiar Jeannie na lâmpada quando ela o rejeitou.

Por volta do início da década de 1970, *Jeannie é um gênio* encerrou sua carreira na televisão e Barbara passou a atuar no palco. Junto com Ansara, ela chegou a St. Louis para estrear uma peça chamada *The Unsinkable Molly Brown* ["O insubmergível Molly Brown"]. Toda noite, a marquise do Teatro Municipal de Ópera anunciava sua participação. De dia, porém, Barbara e seu marido foram discretamente até a clínica de terapia sexual de Masters e Johnson. "A vida era um pouco uma montanha-russa para ela a essa altura", lembrou Virginia, sem citar mais detalhes. "Eles vieram por causa de algo que não estava indo bem com os dois. Mas não se tratava de nenhuma inadequação de qualquer um deles."

Gini adorava fazer contato com atores, políticos e homens de negócios bem conhecidos que passavam pela sua porta. Embora famosos, os Ansara eram como qualquer outro casal emocionalmente vulnerável, procurando ajuda para o seu relacionamento amoroso. Gini gostava particularmente de Barbara e adorou seu desempenho na comédia musical, um relato ficcional de uma garota de uma cidade pequena do Missouri que se casou com um rico e sobreviveu ao desastre do Titanic. Na clínica, Gini relatou a Barbara sua própria experiência com música – cantando

no Fort Leonard Wood e com a banda de jazz de seu ex-marido. Ela costumava encerrar essa recordação saudosa imaginando o que teria acontecido se ela tivesse seguido o desejo do seu coração e se tornado cantora de ópera. Barbara ouviu com simpatia e a fez se sentir lisonjeada com sua deferência. “Ela costuma dizer: ‘Não vou cantar para você porque você canta bem melhor do que eu’”, Virginia relatou. “Não era verdade. Eu não cantava havia anos. Mas ela era uma pessoa muito humilde.” Na época em que eles chegaram a St. Louis, o casamento desse casal de Hollywood já durava há mais de uma década e produziu um filho, Matthew, nascido em 1965. Barbara queria muito dar um jeito no seu relacionamento problemático, mas Virginia não sentiu a mesma disposição no marido da atriz. Dois anos depois de concluir seu tratamento com Masters e Johnson, Barbara divorciou-se de Ansara e começou a namorar um executivo de jornal de Chicago, com o qual também se casou e divorciou. Seu terceiro casamento em 1991 pareceu dar certo.

Como terapeutas sexuais das estrelas, Masters e Johnson adotavam medidas especiais para proteger as celebridades que vinham procurá-los. Virginia camuflava suas identidades com falsos nomes e disfarces, ou marcava consultas em horários especiais, quando só ela e Masters podiam vê-las. À sua maneira, Gini também se sentia uma celebridade. Estava bem a par da intromissão corrosiva de certos repórteres xeretas, alguns deles pagos por tabloides para obter dicas sobre a vida sexual dos ricos e famosos. Às vezes, sua equipe descobria fotógrafos sentados do outro lado da rua com uma teleobjetiva, esperando que algum casal célebre saísse da clínica. Alguns tabloides inventavam falsas histórias. “Os coitados do [Arnold] Schwarzenegger e da Maria [Shriver] foram acusados na primeira página do *Globe* ou de outro jornal do tipo de estarem frequentando a Masters e Johnson, e eles jamais foram lá”, Virginia lembrou. “A gente aprendeu bem cedo que é melhor não desmentir nada, porque isso faz a história ganhar mais vida.”

Proteger a privacidade e evitar a detecção tornou-se a preocupação central do Instituto Masters e Johnson. Os membros

da equipe eram advertidos para não deixar que ninguém de fora soubesse o que eles estavam testemunhando. “Ao sermos contratados, assinávamos todo tipo de papéis [de confidencialidade], dizendo que não iríamos revelar nenhum segredo”, lembrou o terapeuta Thomas P. Lowry. Gini certificava-se de que os pacientes entrassem, se movimentassem e saíssem de suas salas sem qualquer contato com outros pacientes. “Eles tinham salas de espera separadas”, lembrou Sally Bartok, membro de equipe. “Eles iam a extremos para evitar que os caminhos das pessoas se cruzassem.” Com subterfúgios no estilo da CIA, às vezes incentivavam os pacientes a serem evasivos em relação à sua visita. Desde o início, o doutor Robert Kolodny dizia: “Um monte de pessoas recorria ao tratamento de fertilidade como história de fachada para se consultar com Bill e Gini, e até usavam a expressão ‘problema de fertilidade’ como um eufemismo.” Distante de Hollywood e da capital da mídia, Nova York, a cidade de St. Louis contava com seu próprio escudo contra olhares indiscretos. “Eles tinham uma espécie de segurança inerente – uma invisibilidade, com certeza do ponto de vista do meu pai”, lembrou Howie Masters. “Papai com frequência dava risada disso. Ele dizia: ‘Meu Deus, eu não poderia ter escolhido um lugar melhor para fazer uma coisa na surdina!’” No entanto, dentro da clínica, Masters nem sempre seguia suas próprias instruções. Às vezes discutia seus casos com outros terapeutas, alguns dos quais estavam lá apenas em regime temporário. O doutor Marshall Shearer ouviu a respeito do casamento de Barbara Eden porque Bill tocou no assunto. Masters deu a entender que alguns pacientes famosos nunca entraram na clínica, pois ele e Virginia trataram deles em suas respectivas casas.

Com o tempo, a sua casa de Ladue tornou-se uma fonte de mistério. Algumas celebridades vinham para visitas sociais, como o músico Mitch Miller, que fazia modestas contribuições financeiras para a clínica, ou gente da mídia, como a colunista Ann Landers, que queria obter insights do mundo do sexo. Gini era a guardiã do portal em Ladue, um reduto seguro para seus casos mais secretos. “Às vezes, a gente recebia pessoas muito famosas para terapia e

eles se tornavam amigos”, explicou ela. “Políticos famosos, e alguns eram artistas bem conhecidos. Colocá-los em qualquer um dos hotéis teria atraído demais a atenção.” Com sua natureza inquiridora, Virginia adorava conversar com essas celebridades sobre suas carreiras, e cada uma deixou uma memória especial. Pelas fofocas do escritório da clínica, os membros da equipe podiam ficar sabendo quando alguém famoso se hospedava na casa de Ladue, mas em geral não descobriam sua identidade. “Eles raramente falavam a respeito”, explicou a terapeuta Mary Erickson. “Na verdade, muitas vezes a gente não ficava sabendo – o que era ótimo –, porque então eu não precisava guardar segredo.” Doris McKee, que monitorava sessões na clínica, sabia de alguns clientes famosos, mas disse que nesses casos as regras eram diferentes. Em Ladue, não se gravava nada em fita nem se faziam registros permanentes nos arquivos, por receio de que fossem roubados e vendidos a algum tabloide. Os registros eram guardados num cofre na casa de Ladue, onde o casal instalara um sistema de alarme, além dos seus dois dobermanns montando guarda.

A casa de Ladue na South Warson Road era mais contemporânea do que a maioria das outras, protegida por plantas de bom gosto que impediam que alguém visse da rua as atividades da casa. Ao entrar, os convidados passavam por um saguão e podiam seguir por uma de duas rampas – de um lado, até uma espaçosa sala de jantar com cozinha, e do outro, até vários quartos, incluindo a suíte principal com duas camas kingsize juntas. Nos fundos da casa havia um grande terraço, uma piscina em forma de rim e um estábulo, com suficiente espaço em volta para que a filha de Virginia, Lisa, pudesse montar seu cavalo. Quando Cindy Todorovich mais tarde comprou a casa da South Warson, descobriu um painel secreto com um orifício para espiar. “Não estou dizendo que houvesse algo malicioso nisso, mas talvez tivesse a ver com a pesquisa que eles faziam”, lembrou ela. Anos mais tarde, Virginia riu ao saber como os boatos a respeito de sua casa puderam se espalhar tanto. O segredo era necessário para preservar seus clientes, disse ela, particularmente aqueles que tinham mais a perder em ter sua privacidade invadida. Mas isso iria se mostrar

muito difícil com um determinado senador de Nova York e sua linda e jovem esposa.

Numa espreguiçadeira junto à piscina, Jacob K. Javits relaxava no conforto e segurança do quintal dos fundos de Masters e Johnson. Aos setenta e três anos de idade, Javits, um homem baixo e careca, conversava com o doutor Robert Kolodny a respeito de todas as pessoas que ele conhecia, todas as coisas que já havia visto. “Jack era muito aberto comigo”, Kolodny lembrou. Ele se acomodou perto de Javits e Masters com uma sensação de assombro. O jovem terapeuta imediatamente reconheceu Javits, o veterano senador americano de Nova York, um dos homens mais influentes do Congresso. Como Masters e Johnson, Javits também foi capa da revista *Time*, cotado na década de 1960 para ser o primeiro presidente judeu dos Estados Unidos. “Não há nenhum cargo vetado aos judeus agora, nem mesmo a presidência”, observou Javits, prevendo que um membro de sua religião poderia estar na cédula de votação dentro do prazo de uma década. “Seria muito bom se coubesse a mim esse papel.”

Nascido de pais imigrantes no Lower East Side de Manhattan, Javits era a corporificação do sonho americano – um dínamo de trabalho duro e determinação, que assistiu às aulas noturnas da Universidade Colúmbia, formou-se em Direito pela Universidade de Nova York e teve rápida ascensão pelas fileiras do Exército americano até o grau de tenente-coronel durante a Segunda Guerra Mundial. Na volta, foi eleito como liberal republicano para a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos por um distrito tradicionalmente democrata, e mais tarde foi hábil em superar Franklin D. Roosevelt Jr. na nomeação para procurador-geral do Estado. Depois venceu a eleição para o Senado americano e foi o republicano mais destacado na Comissão de Relações Exteriores do Senado. Também republicano, Bill Masters compartilhava as mesmas visões do senador Javits. Eles gostavam da companhia um do outro, o tanto que um médico pode se permitir isso com um paciente. “Ele era um dos homens mais agradáveis que conheci”,

Virginia lembrou. "Se não fosse judeu, teria sido presidente. Eu me sentiria feliz em ser republicana se eles tivessem colocado o Jack Javits na Casa Branca."

Naquela tarde, à beira da piscina, o normalmente diplomático Javits deliciou-os com histórias picantes da capital do país. Ele supunha que nada do que fosse dito privadamente iria vazar. Um escândalo sexual de Washington envolvera o deputado Wilbur Mills do Arkansas, na época um poderoso legislador de impostos e que não conseguiu ser indicado à candidatura presidencial dos democratas para 1972. Em 1974, Mills foi pego bêbado com uma *stripper* argentina conhecida profissionalmente como Fanne Foxe, que tentou escapar dos policiais pulando nas águas da Tidal Basin. O que antes poderia ter sido varrido para debaixo do tapete agora virava notícia nos tabloides, e forçou Mills a renunciar ao seu cargo de presidente da Comissão de Ética da Câmara. Embora obcecados pelas novas liberdades sexuais e pelos direitos das mulheres, os Estados Unidos ainda mantinham um viés muito puritano, hipersensível à licenciosidade. O sexo tornou-se uma arma nas guerras políticas do país, mas não mais do que nos anos à frente, como iriam aprender outros que aspiravam à Casa Branca. Mas, naquela tarde de verão, Javits, ele mesmo de uma velha escola, repetiu o que havia aprendido como veterano contador de casos. "Jack me contou que, se um congressista estivesse andando por uma sala de escritório e visse uma secretária atraente, ele mandava um assessor buscar seu carro", explicou Kolodny. "Então acontecia um passeio de dez ou quinze minutos pelo parque para um sexo oral, caso ele não conseguisse achar espaço em sua agenda para levá-la até seu escritório ou apartamento. Claramente ele me contava essas coisas para me explicar como Washington funcionava." Kolodny, um médico reservado por natureza, ficava impressionado com essas histórias. Segundo a descrição do senador, os congressistas eram "muito bons em manter a fidelidade às suas esposas quando elas estavam residindo em Washington. Mas a fidelidade era um alvo móvel". Durante essas suas visitas, Kolodny nunca encontrou Marion Javits, a esposa do senador, mas ficou sabendo que o casal Javits ficara vários anos em

aconselhamento com Masters e Johnson. “Era claro que Jack voltava por causa de uma conversa agradável”, ele lembrou. “Marion na realidade tinha sua própria vida, o que respondia por grande parte do problema deles.”

Uma mulher dinâmica, vinte anos mais nova que o marido, Marion Javits casou-se em 1947 e logo teve três filhos. Ao contrário da estereotipada mulher de político submissa de sua geração, Marion insistiu em traçar seu próprio caminho. Fez incursões na pintura, balé, pilotagem de aviões e até como atriz (com um pequeno papel no filme de 1960 *Who Was That Lady?*, com Dean Martin, Tony Curtis e Janet Leigh). Quando seu marido foi para o Congresso, Marion ficou em Manhattan, preterindo Washington, para ela uma “cidade empresa”, muito sem graça para o gosto dela. Jack vinha para casa aos fins de semana. “Meu marido é um gigante e não é fácil viver atrás de uma sombra”, ela mais tarde explicou. Sua coluna duas vezes por semana no *New York Post* permitia-lhe acesso a todas as festas e à agitação de Manhattan. “Acho que eu na verdade continuava procurando alguma coisa que me desse satisfação completa”, explicou ela. Embora em 1966 ela e o senador tivessem comparecido juntos ao famoso “Baile em Branco e Preto” de Truman Capote, Marion Javits ficou conhecida como presença constante, sozinha, no circuito social de Nova York. Para usar uma expressão popular na década de 1970, ela dizia aos mais chegados que vivia um “casamento aberto”. O senador Javits defendia as escolhas de sua esposa, mesmo quando era duramente criticado, como em 1976, quando foi acusado de se tornar um agente estrangeiro do Irã. “Em nossas respectivas atividades profissionais, minha esposa e eu levamos vidas independentes”, afirmou.

Na discoteca Studio 54, o epicentro da vida noturna de Nova York na década de 1970, os companheiros de festas de Marion eram, entre outros, Capote, Andy Warhol e Mick Jagger, mas ela tinha um interesse particular no astro de televisão Geraldo Rivera. Em suas memórias indiscretas de 1991, adequadamente intituladas *Exposing Myself* [“Expondo a mim mesmo”], Rivera descreve seu longo caso amoroso com a esposa do senador. Quando eles se

conheceram numa festa em 1972, afirma Rivera, Marion logo o seduziu. Embora vinte anos mais jovem, Rivera fala da "tremenda atração sexual" entre ele e a esposa do senador, então com quarenta e oito anos de idade, com seu "cabelo escuro, olhos claros e lábios grossos de cigana". Ele logo compreendeu que o "senador e Marian [sic] tinham um acerto que era anterior à minha aparição", escreveu Rivera. "Ela já tivera outros admiradores, e não havia problema, desde que isso não gerasse cenas ou escândalos." Num jantar festivo no duplex de Marion, Rivera diz que os dois deram uma escapada para fazer sexo trancando-se num banheiro espelhado, esquecendo os convidados, entre eles o secretário de Estado Henry Kissinger e seu séquito do serviço secreto. "Foi uma das experiências sexuais de maior impacto que eu já havia tido, algo mágico, devido, é claro, a Marian [sic] e àquele aspecto absolutamente ilícito do momento", relembrou Rivera. Como uma espécie de Casanova do horário nobre de tevê, Rivera arrumava um encontro ocasional com Marion entre o noticiário das seis e das onze da noite. Numa festa realizada no apartamento de Watergate do marido em Washington, D.C., Marion foi anfitriã de celebridades como Frank Sinatra, mas deu um jeito de escapar com Rivera "como dois adolescentes" enquanto a festa prosseguia, relatou ele. Como se vangloria Rivera: "Tudo bem, eu era casado, mas ela também. Com um senador. Se ela não se importava com o que os outros na festa pudessem pensar, então por que eu deveria?" Rivera assegura que estava "apaixonado por ela, sem dúvida", até que o relacionamento terminou em 1985.

Em St. Louis, os Javits tentaram durante anos salvar a intimidade física de seu casamento. A primeira vez que visitaram Masters e Johnson foi ao final da década de 1960, e mantiveram o contato pela maior parte da década seguinte, em geral por telefone. Uma noite, na sala de sua casa, Bill e Gini estavam conversando com o presidente do conselho de sua fundação, Ethan Shepley, e com sua esposa Peggy, quando receberam uma ligação. Gini correu para atender e Peggy conseguiu ouvir a voz dela abafada no quarto ao lado, atendendo. Em seguida, Gini voltou para a sala.

"É pra você, Bill", ela anunciou. "O senador."

Naquela noite, Peggy ouviu o nome de Javits ser discutido pela primeira vez, mas não foi a última. “Havia muitas ligações do senador e da mulher dele, que estavam enfrentando problemas”, Shepley afirmou, ao lembrar outras noites na casa de Ladue. “Eles [Jacob e Marion] costumavam vir à cidade sempre que Gini e Bill estavam por aqui, e depois iam embora, mas Gini e Bill tinham que estar disponíveis para essas conversas.”

Masters e o senador conversavam com frequência, e Virginia sempre se dispunha a ouvir Marion e acabaram travando amizade. Elas discutiam as razões implícitas para um casamento aberto e para as necessidades sexuais de Marion. Apesar das dificuldades que enfrentavam, Gini sabia que o senador adorava a mulher dele, e Marion via seu marido como um grande homem – embora os dois não vivessem juntos. Algumas pessoas na clínica especulavam que a impotência ou algum outro tipo de aflição psicológica poderia ser o problema, particularmente devido à natureza do casamento dos Javits. “Eu não acho que a diferença de idade fosse um aspecto importante do relacionamento deles”, lembrou Virginia. “Ela era maravilhosa com ele. Podia fazer as coisas acontecerem se entrasse nelas de corpo e alma. Mas, ao mesmo tempo, seu estilo de vida pessoal era um pouco arriscado, para dizer o mínimo.” Durante uma viagem em 1975 com a esposa do senador para a Cidade do México, para um conclave do Ano Internacional da Mulher patrocinado pela ONU, Gini viu de perto a mulher do senador em ação. Marion Javits estava junto com várias esposas de líderes estrangeiros nesse encontro, como Jehan Sadat, do Egito, Nusrat Bhutto, do Paquistão, Leah Rabin, de Israel e Imelda Marcos, das Filipinas. “Eu adorei estar lá com Marion”, lembrou Virginia. “Ela era divertida. Nem é preciso dizer, eu a entendia muito bem.” Durante essa viagem ao México, a entrevista de Virginia com um repórter local foi interrompida quando Marion deu um jeito de fazer notar sua presença. “Alguém estava me entrevistando – um homem do México – e ela o seduziu bem na minha frente!”, lembrou ela. “Eu disse: ‘Deus do céu, Marion, por que não dá a entrevista você mesma então!’ Ela conseguia se

insinuar com quem ela quisesse. Você não imagina o número de jornalistas que ela levou para a cama, além do Geraldo!”

A última vez que Virginia viu os Javits juntos foi num almoço em homenagem à irmã do magnata da Fiat, Gianni Agnelli. A essa altura, o antes imponente Jacob Javits estava de cadeira de rodas, sofrendo os efeitos da esclerose lateral amiotrófica (também conhecida como doença de Lou Gehrig), que arruinou seu corpo e impediu sua reeleição em 1980 para o Senado que ele tanto amava. Sentada à mesa do banquete, Virginia ficou comovida com o carinho demonstrado por Marion pelo seu marido incapacitado. Naquela tarde, o fragilizado ex-senador ofereceu um eloquente brinde aos Agnelli. Quando Virginia se desfez em elogios a Gianni Agnelli – dizendo que era um dos homens mais bonitos que já havia visto –, Marion apontou para a esposa de Agnelli que estava sentada perto, para o caso de Gini ter algumas intenções a respeito. “Eu morri de rir, porque havia circulado com ela e visto como seduzia todo jovem disponível e um pouco mais receptivo que encontrava”, lembrou Virginia. “Foi uma das experiências mais engraçadas da minha vida.”

Virginia gostava de ouvir histórias sobre as altas rodas de Nova York, fofocas de Washington e dos políticos bem conhecidos do círculo de Javits. O senador e sua esposa “tornaram-se muito amigos e convivíamos muito com eles, simplesmente como amigos, não como profissionais”, explicou Virginia. Aqueles mais próximos de Gini, como os Shepley ou Bob Kolodny, achavam divertido o quanto ela parecia encantada com o mundo secreto de terapia de celebridades da clínica. Para Virginia Johnson, a proximidade com os famosos era “terrivelmente importante, porque ela era uma garota de cidade pequena – nascida numa fazenda no Missouri – e portanto isso era uma grande coisa”, disse Peggy Shepley. Com clientes célebres, Masters e Johnson podem ter tido um prazer vicário em conhecê-los, mas os problemas que essas pessoas enfrentavam costumavam ser os mais desesperadores.

O governador George C. Wallace quis chegar à Casa Branca pelo pior caminho. Em 1963, Wallace tornou-se o rosto do Velho Sul ao tentar evitar a dessegregação da Universidade do Alabama. “Eu digo segregação hoje, segregação amanhã, segregação sempre”, prometia Wallace em seu discurso inaugural, depois de ter jurado privadamente ser mais duro com os negros do que com qualquer de seus oponentes políticos. Ele ficou diante da universidade, em postura desafiadora, com as câmaras de tevê mostrando para todo o país, impedindo a entrada de dois estudantes negros naquela instituição pública de ensino só para brancos, até que dois policiais federais finalmente intervieram. A publicidade permitiu a esse novato nas urnas lançar sua candidatura para a indicação presidencial dos democratas em 1964, apelando aos preconceitos da nação. Quando a lei do Alabama impediu-o de concorrer a outro mandato para governador, ele colocou a esposa, Lurleen, para sucedê-lo, mas ela morreu de câncer em 1968, ainda no cargo. Nesse mesmo ano, Wallace concorreu à presidência como candidato da “lei e da ordem”, numa chapa por um partido independente, vencendo em cinco Estados e com 14% dos votos totais. Por volta de 1970, Wallace preparava-se para outra eleição presidencial quando se apaixonou por Cornelia Ellis Snively, sobrinha do antigo governador do Alabama James E. “Big Jim” Folsom. Embora os assessores o alertassem para manter o romance velado, Wallace casou-se com Cornelia. Na época, uma pesquisa da Gallup relacionou Wallace como um dos homens mais admirados dos Estados Unidos, em sétimo lugar, à frente do papa. “Havia muita atração física, um tipo de amor muito passional entre nós”, explicou Cornelia mais tarde.

Em maio de 1972, uma bala acabou com as ambições de Wallace à presidência. Enquanto fazia campanha nas primárias em Maryland, um aspirante a assassino chamado Arthur Bremer disparou cinco balas calibre 38 no corpo dele. Uma delas cortou a coluna vertebral de Wallace, deixando-o paralítico. Alguns achavam que suas pretensões presidenciais poderiam continuar, como ocorrera com Franklin D. Roosevelt depois que sofreu um surto de pólio. Wallace vencera as primárias tanto em Maryland quanto em

Michigan, mas nunca mais conseguiu se recuperar de todo. Seus sonhos políticos e sua vida pessoal haviam sido arrasados.

Na época em que entrou em contato com Masters e Johnson, Wallace estava preocupado se seria capaz de ser ativo sexualmente de novo. “Cornelia fazia de tudo para tentar ajudá-lo”, Virginia lembrou. “Ela passou um tempo muito difícil com ele, que não conseguia lidar bem com sua condição.” O triste caso de George Wallace era exatamente o que Bill Masters queria estudar na sua próxima missão científica – a neurofisiologia da reação sexual humana. Com o advento dos computadores e de outros equipamentos médicos de alta tecnologia na década de 1970, Masters sentiu que uma pesquisa médica nesses moldes seria uma continuação adequada para os trabalhos que já havia publicado. Compreender o papel do cérebro no sexo – a conjunção de terminações nervosas e sinapses em alcançar o prazer físico e o correspondente funcionamento mental por trás dela – parecia um próximo passo natural.

Depois que o médico pessoal de Wallace em Montgomery ligou, Masters e Virginia concordaram em ir visitar a mansão do governador, para oferecer seus serviços. “Wallace mandou um avião oficial para nós e fomos para o Alabama – ele não estava viajando nessa época”, lembrou Virginia. “Fomos lá duas vezes, e depois Cornelia veio nos ver sozinha”, na clínica de St. Louis. Masters mais tarde explicou a Kolodny a gravidade do dano à coluna vertebral e concluiu que ele pouco podia fazer como médico. Masters disse que o governador era impotente. “Era claro que não havia varinha mágica que pudesse salvar a situação”, lembrou Kolodny. “Era um caso de ajudar os dois a lidar com aquilo, da melhor maneira que conseguissem.” Nem mesmo o toque terapêutico de Virginia pareceu ajudar o governador e a primeira dama. “Ele se dispunha a fazer qualquer coisa”, ela lembrou, depois de ter instruído os dois sobre os movimentos mais básicos destinados a estimular sensações. “Simplesmente não havia como – era fisiologicamente impossível. Mas ela [Cornelia] estava disposta a fazer qualquer coisa por ele. Ela era um ser

humano admirável, uma mulher adorável, uma das melhores que conheci.”

Apesar de toda a sua determinação em procurar auxílio médico, os Wallace foram ficando cada vez mais frustrados um com o outro. “Ele começou a acusá-la de ter casos com os seguranças”, lembrou o jornalista do Alabama Wayne Greenhaw, num documentário de tevê da PBS realizado mais tarde sobre a vida do governador. “Ela o acusou de ficar falando com suas antigas namoradas pelo telefone o tempo todo(...) e então, mais cedo ou mais tarde, você sabe, a coisa fica muito desagradável.” Em 1978, os Wallace entraram com pedido de divórcio. Cornelia mudou-se da mansão do governador e disse à imprensa que havia feito tudo o que podia para tentar salvar o casamento.

Em St. Louis, Masters e Johnson lembravam sempre à sua equipe a necessidade de sigilo. Embora Kolodny recebesse fitas e arquivos sobre casais famosos de Hollywood, da televisão ou da política, com toda a discrição, para que ele os compilasse para o perfil estatístico dos pacientes da clínica, dessa vez não foi assim. “Seja lá o que tenham feito com os Wallace, nunca foi compilado nenhum registro”, lembrou Kolodny. “Não era algo que se encaixasse em nenhuma das categorias rotineiras.”

Conversão e reversão

Bill Monroe, o apresentador do programa *Meet the Press*, olhou sério para a câmera e anunciou “a equipe de pesquisa composta por marido e mulher”, o doutor William H. Masters e Virginia E. Johnson. Seu muito aguardado livro, *Homosexuality in Perspective* (“Homossexualidade em perspectiva”), seria o assunto principal daquele programa de domingo, 22 de abril de 1979, o primeiro na história da NBC a trazer uma advertência. “Talvez eu deva advertir que iremos entrar em assuntos que o nosso público – mais acostumado a temas como inflação, energia e política – poderá achar ofensivos”, Monroe alertou.

Diante de milhões de espectadores, Masters e Johnson sentaram lado a lado junto a uma mesa, prontos a enfrentar as perguntas. Monroe foi logo entrando no aspecto mais controvertido do livro. Uma transcrição pode dar ideia do grau de desconforto dos pesquisadores.

Monroe: Suponho que vocês considerem isso um achado importante – que algumas pessoas veem com surpresa e outras simplesmente não aceitam –, que é o fato de vocês conseguirem converter pessoas, que queiram ser convertidas, do homossexualismo para o heterossexualismo; e em seus achados, nos casos que acompanharam, vocês tiveram uma

taxa de fracasso de apenas um terço, que é a taxa menor já obtida. É isso?

Masters: De fato, é verdade, mas é necessário ressaltar, como deixamos bem claro na nossa publicação, que existe um alto grau de seletividade naqueles indivíduos que aceitamos para tratamento.

Após um intervalo comercial, o escritor de medicina do *Washington Post* Victor Cohn perguntou a Virginia: "Você acredita que a homossexualidade pode ser um comportamento aprendido, mais do que algo químico ou genético, na maioria dos homossexuais?" "Será que os pais deveriam ficar preocupados", comentou Cohn, "com o fato de `seus filhos serem expostos a um professor homossexual'"?

Gini deu uma resposta vaga, meio desconjuntada, do tipo que dava sempre que não tinha certeza.

"De fato, é aprendido – o fato de ser aprendido – e até o presente momento não sabemos de nenhuma outra conclusão a que seja possível chegar – e não acho que isso seja uma fonte de medo ou que deva ser", replicou Virginia Johnson. "Se coisas como essas podem ser aprendidas, então as coisas que os pais querem que seus filhos aprendam ou saibam, ou que sejam e que façam, podem também ser aprendidas."

Quando Cohn pediu que Gini esclarecesse sua declaração nebulosa, Bill interveio. Sua resposta foi confiante e inequívoca, sua voz, clara e direta.

"Nós não temos uma determinação genética de sermos homossexuais, nem uma determinação genética de sermos heterossexuais", Masters ensinou. "Nascemos homens e mulheres e seres sexuais. Aprendemos nossas preferências e orientações sexuais, sejam elas homossexuais, heterossexuais, bissexuais e, de modo não infrequente, mudamos voluntariamente nossa preferência sexual."

Perto do final do *Meet the Press*, Cohn pressionou para obter mais detalhes a respeito da terapia de conversão de Masters e

Johnson. Ele olhou para Virginia de novo, talvez sabendo que a terapia costumava ser a área dela, não do marido.

“Esse grupo tão interessante que você descreve em seu tratamento – os homossexuais que mudaram de orientação –, e que vocês ajudaram a converter ou reverter para a heterossexualidade, vocês já vêm acompanhando alguns deles há vários anos”, disse Cohn. “Eles parecem estar relativamente felizes, satisfeitos? Alguns deles se casaram? Tiveram filhos?”

Virginia de novo sentiu dificuldade em responder.

“Essas eram pessoas altamente motivadas”, ela disse. “Esse foi um dos critérios para aceitá-las nessa fase particular da terapia...”

“Mas essas pessoas...”, Cohn interrompeu.

“Em muitos casos elas tiveram”, Virginia disse. “Na verdade, acho que a taxa de fracasso dessa população em particular foi, no todo, de 12%.”

Bill interveio para corrigir. “Na realidade, 35% em termos do fracasso em converter ou reverter”, disse Masters. Agora Virginia ficou perturbada. “Desculpe; eu me referia à outra...”, ela começou a se justificar.

Com pouca paciência, Masters interveio mais uma vez.

“Na realidade, a resposta à sua pergunta é que boa parte dessas pessoas, para começar, já eram casadas quando vieram procurar ajuda – cerca de dois terços delas”, Masters explicou. “Algumas se casaram desde então, aquelas que não eram insucessos na terapia. Nasceram filhos. Aqueles que não foram relacionados como insucessos têm reagido a um acompanhamento de caso de cinco anos e declararam estar tendo vidas heterossexuais efetivas, satisfatórias, com envolvimento.”

Ciente de que o repórter queria mais provas de seu sucesso entre pacientes convertidos, Masters acrescentou: “Só podemos nos apoiar nas declarações delas.” Similarmente, o país teria que confiar na palavra de Masters e Johnson nessa questão, quer suas afirmações sobre conversão e “comportamento aprendido” pudessem ser provadas ou não.

“Obrigado, doutores Masters e Johnson”, Monroe concluiu, repetindo o erro que era cometido com frequência em relação às

credenciais dela, “por estarem aqui conosco hoje no *Meet the Press*”.

A televisão não era o melhor lugar para julgar *Homosexuality in Perspective* – apresentado como um estudo pioneiro de mais de trezentos homens e mulheres homossexuais por um período de catorze anos. Quando ele finalmente foi publicado na primavera de 1979, seu editor proclamou que o novo livro de 450 páginas iria “revolucionar o pensamento atual a respeito da homossexualidade”. Masters chamou-o de “a terceira perna de um banquinho” – a culminação de sua trilogia construída sobre a pesquisa do sexo. Seus dois livros anteriores haviam se concentrado principalmente no casal heterossexual e mencionavam apenas de passagem a homossexualidade. Com o mesmo olhar clínico, esse novo livro iria mapear o comportamento físico e psicosssexual do homem e da mulher homossexuais.

Quando Masters e Johnson começaram em meados da década de 1960, a maioria dos americanos mal admitia a existência da homossexualidade. O termo “gay” não fazia parte da linguagem do cotidiano, e era no máximo um termo de código em bares e círculos sociais semiclandestinos. Masters e Johnson tiveram dificuldades em conseguir a cooperação de homossexuais nos arredores de St. Louis. Mas, à medida que isso foi divulgado na imprensa, alguns entraram em contato com a clínica, oferecendo-se como voluntários. “Depois de ler o artigo na *Atlantic* de dezembro de 1970, fiquei convencido de que vocês são honestos em suas metas profissionais e dispostos a evitar sensacionalismo”, escreveu um homem de Indiana, de vinte e oito anos de idade, que assinou com seu nome, mas disse estar ainda “no armário”, fingindo ser heterossexual. “Acredito que seria categorizado como homossexual, embora nunca tenha sido diagnosticado profissionalmente como tal.”

Mais uma vez, Masters e Johnson demonstravam grande empatia por aqueles que tinham problemas com sua sexualidade. Como médico, Bill parecia particularmente convencido da eficácia de sua

terapia com os casos mais desafiadores. “Ele dizia: ‘Há homens e mulheres que se sentem infelizes – e às vezes profundamente perturbados – com a sua homossexualidade’”, lembrou o doutor Robert Kolodny. “Essas pessoas têm alta motivação para tentar mudar para algo que consiga não só reduzir seu estresse, como tornar sua vida mais fácil ou remover um fardo.”

Em *Homosexuality in Perspective*, Masters e Johnson habilmente colocaram seus achados dentro do contexto social. Um prefácio do doutor H. Tristram Engelhardt Jr., bioeticista da Universidade de Georgetown, caracterizou seus achados em termos quase nobres, como “a moldura física dentro da qual uma alma pode tocar a outra em prazer e amor”. Engelhardt sublinhou a duplicidade da cultura ocidental e perguntou por que os antigos gregos retratados no *Fedro* e no *Simpósio* de Platão podiam “retratar a homossexualidade como o paradigma do amor e do erótico, [enquanto] a lei inglesa caracterizava-o como um pecado que não devia sequer ser mencionado”. Perguntava-se por que a homossexualidade, afetando uma porção tão expressiva da população, podia ser julgada com tal “escárnio, condenação e punição”.

Embora alguns antigos vissem as relações entre o mesmo sexo como benignas, o cristianismo disseminado por toda a Europa teve pouca tolerância com o sexo fora do procriativo e das normas do casamento. Para aqueles que tinham receios quanto à imortalidade de sua alma, Santo Agostinho advertia que “de todos esses – a saber, os pecados relacionados à luxúria –, aquele que é contra a natureza é o pior”. Religiões e sociedades ao redor do globo proibiram a sodomia, o comportamento efeminado e outros atos “não naturais”, e pediam punições físicas, desmembramento e até a morte. Não obstante, o rol de honra da civilização destaca várias figuras tidas como homossexuais, como Sócrates, Júlio César, Alexandre, o Grande, Michelangelo, Leonardo da Vinci e o Rei Jaime I da Inglaterra. Por volta do século XX, os teóricos discutiam se a genética, o ambiente familiar, os hormônios, a ordem de nascimento (ou alguma combinação desses fatores) podiam determinar a orientação sexual. A teoria de Sigmund Freud a

respeito da “inversão” sugeria que todas as pessoas nascem bissexuais, e que são fatores biológicos e ambientais no desenvolvimento infantil que decidem a persuasão de um adulto. O psiquiatra Richard von Krafft-Ebing listou a homossexualidade entre as formas de sexualidade que ele considerava mal direcionadas, e que incluíam ainda sadismo, masoquismo e outros fetichismos. A homossexualidade foi rotulada como doença mental por muitos anos, até que a Associação Americana de Psiquiatria removeu em 1973 essa orientação sexual de seu manual, o Manual de Diagnóstico e Estatística dos Distúrbios Mentais, onde ela figurava ao lado das psicoses, delírios e outros comportamentos anormais. Geneticistas à procura de uma resposta biológica – um “gene gay” no código do DNA – nunca acharam nada. A modernidade com certeza não eliminou a brutalidade contra os homossexuais na lei civil ou na violência criminal, o que inclui seu aprisionamento em massa na Alemanha Nazista. Nos Estados Unidos, gays e lésbicas foram reprimidos por numerosas leis contra os “degenerados” até as manifestações de Stonewall, em 1969, em Nova York, desencadeadas pela intimidação policial. Uma onda de protestos em âmbito nacional inspirou o movimento de liberação gay em muitas cidades. Na época em que *Homosexuality in Perspective* apareceu, os homossexuais já eram rotineiramente chamados de “gays”, e aos poucos, mas de modo eficaz, ganharam influência na sociedade. Muitos gays que antes viviam “dentro do armário” agora viviam abertamente essa condição em casa e no trabalho. Mesmo assim, como ocorria com o sexo heterossexual, a medicina oficial ignorava as questões biológicas básicas que envolvem a homossexualidade.

Em seu estudo, Masters e Johnson repetiram as projeções anteriores de Alfred Kinsey de que até 10% dos adultos americanos haviam tido experiências homossexuais prévias (alguns críticos apontaram mais tarde que o censo americano e outros estudos haviam estimado esse valor em apenas 2% dos adultos americanos). Mais significativo, Masters e Johnson confiaram no sistema de classificação de Kinsey para avaliar a orientação sexual. Com base em entrevistas com os pacientes, era dada uma

classificação "Kinsey 0" a um homem ou mulher que afirmasse nunca ter tido uma "experiência claramente homossexual"; uma classificação "Kinsey 3" àqueles com "igual experiência homossexual e heterossexual"; e uma classificação "Kinsey 6" àqueles com "nenhum histórico claro de experiência heterossexual". Ao requerer terapia, pacientes com uma classificação Kinsey de 5 ou 6 – considerados como tendo "vida claramente homossexual" – eram candidatos à "conversão" para a heterossexualidade. Candidatos com uma classificação Kinsey entre 2 e 4 – que eram ou solteiros "no armário" ou casados, com homossexualidade encoberta – eram considerados para "reversão" para a heterossexualidade e, dos 67 casos totais, disseram eles, 54 eram homens e apenas 13 eram mulheres.

Para surpresa dos autores, cerca de 60% de ambos os gêneros que procuravam mudança de orientação sexual eram casados (embora muitos vivessem afastados e raramente tivessem intercurso com seus esposos). Com a "reversão da preferência sexual", o sucesso costumava depender das razões pelas quais o paciente procurava o tratamento. Os que tinham pouco sucesso em geral eram aqueles que temiam a exposição pública ou estavam sendo pressionados pelo esposo. "Quando frases autoincriminatórias, como 'é claro que eu vou precisar ficar de vez em quando com meus (minhas) amigos (amigas)' ou 'eu quero ser apenas 95% heterossexual' eram usadas privadamente com um terapeuta, os casais eram recusados para o tratamento", explicava seu livro. Particularmente com pacientes homens, a clínica não queria que o tratamento fosse usado "como um meio de iludir suas esposas".

Os casos de conversão colocavam vários desafios para os terapeutas, pois ampliavam as definições de gênero e daquilo que era melhor para seus pacientes. No seu livro, Masters e Johnson descreviam um homem casado, que não conseguia consumir seu casamento, falhava ao tentar sexo com outras mulheres e então "voltou-se para a interação homossexual como uma medida para salvar o ego". Quatro anos mais tarde, esse mesmo homem e sua "ainda comprometida esposa" chegaram à clínica, com a esperança

de “neutralizar” suas tendências gays e se tornar um casal funcional heterossexualmente. Em outro caso de solução à primeira vista impossível, uma mulher com um índice Kinsey 6, que “após viver cerca de onze anos como homossexual sexualmente ativa, mas completamente frustrada”, conseguiu encontrar um homem com quem ela queria viver e “funcionar sexualmente em níveis orgásticos com ele”. Sem uma forte motivação da parte dos pacientes, Masters e Johnson admitiam, as chances eram “acentuadamente reduzidas”. Mesmo assim, o seu “índice de sucesso” – na verdade definido em termos de fracasso – parecia estratosférico e ganhou manchetes no mundo todo. Dos 67 pacientes homens e mulheres com “insatisfação homossexual”, apenas 14 falharam no tratamento inicial de duas semanas. Durante um período de acompanhamento de cinco anos, o índice de fracasso geral de 28,4% – ou seja, de mais de 70% de sucesso em alterar a preferência sexual – era um resultado inimaginável no mundo da psiquiatria e da psicanálise. Alguns casos não puderam ter sua evolução acompanhada, admitiram os autores no livro, o que tornava esses valores finais de algum modo “enganosos”. Cientes do peso da teoria freudiana na sociedade americana, Masters e Johnson sabiam que seus achados seriam percebidos como mais uma rejeição da psicanálise. “A noção corrente de que o tratamento do macho ou da fêmea homossexual disfuncionais ou insatisfeitos do ponto de vista sexual não podiam escapar de um índice total de fracasso de 80 a 90% é simplesmente equivocada”, o livro declarava. Eles culpavam os psicoterapeutas por aceitarem prontamente demais o “fracasso” e por não controlarem seu próprio preconceito clínico. Um número excessivo deles assumia que os pacientes acabariam retornando à homossexualidade – uma visão que a “comunidade homossexual também adotou e propaga livremente”, escreveram eles.

Nada em *Homosexuality in Perspective* era mais controverso do que a conversão, com ramificações que perduraram por décadas. Ativistas do movimento de liberação gay e cientistas sociais que estudaram a homossexualidade criticaram severamente essa teoria como perigosa ou simplista. Como a escritora Janice Irvine

observou mais tarde: "Ao longo do livro, eles insistem que está tudo certo em ser gay, mas que eles sabem como consertar isso caso as pessoas achem que não." Quase imediatamente, conservadores religiosos e críticos de direita apropriaram-se da pesquisa de Masters e Johnson para argumentar que um estilo de vida gay e lésbico era uma questão de escolha pessoal, e não de desígnio divino. No eterno debate "natureza versus educação", eles destacaram a falta de uma evidência genética e sugeriram como causas principais da homossexualidade o comportamento impróprio e a influência do ambiente. Os evangélicos ofereciam "curar" os homossexuais por meio da oração, pondo-os de volta no caminho da heterossexualidade, do modo como a Bíblia e agora secularistas como Masters e Johnson prescreviam. Sua mensagem era clara: gays e lésbicas podiam mudar se de fato quisessem.

Mas até mesmo velhos amigos e admiradores de Masters e Johnson expressaram dúvidas. A revista da Associação Americana de Medicina, cujos elogios ao *Human Sexual Response* haviam sido tão importantes, agora expressava reservas. "Os autores afirmam que a homossexualidade é um padrão aprendido que pode ser desaprendido – um ponto de vista questionável", concluía a JAMA. O doutor Lawrence J. Hatterer, do antigo New York Hospital Cornell Medical Center, declarou: "para mim é inconcebível que você possa pegar uma pessoa com um longo envolvimento na homossexualidade e em duas semanas transformá-la num heterossexual." Quando a revista *Playboy*, outro velho aliado, desafiou sua teoria da conversão, Virginia mostrou pouca paciência. "A nossa intenção não é determinar o que é certo ou errado em questão de escolhas individuais", disparou ela numa entrevista, invocando um refrão recorrente. "E, aliás, não é novidade nenhuma que existem homossexuais que não querem ser homossexuais."

Mas, nos bastidores, o único que realmente acreditava na teoria da conversão era Bill Masters.

Durante o programa *Meet the Press* e a turnê de lançamento, Virginia defendeu zelosamente *Homosexuality in Perspective* como se tivesse sido também um trabalho dela. Mas, em âmbito privado, Gini estava muito em desacordo com seus métodos e resultados, o suficiente para proclamar isso num determinado momento e pensar em se distanciar pessoalmente do projeto. Anos mais tarde, parecia bem pouco segura das afirmações do livro sobre converter gays em heterossexuais. “Fomos procurados por um grande número de casais gay – umas poucas mulheres e um número bem maior de homens”, disse ela. “Mas nunca dissemos: ‘Nós vamos mudá-los.’”

O tumulto que cercou esse livro começara uma década antes, quando muitos acreditaram que Masters e Johnson eram capazes de transformar a vida sexual de praticamente qualquer pessoa. O doutor Alex Levay, então um professor de psiquiatria clínica no Columbia-Presbyterian Medical Center de Nova York, encaminhou um jovem de vinte anos para os dois. O jovem trabalhava com o pai, uma figura destacada da indústria de vestuário nova-iorquina, e queria muito constituir família. A terapia de conversão foi bem-sucedida por um tempo, mas não vingou. “Ele casou e teve filhos. Tornou-se funcional”, lembrou Levay. “Mas, como acontece com pessoas que são predominantemente gays, não havia interesse em manter esses ganhos. Ele podia fazê-lo, mas voltou à sua vida gay.” Apesar de seu sucesso inicial, o resultado para esse jovem fez Levay chegar a uma conclusão diferente. “Era uma tolice [achar que ele poderia ser convertido], mas na época éramos todos tolos”, lembrou Levay. “Se você conversa com qualquer um que trabalhe nessa área, sabe que essas orientações são muito poderosas, muito firmes, muito difíceis de mudar.”

As enigmáticas razões de Masters em pressionar a aceitação dessas teorias de conversão/reversão eram difíceis de decifrar por seus amigos, adversários e até mesmo para a própria Virginia. Se Bill alimentava um profundo ressentimento ou medo da homossexualidade, ele com certeza não revelava isso. Ao longo de sua carreira, não exibiu nenhum dos desvios grosseiros de sua geração pós-Segunda Guerra Mundial, que vilipendiava os

homossexuais do mesmo modo que fazia com os comunistas. Durante o histórico debate de 1973 da Associação Americana de Psiquiatria a respeito de remover a homossexualidade de sua lista de distúrbios mentais, o presidente do grupo, Judd Marmor, recrutou Masters para pressionar outras pessoas a aprovarem essa reforma. Como cientista, Masters produziu uma obra na qual ficava sugerido que a orientação sexual podia ter uma causa hormonal ou outra causa biológica. Em 1971, ele foi coautor de um estudo limitado com Kolodny, publicado na *The New England Journal of Medicine*, que encontrou níveis reduzidos de testosterona em homossexuais, em comparação com os níveis dos heterossexuais, e que apontou que o hormônio masculino diminuía conforme o paciente se envolvia mais com a homossexualidade. Não obstante, Masters acreditava que a orientação sexual era decidida por inúmeros fatores, expressos conforme a pessoa se tornava adulta. Ele acreditava que a satisfação do paciente com a sua identidade sexual era fundamental, e baseava suas ações de acordo com isso, do mesmo modo que antes, como cirurgião, projetara vaginas artificiais para pacientes mulheres. A terapia de conversão era um resultado direto da compaixão de Masters por seus pacientes, mais do que algum grande esquema para provar uma tese, sustentou Kolodny. “Pessoas de todos os estratos sociais, e com todo tipo de problemas, entravam em contato com eles, desesperadas, porque realmente não tinham mais a quem recorrer”, lembrou ele. “Então os dois reagiam a esses clamores do coração tentando conceber alguma abordagem que funcionasse.”

Homosexuality in Perspective continha bem mais especulação do que ciência, o que violava uma das regras cardinais de Masters. Como no passado, alguns capítulos, cheios de estatísticas, comparavam as reações fisiológicas entre gays, lésbicas e um grupo comparativo de heterossexuais. Eles mediram o tamanho e a cor de pênis intumescidos, reações do clitóris, o rubor sexual e características físicas no decorrer do ato – todos basicamente os mesmos, independentemente da orientação sexual. Mas, ao longo do texto, as diferenças logo viravam generalizações improváveis. “O fingimento durante o sexo parece não ser tão predominante na

população lésbica como é entre as mulheres heterossexuais”, afirmava o livro. “Primeiro, é obviamente bem mais difícil para uma mulher enganar outra mulher em encontros sexuais continuados do que é fingir de maneira bem-sucedida com um homem que não suspeita de nada.” Homossexuais eram retratados como amantes melhores do que os heterossexuais, pelo menos no estímulo de seus parceiros por meio de cunilíngua ou felação, porque eles “não tinham qualquer pressa em sua interação sexual no laboratório”, enfatizaram Masters e Johnson, dessa vez sem que fosse citada nenhuma cronometragem. “Padrões de fantasia” – sonhos ou visões de sexo forçado, sexo grupal e encontros anônimos – eram bem mais frequentes com homossexuais, determinaram eles, mas sem muita evidência quantificada. A falta de qualquer prova era mais evidente na declaração de Masters e Johnson de que homens e mulheres não nascem homossexuais, e sim “homossexualmente orientados por uma preferência aprendida”. Aqueles terapeutas que acreditavam numa predisposição genética para a homossexualidade reagiram dizendo que “não devia haver mais apoio cego a conceitos culturais obviamente baseados em suposições vagas, em potenciais presumidos ou em discussões sem base científica”. Eles não deram nenhuma razão clara para o fato de acreditarem que a homossexualidade era uma “preferência aprendida”, a não ser a observação de que “não há no momento nenhuma evidência convincente” de que exista uma raiz genética.

O sigilo envolvia os casos de conversão mais do que era usual no Instituto Masters e Johnson. A maioria dos membros da equipe nunca deparou com nenhum dos casos de mudança de preferência sexual durante o período de estudo, de 1968 a 1977. A terapeuta Rose Boyarsky ouviu pacientes gays falando sobre uma mudança para a heterossexualidade, mas soube que as fitas dessas sessões eram mantidas em local secreto na casa de Masters e Johnson. Lynn Strenkofsky, que agendava os pacientes nesse período, disse que nunca lidou com nenhum caso de conversão. A terapeuta Mary Erickson explicou que os poucos casais gays que se

inscreviam na clínica “estavam à procura de solução para problemas de relacionamento entre eles – não se tratava de conversão”. Os doutores Marshall e Peggy Shearer, talvez a dupla de terapeutas mais experiente do instituto no início da década de 1970, disseram que nunca trataram de homossexuais e não ouviram falar praticamente nada sobre terapia de conversão. Entre aqueles que sabiam, parece que Masters, em geral mais abordável do que Virginia, não queria ouvir as preocupações deles a respeito da conversão. “Eu com certeza nunca concordei – e disse-lhe com franqueza que isso era uma abordagem absolutamente equivocada”, lembrou o doutor Roger Crenshaw, psiquiatra que trabalhou na clínica no início da década de 1970. Com o tempo, os terapeutas aprenderam que não deviam discutir o assunto com Masters, e sua determinação até virou piada entre os membros da equipe. “Bill era capaz de olhar para alguém e dizer ‘Tenha uma ereção!’ e a pessoa tinha”, disse J. Robert Meyners, rindo. Ele acabou sendo diretor adjunto na década de 1980.

De início, Kolodny não duvidava da capacidade do programa para tratar de qualquer caso. Com olhar apurado para os detalhes, ele revisou com cuidado as fichas dos pacientes dos dois livros anteriores, ouviu várias fitas e estava convencido de seus resultados. “Eu me inclinava a acreditar que, se Bill dizia que eles estavam tendo sucesso na terapia de conversão, quem seria eu para dizer que isso não era possível?”, lembrou ele. Kolodny ouviu as mesmas explicações vagas sobre a residência de Ladue como local das terapias especiais. “A partir de 1968, quando comecei a trabalhar com eles, não me lembro de um único casal gay ou lésbico sendo tratado na clínica para conversão”, disse ele. “Quando perguntei a Bill ‘Onde estão as fichas dos casos de conversão?’, ele disse: ‘Ah, a gente não mantém esse material aqui.’ Nenhum de nós na equipe de profissionais ouviu falar ou sentou para discutir os casos reais de terapia de conversão em andamento. E isso me intrigou quando Bill anunciou que estava escrevendo seu livro.”

Mas, conforme se aproximava a publicação do *HIP*, Kolodny foi solicitado a ajudar em sua preparação. Os agradecimentos do livro

mais tarde mencionaram “as habilidades de Robert C. Kolodny, que fez uma revisão cuidadosa desse texto”, listado em primeiro lugar entre os poucos que haviam auxiliado Masters e Johnson. Ciente de suas limitações como escritor, Masters quis que Kolodny redigisse o texto dos resumos dos casos individuais e os tornasse mais legíveis. Todos os seus livros anteriores continham esses perfis dos pacientes, sem mencionar nenhum deles pelo nome. A homossexualidade, devido à sua natureza complexa, iria requerer particularmente retratos bem nítidos da vida real. Nesse livro, por exemplo, o “Relato de Caso: Casal 10”, dedicava duas páginas a contar a história de “R”, definido como um “Kinsey 6 de 30 anos de idade”. Nessa história, R era “um homossexual totalmente comprometido” – a ponto de, “quando sentia necessidade, percorrer os bares e banheiros públicos locais, onde quer que se encontrasse”. Então R conheceu e “se apaixonou” por uma mulher de vinte e três anos de idade que compartilhava com ele vários interesses, inclusive tocar piano. Ele acabou indo morar com essa mulher totalmente heterossexual (uma “Kinsey 0” na classificação de orientação) por dez meses, até que se casaram. Mas, depois de dezoito meses, ainda não haviam consumado seu casamento. “Apesar de todos os esforços sexuais de sua esposa, R não conseguia ter ou manter uma ereção”, o resumo afirmava. Em seu comentário, Masters e Johnson descreviam seu sucesso com R e sua esposa:

Ele de fato se converteu. Começou a ter sucesso no intercursos no décimo dia da terapia. O acompanhamento desse casal foi tranquilo. A família tem filhos, R está fazendo uma carreira bem-sucedida como psicólogo clínico, e ambos os parceiros compõem um casamento efetivo. Obviamente, esse tipo de história de livro é uma exceção, e não a regra, em qualquer relacionamento sexual entre um homem Kinsey 6 e uma mulher Kinsey 0. Como enfatizado antes, as limitações na capacidade de converter ou reverter a homossexualidade dependem não só do grau de motivação do cliente em se

envolver subjetivamente com a heterossexualidade, mas também das potenciais recompensas dessa conversão.

Quando Kolodny pediu para ver os arquivos, ouvir as fitas desses casos de “histórias de livros”, não foi atendido. Como tanto os membros da equipe como os pacientes estavam cansados de saber, praticamente tudo o que era dito nas sessões de terapia ficava gravado em fita, para proteção de todos. “Se um casal paciente por acaso acusasse algum terapeuta de tê-lo seduzido ou algo assim, tínhamos a fita, e eles sabiam que nós tínhamos a fita”, explicou Kolodny. “Bill achava que isso era uma garantia legal útil.” Assim, parecia estranho que não houvesse gravações em fita nessa circunstância tão delicada.

Conforme o trabalho progredia, Kolodny começou a suspeitar de que alguns, se não todos os 67 casos, não eram inteiramente verídicos. Alguns detalhes eram construídos a partir de fragmentos de memória de Masters ou totalmente inventados. “Minha opinião à época – e ela não mudou nesses vinte e sete anos – é de que eles haviam cuidado de menos casos do que afirmavam no livro”, disse Kolodny. “Havia um pouco de exagero ou de invenção na composição do livro, no desejo de apresentar um caso mais convincente.” Embora Kolodny fosse o principal auxiliar de Masters na clínica e o admirasse muito, não conseguiu explicar isso de outro modo. Parte do seu trabalho era revisar as solicitações dos pacientes e ajudar a encaminhar os casais aos vários terapeutas, mas, mesmo assim, Kolodny nunca viu com os próprios olhos nenhum caso de conversão.

Quando lhe passaram um rascunho do manuscrito, Kolodny tentou melhorar o texto e aumentar a credibilidade dos resumos dos pacientes. “Ao ler os textos, eu disse ao Bill que eles soavam como se não fossem reais, todos pareciam o mesmo – então trabalhamos no sentido de dar-lhes um pouco de vida”, disse Kolodny. “A gente acrescentou coisas que não tinham nada a ver com o caso. Eu posso ter acrescentado uma sentença aqui ou ali, com base em coisas que não eram factuais. Mas de qualquer modo

era algo construído. Era uma questão de tentar melhorar a legibilidade.”

No final, Kolodny percebeu a extensão do problema, e abordou Virginia reservadamente para expressar seu alarme. Ele fez a aproximação com muita cautela, sem saber o que esperar disso. Nessa época, Kolodny era considerado um protegido de Masters, o jovem que talvez algum dia ocupasse seu lugar. A relação entre Kolodny e Virginia sempre fora frágil, dependente da confiança que Masters depositava nele. Expressar uma crítica tão séria a respeito do marido dela, e ainda mais fazer isso pelas costas de Bill, poderia gerar uma reação defensiva ou mesmo irada de Gini. Mas, quando Kolodny falou com ela, Virginia imediatamente admitiu o dilema deles. Ela também alimentara suspeitas similares em relação à teoria de conversão de Masters. “Ela entendeu muito bem o que eu estava dizendo”, lembrou Kolodny. “Gini na verdade não gostava do livro. Era como estar preso a um trilho de trem. Eu lhe disse, em termos bem claros, qual seria a reação a esse livro – ridicularização profissional, reação de ultraje do público e acusações de arrogância, de falta de objetividade, ataques dos movimentos de liberação gay, da comunidade psiquiátrica, de todos os lados, exceto talvez dos conservadores aferrados à Bíblia que diriam: ‘Estão vendo? Nós sempre dissemos isso – que, se esses caras [homossexuais] quisessem mudar, eles poderiam!’”

A perspectiva de constrangimento público, de ficarem expostos como uma fraude, preocupava muito Virginia. Ela passara toda a vida adulta dela superando ataques às suas credenciais e credibilidade. Tinha uma noção muito melhor do que Masters sobre o mundo político e social à volta deles e percebeu os perigos inerentes em promover uma teoria não comprovada. Com lágrimas nos olhos, Virginia disse a Kolodny que não conseguia suportar a ideia de ser incluída como coautora.

“Eu não quero ser julgada ou lembrada por essa idiotice”, lamentava-se, como num drama operístico. “Foi ele que escreveu esse lixo! Foi ele que inventou isso tudo!”

Por um tempo, ela considerou pedir para que constasse na capa apenas o nome de Masters como autor, com uma linha adicional

dizendo: “Baseado em pesquisa feita em colaboração com Virginia E. Johnson”. Mas uma ressalva dessas só iria despertar maior ceticismo. Ela pediu a Kolodny que tentasse adiar a publicação. Talvez, se tivessem mais tempo, algumas das principais falhas pudessem ser reparadas ou atenuadas.

“Não posso conversar com ele”, Virginia confessou a Kolodny, numa rara demonstração de fraqueza. “A gente não consegue mais discutir a respeito disso porque já tivemos grandes brigas, e eu tenho que viver com o cara. Você vai ter que encarar essa briga com ele sozinho.”

Kolodny colocou suas preocupações por escrito, de modo amigável, mas direto, do jeito que ele sabia muito bem fazer. Em agosto de 1978, mandou uma carta manuscrita de duas páginas a Masters comentando o segundo rascunho do manuscrito, reiterando suas primeiras advertências de que os capítulos referentes à mudança de preferência sexual precisavam ser reavaliados. “Estou mais convencido ainda de que isso está longe de ser algo publicável e só vai servir para dar argumentos aos críticos que quiserem causar danos à sua reputação e à validade do seu trabalho”, escreveu Kolodny ao seu mentor de longa data, o homem que havia inspirado sua carreira. Quando Masters leu a carta de Kolodny, recusou-se a fazer quaisquer concessões. Masters não havia trabalhado tanto, ido até tão longe para ter agora seu prêmio negado – a conclusão de seu estudo de longo prazo sobre a sexualidade humana. A conversa entre os dois acabou virando uma discussão acalorada e vazou para o lado de Virginia. Nem ela nem Kolodny conseguiam convencer Masters. “Esse é um material muito importante”, Masters insistia. “Precisamos que o mundo saiba do que somos capazes de fazer. É a terceira perna lógica do triunvirato de livros que nos propusemos a fazer desde o início.”

Com a aprovação de Virginia, Kolodny falou com o editor deles sobre adiar a publicação, mas já era tarde. “Foi um livro ruim”, Virginia lembrou décadas mais tarde. “Kolodny estava transtornado também.” Ela disse que era a favor de reescrever e revisar o livro todo “para que se enquadrasse na literatura [médica] existente” e temia que Masters simplesmente não soubesse do que

estava falando. Na pior das hipóteses, disse ela, “Bill estava sendo criativo naquela época” na compilação dos estudos de caso.

Com as engrenagens da publicação já em andamento, tanto Virginia quanto Kolodny adotaram a última opção que lhes restou – antes de uma insurreição pública, que nenhum dos dois estava inclinado a mover contra Masters –, que foi esperar que essa última criação tivesse a melhor sorte possível. “Gini simplesmente lavou as mãos em relação à coisa toda”, disse Kolodny. “Então o livro foi publicado, como Bill queria, naquele mês de abril. E foi basicamente ignorado.”

Homosexuality in Perspective chegou em meio a grande expectativa. De maneira astuta, o editor do livro revelou seu conteúdo com antecedência à revista *Time*, que o apresentou com alarde e críticas favoráveis, baseadas na boa reputação dos dois pesquisadores. “Sem dúvida”, a revista proclamou, Masters e Johnson “são um fenômeno contemporâneo”.

Como em muitas outras resenhas respeitadas feitas pela imprensa, a *Time* começou quantificando o impacto de Masters e Johnson no final da década de 1970 – vendendo 750 mil exemplares de capa dura de seus livros, tendo observado mais de 10 mil orgasmos em sua pesquisa e tratado de 2.500 casais com “disfunção sexual” com um índice de sucesso de 80%. Como ocorreu com as obras científicas anteriores de Masters e Johnson, a *Time* notou o mesmo uso desvirtuado da língua inglesa, com frases como “oportunidade de abordagem estimulante” para os jogos eróticos preliminares e “vocalização de preocupações quanto ao desempenho” em lugar de conversa sobre sexo. Também apontou como deficiência do livro o fato de ele não ter “quase nada a dizer sobre psicologia, ética ou as origens da homossexualidade”. Mas isso eram ninharias comparadas com outras críticas mais destrutivas. A resenha do *Los Angeles Times*, por exemplo, disse que o livro era “pródigo em falácias” e questionou diretamente a veracidade das estatísticas sobre conversão. Resumindo a mensagem geral do livro, ironizou: “A ‘conversão’ para a

heterossexualidade é possível quase sempre. Você pode mudar se quiser.” A reação mais dolorosa veio da comunidade médica e científica, que questionou os métodos de amostragem e sua validade. Se um estudo depende de homossexuais se disporem a gastar 2.500 dólares por duas semanas para “reverter” sua homossexualidade, “então você tem uma amostra autosselecionada, tendenciosa, com um viés em favor do sucesso”, disse John Money, da escola de medicina da Universidade Johns Hopkins, um especialista em identidade sexual. Até mesmo Judd Marmor, antigo presidente da Associação Americana de Psiquiatria, que havia pedido a ajuda de Masters para eliminar a homossexualidade da sua lista de distúrbios mentais poucos anos antes, questionou seus resultados. “Eu duvido muito que você possa reverter um grupo de pessoas com índice Kinsey 6 em duas semanas”, disse Marmor.

A controvérsia sobre a terapia de conversão prosseguiu por décadas. Inúmeros charlatões e fanáticos religiosos, citando as afirmações de sucesso de Masters e Johnson, criaram programas “ex-gay” destinados a “curar” homossexuais. Pelas três décadas seguintes, o fundador da Coalizão Cristã, Pat Robertson, e o reverendo Jerry Falwell, entre muitos outros, apoiaram programas destinados a converter homossexuais e afastá-los do pecado, devolvendo-os aos braços da heterossexualidade temente a Deus. Em 2006, a Associação Médica Católica declarou que a pesquisa científica, incluindo o estudo de Masters e Johnson, “contradiz o mito de que atração pelo mesmo sexo é geneticamente predeterminada e imutável e oferece esperança de prevenção e tratamento”. Durante sua campanha presidencial de 2008, a igreja do Alasca frequentada pela candidata republicana à vice-presidência, Sarah Palin, promoveu uma conferência local sobre a conversão gay por meio da oração, promovida pela Focus on the Family, organização cristã fundamentalista dirigida pelo doutor James Dobson. “Os pesquisadores do sexo Masters e Johnson (que dificilmente poderiam ser considerados defensores da visão tradicional!) disseram que a noção de que ‘a homossexualidade não pode ser mudada’ era ‘certamente discutível’”, afirmou o grupo de

Dobson em seu site da internet, citando em nota de rodapé *Homosexuality in Perspective*, quase três décadas após sua publicação.

Nesse ínterim, quase todos os grupos médicos profissionais se opuseram a essa terapia de conversão alegando que as reivindicações de sucesso não puderam ser replicadas em outros estudos. De fato, em 2007 a Associação Americana de Medicina declarou oficialmente que “se opunha ao uso de terapias ‘reparativas’ ou de ‘conversão’ que se baseassem no pressuposto de que a homossexualidade *per se* seja um distúrbio mental, ou baseadas na suposição a priori de que o paciente deve mudar sua orientação homossexual”. Paul Gebhard do Instituto Kinsey perguntou-se por que nunca ninguém evitou que Masters criasse um embaraço para si mesmo com esse caso. “Esse é o meu único grande desapontamento com M&J”, disse Gebhard a respeito de seu terceiro livro. “Tenho grande respeito por Kolodny e fico um pouco surpreso que ele tenha endossado essa ‘cura’ de homossexuais.”

Masters confiava que o livro deles acabaria sendo bem acolhido, como os dois anteriores. Acreditava que a maior parte das críticas vinha da comunidade analítica freudiana, para a qual o tratamento de duas semanas era simplista demais e estava longe de ser suficiente para uma compreensão dos mistérios da vida sexual do paciente. Apesar de todas as suas limitações de porte e escopo, muitas das quais ele reconhecia, Masters achava que a perspectiva de uma terapia de conversão oferecia mais esperança, mais liberdade aos pacientes do que a psicanálise jamais poderia oferecer. “As críticas se baseiam em concepções antigas”, Masters replicou com desdém para a imprensa. “Estamos relatando dez anos de trabalho com cinco anos de acompanhamento posterior – e é algo que funciona.”

Os membros mais próximos da sua equipe, incluindo Kolodny, não entendiam por que Masters queria tanto impor suas teorias de conversão e reversão, insistentemente, além do ponto da

credibilidade. No passado, Masters havia sido um visionário, um pouco estridente em suas visões, mas sempre com ampla documentação. Como podia agora deixar o instituto tão vulnerável? A mídia fez algumas críticas, mas nunca atacou a integridade fundamental do livro. Ninguém tinha ideia da preocupação que havia no interior da própria clínica. “A essa altura, eu já chegara basicamente à conclusão de que as teorias de Bill sobre a terapia de conversão eram mais uma invenção da sua imaginação do que um estudo terapêutico baseado em coleta de dados, e isso para mim foi realmente uma grande surpresa”, lembrou Kolodny, ao falar sobre os possíveis desdobramentos. “Claramente, houve uma mudança na maneira pela qual seu trabalho foi aceito ou acolhido tanto pelos profissionais da área como pelo público.”

Constrangida e desconcertada com a experiência toda, Virginia jurou que nunca mais deixaria Masters colocá-la numa situação como essa. No início da década de 1980, ela passou a estar mais presente na clínica. “Gini sentiu que ele estava começando a se tornar um pouco imprevisível, um pouco perigoso no que se refere a ser capaz de tomar decisões”, disse Kolodny. “E, sem dúvida, a partir de então ela tentou ganhar maior controle das rédeas do instituto.” Essa mudança na relação de poder ficou mais evidente em 1982, quando o Instituto Masters e Johnson se mudou de suas instalações na Forest Park Boulevard 4910 para uma nova localização mais moderna, perto dali. Virginia supervisionou toda a produção e aprovou a planta do local. A partir de então, não iria haver mais dúvida sobre quem seria responsável pelas principais decisões. “Gini assumiu a sala maior, mais bem equipada do escritório, e deu a Bill uma sala bem menor”, lembrou Kolodny. “Foi muito simbólico.”

Quando gente de fora apontava essa inversão de papéis, Masters tentava tirar importância do fato. “Eu a contratei para trabalhar para mim e agora eu é que trabalho para ela – mas está tudo certo”, brincou Masters quando uma repórter de St. Louis se referiu ao fato. “Eu era o pior administrador do mundo. E gosto mais do lado da pesquisa, do aspecto clínico.”

A promessa de um futuro

Magnífica num vestido preto, Virginia Johnson circulava pelo elegante salão de baile, de braço dado com Bill Masters, deleitando-se como uma rainha com os olhares de admiração de quase quatrocentos convidados que aplaudiam de pé, com entusiasmo. Por toda a nação, Masters e Johnson haviam sido celebrados e homenageados, mas nunca tinham experimentado uma recepção como essa em sua cidade, St. Louis. Até Masters, sempre de rosto sério, não resistiu e exibiu um sorriso.

No interior do Park Terrace Hilton, a orquestra tocou um rufo suave de tímpanos enquanto o mestre de cerimônias daquela noite apresentava o casal. Uma sensação de merecido reconhecimento de toda uma cidade permeou aquela noite de novembro de 1984, que teve até um discurso do governador republicano do Missouri, Kit Bond. Outros destaques desse jantar dançante de 250 dólares por pessoa eram o deputado federal local George Hoblitzelle, cuja filha tivera seu parto feito por Masters, e a nova presidente da *Playboy*, Christie Hefner, membro do conselho curador do seu instituto. “Dois dos nossos mais distintos cidadãos de St. Louis ainda não haviam sido homenageados publicamente”, declarou à plateia o presidente da Universidade Webster, Leigh Gerdine, que presidiu o jantar, “embora o resto do mundo já os tenha aclamado”.

A celebração do 25º aniversário do estudo de Masters e Johnson sobre a sexualidade humana foi em grande parte a noite de Virginia. Ela cuidou de cada detalhe, desde as mesas com toalhas cor de vinho, com grandes vasos de cristal e gardênias brancas, até o grupo de fotógrafos. Junto com as atividades cotidianas da clínica, ela agora gerenciava a imagem pública do instituto. Os espectadores ficaram assombrados com o fato de ela ter conseguido que os três homens mais importantes de sua vida – o doutor Masters, o juiz Noah Weinstein e seu ex-marido, George Johnson, cuja orquestra cuidou da música naquela noite – se dessem tão bem naquele evento. “Foi a única vez em que encontrei o senhor Johnson – ele era como aquelas pessoas num navio que sorriem o tempo todo”, lembrou June Dobbs Butts. Naquela noite adorável, as memórias ruins de St. Louis se dissolveram. Foram esquecidas as vexatórias ligações telefônicas noturnas, o esnobismo de profissionais, o distanciamento intencional da Universidade de Washington de sua clínica, as maldosas insinuações e boatos sobre atividades sórdidas realizadas a portas fechadas. Mesmo que aquela homenagem da cidade fosse tardia, Masters e Johnson expressaram seu agradecimento. “Sempre achamos que seria melhor criar e manter o trabalho aqui no Meio-Oeste”, disse ela ao *St. Louis Post-Dispatch*, o maior jornal da cidade.

O discurso de Masters soou como uma despedida. Conforme se aproximava dos setenta anos, seus olhos pareciam mais vazios e distantes, seus ombros caídos, as costas curvadas. Sua gravata borboleta agora pendia do colarinho como uma flor murcha, não mais viçosa. “As cores do tempo se instalaram em meu lugar”, disse ele baixinho ao microfone. “Já vivi bastante. Meus opositores já foram de certo modo neutralizados – alguns até enterrados.” A plateia foi percorrida por um riso suave reagindo a esse comentário de Bill, cru, mas verdadeiro, sobre seus críticos. Ele falou como um homem cuja obra está concluída. “É hora de passar o bastão para gente mais jovem”, disse à plateia. “Eu talvez não faça isso de muito bom grado, mas já é hora.”

Ao contrário de Masters, com olhos postos no futuro, Virginia, aos cinquenta e nove anos, desfrutava do momento mais glorioso de sua vida, diante da aclamação e do sucesso pessoal que poucos profissionais conseguem. Seu marido parecia estar se aposentando, mas Virginia, dinâmica e intensa como sempre, não dava mostras de esmorecer. “Acho que não seria incorreto dizer que Bill de fato tem intenção de viver junto a algum corpo de água, com muito sol e areia”, ela declarou a um entrevistador, “mas não a ponto de abandonar algo que funciona para nós”.

Para a mídia americana, cada vez mais obcecada por sexo, Virginia Johnson continuava uma figura fascinante, uma mulher madura, experiente e vivida, que parecia compreender vários dos mais profundos mistérios da vida. “Na época em que ela falava sobre sexo, isso era revolucionário”, lembrou Helen Gurley Brown, então editora da *Cosmopolitan*, que implorou a Virginia para que falasse sobre sua vida pessoal para a revista.

“Ela era segura, inteligente, convincente. Tinha tudo a ver com aquilo sobre o que a gente falava, a sexualidade feminina.”

O escritor Gay Talese, na preparação de seu livro *A mulher do próximo*, um relato em primeira mão da revolução sexual americana, já tentara anos antes fazer com que Masters e Johnson revelassem sua vida juntos.

“Com que frequência vocês fazem amor?”, perguntou um dia Talese depois que os dois terminaram uma palestra na convenção da Associação Americana de Editores de Jornais.

Virginia sorriu para Talese, como quem olha para um garoto levado. “Mas quem é que fica contando essas coisas?”, ela respondeu com um recato afetado. As centenas de homens da imprensa presentes aplaudiram.

O nome de Masters e Johnson estava por toda parte, mas era difícil ter acesso a eles pessoalmente. Sua fama, um fator de reconhecimento instantâneo, transformou-os em alimento para cartunistas e humoristas de fim de noite. “Sabe, amigo, as pessoas vão a St. Louis não só para ver os doutores Masters e Johnson”, era a legenda de um cartum de uma revista nova-iorquina, um dos vários emoldurados e dependurados nas paredes da clínica. Em

outro, um médico de avental branco de laboratório informava uma jovem cética, “Bem, a máquina diz que você teve um orgasmo!” Outro ainda mostrava duas mulheres de meia-idade observando na vitrine de uma livraria um exemplar de *Human Sexual Response* [“Reação sexual humana”]. “Ah, o meu Harold”, uma senhora dizia à outra, “como eu adoraria que ele tivesse *algum* tipo de reação”!

Apesar dos repetidos convites nas décadas de 1970 e 1980, Masters e Johnson recusaram-se a participar do talk show de fim de noite de Johnny Carson (“Não queremos aparecer entre o humorista Jackie Mason e uma dançarina de sapateado”, explicou ela) ou a encarar um fogo cruzado no horário nobre no programa de Mike Wallace, *60 Minutes*. Em vez disso, participaram do programa matinal de Phil Donahue, transmitido de Chicago, e do programa de entrevistas de Mike Douglas, da Filadélfia, exibido em várias partes do país, onde os dois se sentiam mais à vontade. Falar sobre sexo no horário diurno da televisão tinha um apelo estimulante para os espectadores. Embora a televisão durante o dia ainda fosse sonolenta, pelo menos em comparação com os padrões sensacionalistas de anos mais tarde, Donahue percebeu em Masters e Johnson a possibilidade de aumentar os índices de audiência. “Ele nos convidava a toda hora”, lembrou Virginia referindo-se ao simpático apresentador, com seu farto cabelo branco e óculos grandes e redondos. Ela achava que Donahue tinha um estilo bajulador e que fazia um jogo duplo, tipicamente americano daquela época, de atribuir um código moral para os homens e outro diferente para as mulheres. “Ele podia deixar você embaraçado facilmente”, disse Virginia. Enquanto Masters assumia um ar distanciado e meticuloso com os entrevistadores de tevê, Virginia adorava fazer o papel da diva, sabendo aproveitar a grande aceitação que ambos tinham junto ao público e as recompensas financeiras que advinham disso. “Acho que minha necessidade de ser uma estrela – meu desejo de ser uma estrela – era um pouco alta, tenho que admitir”, disse ela, lembrando que até os motoristas de táxi de Nova York a conheciam pelo nome.

A fama, porém, não se traduziu em fortuna. Por volta do início da década de 1980, o Instituto Masters e Johnson vinha perdendo dinheiro, e seus dois sócios não conseguiam achar uma solução fácil para isso. Em 1983, o instituto teve um déficit de 226 mil dólares, e no ano seguinte, apesar de um aumento em sua tabela de preços para os pacientes, faturaram apenas o suficiente para manter a equipe e as instalações. A contínua proliferação de clínicas de terapia sexual por todo o país fez cair a necessidade de pagar caro por um tratamento em St. Louis. Sua lista de espera, que antes era de meses, reduziu-se a poucas semanas. Quase 85% dos que vinham procurar o instituto já haviam tentado tratamentos em outra parte. Aqueles que sofriam de “disfunções” comuns, como frigidez e ejaculação precoce, eram agora muito mais versados nessas questões do que a geração anterior. Aprendiam a se curar lendo manuais ilustrados do tipo “como fazer”, comprados na livraria da cidade, ou então visitando um médico ou terapeuta local.

Na verdade, embora a festa de 25º aniversário lembrasse ao mundo o valor da contribuição histórica de Masters e Johnson, o principal objetivo daquela noite era levantar 5 milhões de dólares com uma série de eventos, primeiro em St. Louis e depois em Nova York, Los Angeles e outras cidades. Os subsídios do governo para os estudos sobre sexo no instituto eram quase inexistentes, como ocorria há décadas. Como Virginia declarou à plateia naquela noite, uma subvenção permitiria que eles continuassem “o trabalho como nós o conhecemos, um trabalho arriscado e ousado que outras pessoas talvez não fossem capazes de fazer”.

O dinheiro continuou sendo uma preocupação constante, agravada pela falta de competência nos negócios de Bill e Gini, lembrou Donna Wilkinson, membro do conselho. Os dois pesquisadores “não gostavam de pedir dinheiro, portanto ficava difícil obtê-lo, já que eles não se davam ao trabalho de ir atrás”. Em 1983, o conselho diretor do instituto finalmente aprovou um esforço organizado para levantar fundos. “Caso eles se aposentem, queremos ter certeza de que o instituto e seu trabalho irão continuar”, disse Daniel J. Sullivan, o primeiro diretor de

desenvolvimento da clínica, na época dessa iniciativa para levantar fundos. Mas a clínica teve dificuldades em identificar grandes fontes de financiamento confiável, exceto um punhado de ex-pacientes movidos por gratidão. Quando surgiam iniciativas comerciais relacionadas ao seu trabalho, Masters e Johnson com frequência resistiam, como haviam feito quando Kolodny sugeriu abrir uma franquia da sua clínica. Nos anos de 1980, com o advento do vídeo doméstico, Masters e Johnson receberam uma proposta de 1,5 milhão da Time Life para uma série de fitas ilustrando seus métodos consagrados. Mas o casal hesitou em fechar negócio, achando que o dinheiro não era suficiente. Mesmo com a clínica tendo prejuízo, ficaram com receio de se vender barato demais. Masters deu ouvidos aos conselhos cautelosos do advogado do instituto, Walter Metcalfe, e não pareceu muito interessado na proposta, enquanto Virginia parecia estar preocupada com outras questões.

Masters e Johnson continuavam com medo de serem explorados e daqueles que queriam apenas fazer dinheiro com o nome deles. Embora o nível de picaretagem no setor da terapia sexual com certeza recomendasse cautela e dúvidas razoáveis, suas apreensões às vezes magoavam colegas estimados, que estavam legitimamente tentando levar adiante suas carreiras. Na década de 1970, por exemplo, Marshall e Peggy Shearer informaram Masters de que iriam lançar um livro chamado *Rapping about Sex* ["Conversando sobre sexo"], baseado em gravações de suas discussões públicas com estudantes universitários nos *campi* do país. Na quarta capa, eles pretendiam mencionar sua presente filiação à clínica de Masters e Johnson, mas Bill discordou. "Ele achou que estivéssemos usando o nome deles em benefício próprio", lembrou Peggy. Marshall argumentou que todo autor cita seu histórico nas guardas das capas, mas Masters foi inflexível. Meses mais tarde, os Shearer decidiram voltar para Michigan, apesar dos pedidos de Masters e Johnson para que ficassem em St. Louis.

Kolodny não tinha nada a ganhar diretamente com a proposta de vídeo da Time Life, a não ser assegurar a promessa de um futuro

para o instituto, onde ele trabalhava há mais de uma década. Ele se tornara diretor associado da clínica, gerenciando o treinamento. Também supervisionava Joan Bauman e outros na seção de pesquisa de endocrinologia, estudando o impacto de drogas, tanto ilícitas como prescritas, na função sexual, e também a repercussão de doenças crônicas como diabetes, câncer e hipertensão no bem-estar sexual. Além de seus consideráveis talentos como médico, Kolodny tinha tino para os negócios e para escrever. Foi ele que organizou o livro baseado num seminário de 1977 de Masters e Johnson sobre questões éticas na terapia sexual, e que colaborou com eles em vários outros livros profissionais, incluindo um manual para faculdade de 1982 chamado *Human Sexuality*. Anos mais tarde, em sua autobiografia não publicada, Masters definiu Kolodny como um “indivíduo de talento inigualável” e admitiu que Kolodny produzira “a maior parte do texto dos diversos livros que publicamos juntos”.

Durante anos, Masters sinalizou que Kolodny seria seu sucessor, o “legítimo herdeiro” como a revista *Time* o chamou, embora Virginia se mostrasse intranquila em relação a essa mudança iminente. Como não tinha nenhum diploma, Virginia dependia de um médico licenciado – fosse Kolodny ou outro com as suas credenciais – para ajudar a supervisionar a clínica caso seu marido se aposentasse. Não podia fazer isso sozinha, mesmo que Masters se distanciasse cada vez mais das decisões diárias e lhe desse muito espaço em questões relacionadas à medicina. Depois de anos acompanhando Masters em encontros científicos, Kolodny tinha uma posição entre os profissionais de sua área que praticamente rivalizava com a deles, ainda mais depois que ganhou um prestigioso prêmio nacional por serviços profissionais. “Havia tensão”, lembrou Donna Wilkinson, que de início via os atritos entre Virginia e Kolodny como resultado natural do convívio de mentes muito inteligentes e motivadas. “Bob começou a receber muito reconhecimento, o que era merecido. Embora isso não fosse um incômodo para Bill – porque acho que Bill sentia ‘Ah, esse garoto é minha cria’, um discípulo que ele havia formado –, a coisa era um pouco mais ameaçadora para Gini.”

Kolodny, um homem alto, de cabelo escuro, que deixou crescer um bigode para aparentar mais idade, sentia muito orgulho por ter sido treinado pelos melhores – tanto em Harvard como sob a tutela de Masters, que ele antes idolatrara como um gênio de visão ampla. Ele falava e agia com uma precisão deliberada e não escondia seu desagrado com a mediocridade dentro da equipe ou com as indulgências pouco profissionais de Virginia. Sobre os vários livros que levavam o nome dos dois, ele mais tarde afirmou: “Não acredito que Gini tenha lido nenhum deles.” Embora alguns membros da equipe fossem muito talentosos, Kolodny não entendia a presença de tanta gente sem o treinamento médico sólido que ele achava necessário para o sucesso da clínica. Alguns não tinham qualquer experiência com terapia, outros não sabiam quase nada de psicologia e anatomia humana, e havia vários com histórico em áreas não relacionadas, como teologia. “Porque um certo nível de especialização custa dinheiro, e eu não acho que eles [Masters e Johnson] quisessem que outras pessoas brilhassem”, disse Wilkinson, que admirava o profissionalismo de Kolodny. Mas Kolodny logo arrumou um rival quando Mark Schwartz entrou na equipe em meados da década de 1970. Com seu cabelo comprido, loiro, e uma postura calma, confiante, a excelente competência de Schwartz como terapeuta e seu doutorado em psicologia pela Johns Hopkins faziam dele uma alternativa genuína à abordagem séria, mas mais apática de Kolodny. “Todos esperavam isso de Kolodny [virar o legítimo herdeiro de Masters], porque ele deixava isso claro, e, quando Mark [Schwartz] chegou, houve um pouco de tensão, porque acho que o Mark imaginava que ele é que seria o herdeiro”, lembrou Mae Biggs-Lonergan, que trabalhou com os dois como terapeuta da equipe.

Como um conselheiro confiável, Kolodny uma vez foi orientado pelo próprio Masters a lhe dizer se estava violando demais as regras ou se o tempo havia minado sua capacidade mental e física. Segundo lembrou Kolodny, logo depois que ele voltou de Harvard em 1972, Masters veio com uma conversa metafórica a respeito de jogadores de futebol de idade mais avançada, que não sabem a hora certa de pendurar as chuteiras. Numa longa linha de

raciocínio, Bill mencionou cirurgias que continuam com o bisturi na mão por mais tempo do que deveriam. Então segurou no braço de Kolodny e olhou-o bem nos olhos. “Eu vou lhe pedir que você faça isso por mim”, disse num tom um tanto solene. “Nós vamos trabalhar juntos por um bom tempo. Se você me flagrar perdendo o prumo, quero que me sente e me diga que preciso sair de cena. Vai ser responsabilidade sua evitar que eu cause esse constrangimento a mim mesmo.”

Embora esse solilóquio parecesse melodramático, Kolodny percebeu que a atenção permanente que Masters tinha em si mesmo, aquele ar confiante de superioridade que ele ostentou ao longo de toda a sua carreira, não iria permitir deslizos, nada abaixo daquilo que ele sempre fora. Conforme Masters envelhecia, quando não se mostrava tão perspicaz, especialmente em público, em situações nas quais outrora havia sido brilhante, Kolodny não tinha coragem de dizer isso ao seu mentor. Sem dúvida, se Kolodny tinha intenções de ser seu sucessor, não estava em posição de insistir para que Masters reduzisse seu ritmo de trabalho ou parasse de vez de atender pacientes sem que isso desse a impressão de que estava advogando em causa própria. Além do mais, Kolodny sentia que seu conselho mais importante em relação ao futuro do instituto havia sido praticamente ignorado. O auge da sua frustração foi quando ele incentivou Masters e Johnson a mudar seu instituto para Nova York. Ele argumentava que na capital da mídia do país a reputação deles iria crescer, suas terapias inovadoras seriam mais bem acolhidas pela comunidade médica e eles ganhariam mais pacientes. Num memorando intitulado “Vantagens de um escritório em Nova York”, Kolodny defendia que o instituto teria “maior apelo para a clientela internacional” e poderia “obter mais subvenções”. Os laços familiares de Kolodny em Nova York sem dúvida tornavam a ideia atraente para ele. Diante da inclinação de Bill e Gini para mudanças – eles venderam sua casa de Ladue e mudaram de casa várias vezes em St. Louis –, a ideia de transferir o instituto fazia sentido. Mas Virginia disse que não sonhava ir para Nova York – um deslocamento muito radical de sua base de tantos anos para um lugar onde eles talvez fossem enfrentar mais críticas, em

especial dos freudianos empedernidos. Já havia muitos programas em Nova York que utilizavam suas técnicas, como o de Helen Singer Kaplan em Cornell, Alex Levay em Columbia e Sallie Schumacher em Long Island. Nem Virginia nem Masters queriam recomeçar outra vez, não a essa altura de suas vidas. Havia também outra preocupação não declarada. Embora ambos dependessem agora muito de Kolodny, Virginia não confiava nele ainda. “Ele era muito inteligente e tinha uma necessidade muito forte de dominar a situação”, lembrou ela anos mais tarde. “Queria levar a coisa toda para Nova York e voltar para sua terra natal. E o que é muito curioso é que estávamos contentes por vê-lo assumir o comando.” (Mas apenas, insistiam eles, se ele concordasse em ficar em St. Louis.) Gini sentia com muita intensidade que a clínica deles se beneficiava de suas raízes no Meio-Oeste. “Se tivéssemos ido para o Leste, um mundo próprio da medicina da linha antiga, teríamos tido que nos recriar e não estou certa se seríamos bem recebidos”, disse ela.

No final, Kolodny decidiu planejar sua própria saída. Num memorando minucioso, destacou todas as tarefas que fazia e supervisionava, e quais deveriam ser as credenciais de seu sucessor. Ele se mudou para Connecticut com sua esposa de então, Nancy, e suas filhas novas, abrindo a própria clínica de medicina comportamental. Kolodny concordou em continuar a integrar o conselho do instituto e voar de vez em quando para St. Louis para as reuniões. Também continuaria sua colaboração escrevendo com Masters e Johnson, inclusive um livro a ser lançado, chamado *Masters and Johnson on Sex and Human Loving*, que foi muito bem-sucedido.

Na época da celebração de gala de Bill e Gini em 1984, quando toda St. Louis pareceu reconhecer seu sucesso, o doutor Robert C. Kolodny – o pretense herdeiro legítimo da clínica e tudo aquilo o que ele representava para o futuro dela – já fazia parte do passado.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

A Bela e a Fera

"Cada movimento que ela fazia, cada passo, cada meneio, ajudava-me a ocultar e aprimorar meu sistema secreto de correspondência tátil entre a fera e a bela – entre minha fera amordaçada prestes a explodir e a beleza de seu corpo modelado em seu inocente vestido de algodão."

– VLADIMIR NABOKOV, *Lolita*

Nua na cama, Maureen Sullivan murmurava para seu cliente chegar mais perto, o suficiente para que suas peles encostassem. As palavras de suas instruções eram suaves e convidativas, como suas carícias.

Perto da cabeceira da cama, Maureen sentava-se em posição de lótus, como alguma irresistível deusa erótica, olhando cara a cara seu ansioso jovem. No interior de seu acolhedor quarto do Chase Park Plaza Hotel, as luzes permaneciam acesas. As cobertas eram puxadas para o pé da cama, e portanto não havia onde se esconder. Então ela colocava suas pernas bronzeadas e macias em cima de cada um dos joelhos dele, de modo que seus genitais praticamente se unissem.

Aos vinte e sete anos, com cabelo ondulado, castanho claro, seios fartos e empinados, Maureen parecia uma professora de aeróbica, e exalava um entusiasmo contagiante. Com sua aparência atlética, ela sorria o tempo todo como uma profissional bem treinada, paga por seu cliente, sob a orientação de terapeutas no mundialmente renomado Instituto Masters e Johnson.

Quando o momento parecia adequado, Sullivan pegava o pênis mole do cliente, com autoridade e sem hesitação, e ficava esfregando-o contra a sua vulva e lábios vaginais. Instalava-se um clima de expectativa entre os dois, mas ela não fazia nenhum pedido. Só quando sentia que ele estava pronto – o que o manual de Masters e Johnson descrevia como um “fluxo de vasocongestão pelas artérias do pênis, intumescendo e elevando seu tecido flácido” – é que Maureen passava para a etapa seguinte dessa visita guiada.

“Agora eu vou ficar por cima e colocar seu pênis na minha vagina – só para você sentir”, ela cochichava no ouvido dele. “Não tente empurrar. Não tente fazer nada. Só sinta.”

Como parceira sexual substituta, Maureen ocupava-se do “prazer genital” perto do final de seu trabalho de duas semanas, com uma sensibilidade genuína e uma impressionante eficácia. Antes de chegar a esse momento, ela e seu cliente haviam passado vários dias na terapia de “foco nas sensações”, como prescrito pelas técnicas de Masters e Johnson.

A penetração não era o objetivo. Durante sessões da manhã e da tarde, eles esfregavam, encostavam, brincavam, e às vezes beijavam praticamente todas as partes de seus corpos, sem a expectativa do intercurso. Às vezes ficavam em pé diante de um espelho grande e examinavam seus corpos. Como Maureen explicou, os exercícios de toque eliminavam o medo e a ignorância em relação ao corpo da mulher naqueles homens com problemas. “E eu também fazia isso com eles”, lembrou. “Mostrava como os testículos são parecidos com os ovários, que o escroto é como os grandes lábios e o pênis é similar ao clitóris. Então eles sentiam que não estavam em território estrangeiro.”

Os homens que confiavam na competência de Maureen em geral sofriam de “disfunção erétil”, o novo nome da impotência, ou então de ejaculação precoce, ou eram virgens cujo medo do desempenho os impedia de ficar com uma mulher. Para esses homens, Maureen era uma operadora de milagres. Não exigia nenhuma satisfação para ela e parecia totalmente dedicada a conseguir a deles. “Eu me achava a Mulher Maravilha”, disse ela. Quando eles chegavam ao

estágio do “prazer genital”, Maureen concentrava-se no membro ereto do cliente, dando pinceladas com ele ao longo de sua própria genitália, como se fosse um pintor com seu pincel. “É como a gente chamava, ‘pintar’ – você pega o pênis deles e se pinta com ele”, explicou ela. As suas palavras de encorajamento tinham a intenção de transformar o inútil no exuberante. “E, se ele [o pênis] começa a cair, você volta a acariciar com a mão. Se ele fica duro, bom, aí então você simplesmente enfia dentro. Você controla a situação, mas não anuncia o que vai fazer. Pega eles meio de surpresa, quando não estão olhando!”, explicou com ironia.

A *joie de vivre* de Maureen fez dela uma favorita de Bill Masters para seus casos mais sem esperança. Além da taxa usual do instituto, de 5 mil dólares, os pacientes pagavam quase isso para garantir os serviços dessa mulher da Califórnia ou de um punhado de outras parceiras substitutas que Masters de modo sub-reptício fornecia em meados da década de 1980. Esses arranjos eram bem mais sigilosos do que nos primeiros tempos, principalmente porque Masters e Johnson haviam condenado em público a prática. Infelizmente, eles aprenderam que a terapia com parceiras substitutas, que eles de início defenderam na década de 1960, podia agora levar ao escárnio e à ridicularização.

“Meu método é basicamente o mesmo de Masters e Johnson”, argumentou a antiga gerente de bordel de Nova York, Xaviera Hollander, em *The Happy Hooker* [“A prostituta feliz”], seu popular livro daquela época. “Só que eles cobram milhares de dólares e chamam de terapia. Eu cobro cinquenta dólares e as pessoas chamam de prostituição.”

Desde seu seminário de 1976 sobre ética, Masters e Johnson afirmaram repetidas vezes à imprensa e aos seus colegas profissionais que não empregavam mais parceiras substitutas com seus pacientes. Masters temia que algumas pudessem atuar como terapeutas não treinadas, sem consciência de que poderiam criar danos emocionais. “Por razões legais e éticas, Masters e Johnson suspenderam o programa com parceiras substitutas”, relatou Jane E. Brody no *New York Times* em 1980. A *Newsweek* disse que eles haviam “abandonado a prática, e que hoje a maioria dos

terapeutas acredita que as substitutas não são necessárias – ou sequer benéficas”. Seguindo o exemplo de Masters e Johnson, a Associação Americana de Psicologia e a Associação Americana de Terapeutas Conjugais e da Família disse que os terapeutas que permitiam a seus clientes usarem parceiras substitutas estavam transgredindo normas éticas, mesmo que não houvesse nenhuma política formal condenando isso. A maior parte dos profissionais bem conceituados concordou com a posição de Masters e Johnson. Por volta da década de 1980, terapeutas da linha principal acreditavam que usar substitutas era um risco pouco sensato para a sua licença profissional e abria a possibilidade de sofrerem um processo criminal. “Eu, pessoalmente, jamais faria”, explicou a doutora Ruth Westheimer. “Posso até ver uma justificativa para isso, mas nunca utilizaria porque não é um procedimento legal.”

Poucos sabiam que Masters continuava a usar substitutas ou que nunca duvidara da sua eficácia. Apesar do risco legal e da duplicidade pessoal, Masters não se dispunha a abrir mão desse tratamento. “O médico sempre quer a melhora do paciente, independentemente do método usado”, explicou seu amigo Paul Gebhard, do Instituto Kinsey.

Além de Maureen Sullivan, os pacientes de Masters e Johnson contavam com outras substitutas, que voavam até St. Louis vindo de todo o país, pagas para ressuscitar sexualmente um homem que elas nunca haviam visto antes. Substitutas como Vena Blanchard, então uma divorciada de trinta e poucos anos dos subúrbios de Los Angeles, sabiam que as ações clandestinas de Masters estavam em conflito com sua posição pública. “A verdade é que, depois que eles pararam oficialmente de trabalhar com substitutas, eles continuaram, só que indicando os clientes às substitutas para que estes fizessem os acertos por sua conta”, explicou Blanchard, que mais tarde se tornou presidente de um grupo de apoio a parceiras substitutas. Embora Masters com frequência lidasse diretamente com elas, disse Blanchard, ele era o médico famoso, e mantinha certa distância das tratativas de dinheiro e de outras questões logísticas entre as substitutas e os seus pacientes. “Era tudo à surdina, porque eles haviam sido advertidos de que havia riscos”,

Blanchard lembrou. “Eles tinham um contrato legal com ambas as partes, para manter a coisa sigilosa.”

Enquanto Blanchard dizia ter recebido pagamento por apenas um caso em St. Louis, Maureen e outra substituta conhecida como “Ann, da Flórida” lidaram com vários casos. Em vez de olhar com desconfiança para esse médico que brincava levemente com a lei e com as normas profissionais, Blanchard admirava Masters. “Ele disse a certa altura que eles se sentiam mal por fazer isso”, disse Blanchard, “mas que ele em sua consciência não podia privar os clientes de um tratamento que iria funcionar para eles, que era a única coisa que iria funcionar para eles”.

Maureen Sullivan afirmou ser a parceira substituta mais bem paga do sul da Califórnia quando mandou um “currículo” para a clínica de Masters e Johnson, relatando sua experiência anterior e o treinamento com o terapeuta sexual William Hartman, um conselheiro matrimonial licenciado. Embora a abordagem de Hartman pudesse ser controversa – ele e sua parceira, Marilyn Fithian, às vezes davam orientações parcialmente vestidos aos seus clientes sobre suas técnicas de acariciamento –, ele deu treinamento formal a mulheres como Maureen, que trabalhavam como parceiras substitutas. Na Long Beach State University, Maureen, então bacharel em antropologia por Englewood, assistiu a uma aula sobre sexualidade humana ministrada por Hartman e logo se interessou por seu trabalho. “Eu não tinha nenhuma carreira em mente, então arrumei alguns clientes do Bill Hartman e pensei: ‘O que tem de mais, vou experimentar!’”, explicou Maureen. Em pouco tempo ela tinha uma lista de dezesseis clientes por semana, recebendo a soma, na época significativa, de 300 dólares por dia como parceira sexual substituta.

Na Califórnia, Maureen ouvia falar tanto a respeito de Masters e Johnson que imaginou que seus clientes ricos poderiam se dispor a pagar muitos dólares por seus serviços. Ela foi prontamente aceita depois de enviar suas credenciais pelo correio, mas Masters também pediu uma foto. Maureen não concordou. “Foda-se você, não vou lhe mandar foto nenhuma”, Maureen pensou consigo mesma nessa hora. “Não interessa de que jeito eu sou – sou uma

parceira substituta e isso é tudo o que importa. Meu treinamento está aqui.”

Masters lhe disse que “esse cliente estava batendo na mesma tecla, que queria saber como era minha aparência, e que não iria assinar com eles a não ser que me visse antes”, lembrou ela. “Ele simplesmente não iria aceitar. Então, por fim, eu mandei uma foto.”

Logo depois, Masters ligou para ela de St. Louis para dizer que o paciente queria marcar uma visita.

“Antes de mais nada, eu não entendi por que você não queria mandar sua foto”, disse Masters com sua voz mais charmosa. “Você tem uma aparência muito boa.”

“Bem, não foi por isso que eu mandei a foto”, disse Maureen em seu tom igualmente franco, quase atrevido.

O resto da conversa entre os dois girou em torno de dinheiro. “Se você me pagar 300 dólares por dia mais as despesas, eu topo”, Maureen conta ter dito a Bill. “Eu recebi três mil dólares de um cliente [para um período de dez dias]. Foi um preço que eu estabeleci porque era o que eu ganhava trabalhando em casa.” Quando ela chegou a St. Louis, o doutor Robert Kolodny fez um exame ginecológico nela antes de permitir quaisquer sessões de terapia com pacientes. Kolodny, que logo partiria para a Costa Leste, continuava ambivalente em relação ao uso de substitutas, mas deixava a decisão por conta de Masters, que tinha em alta consideração a competência de Maureen. “Bill claramente achava que, das várias substitutas que os homens haviam encontrado por sua conta, ela era talvez a melhor, a mais qualificada”, lembrou Kolodny.

Numa carreira que abrangeu cerca de trezentos casos, disse Maureen, ela atuou como substituta em St. Louis “pelo menos uma meia dúzia de vezes”. Virou uma figura tão familiar que acabou guardando sua bicicleta junto à máquina de xerox da clínica, para relaxar e passear pelo lago do Forest Park quando estivesse na cidade. “Eu acabei sendo adotada como uma espécie de filha, de certo modo”, lembrou ela. Maureen, que havia feito cursos de psicologia, compreendeu que ser substituta era algo que dava

prazer e felicidade aos outros, de um modo que ela nem sempre experimentara na sua vida pessoal. “Eu tinha vinte e poucos anos, ainda estava descobrindo quem era”, refletiu ela. “Não era uma alma perdida como substituta – eu era uma alma perdida *antes* de ser substituta. Meu pai espancava minha mãe. Nunca vi meus pais com muito afeto.” Trabalhar como substituta, sob a orientação de médicos mais velhos que sugeriam o que fazer, de alguma maneira preenchia uma necessidade psicológica de Maureen. “Eu vinha de uma família disfuncional, e quando assisti às aulas de Bill Hartman e comecei a aprender sobre relacionamentos e amor – eu precisava era de um pai”, explicou ela.

Esperava-se que as substitutas, com todos os seus momentos íntimos com os pacientes, fossem instrumentos não emocionais da equipe terapêutica que fazia a supervisão. Não se esperava que tomassem decisões de tratamento ou fizessem avaliações psicológicas. “Eu como substituta ia direto ao ponto”, explicou ela. “Quando eles tinham problemas psicológicos, o terapeuta em geral tentava lidar com isso, antes que eu entrasse em cena.” As substitutas tinham consciência da transferência, aquela preocupação de que um paciente pudesse se envolver emocionalmente com elas. Num dos casos, porém, Maureen cometeu um erro fundamental – ela se apaixonou pelo seu cliente.

Um advogado rico, de fora da cidade, com cerca de trinta anos de idade, contratou Maureen para ajudá-lo a lidar com “DE”, o código padrão para impotência [“disfunção erétil”]. “Masters e Johnson contavam pouca coisa a você sobre o cliente, porque não era eu quem dava as cartas”, relatou Maureen. O jovem advogado pagou um bom preço por quartos separados no Chase Park Plaza, o que lhe permitia dormir sozinha e ter alguma privacidade quando os dois não estavam na clínica ou dedicados a exercícios de sensações na suíte dele. Durante duas semanas, Maureen ficou mais tempo do que previa simplesmente falando com seu cliente, comendo em restaurantes e andando pelo parque. Eram dois estranhos passeando juntos pela cidade, e Maureen percebeu que estava se apaixonando por aquele homem praticamente anônimo, que era grato a ela por ter-lhe restaurado a virilidade. Como

substituta, ela sempre mantinha as relações físicas separadas de seus sentimentos pessoais, mas esse caso parecia diferente. “Foi algo fora do padrão – não foi nada profissional”, lembrou ela. “Era a minha carência. Uma substituta profissional não comete esse erro. Esses sentimentos não entram em cena. Eu me apaixonei por aquele rapaz, do jeito que acontece com qualquer pessoa.”

Quando suas sessões com o cliente terminaram, ela confidenciou seus sentimentos a Mark Schwartz, o terapeuta encarregado do caso, explicando que os dois acabaram ficando cada vez mais envolvidos emocionalmente enquanto faziam sexo. Schwartz percebeu o dilema e deu a ela um conselho simples.

“Vocês têm que encarar isso apenas como um romance de verão e seguir cada um seu caminho”, sugeriu ele.

Maureen disse que teve pouca escolha. “O que mais a gente poderia ter feito? Eu sou uma substituta. Não posso transgredir minha ética. Ter sentimentos, tudo bem. Você não pode impedir que aconteçam. Só que não é profissional agir a partir deles.”

Maureen voou de volta para o sul da Califórnia e o advogado voltou para casa, para um lugar que ela nunca soube qual era.

“E agora com vocês, Johnny!”

No dia 9 de setembro de 1982, o *Tonight Show Starring Johnny Carson* apresentou o humorista anfitrião com seu assessor Ed McMahon. O maestro Doc Severinsen regia a banda da NBC e um convidado, o ator George Segal, tocava banjo. Durante o seu monólogo de abertura, Carson fez várias piadas sobre a Califórnia, sobre as calças de Doc, sobre o presidente Ronald Reagan, o Monte Rushmore e a greve dos jogadores profissionais de futebol. Com seu último comentário humorístico, Carson mencionou a outra convidada de seu programa daquela noite – Maureen Sullivan.

Sentada perto de Carson para a entrevista, Maureen relatou sua vida como parceira sexual com uma sinceridade impressionante. Falaram sobre como ela descobrira seu emprego, o tipo de problemas que enfrentava, a faixa de idade dos homens com quem

trabalhava, e como era ficar envolvida fisicamente com um cliente. A certa altura, ela fez uma demonstração de uma carícia manual enquanto Carson fazia caretas para a câmera, divertindo sua audiência nacional. Maureen contou ao apresentador do programa de tevê que substitutas sexuais eram normalmente encontradas tanto na Costa Leste como na Costa Oeste do país. Nunca mencionou suas estadias no Meio Oeste na famosa clínica Masters e Johnson. O programa de Carson teve apenas uma das várias aparições de Maureen na televisão, já que a notícia de sua disponibilidade para a mídia se espalhou. Ela se tornou a mulher mais conhecida nessa área da terapia sexual, construindo uma rede de substitutas por todo o país. “Eu estava com tudo”, ela se vangloriou.

Em St. Louis, porém, Maureen causou uma intranquilidade considerável. Se cometesse algum deslize e mencionasse o instituto, haveria um escândalo. Apesar de respeitarem as realizações passadas de Masters, seus colegas mais próximos agora se preocupavam com a possibilidade de que os acertos subreptícios com Maureen e outras mulheres ameaçassem a reputação duramente conquistada do instituto e de todos os envolvidos nele. Masters passara sua carreira forçando os limites, ludibriando seus críticos e os guardiões da moral e dos bons costumes. Mas agora parecia alheio à realidade, ao fato de que eles poderiam ser justamente acusados da mais vulgar hipocrisia e de julgamentos éticos questionáveis. Ele acreditara que nunca ninguém iria descobrir. Seus acertos sigilosos como Maureen e outras parceiras substitutas eram “um exemplo de sua insanidade”, disse Mark Schwartz. Ele se lembrou de pacientes – como “um rapaz virgem de trinta anos de idade, sem nenhum talento para o trato social” – que haviam tido suas vidas transformadas por substitutas, embora isso se tratasse na época de “pura prostituição, aos olhos da lei”. “Era um beco sem saída: eles jamais encontrariam uma parceira sexual se continuassem impotentes e nunca seriam capazes de reverter sua impotência se não tivessem uma parceira”, explicou Schwartz. “Era a chave do seu sucesso, mas Masters estava tão

perto do abismo o tempo todo que era como se pedisse para arrumar encrenca.”

Talvez a mais perturbada pelo esquema de substitutas fosse a própria Gini Johnson. Embora no início ela tivesse sido excelente para recrutar voluntárias para o seu programa, acabou convencida de que as substitutas não compensavam o risco. Aquele sórdido processo envolvendo o marido de Barbara Calvert quase destruíra os dois. “Eu achava que era perigoso e tudo mais”, lembrou Virginia, que receava sofrer um novo processo. “Mas ele continuou insistindo em fazer isso de vez em quando, sabendo como eu me sentia a respeito.” Ela o advertiu de que o instituto não devia virar um intermediário para essas ligações possivelmente ilegais.

Donna Martini, a contadora da clínica, lidava com frequência com substitutas. Logo depois de ter sido contratada em 1982, ela soube de rumores sobre essa farsa. “Quando as pessoas perguntavam se eles usavam substitutas, eles sempre diziam que não – mas usavam, às vezes”, disse ela. “Eles nunca foram realmente claros a respeito do programa de substitutas.” Para cada paciente, Donna cobrava o preço padrão da clínica e depois um segundo cheque, com dinheiro adicional para a substituta. Ela se lembra de pelo menos quatro mulheres que foram pagas dessa forma. “Eu nunca peguei recibo porque eles não queriam deixar registros em papel”, explicou ela. Wanda Bowen, principal auxiliar administrativa de Virginia, certificava-se de que Donna Martini mantivesse a boca fechada sobre o programa de substitutas e qualquer coisa que ela pudesse testemunhar. “As pessoas sempre tinham muita curiosidade em saber o que estava acontecendo”, lembrou Donna. “Wanda costumava dizer, ‘Bem, se alguém lhe perguntar onde você trabalha, diga apenas que trabalha para um médico na Central West End’. Eu nunca entendi direito isso, mas ela sempre se mostrava meio sigilosa.”

Doenças sexualmente transmissíveis com substitutas despertavam tanta preocupação quanto a transferência de dinheiro. Em agosto de 1982, a *Time* noticiou a disseminação do herpes genital – chamando-o de “A Atual Letra Escarlata”, com uma letra “H” vermelha bem grande na capa da revista. Em um ano, o

surgimento do vírus mortal da AIDS colocou uma ameaça ainda maior, particularmente porque é raro homens com dificuldades de ereção usarem camisinha. No trabalho, Maureen nunca usava preservativo antes. "Eu tomava pílula anticoncepcional em função da minha vida pessoal, mas a gente nunca usava camisinha naquela época", lembrou ela. "Só quando surgiu a AIDS no início dos anos de 1980 é que as camisinhas se tornaram uma necessidade." Não demorou para que Maureen, alertada pela ameaça de contágio, sugerisse aos seus pacientes bem-sucedidos que usassem uma em seus pênis desprotegidos. O medo de contrair uma doença fatal melou essa experiência com substitutas para os pacientes. "Foi terrível e assustador no início", explicou Maureen. "Tentamos tirar o foco do intercurso, pois a parte importante não era a penetração, e sim tudo o que levava até ela. Um bom cliente interrompe o tratamento antes de chegar à penetração. Ele acaba encontrando uma mulher por conta dele."

Mas, em última instância, não foi nem a doença nem o dinheiro que encerraram a carreira de Maureen. Em 1984, no seu auge como substituta bem-sucedida, ela foi a St. Louis para cuidar de dois casos, com um breve intervalo no fim de semana entre um e outro. Por um capricho, decidiu tirar uns dias de folga e viajar alguns quilômetros até um spa perto de Kansas City. Na volta para St. Louis, decidiu continuar dirigindo apesar de uma tempestade de neve, determinada a não perder o seu segundo compromisso. Na estrada escorregadia, seu carro alugado chocou-se com outro que vinha rodando descontrolado. Na colisão frontal, o rosto de Maureen bateu na direção. Ela teve um esmagamento de todo o lado esquerdo do rosto, junto com outros ferimentos graves. "Fiquei sem órbita ocular, sem nariz, sem osso malar, com inúmeras perfurações no abdômen, pneumotórax", relatou ela, "e inconsciente por sete semanas".

Em St. Louis, a notícia do acidente quase fatal de Maureen Sullivan despertou de novo recriminações. Se a história da substituta da Califórnia vazasse, a mídia nacional sem dúvida iria descobrir os negócios dela no Missouri, colocando o programa de

Masters e Johnson em risco. Gini de novo expressou suas objeções para Bill.

Logo depois, a bicicleta de Maureen foi despachada de volta para a Califórnia, enquanto ela suportava meses de cirurgias e terapia de reabilitação de seus ossos quebrados. Maureen tentou manter a carreira, sem muita sorte. “Não tinha tantos [clientes após o acidente] – com certeza não tinha mais dezesseis clientes por semana”, disse Maureen com pesar. “Sofri dezessete cirurgias reparadoras no rosto, uma a cada três meses. Portanto, não dava mesmo para ver um cliente com regularidade, porque precisava ir à terapia e ter meu rosto reconstruído. Eu estava literalmente arrasada depois da cirurgia.”

Com seu lindo rosto desfigurado, Sullivan percebeu que os homens anônimos olhavam para ela agora de um jeito bem diferente. Não exercia mais a mesma atração. Olhava-se no espelho e sabia que sua vida nunca mais seria a mesma. Foi uma lição cruel no que se refere ao lado da beleza da equação amor e sexo. “Eu não percebera que era por isso que provavelmente tinha tantos clientes”, observou ela. “Achava que era porque frequentava palestras e porque mandava currículos. Nada disso; era porque eu era jovem e vistosa. Quem você acha que está enganando? Eles dizem que os homens se excitam mais pelo visual.”

Meses mais tarde, Masters foi à Costa Oeste dar uma palestra na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Ao saber disso, Maureen foi até lá. Após a palestra, procurou Masters, sem muita certeza de que ele iria reconhecê-la. Ela não tivera mais contato com ele desde que saíra do hospital. Masters educadamente perguntou sobre sua recuperação – e depois perguntou se ela ainda tinha interesse em trabalhar como parceira sexual substituta. “Quando ele me viu, disse: ‘Eu tenho um caso – você poderia pegar?’”, lembrou Sullivan. Nenhum dos casos de Masters e Johnson era fácil, e esse novo caso impunha um desafio particular para Maureen. Tratava-se de um jovem rico que incidentalmente era pedófilo. Como um Humbert Humbert da vida real (do romance *Lolita*, de Nabokov), esse cliente era obcecado por garotas menores de idade, filhas das prostitutas que ele conhecia em sua

cidade. “Ele ficava por aí, atrás de putas e comendo as filhas delas e achando que era o seu salvador”, disse Maureen. “Na cabeça dele, fazia de conta que era o pai delas e comprava bicicletas e dava presentinhos e tudo mais. E de quebra comia as garotinhas. Ele achava que estava ‘salvando’ essas crianças, menininhas, das mães delas, que as vendiam para fins de sexo.” Como Maureen lembrou, esse cliente acabou se metendo em encrencas, e sua estadia prolongada na Masters e Johnson era parte da sentença que o tribunal impusera para a sua reabilitação. “Quando ouvi sobre o caso, um lado meu disse: ‘Tá brincando comigo? – isso não vai funcionar’”, relembrou ela. “Mas eu disse: ‘É por que não tentar? O que eu tenho a perder?’”

Em vez das sessões usuais durante dez dias, Masters quis que Maureen vivesse com o cliente por três meses. A família rica dele pagou a Maureen 10 mil dólares por seus serviços. Durante sua estadia prolongada, esse jovem, um rapaz com um pouco de sobrepeso, viveu num apartamento espaçoso com pouca mobília. Masters queria reverter a pedofilia desse jovem, transformando seu alegado gosto por garotinhas menores de idade numa atração por mulheres fisicamente mais maduras, heterossexuais, representadas por Maureen. “Ele na verdade queria que esse cliente tivesse uma noção real do que era viver com uma mulher adulta”, disse ela, incrédula. “É preciso muito mais do que apenas uma mulher compreensiva como eu para reverter alguém assim, disso você não tenha dúvidas.”

Após dias de terapia, Maureen já havia passado por todo o seu repertório de seduções, afagos e carícias – que só causavam desconforto no jovem. “Uma vez, quando a gente fazia carícias comigo deitada de bruços, pude sentir o suor pingando da testa dele nas minhas costas”, relembrou. Apesar de seus melhores esforços na cama, Maureen não foi capaz de obter uma ereção sequer do seu cliente. Eles passavam todas as horas de seus dias juntos, até que cansaram da companhia um do outro. “Eu era como uma companheira de quarto, uma namorada dele. Mas ele era muito tenso, nervoso, arisco como um gato. Não deu certo. Ele realmente não tinha o menor interesse por mim. Você não pode

esperar que todo homem e mulher que são colocados juntos num quarto virem amantes. Eu me tornei uma peça de mobília para ele.”

Essa tentativa frustrada de Masters foi o último trabalho de Maureen em St. Louis. Ela voltou para casa com o dinheiro, passou por uma série de cirurgias de reconstrução facial que lhe devolveram a boa aparência, e logo depois casou. Em suas visitas periódicas a St. Louis, nunca conheceu Virginia Johnson. “Não me lembro de ela andar muito por ali”, disse Maureen. “Ela de fato não gostava disso [do uso de substitutas], então ficava de fora.”

Apesar de todas as questões legais e éticas que cercam o trabalho de parceira sexual substituta – incluindo o preço emocional pago por uma mulher que se envolve num trabalho como esse –, Maureen “nunca se sentiu minimamente explorada” por Masters ou por qualquer pessoa de sua equipe. Vendo em retrospecto, Maureen disse que as substitutas desempenhavam um serviço muito necessário, especialmente para homens solitários, frustrados e sexualmente disfuncionais. Aqueles que condenavam a prática com frequência o faziam em função de sua ignorância ou medo do sexo.

“Nós, as substitutas, somos feministas”, Maureen insistiu vinte anos depois. “Não estamos sendo pagas por sexo. Somos pagas para ensinar sexualidade – e o sexo é a menor parte disso. Mas algumas pessoas jamais mudam sua maneira de pensar.”

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Crise

"A epidemia da AIDS fez rolar um grande tronco apodrecido e revelou toda a vida que se espremia debaixo dele, já que envolve, todos de uma vez, os principais temas da nossa existência: sexo, morte, poder, dinheiro, amor, ódio, doença e pânico."

– EDMUND WHITE

Com um sorriso encabulado, o procurador-geral da Justiça dos Estados Unidos, Edwin Meese III, plantou-se diante do Espírito da Justiça – uma grande estátua art-déco da Dama da Justiça, meio coberta por um drapeado que deixava à mostra um de seus seios – e anunciou o relatório de 1986 de sua comissão, que condenava as imagens pornográficas no país. Ao declarar guerra à obscenidade, o principal braço do presidente Ronald Reagan para aplicação das leis declarava que os dias permissivos da revolução sexual haviam terminado.

"Embora muitos membros dessa sociedade possam oferecer e ofereçam razões em defesa de uma sexualidade descomprometida, nenhum de nós acredita que isso seja uma coisa boa", declarava o relatório de Meese, lançado numa coletiva de imprensa no Grande Salão do Departamento de Justiça. No mercado de ideias, uma abordagem *laissez-faire* do sexo não mais seria tolerada. "Embora a evidência possa parecer pequena", insistiu o chefe da Saúde Pública americana, doutor C. Everett Koop, que se juntou à campanha de Meese, "nós, não obstante, sabemos o suficiente

para concluir que a pornografia constitui de fato um risco claro e presente para a saúde americana”.

Para muitos conservadores, a livre disseminação de informação sexual na sociedade, personificada por Masters e Johnson, tinha aberto os portões para a doença e a corrupção moral, transformando os Estados Unidos numa Sodoma e Gomorra dos tempos modernos. Com uma certeza vingativa, eles acreditavam que a constante presença na mídia de diálogos sobre orgasmos e de grau de permissividade cada vez maior haviam resultado num surto de sexo pré-marital, adultério, aborto, homossexualidade e famílias desfeitas. Sua sensibilidade religiosa sentia-se ofendida por filmes e programas de tevê a cabo que destacavam a nudez, e por programas de entrevistas com discussões sobre controle da natalidade por meio da pílula, camisinha e vibradores. Alguns pregadores viam a epidemia mortal de AIDS da década de 1980 como um raio viral enviado dos céus, como um castigo de Deus para a insurreição sexual iniciada na década de 1960. “Eu vejo um renascimento espiritual definido, que está alterando os padrões de conduta de toda a sociedade, já que ela foi longe demais ao que se refere à liberdade sexual”, proclamou Pat Robertson, um televangelista da Christian Broadcasting Network, que na época preparava-se para concorrer à presidência em 1988 para suceder Reagan. Conforme o pêndulo da sociedade oscilava de volta, pessoas como Christie Hefner, chefe da Playboy Enterprises e membro do conselho do Instituto Masters e Johnson, desafiaram publicamente o relatório Meese, para descobrir logo depois que o Departamento de Justiça havia impedido a rede 7-Eleven e outras lojas de conveniência de vender exemplares da revista de Hefner. Foi necessária uma ação federal para que a *Playboy* pudesse voltar às prateleiras junto dos *Slurpees*.¹⁰

Masters e Johnson acharam melhor não comentar nada sobre a comissão Meese. “Há muitos indivíduos que são incapazes de lidar com o assunto sexo com algum grau de objetividade”, explicou Masters. “Sempre achei que a melhor maneira de encarar qualquer forma de crítica pública ao nosso programa de pesquisa era ignorá-la.” No entanto, em meados da década de 1980, Masters e Johnson

não pareciam mais imunes à repreensão pública. Durante anos, foram inúmeros os comentários elogiosos aos dois pesquisadores, em função de seus achados importantes, mas também por que a dupla havia cuidado da sua imagem com muita competência.

“Masters era o protótipo da figura endeusada, que as pessoas hesitam em desafiar”, disse o psiquiatra Raul Sciavi à revista *Time* em 1983. “E as pessoas foram a tal ponto levadas pelo otimismo inicial em relação à terapia sexual que não olharam de fato para os dados de longo prazo com o cuidado que deveriam.” Em seus livros, Masters e Johnson admitiram várias deficiências, particularmente na sua amostra de sujeitos de pesquisa. Quase todos os voluntários eram de classe média e com instrução superior, com um “interesse básico (...) em desempenho sexual”, o que significava que tanto homens quanto mulheres em geral já haviam se masturbado até atingir o orgasmo e tinham experiência de sexo antes do casamento. Poucos eram de origem pobre, negros, ou de outras minorias. A maior inclinação para o sexo podia não afetar em termos de anatomia e fisiologia básica, sugeriam os críticos, mas distorcia as expectativas. “Em resumo, Masters e Johnson estudaram os entusiastas do orgasmo da classe média (que eram capazes de gozar sem problemas, mesmo enquanto eram observados no laboratório)”, comentou a crítica Debbie Nathan. “Difícilmente este poderia ser considerado um grupo típico, mas, com os dados que eles geraram, Masters e Johnson elaboraram um ciclo de reação sexual que afirmaram ser neutro em termos de gênero e aplicável a todos os seres humanos.” June Dobbs Butts, a única afro-americana da equipe, tentou ampliar esse mix, mas disse que muitas minorias relutavam em participar do programa de Masters e Johnson. “Os negros em geral tinham vergonha de admitir que padeciam de algum problema”, disse Butts.

Conforme a década avançava, Masters e Johnson enfrentaram cada vez maior ceticismo, a começar pelo ataque de 1980 da revista *Psychology Today* aos alegados 80% de sucesso da terapia sexual de Masters e Johnson. Uma matéria de capa de Bernie Zilbergeld e Michael Evans afirmava que o *Human Sexual*

Inadequacy se apoiava em critérios vagos para julgar o sucesso, e que nunca havia sido replicado por outros. “A pesquisa de Masters e Johnson é tão cheia de erros de metodologia e de relatórios malcuidados que não consegue atender aos padrões habituais – e aos seus próprios – de uma pesquisa de avaliação”, apontaram os autores. Zilbergeld, psicólogo clínico em Berkeley, Califórnia, e Evans, também psicólogo, não viram falhas nos achados fisiológicos de *Human Sexual Response*. Mas, segundo eles, a reputação de pesquisa científica rigorosa do primeiro livro de Masters e Johnson “criou um efeito de halo”, que influenciou a acolhida de seu trabalho posterior. Embora o seu foco fosse o *Human Sexual Inadequacy*, os dois críticos também questionaram a alegação de conversão de homossexuais para a heterossexualidade. “Muitos de seus homossexuais não eram de fato homossexuais”, disseram eles, referindo-se à amostra de voluntários, sugerindo assim que muitos deles eram bissexuais ou heterossexuais “confusos”. (Outros críticos de *Homosexuality in Perspective* apontaram que havia poucas menções ao intercurso retal – outro sinal da amostra de pacientes enganosa.) Quando os editores da *Psychology Today* pediram uma resposta, Masters e Johnson se recusaram a dar. “Sempre foi nossa política não responder a críticas em qualquer fórum popular”, insistiu Virginia, uma posição curiosa, já que grande parte de seu trabalho tinha aparecido em livros e revistas populares, que não eram resenhados por seus pares.

Outra discussão teve lugar em 1983, quando o editor Philip Nobile da revista *Forum*, publicada pela *Penthouse* de Bob Guccione, repetiu argumentos semelhantes. Como líderes do novo campo da “sexologia”, Masters e Johnson perceberam que não podiam mais ignorar seus críticos com tanta facilidade.

Na *Journal of Sex Research*, Robert Kolodny preparou uma defesa por escrito “para dirimir vários mal-entendidos”. Ele enfatizou que os casos eram definidos em termos de fracasso, não de sucesso, e que as estatísticas eram compiladas da “maneira mais conservadora possível”. Por exemplo, um homem disfuncional que conseguisse “ereções boas, firmes” em três ocasiões de

intercurso durante a terapia era considerado uma boa notícia. Mas, se esse mesmo homem também sofresse “três outros episódios de falha erétil” durante a tentativa de intercurso, era marcado como “fracasso” nos livros de controle deles. Do mesmo modo, uma mulher falhava se “não alcançasse orgasmo de modo consistente durante as oportunidades sexuais”. Mesmo se a função sexual de um paciente revivesse brevemente logo depois que ele ou ela voltassem para casa, ou se ele ou ela retornassem à clínica e se tornassem bem-sucedidos em sua segunda tentativa, ainda assim eram considerados como “fracasso” para fins de estatística. Replicar os resultados de Masters e Johnson era difícil, alegou Kolodny, porque outros terapeutas não revelavam as estatísticas dos resultados, não faziam suficiente acompanhamento posterior dos pacientes, ou então se baseavam num modelo de terapia de tempo parcial, de uma vez por semana, e não no seu período intensivo de duas semanas. Mesmo assim, entre os 1.872 casos basicamente heterossexuais tratados pela equipe de 1959 a 1977, houve um índice de “sucesso” de 81,8% – um número impressionante sob quaisquer padrões. Em comparação, 86% dos que procuravam tratamento haviam estado em psicoterapia em outro lugar por pelo menos seis meses, antes de bater à porta deles, observou Kolodny, e apenas “menos de 5%” haviam tido melhoras enquanto aguardavam sua vez.

Antes do Congresso Mundial de Sexologia realizado no ano de 1983 em Washington, D.C., Kolodny, Masters e Johnson enfatizaram que outros colegas tinham “ouvido inúmeras fitas de áudio das sessões” para avaliar o resultado de longo prazo de sua terapia, e haviam expressado confiança. “Não existem os chamados ‘segredos’”, insistiam eles. Os críticos que pediam mais estudos que replicassem seus resultados pareciam não entender que Masters e Johnson haviam realizado seus estudos de longo prazo sobre sexo sem qualquer auxílio do governo, bancando-os com seus próprios recursos. Nessa convenção, eles admitiram que o trabalho deles “não havia sido perfeito”, mas pediam que fosse “julgado à luz do conhecimento corrente, daquela época e atual”. A maioria das pessoas nesse campo emergente ainda via os dois

como heróis, mas mesmo aqueles que eram reverentes esperavam maior confirmação científica. “Até que possamos replicar seu trabalho”, disse o psicólogo F. Paul Pearsall, do Institute for Sex Research, “continuaremos assombrados, com inveja ou suspeitando da sua validade”.

Após uma cansativa viagem cruzando o Atlântico em março de 1988, C. Everett Koop recebeu uma mensagem urgente de sua mulher, Betty, que ficara em casa. Pelo telefone, ela advertiu-o de uma controvérsia que vinha ganhando corpo em torno do último livro de Masters e Johnson, a descrição da crise da AIDS e sua ameaça à população heterossexual. “Minha esposa ouvira pela televisão que a AIDS vinha sendo transmitida por uma série de métodos espúrios”, Koop lembrou. “Ela sabia muito bem o que eu vinha falando ao público e quais eram minhas preocupações.”

Aos setenta e um anos de idade, o chefe da Saúde Pública americana voara até Londres para uma conferência médica sobre a emergente epidemia da AIDS. Durante seu mandato, o vírus mortal, contraído principalmente pela transmissão por fluidos corporais durante o sexo ou por agulhas intravenosas compartilhadas, já ceifara milhares de vidas. As primeiras fatalidades afetaram principalmente homens homossexuais – entre eles o ator Rock Hudson, amigo de Hollywood do presidente Reagan – e usuários de drogas, que transmitiam e adquiriam o vírus por meio do sangue de agulhas contaminadas. Por quase cinco anos, a administração Reagan absteve-se de reagir à praga da AIDS, que muitos atribuíam à revolução sexual e a padrões morais decadentes. Por fim, em 1986, Koop lançou uma força-tarefa para controlar a AIDS e começou a advertir ativamente o povo americano sobre os riscos que enfrentava. O antigo pediatra barbudo, que certa vez comparara o aborto ao Holocausto, agora se via num perigoso número de equilíbrio, ensinando a nação a usar camisinha para evitar a AIDS e ao mesmo tempo exaltando as virtudes da castidade fora do casamento. “Nos primeiros dias da crise da AIDS, passei boa parte do meu tempo dizendo às pessoas

não só como se contrai a AIDS, mas também, e mais importante para a maioria delas, como é que você não contrai”, lembrou Koop. “Porque circulavam rumores de todo tipo, de que era transmitida por mosquitos. Por beber água do mesmo copo. Usar a mesma toalha. Por teclados de máquina de escrever. Alças de malas. Maçanetas de portas. E isso estava deixando todo o país apavorado.”

O novo livro deles, *CRISIS: Heterosexual Behavior in the Age of AIDS* [“CRISE: comportamento heterossexual na era da AIDS”], havia sido escrito principalmente por Kolodny, mas os coautores Masters e Johnson eram os rostos familiares que apareciam na televisão e nas coletivas de imprensa anunciando suas conclusões. Com a foto de capa de uma cama vazia, desarrumada, a *Newsweek* citava trechos de seu “novo livro controverso”. Com efeito, o casal mais confiável do país em questões de sexo afirmava agora que o governo vinha acobertando um problema sexual que se avolumava e que podia matar qualquer um. Eles avaliavam que pelo menos três milhões de americanos estavam infectados com o vírus – o dobro da estimativa oficial – e que os riscos eram bem maiores do que os cientistas do governo admitiam em sua “benevolente decisão de enganar”. Segundo o livro, as pessoas podiam contrair o vírus da AIDS, pelo menos em tese, por meio de ocorrências simples como picadas de mosquito, sentar num assento de banheiro, dar um beijo de língua ou em qualquer situação onde pudesse haver uma pequena transferência de sangue. Eles advertiam que infestações não detectadas do vírus da AIDS estavam agora “correndo desenfreadas pela comunidade heterossexual”. Como se fosse um Paul Revere¹¹ despertando cidadãos sonolentos, Masters proclamou: “Estamos fazendo soar um alarme importante. Muita gente acha que não estamos numa situação grave. No nosso entender, estamos.”

Alertado pela esposa, Koop rapidamente entrou em ação para repudiar o livro de Masters e Johnson. “Liguei para o meu bom amigo Timothy Johnson, editor de medicina da ABC, relatei a situação e ele me pôs no *Good Morning America*”, disse Koop, referindo-se ao programa de tevê em rede nacional onde ele

difamou a obra de Masters e Johnson. “Eu disse às pessoas que tudo que havia lido naquele livro e que ouvira a respeito dele estava errado. E que eu não podia acreditar que houvesse gente tão fora da realidade.”

A recepção do público ao livro logo colocou em risco a reputação de Masters e Johnson. Pelo segundo livro seguido, Virginia investira o mínimo de si na coautoria com Kolodny e Masters. Não se envolvera na pesquisa de nenhuma maneira significativa. Mesmo assim, fazia parte da empreitada, fazendo constar seu nome. Não podia mais confiar em Masters, como fizera antes, para que ele checasse todas as afirmações e eles pudessem se certificar de estarem em terreno sólido, no aspecto médico e científico.

Ela recorreu a Kolodny para essa tarefa, mais do que disposta a culpá-lo se qualquer coisa desse errado. A esta altura, aquele que era tido como o herdeiro legítimo da clínica havia saído e tocava sua própria carreira. No entanto, a parceria de ambos nos livros continuava, com Masters quase tão dependente do talento de Kolodny para escrever quanto Virginia Johnson. Ao explicar o papel que tivera em *CRISIS*, Virginia retratou a si mesma como prisioneira de seus colaboradores, ciente de que algo fatídico era iminente, mas incapaz de fazer qualquer coisa a respeito. “Aquilo não foi uma produção nossa – quer dizer, foi o Bob que fez”, lembrou Virginia, tirando o corpo fora anos mais tarde. “Fiquei cansada de discutir as questões (...) Lavei as mãos com relação àquilo e nem li as últimas versões. O que mais eu poderia fazer?”

Sempre cautelosa em relação às aparições públicas, Virginia culpou Kolodny pela desastrosa coletiva de imprensa deles no lançamento de *CRISIS*. Ela e Masters esperavam repetir seus sucessos anteriores com a mídia, quando jornalistas científicos ouviam respeitosamente o relato de seus achados em mesas-redondas, como num seminário. Mas, em lugar de uma recepção educada, Kolodny optou por uma grande coletiva de imprensa no salão de baile de um hotel de Nova York, onde eles enfrentaram um bando de tubarões da mídia, cada um querendo morder primeiro. “A gente tinha o pessoal de televisão com suas câmeras bloqueando a mídia impressa, e eles começaram a brigar entre si e

a disputar espaço e assim por diante”, lembrou ela. Kolodny também ficou horrorizado. “Ninguém conseguia se fazer ouvir porque os trezentos repórteres espremidos naquela sala gritavam uns mais alto que os outros”, lembrou ele. “Um rapaz ficava berrando: ‘Bill, quanto dinheiro pagaram para você se vender?’ Foi uma coisa inacreditável.”

Com holofotes no rosto dela, Virginia crispava-se com as insinuações de que o livro deles havia sido escrito por motivos puramente comerciais. Ela lamentou a demora do governo em tomar medidas para combater as mortes da AIDS. “É preciso assumir uma posição firme para reverter esses anos de complacência”, implorou ela. No entanto, ao contrário de outras vezes quando eles falavam com precisão e confiança, as deficiências na linha de raciocínio de Masters e Johnson e as lacunas no seu novo livro estavam à mostra, à vista de todos. “Tivemos o interesse de sermos ágeis, levar logo essa informação ao público”, Masters explicou, sem outra justificativa por violar seus métodos de longa data. Alguns dos dados do livro baseados num estudo de 800 homens e mulheres de Atlanta, Nova York, Los Angeles e St. Louis haviam sido colhidos apenas oito meses antes da sua publicação. Devido à urgência da AIDS em termos de saúde pública, Masters disse que não quis esperar “nem um ano” para que seu trabalho fosse avaliado por alguma revista especializada. Quanto à sua maior afirmação – a de que o vírus da AIDS “corria desenfreado” entre os heterossexuais –, eles pareceram particularmente desarmados. Pressionado pelos repórteres para oferecer provas, Masters não conseguiu dar nenhuma.

“Eu simplesmente acredito que é assim”, Masters declarou, como se suas meras palavras fossem suficientes.

Quando lhe fizeram a mesma pergunta na coletiva, Virginia deu uma resposta igualmente insatisfatória.

“Não tenho certeza de termos sido nós que escolhemos o termo ‘correr desenfreado’”, ela tergiversou, fazendo como se não soubesse de que modo essa expressão provocativa da página 7 tinha ido parar lá.

Logo após esse episódio de ânimos exaltados, Masters e Johnson participaram de outra concorrida coletiva de imprensa em Manhattan, organizada por Mathilde Krim, presidente da Fundação Americana de Pesquisas sobre a AIDS, e por outros especialistas de saúde, que também condenaram esse novo livro herético. Krim, uma cientista pesquisadora e esposa de um rico executivo de cinema de Nova York, repreendeu Masters e Johnson como se fosse uma professora primária. “Para Masters e Johnson – nomes familiares no nosso país –, apresentar esse hipotético ‘desfile de horrores’ sobre a transmissão da AIDS não servirá a nenhum propósito, a não ser alimentar uma histeria sem sentido”, disse Krim. Juntando-se ao coro, o doutor Stephen Joseph, comissário de Saúde Pública da cidade de Nova York, também criticou o livro. “Não vejo nada nos próprios dados que pudesse levar às abrangentes declarações sobre transmissão casual e obrigatoriedade de testes que eu acho que eles fizeram”, disse Joseph.

Em seu texto, Masters, Johnson e Kolodny pediam testes de AIDS de rotina para mulheres grávidas, para qualquer pessoa internada num hospital com idade entre quinze e sessenta anos, prostitutas e todos os que solicitassem certidões de casamento. Julgavam que os testes eram uma medida de proteção sensata para prevenir a disseminação da AIDS. No entanto, Joseph e outros representantes do governo em geral resistiam ao teste obrigatório. Ao contrário do que ocorria com outros surtos de doenças contagiosas comunicáveis, de notificação rotineira, muitos membros da comunidade gay disseram que a notificação em ampla escala iria violar a privacidade de homossexuais não assumidos vitimados pela AIDS e só frustraria os esforços para conter a epidemia. Embora o livro de Masters e Johnson fizesse eco a *And the Band Played On*, de Randy Shilts, e a outros ataques violentos publicados contra a política da administração Reagan, especialistas em AIDS discordaram frontalmente das soluções sugeridas para lidar com a crise. “A chave para uma mudança comportamental é voluntária”, insistia Joseph.

Como arquiteto do livro, Kolodny ficou decepcionado com a reação. “Fiquei perplexo”, lembrou. Por dois anos, ele ouviu especialistas de saúde mencionarem casos de AIDS baseados em relatos, e pedindo uma visão mais abrangente. Os centros de prevenção e controle de doenças dos Estados Unidos ainda precisavam fazer um levantamento em larga escala da exposição dos heterossexuais ao vírus. Ao contrário dos americanos que os antecederam, os *baby boomers* nunca haviam enfrentado a letra escarlate da doença venérea, pelo menos não com tais consequências mortais. “Para uma geração criada com penicilina e antibióticos, a longa associação histórica da promiscuidade sexual com alguma doença enfraquecera como algo inibidor de comportamento”, observaram os historiadores John D’Emilio e Estelle B. Freedman. Nos primeiros dias da crise da AIDS, especialistas em saúde fizeram objeções quanto a rotular a ameaça da doença apenas em termos homossexuais. A pedido de outros pesquisadores, Kolodny convenceu Masters e Johnson a fazer incursões fora da sua área usual de competência, emprestando suas vozes proeminentes para ajudar a evitar uma catástrofe sexual, especialmente se o governo não percebesse os sinais de advertência de uma epidemia bem mais ampla. De novo, Masters e Johnson estavam na vanguarda da saúde sexual americana. “Eles acharam que nossos nomes eram muito poderosos na época”, disse Virginia, “que, se a gente produzisse um livro descrevendo as circunstâncias horrendas da AIDS, as autoridades federais seriam obrigadas a fazer mais”.

No entanto, quando *CRISIS* foi lançado, vários líderes gays – que Kolodny imaginou que apoiariam a mensagem central do livro – ficaram, ao contrário, irados. Não só se opuseram ao teste obrigatório, como não gostaram do retrato estatístico nada lisonjeiro dos homossexuais jovens que pareciam alheios aos riscos da AIDS. “Estávamos vendo sinais de um retorno aos comportamentos de risco, como o intercurso anal anônimo sem uso de camisinha”, disse Kolodny, “e as lideranças tentavam arduamente projetar essa imagem de que a comunidade gay

masculina inteira estava cooperando, num esforço para evitar ter que comparecer ao funeral de todos”.

Com o tempo, os principais achados do livro se revelaram em larga medida precisos. O número de casos de AIDS ligados a heterossexuais subiu nos anos de 1990, conforme a doença passou das nações do Ocidente para as do Terceiro Mundo. “A epidemia heterossexual não é um mito – é real”, disse o doutor Jerome Groopman, então chefe do programa sobre AIDS no New England Deaconess Hospital, de Harvard. Em 1996, um painel conjunto da ONU relatou que “os casos de AIDS relacionados ao contato heterossexual representam uma proporção crescente dos novos casos diagnosticados na América do Norte”, com a transmissão heterossexual sendo a principal causa na Ásia e na África.

Mesmo alertas antes ridicularizados – como a ligação entre o beijo de língua prolongado e a disseminação da AIDS – eram agora levados a sério. Refletindo a reação inicial ao livro, um jornalista metido a sabichão perguntou em 1988: “Como era possível que Masters e Johnson, os renomados pesquisadores do sexo, fossem cruéis a ponto de colocar um estigma no beijo, justo quando os jovens de todo o país se preparam para sair em busca de diversão e romance nas praias durante as férias de primavera?” Vinte anos mais tarde, porém, o site dos CDCs, os centros de prevenção de doenças americanos, colocou o “contato heterossexual de alto risco” como a segunda causa da doença e fez eco às velhas advertências do livro de Masters e Johnson. “O beijo prolongado com a boca aberta pode causar pequenos danos à boca ou lábios e permitir que o HIV passe de uma pessoa infectada a um parceiro e depois entre no corpo através de cortes ou feridas na boca”, a agência federal advertiu. “Por causa de possível risco, os CDCs recomendam evitar o beijo com a boca aberta com um parceiro infectado.” Em 2008, os CDCs admitiram que haviam deixado de relatar um número significativo de novos casos de infecção por HIV em seus cálculos anuais nacionais, numa proporção de 40% em relação ao previamente estimado.

Vendo em retrospecto, Kolodny não gostou muito da volatilidade do livro, especialmente do termo “desenfreado” na descrição da

disseminação da doença entre os heterossexuais. “De certo modo foi uma escolha infeliz do termo, que deu a impressão de que estávamos falando de classes inteiras de colegiais sendo varridas do mapa e de metade das casas da rua sendo infectada – não era isso absolutamente o que queríamos dizer”, declarou. De modo obstinado, os críticos acusaram Masters e Johnson e seu coautor de explorar uma crise de saúde pública. “Não importa o que ele [Kolodny] achava, quais eram suas intenções, o resultado do que ele escreveu no livro foi perturbar o ensinamento ortodoxo a respeito de como você pega ou não pega AIDS, e de fato introduziu confusão em todo o projeto educacional”, lembrou Koop, que afirma ter recebido uma carta de desculpas de Masters e Johnson logo após o lançamento do livro. Kolodny questiona se uma tal carta chegou a ser escrita, porque “Bill nunca foi de pedir desculpas”. Michael Fumento chamou isso de “um clássico do gênero do terror”, num ataque cáustico no *The New Republic*. “O objetivo principal deles é vender a si mesmos e seus livros”, escreveu Fumento. “Fica-se imaginando se não há alguma possível conexão por trás de um pouco de oportunismo. Pode ser que, depois de anos sendo percebidos por dizer ‘Divirtam-se! Tenham sexo sem culpa até cair no chão!’, eles se sintam mortificados ao ver pessoas fazendo exatamente isso.” Mesmo seus antigos patronos na *Playboy* estavam desapontados. “Sempre consideramos Masters e Johnson nossos amigos; sempre respeitamos a disciplina que lhes permitiu produzir pesquisas históricas”, dizia o editorial da revista. “Temos admirado sua coragem diante das controvérsias. Mas, dessa vez, eles violaram várias de suas próprias regras e sacrificaram a objetividade em nome da compaixão.”

Amigos dos velhos tempos ficaram perplexos com o envolvimento de Masters num fiasco como esse. “O Bill Masters que eu conheci não teria feito esse livro”, disse a terapeuta de Nova York, Dagmar O’Connor, que estagiou na clínica de St. Louis no início da década de 1970. “Ele era um pesquisador de respeito. Alguma coisa aconteceu com ele.” O doutor Roger Crenshaw, psiquiatra que trabalhou na equipe de 1973 a 1974, disse que a celebridade de

Masters e Johnson levou-os a fazer concessões demais em seu trabalho posterior, a uma excessiva delegação de responsabilidades. “Robert Kolodny exerceu muito mais influência indevida sobre Bill e com certeza sobre Virginia do que deveria”, observou Crenshaw. “Acho que Bill e Virginia perderam muito o pique depois de escrever seus primeiros dois livros, e Kolodny estava lá e era prolífero em escrever. O fato é que Bill estava satisfeito em poder contar com Bob Kolodny, que era um endocrinologista, para produzir parte das coisas com as quais ele nunca deveria ter concordado.” Virginia Johnson apontou seu dedo acusador e não aceitou nenhuma responsabilidade. “Ele [Kolodny] acabou exagerando um pouco”, explicou ela. “Eu andava realmente cansada e Masters estava monitorando o livro mais do que eu. O estilo de Bob na época – ele era, como eu disse, muito, muito jovem – inclinava-o a escolher, digamos, os aspectos mais *provocadores*. Ele gostava desse lado de Masters e tentava imitá-lo bastante. Assim, ele vinha com essas coisas que a gente sabia que eram ridículas, e elas viraram armas contra o trabalho.”

Apesar de suas justificativas, *CRISIS* obrigou Virginia a enfrentar uma situação delicada em sua própria vida – a parceria estava se desfazendo. Durante anos, ela suportou esse dilema buscando conforto no dinheiro e na aclamação. Mas agora Virginia se convenciu – tanto na vida profissional dos dois como em seu casamento sem brilho em casa – de que ela e Masters não podiam mais seguir adiante como sempre. Alguma coisa logo teria que mudar.

[10](#) Bebida gelada pastosa, em vários sabores e cores, vendida na rede 7-Eleven. (N. do T.)

[11](#) Um dos patriotas da Guerra da Independência dos Estados Unidos, que se destacou por levar mensagens em várias batalhas, e também por organizar uma rede de inteligência em Boston para controlar as ações das forças britânicas. (N. do T.)

Separação

Atrás de uma cortina na sala de exame, Bill Masters chamou seu diretor-assistente, J. Robert Meyners, para que viesse até ele imediatamente. Havia algo que ele queria que o assistente visse. Quando Meyners entrou, Masters estava examinando uma mulher de meia-idade, com as pernas dela erguidas na mesa ginecológica.

Como todos os pacientes recém-chegados, aquela mulher e seu marido passavam pelos exames físicos iniciais de rotina em salas separadas, pagando 5 mil dólares por duas semanas de tratamento. Masters disse a Meyners para se aproximar e ver melhor. A bata leve de algodão da mulher estava aberta e Masters manipulava a vagina dela. "Bill estava tentando me mostrar como era o vaginismo", lembrou ele. "E então, o que ele fez foi encostar o dedo na parte de fora da vagina. Dava para ver a contração da musculatura da mulher e da área do púbis, e era isso o que ele queria que eu visse. Era bem aparente e impressionante."

Meyners nunca entrara antes desse modo numa sala de exame. Ele era o substituto de Robert Kolodny como principal assistente da clínica, mas, ao contrário de seu predecessor, Meyners não era médico. Era formado em teologia, e fora contratado por Masters como terapeuta para lidar com problemas psicosexuais causados pelo persistente puritanismo americano. "Eu estava lá não como

um profissional, mas como um teólogo, porque Bill acreditava muito que a disfunção masculina era fruto de uma visão religiosa estreita”, explicou Meyners. “Quando as pessoas são muito novas e ouvem um monte de julgamentos negativos sobre a sexualidade, isso tem influência – especialmente na ereção masculina.” Meyners aconselhava os pacientes homens que sentiam culpa em relação à masturbação, dizendo que tocar a si mesmo não comprometeria o sexo com a esposa. Ao tratar pacientes, Meyners não se apoiava na Bíblia ou na figura divinizada de Sigmund Freud. Apenas seguia o roteiro de exercícios de “foco nas sensações” até que a terapia operasse sua mágica. Mas, como não tinha diploma de medicina, não deveria estar lá em pé, diante daquela mulher nua. Os recursos de gravação espalhados pela clínica permitiam à equipe de terapeutas ouvir todas as conversas. E, quando Virginia ouviu Masters chamar Meyners para ver a genitália daquela mulher, não se conteve. Com seu avental branco de laboratório, Virginia Johnson entrou de repente na sala, fechou a cortina e pôs Meyners para fora de maneira profundamente exasperada.

“Fique longe da sala de exames”, repreendeu. “Você não é médico!”

Meyners acatou a ordem imediatamente. “Antes mesmo de eu ser apresentado a ela, Gini entrou fumegando na sala, me agarrou e me pôs para fora”, lembrou ele.

Vendo em retrospecto, Meyners disse que concordou com Virginia, já que era inadequado ele ficar observando o vaginismo da mulher. Embora gostasse do jeito relaxado de Masters, Meyners entendeu que não deveria ter sido convidado a entrar na sala de exame. “Ela simplesmente se preocupava em proteger a reputação do lugar como um instituto científico profissional, e estava muito certa em relação a isso”, lembrou Meyners.

Incidentes como esse se tornaram parte da alarmante realidade de Masters, que perdera muito de sua competência como médico e muito de sua acuidade mental. Já não tinha mais a resposta certa para cada pergunta, como antes, quando corrigia os mais velhos do departamento na Universidade de Washington. Mais alarmante ainda, aquela ambição ousada do seu início de carreira, a

impressionante capacidade de trabalho aplicada ao estudo de uma década que resultou no *Human Sexual Response*, havia se reduzido a uma espécie de negligência, que era um convite ao desastre. Aos poucos, as pressões da doença de Parkinson e os efeitos da idade vinham pregar-lhe peças. Ao chegar perto dos sessenta anos de idade, ele largara a obstetrícia, dizendo que acordar às três da madrugada para fazer um parto era coisa para jovens. Parou de fazer cirurgias ginecológicas, e depois retomou a atividade para que seus ganhos pudessem manter o instituto, mas desistiu de vez quando viu que não conseguia mais segurar o bisturi. Bill percebia essas mudanças, mas, orgulhoso como era, guardou segredo. “Ele nunca mencionou o fato de estar perdendo bastante suas faculdades”, lembrou Gini.

Uma história ainda não revelada sobre o seu declínio envolve Peggy, esposa do presidente do conselho do instituto, Ethan Shepley Jr. Antes de se casar pela segunda vez, com Ethan, Peggy passou a se tratar no consultório de ginecologia de Masters, principalmente como uma forma de cortesia entre amigos. Por volta de 1985, com quase cinquenta anos, Peggy marcou sua consulta anual com Masters e sugeriu que fosse feita uma mamografia.

Ele reagiu com desagrado. “Não acho que isso seja necessário, de forma alguma”, respondeu. Masters realizou um exame de mama e da pélvis e disse que ela estava ótima.

Peggy, no entanto, que fora casada antes com um patologista, não ficou satisfeita. Ligou para o ex-marido e pediu que lhe indicasse outro médico para uma segunda opinião. Ela procurou o chefe da cirurgia do St. Luke’s Hospital, nos subúrbios de St. Louis, que fez outro exame, pediu uma mamografia e descobriu que Peggy tinha câncer de mama. Masters ficou igualmente chocado quando ela mencionou o resultado.

“Quando lhe contei o que tinha acontecido – que eu tivera câncer de mama, que passara por uma lumpectomia e por radioterapia – ele deu um tapinha no meu ombro e disse: ‘Fico contente por você ter se recuperado seja lá do que você imagina que tenha tido’”, lembrou Peggy. “Eu disse: ‘Bill, eu acho que é muito importante

para as mulheres, particularmente as que têm mais de cinquenta anos, até mesmo quarenta, fazer uma mamografia de praxe.' E ele só deu de ombros. Sequer achou que era verdade – pensou que era coisa da minha cabeça, e não do meu seio direito." Quando Peggy se queixou com Ethan, ele ficou horrorizado, mas não foi tirar satisfações com Masters. Acabou atribuindo o fato ao ego de Masters. Mas outras pessoas dizem que incidentes como esse refletiam a contínua erosão mental de Bill. "Sua mente não era mais a mesma", disse Kolodny. "Ele vinha decaindo sob os efeitos não só do Parkinson, mas dos remédios que tinha que tomar e da idade."

Para Virginia Johnson, as mudanças em seu marido de setenta e cinco anos de idade, o homem que lhe dera tanta coisa, tornaram-se dolorosamente óbvias. A voz dele, cheia de autoridade, era agora cansada e fraca. Durante as falas e seminários de medicina, Bill sofria de "pequenos colapsos" – falhas de pensamento, comentários fora de hora – que eram notados por gente de fora. Numa reunião profissional, amigos expressaram sua preocupação a Virginia. Ela falou francamente sobre a luta dele contra a doença de Parkinson. Quando Masters percebeu que os outros já sabiam de seus problemas de saúde, ficou bravo e foi tirar satisfações com a esposa.

"Só pode ter sido você que contou a eles", disse Bill, como se ela tivesse traído seu maior segredo.

"Bill, suas mãos tremem. Você empaca no meio das apresentações", respondeu ela. "Melhor que eles saibam, e que possam ser compreensivos, e não fiquem tentando imaginar que raios está acontecendo."

Por volta de 1990, o fluxo de pacientes pelo Instituto Masters e Johnson havia caído para a metade, apenas 125 casos por ano. Dentro da clínica, Masters virou uma figura secundária, quase uma sombra, delegando as avaliações à sua esposa. "Bill era muito dócil naquela época", lembrou Meyners. "Ele fazia o que Gini lhe dizia para fazer e era ela que tomava as decisões." Masters continuou

treinando terapeutas, mas não tinha mais muito contato com pacientes. “Bill nunca gostou de discutir com ninguém”, lembrou Meyners. “Mesmo quando um terapeuta estudante discutia com ele, ele dizia: ‘Tudo bem, você deve saber melhor como é.’”

Os membros da equipe gostavam do jeito afável de Masters, comparado com o tom imperial de Virginia, e protegiam o homem idoso, definhante, que eles admiravam. “Dava para perceber que a doença o afetava, mas ele ainda era um indivíduo bem perspicaz”, disse a contadora Donna Martini. Mas a tolerância de Virginia com o declínio do seu marido chegara ao limite. Era comum ela falar com irritação a respeito dele, e raro dar demonstrações de afeto. “Sempre achei que ela não iria se sentir mal se eles se separassem”, lembrou Donna.

A contínua queda na rentabilidade do negócio deixava Virginia com a responsabilidade de tomar muitas decisões difíceis sozinha. Masters parecia sem disposição, ou incapaz de enfrentar sua nebulosa realidade. Sem qualquer subvenção do governo e com um míngua aporte de fundos privados, o instituto entrou num ritmo decrescente. A clínica já fora obrigada a fechar seu laboratório de endocrinologia, que produzia pesquisa custeada por indústrias farmacêuticas, e a dizer adeus a pesquisadores talentosos. Os terapeutas mais experientes haviam ido embora ou sido dispensados. Mark Schwartz decidiu abrir sua própria clínica em New Orleans. Antes responsável por aplicar as regras da clínica, Wanda Bowen, braço direito de Virginia, saiu descontente e chegou a pensar em quebrar seus votos de sigilo. “Pensei umas duas vezes em escrever meu próprio livro”, disse ela. “Cheguei a escrever metade – mas ele nunca verá a luz do dia. Você precisa se questionar: ‘Por que estou fazendo isso? Será que não se trata só de vingança?’” Mae Biggs, talvez a terapeuta mais capaz do instituto, foi dispensada em 1988. Durante anos trabalhara como parceira de Masters nas duplas de terapia, mas a decisão de dispensá-la partiu da esposa. “Virginia me contou que eles não tinham mais como me bancar”, lembrou Mae. “Eles passavam a impressão de que éramos todos muito próximos, mas a longo prazo ficou claro que não.”

Com Kolodny na Costa Leste, Virginia precisava de alguém na clínica em quem pudesse confiar. Ela queria se aposentar e passar suas atribuições para outra pessoa. William Young, marido da sua filha, tornou-se o candidato natural.

O filho de Virginia, Scott, e sua filha, Lisa, eram agora adultos com vida própria. Virginia com frequência se sentia culpada por não ter estado presente em tantos momentos importantes da infância deles. Sua relação com Lisa sempre fora difícil. “Meu filho me dá muito mais orgulho e alegria”, explicou ela. “Minha filha era um pouco a filha levada e difícil.” Lisa acabou conhecendo e se casando com William Young, um pastor batista do Sul, de quarenta anos de idade, que não sabia muita coisa sobre terapia sexual quando assumiu o emprego na clínica da sogra. “É problemático para um monte de gente que um batista, ou quem quer que seja, sequer pense em assumir a sexualidade como carreira”, contou Young a um repórter. “Mas eu sempre preguei que a sexualidade é não apenas saudável e natural, mas também divina. É como o fogo; a chave é a maneira com que decidimos usá-la.” Mas não eram muitas as pessoas na clínica que apreciavam sua capacidade. “Ele era mal equipado como terapeuta”, lembrou Meyners. Virginia não pareceu preocupada quando Meyners fez essa crítica. “Não acho que ela estivesse interessada na capacidade dele como terapeuta”, Meyners lembrou. “O interesse dela era que ele fosse um marido para a sua filha. É o tipo de coisa que ocorre com mais frequência nos negócios do que na terapia.” Mas Young tampouco pareceu se incomodar com a avaliação que Meyners fazia dele. “Lembro-me de a gente ter discutido aos gritos uma vez por causa do que ele vinha fazendo na terapia”, disse Meyners, referindo-se a uma vez em que perdera a paciência com Young. “A ideia dele era a seguinte: ‘Bom, eu vou acabar sendo dono disso aqui – não preciso dar a menor atenção a você.’” Young mostrou estar correto no que se refere às operações cotidianas da clínica. Acabou tornando-se o diretor do instituto, no lugar de Meyners, a quem foi oferecido um cargo mais baixo, com redução de salário. “Acho que provavelmente eu fui demitido, mas não fiquei sabendo disso na época”, lembrou Meyners rindo.

À distância, em Nova York, Howie Masters ficou triste com os contratemplos do instituto de seu pai. Apesar de Howie estar sempre emocionalmente distante, ainda sentia respeito pelo pai como alguém que havia lhe contado a verdade sem enfeitá-la. Bill Masters mais tarde descreveria seu único filho como “uma grande pessoa, um atributo que ele deve ter herdado da mãe, pois com certeza não foi de mim que ele pegou isso”. Bem-sucedido na vida, Howie casou-se com Victoria Baker, uma produtora-diretora associada da ABC News, onde realizara documentários e trabalhara um tempo no noticiário noturno com Peter Jennings. Howie ficou imaginando por que seu pai deixara Virginia escolher o genro como novo líder da clínica. “Bill Young não tinha nenhum credenciamento real para estar naquele lugar, absolutamente”, disse Howie. “Foi uma das coisas que deu a medida real de como o lugar estava morrendo.” Young acabou naquela posição-chave, segundo Howie, porque era alguém em quem ela podia confiar – “ou talvez alguém que ela podia controlar”. Young não quis comentar nada para este livro, e Lisa fez apenas alguns comentários superficiais sobre a vida dela como filha de Virginia. (Quando lhe foi perguntado se sua mãe realmente amava Masters ou se ela casara com ele principalmente para oferecer um lar aos filhos dela, Lisa respondeu: “Foi apenas uma coisa incomum. Eu não sei nada sobre a minha mãe. Mas acho que ele estava [apaixonado].”)

Conforme Virginia se desligou do instituto, deixou para trás seu vínculo mais forte com Masters – o trabalho dos dois. “Acho que Gini no final cansou daquilo e se afastou”, explicou Howie. “Gini é inquieta, ele não. Ele seria capaz, honestamente, de levantar toda manhã, colocar a mesma gravata-borboleta, pegar o mesmo caminho para o trabalho e ficar lá sentado, lidando com os mesmos problemas, pelos próximos cem anos se conseguisse viver tanto tempo – e talvez fosse feliz assim. Não acho que Gini conseguiria.”

Com a doença de Masters, o afastamento de Virginia aumentou. “Bill não era um homem de convívio fácil, era muito diferente dela”, explicou Kolodny, que muitas vezes atuou como intermediário junto ao casal. Bill preferia ficar em casa assistindo futebol ou lendo uma novela policial, explicou Kolodny, “enquanto Gini era a mais social

das criaturas. Ela, se pudesse, sairia toda noite para algum evento de gala. Adorava ficar citando nomes dos famosos que conhecia e o fato de eles dois terem sido famosos, de todos quererem ficar ao lado dela. Bill achava isso tudo um tédio. Eles saíam do evento social mais badalado do ano às nove da noite porque Bill queria ir dormir. Eu sei que ela não gostava disso, mas tampouco dizia 'Tudo bem, mas eu vou ficar'. Ela ia para casa com ele". Nesses anos de declínio de Bill, Gini tomou conta dele, cuidou das suas necessidades como uma esposa leal, atenciosa. Sua devoção a ele era algo que os amigos próximos e colegas notavam e admiravam. Ela o conhecia melhor do que ninguém e sabia o que a clínica representava para ele. Qualquer que fosse o desconforto que as suas ações pudessem causar, o comportamento de Bill teria que ser desculpado como a excentricidade de um gênio da medicina. "Eu passei dez anos horríveis com ele", relatou Gini. "Masters, a essa altura, vivia numa Terra do Nunca. Eu tinha também a opção de me livrar dele, que eu nem conseguia imaginar. Mas, do mesmo modo, era muito difícil de encarar, de aceitar de algum jeito."

Amigos em St. Louis disseram que Gini se sentia como um pássaro na gaiola, presa por vínculos que não mais envolviam amor, se é que tal sentimento havia alguma vez existido entre os dois. Eles viam os dois parceiros interagindo sem afeto e ficavam imaginando por que razão Gini, uma mulher ainda dinâmica, trabalhadora, continuava com aquele homem egoísta e de coração duro. Às vezes achavam que Virginia já devia estar totalmente saturada das exigências de Masters. "Dava para sentir a fadiga na voz dela", lembrou Peggy Shepley. "Eu não lembro quando se deu o afastamento. Só sei que de repente não era mais aquela maravilha." Donna Wilkinson, esposa do técnico de futebol e membro do conselho do instituto, lembrou-se de um pequeno jantar com cerca de doze pessoas, com Bill e Gini na mesa. A noite toda, Masters praticamente não abriu a boca, como se fosse uma criança que tivessem arrastado de casa contra a vontade. "Ele se fechou para várias coisas", lembrou Donna. "Acho que essas tendências sempre haviam estado lá, mas a idade exacerba as qualidades ruins que a gente tem." Depois que Bill e Gini saíram

cedo do jantar, Donna lembrou da reação dos outros convidados. “Qualquer um seria capaz de comentar ‘Nossa, a gente adorou a Gini, ela é maravilhosa! Não a conhecíamos. Agora, cá entre nós, como o cara dela é esquisito!’”

Nas suas conversas, Donna ouviu Gini falar em largar dele algum dia. Ela lamentava ter que passar o resto da sua vida com um homem que preferia ficar sentado na sala sozinho, vendo esportes na tevê, de cueca. Falava em sair da clínica. Qualquer dia desses, prometia, iria se separar do mundo de Bill, da órbita emocional à qual ela dedicara quase toda a vida adulta. Donna ficava imaginando se a sua amiga iria cumprir essa promessa algum dia. “Você pode amar alguém sem estar apaixonada”, explicou Donna, descrevendo o dilema de Virginia. “Você ama talvez o que ele representa. Ama a colaboração e a parceria no trabalho. Você ama o reconhecimento. Mas será que ama a pessoa? Isso já é outra história.” Sem tomar qualquer resolução, Gini remoeu isso conforme o ano de 1992 se encaminhava para o seu final.

Na véspera de Natal, Virginia convidou Lisa e William e os dois filhos do casal, Anna e Lark, para a tradicional festa na casa deles. Todos encheram seus pratos em uma mesa farta, com muito salmão defumado e peru. Masters estourou um champanhe e eles brindaram. A casa brilhava, iluminada com velas, enfeitada com fitas e por uma árvore decorada. Houve a troca de presentes.

Assim que a família terminou de comer, Bill ficou em pé e pediu licença.

“Estou muito cansado”, disse o médico de setenta e seis anos de idade, com voz fatigada. Sem maiores explicações, subiu as escadas e foi para o quarto de dormir.

Deixada sozinha na mesa, Gini continuou a entreter seus familiares até que eles decidiram ir embora. Ela beijou os netinhos, despediu-se, ainda em meio à conversa sobre o que Papai Noel iria trazer no dia seguinte. Depois, tirou as coisas da mesa, limpou tudo e foi também para o quarto.

Ao entrar na suíte principal, Bill estava esperando por ela. Como era seu estilo, não usou meias-palavras.

“Eu quero o divórcio”, declarou Masters.

A decisão já estava tomada, ele disse. Nada do que ela dissesse poderia fazê-lo mudar de ideia. Em termos claríssimos, Bill declarou que seu casamento de vinte e um anos estava terminado. Pois ele encontrara, uma vez mais, o único verdadeiro amor da sua vida.

As rosas

Geraldine Baker Becker Oliver voltou a encontrar seu amigo dos velhos tempos, William Masters, e sua esposa, Virginia Johnson, quando os famosos pesquisadores do sexo visitaram o Arizona na década de 1980. De sua casa em Tucson, Geraldine e o marido, Bill Hume Oliver, um engenheiro aposentado, foram dirigindo seu carro pela rodovia para comparecer à palestra. Depois, os dois casais combinaram de sair para jantar.

Antes dessa reunião informal, Bill havia mencionado uma vez a Gini que ele topara com “Dody” – o apelido de Geraldine, irmã de seu colega de quarto na escola de medicina, Francis Baker – totalmente por acaso num elevador de hotel. Não se viam há décadas, ele contou. Quando ele e Gini foram para o Arizona, Bill sugeriu que fossem ver Dody e o marido. Em geral, Bill não gostava de compromissos sociais quando viajava, mas Gini sabia o quanto ele gostava de ficar relembando os velhos tempos. Ela não deu muita importância a essa mulher desconhecida. Como Gini lembrou: “Não era ninguém para se ficar pensando muito a respeito.”

Mas, na realidade, Bill e Dody vinham se falando há vários anos, sem Gini saber. “Sempre ficamos em contato, não importa como andassem nossas vidas”, Dody disse ao se referir às suas conversas por telefone. “A gente se ligava uma, duas ou três vezes por ano e

contava as coisas, e via como cada um andava. A gente se preocupava.”

Gini nunca percebeu que seu marido ainda adorava essa mulher loira já idosa, que uma vez ele carregara nos ombros enquanto fazia esqui aquático no lago Rainbow. Bill nunca contou que havia se apaixonado por Dody durante aquele verão no norte do Estado de Nova York – talvez a época mais feliz da sua vida – e que tinha esperança de um dia se casar com ela, seu amor da juventude. Como de hábito, Bill não revelou seus sentimentos de rejeição quando Dody ignorou sua proposta de casamento, deixando suas duas dúzias de rosas no hospital. Bill nunca parou para pensar “e se...” a respeito de Dody. “É impressionante como uma coisa tão pequena pode fazer uma tremenda diferença na vida de alguém”, comentou ele mais tarde em suas memórias.

Para os amigos e a família, ambos céticos, essa história de um amor não correspondido ressurgindo depois de tantos anos soava como outra fantasia concebida por um homem que aos poucos perdia sua lucidez para a doença de Parkinson e a senilidade. Mas, para Bill Masters, reencontrar Dody – agora uma mulher com mais de setenta anos, com faixas de grisalho no seu cabelo – era um raro presente, uma segunda chance no amor.

Bill e Dody conversaram com vivo interesse sobre suas vidas e sobre o passado. A certa altura, quando os dois estavam sozinhos, Bill finalmente juntou coragem para fazer a pergunta que o incomodara durante anos. “O que foi que eu fiz ou deixei de fazer que influenciou a avaliação que você fez de mim como um potencial marido?”, perguntou ele.

Dody pareceu surpresa. “Não é que eu não estivesse interessada”, ela respondeu. “Eu achei que *você* havia perdido o interesse.” Ela nunca ficou sabendo que Bill viajara centenas de quilômetros pilotando um avião com duas dúzias de rosas, numa demonstração grandiloquente de seu afeto. Dody achou que Bill não estava se importando ao ver que não tinha aparecido no hospital, embora morasse a apenas duas quadras. Então ela voltou as atenções para outro pretendente, um jovem médico chamado Charles Becker, que dirigiu de Buffalo até Rochester para visitá-la

naquela noite. Ele mais tarde se tornou o primeiro marido de Dody, com quem ela teve quatro filhos.

Masters não podia acreditar. Ele passara a vida inteira convencido de que Dody o rejeitara. Bill explicou então que havia feito uma longa viagem para arrumar aquelas flores e deixá-las junto com sua carta de amor na mesinha de cabeceira enquanto ela dormia. Ela não vira aquelas duas dúzias de rosas de talos compridos?

“Que rosas?”, Dody perguntou incrédula. Ela não tinha ideia do que ele estava falando.

Conforme juntaram as peças do passado, Bill entendeu que Dody havia saído do hospital na manhã seguinte sem ter visto suas rosas. O silêncio do jovem casal na manhã seguinte – quando Bill levou Dody para a casa dela em Buffalo no seu avião quase sem trocar palavra – tinha por base um mal-entendido de parte a parte.

“Eu fiquei de coração partido. Por quê? Nunca soube”, explicou Masters mais tarde. “Alimentei esse amor por ela durante cinquenta e cinco anos!” O “desfecho agridoce” para o mal-entendido ocorreu quando ele soube que o segundo marido de Dody, Bill Oliver, havia morrido de câncer. Ele não iria deixar que a oportunidade de se casar com Dody escapasse das suas mãos de novo, não importavam as consequências.

No dia de Natal de 1992, a manhã seguinte ao seu pedido para se divorciar de Virginia, ele ligou para Lisa e William e pediu que os dois viessem de novo até sua casa. Ainda visivelmente chocada, Gini parecia um pouco perdida enquanto tentava explicar as razões de sua separação. Os netos, Anna e Lark, desataram a chorar. “Embora eu não ache que tenha sido uma terrível surpresa para ela que a coisa tivesse esse desfecho, ela ficou obviamente arrasada, pelo menos de momento”, declarou mais tarde William Young a respeito da reação da sua sogra. “Ela não estava chorando. Tampouco era tristeza ou alívio. O divórcio não havia sido escolha dela, e sim dele. E ela pareceu, quando muito, apenas resignada ao fato de que era isso o que ele queria.” Embora Gini

estivesse discutindo o divórcio pendente com a família dela, Bill continuou no andar de cima e depois escapuliu para o trabalho, abrindo a clínica no dia de Natal.

Após vinte e um anos de casamento, a tarefa de anunciar a separação de Bill Masters e Virginia Johnson coube a William Young, o diretor do instituto que levava o nome deles. Repórteres do mundo todo foram até St. Louis para tentar descobrir por que aqueles dois especialistas em sexo e amor estavam encerrando sua união de tanto tempo. Durante anos, Masters e Johnson haviam ajudado pares casados a entender o sexo, dando conselhos práticos que pareciam nascidos de sua própria experiência juntos. E agora isso tudo terminava. Para o *New York Times* e inúmeros outros, Young equacionou a questão que devia estar na cabeça de todos: "Tenho certeza de que as pessoas vão dizer, 'Se esses dois não conseguem se dar bem, quem é que vai conseguir?'" Talvez ciente dos sentimentos de sua sogra, Young deu indicações de que a separação havia sido consensual e que o casamento dos dois havia se exaurido há muito tempo. "Eles ficaram tão preocupados em manter as aparências, e em ajudar outros casais com problemas, que simplesmente decidiram esquecer que existe outro lado do casamento além do trabalho."

Bill sinalizou que queria se casar com Dody o mais breve possível e que os dois já vinham pensando nisso há muito tempo. Ele se mudou para a sua casa de estuque na Cidade Universitária de St. Louis e depois para um apartamento espartano, de onde ia a pé para o trabalho. Na clínica continuou levando as coisas de modo despreocupado, como se nada tivesse acontecido. Amigos de longa data, como Peggy Shepley, acharam impressionante como a perspectiva de se casar outra vez o havia rejuvenescido depois de tantos anos de declínio. "Isso foi uma oportunidade de ter um pouco de alegria, do modo como ele encarou", disse Peggy. Ela reconfortou sua amiga Gini, que expressou sua infelicidade com Bill ao longo dos anos.

Gini lembrou as oportunidades que ela também tivera de se casar, com homens como Noah Weinberg e Hank Walter, e como havia declinado suas ofertas por lealdade a Bill, à sua parceria e à

família deles. Não importava o quanto ela abrandasse as coisas, Gini não conseguia esconder a surpresa diante daquela situação. “O fato de ele ter dispensado Gini provocou nela uma reação de terrível ressentimento”, lembrou Peggy. “Ela continuava com ele porque achava que isso era bom para os negócios, e de repente o cara vai embora com uma mulher que o via como alguém especial. E eu acho que tudo ficou colorido por isso. Ela me disse: ‘Se eu soubesse, teria ido embora há muito tempo.’” Depois de ouvir durante anos as queixas de Gini, sua amiga Donna Wilkinson já esperava que algo fosse acontecer, mas não dessa forma. “Bill simplesmente saiu na frente e decidiu por todos.”

Quando Bill anunciou seus planos de se casar – oito meses após seu divórcio de Virginia Johnson –, seus filhos já crescidos ficaram preocupados com suas ações. A história de um antigo amor soou muito forçada para Howie, que sabia que o pai vinha perdendo o contato com a realidade. “Ele entrou nessa fantasia de que aquela era uma mulher que ele havia cortejado quando era uma garota”, disse Howie. “Eu fiquei surpreso por ela ter se casado com ele, pois a doença de Parkinson já estava bem avançada nessa época. Fiquei preocupado, achando que ele talvez não conseguisse andar até o altar.” Gini sugeriu uma motivação menos caridosa. “Ela aceitou casar com ele dessa vez porque precisava de dinheiro”, disse Virginia.

Para Dody, no entanto, Bill simplesmente estava sendo mal interpretado. “Ele era muito calmo, um homem maravilhoso, com um senso de humor delicioso”, disse ela. “Ele era bom e afetuoso, muito atencioso. Uma pessoa maravilhosa.” Bill nunca revelou a ela o que havia dado errado em seu casamento com Virginia, e Dody tampouco perguntou. Dody agradava Bill, com seus vestidos imaculados, seu cabelo armado penteado para trás e sua atitude de colegial animada. Ela achava que não era adequado ficar fazendo perguntas a um homem sobre seus assuntos pessoais. Na visão dela, Bill parecia empacado num casamento de conveniência com Virginia. “Não acho que eles se amassem, mas eles queriam manter a equipe unida e levar a coisa adiante”, explicou Dody. “Nem todas as coisas são faladas, mas você sabe como elas são.”

Eu acho que no caso deles havia mais ou menos um acordo de negócios. Ela era parte da equipe. Eles fizeram muita coisa boa e deram sua contribuição à sociedade. É preciso muita coragem para isso.”

Durante aquele verão de 1993, Bill redescobriu os prazeres do calor no lago Rainbow. A velha cabana rústica que havia sido da mãe de Dody estava bem diferente de quando Bill estivera lá há mais de meio século. Havia sido reformada e ampliada, com o antigo alpendre convertido em dois quartos de hóspedes, com camas de casal. Após a morte da mãe, a casa de veraneio defronte ao lago ficara para Dody e o irmão dela, o doutor Francis Baker, um cirurgião ortopédico que passara a maior parte de sua carreira nas montanhas Adirondacks. O ar puro da montanha e os fortes raios de sol brilhando entre as árvores eram lembretes dos dias tranquilos da juventude dos dois. Bill falava com entusiasmo dos velhos tempos, mas sua repentina reintrodução na vida da sua família surpreendeu Fran. Depois de se formar pela escola de medicina da Universidade de Rochester, os dois antigos colegas de quarto haviam perdido contato. Quando Bill ficou famoso, Fran acompanhou suas realizações, mas nunca ligou para dar um alô. Naqueles dias de verão na velha cabana da família, Fran lembrou tudo o que ele gostava e não gostava em Bill Masters. Num final de noite, depois que Dody se recolhera para dormir, Bill relaxou na sala principal da cabana, com um roupão por cima do seu pijama. Fran perguntou a respeito de Virginia e por que eles haviam se casado. Bill revelou que nunca amara sua ex-esposa. Fran sentiu um distanciamento emocional familiar na voz de Bill, algo que ele conhecia desde os tempos em que haviam sido colegas de quarto. “Era muito coerente com Bill, pois ele era muito analítico e tinha uma personalidade realmente fria”, descreveu Fran. Naquela noite, Bill falou com um distanciamento similar sobre sua primeira esposa, Libby, e seus dois filhos, Howie e Sali, e disse que não os via muito devido aos seus inúmeros compromissos de trabalho. “Não achei que isso o preocupasse”, disse Fran referindo-se a essa indiferença

de Bill. “Acho que é justo dizer que Dody foi o único verdadeiro amor da sua vida.”

Numa igreja perto do lago Placid, William Masters, setenta e nove anos de idade, casou-se com sua noiva de setenta e seis, Dody. Alguns poucos amigos e colegas de St. Louis voaram até lá, para a cerimônia, no dia 14 de agosto de 1993. Após a troca de votos, Bill deu uma beijoca nos lábios de sua noiva. “Vamos lá, Bill, você sabe fazer melhor do que isso”, o padre cutucou. A *People* fez depois um perfil dos dois pombinhos septuagenários em sua reportagem sobre as celebridades que haviam se casado naquele ano. Para uma imprensa curiosa, Bill reafirmou seus achados anteriores a respeito da viabilidade do sexo entre idosos. “Isso continua até a gente morrer”, disse ele. “Mas o que é romântico para mim é sentar na frente dela na mesa do café da manhã e ficar admirando-a – ela é uma mulher linda.”

Howie e Sali – sempre protegendo sua mãe Libby, que ainda era viva – não viram com bons olhos a história fantasiosa de Bill sobre as rosas esquecidas, que ele contou de novo à mídia nacional. Mesmo assim, a julgar pelo olhar sonhador em seu rosto geralmente sério, não havia como negar o prazer de Bill naquele casamento. “Ele era o verdadeiro romântico e a conhecia há muito tempo”, disse Martin Paul, um escritor de ciência, casado na época com Sali. “Fazia todo o sentido do mundo.” Judith Seifer, uma terapeuta que trabalhara com Bill nos últimos estágios da carreira dele, disse que aqueles que conheciam Bill apenas como o famoso parceiro de Virginia nos livros, como um cientista compulsivo acorrentado ao seu laboratório, nunca acreditariam nas suas declarações a respeito de Dody, mesmo que fossem verdadeiras. “O trabalho como médico, para a maioria das pessoas, era a paixão da vida dele – e isso não é bem assim”, Seifer explicou. “Dody era a paixão da vida dele, a sua última esposa.”

Quando os recém-casados saíram de férias logo depois, para Orlando, foram jantar com dois velhos amigos de Bill, Max e Della Fitz-Gerald, um casal que estagiara no instituto no seu auge, na década de 1970. Max não conseguia acreditar na mudança de Bill, que abandonara sua personalidade geralmente tensa e reprimida.

“Era lindo de ver”, Max relembrou. “Meu Deus, ele parecia um garotinho de escola.”

Casais

Em seguida, a última palavra sobre sexo do rei e da rainha da pesquisa sexual – o novo estudo de Masters e Johnson, na sequência do *Larry King Live*, anunciou o apresentador da CNN, enquanto o programa de 29 de março de 1994 ia para um breve intervalo comercial.

Virginia Johnson, com seu cabelo bem penteado e tingido quase de loiro, foi até a mesa da entrevista e sorriu, cordial, para o apresentador do talk show da tevê a cabo. Era agora uma mulher mais encorpada, tendendo a ganhar peso, o que ficava realçado na tela da tevê. Com ar veterano, Virginia queria muito projetar uma imagem digna e graciosa, embora já tivesse tido tempos melhores. Depois de três décadas diante dos holofotes, essa turnê de apresentações marcava o último round da equipe Masters e Johnson.

Durante dois dias em Washington, D.C., Virginia Johnson apareceu respeitosamente ao lado do ex-marido como parte da promoção de *Heterosexuality* – uma versão popularizada de vinte anos de pesquisa sobre sexo feita por eles e outros. Um pouco antes, eles haviam discutido seu novo livro no programa de Diane Rehm, na National Public Radio. Mas naquela noite Masters não teve como aparecer na televisão. Sua doença de Parkinson e os estágios iniciais de demência tornavam difícil para ele expressar-se

em público, e ele logo se cansava desses eventos publicitários. Pouco antes do programa, ficou decidido que o doutor Robert Kolodny – que, afinal, havia escrito o livro, com poucas contribuições de seus coautores – iria se sentar ao lado de Virginia.

“É primavera, e os pássaros e abelhas aparecem nas manchetes de um monte de gente”, King começou, olhando para a câmera quando seu programa voltou dos comerciais. “Sexo é biologia, psicologia, amor, tesão e mais, inclusive o tema de outro importante livro desses dois nomes que são sinônimo de sexo, Masters e Johnson. Junto com o coautor, doutor Robert Kolodny, eles compilaram um estudo abrangente do amor entre homem e mulher: *Heterosexuality*.”

King imediatamente voltou-se para Virginia.

“Você mora em St. Louis, certo?”, ele perguntou.

“St. Louis, isso mesmo”, ela repetiu.

“E, embora você e o doutor Masters não sejam mais o doutor e a senhora Masters...”

“Isso”, disse ela, assentindo.

“... vocês continuam trabalhando juntos?”, perguntou King.

Virginia estava preparada para dar a sua resposta de praxe.

“Sim, claro”, disse ela, com sua voz suave e harmoniosa de sempre. “São trinta e quatro anos, você não apaga isso com um divórcio.”

Embora Kolodny interviesse com outras respostas, King continuou mantendo sua atenção em Virginia, como se ela pudesse compartilhar algumas lições sobre o desejo humano a partir de sua vida pessoal.

“Mas o amor ainda é o amor, não é?”, perguntou o anfitrião, ele mesmo familiarizado com os caminhos caprichosos do casamento.

“Ah, sim”, disse ela.

King arqueou as sobrancelhas e continuou gesticulando. “Vocês se conhecem, e aí acontece seja lá o que isso seja. Você já descobriu do que se trata isso?”

Virginia balançou a cabeça calmamente, com seu sorriso paradoxal.

“Não”, disse ela. “As pessoas falam numa química. Elas falam em encontrar na outra pessoa coisas das quais você gosta e com as quais se sente bem e que fazem você se sentir bem consigo mesmo. Mas não, eu não acho que exista uma boa definição científica do amor. Ele é tantas coisas quanto as pessoas acharem que é.”

Virginia esperava que o fato de seu casamento ter fracassado não encerrasse sua parceria com Masters. Após quatro décadas juntos, eles não eram capazes de cortar seus laços comerciais com a mesma facilidade que haviam cortado os emocionais, especialmente tendo seu genro, William Young, como diretor do instituto. Virginia investira coisas demais dela para ver a clínica fechar as portas. Era sua principal fonte de renda, junto com a parceria dela nos livros com Kolodny. Em suas discussões com Masters sobre o divórcio, concordaram amigavelmente em manter o instituto funcionando. “Eu vou cuidar dos casos quando meu genro ou Bill Masters me pedir, quando sentirem que o cliente, que com muita frequência é alguém muito importante, prefere que o trabalho seja feito por mim especificamente e não pela equipe”, disse Virginia, dois meses após sua separação no Natal.

Para Masters e Johnson, o divórcio seria a mesma coisa que seu casamento – uma respeitosa acomodação às necessidades um do outro, destituída de qualquer paixão mais evidente. Suas preocupações giravam principalmente em torno do instituto, o subproduto mais visível de sua união. “Nós continuamos tendo um relacionamento de trabalho confortável”, explicou Masters. “Nos separamos por termos estilos de vida e metas diferentes, e estaremos divorciados em pouco tempo.” Eles não precisariam mais ter que se portar como um casal amoroso. Com o divórcio, a velha ficção foi substituída por uma nova – a que sua separação não produzira dor nem discórdia. Para o seu público, os dois agiam como se de repente tivessem acordado um dia, declarado o divórcio e ido juntos para o trabalho felizes. “Se você vai se

divorciar, esse é o jeito de fazê-lo: sem rancor, mágoa, ódio ou demonstrações públicas de insensatez”, disse Young, tentando manter o instituto preservado. Chegaram montes de cartões, cartas e telefonemas depois que a imprensa mundial publicou histórias sobre sua separação. “Sinto como se meu pai e minha mãe estivessem se divorciando”, dizia uma carta. Outra, menos simpática, perguntava: “Como é que vocês querem ajudar os outros se não conseguem ajudar a si mesmos?” Alguns dos que escreviam cartas achavam que os dois tinham algum problema sexual e ofereciam orientações. “Temos a declarar que de fato estamos nos ajudando”, disse Virginia ao *The New York Times*. “Fizemos exatamente o que queríamos fazer, de acordo com nossas necessidades claras e refletidas.” A benevolência inicial dela no divórcio parecia perfeita demais, quase utópica. Ela chegou a declarar a um jornalista que continuava amiga de Libby, a primeira mulher de Masters, e que ela havia ligado na noite anterior procurando uma receita. Libby ficara uma hora no telefone, falando sobre o novo netinho dela. “Meus amigos são amigos para a vida inteira”, garantiu Virginia. Ela sugeriu que estava se desenvolvendo, tornando-se autossuficiente em relação a Masters. “Ele era um professor natural e eu era a típica estudante – subliminarmente, sempre foi uma relação desigual”, refletiu ela. “A melhor coisa desde o divórcio do meu ponto de vista é que agora sou tratada mais como uma pessoa, como uma entidade. Quando estávamos juntos, éramos sempre vistos como Masters e Johnson.”

Mesmo assim, a imprensa e o público continuavam perplexos.

“Bem, agora tenho que lhes fazer uma pergunta mais pessoal”, insistiu uma entrevistadora da National Public Radio, pouco tempo depois do anúncio do divórcio. “Muitos dos nossos ouvintes devem estar lembrados de que, há pouco mais de um ano, William Masters e Virginia Johnson se divorciaram.”

“Sim, correto”, Virginia replicou, quase alegremente.

“As pessoas ficaram surpresas”, disse a apresentadora da NPR. “Vocês disseram na época que continuariam trabalhando juntos. Acho que muita gente, inclusive eu, não acreditou nisso. Mas aqui estão vocês.”

“Sim, aqui estamos, como estivemos sempre, de novo juntos”, ela respondeu. “Nosso relacionamento sempre teve uma alta porcentagem de envolvimento profissional. Se você trabalha sete dias por semana, ano após ano, então esse é o seu mundo, é quem você é, e quando nós finalmente atingimos um ponto em que conseguimos olhar para nós mesmos como indivíduos, e para o tipo de vida que cada um queria levar, felizmente tivemos suficiente energia e interesse – e se me permite vou chamar também de coragem, ou encorajamento se você preferir – para tomarmos caminhos separados.”

“Então vocês estão dizendo a casais que estejam se divorciando nesse momento, ou pensando nisso, que é possível gostar um do outro, se divertir juntos após o divórcio?”, a apresentadora da NPR perguntou, com um tom de voz bastante incrédulo.

“Com certeza”, Masters respondeu.

Mantendo as aparências após o divórcio, Masters e Johnson voaram até Denver para a celebração do vigésimo quinto aniversário da Associação Americana de Educadores, Conselheiros e Terapeutas Sexuais, uma organização inspirada pela pesquisa pioneira de Masters e Johnson. A terapeuta Judith Seifer se ofereceu para pegá-los no aeroporto e ficou temendo que os dois viessem trocando farpas dentro do carro. Ao contrário, eles chegaram como um velho casal feliz, com Virginia cuidando de um Masters visivelmente enfraquecido. Ao longo do dia, ela o ajudou a se vestir e ficou atenta para que não tropeçasse e para que se sentisse bem durante o jantar formal. “Era como se nada tivesse mudado para Gini – uma coisa do tipo ‘isso é o que me cabe fazer e eu vou tomar conta dele, e acomodá-lo bem e está tudo certo’”, lembrou Seifer. “Na mente dela, eles podiam não estar mais casados, mas ainda eram colegas e ele era um encargo dela.”

Se a reação inicial de Virginia ao divórcio pareceu açucarada, seu humor logo azedou. Quando a sentença final e as cláusulas adicionais se tornaram bem evidentes, ela percebeu que o espólio ia em sua maior parte para Masters. Ela atribuiu essa injustiça a Walter Metcalfe, o advogado do instituto. Quando Masters iniciou os trâmites para o divórcio, ele contratou o escritório de advocacia

de Metcalfe para representá-lo, apesar de este ter estado ligado de maneira muito próxima à clínica dirigida por Virginia. Ela sentiu que o conhecimento que Metcalfe tinha do funcionamento interno e das finanças do instituto haviam dado ao ex-marido uma vantagem injusta. Mas Metcalfe disse que sempre havia sido leal primeiro a Masters, um amigo com quem ele ia assistir a partidas de futebol nas tardes de domingo. “Eu representei Bill em todos os seus divórcios”, explicou Metcalfe. Ao avaliarem o resultado do divórcio, porém, os amigos de Virginia, como Peggy Shepley e até Robert Kolodny, que geralmente tomava o partido de Masters, concordaram que ela havia sido desfavorecida. “Obviamente, tudo mudou entre Bill e Gini depois do divórcio”, disse Kolodny.

Com a saída de Masters, Gini procurou um novo homem em sua vida. Ela passou a aceitar convites para os eventos de gala e jantares da fechadíssima elite social da cidade – tudo o que uma mulher dinâmica e sociável como ela queria. Não ficaria mais em casa sozinha com um marido que se recusava a sair. O círculo dela incluía amigas que haviam acabado de enviudar, como Peggy, cujo marido, Ethan Shepley Jr., morreria em 1991, e Donna, esposa do técnico Bud Wilkinson, que falecera em fevereiro de 1994. Em seus piores momentos, Virginia contava com essas duas amigas para apoio e conselhos, quando lamentava sua falta de sorte. Embora perto dos setenta anos de idade, Gini não estava se aposentando e tampouco pretendia abrir mão de sua autoimagem de ser desejável para o sexo oposto. Como mencionou a um repórter, sua vida social consistia em “sair com diferentes homens, alguns mais velhos, outros mais jovens – não vou lhe dizer com quem. Quanto a namorar homens mais jovens, bem, eu tomo por base os anos que passei com homens mais velhos.” Em algum momento futuro, ela disse à *Times*: “Provavelmente vou casar de novo.”

Nesse círculo social, ela conheceu Lee Zingale, uma noite num banquete. Agradável e charmoso, ele possuía a boa aparência de um galã idoso. Parecia tudo o que Masters não era. Seus olhos azuis dançavam pelo salão, e suas maçãs do rosto e seu queixo

bem esculpidos realçavam um sorriso radiante, com dentes brancos brilhantes. Sua cabeleira branca mantinha-se intacta e ondulada. “Ele era lindo, com covinhas e tudo mais”, lembrou Virginia. Zingale concordou em acompanhá-la num evento beneficente em St. Louis, e os dois passaram a ser vistos juntos pela cidade. “Ela se tornou muito mais social do que havia sido por um bom tempo e acho que gostou disso”, lembrou Zingale, cerca de oito anos mais novo que ela.

Ele logo se incorporou a algumas iniciativas de negócios que buscavam capitalizar a fama de Virginia. Com os contatos dele e o apoio de outro investidor, Virginia gravou spots de rádio chamados de “Minuto do Relacionamento”, onde dava conselhos sobre questões de sexo e amor. No entanto, não conseguiram montar um esquema de distribuição nacional desses spots. Conversas sobre um possível projeto para a televisão sobre a vida dela também não deram em nada. Embora a experiência de Zingale fosse em propaganda, Virginia contratou-o para ajudá-la na sua autobiografia. Ele fez uma seleção de fotos e de recortes de jornais e revistas, e examinou artigos de jornal sobre a carreira dela. “A gente nunca conseguiu levar a coisa muito adiante”, ele lembrou. “Eu não sou escritor, mas ela achou que eu podia ajudá-la nisso.” Pelas conversas entre os dois, Zingale conseguiu formar uma ideia da história dela com homens. Ela falou de seus primeiros casamentos e de seu romance com Hank Walter. Não era difícil entender por que atraía tanto a atenção dos homens. “Tenho certeza de que os homens se sentiam atraídos por ela”, disse Zingale. “Ela tinha aquela personalidade e aquela voz fabulosa.” No entanto, ele nunca entendeu por que ela se casara com Masters, uma parceria com mais camadas do que ele seria capaz de desvendar. Zingale ainda não conhecia Masters, mas formou uma opinião a respeito do ex-marido dela a partir das reações que Virginia tinha toda vez que o nome dele vinha à tona. “Acho que ele era um homem muito poderoso, muito forte, e acho que ele simplesmente tomou posse dela”, disse Zingale. “Acho que Gini é o tipo de mulher que gosta de satisfazer um homem. Eu as chamo de mulheres de homens. Conheço um monte de moças que realmente

gostam de estar perto de um homem, e não só por causa de sexo. Elas são de fato boas no trato com homens e eles gostam delas por causa disso.”

Embora seus projetos não dessem certo, relata Zingale, Virginia continuou a pagá-lo. A companhia dele parecia ser mais importante para ela do que a questão empresarial. Zingale aceitou pagamentos dela até que começou a se sentir desconfortável com isso. “Não posso – isso não está funcionando e eu não estou fazendo nada pra você”, ele finalmente alegou quando ela lhe ofereceu ainda mais dinheiro. “Não está acontecendo nada.”

A falta de resultados não parecia preocupar Gini. “Não, não, não... Eu quero você por perto”, ela disse. A essa altura, contou Zingale: “Eu comecei a achar que ela precisava de mim ao lado dela mais por causa da questão social do que das coisas pelas quais estava supostamente sendo pago.”

As colunas de fofocas logo identificaram Zingale como o novo homem na vida de Virginia, no lugar de Bill Masters. “Acho que apareceu alguma coisa num jornal de circulação nacional a respeito de ela estar saindo com um novo par e meu nome foi citado. Velhos amigos me ligaram e disseram ‘Ei, é isso mesmo?!?’, e eu disse ‘Não!’”, relembra ele, rindo. “Meus amigos todos me olharam interrogando-se. Eles não entendiam.”

Embora formassem um belo casal no circuito social ou quando Virginia aparecia em entrevistas em Nova York, a improbabilidade de um relacionamento íntimo era bem aceita pelos dois. Aos olhos dela, Zingale “não era para casar, de maneira, jeito ou forma alguma”, lembrou Virginia. “Lee é gay. Eu costumava levá-lo muitas vezes comigo quando viajava porque odiava. E ele adorava viajar, então eu pagava a ida dele. Ele se encaixava bem em todos os lugares. Adorou conhecer Leontyne Pryce e Barbara Walters – eu me movia nesses círculos –, e ele ficava encantado e maravilhoso nessas horas.”

Zingale propositalmente deixava as coisas ambíguas. Anos antes, ele fora casado e se tornara pai e avô, estabelecendo suas credenciais heterossexuais entre aqueles mais inclinados a conjecturas. Mas em anos mais recentes, sem declarar

expressamente sua orientação sexual, ele compartilhara uma longa parceria com outro homem da comunidade de St. Louis. Gini era bem ciente da outra vida dele. Nunca houve fingimentos, apenas noites de muitas risadas e brincadeiras antes que se dessem boa-noite na porta de casa. Zingale sabia que Virginia queria a companhia dele como um “bom cara de relações públicas”, de modo que as pessoas achassem que ela havia encontrado um novo alguém depois de Masters. “Acho que ela se sentia sozinha, queria fazer coisas, e foi o que aconteceu”, explicou ele. “Eu mantive minha vida. Tinha meus outros amigos e meus amigos de sempre, que ela na verdade não chegou a conhecer. Não éramos íntimos. Não sei se ela queria isso ou não. Não fazia nenhuma diferença para ela qual era a minha [orientação sexual], porque a gente não estava tendo um relacionamento sexual.”

Na época, amigos comuns, como Donna Wilkinson, ficaram perplexos com o comportamento de Gini. Em St. Louis, mulheres de uma certa idade conheciam Zingale como um agradável “acompanhante” – homens que agiam como uma perfeita e adorável companhia, mas que não estavam interessados num relacionamento heterossexual. “Gini ficava fingindo que aquele era o amor da vida dela”, disse Donna Wilkinson, que estava por dentro das coisas. “Lee era casado, mas isso não quer dizer nada. Tinha uma vida dupla.” Ela não sabia se falava com Virginia sobre o histórico de Zingale ou se apenas concordava com a amiga quando ela fingia durante um almoço que o relacionamento deles envolvia algo mais. Donna também gostava de Zingale como amigo, mas não queria que Gini se magoasse de novo. Ela se sentiu meio obrigada a dizer algo. “Se você se importa com seus amigos, você diz: ‘Se isso faz você feliz – ótimo’”, explicou Donna. “Gini pode ser ingênua, isso é verdade. Mas você precisa ser cego para não ver certas coisas.”

Aquele agradável mistério de Virginia Johnson com Lee Zingale estendeu-se até sua última aparição pública para Masters e Johnson como equipe. Quando soube que Masters pretendia levar Dody à entrevista com Larry King e outros compromissos de lançamento de livros pelo país, Virginia implorou que Zingale fosse

junto. “[Virginia] simplesmente não queria fazer isso sozinha com os dois [Bill e Dody] e Kolodny – e eu fui como companhia”, lembrou Zingale. No Smithsonian Institution, Virginia e Kolodny fizeram uma palestra curta, que foi bem recebida por um plateia de trezentas pessoas. Masters sentia-se tão debilitado pela doença e parecia tão fatigado que sua parte da palestra foi reduzida ao mínimo. Nos preparativos para a televisão, Kolodny armou um “roteiro” de perguntas e respostas prontas para Virginia, contou ele. “Eu sabia que ela não tinha lido o livro.”

Diante das luzes e das câmeras, Kolodny ficou maravilhado com o desempenho dela. “Ela tinha a maior competência para falar bem sem dizer nada”, comentou ele. “Pegava uma pergunta sobre a qual não sabia nada e ia em frente lindamente, dizendo por exemplo ‘isso me faz lembrar’ e aí voltava para alguma coisa que havia aprendido com Bill e sobre a qual podia falar até dormindo. Ela lidou desse modo com entrevistas por muitos e muitos anos. Esteve maravilhosa naquela noite no programa do Larry King. Ela de fato tinha uma presença impressionante.” No dia seguinte, Masters e Johnson conseguiram uma entrevista para a seção “Style” do *The Washington Post* e pareciam tensos um com o outro. “Bill e Gini não estiveram tão bem”, lembrou Kolodny. “Gini na verdade queria enganar Bill.” A mídia americana, saturada de sexo, não fazia mais tanta festa com os pesquisadores de St. Louis. Por volta da década de 1990, não havia nenhuma excitação vicária em falar sobre sexo com detalhes clínicos. De maneira bastante sarcástica, o *Post* se queixou de que “nunca houve duas pessoas que falassem tão francamente sobre sexo quanto Masters e Johnson e que continuassem a ser tão irremediavelmente pouco sexy”. O repórter não comentou nada sobre Zingale, mas observou que a nova esposa de Masters era “um pouco como a Lovey Howell¹² do seriado ‘Gilligan’s Island’, com aquele cabelo loiro parecendo suspiro e um conjunto tipo Chanel, perfeito”.

Vários meses depois da turnê do livro, Virginia e Zingale pararam de se ver. Seu maior projeto conjunto – a autobiografia dela – nunca foi concluído porque “ela não estava muito afim”, lembrou Zingale. Uma vez mais, o complexo relacionamento pessoal e de

negócios de Virginia com o homem que entrava em sua vida se encerrava. “Ela parecia estar muito feliz, mas de repente a coisa terminou”, relembrou Donna Wilkinson. “Para alguém na idade dela e no ponto da vida em que estava, pareceu apenas algo triste.”

Por razões que só ela sabia, Virginia logo depois concordou em sair um dia para jantar em St. Louis com Masters, que trouxe a nova esposa.

“Já lhe contei como foi que Dody e eu nos conhecemos?”, perguntou Bill, sentando ao lado dela.

“Não, me conte”, Gini replicou reflexiva, com a mesma voz que usava antes para compilar os casos de pacientes.

Virginia já ouvira essa história meio fantasiosa das rosas o suficiente para ter o estômago revirado. Desde que reencontrara essa mulher em sua vida, Bill mencionava a história em todas as entrevistas. Mesmo assim, a curiosidade inata de Gini manteve-a sentada para mais uma representação daquilo. “A gente estava comendo num restaurante de frutos do mar e bebendo margaritas, o que tornava mais tolerável ouvir”, relembrou ela. Com sua voz desafinada, Bill reviveu o romance de sua juventude no norte do estado de Nova York. Nessa sua nova versão, porém, ele de algum modo triunfava sobre as adversidades do amor e sobre os homens que já haviam se casado com sua amada Dody e conseguia reencontrá-la. Ele concluiu com uma afirmação desafiadora e prepotente sobre o segundo marido de Dody, que ele conhecera quando se encontraram no Arizona.

“Sabe, quando eu o conheci, pude confirmar o que eu sempre soube: que eu era um homem melhor para ela”, disse exultante.

Virginia não disse nada, apenas sorriu e passou para o próximo assunto. Sua afirmação podia facilmente ser atribuída às incoerências de um homem doente e fragilizado, cambaleando na senilidade. Mas as palavras dele ficaram na mente de Virginia durante anos, como talvez a mais verdadeira essência de Bill Masters, com todas as suas cruéis inseguranças bombásticas, profundamente arraigadas. “Essa é a chave para se chegar a ele, à sua motivação fundamental”, disse Virginia, ainda ruminando isso na memória dez anos mais tarde. “E justamente isso – eu sempre

soube que era um homem melhor' – era a sua força motivadora.
Ser sempre o melhor.”

[12](#) Personagem do programa de tevê *Gilligan's Island*, exibido de 1964 a 1967, representado por Natalie Schafer, que interpretava uma mulher da alta sociedade, mimada e infantilizada. (N. do T.)

In Memoriam

Aquele hábito da vida inteira, de ir trabalhar todo dia, foi aos poucos morrendo para Bill Masters. À medida que ele se aproximava dos oitenta, nem sua mente nem seu corpo podiam mais sustentá-lo. Com a saída de Virginia, o Instituto Masters e Johnson parecia ter um nome estranhamente inadequado. Os pacientes agora escasseavam. “As consultas eram cada vez mais raras”, disse Frederick Peterson, que em 1994 foi o último clínico treinado por Masters.

Sob a sua orientação, Peterson compilou um estudo de caso sobre um par casado, que não havia ainda consumado o casamento depois de sete anos, e que conseguiu o intercuro após uma semana de tratamento. Embora o instituto estivesse degradingolando, “a magia de Masters ao trabalhar com essas pessoas”, conforme descreveu Peterson, dava uma ideia dos poderes de cura da terapia. Com uma equipe tão reduzida, as obrigações de Peterson incluíam rastrear documentos e fitas reunidos durante mais de quarenta anos. Um dia, Masters lhe pediu para localizar um velho filme chamado *The Female Orgasm* [“O Orgasmo Feminino”], que ele e Virginia haviam feito na Universidade de Washington em 1959. Uma equipe de televisão que produzia um documentário histórico sobre Masters e Johnson

perguntou se poderiam ver esse filme, rodado no laboratório deles. Masters não tinha ideia de onde poderia estar.

Quando o jovem finalmente o encontrou, Masters ficou exultante. Montou um projetor e mostrou o velho filme a Peterson, do mesmo jeito que fizera muito anos antes com colegas em treinamento na escola de medicina. Os quadros do filme piscavam diante deles, mas Bill não fez qualquer menção sobre quem era a mulher nua que se manipulava.

“O doutor estava nas nuvens”, lembrou Peterson. “Sentou na frente da sala de palestras, fazendo comentários que eram muito difíceis de ouvir. Ele apontava para as imagens da mulher na tela com sua bengala, que ele agora usava para andar.” Aquela relíquia de um tempo antigo, mais ousado, talvez tivesse sido o ponto alto da sua carreira, quando Bill Masters e Virginia Johnson estavam determinados a fazer história na medicina.

Por fim, enquanto o rolo de filme se desenrolava, Peterson perguntou: “Quem é o narrador do filme?”

“Sou eu!”, exclamou Masters, surpreso ao ver que seu funcionário não percebera isso.

Peterson não replicou, mas isso foi para ele outra indicação do quanto as coisas haviam mudado no Instituto Masters e Johnson. “Não reconheci porque a voz dele era radicalmente diferente daquela que eu conhecia”, disse Peterson.

Masters tentou manter sua querida clínica funcionando com uma série de novos projetos, mas nenhum deles repetiu os sucessos anteriores. O instituto abriu um centro para tratamento de crianças vítimas de abuso sexual e se mudou para um prédio comercial do governo, em St. Louis. Como Masters sabia a partir de pesquisas anteriores, muitas crianças que sofrem abusos tornam-se adultos com um histórico de disfunção sexual, depressão grave, lembranças dolorosas e relacionamentos destrutivos. Encaminhados de vários pontos do país, os pacientes recebiam tratamento durante um mês, morando em apartamentos arranjados pelo centro. Masters trabalhou com Mark Schwartz, que se tornou codiretor, mas a parceria não durou muito tempo. “Era uma maneira de gerar alguma renda”, lembrou Judith Seifer,

amiga e antiga estagiária do instituto. “O doutor estava terrivelmente preocupado, achando que o instituto talvez não pudesse continuar.” Bill também tentou lançar um Serviço Telefônico Masters e Johnson de Informação Sexual – uma linha gratuita para que o usuário pudesse conversar com um especialista qualificado em sexo sobre qualquer problema nessa área –, mas a iniciativa tampouco decolou.

Por volta de dezembro de 1994, Bill atendeu ao desejo de Dody de que ele se aposentasse. Iria fechar a clínica e mudar-se de St. Louis, onde passara quase toda sua vida adulta. “Na minha idade, é tempo de sentir um pouco o cheiro de rosas”, disse ele ao se aposentar. “Vou continuar escrevendo um pouco e dando palestras, mas parar com terapia e pesquisa.” Ele se instalou no Arizona, curtindo o clima e passando o tempo com Dody na velha casa dela.

Para ajudar seu pai doente, Howie Masters supervisionou o fechamento da clínica. Concordou em ser nomeado vice-presidente do instituto, certificando-se de que a papelada estava em ordem quando a fundação de pesquisa sem fins lucrativos entregou suas últimas declarações de impostos ao governo. “Não havia nada de importante acontecendo – nenhuma terapia, nenhuma pesquisa; estas haviam sido interrompidas havia muito tempo”, disse ele. “Aquilo era só um lugar onde ele podia ir todo dia.”

Howie tinha sido um bom filho, afetuoso, para ambos os pais. Junto com a irmã, continuou sendo um apoio para a mãe, Libby, nos anos após o divórcio de Bill. Libby conheceu e se casou com o contra-almirante William F. Royall em março de 1982 e se mudou de St. Louis para o Maine, onde passou seus últimos dias fazendo jardinagem, tricô e curtindo amigos na igreja episcopal de Boothbay, do jeito que fizera em Ladue.

O relacionamento de Howie com o pai, porém, continuou tenso. “É muito triste, mas Bill constatou várias vezes que Howie sabia muito pouco a respeito dele – quem ele era e em que consistia seu trabalho”, lembrou Robert Kolodny. “Bill lamentava o fato de ter estado de certo modo indisponível para o filho.” Gini nunca entendeu a atitude de Bill em relação a Howie, como se Masters,

apesar de todo o seu conhecimento de psicoterapia, não tivesse aprendido nenhuma lição do torturante relacionamento que tivera com o pai. “[Bill] foi realmente mau e cruel com ele de várias maneiras”, refletiu ela. “Howie não tinha nenhuma razão para gostar do pai. Howie soube pegar o limão e fazer uma limonada. Ele é muito mais como a mãe.”

Ao fechar o instituto, William Masters deixou muitos aspectos da sexualidade humana por estudar, na expectativa de que a clínica pudesse cuidar disso após sua aposentadoria. Ele tentou, sem sucesso, obter subvenção federal para um centro de crises de estupro, disposto a pesquisar as causas e os sintomas implícitos na violência sexual. A neurofisiologia do sexo continuou sendo o maior quebra-cabeça. Cientificamente, ele nunca conseguiu dar uma resposta ao mistério fundamental sublinhado em *Human Sexual Response*, quando admitiu “a questão de por que homens e mulheres reagem dessa forma não é respondida neste texto”. Outros pesquisadores na Europa repetiram e confirmaram as quatro fases essenciais da reação sexual mapeadas pela primeira vez por Masters e Johnson, mas pouco além disso. Por volta da década de 1990, equipamentos como a tomografia axial computadorizada e as imagens de ressonância magnética, que permitiram aos médicos observar o funcionamento interno do cérebro e de outros órgãos, eram muito mais sofisticados do que os dispositivos que Masters e Johnson haviam usado em seu laboratório. Se o governo tivesse eliminado suas restrições morais e oferecido financiamento, se uma instituição acadêmica como a Universidade de Washington tivesse acolhido seu trabalho e concedido suficiente equipe e apoio, Masters acreditava que eles teriam esclarecido muito mais coisas. Talvez pudessem ter proporcionado maior conforto e alívio a vítimas de derrames cerebrais, doenças neurológicas e danos à espinha vertebral, em sua tentativa de restabelecer algo semelhante à sexualidade.

Na época em que fechou as portas, a matriz Masters e Johnson havia sido adotada por todo o país. Assim como seus achados corporais haviam descartado as visões de Sigmund Freud a respeito da sexualidade feminina, a terapia deles desafiou

diretamente e mudou de vez os métodos da psicanálise tradicional para tratar de pessoas com problemas sexuais. Embora os preços do tratamento tivessem aumentado significativamente, permaneceram bem mais baratos do que um divã freudiano. “Pegue dois ou três anos de psicoterapia e veja quanto isso vai lhe custar!”, insistia Masters. Mesmo assim, por volta de 1994, o ponto forte da abordagem Masters e Johnson – a equipe terapêutica dual, em que os casais eram tratados por um homem e uma mulher terapeutas trabalhando juntos – caiu vítima do controle de custos generalizado da medicina, provocado pela chegada dos planos de saúde e por outras reavaliações clínicas. “Com dois terapeutas, o custo é duas vezes maior”, lembrou o doutor Alex Levay, cuja vida e carreira haviam sido transformadas por Masters e Johnson numa entrevista dada meses antes de falecer. “Hoje as pessoas estão bem mais à vontade com o sexo. Por isso, se um casal chega com um problema sexual específico, eles não se importam se [o terapeuta] é um homem ou uma mulher.”

A medicalização do sexo, introduzida por Masters e Johnson com suas descobertas anatômicas e descrições clínicas, logo adentrou o novo domínio dos orgasmos induzidos por medicamentos, patrocinado pela indústria farmacêutica americana. A grande indústria farmacêutica, antes na periferia da pesquisa psicosssexual, fez uma fortuna a partir do Viagra e outros métodos apoiados por intenso marketing, para solução da disfunção erétil. A Pfizer, empresa que colocou o Viagra no mercado em 1998, faturava 1,3 bilhão de dólares por ano ao final da década com as pequenas pílulas azuis. “Se a ansiedade de desempenho é o problema, uma abordagem Masters-e-Johnson para o tratamento pode ser eficaz, isenta de riscos e em longo prazo menos cara”, recomendava o *New York Times* em 1998.

Cinco anos após sua introdução, no entanto, mais de dezesseis milhões de homens haviam experimentado o remédio. De repente, nessa “era do Viagra”, o verniz do sério propósito médico atenuou

o velho puritanismo e os tabus morais que cercavam essas questões. Depois de ter sido mencionado o suficiente pela televisão, até mesmo o fantasma de ereções sendo quatro horas de duração um possível efeito colateral doloroso desses medicamentos, deixou de assustar. Se o tórrido caso de Bill Clinton com uma estagiária da Casa Branca personificou um dos extremos do espectro sexual americano na década de 1990 – símbolo do *ethos* libertino da revolução sexual ostentado por *baby boomers* idosos –, então seu oponente republicano Bob Dole, que fez propaganda na televisão sobre o Viagra como elixir para resolver a disfunção erétil, personificava o futuro. “Toda companhia farmacêutica que defende um medicamento voltado para a qualidade de vida como o Viagra consegue fazer isso porque William Masters e Virginia Johnson transformaram a saúde sexual num desafio legítimo”, declarou a *Playboy*, com seu próprio ponto de vista como patrocinadora do trabalho de ambos. O sexo era agora fisicamente possível de uma maneira que a maioria dos americanos idosos nunca imaginara. Como Masters uma vez declarou, “conforme você envelhece, não consegue mais correr em volta do quarteirão como quando tinha dezoito anos, mas ainda pode desfrutar de uma boa caminhada”. Será, porém, que as chaves do amor podem ser encontradas num laboratório? Viagra e outras pílulas, emplastos e loções, oferecidos pela grande indústria farmacêutica sexualmente motivada, ofereciam curas milagrosas somente por prazo determinado. “Procure orientação do seu médico”, aconselhavam os anúncios. Os métodos Masters e Johnson eram mencionados no Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (DSM), a chamada bíblia da saúde mental e dos setores de seguro-saúde. Mas sua abordagem de orientação médica – com seus índices de cura notavelmente eficazes – estava agora sendo suplantada por soluções mais certeiras, acondicionadas num frasco. Os cientistas foram correndo para o laboratório a fim de descobrir uma pílula similar para as mulheres que quisessem um novo alento em sua vida sexual. O *Journal of the American Medical Association* (JAMA) relatou que 43% das mulheres e 31% dos homens sofriam de

algum tipo de disfunção sexual. Metade das mulheres relatou ter orgasmo regularmente durante o intercursos, mas 10% jamais haviam experimentado um único orgasmo.

Por volta do século XXI, entretanto, muitos casos difíceis ainda não podiam ser resolvidos com uma receita médica. Como Masters e Johnson destacaram no final de suas carreiras, o conhecimento das funções carnis não pode substituir a sabedoria do coração. Terapeutas bem formados culpavam a difusão generalizada de imagens sexuais no marketing e de pornografia pela internet – um negócio que movimentava um bilhão de dólares cinco anos após seu aparecimento – por uma exacerbação dessa desconexão entre o amor recíproco e as necessidades sexuais. “Sob vários aspectos, há mais problemas hoje do que na década de 1970”, disse Joyce Penner, uma terapeuta da Califórnia que estagiou no Instituto Masters e Johnson com seu marido, Cliff. Como seus famosos mentores, os Penner escreveram livros e trabalharam juntos como dupla casada. Eles aconselham cristãos conservadores sobre o sexo na vida conjugal, falando abertamente, com as bênçãos de pastores como Rick Warren. Os casais conversam muito sobre os detalhes práticos do sexo, relatam eles, mas com frequência são incapazes de articular seus sentimentos sobre o sexo um para o outro de uma maneira significativa. “Existe uma falsa expectativa, baseada naquilo que vemos pela televisão, de que a vida de casado deve ser essa experiência hiperssexualizada”, explicou ela. “A pornografia exerce uma atração que é muito viciante e aí as pessoas querem isso no seu relacionamento.”

Apesar de todos os excessos da sociedade, no entanto, poucos escolheriam voltar aos dias de ignorância na cama e de casamentos não consumados. O sexo nos Estados Unidos, em quase todas as suas formas, mudou radicalmente em menos de meio século. As duradouras contribuições de Masters e Johnson ajudaram a assegurar que não haverá retrocesso. Com o fechamento de sua clínica, algumas questões atemporais persistem – o aspecto esquivo do verdadeiro amor, o fracasso dos parceiros em criar vínculo emocional, a desigualdade dos papéis, as expectativas sexuais e o narcisismo de adultos incapazes de se

comprometer ou se expressar – e continuam além do alcance de uma solução biológica fácil. “Por um lado, o Viagra é um avanço farmacológico fantástico”, explicou a doutora Ruth Westheimer, a mais visível sucessora de Masters e Johnson como especialista americana sobre sexo e amor. “Mas a questão é que o outro parceiro precisa estar envolvido, não pode ser simplesmente você dar uma pílula a alguém e dizer ‘Vai lá.’”

Os dias de Bill Masters no Arizona trouxeram-lhe uma sensação de felicidade, apesar de sua saúde se deteriorar ainda mais. Sem queixas, Dody atendia às necessidades dele como uma cuidadora fiel, uma companheira amiga para os seus últimos anos. Tanto no estilo como na atitude, ela parecia alguém de outra época, o tipo de esposa de médico sorridente e submissa semelhante à Libby durante a década de 1950. Com certeza, Dody não era nenhuma Virginia Johnson, com suas ambições inquietas e seu intelecto agudo. Masters, aposentado, sem estudos de pesquisa ambiciosos ou uma lista de espera de pacientes, não precisava mais de desafios. Tudo o que havia se tornado público em St. Louis ficava agora para trás.

Durante anos, Masters orientava os membros da equipe para não discutirem as questões dentro da clínica. Uma década mais tarde, ele descartou a ideia de um livro de memórias, dizendo a um repórter em 1984: “Não consigo imaginar nada que resultasse numa leitura mais monótona.” Mas depois de alguns anos ociosos no Arizona, ele estava pronto para um último projeto. Por volta de 1999, Bill juntara alguns resumos de sua carreira e declarou-se pronto para publicar uma autobiografia. Chamou Judy Seifer – que se tornara uma destacada terapeuta sexual, com sua própria linha de conselhos publicados, incluindo vídeos educativos – para ajudá-lo talvez como uma espécie de *ghostwriter* do seu livro. Por uma consideração sentimental em relação ao seu antigo mentor, Seifer voou para Tucson. No escritório da casa dele, ouviu Masters ler suas recordações, naquela sua linguagem sucinta e reservada. Ela

alertou-o de que o livro seria invendável, a não ser que tivesse maior sinceridade e autorreflexão.

“Sabe, doutor, isso não é o que as pessoas têm vontade de ler”, disse Seifer.

Ele pareceu confuso. “O que você quer dizer?”, perguntou.

“Tudo isso tem que ser contado em volta de quem você é como pessoa”, disse Seifer com seu sotaque nasal e acelerado do Oeste da Virginia. “As pessoas querem saber coisas do tipo ‘por que você e Virginia se casaram e por que se divorciaram?’”

Ele fez uma careta feia na hora. “Eu não pretendo enveredar por assassinatos de personagens”, resmungou.

Masters e Johnson haviam sido autores de best-sellers internacionais, apesar da prosa maçante de seus manuais, mas o apetite dos Estados Unidos por revelações íntimas pedia mais, explicou ela. Se Seifer fosse trabalhar como sua *ghostwriter*, precisava ter mais vislumbres da alma dele. “Se você confia em mim o suficiente, tem que me contar o lado humano da sua história, as pessoas querem saber que tipo de relação podem estabelecer com você. Não querem saber apenas que você é um pioneiro, e sim de que maneira podem se comparar a você como homem, como pai. E querem saber das suas fraquezas e dos seus erros – e nós dois sabemos que há muito disso também”, ela acrescentou com um sorriso cúmplice.

Masters não cedeu.

“São essas as coisas sobre as quais eu quero falar”, ele repetiu, erguendo seu manuscrito, inabalável diante do conselho dela.

Seifer saiu de Tucson prometendo apresentar a ideia a alguns editores de Nova York, apesar de suas dúvidas. Ela entrou em contato com Howie para se certificar de que ele estava confortável com a ideia e para pedir que a ajudasse a superar os obstáculos que haveria pela frente. “Não sei se vou poder contar com a cooperação de Gini”, Seifer confessou, “e alguém tem que ajudar o doutor a enxergar que é preciso mostrar o seu lado humano”.

“Eu também gostaria de ter um vislumbre disso”, disse Howie, rindo diante desse desafio insuperável.

No final das contas, nenhum dos editores se interessou pelo último projeto de Masters. Mesmo assim, ele continuou ditando seus pensamentos até que seu manuscrito ficou com umas cem páginas. A rejeição nunca o fizera desistir antes. A maioria das páginas continha recordações de suas primeiras conquistas na pesquisa sexual, como ele superou seus detratores, e histórias apócrifas, que ele repetira dezenas de vezes para suas plateias. Ele lembrou seu antigo romance e posterior casamento com Dody, mas esquivou-se de falar das duas mulheres com as quais compartilhou a maior parte de sua vida adulta. Numa única página dedicada ao seu casamento com Libby, admitiu ser “algo menos que um bom pai” para seus filhos e, como fez com tudo mais na sua vida, colocou o divórcio dos dois no contexto geral da sua carreira (“Se eu não me desvencilhasse da opressiva exigência de tempo do programa de pesquisa sobre o sexo, não seria possível continuarmos como marido e mulher”, resumiu ele). Com Virginia Johnson, não houve muito mais reflexão. Ele lhe deu crédito por ter lhe explicado a “orientação psicosssexual da fêmea humana” e por criar a terapia de base médica de ambos, “mesmo sem ela ter um diploma de curso superior”. Mas não deixou nenhuma pista sobre a relação pessoal deles – primeiro como colegas não casados, depois como marido e mulher, imperando como os principais especialistas dos Estados Unidos em sexualidade humana. Talvez ciente de que Virginia tinha intenções também de escrever suas memórias, ele não iria revelar nada dos dois. “Nem sonharia em escrever, em consideração à nossa relação pessoal”, escreveu ele. “É minha esperança que ela chegue à mesma conclusão.”

Virginia nunca leu essa sua advertência por escrito. Ela sequer sabia que ele escrevera suas memórias. Howie reviu o manuscrito e decidiu que a demência avançada de seu pai tornava a obra suspeita. “Nos últimos anos, ele começara a escrever algumas coisas porque não tinha mais nada para fazer”, disse Howie. “Mas, francamente, a autenticidade do que ele estava escrevendo era pouco confiável. Como filho, procurei me certificar de que o livro seria enterrado.”

O declínio terminal, inescapável, de William Howell Masters encerrou-se no dia 16 de fevereiro de 2001. Dentro de uma casa de repouso de Tucson, ele morreu de complicações decorrentes da doença de Parkinson aos oitenta e cinco anos de idade. Até que sua saúde permitiu, ele e Dody passaram seus invernos no Arizona e os verões na cabana de Baker junto ao lago Rainbow. Seus últimos meses transcorreram numa casa de repouso ao pé das montanhas Catalina. E num de seus últimos momentos de lucidez, ele disse a Dody que sempre a amara.

Ao redor do mundo e em seu próprio país, aqueles que escreveram obituários atestaram a importância do doutor William H. Masters. Enfático, o *Washington Post* disse que Masters “monitorou o doce ato de fazer amor com instrumentos científicos de laboratório”. A *Newsweek* disse “Masters e Johnson – que analisaram mais de 14 mil orgasmos do decorrer de sua pesquisa – tornaram-se os voyeurs mais famosos do país”. Mais respeitoso, o jornal de sua cidade, o *St. Louis Post-Dispatch*, chamou-o de “um pioneiro no estudo de problemas e no encontro de soluções na antes negligenciada e controversa área da sexualidade humana”. Num longo obituário de dimensões geralmente reservadas a presidentes ou soberanos, o *New York Times* declarou que Master havia “revolucionado a maneira pela qual o sexo é estudado, ensinado e desfrutado nos Estados Unidos”. Desenvolvendo os achados tanto de Alfred Kinsey como de Sigmund Freud, disse o *Times*, Masters e Johnson “dedicaram mais de meio século a observar, medir, ponderar e desmistificar a mecânica do intercuro sexual e determinar como tornar a experiência do sexo melhor para casais que veem seus prazeres como algo fugidio, quando não inalcançável”. Com um olho na história, o jornal notou com propriedade que Masters e Johnson haviam desbancado “a asserção de 1758 de Simon Andre, um pesquisador suíço, de que a masturbação causava cegueira; a pesquisa de Elizabeth Osgood Willard no século XIX, que defendia que o orgasmo era mais debilitante do que um dia de trabalho na roça e que o sexo por prazer arruinava o corpo; e a crença de Sigmund Freud no século

XX de que o prazer induzido pelo clitóris provavelmente indicava questões psicológicas não resolvidas”.

Apesar de sua celebridade, dos best-sellers e da clínica de terapia notavelmente bem-sucedida, Masters deixou pouca coisa. Examinando os livros do instituto, Howie descobriu oportunidades perdidas. “Eles podiam ter ganho dezenas de milhões de dólares se tivessem atentado para o chamado de Wall Street e aberto uma franquia [de suas terapia] e ficado como donos dessa empresa maior, mas nunca cresceram além de uma sala e uma mesa, meu pai e Gini”, explicou o filho dele. “O dinheiro que entrava era injetado de novo no negócio. Meu pai saiu no final como um indigente.”

Apesar de todas as manchetes pós-morte, muitos acharam que Masters havia sido desdenhado também em reconhecimento mais permanente. A Universidade de Washington – o local do trabalho mais importante de Masters e Johnson – decidiu ignorar suas contribuições à medicina. Ao contrário da Universidade de Indiana, onde foi criado um instituto com o nome de Kinsey, não há placas, nem bolsas com seu nome e raramente se encontra uma menção a Masters e Johnson no site da escola. É como se nunca nada tivesse acontecido no terceiro andar do Hospital Maternidade. Amigos e admiradores notaram esse desdém e ironizaram, dizendo que Masters é que ajudara a tornar a Universidade de Washington conhecida. “A Universidade de Washington, durante anos e anos, foi reconhecida por causa de Bill Masters”, lembrou o doutor Ernst Freidrich, que se aposentou em 1998 depois de quarenta anos na escola de medicina. “Quando eu ia para encontros internacionais, todos conheciam Bill Masters. Quando eu dizia ‘Universidade de Washington’, eles diziam ‘Ah, sim, aquela de Masters e Johnson!’ Eles conheciam Bill Masters mais do que qualquer outra pessoa.”

Enquanto produzia um documentário para televisão na Austrália, Howie recebeu uma ligação comunicando o falecimento do pai. Na verdade, já se preparava para ir embora por causa da morte da mãe, ocorrida poucos dias antes. Elizabeth Ellis Royall morreu aos oitenta e seis anos de idade numa casa de saúde em Wilton,

Connecticut, não muito longe de onde seus filhos viviam. Ela se mudara de Maine após a morte de seu segundo marido no ano de 2000, o contra-almirante William Royall. Agora Howie iria participar de dois funerais. Ele parou primeiro em Tucson para uma missa reservada para seu pai, como o único membro da sua família que conseguira comparecer. “Eu não conhecia ninguém ali”, lembrou ele. “Basicamente era só o pessoal de Tucson”, que acabara conhecendo o seu pai nos últimos anos. Segundo Fran Baker, os restos de Masters foram cremados e suas cinzas lançadas de avião sobre o Arizona parte do lago Rainbow junto às Adirondacks; pequenos pedaços de si mesmo nos lugares onde ele conhecera Dody.

A principal homenagem a Bill Masters foi organizada por Robert Kolodny e outros amigos e familiares, semanas mais tarde – uma missa em memória na Graham Chapel, no recinto da Universidade de Washington. Embora tivesse saído da clínica havia muito tempo, Kolodny nunca perdera sua admiração idealista por Masters. Ele escreveu um longo tributo na *Journal of Sex Research* e chamou seu amigo de “um dos gigantes no campo da sexologia no século XX”. Ele via Masters como um profissional corajoso, disciplinado, que realizou esse volátil estudo do comportamento humano com um olhar seguro. Mas Masters também parecia às vezes cego em sua vida pessoal quanto a riscos que beiravam o desastre e a lados mais obscuros e frios de sua natureza, que atraíam profundas decepções e até mesmo tragédias. “Ele habitualmente mantinha suas emoções e seus sentimentos muito bem escondidos, pelo menos durante os trinta e três anos em que o conheci”, refletiu Kolodny. “A vida de Bill estava impregnada de muitas fantasias a respeito de quem ele queria ser e de como as coisas deviam acontecer. A realidade se mostrou muito mais desajeitada.” Por um tempo, Kolodny considerou a ideia de escrever um livro sobre seu amigo, mas não conseguiu viabilizá-lo.

Virginia inicialmente concordou em comparecer à missa em memória num domingo, 20 de maio de 2001, assim como a um pequeno jantar privado, realizado na noite anterior no Chase Park Plaza Hotel. Oito anos haviam se passado desde o seu divórcio.

Amigos e colegas que eram parte da vida em comum dos dois, como Peggy Shepley, o doutor Mike Freiman e sua esposa, Mark Schwartz e o antigo editor da *Playboy* Nat Lehrman, disseram que teriam o maior prazer em lembrar Masters nesse evento privado.

Pouco antes da missa em memória, porém, o único irmão de Virginia, Larry, morreu de câncer pulmonar. O sentimento de perda de seu amado irmão mais novo – junto, sem dúvida, com seu pesar pela morte de Masters – deixaram-na muito abalada emocionalmente. “Essa foi a única perda da minha vida que se mostrou, e ainda se mostra, terrível, porque ele era meu irmão pequeno”, lembrou ela. Um vendedor de seguros bem-sucedido, Larry tinha um casamento feliz e vários filhos muito destacados, um mais inteligente que o outro. Também funcionara às vezes como figura paterna para Scott e Lisa, quando o pai deles, George Johnson, estava mais afastado ou quando Bill Masters parecia ocupado demais para dar-lhes atenção. “A morte de Larry foi muito dolorosa para Gini”, lembrou Peggy Shepley. “Ela ficou arrasada com sua morte.” De início, Virginia sinalizou que estaria presente à missa em memória de Masters, mas que não queria ser uma das oradoras. Após a morte de Larry, ela decidiu nem comparecer.

Quando soube da recusa de Virginia, Kolodny tentou fazê-la mudar de ideia. A ausência dela podia ser mal-interpretada, como alguma animosidade persistente em relação a Bill. “Eu disse a ela: ‘Gini, o fato de você não ir vai ter reflexos em você e no legado dos dois, e com certeza haverá repórteres ali’”, disse ele, apelando para o senso que ela tinha das aparições públicas. Ela declinou com firmeza. Outros amigos, como Donna Wilkinson, se ofereceram para acompanhá-la até a capela. Donna tentou convencer Virginia a aparecer uma última vez para Masters e “não abandonar o legado que era dela também”. Virginia se recusou, dizendo que já sentia dor suficiente.

Mas Virginia não conseguiu conter a curiosidade a respeito dos tributos a Masters. No jantar após a missa, seu neto, Lark, apareceu inesperadamente no Chase Park Plaza, depois que os convidados já haviam comido e estavam tomando café. “Gini mandou um de seus netos, como me contou mais tarde, para que

ele lhe fizesse um relato de como havia sido”, lembrou Kolodny, que ficou decepcionado com a atitude de Virginia. Donna Wilkinson ligou imediatamente após a missa para colocá-la a par. “A maior parte dos elogios foram sobre o grande trabalho que Bill havia realizado e foi muito ruim ela não ter ido”, disse Donna. “Eu tenho a impressão de que ela se sentiu desconfortável.”

Após a missa, antigos colegas se confraternizaram, conversando com seus velhos amigos sobre o destino do instituto. Marshall Shearer lembrou dos planos ambiciosos de Bill no início da década de 1970, quando Masters e Johnson foram capa da *Time* e chamados de gênios da terapia. “Quando Bill se aposentou, a fundação deixou de existir”, lembrou Marshall, chateado. Como muitos outros, ele estivera distante de Masters e Johnson por muito tempo para poder saber das razões.

Conforme o grupo saiu da capela, a chuva caiu pesada, mas a conversa seguiu firme entre aquelas pessoas ainda fascinadas com Masters e Johnson.

“Vamos até o Ritz e eu pago a bebida”, convidou Freiman, um dos mais antigos e sociáveis entre os amigos de Masters, dirigindo-se a Nat Lehrman e a outro psiquiatra de Nova York que havia falado sobre o legado profissional de Masters durante a missa.

Dentro do Cigar Club, o luxuoso bar do Ritz-Carlton em St. Louis, os homens relaxaram nas poltronas de couro marrom e bebericaram seus martinis. Cada um deles testemunhara a grande interação entre Masters e Johnson ao longo dos anos, e todos também haviam contribuído com informação sexual ao público. Mesmo assim, os segredos do desejo – a atração entre homens e mulheres em sua infundável busca por amor – continuavam insondáveis, concordaram eles. “Foi muito interessante, porque a conclusão era que, apesar de tudo, ninguém sabia do que se tratava essa coisa chamada sexo”, lembrou Freiman com uma risadinha. “Aqueles caras que conheceram Bill haviam ficado em contato com as pesquisas, e todos admitíamos não saber lá muita coisa. Ainda é um segredo que as mulheres sabem guardar muito bem.”

Não se esqueça de mim

"Esquecemos rápido demais as coisas que achávamos que jamais iríamos esquecer. Esquecemos os amores tanto quanto as traições, esquecemos aquilo que sussurramos e o que gritamos, esquecemos quem fomos."

– JOAN DIDION

Com os homens da sua vida tendo partido, Virginia sentiu-se sozinha e traída. Mais uma vez, soube que teria que contar apenas com ela mesma para encontrar um caminho no amor e nas suas finanças exauridas.

No final da década de 1990, ela criou o Virginia Johnson Masters Learning Center, destinado a combater "disfunção, distúrbios e insatisfação", e que não oferecia nenhuma terapia cara a cara. Como parte de sua missão, o centro planejava vender fitas pela internet e pelo correio sobre questões como "Casais e o poder da sexualidade"; e, para pessoas com mais de cinquenta, "Sexualidade para a vida toda (Só acaba quando termina)". Para um repórter curioso, que indagou por que ela, após uma aparente aposentadoria, decidira começar tudo de novo, Gini respondeu: "Tem um monte de gente que ainda não entendeu direito." O empreendimento não decolou, apesar de Gini usar o nome Masters para lembrar às pessoas quem ela era.

Sem um diploma de nível superior e sem estar mais associada a Bill, Gini teve dificuldades para exercer terapia sexual num campo cujos padrões ela ajudara a estabelecer e ajustar. "A credibilidade

dela vinha de estar ao lado dele”, explicou Judy Seifer, antiga colega e amiga de Bill. “Ela não tinha licenciatura. Tinha graduações honorárias, mas não há muita coisa que você possa fazer se não tiver alguma substância própria, a não ser a que advém de estar sob as asas de outra pessoa.”

Durante anos, Gini pagou por um serviço de *clipping* de jornais para acompanhar as menções a “Masters e Johnson” na imprensa, mas agora não demonstrava mais interesse pela fama. “Quando havia alguma coisa acontecendo, a gente era sempre chamado a dar alguma declaração”, lembrou ela. “Masters era bom para responder com frases curtas, eu não. Eu sempre queria dar uma palestra toda vez que alguém me perguntava alguma coisa. Só nos últimos dez anos é que a gente não vem mais sendo citado toda vez que alguém levanta a questão [do sexo]. Eu me sinto até agradecida por isso.”

Com a morte de Bill e a partida de Lee Zingale, Gini passou a depender mais do que nunca de seus filhos crescidos, Lisa e Scott. Ela reconhecia o preço emocional que eles haviam tido que pagar pelas exigências ininterruptas da carreira dela. “Sempre vou lamentar o fato de ter perdido tantas reuniões de pais e mães na escola, e de que havia crianças muito tristes – e uma mãe triste – quando eu viajava muito, quando a gente não parava de dar palestras naqueles primeiros anos”, admitiu ela para a imprensa. Em outra entrevista, o marido de Lisa explicou o que foi ter sido criado na casa de Virginia Johnson. “A filha dela, Lisa, foi criada por empregadas e sofria provocações das outras crianças”, disse William Young. “Achavam que a mãe dela devia ser uma prostituta por causa do trabalho que fazia. Não tinham como não ficar sabendo – Masters e Johnson estavam na capa da *Time*.”

Um ano após a morte de Bill, Gini sofreu um ataque cardíaco leve, suficiente para deixá-la estendida no chão, sem poder fazer nada, até a chegada do socorro. Ela também sofria de diabetes, teve um episódio de câncer, fez uma cirurgia de reposição no joelho, e sofria de outras moléstias que erodiram sua vitalidade. Ela dependia do filho para aconselhá-la sobre onde viver e como lidar com os bens que lhe restaram. “Scott organiza minha vida

atualmente, e é triste ele ter que ficar aqui, mas ele tem medo de que eu morra”, explicou ela. “Ele queria me colocar em algum lugar onde eu pudesse ser monitorada atentamente.” Como nunca fora de ficar muito tempo num lugar, Gini vendeu a casa dela na Cidade Universitária e se mudou para uma unidade de assistência de alto nível, com restaurante, entretenimentos e serviço de limusine. Entre as viúvas e outras senhoras de cabelos grisalhos nesse complexo de aposentados, Gini localizou Sylvia – a mulher com a qual o juiz Noah Weinstein havia se casado depois de seu caso –, mas elas sequer se cumprimentaram.

Virginia às vezes parecia desejava de esquecer o passado. Seus velhos livros com recortes de jornal estavam desarrumados, enfiados dentro de caixas empacotadas. Ela destruiu os registros e documentos de terapia sexual do instituto. “Eu mantive todas as fitas do trabalho clínico – centenas delas – e guardei até a última mudança”, relembrou ela. “Eu pagava 300 dólares por mês só para armazenar as fitas, e isso já fazia anos que era assim. Meu filho perguntou: ‘O que você pretende fazer com isso?’ Ele destruiu aquilo tudo. Fez com a minha permissão.”

Quando soube dessa destruição, o doutor Robert Kolodny ficou horrorizado. Estavam perdidas todas as fitas das sessões que suplantaram a análise freudiana, os estudos de casos de centenas de pacientes cujas disfunções podiam sem dúvida ser estudadas no futuro por escolas de medicina, por terapeutas em formação, e por historiadores dos modos culturais dos Estados Unidos no século XX. “Gini tinha todos esses registros e gravações – todas aquelas fitas eram um tesouro, e as cartas, também, eram inacreditáveis – e jogou tudo isso no lixo”, disse Kolodny desgostoso. “Acho que fez isso por alguma raiva abjeta do Bill, por ele tê-la abandonado e jogado tudo para o alto. Eu disse a ela que se tivesse me deixado intermediar uma negociação com alguma biblioteca de universidade eu teria conseguido um bom pacote de financiamento para o material.”

Embora Gini tentasse esquecê-lo, a sua raiva de Bill vinha à tona diante da menor provocação. As recriminações que fazia a ele em privado estavam cada vez mais em desacordo com a história que

ela contava sobre eles em público. Numa entrevista para o programa de tevê *Biography* em meados da década de 1990, Gini pareceu humilde e grata a Masters por ter lhe dado a oportunidade da sua vida. “Ele queria alguém cuja mente fosse uma página em branco, sobre a qual pudesse escrever, desenhar”, explicou, reprisando os aspectos de Pigmalião da sua colaboração. “Foi um presente que ele me deu, mas acho que lhe serviu muito bem.” Reservadamente, porém, ela o pintava como um maquiavélico venenoso, que usava artifícios e lisonjas para levá-la a fazer o que ele queria. “Ele era uma pessoa completamente autocentrada – ele inventou a si mesmo”, afirmou. “Sabia o que ele queria ser e – quer conseguisse ou não – ele *vivia isso*.” Bill não só forjara sua própria persona, mas ela se ressentia por ele ter criado a imagem dela, por controlar-lhe as ações, as emoções, mais do que ela imaginava na época. Ela o culpou por ele ter impedido as tentativas dela de obter uma graduação superior, por lhe roubar o tempo que ela poderia ter dedicado aos filhos enquanto os dois labutavam no laboratório, por usá-la para se isolar de sua primeira esposa, Libby, e de seus filhos, e por impedi-la de encontrar felicidade duradoura com outro homem. Apenas outra pessoa na sua vida havia exercido tal poder sobre ela, disse Gini. “Ele me manipulava do jeito que minha mãe fazia – elogio e punição, punição e elogio”, declarou ela, remexendo em camadas de sua própria história. “Ele adorava me fazer chorar para poder me confortar depois.” A dor do divórcio às vezes a compelia a reescrever como o relacionamento dos dois havia terminado. “Dody tinha muito ciúme de mim”, insistiu ela. “Ele a desenterrou quando se divorciou de mim. Foi muito patético. Ele adorava reviver qualquer parte do seu passado.” Gini demonstrava escárnio diante de qualquer sugestão de que ainda pudesse amá-lo.

A morte de Bill apenas intensificou em Gini os sentimentos de perda, raiva e arrependimento. Seu isolamento social se acentuou à medida que os amigos de longa data de St. Louis, como Mike Freiman, não conseguiam mais suportar seu rancor em relação a Masters, ainda muito vivo postumamente na cabeça dela. “A última vez que eu vi Gini ela estava de um jeito que me fez sentir

desconfortável, porque ficava dizendo coisas pouco agradáveis sobre o Bill”, disse Freiman, que admirava Masters desde os dias da escola de medicina da Universidade de Washington. “Ela gostaria de poder pensar que havia feito as coisas mais por mérito próprio do que pela ajuda de Bill. Gostaria de poder contar a história de outro jeito, dizendo que foi ela que o dispensou. Ela deixava implícito que ele era impotente [como sintoma da sua doença de Parkinson]. Ela estava revidando. E eu não achei que era da minha conta tentar descobrir por quê.” Vários meses mais tarde, Freiman localizou Gini enquanto passava pelo reformado Chase Park Plaza, onde ela morava num dos apartamentos compartilhados. Aos oitenta e um anos de idade, Virginia estava bem diferente daquela mulher dinâmica que ele conhecera. “Quase não a reconheci”, disse Freiman. “Ela virara uma velha senhora. Estava com seu roupão de banho, sentada no lobby daquele hotel, toda desgrenhada.” Freiman, um homem robusto, quase da mesma idade que ela, cumprimentou-a. Gini sorriu, reconhecendo-o. “A voz dela soava bem e nós conversamos um pouco e ela disse:, ‘Sim, uma hora dessas a gente se vê de novo’, e foi a última vez”, lembrou ele.

Em suas conversas por interurbano, Kolodny também se cansava das queixas de Gini, mas ao mesmo tempo sentia pena dela. Ao contrário das pessoas de fora, que nunca haviam trabalhado na clínica, Kolodny sabia o que Gini representara de fato para o sucesso daquilo tudo. Embora às vezes reclamasse de suas falhas, Kolodny concordava que ela não havia sido tratada como merecia por Bill.

Os problemas entre Gini e Bill continuaram após a morte dele. Em novembro de 2008, um provedor de saúde mental de Delaware – que se associou a Masters depois da separação da famosa equipe – foi sentenciado a pagar 2,4 milhões de dólares a Virginia por infringir a marca. Um júri federal decidiu que a empresa, Universal Health Services, havia feito mau uso do nome *Masters and Johnson* ao comercializar a terapia deles para solução de problemas que iam além dos sexuais, incluindo distúrbios de alimentação.

Os achados fisiológicos engendrados por William Masters eram uma conquista médica, uma compreensão científica há muito

protelada a respeito do corpo humano durante o ato crucial da procriação. Mas o talento nato de Virginia Johnson fez bom uso dessa reserva de conhecimento com cada paciente. Kolodny ficava impressionado com a originalidade dela, partindo de fios de analistas freudianos, higienistas sociais, comportamentalistas, terapeutas da cognição, urologistas, neurologistas, conselheiros matrimoniais, farmacologistas, entusiastas da natureza e feministas para formar todo um tecido. Sua sabedoria intuitiva sobre a natureza humana e sua disposição de experimentar e de fazer constantes adaptações para descobrir o que de fato funcionava praticamente determinaram o sucesso de sua terapia, melhorando a vida de incontáveis pessoas ao redor do mundo. “No desenvolvimento da terapia de casais e do sofisticadíssimo programa de psicoterapia, Gini foi no mínimo uma parceira plena”, disse Kolodny. “Ela fez com que Bill olhasse para uma série de coisas que ele simplesmente teria deixado passar por alto.”

Para aqueles que a conheciam bem, havia algo perturbador no destino humilhante de Virginia. Como era possível que uma das mulheres americanas mais notáveis do século XX – que testemunhara mais sobre a sexualidade humana do que qualquer outra pessoa no mundo, que havia explorado a sua multiplicidade de maravilhas físicas e expressões emocionais – estivesse relegada a tal obscuridade? Como era possível que uma mulher de mente independente, que corporificava tantas mudanças culturais na visão que o mundo tinha da sexualidade feminina fosse tão subvalorizada? Onde estavam as feministas da década de 1970 e as profissionais sexualmente confiantes da Geração X, aquelas que imitavam *Sex and the City* e que mandavam torpedos para homens propondo uma escapada de fim de semana? Essas mulheres urbanas sofisticadas – tanto quanto qualquer mulher conservadora dos subúrbios que desse uma sorradeira espiada nos livros de Masters e Johnson – tinham um débito para com ela, mais do que imaginavam. Tanto quanto qualquer outra pessoa nos últimos cinquenta anos, Virginia defendeu efetivamente o direito da mulher

de ser tratada com igualdade na área da vida mais íntima, com frequência mais satisfatória do ponto de vista pessoal. No entanto, de certo modo seu próprio destino dava a impressão de que ela havia sofrido mais uma indignidade num mundo dos homens.

Apesar de todas as suas vicissitudes, Virginia não sentia pena de si mesma. Dentro dela, o espírito insubmergível de uma garota de fazenda do Missouri não permitiria isso. “Essa neuropatia é estúpida”, disse ela uma tarde, mal-acomodada numa cadeira, suas pernas fracas demais para aguentar ficar em pé por muito tempo. “Normalmente isso leva a uma amputação, e eu não pretendo seguir por esse caminho.” Ao contrário, ela sonhava em ver suas memórias prontas, ou quem sabe um filme que contasse sua história. Quando um colunista de fofocas de St. Louis perguntou se ela tinha intenção de escrever uma autobiografia, ela replicou: “Sim, porque eu tenho medo de que alguém mais faça isso.” Anos antes, a ABC tentara produzir um filme para tevê sobre os famosos pesquisadores do sexo, ao que consta, com Shirley MacLaine no papel dela, mas a produção fracassou porque Gini não se dispôs a cooperar com as exigências do roteirista. Nas lembranças de seu passado glorioso, ela citou nomes suficientes para dar uma dica da amplitude de sua fama, às vezes com um ar de irrealidade. Queria que Mike Nichols fosse o produtor do filme da vida dela e que Gore Vidal escrevesse o roteiro. Talvez alguém como Joanne Woodward pudesse interpretá-la, e quem sabe Robert Duvall como Bill Masters. As memórias e devaneios ainda estavam vivos o suficiente para preencher uma tarde vazia.

Se os produtores de televisão não ligavam mais para agendar nada, se os editores não ofereciam boas quantias por seus conselhos, isso não importava para ela, dizia Virginia. “Eu não quero mais créditos”, insistia. “Não dou a mínima. Todo talk show imediatamente sabe qual foi meu papel. E metade das pessoas sequer tem ideia de que eu não sou médica formada.”

A única coisa sobre sexo e amor que ainda importava para ela continuava a mais inalcançável, a parte mais fugidia da sua própria vida.

Uma tarde, Isabel Smith, de oitenta e três anos de idade, recebeu uma ligação que a surpreendeu – uma voz familiar da juventude dela, perguntando a respeito do seu irmão, Gordon Garrett. Há muito tempo, Isabel havia se casado e mudado para bem longe de Golden City, Missouri, a pequena cidade rural que agora parecia a uma vida de distância. Quase todos os amigos dela de Golden City High no final da década de 1930 haviam morrido. E, no entanto, do outro lado da linha estava a voz de alguém que ela conheceria, aquela menina espreitada chamada Mary Virginia Eshelman, que parecia tão apaixonada por seu irmão mais novo, Gordon, aquele do cabelo ruivo fioso.

“Mary Virginia me ligou para saber do Gordon, do que havia sido feito dele”, Isabel lembrou. “E eu disse a ela que ele já tinha morrido.”

A julgar pelo silêncio que se seguiu ao telefone, contou Isabel, Virginia pareceu arrasada. Ela não tinha ideia de que Gordon morrera fazia apenas uns meses.

“Não sei por que ela ligou”, disse Isabel Smith, lembrando a decepção na voz de Virginia. “Acho que ela simplesmente queria saber o que fora feito dele. Ela ficou muito sentida com a notícia.” Depois, Isabel especulou que Virginia talvez tivesse ligado para retomar um relacionamento com o irmão dela.

Virginia com frequência ficava pensando nos homens com os quais poderia ter se casado e imaginando se as coisas poderiam ter sido diferentes – o capitão do Exército que a deixou desiludida, o juiz Noah Weinstein, o magnata dos negócios Hank Walter, e, naquele dia particular, Gordon Garrett, o rapaz com quem ela compartilhou seu primeiro amor. Reatar um romance perdido soava ridículo para ela, como um daqueles melodramas de Hollywood que ela assistia quando adolescente no único cinema de Golden City. A vida real era bem mais complicada, ela achava, do que os romances que lia debaixo da peregira. Mas, na própria vida dele, Bill Masters fizera exatamente isso ao ficar revivendo o passado. Ele tumultuara todas as coisas entre os dois ao declarar seu afeto imperecível por Dody, que ele apontou como seu primeiro e único verdadeiro amor. Nos meses após a morte de Bill, enquanto refletia

sobre a própria vida, com frequência sozinha em seu apartamento, Virginia lembrou seus dias felizes com Gordon e decidiu descobrir seu paradeiro. Se Bill encontrara tal felicidade tarde na vida, por que ela também não poderia?

Com a notícia do falecimento de Gordon, a conversa ao telefone com Isabel terminou logo. No mesmo dia, Virginia ligou para a outra irmã de Gordon, Carolyn Evans, para saber mais da vida dele depois que os dois saíram da escola de Golden City. Carolyn, com setenta e seis anos, educadamente ficou conversando com ela sobre os velhos tempos. Lá no fundo da mente de Carolyn, porém, ela lembrava como Virginia uma vez havia deixado seu irmão com o coração partido. “Eu acho que ele gostava muito dela”, lembrou Carolyn. “Como eu digo, a atitude da mãe de Virginia era ‘pegue o melhor que você conseguir’. Mary Virginia era assim também. Ela não iria se casar com ele, porque, afinal, ele era um rapaz que morava numa fazenda.”

As suposições de Virginia sobre o futuro de Gordon Garrett revelaram-se equivocadas. A Segunda Guerra Mundial atraiu Garrett, como muitos outros garotos da zona rural do Meio Oeste, para um mundo bem maior. Logo depois que Virginia partiu para fazer faculdade, Gordon entrou para o Grupo de Comunicações do Exército americano. Ele começou uma carreira que se estendeu pelas três décadas seguintes na inteligência do governo, decifrando mensagens secretas pelo mundo todo. Tornou-se espião durante a Segunda Guerra Mundial e trabalhou como criptógrafo para a CIA. Ao se aposentar do serviço público, Gordon mudou-se para os subúrbios de Chicago, como funcionário de uma empresa de computação. Nos últimos anos de sua vida, estabeleceu-se em Richland, Missouri, a 240 quilômetros de Golden City, para morar mais perto de sua filha mais nova, Carolyn. “Ele voltou para cá e nunca chegou a se casar”, lembrou Carolyn mais tarde. “Quando sua faxineira perguntou por que nunca se casara, disse que não tinha tempo.”

Os prognósticos de Virginia para o “garoto de cabelo ruivo fogo”, como ela mais tarde admitiu, revelaram-se um dos erros de cálculo a respeito dos homens da vida dela. A decisão de

Gordon de se tornar espião, um misterioso homem internacional, foi uma completa surpresa para ela. “É o que pode haver de mais distante do trabalho numa fazenda”, Virginia refletiu com uma risada tristonha. “Acho que me equivoquei.”

Num dia frio e nublado de outubro, Virginia interrompeu por um momento as reminiscências sobre sua vida para poder levantar da poltrona da sua sala, esticar seu corpo dolorido e olhar pela janela. Da altura de vários andares, ficou observando as pessoas andando pela rua, perto da Universidade de Washington, onde ela e Bill haviam um dia feito história na medicina.

A sala estava repleta de caixas fechadas e engradados. No chão estava em um quadro emoldurado a antiga foto dela de publicidade, de uma década atrás, quando os homens, disse ela, ainda a achavam atraente. Agora, com oitenta e três anos, ela ligava pouco para a aparência. “Eu gosto de estar casada – odeio não estar casada agora”, confidenciou.

Aquele apartamento em St. Louis era sua terceira residência em dois anos, e cada mudança era para um local um pouco menor. O porteiro e o zelador estavam instruídos a não permitir visitas, até mesmo a negar que ela morasse ali se alguém perguntasse. A aura de sigilo de seu trabalho como famosa pesquisadora de sexo ainda envolvia sua existência. Ela vivera em muitos lugares diferentes, adotando inúmeras variações de nome. Esquecidos estavam os nomes Gini e Mary Virginia. Mesmo o nome com o qual ficara conhecida no mundo, Virginia E. Johnson, parecia ter sido abandonado. Na lista telefônica, ela constava agora como “Mary Masters” – ainda identificada com o homem que havia sido seu parceiro, se não seu amor.

Sendo uma mulher independente, que demonstrara igualdade sexual no laboratório, ela achava inexplicável que os homens tivessem definido com tanta frequência a sua vida. Seria isso uma falha dela, o resultado do condicionamento da sociedade, ou simplesmente a natureza das coisas entre homens e mulheres? Ela ainda não tinha certeza. “Fui criada para ser um dos maiores

sistemas de apoio para grandes homens”, explicou ela num momento de revelação. “Lembro-me de ter dito em alto e bom som – e fico alarmada quando relembro – que me sentia muito satisfeita em poder ser qualquer coisa que qualquer homem quisesse que eu fosse.” Ela balançou a cabeça lentamente, com seus óculos de lentes grossas equilibrados sobre o nariz.

O anoitecer agora colocava a cena de rua lá embaixo nas sombras. O inverno chegava a St. Louis e era possível sentir o frio na vidraça. Ela virou-se e olhou para a velha foto de publicidade com o rosto dela, em cima do tapete. “Vendo em retrospecto, eu me pergunto: ‘Nossa! Será que eu me perdi de mim totalmente?’”, questionou-se. “Mas eu era muito o produto do meu tempo, daquela época. Na minha mente, isso era ser o máximo como mulher. E me perdi nisso por um bom tempo.”

Agradecimentos

Este livro se baseia em entrevistas gravadas com familiares, amigos e ex-colegas de William H. Masters (WHM) e Virginia E. Johnson (VEJ), e também no acesso a vários documentos internos da clínica e nas memórias não publicadas do doutor, concluídas pouco antes de sua morte em 2001. Em particular, boa parte dessa narrativa ganhou forma a partir de extensas entrevistas gravadas entre 2005 e 2008 com Virginia Johnson e o doutor Robert C. Kolodny, médico que foi diretor adjunto, diretor de treinamento e membro do conselho do Instituto Masters e Johnson e coautor com eles de várias obras. As entrevistas exigiram visitas à residência de VEJ em St. Louis e à casa de Kolodny em New Hampshire. A assistência para pesquisa adicional foi fornecida pela escola de medicina da Universidade de Washington, pelo Instituto Kinsey na Universidade de Indiana e pelos pesquisadores Fred Winston e Suzanne McGuire, da Biblioteca Pública de Nova York, Commack.

Quanto à preparação deste livro, gostaria de agradecer à minha mulher, Joyce, que editou os esboços originais e ofereceu várias sugestões, e aos meus três filhos, Andrew, Taylor e Reade, que me ofereceram estímulo e apoio. Também agradeço a ajuda de muitas pessoas na Basic Books, particularmente Amanda Moon, Whitney Casser, Chris Greenburg e a falecida Elizabeth Maguire.

Notas

CAPÍTULO 1 – MENINA DE OURO

A citação de abertura de WHM aparece em Mary Harrington Hall, "A Conversation with Masters and Johnson", *Medical Aspects of Human Sexuality*, no 12, dezembro de 1969. A cena de abertura no carro de Gordon Garrett foi descrita nas entrevistas de VEJ, com detalhes adicionais de Golden City e VEJ como garota jovem complementados pelas entrevistas com Vaughn Nichols, Phil Lollar, Carolyn Evans, Isabel Smith e Lowell Pugh; e documentos da Springfield Library Historical Collection in Missouri, incluindo o obituário de Harry H. Eshelman, *Springfield News Leader*, 4 de outubro de 1964. A menção à pereira da fazenda Eshelman está em Jerome P. Curry, "The Life of a Sex Researcher", *New York Post*, 2 de maio de 1970; o comportamento sexual no século XIX nas Ozarks é mencionado em John D'Emilio e Estelle B. Freedman, *Intimate Matters: A History of Sexuality in America* (Nova York: Harper and Row, 1988); os detalhes de VEJ e Gordon Garrett do anuário de 1941 da Escola Colegial de Golden City foram fornecidos por Lowell Pugh. E também "Golden City, Mo. – Our History – Our Heritage, 1866-1966", um folheto publicado particularmente.

CAPÍTULO 2 – INTERIOR

A citação de abertura é da canção "Don't Let the Stars Get in Your Eyes", composta por Slim Willet, gravada por Red Foley pela Decca Records, 7 de outubro de 1952. Detalhes dos primeiros casamentos de VEJ extraídos de Myra MacPherson, "Masters e Johnson at Home", *Washington Post*, 22 de julho de 1973, e também de documentos da Springfield Library Historical Collection, incluindo recortes de jornais locais. Missouri para as mulheres durante a Segunda Guerra Mundial está descrita em Katharine T. Corbett, "In Her Place – A Guide to St. Louis Women's History".

CAPÍTULO 3 – A SENHORA JOHNSON

A citação de abertura é de Gustave Flaubert, *Madame Bovary* (Nova York: Bantam Classic, 2005 (originalmente publicado em 1857; trad. Lowell Bair), pág. 43. Detalhes do casamento de VEJ em junho de 1947 com Ivan Rinehart extraídos de recortes locais na Springfield Library Historical Collection. Estudos iniciais e carreira musical de VEJ discutidos em Steve Friedman, "Everything You Always Wanted to Know About Masters & Johnson", *St. Louis Magazine*, junho de 1988. Casamento de VEJ com George Johnson discutido em Paul Wilkes, "Sex and the Married Couple", *The Atlantic*, dezembro de 1970; Myra MacPherson, "Masters and Johnson at Home", *Washington Post*, 22 de julho de 1973; e Jerome P. Curry, "The Life of a Sex Researcher", *New York Post*, 2 de maio de 1970. Entrevista do autor com VEJ, Ira Gall, Robert C. Kolodny e Alfred Sherman.

CAPÍTULO 4 – NUNCA VOLTAR PARA CASA

As recordações de WHM sobre sua infância são de suas memórias não publicadas, exceto quando indicado de outro modo. A descrição dos estudos de WHM na faculdade e na escola de medicina, assim como de seu romance no lago Rainbow, foi complementada por entrevistas do autor com VEJ, Geraldine Baker Masters, Francis Baker, Addison Wardwell, Pam Appenfeller, Paul R. Schloerb, Townsend Foster Jr. e Howie Masters. Detalhes adicionais a respeito de Francis Baker extraídos de *Rochester Medicine*, University of Rochester School of Medicine and Dentistry, revista dos alunos, Outono/Inverno 2004.

CAPÍTULO 5 – UMA MARAVILHA A SER CONTEMPLADA

A citação de abertura foi extraída de George W. Corner, *Anatomist at Large: An Autobiography and Selected Essays* (Nova York: Basic Books, 1958). Os estudos de medicina de WHM na Universidade de Rochester e o relacionamento com Elisabeth Ellis foram descritos nas suas memórias e complementados por entrevistas com Francis Baker, Marshall Shearer, Martin Paul, Townsend Foster Jr., Addison Wardwell e VEJ. Informações adicionais sobre a influência de Corner em WHM também provêm de Jane Maienschein, Marie Glitz e Garland E. Allen, *Centennial History of the Carnegie Institution of Washington, Volume V – The Department of Embryology* (Cambridge, RU: Cambridge University Press, 2004); "The Personal Perils of Sex Researchers: Vern Bullough and William Masters", *SIECUS Reports*, março de 1984; Harry Henderson, "Exploring the Human Sexual Response", *Sexual Medicine Today*, abril de 1981; WHM e VEJ, "How Our Sex

Research Program Began”, *Redbook*, outubro de 1974; “Biographical Memoirs”, vol. 65, National Academy of Sciences, 1994; Adele Clarke, *Disciplining Reproduction: Modernity, American Life Sciences and the Problem of Sex* (Berkeley: University of California Press, 1998). A descrição do relacionamento entre Willard Allen e WHM é baseada em entrevistas com Francis Baker, John Barlow Martin, Mike Freiman e Ira Gall.

CAPÍTULO 6 – O ESPECIALISTA EM FERTILIDADE

Detalhes da carreira de WHM como professor de medicina, cirurgião ginecologista e obstetra e especialista em fertilidade na escola de medicina da Universidade de Washington se baseiam em entrevistas com Mike Freiman, Marvin Rennard, Frances Riley, John Barlow Martin, Eugene Renzi, Robert Goell, H. Marvin Camel, Ira Gall, Elfred Lampe, Ernest Friedrich, Marvin Grody, Addison Wardwell, Dodie Joseph Brodhead, Robert C. Kolodny e VEJ, e também nas memórias não publicadas de WHM.

CAPÍTULO 7 – A BOA ESPOSA

A citação de abertura é de Theodore Roosevelt, em *History as Literature and Other Essays* (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1913). Os detalhes do casamento de WHM foram descritos em entrevistas com Marge Sheldon, Marvin Grody, Elfred Lampe, Howie Masters, Mike Freiman, Rita Levis, Dodie Joseph Brodhead, John Brodhead, John Barlow Martin, Phyllis Schlafly, Townsend Foster Jr., Torrey Foster e VEJ. Adicionalmente, Marvin H. Grody, MD, Donald W. Robinson, MD, e William H. Masters, MD, “The Cervical Cap – An Adjunct in the Treatment of Male Infertility”, *Journal of the American Medical Association*, 31 de maio de 1952. Em entrevistas e correspondência com o autor, o doutor Grody confirmou que as duas gravidezes bem-sucedidas de uma mulher identificada apenas como “E.M.” no artigo do *JAMA* eram de fato as de Elisabeth Masters; outros detalhes de seu caso correspondem também aos dos Masters, incluindo suas respectivas idades como pais na época da gravidez.

CAPÍTULO 8 – LIBERDADE ACADÊMICA

A citação de abertura é de Shepley, de um discurso para a Newcomen Society, 14 de outubro de 1958. O relacionamento de WHM com Shepley, Willard Allen e colegas da escola de medicina foi descrito em entrevistas com Peggy Shepley, Walter L. Metcalfe, Marvin Rennard, William H. Danforth, Thomas Gilpatrick,

Sandra Sherman, Ernst R. Friedrich, VEJ, e nas memórias de WHM. Detalhes adicionais são de "The Personal Perils of Sex Researchers: Vern Bullough and William Masters", *SIECUS Reports*, março de 1984, e Marion K. Sanders, "The Sex Crusaders from Missouri", *Harper's*, maio de 1968. As referências históricas ao sexo na sociedade são extraídas de Platão, *The Republic* (Nova York: Penguin Classics, 2003); a menção a Hipócrates vem de Angus McLaren, *Impotence: A Cultural History* (Chicago; University of Chicago Press, 2007); a de Aristóteles, de Arthur William Meyer, *Aristotle in the Rise of Embryology* (Oxford, RU: Oxford University Press, 1939); a menção a Santo Agostinho está em Matthew Levering, ed., *On Marriage and Family: Classic and Contemporary Texts* (Lanham, Md.: Rowman & Littlefield, 2005); a menção a Martinho Lutero em Theodore G. Tappert, *Luther: Letters of Spiritual Counsel* (Vancouver, B.C.: Regent College Publishing, 2003); a menção a John Hunter, em Robert Darby, *A Surgical Temptation: The Demonization of the Foreskin and the Rise of Circumcision in Britain* (Chicago: University of Chicago Press, 2005); a menção a James Graham, em Amanda Foreman, *Georgiana, Duchess of Devonshire* (Nova York: Random House, 1999); a menção a Cotton Mather, em Tracy Fessenden, Nicholas F. Radel e Magdalena J. Zaborowska, eds., *The Puritan Origins of American Sex: Religion, Sexuality, and National Identity in American Literature* (Nova York: Routledge, 2000); a menção a Benjamin Franklin, em Walter Isaacson, ed., *A Benjamin Franklin Reader* (Nova York: Simon & Schuster, 2003); a menção a John Humphrey Noyes está em Lawrence Foster, *Religion and Sexuality: The Shakers, the Mormons, and the Oneida Community* (Nova York: Oxford University Press, 1981); a menção a H. G. Wells, em Ellen Goodman, *At Large* (Nova York: Summit Books, 1981); Havelock Ellis, *Studies in the Psychology of Sex – Vol. VI* (Philadelphia: F. A. Davis Company, 1913); e Robert L. Dickinson, "Tampons as Menstrual Guards", *Journal of the American Medical Association*, 16 de junho de 1945.

CAPÍTULO 9 – ESPIANDO PELO ORIFÍCIO

Os detalhes sobre Sam Priest são de entrevistas com Margaret Priest, Torrey Foster, VEJ e das memórias de WHM. Detalhes da prostituição em St. Louis extraídos de Ruth Rosen, *The Lost Sisterhood: Prostitution in America, 1900-1918* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1982); "Fifth Annual Report of the Board of Health of the City of Saint Louis", 27 de junho de 1872. A menção a WHM lidando com prostitutas foi extraída de entrevistas com Ira Gall, Elfred Lampe, Walter Metcalfe, H. Marvin Camel, Francis Riley, assim como de Steve Friedman, "Everything You Always Wanted to Know About Masters & Johnson",

St. Louis Magazine, junho de 1988; Earl Ubell, "Science", *New York Herald Tribune*, 21 de novembro de 1965; e John Corry, "Research into Sexual Physiology Disclosed After 11-Year Inquiry", *New York Times*, 18 de abril de 1966. O encontro do arcebispo Ritter com Masters foi relatado nas memórias de WHM e confirmado na entrevista com VEJ.

CAPÍTULO 10 – A MATRIZ

A citação de abertura é de George Bernard Shaw, *Pygmalion* (Whitefish, MT: Kessinger Publishing Company, 2004). Os detalhes do emprego original de VEJ com WHM estão descritos em entrevistas com Mike Freiman, Alfred Sherman, H. Marvin Camel, Sandra Sherman, John Barlow Martin, Ira Gall e VEJ. Adicionalmente, "The Personal Perils of Sex Researchers: Vern Bullough and William Masters", *SIECUS Reports*, março de 1984.

CAPÍTULO 11 – O EXPERIMENTO

Os detalhes do estudo fisiológico sobre sexo realizado na clínica foram extraídos de entrevistas com Paul Gebhard, Alfred Sherman, Robert Burstein, Cramer Lewis e VEJ. Detalhes adicionais de "Entrevista à *Playboy*: Masters e Johnson", *Playboy*, novembro de 1979; *Time Magazine*, 25 de maio de 1970; "Sex Under Scrutiny", *Newsweek*, 25 de abril de 1966; Marion K. Sanders, "The Sex Crusaders from Missouri", *Harper's*, maio de 1968; Paul Robinson, *The Modernization of Sex* (Nova York: Harper & Row, 1976); WHM e VEJ, *Human Sexual Response* (Boston: Little, Brown & Co., 1966); e comentário de Mead sobre Kinsey encontrado em "Behavior, After Kinsey", *Time*, 12 de abril de 1948.

CAPÍTULO 12 – VOLUNTÁRIOS

Os detalhes sobre os voluntários para o estudo sobre sexo foram fornecidos em entrevistas com VEJ, Mike Freiman, Robert Goell, Ira Gall, Torrey Foster, Marvin Rennard, John Barlow Martin, Cramer Lewis, Eugene Renzi, Alfred Sherman, Thomas Gilpatrick e pelas memórias de WHM. VEJ confirmou muito do relato pessoal de Gilpatrick. Informações adicionais de WHM e VEJ, "How Our Sex Research Program Began", *Redbook*, outubro de 1974; Albert Rosenfeld, "Inside the Sex Lab", *Science Digest*, novembro-dezembro de 1980; WHM e VEJ, "Intravaginal Contraceptive Study: Phase I. Anatomy", *Western Journal of Surgery, Obstetrics and Gynecology*, julho-agosto de 1962; Tom Buckley, "All

They Talk About Is Sex, Sex, Sex”, *New York Times Magazine*, 20 de abril de 1969; e “Sex Under Scrutiny”, *Newsweek*, 25 de abril de 1966.

CAPÍTULO 13 – NOAH

Detalhes sobre o relacionamento com Noah Weinstein extraídos de entrevistas com Harry Froede, Joan Froede, Sylvia Weinstein, H. Marvin Camel, Dodie Josephine Brodhead, Peggy Shepley, Mike Freiman e VEJ. Adicionalmente, descrição física de Weinstein extraída da Missouri Historical Society, Coleção de Fotografias e Gravuras; William C. Lhotka, “Retired Judge Noah Weinstein Dies”, *St. Louis Post-Dispatch*, 16 de julho de 1991; e “A Judge for the Young – Editorial”, *St. Louis Post-Dispatch*, 19 de julho de 1991.

CAPÍTULO 14 – MÁSCARAS

Estabrooks Masters foi descrita em entrevistas com VEJ, Cramer Lewis e nas memórias de WHM. O casamento de WHM com Libby/Betty Masters foi detalhado em entrevistas com Mike Freiman, Sandra Sherman, H. Marvin Camel. O relacionamento sexual prévio de WHM com VEJ foi discutido em entrevistas com Robert C. Kolodny, Roger Crenshaw e VEJ. O fim do relacionamento entre VEJ e Weinstein foi descrito em entrevistas com Sylvia Weinstein, Harry Froede, Joan Froede e VEJ.

CAPÍTULO 15 – SAINDO DA ESCOLA

A citação de abertura é de Jonathan Swift, *Gulliver’s Travels* (Nova York: Pocket Books, 2005). A reação da escola de medicina ao estudo do sexo se baseia em entrevistas com Ernst R. Friedrich, Michael Freiman, H. Marvin Camel, Alfred Sherman, Robert Goell, Cramer Lewis, Eugene Renzi, Marvin Grody, John Barlow Martin e Robert Burstein. Willard Allen foi citado nas memórias de WHM.

CAPÍTULO 16 – UMA QUESTÃO DE CONFIANÇA

O relacionamento de WHM em casa e no trabalho foi comentado em entrevistas com Torrey Foster, Marge Foster Sheldon, Peggy Shepley, John Brodhead, Dodie Brodhead, Sandra Sherman, Alfred Sherman, H. Marvin Camel, Ira Gall, Howie Masters, Mike Freiman, Joyce Renzi e VEJ. A descrição física de WHM está em Paul Wilkes, “Sex and the Married Couple”, *The Atlantic*, dezembro de 1970.

CAPÍTULO 17 – REVELANDO SEGREDOS

A citação de abertura é de Alexis de Tocqueville, *Democracy in America* (Nova York: Penguin, 2004). A menção à cooperação de Richard Amberg do *Globe-Democrat* está em Steve Friedman, "Everything You Always Wanted to Know About Masters & Johnson", *St. Louis Magazine*, junho de 1988, e também na entrevista de VEJ e nas memórias de Masters. O comentário de WHM sobre "mexer com dinamite", em Earl Ubell, "Science", *New York Herald Tribune*, 21 de novembro de 1965. A reação ao estudo, em Leslie H. Farber, "I'm Sorry, Dear", *Commentary*, novembro de 1964; e em Marion K. Sanders, "The Sex Crusaders from Missouri", *Harper's*, maio de 1968. Os comentários de Greenson, em "Trouble Between the Sexes", *Time*, 9 de dezembro de 1966.

CAPÍTULO 18 – A REAÇÃO HUMANA

Os detalhes da análise são de WHM e VEJ, *Human Sexual Response* (Boston: Little, Brown & Co., 1966). Os comentários adicionais são de John Corry, "Research into Sexual Physiology Disclosed After 11-Year Inquiry", *New York Times*, 18 de abril de 1966; Tom Buckley, "All They Talk About Is Sex, Sex, Sex", *New York Times Magazine*, 20 de abril de 1969; e Paul Robinson, *The Modernization of Sex* (Nova York: Harper & Row, 1976).

CAPÍTULO 19 – A EXCITAÇÃO DO LANÇAMENTO

A reação ao livro HSR está em Marion K. Sanders, "The Sex Crusaders from Missouri", *Harper's*, maio de 1968; John Corry, "Research into Sexual Physiology Disclosed After 11-Year Inquiry", *New York Times*, 18 de abril de 1966; Harry Henderson, "Exploring the Human Sexual Response", *Sexual Medicine Today*, abril de 1981. O comentário de Gagnon, em Albert Rosenfeld, "Inside the Sex Lab", *Science Digest*, novembro-dezembro de 1980. O comentário de VEJ sobre "opinião pública", em "Sex under Scrutiny", *Newsweek*, 25 de abril de 1966. Também foram usadas entrevistas com Mary Erickson e VEJ.

CAPÍTULO 20 – FOCO NAS SENSAÇÕES

A citação de abertura é de Leon Tolstói, em Fred R. Shapiro, ed., *The Yale Book of Quotations* (New Haven, CT: Yale University Press, 2006). As perguntas usadas na terapia são extraídas de entrevistas do autor com VEJ e Alexander Levay, e de WHM e VEJ, *Human Sexual Inadequacy* (Boston: Little, Brown & Co., 1970), assim como de Robert C. Kolodny, "Evaluating Sex Therapy", *Journal of*

Sex Research, novembro de 1981, e Myra MacPherson, "Masters e Johnson at Home", *Washington Post*, 22 de julho de 1973.

CAPÍTULO 21 – CURA SEXUAL

Os detalhes sobre o histórico de Kolodny e o relacionamento com WHM e VEJ têm por base entrevistas com Robert C. Kolodny, Rose Boyarsky, Della Fitzgerald, Roger Crenshaw e VEJ. Os detalhes adicionais sobre o funcionamento da clínica vêm de entrevistas com Wanda Bowen e Mae Biggs. Os detalhes sobre a influência de Semans, de entrevistas com Mary Semans e VEJ. Informações adicionais extraídas de J. H. Semans, "Premature Ejaculation: A New Approach", *Southern Medical Journal* 49, 1956.

CAPÍTULO 22 – PARCEIRAS SUBSTITUTAS

A citação de abertura é de Geoffrey Chaucer, *The Canterbury Tales* (Boston: Houghton Mifflin, 2000). Os detalhes do caso Calvert foram extraídos de entrevistas com Ernst R. Friedrich, Michael Freiman, Alfred Sherman, Robert Hoemche, Dagmar O'Connor, Torrey Foster, Robert C. Kolodny e VEJ. Os detalhes adicionais são de "Sex Suit Secrecy Studied", 5 de dezembro de 1970, *St. Louis Post-Dispatch*; "2 Sex Researchers Sued for \$750,000", *St. Louis Post-Dispatch*, 25 de agosto de 1970; A. J. Vogl, "Are Masters e Johnson Really Infallible?" *Hospital Physician*, novembro 1970; e Myra MacPherson, "Masters e Johnson at Home", *Washington Post*, 22 de julho de 1973.

CAPÍTULO 23 – PLAYBOYS E PATRONOS

As negociações de WHM e VEJ com a *Playboy* e outras tentativas de apoio financeiro têm por base entrevistas com Hugh M. Hefner, Nat Lehrman, J. Robert Meyners, Marshall Shearer, Peggy Shearer, Thomas Lowry, Paul Gebhard, Robert C. Kolodny, VEJ e as memórias de WHM. As contribuições da *Playboy* constam dos registros financeiros da clínica. Os detalhes adicionais estão em Marion K. Sanders, "The Sex Crusaders from Missouri", *Harper's*, maio de 1968; e na "Entrevista à *Playboy*: Masters e Johnson", *Playboy*, novembro de 1979.

CAPÍTULO 24 – REPARANDO O LEITO CONJUGAL

A citação de abertura é de Sigmund Freud, *An Outline of Psycho-Analysis* (Nova York: W. W. Norton & Co., 1949). A matéria de capa sobre WHM e VEJ está em "Repairing the Conjugal Bed", *Time*, 25 de maio de 1970. Os detalhes sobre a terapia foram descritos em "The \$2,500 Understanding", *Newsweek*, 10 de junho

de 1968; WHM e VEJ, *Human Sexual Inadequacy* (Boston: Little, Brown & Co., 1970); na resenha de Alan F. Guttmacher, "Human Sexual Inadequacy for the Non-Layman", *New York Times Book Review*, 12 de julho de 1970. Os comentários de Gallant Gadpaille estão em A. J. Vogl, "Are Masters e Johnson Really Infallible?" *Hospital Physician*, novembro de 1970. Os comentários adicionais são de Mike Freiman e VEJ.

CAPÍTULO 25 – A FRAGRÂNCIA DO AMOR

A citação de abertura é de Charles Darwin, *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1981). O trabalho e o relacionamento pessoal entre Masters e Johnson e Hank Walter estão descritos em entrevistas com Gail Tullman, Joan Bauman, Torrey Foster, Rosalind P. Walter, Wanda Bowen, Marshall Shearer, Robert C. Kolodny e VEJ. As teorias sobre olfato e comportamento sexual foram expressas em WHM e VEJ, *Human Sexual Inadequacy* e mais detalhadas em correspondência privada entre Hank Walter, WHM e Robert C. Kolodny, que permitiu ao autor rever esses papéis. Informações adicionais vêm de Melva Weber, "New Cures for Sex Problems", *Ladies' Home Journal*, julho de 1970, e Lee Smith, "Adventures in the Sex and Hunger Trade", *Fortune*, 9 de agosto de 1982.

CAPÍTULO 26 – TRAIÇÕES

Os detalhes sobre o casamento de Masters e a vida familiar foram fornecidos por Howie Masters, Dodie Josephine Brodhead, John Brodhead, Judith Seifer, Peggy Shepley, Marge Foster Sheldon, Martin Paul, Robert C. Kolodny e VEJ. Os detalhes adicionais, extraídos das memórias de WHM e de Paul Wilkes, "Sex and the Married Couple", *The Atlantic*, dezembro de 1970; Myra MacPherson, "Masters e Johnson at Home", *Washington Post*, 22 de julho de 1973; e Judy J. Newmark, "Conversation with Masters e Johnson", *St. Louis Post-Dispatch*, 16 de setembro de 1984.

CAPÍTULO 27 – O PACTO DE CASAMENTO

O casamento de WHM e VEJ foi descrito em entrevistas com Paul Gebhard, Robert C. Kolodny, Alfred Sherman, Dodie Josephine Brodhead, Peggy Shepley, June Dobbs Butts, Torrey Foster, Michael Freiman, Lynn Strenkofsky, Sally Bartok Taylor e VEJ. As informações adicionais vêm de Steve Friedman, "Everything You Always Wanted to Know About Masters & Johnson", *St. Louis Magazine*, junho de

1988, e Myra MacPherson, "Masters e Johnson at Home", *Washington Post*, 22 de julho de 1973.

CAPÍTULO 28 – MOVIMENTO FEMINISTA

A citação de abertura é de Betty Friedan, *The Feminine Mystique* (Nova York: W. W. Norton, 1963). O relacionamento de Masters e Johnson com sua equipe na clínica foi descrito em entrevistas com Rose Boyarsky, Doris McKee, Howard McKee, Della Fitz-Gerald, Max Fitz-Gerald, Thomas P. Lowery, Sally Bartok Taylor, Walter Metcalfe, Wanda Bowen, Peggy Shearer, Dagmar O'Connor e VEJ. As informações adicionais estão em Jane Gerhard, "Revisiting 'The Myth of the Vaginal Orgasm': The Female Orgasm in American Sexual Thought and Second Wave Feminism", *Feminist Studies* 26, no 2 (Verão de 2000), Women and Health. E também em John D'Emilio e Estelle B. Freedman, *Intimate Matters: A History of Sexuality in America* (Nova York: Harper and Row, 1988); Paul Robinson, *The Modernization of Sex* (Nova York: Harper & Row, 1976); Myra MacPherson, "Masters e Johnson at Home", *Washington Post*, 22 de julho de 1973; Elaine Sciolino, "Sex Talk", *Newsweek*, 17 de março de 1975; Anne Koedt, "The Myth of the Vaginal Orgasm", ensaio de 1970 contido em Jeffrey Escoffier, *Sexual Revolution* (Nova York: Thunder's Mouth Press, 2003); Norman Mailer, *The Prisoner of Sex* (Boston: Little, Brown & Co., 1971); Germaine Greer, *The Female Eunuch* (Nova York: McGraw-Hill, 1970); e Barbara Ehrenreich, Elizabeth Hess e Gloria Jacobs, *Re-Making Love: The Feminization of Sex* (Nova York: Doubleday, 1986).

CAPÍTULO 29 – O NEGÓCIO DO SEXO

O envolvimento de Masters e Johnson com centros de terapia sexual e no campo da sexologia foi discutido em entrevistas com Sallie Schumacher, Rhea Dornbush, Robert C. Kolodny, Torrey Foster, Shirley Zussman, June Dobbs Butts, Peggy Shearer e VEJ. Detalhes adicionais em Tom Buckley, "All They Talk About Is Sex, Sex, Sex", *New York Times Magazine*, 20 de abril de 1969; Albert Rosenfeld, "Inside the Sex Lab", *Science Digest*, novembro-dezembro de 1980; Joanne Koch e Lew Koch, "A Consumer's Guide to Therapy for Couples", *Psychology Today*, março de 1976; "Entrevista à *Playboy*: Masters e Johnson", *Playboy*, novembro de 1979; Ruth Macklin, "Ethics, Sex Research and Sex Therapy", *Hastings Center Report*, abril de 1976; Joan Dames, "A Celebration of the Pioneering Work of Masters e Johnson", *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de novembro de 1984; "Adelbert Schumacher – Obituary", *Union Leader* (Manchester, NH), 8 de setembro de

2004; "Arthur N. Levien – Obituary", *New York Times*, 24 de agosto de 1987; e Helen Singer Kaplan, *The New Sex Therapy: Active Treatment of Sexual Dysfunctions* (Nova York: Brunner-Routledge, 1974).

CAPÍTULO 30 – O VÍNCULO DE PRAZER

A citação de abertura é de Virginia Woolf, *A Room of One's Own* (Nova York: Harcourt, Brace and Jovanovich, 1957). WHM e VEJ como casados foi extraído de entrevistas com June Dobbs Butts, Peggy Shepley, Paul Gebhard, Marshall Shearer, Donna Wilkinson, Robert C. Kolodny, Howie Masters, Max Fitz-Gerald e VEJ; das memórias de WHM; e de WHM e VEJ, *The Pleasure Bond* (Boston: Little, Brown & Co., 1976). Detalhes adicionais, em Shana Alexander, "Coming Out of the Closet", *Newsweek*, 3 de fevereiro de 1975; Harry Henderson, "Exploring the Human Sexual Response", *Sexual Medicine Today*, abril de 1981; "Out of the Lab", *Time*, 3 de fevereiro de 1975; "Sex and Sexuality: The Crucial Difference", de *McCall's*, reimpresso em *Reader's Digest*, novembro de 1966; e Lois Timnick, "Sex Researchers' Book Stresses Commitment", *St. Louis Globe-Democrat*, 17 de janeiro de 1975.

CAPÍTULO 31 – GUIA PARA AS ESTRELAS

O relacionamento de Masters e Johnson com clientes célebres e a hospedagem de sua casa em Ladue foram descritos em entrevistas com Doris McKee, Lynn Strenkofsky, Marshall Shearer, Peggy Shearer, Judith Seifer, William J. Seifer, Cindy Todorovich, Mae Biggs-Lonergan, Mary Erickson, Sally Bartok Taylor, Peggy Shepley, Roger Crenshaw, Rose Boyarsky, Robert C. Kolodny e VEJ. Barbara Eden, por meio de seu porta-voz, Michael Casey, declinou uma entrevista. Informações adicionais em "I'm Marion, Fly Me", *Newsweek*, 26 de janeiro de 1976; John J. Miller, "Geraldo's Jive", *National Review*, 1 de setembro de 1998. Os detalhes sobre o casamento de George Wallace após a tentativa de assassinato foram extraídos de "George Wallace: Settin' the Woods on Fire", produzido por Paul Stekler e Dan McCabe, com roteiro de Steve Fayer, exibido em *The American Experience*, na PBS, 2000.

CAPÍTULO 32 – CONVERSÃO E REVERSÃO

A cena de abertura no *Meet the Press* parte de transcrição da NBC de 22 de abril de 1979. A análise da homossexualidade está em *Homosexuality in Perspective* (Boston: Little, Brown & Co., 1979), WHM e VEJ. Muitos documentos internos do

instituto foram fornecidos por Kolodny, inclusive a carta assinada por um homem de Indiana e o memorando de 8 de agosto de 1978 de Kolodny para WHM a respeito de problemas com o livro HIP. A discussão das teorias sobre conversão/reversão se baseia em entrevistas com Robert C. Kolodny, J. Robert Meyners, June Dobbs Butts, Marshall Shearer, Alex Levay, Lynn Strenkosky, Rose Boyarsky, Thomas P. Lowry, Roger Crenshaw, Mary Erickson, Nancy Mund, Paul Gebhard e VEJ. Detalhes adicionais de Paul Wilkes, "Sex and the Married Couple", *The Atlantic*, dezembro de 1970; "The Personal Perils of Sex Researchers: Vern Bullough and William Masters", *SIECUS Reports*, março de 1984; "Entrevista à *Playboy*: Masters e Johnson", *Playboy*, novembro de 1979; "Homosexuality: Help for Those Who Want It", *Science News*, 28 de abril de 1979, "Target: Masters e Johnson", *Time*, 11 de agosto de 1980; Matt Clark, "Sex and the Homosexual", *Newsweek*, 30 de abril de 1979; Bernie Zilbergeld e Michael Evans, "The Inadequacy of Masters e Johnson", *Psychology Today*, agosto de 1980; a resenha de Lawrence J. Hatterer sobre *Homosexuality in Perspective* está em *Journal of the American Medical Association*, 28 de dezembro de 1979; e Joan Kuda, "Gerdine Hosts Dinner Honoring Sex Therapist", *Webster University Journal*, novembro de 1984.

CAPÍTULO 33 – A PROMESSA DE UM FUTURO

A celebração do aniversário de Masters e Johnson e seu impacto estão descritos em Joan Kuda, "Gerdine Hosts Dinner Honoring Sex Therapist", *Webster University Journal*, novembro de 1984; Judy J. Newmark, "Conversation with Masters e Johnson", *St. Louis Post-Dispatch*, 16 de setembro de 1984; e Steve Friedman, "Everything You Always Wanted to Know About Masters & Johnson", *St. Louis Magazine*, junho de 1988.

Talese é lembrado em Myra MacPherson, "Masters e Johnson at Home", *Washington Post*, 22 de julho de 1973, e em seu livro *Thy Neighbor's Wife* (Nova York: Doubleday, 1980). Detalhes adicionais extraídos de entrevistas com June Dobbs Butts, Donna Wilkinson, Helen Gurley Brown, Marshall Shearer, Robert C. Kolodny, Mark Schwartz e VEJ.

CAPÍTULO 34 – A BELA E A FERA

A citação de abertura é de Vladimir Nabokov, *Lolita* (Nova York: Vintage, 1991). O uso de substitutas durante a década de 1980 foi discutido em entrevistas com Maureen Sullivan Ward, Paul Gebhard, Vena Blanchard, Alex Levay, Mark Schwartz, Max Fitz-Gerald, Ruth Westheimer, Donna Martini, Robert C. Kolodny e

VEJ. Informações adicionais são de Xaviera Hollander, *The Happy Hooker: My Own Story* (Nova York: Dell, 1972); Jenifer Hanrahan, "Time Has Overcome Surrogate Partners: Sexual Healer Is One of the State's Last in Practice", *San Diego Union-Tribune*, 14 de outubro de 2001. Os detalhes da participação de Maureen Sullivan no *Tonight Show with Johnny Carson* foram extraídos de transcrição da NBC de 9 de setembro de 1982. A discussão sobre substitutas e ética e o IPSA estão em Robert T. Francoeur, ed., *Sexuality in America: Understanding Our Sexual Values and Behavior* (Nova York: Continuum Publishing, 1999).

CAPÍTULO 35 – CRISE

A citação de abertura é de Edmund White, *States of Desire: Travels in Gay America* (Nova York: Plume, 1991). A cena de Meese foi relatada em Ronald J. Ostrow, "Meese Panel Asks Porn Crackdown", *Los Angeles Times*, 10 de julho de 1986, e Richard Stengel, "Sex Busters", *Time*, 21 de julho de 1986. Os comentários adicionais sobre Masters e Johnson estão em Guy D. Garcia, "Sexology on the Defensive", *Time*, 13 de junho de 1983; A. J. Vogl, "Are Masters and Johnson Really Infallible?" *Hospital Physician*, novembro de 1970; Bernie Zilbergeld e Michael Evans, "The Inadequacy of Masters e Johnson", *Psychology Today*, agosto de 1980; Robert C. Kolodny, "Evaluating Sex Therapy", *Journal of Sex Research*, novembro de 1981; Michael Fumento, "What the Press Release Left Out", *New Republic*, 4 de abril de 1988; Michael Fumento, "The AIDS Cookbook", *New Republic*, 4 de abril de 1988; David M. Alpern, "It Scares the Hell out of Me", *Newsweek*, 14 de março de 1988; Jean Seligman, "The Storm over Masters e Johnson", *Newsweek*, 1 de março de 1988; John D'Emilio e Estelle B. Freedman, *Intimate Matters: A History of Sexuality in America* (Nova York: Harper and Row, 1988); Lawrence K. Altman, "H.I.V. Study Finds Rate 40% Higher than Estimated", *New York Times*, 3 de agosto de 2008; e WHM, VEJ e Robert C. Kolodny, *CRISIS: Heterosexual Behavior in the Age of AIDS* (Nova York: Grove Press, 1988). Informações adicionais foram extraídas de entrevistas com C. Everett Koop, June Dobbs Butts, Robert C. Kolodny, Howie Masters, Roger Crenshaw, Dagmar O'Connor, J. Robert Meyners, Rose Boyarsky e VEJ.

CAPÍTULO 36 – SEPARAÇÃO

A deterioração da parceria entre Masters e Johnson foi discutida em entrevistas com J. Robert Meyners, Peggy Shepley, Donna Martini, Robert C. Kolodny, Howie Masters, Martin Paul, Lisa Young, Donna Wilkinson e VEJ. Detalhes adicionais,

Robert Kerr, "Sex Therapist Does Battle with Myths", *Commercial Appeal* (Memphis), 25 de fevereiro de 1993; "A Life in the Day of Virginia Johnson", *Seen*, fevereiro de 1993; e Sharon Churcher, "They Told the World All About Sex ...", *The Mail on Sunday* (Londres), 18 de abril de 1993.

CAPÍTULO 37 – AS ROSAS

A discussão dos relacionamentos pessoais de WHM baseia-se em entrevistas com Geraldine "Dody" Baker Masters, Francis Baker, Howie Masters, Peggy Shepley, Max Fitz-Gerald e VEJ. A descrição adicional do relacionamento com Dody foi extraída das memórias não publicadas de WHM; "Love Styles of the Love Advisers – Special Issue – Celebrity Romance 1995", *People*, 13 de fevereiro de 1995; Sharon Churcher, "They Told the World All About Sex ...", *The Mail on Sunday* (Londres), 18 de abril de 1993; Gail Sheehy, "Men Grieve More When Spouse Dies", *Dallas Morning News*, 3 de julho de 1996; e Nadine Brozan, "Chronicle", *New York Times*, 31 de março de 1993.

CAPÍTULO 38 – CASAIS

A cena de abertura do *Larry King Show* se baseia em transcrição da CNN de 29 de março de 1994. A separação de VEJ e WHM foi discutida em entrevistas com Donna Wilkinson, Peggy Shepley, Lee Zingale, Walter Metcalfe e VEJ. Informações adicionais são de Enid Nemy, "Masters e Johnson; Divorced, Yes, But Not Split", *New York Times*, 24 de março de 1994; Nadine Brozan, "Chronicle", *New York Times*, 31 de março de 1993; e Martha Sherrill, "What's Love Got to Do With It? From Masters & Johnson, Another Passionless Look at Sex", *Washington Post*, 29 de março de 1994.

CAPÍTULO 39 – IN MEMORIAM

Os últimos dias de WHM e o impacto posterior foram descritos em entrevistas com Frederick Peterson, Mark Schwartz, Howie Masters, Michael Freiman, Geraldine Baker Masters, Judith Seifer, Alex Levay, Joyce Penner, Cliff Penner, Francis Baker, Michael Perelman, Ernst R. Friedrich, Nat Lehrman, Donna Wilkinson, Robert C. Kolodny e VEJ. Os detalhes adicionais sobre o fechamento do instituto foram extraídos de seus formulários de impostos e do envolvimento de Howie Masters em ajudar o pai. E também serviram como fontes Cynthia Gorney, "Designing Women: Scientists and Capitalists Dream of Finding a Drug That Could Boost Female Sexuality. There's One Little Problem ...", *Washington*

Post, 30 de junho de 2002; "Transition: What Lives They Lived – William Masters", *Newsweek*, 31 de dezembro de 2001; Robert C. Kolodny, "In Memory of William H. Masters", *Journal of Sex Research*, 1 de agosto de 2001; Suzie Hayman, "William Masters", *Manchester Guardian*, 21 de fevereiro de 2001; e Richard Severo, "William H. Masters, a Pioneer in Studying and Demystifying Sex, Dies at 85", *New York Times*, 19 de fevereiro de 2001.

CAPÍTULO 40 – NÃO SE ESQUEÇA DE MIM

A citação de abertura é de Joan Didion, *Slouching Toward Bethlehem* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1968), página 139. A vida de VEJ nos anos recentes foi discutida em entrevistas com Isabel Smith, Carolyn Evans, Judith Seifer, Michael Freiman, Lisa Young, Robert C. Kolodny e VEJ. Informações adicionais foram extraídas de Stephen Farber, "Masters and Johnson TV Film is Set", *New York Times*, 6 de fevereiro de 1985; e Harry Levins, "Sex and the Single Expert: Virginia Johnson of 'Masters And' Will Be Working Solo on Her Next Book", *St. Louis Post-Dispatch*, 18 de maio de 1994.

Artigos assinados, em jornais, periódicos e revistas

- Alexander, Shana. "Coming Out of the Closet." *Newsweek*, 3 de fevereiro de 1975.
- Alpern, David M. "It Scares the Hell Out of Me." *Newsweek*, 14 de março de 1988.
- Altman, Lawrence K. "H.I.V. Study Finds Rate 40% Higher Than Estimated." *New York Times*, 3 de agosto de 2008.
- Brody, Jane E. "30 Years of Pioneering in Sex Therapy." *New York Times*, 29 de outubro de 1984.
- Brozan, Nadine. "Chronicle." *New York Times*, 31 de março de 1993.
- Buckley, Tom. "All They Talk About Is Sex, Sex, Sex." *New York Times Magazine*, 20 de abril de 1969.
- Churcher, Sharon. "They Told the World All About Sex ..." *The Mail on Sunday* (Londres), 18 de abril de 1993.
- Clark, Matt. "Sex and the Homosexual." *Newsweek*, 30 de abril de 1979.
- Corry, John. "Research into Sexual Physiology Disclosed After 11-Year Inquiry." *New York Times*, 18 de abril de 1966.
- Curry, Jerome P. "The Life of a Sex Researcher." *New York Post*, 2 de maio de 1970.
- Dames, Joan. "Masters e Johnson Launch \$5 Million Endowment Campaign." *St. Louis Post-Dispatch*, 7 de outubro de 1984.
- Dickinson, Robert L. "Tampons as Menstrual Guards." *Journal of the American Medical Association*, 16 de junho de 1945.
- Fadem, Susan Sherman. "Masters e Johnson: Institute Celebrates 25 Years of Research." *St. Louis Globe-Democrat*, 3 de agosto de 1984.

- Farber, Leslie H. "I'm Sorry, Dear." *Commentary*, novembro de 1964.
- Farber, Stephen. "Masters e Johnson TV Film is Set." *New York Times*, 6 de fevereiro de 1985.
- Friedman, Steve. "Everything You Always Wanted to Know About Masters & Johnson." *St. Louis Magazine*, junho de 1988.
- Fumento, Michael. "The AIDS Cookbook." *New Republic*, 4 de abril de 1988.
- Garcia, Guy D. "Sexology on the Defensive." *Time*, 13 de junho de 1983.
- Gerhard, Jane. "Revisiting 'The Myth of the Vaginal Orgasm': The Female Orgasm in American Sexual Thought and Second Wave Feminism." *Feminist Studies* 26, no 2 (Verão 2000), Women and Health.
- Gorney, Cynthia. "Designing Women: Scientists and Capitalists Dream of Finding a Drug that Could Boost Female Sexuality. There's One Little Problem ..." *Washington Post*, 30 de junho de 2002.
- Grody, Marvin H., MD, e Donald W. Robinson, MD, e William H. Masters, MD. "The Cervical Cap – An Adjunct in the Treatment of Male Infertility." *Journal of the American Medical Association*, 31 de maio de 1952.
- Guttmacher, Alan F. "Human Sexual Inadequacy for the Non-Layman." *New York Times Book Review*, 12 de julho de 1970.
- Hayman, Suzie. "William Masters." *Manchester Guardian*, 21 de fevereiro de 2001.
- Henderson, Harry. "Exploring the Human Sexual Response." *Sexual Medicine Today*, abril de 1981.
- Kerr, Robert. "Sex Therapist Does Battle with Myths." *Commercial Appeal* (Memphis), 25 de fevereiro de 1993.
- Koch, Joanne, and Lew Koch. "A Consumer's Guide to Therapy for Couples." *Psychology Today*, março de 1976.
- Kolodny, Robert C. "Evaluating Sex Therapy." *Journal of Sex Research*, novembro de 1981.
- _____. "In Memory of William H. Masters." *Journal of Sex Research*, 1 de agosto de 2001.
- Kuda, Joan. "Gerdine Hosts Dinner Honoring Sex Therapist." *Webster University Journal*, novembro de 1984.
- Levins, Harry. "Sex and the Single Expert: Virginia Johnson of 'Masters And' Will Be Working Solo on Her Next Book." *St. Louis Post-Dispatch*, 18 de maio de 1994.
- MacPherson, Myra. "Masters e Johnson at Home." *Washington Post*, 22 de julho de 1973.
- Masters, William H; Johnson, Virginia E. "How Our Sex Research Program Began." *Redbook*, outubro de 1974.

- _____. "Intravaginal Contraceptive Study: Phase I. Anatomy." *Western Journal of Surgery, Obstetrics and Gynecology*, julho-agosto de 1962.
- _____. "A Team Approach to the Rapid Diagnosis and Treatment of Sexual Incompatibility." *Pacific Medicine and Surgery* (antigo *Western Journal of Surgery, Obstetrics and Gynecology*), novembro-dezembro de 1964.
- Nathan, Debbie. "The Battles Over Sex Education in the United States: A New View of Women's Sexual Problems – Book Review." *The Nation*, 18 de novembro de 2002.
- Nemy, Enid. "Masters e Johnson; Divorced, Yes, But Not Split." *New York Times*, 24 de março de 1994.
- Newmark, Judy J. "Conversation with Masters e Johnson." *St. Louis Post-Dispatch*, 16 de setembro de 1984.
- Ostrow, Ronald J. "Meese Panel Asks Porn Crackdown." *Los Angeles Times*, 10 de julho de 1986.
- Rosenfeld, Albert. "Inside the Sex Lab." *Science Digest*, novembro-dezembro de 1980.
- Sanders, Marion K. "The Sex Crusaders from Missouri." *Harper's*, maio de 1968.
- Sciolino, Elaine. "Sex Talk." *Newsweek*, 17 de março de 1975.
- Seligman, Jean. "The Storm over Masters e Johnson." *Newsweek*, 21 de março de 1988.
- Semans, J. H. "Premature Ejaculation: A New Approach." *Southern Medical Journal* 49, abril de 1956.
- Severo, Richard. "William H. Masters, a Pioneer in Studying and Demystifying Sex, Dies at 85." *New York Times*, 19 de fevereiro de 2001.
- Sheehy, Gail. "Men Grieve More When Spouse Dies." *Dallas Morning News*, 3 de julho de 1996.
- Sherrill, Martha. "What's Love Got to Do With It? From Masters & Johnson, Another Passionless Look at Sex." *Washington Post*, 29 de março de 1994.
- Smith, Lee. "Adventures in the Sex and Hunger Trade." *Fortune*, 9 de agosto de 1982.
- Stengel, Richard. "Sex Busters." *Time*, 21 de julho de 1986.
- Timnick, Lois. "Sex Researchers' Book Stresses Commitment." *St. Louis Globe-Democrat*, 17 de janeiro de 1975.
- Ubell, Earl. "Science." *New York Herald Tribune*, 21 de novembro de 1965.
- Vogl, A. J. "Are Masters e Johnson Really Infallible?" *Hospital Physician*, novembro de 1970.
- Weber, Melva. "New Cures for Sex Problems." *Ladies' Home Journal*, julho de 1970.
- Wilkes, Paul. "Sex and the Married Couple." *The Atlantic*, dezembro de 1970.

Zilbergeld, Bernie e Michael Evans. "The Inadequacy of Masters and Johnson."
Psychology Today, agosto de 1980.

Livros

- Chaucer, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. Boston: Houghton Mifflin, 2000.
- Clarke, Adele. *Disciplining Reproduction: Modernity, American Life Sciences and the Problem of Sex*. Berkeley: University of California Press, 1998.
- Corbett, Katharine T. *In Her Place – A Guide to St. Louis Women’s History*. St. Louis: Missouri Historical Society Press, 1999.
- Corner, George W. *Anatomist at Large: An Autobiography and Selected Essays*. Nova York: Basic Books, 1958.

Bibliografia selecionada

- Darby, Robert. *A Surgical Temptation: The Demonization of the Foreskin and the Rise of Circumcision in Britain*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- Darwin, Charles. *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1981.
- D'Emilio, John e Estelle B. Freedman. *Intimate Matters: A History of Sexuality in America*. Nova York: Harper and Row, 1988.
- Ehrenreich, Barbara; Elizabeth Hess e Gloria Jacobs. *Re-Making Love: The Feminization of Sex*. Nova York: Doubleday, 1986.
- Ellis, Havelock. *Studies in the Psychology of Sex – Vol. VI*. Philadelphia: F. A. Davis Company, 1913.
- Escoffier, Jeffrey. *Sexual Revolution*. Nova York: Thunder's Mouth Press, 2003.
- Fessenden, Tracy; Nicholas F. Radel e Magdalena J. Zaborowska, eds. *The Puritan Origins of American Sex: Religion, Sexuality, and National Identity in American Literature*. Nova York: Routledge, 2000.
- Flaubert, Gustave. *Madame Bovary*. Nova York: W. W. Norton, 2005.
- Foster, Lawrence. *Religion and Sexuality: The Shakers, the Mormons, and the Oneida Community*. Nova York: Oxford University Press, 1981.
- Francoeur, Robert T., ed. *Sexuality in America: Understanding Our Sexual Values and Behavior*. Nova York: Continuum Publishing, 1999.
- Freud, Sigmund. *An Outline of Psycho-Analysis*. Nova York: W. W. Norton & Co., 1949.
- Friedan, Betty. *The Feminine Mystique*. Nova York: W. W. Norton, 1963.
- Goodman, Ellen. *At Large*. Nova York: Summit Books, 1981.
- Greer, Germaine. *The Female Eunuch*. Nova York: McGraw-Hill, 1970.
- Hollander, Xaviera. *The Happy Hooker: My Own Story*. Nova York: Dell, 1972.

- Irvine, Janice M. *Disorders of Desire: Sexuality and Gender in Modern American Sexology*. Philadelphia: Temple University Press, 2005.
- Isaacson, Walter, ed. *A Benjamin Franklin Reader*. Nova York: Simon & Schuster, 2003.
- Kaplan, Helen Singer. *The New Sex Therapy: Active Treatment of Sexual Dysfunctions*. Nova York: Brunner-Routledge, 1974.
- Lawrence, D. H. *The Complete Poems of D. H. Lawrence*. Nova York: Penguin Books USA, 1993.
- Levering, Matthew, ed. *On Marriage and Family: Classic and Contemporary Texts*. Rowman & Littlefield, 2005.
- Maienschein, Jane; Marie Glitz e Garland E. Allen, eds. *Centennial History of the Carnegie Institution of Washington, Volume V – The Department of Embryology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- Mailer, Norman. *The Prisoner of Sex*. Boston: Little, Brown and Co., 1971.
- Masters, William H. e Virginia E. Johnson. *Human Sexual Response*. Boston: Little, Brown and Co., 1966.
- _____. *Human Sexual Inadequacy*. Boston: Little, Brown and Co., 1970.
- _____. *The Pleasure Bond*. Boston: Little, Brown and Co., 1976.
- Masters, William H.; Virginia E. Johnson e Robert C. Kolodny. *CRISIS: Heterosexual Behavior in the Age of AIDS*. Nova York: Grove Press, 1988.
- _____, eds. *Ethical Issues in Sex Therapy and Research*. Boston: Little, Brown and Co., 1977.
- Masters, William H.; Virginia E. Johnson e Robert C. Kolodny. *Masters and Johnson on Sex and Human Loving*. Boston: Little, Brown and Co., 1986.
- McLaren, Angus. *Impotence: A Cultural History*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- Meyer, Arthur William. *The Rise of Embryology*. Oxford, RU: Oxford University Press, 1939.
- Roach, Mary. *Bonk: The Curious Coupling of Science and Sex*. Nova York: W. W. Norton, 2008.
- Robinson, Paul. *The Modernization of Sex*. Nova York: Harper & Row, 1976.
- Roosevelt, Theodore. *History as Literature and Other Essays*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1913.
- Talese, Gay. *Thy Neighbor's Wife*. Nova York: Doubleday, 1980.
- Tappert, Theodore G. *Luther: Letters of Spiritual Counsel*. Vancouver, BC: Regent College Publishing, 2003.
- White, Edmund. *States of Desire: Travels in Gay America*. Nova York: Plume, 1991.

Sobre o autor

Thomas Maier é escritor premiado e jornalista investigativo. Sua obra mais recente, *The Kennedys: America's Emerald Kings*, foi escolhida como um dos principais livros de férias do ano pelo *USA Today* em 2003 e relançada em 2008 junto com um documentário de duas horas do produtor Robert Kline, baseado no livro, pela Warner Bros. Home Video. A biografia escrita por Maier, *Dr. Spock: An American Life*, foi selecionada como um dos dez melhores livros de não ficção de 1998 pelo *Boston Globe* e eleito "O Livro Notável do Ano" pelo *New York Times*. Trechos do *Dr. Spock* foram publicados pela *Newsweek*, e ele foi condensado para uma versão do *Reader's Digest*. Maier também foi consultor e comentou um documentário sobre Spock, produção conjunta da BBC e do programa *Biography*, do canal A&E. Seu livro de 1994, *Newhouse: All the Glitter, Power and Glory of America's Richest Media Empire and the Secretive Man Behind It*, foi ganhador do Prêmio Frank Luther Mott como melhor livro do ano sobre mídia, oferecido pela National Honor Society in Journalism and Mass Communication. Como repórter investigativo do *Newsday* desde 1984, Maier recebeu vários prêmios nacionais e regionais, entre eles o prêmio nacional da Sociedade de Jornalistas Profissionais pela melhor reportagem, sobre uma série de desmandos policiais. Em 2002, Maier recebeu o primeiro prêmio do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos por sua reportagem sobre os trabalhadores imigrantes de El Salvador. Na faculdade de

jornalismo da Universidade de Columbia, Maier ganhou o Prêmio John M. Patterson na categoria documentários para televisão. Mais tarde, recebeu uma bolsa John McCloy de jornalismo para a Europa, da faculdade de jornalismo da Universidade de Columbia e do American Council da Alemanha. É graduado em ciência política pela Fordham University e mora em Long Island com a esposa, Joyce McGurrin, e seus três filhos, Andrew, Taylor e Reade.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

Prefácio

FASE UM

Menina de ouro

Interior

A senhora Johnson

Nunca voltar para casa

Uma maravilha a ser contemplada

O especialista em fertilidade

A boa esposa

Liberdade acadêmica

Espiando pelo orifício

FASE DOIS

A matriz

O experimento

Voluntários

Noah

Máscaras

Saindo da escola

Uma questão de confiança

Revelando segredos

A reação humana

FASE TRÊS

A excitação do lançamento

Foco nas sensações

Cura sexual

Parceiras substitutas

Playboys e patronos

Reparando o leito conjugal

A fragrância do amor

[Traições](#)

[O pacto de casamento](#)

[FASE QUATRO](#)

[Movimento feminista](#)

[O negócio do sexo](#)

[O vínculo de prazer](#)

[Guia para as estrelas](#)

[Conversão e reversão](#)

[A promessa de um futuro](#)

[A Bela e a Fera](#)

[Crise](#)

[Separação](#)

[As rosas](#)

[Casais](#)

[In Memoriam](#)

[Não se esqueça de mim](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas](#)

[Artigos assinados, em jornais, periódicos e revistas](#)

[Livros](#)

[Bibliografia selecionada](#)

[Sobre o autor](#)